

JEAN LAUAND

ESTUDOS SOBRE A LINGUAGEM

[SÉRIE COLLECTANEÆ - VOL. 5]

[SELEÇÃO DE ARTIGOS]



EDIÇÕES CEMOROC
(CENTRO DE ESTUDOS MEDIEVAIS
ORIENTE & OCIDENTE - FEUSP)

2024

Copyright © 2024 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue
University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean ..
Estudos sobre a linguagem - Série *Collectanea* vol. 5; S. Paulo: Cemoroc, 2024
ISBN 978-65-01-14139-8 .

1. Linguagem 2. Filosofia 3. Educação I. Título

(capa: JL em carvão do artista João Soares de Souza Sobrinho)

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC

<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Apresentação – Sylvio R. G. Horta	07
“Bater Papo” – origem e evolução de significado da expressão	15
Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia	21
Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do “neutro”	37
Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas	65
A “filosofia” tupi na língua e cultura brasileiras	75
Cultura e língua brasileiras: algumas influências africanas	93
Espanha e Brasil: “ <i>las vigencias</i> ”	125
O sistema língua/pensamento árabe	139
<i>Al-Insan</i> : o homem, um ser que esquece	161
Olé! – O Belo e Deus	167
O “estilo Vaticano” – dois casos	173

A afirmação de realidade do inglês	187
Transformações da linguagem: a gíria “curtir”. As conjunções adversativas – dois estudos	199
Santo Expedito: análise de uma devoção	217
Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)	231
Jaboticália: singularidades do Brasil	247
<i>Al-qalb</i> – o coração que dá voltas	263
Educar para a metáfora e a transparência da linguagem	273
Tolos e Tolices na Análise de Tomás de Aquino	291
Algumas Etimologias de Isidoro de Sevilha	309
“ <i>Vigencia</i> ” e Educação – a ditadura da extroversão	327
Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper	359
Cem provérbios da tradição árabe	397
Artigos na revista “Língua Portuguesa”	415
O marketing da rejeição	417
Palavras Maiores	423
As “boas” maneiras de ofender	431

Você está servido?	441
A linguagem do agir	447
A lição do Lepo-lepo	455
A fé ganha a boca do povo	459
Ditos seculares	469
Camadas geológicas na linguagem	479
Mostrar escondendo	483
A arqueologia é dona da bola	491
“Excelenciou” na grande área	503
Sujeito indeterminado	509
É grande pra caramba	515
No princípio era a Bíblia	521
As dobras da língua	529
A danada da partícula “de”	531
Pontes de sentido	535
A lacuna de nossos insultos	537

Os caminhos que levam às ideias	547
A língua na sala de estar (em coautoria)	553
Ô, meu! Minha Nossa Senhora	557
A metafísica da “liquidação”	561
O português no inglês	569
O laboratório de cada povo	573
A linguagem mística do cotidiano	583
A vida como jogo	595
O que é que realmente eu tenho?	601
O pecado do agito vazio	609
Nonsense universal	615
Pegadinhas no Evangelho	633
Jeito, jeitinho e Cia.	657
O laboratório de tio Patinhas - as mudanças da linguagem em cada geração	661
APÊNDICE	
Nota sobre Tomás de Aquino e a saudade	671

Apresentação – *Collectaneae*: organizando em livros seleções de artigos de Jean Lauand – 5

Sylvio R. G. Horta
Vice-Coord. área de Chinês (Dlo-Fflchusp)
Editor de Internet do Cemoroc

Jean Lauand é Professor Titular Sênior da Feusp, fundador e presidente do Cemoroc. Professor pesquisador da Universitat d'Alacant (Espanha) e da Universidade do Porto (IJ, de 2003 a 2019). É membro da Real Academia de Letras de Barcelona (correspondente). É também professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Algumas de suas especialidades serão enumeradas ao elencarmos os temas desta coleção.

Trata-se de um professor incomparável. Nos seus 29 anos de magistério na FEUSP (até aposentar-se em 2009 e, desde então, continuar como professor Sênior na Pós-Graduação), foi em mais de 20 ocasiões formalmente distinguido pelos seus alunos: como Patrono dos formandos (5 turmas levam seu nome), como Paraninfo (em 8 formaturas) e como Professor Homenageado (10 vezes)!

No *Dedalus*, sistema de bibliotecas da USP, na busca pelo autor Jean Lauand, encontramos mais de 800 publicações (mais da metade são artigos científicos). No currículo Lattes do autor, encontram-se referenciados 540 artigos (433 científicos e 107 em revistas, jornais etc.)

A imensa maioria desses estudos foram publicados nas diversas revistas (algumas hoje desativadas) que o Cemoroc fundou desde 1997 (<http://www.hottopos.com>) e encontram-se disponíveis na Internet: Revista Internacional d’Humanitats, Notandum, Conventit, International Studies on Law & Education, Mirandum, Collatio, Videtur etc.

Pareceu-nos bem aos Diretores do Cemoroc agrupar tematicamente em livros, seleções desses artigos para facilitar aos estudiosos da imensa produção de nosso Presidente a pesquisa sobre sua multifacética obra – os e-books facilitam imensamente a busca por palavras-chave. A coleção em geral mantém a forma original de cada artigo (alguns reedições de originais bem antigos), mesmo com a ocorrência de algumas inevitáveis repetições de uns quantos parágrafos e exemplos.

O plano da série *Collectaneae* – neste caso, uma “Lauandiana” – comporta grandes temas (que naturalmente não são estanques...) desse autor como os seguintes:

Estudos Tomasianos (já publicado)

Estudos Pieperianos (já publicado)

Estudos Árabes (já publicado)

Estudos Keirseyanos (já publicado)

Religião e Sociedade

Estudos sobre a Linguagem

Quem acompanha a obra do Prof. Jean Lauand sabe muito bem da originalidade e pioneirismo do autor em seus artigos e com esses agrupamentos poderá melhor aprofundar em suas contribuições.

Nota sobre este volume 5

Este volume recolhe 57 artigos selecionados de Jean Lauand, 33 dos quais originalmente publicados na revista “Língua Portuguesa”, na qual JL manteve a coluna “Filosofia e Linguagem” de 2005 (desde o No. 1) até 2015, quando da desativação da publicação.

Especialmente nas matérias da “Língua Portuguesa”, o leitor deve estar atento à datação, pois podem trazer comentários sobre fatos episódicos, próprios de uma revista mensal. Sempre, porém, com tiradas profundas. Precisamente por essa profundidade – e originalidade – que Paulo Ferreira da Cunha (juiz da Suprema Corte de Portugal), ao prefaciar os “Dicionários de expressões brasileiras” de JL, escreveu:

Jean Lauand é um intelectual do nosso tempo, *gigante* aos ombros de gigantes (glosando Bernardo de Chartres), que ao mesmo tempo domina o clássico e está a par do mais atual, do mais abstrato como do mais concreto, que tanto cita, com rigor e em Latim, São Tomás de Aquino e tantos outros, medievais, gregos e romanos, como um samba, uma novela, ou um *gibi* de hoje. Que domina na perfeição as subtilezas do futebol (desporto brasileiro por excelência) e o seu léxico mais técnico como as densas equações matemáticas e o *ballet* estratégico do jogo de xadrez. E que em tudo coloca a máxima inteligência que é o ludismo, a

graça e até o humor (que assinala até como existente na Divindade), de forma amigável, afável, sã e elevada.

O livro começa com a análise da evolução da expressão “Bater Papo”, amostra da “outra metade” dos estudos de JL sobre a linguagem: os referidos Dicionários sobre as expressões brasileiras. Essas obras foram incluídas pelo Instituto Houaiss nas “Fontes de Datação e Etimologias” do “Grande Dicionário Houaiss” e valeram a Lauand o reconhecimento como Colaborador desse Dicionário.

Segue-se um clássico lauandiano – “Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia” –, de 1998, no qual se relacionam fórmulas de convivência em diversas línguas – agradecimento, felicitações, escusas etc. – com a filosofia do Aquinate. Como se sabe, sua análise de nosso “obrigado” (e os correspondentes de gratidão em outras línguas) tem sido, nestes últimos anos, plagiada (sem a menor cerimônia) por celebrados acadêmicos e palestrantes, de Portugal e do Brasil (que, provavelmente, nunca leram Tomás de Aquino...).

Destaco também cinco artigos que se seguem nesta coletânea, nos quais Lauand confronta a língua portuguesa com o grego e o latim, o tupi, as línguas africanas e o árabe.

Essa série começa por nos apresentar duas graves ausências no português: o neutro e a voz média. Esses recursos “gramaticais”, presentes por exemplo no grego e no latim são, na verdade, poderosas ferramentas de acesso à realidade, que diferenciam as línguas que os possuem,

permitindo-lhes insuspeitadas incursões filosóficas e teológicas... Com agudo senso de humor, Lauand mostra que o neutro, mesmo ausente de nossa gramática, domina nossa linguagem por meio de improvisados substitutivos tupiniquins. O mesmo se dá com a “voz média”, clássica voz do verbo que não é ativa nem passiva, mas “média”. Neste caso, o autor mostra sua “presença” em canções tão nossas, de Paulinho da Viola, Zeca Pagodinho e Martinho da Vila.

Dois diferenciais do “brasileiro” em relação ao português europeu são contemplados junto com as influências indígenas e africanas que recebemos. Que, por exemplo, com o sufixo *-uera* (Ibirapuera, Anhanguera etc.) podemos pensar o passado se projetando no presente. E como o quimbundo, o brasileiro usa, muitas vezes, o diminutivo como aumentativo!

Já com a língua árabe, o confronto se dá muito profundamente: no próprio sistema língua/pensamento.

Uma das características de Lauand é sua delicada clareza (não por acaso esses capítulos referidos são conferências para colegiais de escolas públicas e privadas). Sempre prevalece em JL o delicioso senso do concreto (para ele, ensinar é *enseñar*: mostrar!), repleto de tiradas surpreendentes (dessas que o leitor fica se perguntando “Como eu não tinha reparado nisso antes?”), piadas, canções, personagens conhecidos, a notícia do dia... o caso concreto! E sempre com bom humor e divertidamente.

Os dois artigos seguintes são também finas revelações sobre a língua árabe: que o ser humano é designado pela palavra *Al-Insan*, “aquele que esquece”, abrindo assim uma erudita análise sobre a memória nas tradições oriental e

ocidental. Considera também a palavra espanhola “Olé!”, importada do árabe, como invocação a Deus (“*wa-llah*”): exclamação ao presenciar algo muito belo! Fato que até muitos falantes nativos espanhóis desconhecem, como se manifestou quando da publicação desse artigo na Espanha...

Segue-se o estudo sobre “O estilo vaticano”, com suas especificidades e sutilezas, capazes de contornar contradições do Catecismo Católico ou “diplomaticamente” aplicar leves punições a graves escândalos.

Reveladoras são as análises da onipresente gíria “curtir” e a evolução dessa metáfora: do negativo ao positivo, um fenômeno não raro na dinâmica da linguagem.

Na intersecção do falar com a sociologia, Lauand discute a devoção brasileira (sobretudo paulista) a Santo Expedito, avassaladora em sua época.

Em “Escrever um artigo científico” encontramos a genial decifração da obscura letra do Hino do Flamengo...

A palavra árabe para coração – *Al-qalb* (literalmente: o girador) – dá ocasião a uma sucessão de concidências com a poética ocidental e a uma fina análise antropológica.

Quanto aos artigos na revista “Língua Portuguesa” (que – além da venda em bancas – o Ministério da Educação entregava para as escolas públicas do Brasil), quero insistir em que – para além do circunstancial de matérias de revista – sempre trazem profundas considerações sobre a linguagem.

Em “Palavras Maiores”, entendemos o porquê da expressão “outros quinhentos”, muito antiga – remonta ao

século XIII e a Felipe II – e era aplicada a muitas para determinadas ofensas.

“Você está servido?” mostra o (desconhecido) verdadeiro significado original da expressão , que desfaz a perplexidade dos que a utilizam hoje, sem ter a menor ideia do que estão falando.

“A linguagem do agir” é uma incursão metafísica que esclarece o sentido do bordão do Prof. Girafales: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância...?”.

“Ditos seculares” nos brinda uma nutrida amostra de expressões e provérbios portugueses apresentados em obra de 1651 e que ainda hoje são usados.

“A arqueologia é dona da bola” traz uma importante contribuição de Lauand: destruir a lenda – até então unanimemente aceita – de que a palavra “torcedor” (corintiano, vascaíno etc.) – teria se originado em um suposto artigo de Coelho Netto sobre o “torcer” das luvas das elegantes e nervosas “torcedoras” do Fluminense, no começo do século XX. JL prova que o uso do termo – nesse sentido de ansiar por algo – era muito mais antigo e anterior ao próprio futebol.

“‘Excelenciou’ na grande área” liga o recente uso da palavra “sobrar” (excelenciar) às tradições ocidental e oriental da virtude.

“A danada da partícula ‘de’” é um profundo e esclarecedor estudo linguístico.

Tive a honra de ser coautor de “A língua na sala de estar”, que desfaz as usuais simplificações sobre o uso desse importante verbo.

“A metafísica da ‘liquidação’” é um fino estudo sobre a atualidade – em diversas línguas – da metafísica dos transcendentais do ente de Santo Tomás de Aquino.

“O laboratório de cada povo” traz – entre outras revelações – a aguda explicação (teológica!) do fato gramatical de que o verbo francês *espérer* é uma “exceção”, que não rege subjuntivo, mas indicativo... Explicação que muitos franceses desconhecem...

Concluo reiterando ao leitor o pedido de que releve o fato de encontrar algumas repetições de ideias (e de alguns parágrafos) em distintas matérias desta obra. Com 57 artigos – e mais de 650 páginas – era inevitável que isso ocorresse. Por outro lado, porém, essas retomadas contextualizam e permitem uma melhor compreensão de cada artigo.

Finalmente, chamo a atenção para uma preciosidade, que se encontra no artigo “A linguagem mística do cotidiano”: Lauand compartilha “Acácias” (p. 593), uma poesia inédita de Adélia Prado, com a qual a poeta presenteou JL em 1993! E destaco também uma curiosidade: as páginas 665-670 (do artigo “O laboratório de tio Patinhas”) são fac-símiles das originais da própria revista “Língua Portuguesa”.

São Paulo, setembro de 2024

“Bater Papo” – origem e evolução de significado da expressão

Resumo: O artigo procura mostrar a evolução – ao longo de dois séculos – da popularíssima expressão brasileira “Bater Papo”.

Palavras Chave: expressões idiomáticas brasileiras. Evolução de significado. “Bater Papo”.

Abstract: This article intends to show the evolution of meaning – throughout two centuries – of the Brazilian idiom: “Bater Papo”.

Keywords: Brazilian popular sayings. etymology. “Bater Papo”.

Nota prévia: Para a elaboração deste artigo, contamos com uma preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira.

Em seu sentido primitivo, “bater papo” não é conversar. A expressão em seu uso antigo, na imprensa do século XIX – e depois ainda por muito tempo – serve para designar que tal situação me afetou, mexe comigo, não me deixa indiferente e me convoca a uma ação ou reação (talvez agressivas). Assim, no “Diário de Pernambuco” de 31-12-1880, lemos:

“metti-me em camisa de onze varas [em sérios apuros] mas nem por isso **me bate o papo**”

E “O Carapuceiro”, periódico pernambucano, em sua edição de 7 de maio de 1832 (parece ser a primeira aparição no acervo da BN), fala do farisaísmo de pessoas falsamente religiosas, como a daquele homem que ostenta devoção mas em sua hipocrisia é capaz de matar ou mandar matar e “nem **lhe bate o papo**”: não se abala e nem se altera minimamente ao praticar esse ato horrendo.

É importante notar o uso pronominal, na época, da expressão: me bate, lhe bate... o papo. Ou na forma do possessivo, como no “Diário da Manhã” de Vitória (2-7-1909):

“(vamos para outro assumpto) que hoje **bate o papo meu**”.

Cem anos depois do “Carapuceiro”, em sua edição de 20-5-1936, o “Correio Paulistano” ainda emprega a expressão no sentido de reação veemente, no caso agressiva e verbal. O povo já não se deixa enganar e ante a tentativa de engodo dos políticos:

“o povo olha pra ela com um arzinho de xuxu amorfo, pisca o esquerdo em fá sostenido e **bate o papo**: ‘Ora vá *&%@’”.

Mesmo em 1945, ainda é empregada nesse sentido. O povo reage e se entrega ao falatório. Finda a guerra, havia

grande movimento no Recife para dar o nome de uma avenida em homenagem ao presidente Roosevelt, mas o prefeito Etelvino Martins, articulado com o governador Agamenon Magalhães, o “China”, fica enrolando, por razões ideológicas. O “Jornal Pequeno” de 15-8-1945, publica os versinhos satíricos (usando já a expressão “engolir sapo”):

“Por que não dar à avenida / O nome do
Presidente?”

Pergunta surpreendida / e intrigada tôda gente
O Prefeito engole o sapo / Mas por que não deu
não diz

E o Zé Povo **bate o papo** / “Foi o China que
não quiz...”

Na primeira metade do século XX, é frequente essa variante de sentido, também diferente do nosso atual descontraído “bate papo”: a de ser convocado à ação específica de falar mal (ou até mais...), discutir, bater boca.

E “A Notícia” de Joinville (8-1-1939) referindo-se a uma pesada discussão entre dois torcedores em estádio de futebol, diz: “**Bate papo** forte”.

Também nesse sentido de reação agressiva, “O Combate”, jornal do Maranhão, em sua edição de 3-7-1948 relata:

“(vimos) num **bate papo** estonteante o sr.
Ministro da Fazenda engalfinhado com o sr.

Ademar de Barros numa luta corporal que tem deixado a opinião pública de boca aberta”.

Ainda no sentido de falar mal dos outros, no carnaval de 1933 em Vitória, o estribilho do “Bloco Bate-Papo” era:

“Bate-Papo!, Bate-Papo!
Meu povo saia da frente!
Nós temos língua de trapo
Falamos de toda gente...”
(Diário da Manhã, 8-2-1933).

Para a formação dos sentidos de falar (maledicente ou de conversa informal) de “bater papo” pode ter contribuído o antigo verbo “papear”. Desde meados do século XX, papear é usado praticamente só como sinônimo do nosso “bater papo”. Mas seu sentido original é: “emitir sons melódiosos (as aves); gorjear, chilrear” (Houaiss, 3.) e, como encontramos no *Diccionario de la Real Academia Española*: “Balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”.

O mesmo DRAE indica que se trata de palavra onomatopaica: o “papapá papapá papapá...” das aves, bebês etc., sem relação com o papo, propriamente dito. É claro que papear se presta a metáforas como “falar muito, tagarelar” (Houaiss, 2.) e “hablar sin sentido” (DRAE).

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, referindo-se à novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta (com um absurdo

machismo, ainda remanescente hoje em dia...!) a sorte dos maridos de mulher:

“que em vez de cuidar no arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc., desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos”.

E a “Gazeta dos Tribunaes”, de 1-8-1845, menciona o saber de certo parlamentar, que não é estéril e “sua eloquência não é o papear dos insensatos”.

A coexistência dos três sentidos (impulsionar a agir, falar mal ou bate boca, e conversa descontraída) dá-se na primeira metade do século XX, com crescente predominância do sentido, tão simpático, que hoje tem a expressão. Em 1946 (29-8), ainda encontramos um dos últimos usos em sentidos vigentes no passado: o “Jornal Pequeno” (“o grande jornal do Nordeste”) publica uma crônica na qual o autor se queixa do transporte para sua casa, ainda no primitivo sentido do século XIX: o bonde não funciona, a lotação é cara etc. e “ônibus não **me bate o papo**” (não me motiva, não me interessa). E no mesmo ano de 1946, na famosa revista “O Cruzeiro” (28-12-1946) Rachel de Queiroz vale-se de adjetivação para comentar com o primo saudosista:

“como é bom um bate papo **inocente** [e não agressivo] na farmácia ou no botequim”.

Mas já antes, encontramos o sentido atual, plenamente vigente. Um exemplo entre inúmeros: “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, de 4-8-1935, informa que a reunião da diretoria

dos escoteiros terminou “com o costumeiro **bate papo** na leiteria do Largo do Machado” (pode haver algo mais inofensivo do que reunião de escoteiros para tomar leite?).

Mas por que, afinal, se diz “**bater** o papo”? A pista decisiva para a resposta está nos versos de Silva Andrade, famoso poeta paraibano, em seu clássico livro “Brasil Caboclo”, recolhidos em 1937 na revista “Fon Fon”:

Quando meus óio ti vê
meu coração dá supapo
começa logo a batê
cumo o sapo bate o papo

E é que a origem da expressão se torna ininteligível se tomamos “bater” no sentido de aplicar pancadas, surrar. Mas, claramente (em seu sentido originário) trata-se de bater, entendido como pulsar, palpitar, como na imortal “Carinhoso” de Pixinguinha: “Meu coração, não sei porque, bate feliz quando te vê”.

Tal como no sapo, os veementes desejos e as atrações se manifestam no bater do papo (expressos de vigoroso modo sonoro por seu saco vocal, o papo): “meu coração começa a batê como o sapo bate o papo”. Depois passou a significar também falar mal, para, finalmente, consolidar-se somente como falar em conversa informal e despreziosa.

Antropologia e formas quotidianas – a filosofia de Tomás de Aquino e nossa linguagem do dia-a-dia

(em italiano em: www.hottopos.com/notand1/antropologia_e_forme_quotidiane.htm)

(inglês em: http://www.hottopos.com/mirand6/anthropology_and_common_everyday.htm)

(alemão em: http://www.hottopos.com/mirand6/anthropologie_und_formen_der_umg.htm)

(francês em: <https://www.thomas-d-aquin.com/documents/files/Formulesusage.pdf>)

“Obrigado”, “Parabéns”, “Perdoe-me”, “Meu caro”, “Felicidades”, “Meus pêsames” e diversas outras formas de linguagem do relacionamento quotidiano - nas diversas línguas - encerram em si profundas informações para o estudo filosófico do homem. Para além do eventual formalismo vazio em que o uso diário tende a arremessá-las, essas expressões - à primeira vista, tão inofensivas - incidem, originariamente, sobre importantes dimensões da realidade humana.

A partir da discussão metodológico-temática sobre a linguagem e a antropologia filosófica (guiados pelo clássico S. Tomás de Aquino), essas fórmulas de convivência mostram-se autênticas mensagens cifradas, por vezes infinitamente surpreendentes e sábias... Como diz Isidoro de Sevilha, sem a etimologia não se conhece a realidade e com

ela mais rapidamente atinamos com a força expressiva das palavras¹.

Na verdade, as palavras têm um potencial expressivo muito maior do que nós - tão familiar e quase automático é o uso que delas fazemos - possamos imaginar. Daí a atenção do filósofo para os modos de dizer, os contextos, as sutilezas da linguagem comum, em sua própria língua ou em outras.

Quando a filosofia se volta para a linguagem comum, não está praticando um procedimento periférico, mas atingindo algo de muito essencial, pertencente ao próprio núcleo da reflexão filosófica.

Tal apropriação, dizíamos, não é fácil nem imediata. Nossa tendência é antes a de embotamento e esquecimento do profundo sentido originário que acabou por se consubstanciar nesta ou naquela formulação. Pois, sempre vige aquela verdade fundamental, ressaltada tanto pela antropologia ocidental quanto pela oriental: o homem é, essencialmente, um ser que esquece!² E, assim, a linguagem, a língua viva do povo, acaba por ser em muitos casos a depositária das grandes experiências esquecidas. E se quisermos resgatar o sentido do humano que elas encerram, devemos voltar-nos, criticamente, para esse depósito... Não é de estranhar, pois, que num clássico como Tomás de Aquino encontremos uma filosofia altamente comprometida com a linguagem. Nesse sentido, é oportuno recordar alguns de seus princípios metodológicos.

¹. “Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit” (*Et. I*, 7,1) e “Nam dum videris unde ortum est nomen, citius vim eis intellegis” (*Et. I*, 29,2).

². Veja-se, a propósito, o capítulo “Educação e Memória” in Lauand, *Medievália*, São Paulo, Hottopos, 1996.

1) Nossas palavras, frequentemente, só alcançam fragmentariamente - Tomás usa o advérbio *divisim* - a realidade, que é complexa, que supera, de muito, a capacidade intelectual humana. Aliás, é de Tomás a aguda observação de que “filósofo algum jamais chegou a esgotar sequer a essência de uma mosca”. Ao contrário de Deus, que expressa tudo num único Verbo, “nós temos de expressar fragmentariamente os conhecimentos em muitas e imperfeitas palavras”³.

2) Outro fenômeno interessante, também ele ligado à limitação de nosso conhecimento/linguagem, é o que poderíamos denominar: *efeito girassol*, assim explicado por Tomás: “Já que os princípios essenciais das coisas são por nós ignorados, frequentemente, para significar o essencial (que não atingimos) nossas definições incidem sobre um aspecto accidental”⁴. Assim, por exemplo, todo o ser da planta que chamamos girassol é designado por um fenômeno-gancho, accidental e periférico, no caso o do heliotropismo.

3) Daí, também, que não escape ao Aquinate o fato de que, frequentemente, é diferente o gancho, o aspecto, o caminho pelo qual cada língua acessa uma determinada realidade: o mesmo objeto que me protege contra a água (*guarda-chuva*) produz uma sombrinha (*umbrella*). Daí, diz Tomás, que

³. “Quia enim nos non possumus omnes nostras conceptiones uno verbo ex-primere, ideo oportet quod plura verba imperfecta formemus, per quae *divisim* exprimamus omnia, quae in scientia nostra sunt (Super Ev. Io. Cp 1, lc1).

⁴. “Et quia essentialia principia sunt nobis ignota, frequenter ponimus in definitionibus aliquid accidentale, ad significandum aliquid essentialia” (In ISent. ds25 q 1, a 1, r 8).

“línguas diferentes expressem a mesma realidade de modo diverso”⁵.

“Muito obrigado” - os três níveis da gratidão

Dizíamos que a limitação do conhecimento humano reflete-se na linguagem: não podemos expressar o que as coisas são, na medida em que não sabemos completamente o que elas são. Além do mais, muitas vezes, uma palavra acentua originariamente só um dentre os muitos aspectos que a realidade designada oferece. E pode ocorrer que, com o passar do tempo, essa realidade mude, evolua substancialmente a ponto de perder a conexão com o étimo da palavra, que permanece a mesma. Isto não nos choca, pois, no uso quotidiano, as palavras vão perdendo transparência: falamos em *salada* de frutas porque envolve mistura e nem notamos que *salada* deriva de *sal*. Do mesmo modo, o barbeiro, hoje em dia, quase já não faz barbas, mas cortes de cabelo; como também o tintureiro já não tingem, mas só lava; o garrafeira compra jornais velhos e muito poucas garrafas; o *chauffeur* não aquece, mas dirige o carro; e nem nos lembraríamos de associar funileiro a funil.

Se essas incompatibilidades não nos causam estranheza é porque a linguagem tornou-se opaca para nós: dizemos colar, colarinho, coleira, torcicolo e tiracolo e não reparamos em que derivam de colo, pescoço (daí que seja incompreensível, à primeira vista, a expressão “sentar no colo”).

⁵. “Diversae linguae habent diversum modum loquendi” (I, 39, 3 ad 2).

Essas considerações são importantes preliminares ao estudo da gratidão e das formulações que ela recebe nas diversas línguas. Tomás ensina que a gratidão é uma realidade humana complexa (e daí também o fato de que sua expressão verbal seja, em cada língua, fragmentária: este ou aquele aspecto-gancho é o acentuado): “A gratidão se compõe de diversos graus. O primeiro consiste em reconhecer (*ut recognoscat*) o benefício recebido; o segundo, em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); o terceiro, em retribuir (*ut retribuatur*) de acordo com suas possibilidades e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar” (II-II, 107, 2, c).

Este ensinamento, aparentemente tão simples, pode ser reencontrado nos diferentes modos de que as diversas línguas se valem para agradecer: cada uma acentuando um aspecto da multifacética realidade da gratidão. Algumas línguas expressam a gratidão, tomando-a no primeiro nível: expressando mais nitidamente o reconhecimento do agraciado. Aliás reconhecimento (como *reconnaissance* em francês) é mesmo um sinônimo de gratidão. Neste sentido, é interessantíssimo verificar a etimologia: na sabedoria da língua inglesa *to thank* (agradecer) e *to think* (pensar) são, em sua origem, e não por acaso, a mesma palavra. Ao definir a etimologia de *thank* o Oxford English Dictionary é claro: “*The primary sense was therefore thought*”⁶. E, do mesmo modo, em alemão, *zu danken* (agradecer) é originariamente *zu denken* (pensar). Tudo isto, afinal, é muito compreensível, pois, como todo mundo sabe, só está verdadeiramente

⁶. Cito pela edição em hipertexto-Cd-ROM: *OED* 2nd. ed. on CD-ROM, 1994.

agradecido quem pensa no favor que recebeu como tal. Só é agradecido quem pensa, pondera, considera a liberalidade do benfeitor. Quando isto não acontece, surge a justíssima queixa: “Que falta de consideração!”⁷. Daí que S. Tomás - fazendo notar que o máximo negativo é a negação do grau ínfimo positivo (a última à direita de quem sobe é a primeira à esquerda de quem desce...) - afirme que a falta de reconhecimento, o ignorar é a suprema ingratidão⁸: “o doente que não se dá conta da doença não quer se curar”⁹.

A expressão árabe de agradecimento *shukran*, *shukran jazylan* situa-se diretamente naquele segundo nível: o de louvor do benfeitor e do benefício recebido. Já a formulação latina de gratidão, *gratias ago*, que se projetou no italiano, no castelhano (*grazie*, *gracias*) e no francês (*merci*, *mercê*)¹⁰ é relativamente complexa. Tomás diz (I-II, 110, 1) que seu núcleo, *graça* comporta três dimensões: 1) obter graça, cair na graça, no favor, no amor de alguém que, portanto, nos faz um benefício; 2) graça indica também dom, algo não devido, gratuitamente dado, sem mérito por parte do beneficiado; 3) a retribuição, “fazer graças”, por parte do beneficiado. No tratado *De Malo* (9,1), acrescenta-se um

⁷. Já Sêneca - citado por S. Tomás, II-II, 106, 3 ad 4 - fala de que não pode haver gratidão, senão pelo que ultrapassa o estritamente devido, “*ultra debitum*”. *Ministerium tuum est* (“Você não fez mais que sua obrigação”) e outras do mesmo teor são, como se vê, fórmulas já bastante antigas.

⁸. “Est gravissimum inter species ingratitudinis, cum scilicet homo beneficium non recognoscit” (*In II Sent.* d.22 q.2 a.2 r.1).

⁹. “Quia dum morbum non cognoscit, medicinam non quaerit”, *ibidem*.

¹⁰. *Merci* é derivado de *merces* (salário), que tomou no latim popular o sentido de preço, do qual derivou o de “favor” e o de “graça”.

quarto significado de *gratias agere*: o de louvor; quem considera que o bem recebido procede de outro, deve louvar.

No amplo quadro que expusemos - o das expressões de gratidão em inglês, alemão, francês, castelhano, italiano, latim e árabe - ressalta o caráter profundíssimo de nossa forma: “obrigado”¹¹. A formulação portuguesa, tão encantadora e singular, é a única a situar-se, claramente, naquele mais profundo nível de gratidão de que fala Tomás, o terceiro (que, naturalmente, engloba os dois anteriores): o do vínculo (*ob-ligatus*), da obrigação, do dever de retribuir. Podemos, agora, analisar a riqueza de sugestões que se encerra também na forma japonesa de agradecimento¹². *Arigatô* remete aos seguintes significados primitivos: “a existência é difícil”, “é difícil viver”, “raridade”, “excelência (excelência da raridade)”. Os dois últimos sentidos acima são compreensíveis: num mundo em que a tendência geral é a de cada um pensar em si, e, quando muito, regular-se as relações humanas pela estrita e fria justiça, a excelência e a raridade salientam-se como característica do favor. Mas, “dificuldade de existir” e “dificuldade de viver”, à primeira vista, nada teriam que ver com o agradecimento. No entanto, S. Tomás ensina (II-II, 106, 6) que a gratidão deve - ao menos na intenção - superar o favor recebido. E que há dívidas por natureza insaldáveis: de um homem em relação a outro, seu benfeitor, e sobretudo em relação a Deus: “Como poderei retribuir ao Senhor - diz o Sl. 115 - por tudo o que Ele me tem dado?”. Nessas situações de dívida impagável -

¹¹. Infelizmente, nestes últimos anos, no Brasil, “obrigado” vem sendo substituído pelo insosso “valeu!”.

¹². Devo à Profa. Chie Hirose as observações sobre a expressão *Arigatô* na língua japonesa.

tão frequentes para a sensibilidade de quem é justo - o homem agradecido sente-se embaraçado e faz tudo o que está a seu alcance (*quidquid potest*), tendendo a transbordar-se num *excessum* que se sabe sempre insuficiente¹³ (cfr. III, 85, 3 ad 2). *Arigatô* aponta assim para o terceiro grau de gratidão, significando a consciência de quão difícil se torna a existência (a partir do momento em que se recebeu tal favor, imerecido e, portanto, se ficou no dever de retribuir, sempre impossível de cumprir...).

Sinônimos?

Tomás é muito estrito no uso da palavra “sinônimo”: para ele, são sinônimas somente palavras de significados absolutamente equivalentes, isto é, que não só indicam a mesma realidade (*res*), mas também o mesmo aspecto, a mesma *ratio*. Diz, por exemplo: “Embora essas palavras signifiquem a mesma realidade, *não são sinônimas* porque não a enfocam sob o mesmo aspecto”¹⁴.

Assim, para Tomás, duas (ou mais) palavras são sinônimas se (e somente se...) em quaisquer contextos puderem ser comutadas sem real alteração de sentido: o exemplo que dá, no *Comentário às Sentenças*, é *tunica*, *vestis* e *indumentum*. O que quer que se afirme (ou negue) de

¹³. Dessa insuficiência de quem sabe não dispor de moeda forte, nasce o recurso a Deus, consignado na expressão “Deus lhe pague”, que, naturalmente, deixa subentendido que um pobre homem, como eu, não pode fazê-lo...

¹⁴. “Quamvis nomina dicta eandem rem significant, non tamen sunt synonyma: quia non significant rationem eandem” (CG I, 35, 1).

tunica, será afirmado (ou negado...) também de *vestis*¹⁵. É como trocar “meia-dúzia” por “seis”... Nós, hoje, com menos precisão, admitimos como sinônimas justamente palavras que - embora com diferentes títulos ou ênfases - apontam para a mesma realidade. Assim, de “sinônimo”, diz o *Aurélio*: “palavra que tem *quase* (sic) a mesma significação que outra”. Já o *Larousse*, explicita melhor: “*mots qui se présentent dans la langue avec des sens très proches et qui se différencient entre eux par une nuance (trait particulier)*”. Já o *Oxford* distingue e registra dois sentidos, o estrito e o lato: “*Synonym - 1. Strictly, a word having the same sense as another (in the same language); but more usually (grifo nosso), either or any of two or more words (in the same language) having the same general sense, but possessing each of them meanings which are not shared by the other or others, or having different shades of meaning (grifo nosso) or implications appropriate to different contexts: e.g. serpent, snake; ship, vessel etc.*”.

Para Tomás, pelo contrário, como dizíamos, duas palavras podem referir-se à mesma e única realidade e, no entanto, não serem sinônimas: porque diferentes são suas *rationes*. É o caso, por exemplo, dos diversos nomes pelos quais designamos a Deus ou seus atributos (Criador, Onipotente, a Bondade, a Justiça etc.): todos incidem sobre a

¹⁵. “Sicut patet etiam in synonymis; tunica enim et vestis eadem rem significant, tamen nomina sunt diversa; et similiter indumentum. Unde affirmationes et negationes quae pertinent ad rem, non possunt verificari, ut dicatur: tunica est alba, indumentum non est album” (*In I Sent.* d. 34, q.1, a.1, r.2)

mesma realidade, mas não são sinônimos¹⁶. Seja como for, do ponto de vista metodológico, são de especial interesse para o filósofo, dois pontos: 1) a busca de contextos da linguagem comum em que uma palavra não pode - sem alteração de sentido - ser substituída por nenhum “sinônimo”: este é um fecundo procedimento para atinar com a realidade antropológica significada pelo vocábulo e 2) O segundo ponto a destacar é o fato de que cada “sinônimo” tem sua *ratio*, aponta para um determinado aspecto diferente da mesma e única realidade: tal como quando falamos em “casa”, “lar”, “domicílio” ou “residência”. Em si, a realidade a que se referem estas palavras é a mesma e única edificação - na Rua Tal, número tal -, mas ninguém diz “domicílio, doce domicílio”, nem a Prefeitura cobra impostos sobre meu *lar*, etc.¹⁷. Essa multiplicidade de formas de linguagem para a mesma *res* tem importância na análise que Tomás faz do amor.

“Meu caro”

A riqueza (e a precisão) de vocabulário vivo para determinado assunto em uma língua denota o interesse vital dos falantes por aquele tema. Nesse sentido, note-se, por

¹⁶.”Ostenditur etiam ex dictis quod, quamvis nomina de Deo dicta eandem rem significant, non tamen sunt synonyma: quia non significant rationem eandem” *CG* I, 35, 1. Ou “Cum non secundum eandem rationem attribuantur, constat ea non esse synonyma, quamvis rem omnino unam significant: non enim est eadem nominis significatio, cum nomen per prius conceptionem intellectus quam rem intellectam significet” *CG* I, 35, 2.

¹⁷. Ainda que, naturalmente, há casos em que é legítima a substituição de uma dessas palavras por outra, ou indiferente o uso desta ou daquela: afinal são “sinônimas”!

exemplo, o incrível detalhamento a que chegou o léxico futebolístico no Brasil, em que a resolução da linguagem chega a distinguir: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta e voleio! Do mesmo modo, S. Tomás apresenta distinções entre diversos “sinônimos” de amor em latim, interessantes do ponto de vista da antropologia filosófica. Assim, ao afirmar (em *I Sent.* d.10, q.1, a. 5, ex) que o Espírito Santo é *amor* ou *caritas* ou *dilectio* do Pai e do Filho, precisa que *amor* indica a simples inclinação de afeto para o amado, enquanto *dilectio* (“como a própria etimologia indica”) pressupõe escolha e é, portanto, racional. Já *caritas*, objeto de particular estudo neste tópico, enfatiza a veemência do amor (*dilectio*) enquanto se tem o amado por inestimável preço (“*inquantum dilectum sub inaestimabili pretio habetur*”), no mesmo sentido em que dizemos que as coisas (o custo de vida, as compras) estão caras (“*secundum quod res multi pretii carae dicuntur*”).

Há aqui um fato surpreendente e muito sugestivo. Não é por acaso que, também em outras línguas, se use a mesma e única palavra para dizer: “meu caro amigo” e “o feijão está caro” (“my dear friend”, “beans are too dear”; “mon cher ami” e “haricots sont trop cher”). Para o realismo medieval, não há nenhum choque em que a palavra “caridade”, escolhida para designar o amor de Deus (e o amor ao próximo por Deus) seja a palavra, pré-cristã, ligada a dinheiro, preço: caridade, o amor pelo amado, insiste Tomás, indica aquilo (uma coisa, um objeto) que consideramos de inestimável preço, como caríssimo: “*Caritas dicitur, eo quod sub inaestimabili pretio, quasi carissimam rem, ponat amatum caritas*” (In *III Sent.* d.27, q.2, a.1, ag7). Assim,

quando dizemos “meu caro amigo” ou “caríssimo Fulano”, estamos valendo-nos de metáforas de preço (daí, também, a-preço, prezado, menos-prezo, des-prezo etc.), de estima, de estimativa.

Nesta mesmíssima linha, situa-se a fórmula de cortesia árabe, ante um amigo que diz que vai pedir algo: “*Anta gally wa talibuka rakhiz*” (“você é caro e seu pedido é barato”). E quando nos lembramos que Cristo compara o Reino dos Céus a um tesouro que um homem encontra num campo ou a um mercador que procura pedras preciosas e que a obtenção desse bem requer a venda de todo o resto, não nos surpreenderá que “caridade” seja a palavra para designar o bem apreciado.

Voltemo-nos agora para uma outra situação de nossa vida quotidiana, a de felicitação, procurando resgatar o sentido originário dos votos de congratulação. Seguindo o procedimento medieval, estaremos atentos à etimologia.

“Parabéns”

Quando transcendemos o âmbito protocolar das formalidades e da praxe, os votos de felicitação: “Parabéns!” (e seus irmãos: o espanhol *Enhorabuena!*, o inglês *Congratulations!*, o italiano *Auguri!*), vemos que eles trazem em si diferentes e complementares indicações sobre o mistério do ser e o do coração humano. O que significam exatamente essas formulações? O que realmente queremos dizer, quando dizemos “*parabéns*” ou “*congratulations*” etc.?

Todas essas expressões trazem em si um profundo significado, por assim dizer, “invisível a olho nu”.

Começamos pela fórmula castelhana: *Enhorabuena!*, literalmente “em boa hora”. *Enhorabuena* indica que um determinado caminho (os anos de estudo que desembocaram numa formatura, o árduo trabalho de montar uma empresa que se inaugura etc.) chega, nesta hora, em que se dão as felicitações, a seu termo: esta é que é a hora boa, *enhorabuena!* Precisamente o fato de ser a hora da conclusão é que a torna uma boa hora. A sabedoria dos antigos fala da “hora de cada um”, de horas boas e más. Mas a hora boa, a hora melhor é a da conclusão, a da consumação, a do bom termo do caminho, a hora do fim, que é melhor do que a do começo: “*Melior est finis quam principium*” (Ecl. 7,8), diz a própria Sabedoria divina.

Já a formulação inglesa, também presente no alemão e em outras línguas, *congratulations*, expressa a alegria compartilhada pelo bem do outro, com quem nos congratulamos, isto é, nos co-alegramos. Essa comunhão na alegria é sugerida também pela forma depoente dos verbos latinos *gratulor* e *congratulor*. A forma depoente está a indicar que a ação descrita no verbo não é ativa nem passiva: mas uma ação que, exercida pelo sujeito, repercute nele mesmo. Ou seja, no caso, que a alegria que externamos ao felicitar tal pessoa é também, a título próprio, muito nossa.

O árabe *mabruk* lembra o caráter de bênção daquele dom pelo qual felicitamos alguém.

Com a encantadora forma nossa, “Parabéns!”, estamos expressando precisamente isto: que o bem

conquistado, que a meta atingida seja usada “para bens”. Pois, qualquer bem obtido (o dom da vida, dinheiro ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal.

O italiano, *auguri, auguri tanti!*, anuncia (ou enseja) que este bem celebrado é só prenúncio, prefiguração, augúrio de outros ainda maiores que estão por vir.

“Meus pêsames”

“Carregava uma tristeza...”, diz o antigo samba de Paulinho da Viola: a tristeza é - evidentemente - um peso, os famosos pesares...! E para carregar o peso da dor, da tristeza, nada melhor - ensina Santo Tomás - do que a ajuda dos amigos: “porque a tristeza é como um fardo pesado que se torna mais leve para carregar, quando compartilhado por muitos: daí que a presença dos amigos seja tão apreciada nos momentos de dor”¹⁸.

Compreende-se, assim, imediatamente, que a expressão de condolências (“doer-se com”) seja pêsames, literalmente: pesa-me (“eu te ajudo a carregar o peso desta tua tristeza”).

¹⁸. “Quod tristitia est sicut onus grave quod quanto plures transsumunt fit levius ad portandum et sic presentia amici delectabilis” (*Tabula libri Ethicorum*, cpt).

“Perdoe-me”

“*Perdonare*” é uma forma tardia que não se encontra em Tomás. A palavra correspondente e usual, por ele empregada, é *parcere*. No entanto, encontramos em S. Tomás as razões filosóficas que justificam a grandiosa etimologia das formas modernas: “perdoar”, “perdão”, “perdonar”, “pardon”, “pardonner” etc.

O prefixo *per* acumula os sentidos de “por” (“através de”) e de plenitude, grau máximo: como em *perlavar* (lavar completamente) *perfulgente* (brilhantíssimo), *per-feito*, *per-manganato* etc. E, assim, o perdão aparece como o superlativo da doação. O mesmo se dá com as formas inglesa e alemã: *for-give*, *vor-geben*.

Como o Aquinate pensa o tema do perdão e como o relaciona com o máximo da doação? Há aí influências bíblicas e litúrgicas. Na liturgia, Tomás impressiona-se com a oração, por ele frequentemente citada¹⁹, da missa do X domingo depois de Pentecostes (e, ainda hoje, preservada no XXVI domingo do tempo comum), que diz: “Deus qui omnipotentiam tuam parcendo maxime manifestas” (“Deus, que manifestais vossa onipotência, principalmente perdoando...”). E afirma que o perdão de Deus é poder superior ao de criar os céus e a terra (II-II, 113, 9, sc).

Por outro lado, ele lê na tradução latina da epístola aos efésios: “sede benignos e ‘doai-vos’ uns aos outros, tal como Deus, em Cristo, vos ‘doou’” (Ef 4,32)²⁰. E em II Cor

¹⁹. Por exemplo em II-II, 113 9, sc e *In IV Sent.* d.46, q.2, a.1, cag1.

²⁰. “*Estote autem invicem benigni misericordes donantes invicem sicut et Deus in Christo donavit nobis*”.

2:10 “A quem vós ‘doeis’ eu também ‘dôo’ e o que eu ‘doei’ etc.”²¹. Tomás não tem dúvidas: o doar, por excelência, não é doar dinheiro ou tempo ou qualquer outra coisa, mas sim perdoar²².

E conclui, com sua habitual sobriedade, com sugestivos *id est*: “*Donate, id est parcite*” (*Super II ad Cor.* cp 12, lc 4) e “*Donantes, id est parcentes*” (*Super ad coloss.* cp 3 lc 3).

²¹. “*Cui autem aliquid donatis et ego nam et ego quod donavi si quid donavi propter vos in persona Christi*”.

²². “Doar aqui é usado no sentido de perdoar” *Super II ad Cor.* cp 12, lc 4.

Educação e hábitos de linguagem: usos e abusos do “neutro”

(notas de conferência no Colégio Luterano São Paulo – 8-10-2019)

Resumo: O artigo – notas de conferência para pais, professores e comunidade (daí, por vezes, o tom informal – no Colégio Luterano São Paulo) examina o neutro como base para o pensamento e a linguagem. E como esse poderoso recurso de linguagem/pensamento ocupa um lugar importante na Educação.

Palavras-Chave: Gênero neutro. Filosofia. Linguagem. Educação.

Abstract: The article examines in general terms the neuter gender as a basis for thinking and how the neuter gender, one of the most powerful tools of language/thinking system, plays an important role in Education.

Key-words: Neuter gender. Philosophy. Language. Education.

Introdução: o subentendido da linguagem

A comunicação só é possível porque cada fala foca em um ponto e deixa uma imensa área subentendida: a massa *in-forme* da qual emerge uma *in-formação*, aquilo que se quer transmitir... E o resto não interessa, fica no limbo do indeterminado, do óbvio, que por ser evidente não precisa, não deve ser dito. Um exemplo jocoso: lembro-me, quando aluno do recém fundado Instituto de Matemática e Estatística da USP, um gaiato ia “complementando”, com explicitações lógico-formais, os cartazes afixados pelos funcionários. Assim, ao cartaz do banheiro que dizia: “Favor apagar a luz ao sair”, ele ajuntou com caneta hidrográfica: “se e somente

se a luz estiver acesa”; “Favor dar a descarga”, “...se e somente se o vaso estiver sujo”. Etc.

Todos nós já ouvimos relatos advertindo que precisamente o nível de subentendido da linguagem é motivo de dificuldades de comunicação dos brasileiros em Portugal. Uma vez no Porto eu tinha que ir a um endereço e perguntei “brasileiramente” ao porteiro do hotel pela referência (famosíssima) que me tinham dado:

– Por favor, o senhor conhece a igreja da Cedofeita?

– [silêncio seguido da resposta:] Sim..., claro que conheço (??).

– [caiu-me a ficha] E poderia me informar como faço para chegar lá?

– Ah, sim, vire a segunda à esquerda...

Sabe-se lá o que quererá esse hóspede ao perguntar se eu **conheço** a Cedofeita (quer a indicação de um guia turístico?, saber de meus hábitos religiosos?!?...))

E o mesmo num restaurante, querendo repetir a cerveja:

– Por favor, o senhor poderia me trazer outra cerveja?

– Sim, e qual há de ser?

Claro que a culpa foi minha ao empregar a equívoca palavra “outra” (diferente?) em vez de dizer: “mais uma destas”...

Eugenio, o saudoso humorista catalão, imortalizou-se ao explorar genialmente, em suas piadas, precisamente o impacto do subentendido:

- Dizem ao solteirão: – Por que você não se casa?
– Para que casar? Eu tenho duas irmãs que cuidam de mim com todo o carinho, cozinham maravilhosamente, lavam, passam...
– Sim, mas suas irmãs não lhe podem dar o que uma mulher pode dar?
– E quem falou que são **minhas** irmãs?
- Você viu a estatística: a cada duas horas, um motoqueiro é atropelado na cidade?
– Nossa! Imagina como deve estar esse coitado...!
(o interlocutor não entende que, no caso, o “um” é neutro...)

A distinção entre o **um** determinado, masculino (*unus*) e o **um** neutro (*unum*), é essencial para a clássica Teologia da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo têm o mesmo único poder, eternidade etc. (*unum*), mas não são a mesma única pessoa (*unus*).

Pensamento que distingue e pensamento confundente

Saber a medida certa da determinação de cada fala é uma arte: a arte do bem comunicar e até de gentileza com o interlocutor. O mesmo fato requer níveis de detalhamento distintos, apropriados a cada caso e seu contexto. Um é o

nível de concretização da comunicação da esposa amorosa que liga para o marido que está chegando do trabalho e diz que ela acaba de pedir a pizza favorita dele: linguíça calabresa com fatias finas de cebola, azeitonas pretas e borda de catupiry; outro, muito mais restrito, o que ela deve dizer ao porteiro no interfone: “Samuel, daqui a pouco vai vir um motoboy com uma entrega, pode deixar subir” (seria puro *nonsense* detalhar...).

Do mesmo modo, temos que ensinar as crianças a não serem ingênuas ao, por exemplo, entregar detalhes ao atender um telefone e já ir dizendo (sem nem saber quem é que ligou): “A mamãe saiu, foi na academia, depois ela vai levar a vovó no médico, vai fazer a unha e meu pai está viajando, só volta depois de amanhã...”

O nível de detalhamento (ou melhor, de não detalhamento...) é o que estabelece o que tecnicamente se chama pensamento confundente e seu parente próximo, o neutro.

A linguagem se instala em algum nível de concretização (ou abstração): se eu digo “cachorro”, estou desconsiderando, abstraindo, características determinantes como: raça, cor, porte, temperamento etc. e considerando somente aquilo que todos os cachorros têm em comum. Claro que eu reduzo a determinação quando, em vez de cachorro, digo “Labrador retriever”, amarelo etc., até chegar ao individual “o Abóbora”, este cachorro concreto. Certamente, poderíamos aumentar o grau de indeterminação se em vez de “cachorro”, disséssemos “mamífero” ou “animal” etc.

Tão importante quanto o pensamento (/linguagem) que distingue é, como ensinam Ortega e Marías, o “pensamento confundente”. Sobre a importância deste, Julián

Marías, escrevendo em espanhol, gosta de exemplificar com a palavra “bicho”: os entomólogos distinguem centenas de milhares de insetos, mas se eu vejo um pousado em seu ombro, devo dizer somente que tem um **bicho** na sua camisa e seria totalmente descabido dizer que está um *Seilaqueófilo Fulanychus Qualqueribus* pousado em você... O confundente “bicho” é, neste caso, o mais adequado: “Xô, bicho, sai!”.

Por outro lado, há muitas situações nas quais o confundente (sempre confortável para quem fala) pode ser desconsideração para com o interlocutor, a quem foi sonogada valiosa informação precisa. O pai dá um *pause* no desenho da TV porque a criança avisa: “Tenho que ir ao banheiro!”. Essa formulação confundente é incômoda para quem espera: não custava nada especificar: “é o número 1” (já se sabe que serão dois minutos) ou “número 2” (que informa que a espera será por uma faixa de tempo mais longa e incerta...).

O pensamento confundente não ocorre só no interior de uma língua, mas comparativamente entre línguas diversas. Trata-se do fato de que algumas línguas concebem, conjuntamente, em uma única palavra, o que outros idiomas distinguem em várias outras. É um conceito relativo e – vale deixar claro – desprovido de juízo de valor “a priori”. Em termos abstratos, não é melhor ser confundente ou “distinguente”. Não há nenhuma carga pejorativa na denominação confundente.

Em geral, há uma tendência ao pensamento confundente nas línguas orientais, mas, no particular, ocorre a confusão/distinção, em todas as línguas da Babel em que vivemos. Por exemplo, ao legendar em português um filme em inglês, alguém tem que decidir se traduzirá *you* por *ocê*

ou por *senhor*, uma vez que a língua inglesa usa o mesmo *you* tanto em uma conversa entre amiguinhos da creche, quanto para se dirigir a um venerável ancião.

O mesmo ocorreria na situação inversa: como legendar, em inglês, o termo confundente “*grande*”, do português? Ao dizer “*grande Uruguai!*”, provavelmente nenhum brasileiro está pensando no sentido físico de *big*, mas no de *great*, de grandiosas conquistas, que o falante aprova: “Grande Uruguai: desclassificou a Argentina!” ou “Grande Uruguai: legalizou a maconha!” etc.

Outro ponto interessante é notar que é o pensar confundente que está na base de inúmeras piadinhas brasileiras ordinárias de duplo sentido (explorando, por exemplo, o caráter confundente do verbo “dar”) e de tantas peças publicitárias (como, por exemplo, no antigo slogan: “Globo e você – tudo a ver”).

Na língua alemã: o confundente do amor

Na metodologia filosófica que se volta para a linguagem, as distinções são importantes, como o requinte da diferença entre *espoir* e *espérance* no francês. Refinamento que outras línguas não têm. Mas também o confundente é importante. O grande filósofo alemão Josef Pieper indica também o papel positivo da “confusão” na linguagem, que nos leva à “confusão” no pensamento e corresponde ao fato de que a própria realidade é, em muitos casos, “confundente” – sem sentido pejorativo (pelo contrário), mas no de “pensar conjuntamente”).

Quem quer que se pergunte, filosoficamente, “O que, em si e afinal, é o amor?” deve atentar não só para as muitas distinções (de formas de amor) de que as línguas grega, latina e neolatinas apresentam, mas para as possibilidades confundentes do alemão que não dispõe senão de um só (e confundente) substantivo: *Liebe*.

Assim, usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho, como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando por dificuldades; ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher; ou a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*. (...) Esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de não perder de vista aquilo que há de comum, de confundente entre todas as formas de amor²³.

A partir dessa “confusão”, pôde Pieper chegar à caracterização fundamental do amor, comum a todas as formas expressas por diversos vocábulos em outras línguas. Trata-se do nível mais básico, o amor como **aprovação** de algo/alguém, ou, na genial formulação de Pieper, amar é dizer: “Que bom que você exista! Que maravilha que estejas no mundo!”

²³. PIEPER, Josef **Glauben, Hoffen, Lieben**. Freiburg: IBK, 1981, p.24.

Nosso confundente “dever”

Como regra geral, o português também tem muitas palavras confundentes. Especialmente o do Brasil, com nossa arraigada tendência ao genérico (não só nos remédios), à indeterminação, ao neutro, ao não comprometimento. Certa vez, dirigindo-me a um colega, vizinho de nosso prédio próximo ao Campus da Universidade, a quem frequentemente eu dava carona, perguntei: “- E aí, você vai à USP amanhã?”. Sua resposta foi simplesmente: “- Devo ir”. Assim, sem mais, o leitor e mesmo o interlocutor não têm a menor possibilidade de saber o que significa esse *devo*. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês? *Should, have to, supposed to, must, ought?*

Pois esse *devo* pode ser interpretado desde a absoluta e imperativa decisão de ir (“- devo ir, se não a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“- eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, mas aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

O brasileiro, que não sabe dizer não, vale-se frequentemente do *dever* também neste sentido. Se alguém convida você para ir à formatura da sobrinha dele no ensino fundamental, a resposta “devo ir” é, evidentemente, uma forma educada que equivale de fato a um sonoro não.

Claro que se trata de um passo a mais na atitude neutra, tão frequente entre nós, que se instala em uma cômoda (para o falante, mas muito inconveniente para o interlocutor) indeterminação confundente, dispensando-se do grave peso de decidir... E não deixa de ser inquietante que tenhamos toda essa gama de significados em torno de um verbo tão fundamental como o *dever*.

Outro exemplo: nosso confundente verbo poder

A mesma confusão acontece com o verbo *poder*. O Aurélio lhe atribui 15 possíveis significados; o Houaiss, 12.

Sobre as distinções do inglês, imperceptíveis para o imigrante polonês (e também para o português), há uma cena deliciosa no filme *Avalon*, escrito e dirigido por Barry Levinson.

O menino Michael (Elijah Wood), com seus 8 anos, está desatento na aula de Gramática na qual a professora está explicando a diferença entre *can* e *may*. O garoto levanta a mão e pergunta (erradamente) se pode (*can*) ir ao banheiro: “– *You can but you may not!*”, traduzido estranhamente por “– você pode mas não poderia”(?!). Sem entender, ele pensa que o problema estaria na polidez no modo de perguntar e acrescenta, “por favor”...

A professora o põe de castigo no corredor e, em dado momento, o diretor da escola passa pelo menino, toma conhecimento do caso e telefona para a família. Na ausência do pai, o avô Sam Krichinsky (Armin Mueller-Stahl) vai conversar com o diretor. Sam é um imigrante judeu-polonês e é incapaz de entender a distinção da língua inglesa, que tem (entre outros) um “pode - *can*” e outro “pode - *may*” e, no diálogo com o diretor, insiste em pensar que o problema era de polidez do pedido do neto. E desabafa (reclamando da confusão – *it is confusing* – o que, na realidade, é uma distinção do inglês): “– É confusão para o garoto, vocês dizem ‘you can’ e depois dizem ‘you can, but you can not’”. Até que o diretor desiste e diz: “– *I don’t think you appreciate the subtleties of the English language, Mr. Krichinsky*”.



O avô, voltando com o neto para casa, toma o seu partido, dizendo com seu forte sotaque: “– É..., o inglês é muito difícil, eu nunca tinha reparado como é tão difícil. Antigamente, se você tinha que mijar, mijava numa árvore, e não havia nada de ‘can’ ou ‘may’. É, é o progresso”.

E é que *poder*, na locução *posso fazer*, em português, concentra-se em uma única forma. Contudo, em inglês –

como nota o filósofo Vilém Flusser –, é diversificado em *I may do, I can do, I am able to do, I am allowed to do*. Por exemplo: “– Você pode fazer uma cesta de três pontos, para eu ver?” “– Não posso...”, resposta que pode significar “– Não posso, pois agora estou ocupado...”, ou “– Não posso, você não vê que sou portador de deficiência e incapaz sequer de segurar a bola?”, ou “– Não posso, estou destreinado”, ou ainda “– Não posso, o técnico nos proibiu de arriscar esse tipo de lance”.

Nesse quadro, Flusser – em aguda intuição, que é também um convite ao diálogo filosófico mais profundo com esse autor – vê no *poder* em português (em contraste com o inglês e o alemão), um decisivo alcance metafísico: “(...) Poder e dever são conceitos ligados entre si, e tenho certeza de que um estudo fenomenológico das duas palavras esclarecerá fundamentalmente o sistema ontológico que suporta a língua portuguesa”²⁴.

O neutro, mais do que gênero é indeterminação

Para além das classificações gramaticais, o neutro – mais do que um gênero – é uma forma de pensamento (/linguagem) que puxa para a indeterminação, o abstrato, o confundente. Para começar, indicaremos brevemente alguns aspectos desse recurso do latim (e de outras línguas...), em diálogo com o português do Brasil, que, por sua cultura e mentalidade, reinventa informalmente o neutro.

O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós,

²⁴ FLUSSER, Vilém **Língua e realidade**, 3 ed. São Paulo: Annablume, 2007.

não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso, ambos: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente.

As línguas que dispõem do neutro contam com uma ampliação de horizontes de pensamento, sem o qual dificultasse o acesso direto a algumas regiões do real. E como se trata praticamente de uma necessidade, acabamos por improvisar recursos de linguagem para recuperar as possibilidades de pensar, proporcionadas por esse grande excluído de nossa gramática.

Engana-se quem, com o dicionário Aurélio, pensa que o neutro seja só, ou principalmente, um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

Neutro - gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos.

Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Na verdade, tipicamente o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino opõem-se ao neutro enquanto determinação, mais do que enquanto a “gênero” ou sexo. Santo Tomás de Aquino no-lo explica:

O gênero neutro é informe e indistinto; enquanto o masculino (e o feminino) é formado e distinto. E, assim, o neutro permite adequadamente significar a essência comum, enquanto o masculino e o feminino apontam para um sujeito determinado dentro da natureza comum” (I, 31, 2 ad 4).

O neutro como informe e indistinto, aponta não para o que diferencia, mas para a essência comum, o “genérico”, o confundente. O neutro é tanto mais neutro quanto mais suprime as determinações concretas e mais se instala no comum (sendo confundente e indeterminação, cabe falar em graus de neutro: é mais neutro o que for mais indeterminado).

Um esclarecedor exemplo de Marías: o neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “– Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (para efeitos de lotação de elevador, não interessam as determinações desse “sete”: não só as de gênero – homens/mulheres –, mas também outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”).

Nesse sentido, tendem ao neutro o sacolão (pouco importa se é alface, cenoura ou tomate: o preço é tanto), o restaurante por quilo, o voto na legenda etc. (e o próprio “etc.” é, também ele, neutro!).

Para os falantes de portunhol, é difícil a distinção entre os artigos masculino e neutro: *el* e *lo*. Se alguém diz: “*A mi me encanta el técnico*”, está dizendo que gosta do Tite ou de um técnico concreto; já “*A mi me encanta lo técnico*”, expressa seu apreço por tudo o que diz respeito à tecnologia

(em geral, indeterminado: o universo da técnica, tudo o que se refere à técnica).

Esse neutro, em nossa língua adjetivo substantivado, aparecia no célebre bordão do Zé Bonitinho, imortal personagem do saudoso Jorge Laredo: “O chato não é ser bonito, o chato é ser gostoso.”

Naturalmente, em todas as línguas, os cumprimentos e saudações tendem a ter forma muito ampla e genérica (já se disse que chato é aquele que você pergunta “– Como vai?” e ele explica), quando muito “descendo” para a saúde ou para a família, mas o inglês “– How do you **do**?” é maximamente neutro.

O neutro em algumas instâncias da existência

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação uma das marcas registradas do brasileiro.

Uma indeterminação que rege diversos setores da existência, como por exemplo: o tempo. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal essa faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (sempre inútil) insistência do forasteiro em marcar hora concreta, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “daqui a pouco”, ou mesmo “um minutinho...” etc.

O neutro, que em alguns casos é necessário; em outros, é puro comodismo e/ou desconsideração, ou até crueldade, para com o outro. Pensemos na vida de família. Quantas brigas de casais, por exemplo, têm sua raiz última nas diferentes preferências de determinação dos cônjuges: a neutra resposta de um deles ao celular: “Calma, estou quase chegando!”, bem que poderia – queixa-se o outro – ser substituída por algo mais determinado, como “já estou na esquina da padaria” ou “no máximo, em 3 minutos de relógio eu chego aí”. Para quem o chama do térreo, sempre é muito mais amigável o elevador que informa no visor em que andar ele se encontra em cada momento (8,7...) do que os que são blindados em seu neutro “silêncio”.

Neutra também é a atitude do marido que atende o celular no carro e em vez de dizer logo (para compartilhar a informação): “– Ô, Fulano, como vai, que bom que você ligou...”, submete a esposa a um jogo de adivinhação: “– Como está você?” (neutro: não se sabe quem concretamente é este “você”, nem se é homem ou mulher...), “– Ah, sim, claro, tô nessa... [o neutríssimo “tô nessa”] etc. e a esposa fica sem saber se é o chefe, um parente, ou...

Neutra é a fala da esposa que diz: “– Um minutinho, estou quase pronta” em vez de “– Só falta o batom” (contra nosso neutro e elástico “um minutinho” – que podem ser 10 ou 20... – é preferível o pacificador “Três [ou 4, ou o que for] minutos de relógio [o famoso *o’ clock – of the clock – britânico*]”. Ou ainda o neutro do silêncio: a filha que fica digitando mensagem no celular durante o jantar e nem tem a delicadeza de dizer que a mensagem é para Fulana e é importante e urgente. Sempre a determinação possível – até para, como dissemos, o prosaico “vou ao banheiro”.

O neutro como manipulação e dominação

Continuemos nossa reflexão, sempre lembrando que o neutro, aqui, não se refere a gênero, mas a indeterminação. Excluído, para nós aqui, está também o neutro no sentido de inerme, pois o neutro pode ser extremamente contundente.

Assim, um uso perigoso do indeterminado-neutro é o que se dá para a manipulação de militâncias, seguidores de seitas religiosas, ditadores ou de gurus em geral. O guru sempre tem razão, seja pela particular iluminação de Deus que recebe ou por ser tido por gênio (como Stalin, “o genial guia dos povos”).

O fanatismo encontra confirmação de que o guru tinha razão, mesmo quando ele erra clamorosamente. E é que as seitas se instalam em um sistema nebuloso, ambíguo, de indeterminação suficiente para que sempre caiba uma interpretação que confirma a infalibilidade das previsões ou ditames do guru. Para o seguidor fanático, o fato de as teses do chefe serem dúbias e mutáveis, ao sabor do oportunismo do momento, só lhes reforça a ferrenha adesão à **pessoa** do líder, consubstanciando-se no Fulanismo (stalinismo, franquismo, etc.) de cada caso.

Nesse sentido, durante a ditadura franquista, corria (à boca pequena) por toda a Espanha a incisiva piada do fiscal da vigilância sanitária:

Era uma vez o dono de alguns porcos que recebeu a indesejável visita de um fiscal de Franco. O fiscal lhe pergunta: “Como você alimenta os porcos?”. O dono responde: “Ora, eu dou a eles o que sobra da comida: restos de batatas, cascas de laranjas...”. O fiscal fica

furioso: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? Alimentar com lixo os porcos que vão nutrir o heróico povo espanhol, vencedor do comunismo? Você está multado por ser um mau patriota!”.

No ano seguinte, o criador de porcos recebe de novo a visita do fiscal, que faz a mesma pergunta: “Como você alimenta os porcos?”. Com medo de levar outra multa, o dono dos porcos responde: “Ah, eu os alimento com milho graúdo, cevada, pães fresquinhos...”. E o fiscal sobe nas tamancas: “O quê?! Como pode fazer tal coisa!? O heróico povo espanhol passando fome neste pós-guerra, e você alimentando os porcos com o que falta na mesa dos nossos compatriotas?”. E tasca-lhe outra multa. No ano seguinte, mais uma vez aparece o fiscal, que volta com a mesma e fatídica pergunta. Dessa feita, o pobre dono olha para o chiqueiro, olha para a cara do fiscal e, sem saber o que dizer, responde: “Senhor fiscal, eu dou vinte pesetas para cada porco e cada um deles que almoce onde bem entender!”.

Perdoada a jocosidade, outro exemplo. Em 1-1-19, o bispo Edir Macedo ungiu o presidente Jair Bolsonaro no Templo de Salomão. E profetizou: “[Eu e Bolsonaro] vivenciamos o inferno da mídia, mas eu estou aqui e o presidente está lá. Ele [Bolsonaro] vai arrebentar lá, não porque sou eu, não porque é ele, é porque é o espírito de Deus”. Mas vai que Bolsonaro acabe sendo um enorme

desastre político, afundando o país, sempre o bispo poderá dizer: “– É uma pena, ele era o ungido do Senhor, mas não foi fiel a Deus e, portanto se arruinou” (ou ainda, no velho estilo de ambiguidade do oráculo de Delfos: “– Eu falei que Bolsonaro ia se arrebentar...”).)



<https://vejasp.abril.com.br/cidades/edir-macedo-unge-bolsonaro-e-diz-que-presidente-vai-arrebentar/>

É o que Karl Popper chama de *immunisation*, formular as coisas de tal modo que quer ocorra X ou não-X, o guru neutro sempre terá razão. Esta atitude, para o caso de abuso religioso, é detalhadamente analisada na dissertação de mestrado de Marcio Fernandes da Silva: “Educar para a submissão: o caso Opus Dei”. (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-164337/pt-br.php>).

A língua inglesa e o concreto

Em muitos aspectos, a língua inglesa puxa para o concreto e evita abstrações. Ao contrário do português, o inglês prefere o verbo em –ing, (de gerúndio, concreto, da ação) ao infinitivo. Tomemos, por exemplo, os chamados

verbs of perception, como *to see*, *to hear*, *to overhear*, *to feel*... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn't you hear the phone ringing?*. Caberia também a forma nua: *Didn't you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn't you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum caso, o infinitivo com *to*; não se pode dizer: “*Didn't you hear the phone to ring?*”. Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell*, *to catch*, *to spot*, *to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma *-ing* (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Se nós dizemos no manual de instruções “como fazer batata doce no micro ondas”, o inglês diz: “*microwaving sweet potatoes*”. E ainda me lembro de, aos meus 14 anos, achar intrigante o título da canção dos Beatles “All my loving” (... I will send to you). E é que se está enviando o ato concreto de estar amando. E, na aula, a teacher corrigia: “o certo é: *Would you mind speaking a little louder?*”

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

Ainda o brasileiro e o neutro

Tinhamos já começado a falar do gosto do brasileiro pela indeterminação.

Seja como for, a indeterminação na linguagem, afinal, suaviza (neutraliza) as formas de convivência. Une-se o gosto pelo indefinido, pelo genérico, com o oportunismo de fazer “média”, ficar em cima do muro: afinal, ninguém sabe o dia de amanhã e talvez num segundo turno venhamos a necessitar de um apoio do partido adversário... Além do mais, é sempre perigoso expressar-se concreta e claramente. Se a brasileira indeterminação do tempo realiza-se em grau máximo no baiano; a das formas, realiza-se no mineiro, que tem fama de não ser contra nem a favor; muito pelo contrário. Come quieto... e pelas bordas. Não dá bandeira²⁵.

As instituições. O neutro, a neutralidade do neutro, faz parte de nossa cultura, está arraigadíssima no Brasil: o que, em outros países dá-se como afirmação (ou negação) categórica, aqui perde os contornos nítidos, adquire forma genérica! Se não reparamos nesse fato é porque ele nos é tão evidente que chega a ser conatural e atinge até nossas instituições.

²⁵ Daí a certa descrição de uma de nossas mais geniais piadas:

Dois mineiros pescando na beira do rio. De repente, ouvem um barulho vindo de cima: flapt..., flapt..., flapt...

Olham para cima e vêem um enorme elefante, batendo as orelhas e voando!!! Bem acima de suas cabeças!

Um olha para o outro e voltam a se concentrar na pescaria...

Mais alguns minutos e o mesmo barulho... Era outro elefante, também voando baixo, a poucos metros de suas cabeças. Mais alguns minutos e outro elefante... e outro..e mais outro...

Após o décimo elefante, um vira para o outro e diz:

- É, cumpadre... o ninho deles deve di sê aqui pertim.

Pensemos, por exemplo, nessa – incrível, para os estrangeiros! – instituição tupiniquim: o ponto facultativo. Como dizia o saudoso Stanislaw Ponte Preta: “vai explicar pro inglês o que é um ponto facultativo”

- É feriado?

- Não, Mr. Brown, é ponto facultativo!!

- Então, se não é feriado, haverá trabalho normal?

- Não, Mr. Brown, claro que não haverá trabalho: é ponto facultativo!!

Não é feriado, mas não deixa de ser... É neutro!

Neutro é o “jeito” – pode e não pode; dá e não dá; e se não der de jeito nenhum, talvez com um “jeitinho” (como, a enorme surpresa de um professor europeu, de carona com o colega brasileiro, quando este avisou: “ – Vou pegar esta travessa, é **meio** contra mão, mas tudo bem).

O neutro pelo plural. O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos em espanhol, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e eses*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é “*They say...*”.

O neutro, banido da gramática, é resgatado (ou, ao menos, seu espírito, que remete à totalidade e à indeterminação) genialmente pela gíria brasileira (claro que a lei do mínimo esforço contribui, e muito, para esses refinamentos de linguagem; afinal, “para bom entendedor...”). Seguem-se alguns exemplos.

Sabemos que estamos diante de um neutro quando nos são negadas especificações. É o caso da –

maliciosamente neutra – pergunta: “Nosso colega Fulano, qual é a dele?” Não há especificação desse “qual é a dele”, se se trata de atitude, postura, cosmovisão, posição política etc. E podemos aprofundar no neutro ainda mais quando em vez de “- Qual é a tua?”, perguntamos apenas: “- Qual é?”).

Neutra é também a afirmação – que, em geral, antecede alguma sentença crítica, venenosa ou ameaçadora – “Numa boa...”. Não se concretiza “numa, **o que**, boa? Os exemplos de neutro tupiniquim poderiam se multiplicar: “Pô, esse cara tem *cada uma*, ele chega aqui *na maior* e já vai aprontando *todas*; vê se você dá *uma dura* nele...” (“cada uma”, “na maior”, o quê? “aprontar – quais – todas?”). E se você exagerar ao dar “a dura”, eu - que afinal, diluí minha indicação de “dar uma dura” num leque tacitamente plural – posso me eximir da responsabilidade: “Nossa, você fez o cara ir parar no hospital; eu falei para dar uma dura, mas numa boa...”.

Já a gíria “dar uma geral” é neutra até significar opostos: tanto uma ação vaga e indeterminada (“Esse texto já foi revisado, você não precisa gastar mais do que 5 minutos na sua revisão: basta dar uma geral) quanto a ação minuciosa e detalhada (“Não, não, não aceito, quero tudinho no seu lugar: eu não falei para você dar uma arrumadinha no quarto, falei para você dar uma geral”).

A maledicência pelo neutro

Falávamos da maledicência. Até para fritar alguém – um colega de trabalho ou conhecido comum ausente no momento – a agressão não pode ser direta. A melhor forma de instilar o veneno é pelo malicioso neutro, lançado por um

dos da rodinha do *happy hour*: “– O Fulano, qual é a dele, hein?”

Tecnicamente, não há aí nenhuma maldade: não houve referências a sua orientação sexual nem a seu comportamento na empresa, ninguém afirmou que ele é um puxa-saco nojento do chefe etc. Só uma “inocente” indagação genérica.

Ainda no neutro, outros vão ajuntando:

“– É, o Fulano...”

“– Eu, eu não sei não...”

“– O Fulano...; eu, hein?”

“– Olha, sem nenhum preconceito, vocês sabem que eu tenho o maior respeito pelo modo de ser de cada um...”

Até que alguém resolve começar a descer ao plano concreto, mas sob a proteção do confundente, da inversão semântica de palavras originalmente elogiosas.

“– Admiro a criatividade que ele tem: puxar o pic pic no aniversário do chefe foi uma inovação marcante na firma”.

“– Essa foi demais, ele é ótimo. Para mim, nem a Carmen Miranda faria melhor”.

“– Pera aí, gente, aqueles trejeitos não querem dizer nada... Afinal, ele tinha bebido um pouquinho além da conta...” Etc.

Neutro na literatura

O neutro serve também para o positivo e o negativo, ao mesmo tempo nenhum dos dois e ambos! É o caso de

Cervantes no Quixote: entre loucura e cordura, entre sátira e panegírico, entre sério e brincadeira, entre sonho e realidade; a ironia que não é irônica ou o é porque acompanha a ironia da realidade. Cervantes, que sabe muito bem da fórmula do neutro, genialmente faz Sancho escrever que “*Don Quijote, mi amo, es un loco cuerdo*” (e poderíamos acrescentar, que Sancho é um *tonto-listo*...). Afinal a pobre Aldonza da aldeia não é, na realidade, também a “*princesa y gran señora*” Dulcinea del Toboso? Ninguém melhor do que a poeta Adélia Prado para, também ela, falar desse neutro, desse “ambos”, em um *plus* de visão da “realidade”:

“De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo”²⁶.

Nesse sentido, está a ambiguidade da maravilhosa palavra espanhola “*ilusión*”, que ao contrário da meramente negativa portuguesa “*ilusão*”, comporta também uma dimensão positiva: daí a diferença entre *ilusionado* e *iluso*, *ilusorio*, *ilusivo*.

Nesse quadro, já se pode intuir imediatamente a imensa importância que o neutro terá para a metafísica e para a teologia. Não é por acaso que nossos autores mais metafísicos, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector, tenham sua chave de interpretação mais profunda precisamente na confundência do neutro. O neutro é o grande tema (e em alguns casos até mesmo o personagem) dessa grande literatura brasileira. Neutro é a terceira margem, “perto e longe”: “nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a

²⁶. PRADO, Adélia **Poesia Reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 199)

nenhuma parte”. Neutro é o grande sertão: “o sertão é sem lugar”, “o sertão não chama ninguém às claras; mais, porém, se esconde e acena”, “o sertão é de noite”, “o sertão é uma espera enorme”, “aceita todos os nomes”, “sertão é o sozinho”, “Sertão: é dentro da gente”.

Neutro dos neutros é a busca, como suprema categoria e paixão metafísica, de Clarice *Introspector*. É o tema clariciano por excelência e até mesmo o personagem de *A Paixão segundo G. H.*:

Para o sal eu sempre estivera pronta, o sal era a transcendência que eu usava para sentir um gosto, e poder fugir do que eu chamava de ‘nada’. Para o sal eu estava pronta, para o sal eu toda me havia construído. Mas o que minha boca não saberia entender - era o insosso. O que eu toda não conhecia - era o neutro. [...]

Estou tentando te dizer de como cheguei ao neutro e ao inexpressivo de mim (...) O neutro. Estou falando do elemento vital que liga as coisas²⁷.

Uma busca assombrosa, que termina com a mística perda da linguagem:

“Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é. A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.”

²⁷. LISPECTOR, Clarisse *A Paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro, Rocco, 199, p. 85, p. 100.

Papa Francisco e a “concretezza”

Concretezza é uma deliciosa palavra italiana que se emprega quando se quer radicalmente evitar enrolações. No futebol, por exemplo, o torcedor reclama do time que “jogou bonito”, mas perdeu: “*Tanti fronzoli ma poca concretezza*” (muito babado, mas pouco resultado)

O Parlamento italiano aprovou, o presidente sancionou e está em vigor desde 7 de julho de 2019, a enérgica “*Legge Concretezza*”, a lei que quer efetivamente acabar com a enrolação e a ineficiência do serviço público (texto do Diário Oficial: https://www.promopa.it/wp-content/uploads/2019/06/legge_56_2019_concretezza.pdf) Por exemplo, contra os funcionários fantasma, a lei impõe ponto digital (/leitor de íris etc.); contra o paletó na cadeira, câmeras de vídeo nas repartições, etc. etc.

O papa Francisco, mais preocupado com o bem da Igreja do que com as formalidades da “diplomacia vaticana” e da Cúria Romana (com seus quase dois mil anos é de longe a campeã mundial do neutro, da abstração e da afetação...), tem se empenhado pela *concretezza* (palavra que aparece com muita frequência em suas falas), e a isso o Papa deve boa parte do ódio que alguns setores da “ortodoxia católica” lhe devotam.

Decidido a acabar com os escândalos de pedofilia, ao abrir no Vaticano, em 21-2-19, o “Encontro sobre a proteção na igreja dos menores e adultos vulneráveis”, para o qual convocou todos os presidentes de Conferências Episcopais do mundo, já em sua primeiríssima fala foi logo dizendo que não iria aceitar a enrolação de sempre – declarações abstratas e

genéricas de condenação –, mas exigia medidas concretas e eficazes: *Ci vuole concretezza!*²⁸

Cari fratelli, buongiorno!

Confrontado com o flagelo dos abusos sexuais perpetrados por homens de Igreja contra menores, pensei em vos interpelar a vós, Patriarcas, Cardeais, Arcebispos, Bispos, Superiores Religiosos e Responsáveis, para que, todos juntos, nos coloquemos à escuta do Espírito Santo e, dóceis à sua guia, escutemos o grito dos menores que pedem justiça. Sobre o nosso encontro, grava o peso da responsabilidade pastoral e eclesial que nos obriga a dialogar conjuntamente, de forma sinodal, sincera e profunda sobre o modo como enfrentar este mal que aflige a Igreja e a humanidade. O santo Povo de Deus olha para nós e espera de nós, não meras e óbvias condenações, mas medidas concretas e eficazes a implementar. *Ci vuole concretezza.*

(http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190221_incontro-protezioneminori-apertura.html)

E no discurso aos participantes do Simpósio sobre “A teologia da ternura do Papa Francisco”, também já começou

²⁸. O amor de Francisco pelo concreto é tanto, que uma vez pareceu-me claramente ouvi-lo a *sotto voce* deixar escapar um oportuno palavrão – daqueles que convocam a realidade concreta – em um improviso durante o discurso aos bispos do CELAM em Aparecida, 28-7-13.

dizendo que uma teologia abstrata não é teologia, mas ideologia:

Teologia e ternura parecem duas palavras distantes: a primeira aparenta evocar o âmbito acadêmico, a segunda as relações interpessoais. Na realidade a nossa fé une-as indissoluvelmente. Com efeito, a teologia não pode ser abstrata — se fosse abstrata seria ideologia — porque nasce de um conhecimento existencial, nasce do encontro com o Verbo feito carne! Por isso, a teologia está chamada a comunicar que Deus amor é **concreto**. E ternura é um bom “existencial concreto”, para traduzir para os nossos tempos o afeto que o Senhor sente por nós.

(http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/september/documents/papa-francesco_20180913_convegno-tenerezza.html)

Como era de esperar, não lhe faltaram, dentro da própria igreja²⁹, ferrenhos críticos evocando o velho adágio escolástico: *Abstrahentium non est mendacium* (ao abstrair não se mente), usado legitimamente na Escolástica para justificar os graus de abstração de ciências como a matemática e a metafísica. Mas a própria negação presente no adágio já recorda a suspeita (*qui s'excuse s'accuse*) de casos nos quais a abstração seja usada como ocultação da verdade, como mentira!

Muito obrigado.

²⁹. Por exemplo: www.libertaepersona.org/wordpress/2018/09/teologia-abstracta-e-teologia-morale/

Voz média – Paulinho, Martinho e Pagodinho: sambas dialogam com a filosofia e teologia clássicas

(conferência para pais e professores do Colégio Luterano São Paulo, 13-08-19)

Resumo: O recurso à voz média (ou ao verbo depoente), voz que não é ativa nem passiva, poderosa ferramenta filosófica do grego e do latim, ausente nas línguas europeias modernas, reaparece intuitivamente em canções Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho, permitindo uma outra percepção da realidade.

Palavras-Chave: voz média. filosofia e linguagem. Paulinho da Viola, Martinho da Vila. Zeca Pagodinho.

Abstract: The middle voice, “in the middle” between the active and the passive, a powerful philosophical resource of the Greek and Latin languages, is “employed” by Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho. The middle voice give us another possibility to understand the world.

Keywords: middle voice. philosophy & language. Paulinho da Viola, Martinho da Vila. Zeca Pagodinho.



Vitor Chaves de Souza, Jean Lauand, Chie Hirose e Enio Starosky

O que há de comum entre Platão, Tomás de Aquino, Paulinho da Viola, Martinho da Vila e Zeca Pagodinho? Pelo menos o uso de um poderoso recurso de pensamento (e no

caso de Platão e Tomás, também uma ferramenta da língua): a voz média.

Para além de nossas duas vozes – voz ativa e voz passiva – os antigos dispunham de outra forma verbal, fundamentalíssima: a voz média. E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossas línguas modernas não contarem com a voz média, que não é ativa nem passiva, constitui um estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade, precisamente porque, em muitos casos, a realidade exige a superação do binômio: ativa/passiva.



A voz média é um rico recurso – encontrado, por exemplo, no grego –, que permite expressar (e perceber, e pensar...!) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas.

Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu – como na clássica sentença de Ortega – estende-se à circunstância: *Yo soy yo y mi circunstancia*.

O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações “minhas” mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação.

É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nascer-nascido). De fato, o verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Daí que esse verbo em português seja “ativo” e, em inglês, “passivo”!! Mas, na realidade, só a voz média lhe cai bem. Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born in 1952*. O mesmo acontece, por exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é...

Pensemos em realidades tão relevantes como: a admiração, o enamoramento, o esquecimento etc. Nas minhas ações correspondentes, certamente eu as protagonizo, mas não como “sujeito ativo”, nem tampouco como meramente passivo... E tentamos suprir a forma clássica “voz média” pelo reflexivo ou pronominal: “Eu me admiro, ela se apaixonou, você se esqueceu...” O fato de que nelas não somos sujeitos totalmente ativos, fica evidente quando vemos como seria ridículo tentar agendá-las (coisa que um sujeito ativo poderia muito bem programar): “Amanhã, às 15:40h irei ao supermercado, depois levarei o carro para lavar e às 17:15h vou me apaixonar...” ou “daqui a 20 minutos vou me admirar e às 14:20h me esquecerei, terei uma inspiração artística, um êxtase místico etc.”

A língua espanhola vale-se desse expediente “reflexivo” muito mais frequentemente, como por exemplo:

em *yo me muero* ou em verbos que expressam necessidades fisiológicas (*yo me meo* etc.)

Essa lacuna da voz média pode atingir situações de graves consequências para as pessoas, como quando usamos o verbo “surtar” como sendo de voz ativa...! De fato, é uma violência para com a realidade (e para com o “surtante surtado”) a voz ativa em lugar da média, como quando dizemos: “O Gilberto **surtou** no aeroporto...”. Como se o pobre Gilberto pudesse controlar o seu (?) surtar...

O latim vai tão longe nesse campo, que até o verbo falar, *loquor*, é depoente e não ativo: pois, na verdade, como todo mundo sabe, falar não é uma ação que dependa só de meu bel prazer: a frieza, a indiferença, o desinteresse do interlocutor, ou da clas-se..., embarga meu falar e tira-me totalmente a inspiração (e o contrário também acontece: o discurso se inflama quando a audiência entra em vibração de sintonia). E mais: minhas próprias ideias tomam forma para mim mesmo, quando falo para outros...

A canção *Timoneiro*, sucesso de Paulinho da Viola, genialmente usa a ação de navegar, claramente de voz média (por mais talentoso ou medalhista que seja um navegador, navegar está longe de ser ativo...), como maravilhosa metáfora para a vida. “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...”.

Esse ser levado pelo mar da circunstância é o que ocasiona o famoso bordão, de Chaves: “Foi sem querer, querendo...”, unido a seu outro cacoete: “Me escapuliu!”, que é mais forte ainda em espanhol: “se me chispoteó” (o “se me” indica forças que chispam alheias à vontade do sujeito...).

A consideração desse ativo que não é totalmente ativo, mas que tampouco é passivo é importantíssima para a

Educação e para a Antropologia. A educação, educar, derivada de *educere*, “eduzir” (conduzir para fora), que afinal, não é colocar algo em um sujeito nem abandoná-lo a si mesmo, mas dar condições ao educando (num processo que não separe educador de educando: educação é sempre comunhão...) de extrair de si...! É nesse sentido que educador e educando simultaneamente aprendem e ensinam... E é que o ser humano não é autônomo (como poderia, de tanto pronunciar o “eu”, imaginar o senso comum); ele é relacional, requer para tudo “o outro”, ele é também *su circunstancia*.

Acostumados a pensar que só há vozes ativa e passiva, tal como nos impõe nossa gramática, e desconhecendo o grego e o latim, o estudante encontra dificuldades para aprender a voz média. E sempre corre o risco de pensar que se trata de uma construção conceitual abstrata e artificial, uma latinice postiça (quando, na verdade, é naturalíssima).

O Ocidente insiste em ver tudo pelo viés da conquista e em desprezar a “passividade” dos Orientes, cuja educação aposta nos caminhos indiretos da voz média. E é que há muitas situações na vida em que só obtemos algo, se renunciamos à vontade dirigida diretamente para obter esse algo. É desse ponto de vista que se compreende a sentença evangélica sobre aqueles que querem salvar a vida e, por isso, a perdem (Mt 16, 25); sabedoria que se estende a tantas outras realidades que só se obtêm quando não são expressamente buscadas e surgem somente como dom de uma atitude não interesseira; que só se oferecem como dom de um interesse voltado para outro alvo (p. ex., tem-se tanto mais saúde mental, quanto menos se pensa nela... e, reci-

procamente, nada melhor para destruir um relacionamento do que querer “salvá-lo” por força de ciúmes).

Voltemos a Paulinho. Não sou plenamente dono do navegar; quem **me** navega é o mar. E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar... Vejamos a letra dessa canção, junto com outras duas, importantes para nosso tema.

Timoneiro (Paulinho da Viola - Hermínio Bello de Carvalho, 1997)

Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levar
E quanto mais remo mais rezo
Pra nunca mais se acabar
Essa viagem que faz
O mar em torno do mar
Meu velho um dia falou
Com seu jeito de avisar
“Olha, o mar não tem cabelos
Que a gente possa agarrar”
Timoneiro nunca fui
Que eu não sou de velejar
O leme da minha vida
Deus é quem faz governar
E quando alguém me pergunta
Como se faz pra nadar?
Explico que eu não navego
Quem me navega é o mar
A rede do meu destino

Parece a de um pescador
Quando retorna vazia
Vem carregada de dor
Vivo num redemoinho
Deus bem sabe o que Ele faz
A onda que me carrega
Ela mesma é quem me traz

Filosofia de Vida (Martinho da Vila)

Meu destino eu moldei
Qualquer um pode moldar
Deixo o mundo me rumar
Para onde eu quero ir
Dor passada não me dói
E nem curto nostalgia
Eu só quero o que preciso
Pra viver meu dia a dia
Pra que reclamar de algo que não mereço?
A minha razão é a fé que me guia
Nenhuma inveja me causa tropeço
Creio em Deus e na Virgem Maria
Encaro sem medo os problemas da vida
Não fico sentado de pernas pro ar
Não há contratempo sem uma saída
Pra quem leva a vida devagar
Que o supérfluo
Nunca nos falte
Básico para
Quem tem carestia
Não quero mais do que eu necessito
Pra transmitir minha alegria

Deixa a vida me levar (Serginho Meriti e Eri
do Cais)

Eu já passei
Por quase tudo nessa vida
Em matéria de guarida
Espero ainda a minha vez
Confesso que sou
De origem pobre
Mas meu coração é nobre
Foi assim que Deus me fez...
E deixa a vida me levar
(Vida leva eu!)
Sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...
Só posso levantar
As mãos pro céu
Agradecer e ser fiel
Ao destino que Deus me deu
Se não tenho tudo que preciso
Com o que tenho, vivo
De mansinho lá vou eu...
Se a coisa não sai
Do jeito que eu quero
Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos
Lá vou eu!
E sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

As três canções falam da insuficiência da vontade ativa: “quem me navega é o mar”, “é ele quem me carrega” etc. Navegar é voz média: não se trata de mera passividade ante a força de inexorável destino: senão de que adiantaria remar?

Note-se nas três canções a incontornável referência a Deus: o velho problema teológico da vontade humana ante a onipotência de Deus. O problema do mérito do fiel ante a graça de Deus: o mérito da grandeza das obras de uma Madre Teresa de Calcutá é da Madre ou de Deus que opera nela?

É impossível uma reta interpretação do cristianismo sem a voz média.

As duas epístolas aos Coríntios apontam diversas vezes para esse beco, cuja única saída é a voz média: daí os malabarismos de adversativas do apóstolo Paulo:

Porque eu sou o menor dos apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil. Ao contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo (I Cor. 15, 9-10)

Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. O que planta ou o que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa, segundo o seu trabalho. (I Cor 3, 6-8)

Exortamo-vos a não receber em vão a graça de Deus (II Cor. 6,1). Etc.

Paulinho canta “O leme da minha vida, Deus é quem faz governar” mas o homem não está dispensado de remar (“quanto mais remo, mais rezo”) e de aplicar a arte da navegação...

Martinho fala em destino e que o mundo é que dá o rumo, mas a “parte ativa” é que: “Meu destino eu moldei” e “Qualquer um pode moldar”...

Já em Zeca Pagodinho o destino não é totalmente inapelável, senão que sentido teria falar em “ser fiel ao destino que Deus me deu”?

Portanto, deixar a vida me levar não é o convite a uma vida devassa (soube que essa canção é mal vista em muitas igrejas...), mas a uma simples e agradecida confiança na Providência divina. Nessa atitude de oração, o “deixar rolar” é, antes, essa aceitação dos planos divinos:

Se a coisa não sai
Do jeito que eu quero
Também não me desespero
O negócio é deixar rolar
E aos trancos e barrancos
Lá vou eu!
E sou feliz e agradeço
Por tudo que Deus me deu...

Três sambistas cariocas em diálogo com os grandes da filosofia antiga e com as fontes apostólicas do cristianismo.

Muito obrigado

A “filosofia” tupi na língua e cultura brasileiras

(conferência para o dia “Dia dos povos indígenas” em reunião pedagógica dos professores da EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges, 28-03-2024)

Resumo: Notas de conferência para professores da EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges (28-03-2024), sugerindo ampliação para uma *Weltanschauung* das práticas tradicionais na celebração do “Dia dos povos indígenas” nas escolas.

Palavras Chave: visão do mundo tupi. português do Brasil. educação. Dia dos povos indígenas.

Abstract: Notes of a lecture at the EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges (March 2024), proposing some suggestions on Tupi *Weltanschauung* for the ways of celebrating “Indigenous People’s Day” in school.

Keywords: Tupi *Weltanschauung*. Brazilian Portuguese. education. Indigenous People’s Day.

Inicialmente, quero agradecer à Profa. Simeia de Matos de Oliveira, diretora da EMEF Prof. João Carlos da Silva Borges, pela oportunidade de dialogar com os educadores desta ilustre escola sobre as contribuições da visão de mundo tupi para a nossa língua e para a cultura brasileira. Este encontro é de especial importância para nosso Centro de Pesquisas (Cemoroc-Feusp), que tem na parceria com a escola pública uma de suas prioridades institucionais.

Tratando-se de pesquisar uma realidade qualquer, em geral temos acesso direto a ela: se quero saber a composição de uma amostra de sal, posso tomá-la em minha mão, levá-la a um laboratório e, submetendo-a aos procedimentos

apropriados, descubro que contém tanto de sódio, tanto de cloro, de iodo etc. Posso analisar detalhadamente realidades mínimas, como o *Aedes Aegypti*, com poderosos microscópios; ou imensamente distantes, com telescópios (ou até enviar uma sonda a Marte para saber se há água lá) etc. Mas, e quando se trata da realidade humana: o que é o amor, a inveja, a gratidão, a justiça...? De que instrumento dispomos para sondar o coração humano? O filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper propõe que a realidade humana só pode ser acessada por canais indiretos e, nessa linha, a linguagem é uma instância privilegiada para a antropologia filosófica (e também para a sociologia).

Em níveis mais superficiais é evidente a influência do tupi em nossa língua, como na toponímia, na qual encontramos, por exemplo, inúmeras estações de metrô paulistas como: Anhangabaú, Moema, Jabaquara, Tucuruvi Tietê, Ipiranga, Carandiru. Tatuapé, Itaquera, Butantan, Sumaré, Moóca, Tamanduateí, Sapopemba, Sacomã, Capão, Morumbi...

Mas há também um nível de influência mais profundo e, nesse sentido, a “filosofia” tupi (enraizada na língua) pode nos trazer importantes contributos para questionar nossos conceitos estabelecidos sobre a condição humana. Contribuições que podem ser ensinadas, oportunamente (especialmente nos anos mais avançados...), por ocasião do “Dia dos Povos Indígenas”, para além dos estereótipos escolares que costumam acompanhar essa data...

Tanto mais que para o Brasil e o português brasileiro o tupi é já naturalmente familiar.

I – A língua tupi e a necessária relação com o passado

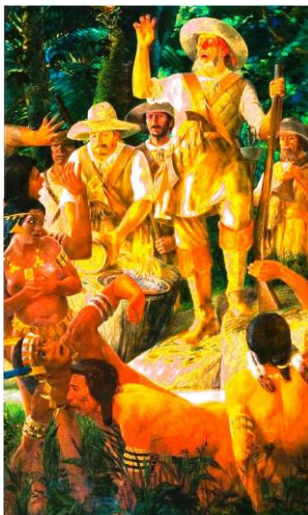
É um lugar comum afirmar que “o brasileiro não tem memória” (exceto para o futebol...) e não com surpresa constatei que essa sentença comparece cerca de 10.000 vezes em busca no Google (16-03-2024). Nossos usos da linguagem colaboram para essa tendência ao esquecimento. É o caso da referência ao passado, na qual devemos ter em conta que passado nem sempre é aquilo que ficou para trás, pretérito, “ido para fora do presente” (... e do futuro). Muitas vezes, o passado projeta-se, deixa marcas no presente e, em diversos sentidos, para o bem e para o mal, como diz Gabriel Perissé, “passado é aquilo que não passou”. O *bullying* que a criança sofre hoje pode deixar uma marca para o resto da vida; um trauma qualquer pode custar anos de terapia.

Até na linguagem comum estamos prejudicados nesse sentido. No campo dos verbos, o inglês, que dispõe do *present perfect*, permite ver eventos passados em relação com a situação presente. A versão em português: “Então é Natal, o que você fez?” não tem a mesma força dos versos de Lennon em “Happy Christmas (War is Over)”: “*So this is Christmas. And what have you (/we) done?*”, nos quais fica mais fácil entender que não se está indagando sobre algo pontual (por exemplo, se eu já comprei o panetone ou providenciei o peru), mas sobre a longa preparação espiritual para a paz (*So this is Christmas ... The road is so long*). Do mesmo modo, outras línguas, como o espanhol, trabalham muito mais com o passado composto do que o português. Se nós dizemos “o sistema de represas secou”, o espanhol preferiria “*ha secado*”, pois não se trata de evento pontual, mas de um

processo: meses de estiagem que resultaram nesse estado presente.

Para essa ligação com o passado que nos falta, apontamos a riqueza do sufixo tupi *guera* (/puera, /quera, de acordo com a eufonia), que nos obriga a ver a presença do passado no presente: **x-guera** é algo que foi x, não é mais, mas preserva algo do x que um dia foi. Esse alcance semântico não se dá com o nosso “ex”, que tanto pode significar totalmente desaparecido como ainda, de algum modo, como algo remanescente...

Anhangá é diabo, espírito com poderes; já *Anhanguera* é alguém que sem ser (mais) diabo, preserva algo do poder que um dia teve em plenitude. Ao narrar a lendária proeza do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, que pôs fogo na “água” (aguardente) para intimidar os indígenas, nossos livros didáticos, ao traduzirem *Anhanguera* meramente por “diabo velho”, não fazem justiça à riqueza do *guera* tupi.



<https://www.sohistoria.com.br/biografias/bartolomeu/>

Assim também *Ibirapuera* (*Übirapuera*) é o que resta daquilo que um dia foi densa mata ou árvore (*Ibirá*) (*Übirajara* – senhor da floresta). *Itaquera* é a pedreira praticamente exaurida (*ita*, como se sabe, é pedra).

A composição com *-uera* é frequente no tupi e está continuamente a nos recordar que há uma conexão entre o presente e o passado, entre o futuro e o presente; que há leis naturais regendo o desenvolvimento das coisas e que as ações têm consequências: projetam-se, deixam um rastro, um *guera*.

Se *kutuk* é espetar e *petek* é bater (com a palma da mão), *cutucaguera* é a cicatriz (o *guera* da facada) e *petecaguera* pode ser hematoma. O mesmo se dá com *sapek* (queimar), que admite *sapecaguera* como chamuscado. Se *Caá* é mato, *capoeira* (*caa-puera*) é o ex-mato, desmatado, mato-*guera*. *Tapera* (*taba-puera*) são ruínas de um povoado.

Nem sempre *guera* indica decomposição ou corrupção; pode-se deixar de ser o que foi, preservando algo, em outro estado, transformado: por exemplo *ypuera* é suco de fruta; *manipuera*, suco de mandioca. O português não distingue a carne integrada ao vivente, da que se vende no açougue; nem a pele do animal vivo da que está na bolsa, sapato ou artefato. Porém, para a sensibilidade em face da natureza que há no tupi: *soó* é a carne viva do animal, mas a que está na panela ou churrasqueira é algo diferente: é *soóquera*; a pele, no corpo do animal vivo, é *pi*; uma vez extraída, porém, é *pipera*.

Interessante é observar que *guera* não se aplica só a realidades físicas, mas também ao que é propriamente humano e até moral. Assim, *mbaé* tem o sentido amplo de coisa; já *mbaépuera* é somente intriga, fofoca, mexerico...

Nheen é falar, a fala viva da voz – forma originária de toda comunicação –; *nheenguera* é o recado, o escrito.

A articulação tupi *x-guera*, dizíamos, pode ser de grande alcance antropológico. A ética clássica ocidental apoia-se na constatação de que o ato humano não se esgota no momento em que a ação foi praticada; deixa marcas, projeta-se, permanece em forma de experiência, de conhecimento, de conselho, de culpa etc. Fica criando na alma, por exemplo, uma pré-disposição (um *guera*) para o vício ou para a virtude. Precisamente este é um dos sentidos de *guera*: o hábito, a propensão para praticar novos atos no mesmo sentido dos anteriores. O viciado em aguardente (*kauim*) é *kauguera*; o metido a falar é *juruguera* (*juru* é boca, cara – daí *jururu*: a cara comprida de quem está aborrecido) etc.

Porque os atos deixam um *guera* há o implacável provérbio francês medieval (que se contrapõe ao licencioso: *une fois, nulle fois*): *une fois est la première*. E o italiano “*Non c’è due senza tre*”... Uma vez é a primeira; não há dois sem três...

Nessa mesma linha, *Pukaguera* é o risonho, ou melhor, as feições que vincam o rosto após anos de riso (*puka*) e bom humor, como no caso de uma Selminha Sorriso, Neginho da Beija-Flor ou Martinho da Vila.



Pukaguera

Puka (ou *poka*) é o estouro, a quebra e, por extensão, o riso (o estalar do riso). *Pipoca* é o estouro da pele (do milho); *arapuca* é a armadilha que quebra com a ave e, do mesmo campo semântico, é o estrondo da *pororoca*. Já *pururuca*, na gíria, é a pessoa de pavio curto, sempre prestes a estourar.



Ara-puka

Se *kutuk* é espetar e *petek* é bater (com a palma da mão), *cutucaguera* é a cicatriz (o *guera* da facada) e *petecaguera* pode ser hematoma.

A propósito da continuidade projetiva do passado, lembro aquela oração que se reza na missa, logo após o Pai-Nosso: “Livrai-nos, Senhor, de todos os males...”, e que durante muitos séculos, e até 1970, prosseguia de modo muito sugestivo: “...de todos os males *passados*, presentes e futuros...”. A reforma litúrgica do Vaticano II houve por bem suprimir esse trecho (“passados, presentes e futuros”), alegando que o povo não entenderia a formulação “livrar dos males passados”, desprovida de sentido. E foi uma pena

porque ela indica um profundo fato ontológico e psicológico. É certo que nem Deus pode mudar o passado, nem extinguir os males passados... mas Deus pode, sim, em Sua misericórdia, fazer com que aqueles males não continuem se projetando no presente e no futuro, como observa o filósofo Julián Marías a respeito dessa ideia latente na oração suprimida.

Um equivalente ao *guera* em nossa língua ajudar-nos-ia a ver o “passado presente”.

II. O sufixo *-eté* e a excelência humana

Voltemo-nos, agora, para o fundamento da ética na tradição filosófica do Ocidente: o próprio ser do homem. Tal concepção pode resumir-se numa memorável formulação de Píndaro: “Torna-te o que és!”. Essa sentença recolhe, da forma mais enxuta possível, um conceito chave para o pensamento e a educação grega: *areté*.

Areté, para os propósitos do breve espaço de que aqui dispomos, poderia ser traduzido por “virtude”, mas, por diversas razões (como a falta do uso vivo dessa palavra hoje: quem de nós a ouviu ou falou recentemente?), os tradutores preferem vertê-la por excelência, excelência do ser. A excelência, o máximo, superlativo do ser de algo: *areté* na corrida é Usain Bolt; *areté* de atacante é Messi em dia inspirado; *areté* de cavalo não é um pangaré qualquer, mas o ímpeto do puro sangue árabe.

O caso torna-se problemático quando o pensamento grego – com Sócrates e Platão – indaga pela *areté* do homem.

Sal que é sal, salga; centroavante que é centroavante, mata; homem que é homem... quê?

Nestes 2500 anos de antropologia e filosofia moral não chegamos nem perto de uma resposta cabal sobre a *areté* do homem, o que é natural nas questões filosóficas. Seja como for, há – em diversas culturas – algumas constantes: a afirmação de que a moral se enraíza no ser – e até com ele se confunde – é uma convicção universalmente estendida. Bem entendido, o ser em processo de busca dessa excelência; daí que Pieper tenha resumido o ideal da virtude/areté como *selbstverwirklichungsvorgang*, “processo de auto-realização”. (Nem é preciso dizer que, em nenhum caso, essa *areté* é pensada como algo exclusivamente do eu individual, à margem do outro; pelo contrário, a auto-realização passa pela abertura e sempre vige a conhecida sentença de Ortega y Gasset: “*Yo soy yo y mi circunstancia y si no la salvo a ella no me salvo yo*”.)

A afirmação da *areté* como ideal moral não é apanágio da filosofia, mas encontra-se também em diversas outras instâncias: por exemplo, no sentido profundo do *to be or not to be* shakesperiano (*that is the question...*); em Dante, na virtude da “humanidade” (*ren*) na tradição confuciana... e nas estruturas da língua tupi!

Na *Divina Comédia* (Purg. XXIII, 31-33), ao tratar da recomposição do ser, desfigurado pelos desvios morais, encontramos este enigmático terceto:

“Pareciam-lhes os olhos anéis sem gemas
E quem no rosto dos homens lê ‘homem’
Bem poderia reconhecer o M”

Que significa este misterioso M? (*emme* que rima com *gemme*). O sentido desses versos é que a ação injusta atenta contra o próprio ser de quem a pratica, desfigura-o, rouba-lhe o *to be*, o rosto humano - poeticamente figurado, em concretismo, na palavra “OmO” (omo, na língua de Dante, significa homem).



Também para Confúcio - e para a tradição do Extremo Oriente, registrada não só em seus tratados sapienciais, mas até mesmo enraizada nas línguas - a moral é o ser homem (*ren*, em chinês / *jin*, em japonês), e o imoral (*fei-ren* / *hi-nin* - a grafia japonesa é idêntica à chinesa) é o não-homem, como plasticamente indica o ideograma da negação e da falsidade, da desestruturação desde dentro, da desagregação, anteposto ao ideograma *ren* homem.

人 非 人

Incrivelmente, a mesma ideia fundamental é encontrada na sabedoria da língua tupi.

Ensinam as gramáticas que o superlativo em tupi, constroi-se pela justaposição de *-eté* ao termo: assim, por exemplo, *catu* (bom) tem o comparativo *catupiri* (melhor, *better*) e o superlativo *catureté* (o melhor, *the best*).

Note-se que *-eté* pode significar não só o superlativo, mas também “verdadeiro e bom” (no sentido ontológico dos transcendentais, como quando se diz: “Amélia é que era mulher *de verdade*”), ou que um cheque “*é bom* para o dia tal”, isto é, vale, é em ato, a partir do dia tal.

Nossos povos originários não conheciam o cachorro e sua chegada, trazido pelos portugueses, foi uma imensa contribuição para a segurança dos indígenas. Para designar esse “novo” animal, o tupi valeu-se da palavra *jaguar*, antes aplicada somente para onças. Com tal significado confundente, ocorrerão vários derivados: *jaguaré*, *jaguaririca*, *jaguariúna* etc.

Mas *jagareté* não significa cãozinho qualquer, mas somente aquela onça que é o *jaguar*-máximo, para valer, de verdade: *eté*.

Já o contrário de *-eté* far-se-á com o sufixo *-ran* (ou *rana*).

Ajuntar *-ran* pode significar – em primeiro lugar – mera semelhança, e é natural que uma língua primitiva como o tupi, construa muitos conceitos com base na parença: *cajarana* (parece cajá), *tatarana* (parece fogo) etc. *muquirana*, parece manchinha, é um piolho, *carrapato* (gruda e não larga...). E Guimarães Rosa escolhe o título *Sagarana*, porque aqueles contos se assemelham a uma saga.

Mais interessante, porém, é o significado derivado do sufixo *-ran*: *parecido* no sentido de falhado, fracassado, falsificado, o que parece mas não é. Precisamente o oposto de

-eté. Como diz Guimarães Rosa, uma coisa é buriti (a palmeira de Deus); outra é buritirana. Podemos imaginar como no Paraguai, onde o guarani é língua oficial, é frequente esse uso de *-rana*: isto não é whisky, mas whisky-rana! (café / caferana etc.). E quando um jogador perde um gol feito por querer enfeitar, a torcida de seu time, enfurecida, o insulta: Messiran, Messiran! (pseudo-Messi).

Um contraste nos ajudará a comparar esse sentido de *-ran* com seu contrário, *-eté*. Terra é *ibi*; uma terra boa, fértil, onde basta lançar a semente e logo, sem maiores cuidados, ela germina, floresce e dá abundantes frutos é, naturalmente, *ibi-eté*. Já uma terra (mesmo trabalhada e adubada) em que a semente não vinga, é *ibi-ran*: parece terra, tem cor de terra, cheiro de terra, consistência de terra, mas, na realidade, não é terra.

Que tem tudo isto que ver com o humanismo clássico?

Homem, em tupi, é *aba*. Um homem moralmente bom, honrado, digno é *aba-eté* (homem ao máximo, de verdade, ao superlativo); já o canalha, o corrupto, o imoral é *aba-ran*: parece homem, mas não é. Assim, também para a “filosofia” tupi (e que de modo inquietante lembra, até foneticamente, a *areté* grega) - o homem bom moralmente é *abaeté*, homem de verdade, que realiza plenamente a virtude do humano.

O drama fundamental ético-existencial do homem transcende o âmbito da filosofia acadêmica e atinge a arte popular: é apresentado até em uma genial canção de Milton Nascimento, *Jagaretê*. Nessa canção, o homem dialoga com a onça jagaretê, pedindo-lhe – a ela que já realizou plenamente o seu ser-onça: *yaguar-eté* – que lhe ensine o

correspondente ser-homem em potência máxima. E aí se retoma todo o problema ético, de Platão a Sartre: o que é verdadeiramente ser homem?

Maria, a onça jagaretê, já é maximamente onça (ser onça, que se resume na “sina de singlar e sangrar”) e o poeta, entre perplexo e invejoso, pergunta-lhe: “e eu, o que é ser homem?”

Jagaretê (*Yauareté*)

(Milton Nascimento – Fernando Brant)

Senhora do fogo, Maria, Maria, onça verdadeira,

Me ensina a ser realmente o que sou



Põe a sua língua na minha ferida

Vem contar o que eu fui,

Me mostra meu mundo

Quero ser jaguaretê
Meu parente, minha gente,
Cadê a família onde eu nasci?
Cadê meu começo, cadê meu destino e fim?
Para que eu estou por aqui?
Senhora da noite, senhora da vastidão
Ouvir pegadas e pegar
Seguir a sina de sangrar para se alimentar
Tem de guerrear, lutar, matar para sobreviver
Pois assim é a vida...
Quem vem lá? É onça que já vem comer
Quero ser a onça, meu jaguaretê
Quero onçar aqui no meu terreiro
Vou onçar sertão e mundo inteiro
Já está na hora da onça beber o seu
Vou dançar com a lua lá no céu
Dama de fogo, Maria, Maria,
Onça de verdade, quero ter a luz
Ouvir o som caçador
Me diz quem sou, me diz quem fui
Me ensina a viver meu destino
Me mostra meu mundo, quem era que eu sou

É interessante notar que o superpoder, o poder de Deus, é em tupi:eté-eté.

III. *Catu e Poranga* – *catupiry*, *Botucatu* etc.

Bom, em tupi, é *catu*; belo, *poranga* (ou *porã*, em guarani). Duas palavras que para os brasileiros são familiares, especialmente a última, pelos topônimos, como por exemplo,

Botucatu (vento bom, bons ares); Ponta-Porã (híbrida: ponta bonita). E há, pelo menos, oito estados³⁰ com cidade chamada Itaporanga.

No tupi descrito por Couto Magalhães, há uma interessante peculiaridade, assim expressa por esse autor: “Em vez de dizerem *alguma coisa boa*, eles dizem *alguma coisa bonita (poranga)*. Bondade física para eles é o mesmo que boniteza e vice-versa. A palavra **catu, bom, exprime ou qualidades morais ou bondade que não se veja**, como a de uma planta eficaz para uma moléstia³¹“. (grifo nosso)

E nesse ponto a língua indígena vem ao encontro da filosofia clássica de um Tomás de Aquino.

O belo é um transcendental do ser, algo idêntico (na coisa) ao ente (e ao bem), e com ele conversível (I-II, 27, 1, ad 3), embora tenha uma razão de definição diferente: “O belo é idêntico ao bem, só dele difere pelo aspecto que enfatiza” (*ibid.*). E este algo, que o belo acrescenta ao bem, é uma certa relação com o conhecimento: neste ponto, S. Tomás faz notar (sempre atento à linguagem comum!) que dentre as coisas sensíveis, chamamos belo ao que vemos e ouvimos (um quadro belo, uma melodia bela), mas não aos aromas ou sabores. E conclui: “Chama-se bem ao que absolutamente (*simpliciter*) apraz ao apetite; belo àquilo cuja apreensão nos apraz” (*ibid. loc. cit.*).

Assim, *poranga* é o “bom” (real ou meramente aparente) claramente perceptível, que se vê; o “bom” de *catu* pode ser invisível. Neste, como em tantos outros fatos de linguagem, o tupi revela sua visão de mundo, tão marcada

³⁰. BA, GO, MS, PB, SP, SE, MG, CE; ocorrendo por vezes as variantes: Itapurã ou Itapuranga.

³¹. *O Selvagem*, ed. fac-sim. Edusp-Itatiaia, 1976, p. 65-66.

pela relação com a natureza. Na natureza, muitas vezes, o *poranga* coincide com o *catu* e o manifesta. Uma pessoa que vai escolher uma fruta, digamos, uma banana ou um mamão, sabe que o aspecto externo é indicativo da qualidade real e nutritiva da fruta: podemos presumir que uma banana *poranga* seja também uma banana *catu* e, reciprocamente, se sua casca estiver desfigurada e negra (banana não *poranga*) provavelmente causará algum dano à saúde (banana não *catu*).

Mas não nos iludamos: os bons ares de Votu-poranga, podem ser simplesmente ares agradáveis, “gostosos” (mas não necessariamente saudáveis). Já em Botu-catu, se a cidade faz jus ao nome, os ares são saudáveis, benéficos para a saúde, embora não necessariamente agradáveis. E a catuaba (“planta boa” – Houaiss) é de gosto estranho e amargo, mas produz diversos bons efeitos, alguns prodigiosos...; já a frutinha porangaba, tem uma aparência vistosa e apetitosa.

Não por acaso, com *poranga* temos inúmeros topônimos (como os nomes de municípios paulistas Echaporã, Indiaporã, Iporanga, Itaporanga, Mairiporã, Nuporanga etc.); diversos nomes de plantas etc.

E para *catu*, destaquemos o sugestivo nome do famoso requeijão Catupiry. Ao escolher esse nome, o fabricante quis afirmar a superior qualidade do produto: *catupiry* é o bom comparativo (melhor-*better*); melhor para a publicidade teria sido afirmar o bom *catu* absoluto: *catureté* (o melhor, *the best*).

IV. Nomes possuíveis e não possuíveis

Finalmente, mas não menos importante, uma imensa sabedoria embutida no gênio da língua. É impossível e

impensável em tupi aplicar o possessivo para elementos naturais: NÃO se pode dizer “minha terra”, “meu cachorro”, “minha pedra”, “minha ilha” etc. Por outro lado, é obrigatório o possessivo para parentes e partes do corpo: não se diz “eu como com as mãos”, mas “eu como com as minhas mãos”; não “ele cuida do filho”, mas “ele cuida do seu próprio filho”. E é que ter o filho afeta diretamente o ser do pai. No mesmo sentido que na cultura árabe não só o filho é (evidentemente) o júnior, mas o ser do pai, o nome do pai (/mãe) pode se alterar quando nasce seu filho: Abu-Bakr, Abu-Nagib: tem um profundo sentido e não somente o cacoete do Faustão e de outros apresentadores...

Já o que o homem produz pode ser acompanhado do possessivo ou não: se eu trabalhei a pedra (*itá*) e a transformei em machado (também *itá*), aí posso dizer *xe itá*, meu machado (/pedra).

Precisamente para questionar a (afinal de contas, absurda) imensa rede de posses em que nossa sociedade se encontra instalada é que se dá uma das mais encantadoras formas do português brasileiro.

Trata-se da criação de um segundo modo para o frio e duro verbo “ter”. A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas relativamente *light*, correspondentes ao latino *habere* – deriva da antipática e agressiva *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem, segura, garfa e não larga.

Ao que tudo indica, também por influência africana (calcada na forma quimbundo *kukala ni*) o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”:

estar com. Na vida comunitária, indígena e africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: o grampeador, a tesoura, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o grampeador?”. [voltaremos a este tema no próximo capítulo deste livro]

Feliz dia dos Povos Indígenas!

Cultura e língua brasileiras: algumas influências africanas

(conferências no Colégio Luterano e Centro de Estudos Júlio Verne, 2019.
A edição preservou o tom coloquial das conferências)

Resumo: Notas de conferências para o Colégio Luterano São Paulo (pais e professores) e para o Centro de Estudos Júlio Verne (curso de formação de professores), sobre como identificar e valorizar a influência africana na língua e cultura brasileiras.

Palavras Chave: Visão do mundo. Português do Brasil. Educação. Influência africana na cultura brasileira.

Abstract: Notes of lectures at Colégio Luterano São Paulo and Centro de Estudos Júlio Verne on how identifying negro influence on Brazilian language and culture.

Keywords: Brazilian *Weltanschauung*. Brazilian Portuguese. Education. Negro influence on Brazilian culture.

Irene no céu

Irene preta

Irene boa

Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:

– Licença, meu branco!

E São Pedro bonachão:

– Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.

(Manuel Bandeira)

I. Algumas questões metodológicas

Embora habitualmente nos sintamos firmes e seguros a respeito de nossos conceitos e conhecimentos, se arranhamos, por pouco que seja, a superfície dessa consciência, verificamos imediatamente que nem sempre sabemos dar razão de nossas “certezas”. Quando somos

indagados sobre as ideias fundamentais da realidade humana, balbuciamos como criancinhas.

Sabemos e não sabemos! Em sua aguda sabedoria, Santo Agostinho destrói a arrogante presunção de nossos “conhecimentos” com a sentença: “*Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti explicare velim, nescio*” (Conf. XI, 14). Diante da simples questão: “o que é o tempo?”, o mestre de Hipona reconhece: se ninguém me pergunta, claro que sei o que é o tempo; se quiser explicar a alguém que me pergunta, absolutamente não sei o que é o tempo.

E o mesmo ocorre com todos os conceitos fundamentais. Quando Camões quer explicar o que é o amor, não encontra melhor formulação do que a dos versos:

...um não sei quê,
que nasce não sei onde;
Vem não sei como;
e dói não sei porquê.

A mesma dificuldade em externar em palavras, pude constatar inúmeras vezes em aula, em diversos níveis – do ensino médio ao doutorado – ao perguntar o que, afinal, é a saudade (palavra da qual nos gabamos de ser só nossa, da língua portuguesa...). Nunca encontrei nenhuma resposta que atingisse, ainda que minimamente, a essência específica da saudade: uma dor gostosa!³²

Claro que sabemos muito bem o que é a saudade, o amor e o tempo, mas é difícil explicitar em formulação concreta o que são.

³². Para o tema da saudade, veja-se a Nota em Apêndice. ao final deste volume.

Do mesmo modo, para situar nossa questão: sim, sabemos muito bem que há enorme influência africana na cultura brasileira (só “não sabemos”, no sentido de que não podemos precisar precisamente, “matematicamente” esses fatos...). Mas seria abdicar da Sociologia, negarmos evidências da experiência como as que Gilberto Freyre (2006), categoricamente, aponta em seu clássico *Casa Grande & Senzala*:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. (p. 366)

Tratando-se de pesquisar uma realidade natural qualquer, em geral temos acesso direto a ela: se quero saber a composição de uma amostra de sal, posso tomá-la em minha mão, levá-la a um laboratório e, submetendo-a aos procedimentos apropriados, descubro que contém tanto de sódio, tanto de cloro, de iodo etc. Posso analisar detalhadamente realidades mínimas, como o *Aedes Aegypti*, com poderosos microscópios; ou imensamente distantes, com telescópios (ou até enviar uma sonda a Marte para saber se há água lá) etc. Mas, as coisas se complicam quando se trata da realidade humana: o que é o amor, a inveja, a gratidão, a justiça...? Aí recaímos naquele saber-sem-saber agostiniano...

O que no modo de ser do brasileiro é herança africana? De que instrumento dispomos para sondar o coração humano?

Para ajudar-nos nessa tarefa, o filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper propõe que a realidade humana só pode ser acessada por canais indiretos e, nessa linha, a linguagem é uma instância privilegiada para a antropologia filosófica (e para a sociologia). E também as instituições (a capoeira terá muito a nos dizer...), que pautam nossa vida, e os modos de agir humanos. A realidade humana como que se esconde, decanta-se nesses três “sítios”, esperando para ser resgatada.

Assim, se em Sociologia nem sempre podemos demonstrar por a+b o que afirmamos; por outro lado, as experiências – com a linguagem, instituições e os modos de agir – estão aí e podemos, com o grau de rigor e certeza próprios dessa ciência (que não é exata), tratá-las com alguns procedimentos metodológicos apropriados.

Outra complicação: é certo que “o brasileiro” não existe; existem os brasileiros concretos, com sua infinita e variada diversidade. Mas, sim, a Sociologia pode legitimamente (com as devidas ressalvas) falar em “o brasileiro”. Em primeiro lugar, como **tipo**: nunca esquecer que quando falamos, no neutro, sobre a influência *de* “o africano” em “o brasileiro”, estamos falando de tipos e não da realidade ela mesma (“*lo brasileño*” e não “*el brasileño*”).

E não será abusivo falar de “o africano” ou “o brasileiro”, em termos de *vigencias*³³ (Ortega y Gasset), estas sim mais ao alcance da mão: aquela faixa (de relativa amplitude) de atitudes e comportamentos (de alimentação, vestuário, trato com o outro etc.) que são pressupostos por

³³. Para o tema dos tipos (o “brasileiro”) e das *vigencias*, veja-se Lauand, Jean “Espanha e Brasil: ‘*las vigencias*’”, Revista Internacional d’Humanitats N. 42, <http://www.hottopos.com/rih42/129-136Jean.pdf>.

determinada sociedade e exercem pressão: os padrões *taken for granted* que regem a vida de todo mundo em dada comunidade.

Por exemplo, as vigências brasileiras quanto à pontualidade são muito mais flexíveis do que as britânicas, japonesas, alemãs ou americanas. E o mesmo se diga das vigências brasileiras, que permitem ampla margem de contato físico mesmo sem elevado grau de intimidade: beijinhos, abraços etc., que são impensáveis em outras culturas. E em uma advertência para brasileiros na Espanha, o jornal *El País*, apontava outros dois exemplos de vigências que surpreendê-los-ão em praias espanholas [a sunga ou o fio dental são tupiniquins]:

Chega a metade da tarde e você pensa em tomar uma cervejinha com queijo coalho ou uma caipirinha com camarão. Nos dias mais animados pensa que pediria um capeta pro moço e lembra como, nestes casos, acabava fazendo amigos.

Mas você abre os olhos e está em uma praia espanhola. Toca um sino e chega um carrinho vendendo a “merenda”. Dá a impressão de que é só pra crianças mas de repente toda a população de biquíni gigante e bermuda-à-meia-coxa se aglomera pra comprar café com leite e chá. Quente. Com bolinho de creme, pra merendar na praia (!!).

(https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/28/politica/1454003450_219630.html)

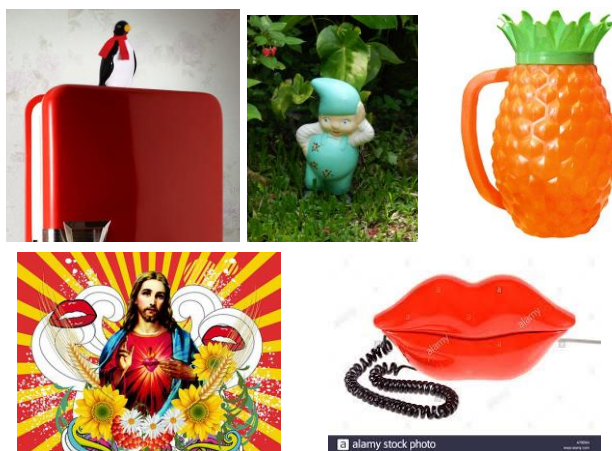
Baseado em vigências e tipos, havia (talvez seja retomado) um delicioso programa diário da RAI (ao vivo dos estúdios de Nápoles), *Zero e Lode*, que é um *quiz* no qual vence a equipe que der a resposta certa e menos óbvia (em relação a um prévio grupo de controle). O apresentador Alessandro Greco (informal e animadíssimo, como costumam ser os programas de auditório napolitanos) diverte-se surpreendendo a plateia com perguntas que (frequentemente) manifestam o contraste com as vigências do tipo “antagonista”: a sisudez britânica.



Assim, por exemplo, “Segundo a pesquisa da Universidade tal... – do Reino Unido – quais são as 10 gafes, que mais deixam uma pessoa embaraçada?” E, claro, nenhum napolitano, atinou com a resposta *Zero*, a resposta campeã absoluta: chegar atrasado a um encontro!! Do mesmo modo, “segundo a pesquisa da Universidade tal... – do Reino Unido – quais são as 20 coisas, que mais fazem uma pessoa feliz?” E, para assombro do público, “comer bem” não figurava na lista dos (bárbaros) britânicos!

I.1 *Collatio* na captura de um significado

Neste artigo praticaremos metodologicamente a *collatio*. Antes que possamos expressar em fórmulas nossos conceitos, e mesmo antes que os conceitos se formem, há uma operação que os antecede e os prepara: a apresentação de uma série de casos diferentes, mas com um núcleo comum, e esse cotejamento, essa *collatio*, como que incuba os futuros conceitos e suas traduções em fórmulas verbais. É um convite à intuição (que pode ter suas dificuldades de explicitação verbal): antes de definirmos expressamente, por exemplo, o que é “*kitsch*” e antes mesmo de que aparecesse a palavra “*kitsch*”, já havia uma intuição de que havia algo em comum entre o pinguim de geladeira, o anãozinho de jardim, a jarra de água de plástico em forma de abacaxi etc. etc. etc.



A pessoa ainda não sabe formular em palavras o que é o kitsch, mas a *collatio* já o capturou e quando aparecer um novo espécimen é provável que ela o reconheça e o inclua entre seus pares na listagem...

I.2 Um tipo referencial: “o brasileiro” como ESFP (de David Keirsey)

Outro referencial metodológico importante para nosso tema são os estudos do psicólogo americano David Keirsey³⁴, que, baseado nos *Tipos psicológicos* de Jung, criou uma tipologia de temperamentos, que temos procurado aplicar não só aos indivíduos, mas também a coletivos.

Nesse sentido, dentre os quatro tipos fundamentais de temperamento de Keirsey, “o brasileiro” enquadra-se no temperamento SP.

O site oficial de David Keirsey (<https://keirsey.com/temperament/artisan-overview/>), aponta as seguintes características dos SP:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos, e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

Claro que para o temperamento SP (alegre, improvisador, espontâneo e lúdico), as disfunções estarão na linha da imaturidade e da irresponsabilidade.

³⁴. Uma boa exposição sobre a doutrina de Keirsey encontra-se em Lauand, João Sérgio, 2014.

Ao temperamento SP, devemos juntar os fatores E do par de opostos E/I, (Extrovertido/Introvertido) e F, do par de opostos F/T (*Feeling / Thinking*). F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria, racional e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

Essa diferença é muito bem registrada no filme *The Iron Lady*, no qual Meryl Streep interpreta Margareth Thatcher, a dama de ferro, a dama T.



Já aposentada e fragilizada pela idade, o médico lhe pergunta como se *sente* e ela revela seu modo de ser T:

“How do you feel?”

“Don’t ask me how I feel. Ask me what I think. People don’t think any more, they feel. One of the greatest problems of our age is that we are governed by people who care more about feelings than they do about thoughts and ideas.

Now, thoughts and ideas, that's what interests me. (...) and I think I am fine”³⁵

Se o SP, improvisador e não especialmente cumpridor de regras, já nos garante metade do “jeitinho” brasileiro, o fator F fornece a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com simpatia, com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou “meio” contra mão..”, como dizem os SP) de um acesso à Av. dos Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: “Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...”. Por sorte, o guarda se sensibilizou e tudo ficou só numa “áspera” repreensão verbal.

Um resumo do tipo ESFP é feito pelo próprio site de Keirsey:

Os ESFP têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse

³⁵. “Como a senhora se sente?”

“Não me pergunte como eu me sinto, mas o que eu penso. Hoje ninguém mais pensa, as pessoas sentem. Um dos maiores problemas de nosso tempo é que somos governados por pessoas que preferem valorizar seus sentimentos em detrimento do pensamento e das ideias. Para mim, só contam pensamentos e ideias (...) e, doutor, eu penso que estou ótima”.

social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de

poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

(no site oficial de Keirsey, trad. Publ. em Lauand, Jean org. *Uma introdução à tipologia de David Keirsey*. São Paulo: Factash, 2018).

I.3 Os SP em nossa cultura

A grande oposição entre os tipos de Keirsey dá-se entre os SJ e os SP. Os dois juntos perfazem cerca de 80% da população, com vantagem para os SJ. Ambos são realistas, mas enquanto o SJ é o tipo do dever, da responsabilidade, apoiado no passado e nas tradições, cauteloso e previdente, o SP é o impulsivo, voltado para o aqui e o agora (a palavra que o mata, diz Keirsey é: *wait*), o *carpe diem*, sem se preocupar com o passado e só com o futuro que está construindo no momento presente.

O SJ, que valoriza o passado e a experiência (e porque se apegua à experiência) pode tender a um pessimismo (macaco velho...); já o SP vê a realidade como um risco que vale a pena.

Em nossa cultura ocidental, a maioria das fábulas e provérbios são para avalizar os valores SJ, embora no Brasil as vigências sejam da minoria SP.

Os SJ dirão: “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. “De grão em grão a galinha enche o papo”. “Um homem prevenido vale por dois”. “Devagar e sempre”. “Pense duas vezes antes de agir”. “O seguro morreu de velho”. “Como está o mundo, aonde vamos parar?” “A pressa

é inimiga da perfeição”. “Quem espera sempre alcança”. “Deus ajuda quem cedo madruga”.

Já o SP prefere outras expressões e provérbios como: “Quem não arrisca, não petisca”. “O que não mata, engorda”. “Mais vale um gosto do que seis vinténs”. “Quem não tem cão caça com gato”. “O amor é eterno... enquanto dura.” “Águas passadas não movem moinhos”. “É agora ou nunca”. E expressões como: “Demorou!”, “Só se for agora” etc.

I.4 Os SP no folclore quimbundo

Se na moral de nossas fábulas, prevalecem valores SJ (os SJ dominam as escolas...) e a formiga, SJ, no final, se dá bem, a cigarra, SP, se dá mal; na tradição oral africana (embora se promovam também valores SJ) as coisas nem sempre são assim.

É interessante recolher aqui um par de pequenos contos do folclore quimbundo, nos quais os personagens que se saem bem são os SP. Recolhemos de *Contos Populares de Angola – Folclore quimbundo* (Moutinho, 2012) e são analisados sistematicamente em *A milenar arte da oratura angolana e moçambicana* (Nunes 2009), uma coletânea muito mais ampla.

O conto “Os dois construtores” (Moutinho, 2012, p. 63) e (Nunes 2009, 228) é música para ouvidos SP. No original quimbundo, oferecido por Chatelain (1894): *Mutunge a uheté ni mutunge a kusaneneka* [de acordo com o Dicionário Assis Júnior (1941) *uhete* – esmero; *kisaneneka* impetuoso, impulsivo no que faz]:

Os dois construtores

Dois homens têm o mesmo nome, Ndala. Porém, um é construtor habilidoso [esmerado, perfeccionista (Assis Júnior); da capacidade: *of ability* (Chatelain)] e o outro construtor rápido [impulsivo, impetuoso (Assis Júnior)].

Foram juntos para o trabalho. No caminho ameaçou tempestade. Pararam e disseram: – Vamos armar as tendas.

Ndala, o construtor rápido, terminou o trabalho e entrou na tenda.

Ndala, o construtor habilidoso, preocupou-se com a perfeição e quando chegou a tempestade morreu por não ter abrigo.

A mesma valorização do SP em “O passado e o futuro” (Moutinho, 2012, p. 19) e (Nunes 2009, 159-160)

O passado e o futuro

Dois homens caminhavam por uma estrada quando encontraram um vendedor de vinho de palma. Os viajantes pediram-lhe vinho e o homem prometeu satisfazê-los, mas com uma condição:

- Terão de me dizer os vossos nomes.

Um deles falou:

- Chamo-me *De onde Venho*.

E o outro: - *Para Onde Vou*.

O homem aplaudiu o primeiro nome e reprovou o segundo, negando a *Para Onde Vou* o vinho de palma.

Começou uma discussão, e dali saíram à procura do juiz. Este ditou logo a sentença:
- O vendedor de vinho de palma perdeu. *Para Onde Vou* é que tem razão, porque *De Onde Venho* já nada se pode obter e, pelo contrário, o que se puder encontrar está *Para Onde Vou*.

II. Algumas contribuições africanas para a formação do Brasileiro ESFP

Uma pista para robustecer nossas intuições sobre as contribuições africanas para “o brasileiro” é contrastá-las com vigências de regiões semelhantes, mas sem o diferencial da presença africana. Por exemplo, comparando as vigências do Brasil (ou, ainda melhor, da Bahia...) com as de Portugal; as de Salvador com as de Curitiba; etc.

Em nossa *collatio*, um primeiro exemplo incontestável.

O católico brasileiro, tipicamente ESFP (extrovertido, impulsivo e afetivo), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso (“conforme a oportunidade”), do convite, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”.

Coeteris paribus, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em poucos segundos a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era – mais África, impossível! – o ponto alto da cerimônia: um “arrastão” no qual cada um procurava

cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor...

Recentemente o Papa Francisco, para coibir exageros, confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: proibindo o deslocamento dos fiéis e do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar” (claro que não!).





Esse fator F do ESFP, potencializado pelo africano, perpassa todos os aspectos da conduta do brasileiro, como é o caso da vivência do tempo.

A tese de Gilberto Freyre em *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (1986, p. 350).

Marías exemplifica com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga etc.

Claro que o brasileiro, junto com seus valores, traz consigo também suas mazelas, por vezes a outra face dos próprios valores. Neste sentido, um exemplo, que se aplica perfeitamente ao Brasil, e à ambígua dualidade do “homem cordial” (que como bem lembra Fernando Henrique Cardoso (2013): “é o homem do coração, que se opõe ao homem da

razão. Cordial não quer dizer ‘bom’, quer dizer da ‘emoção’”)

É a dualidade da situação que se expressa na sentença de Tomás de Aquino: *iustitia enim sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio* (a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução) (*Catena Aurea in Matthaeum 5, 5*).

A sensibilidade para com a pessoa, o amor e a misericórdia do “homem cordial”, que tornam a vida possível – para além da crueza da estrada “justiça” –, são as mesmas que, quando não temperadas pela justiça, instalam a dissolução da sociedade, que, em nome do “deixa disso”, “deixa prá lá”, “coitadinho” etc., instala a corrupção, a impunidade, o patrimonialismo etc.: a dissolução.

Um exemplo dessa ambivalência do homem cordial dá-se na qualidade dos serviços oferecidos pelos brasileiros: é frequente, nos mais diversos setores, encontrarmos profissionais de altíssimo nível de relacionamento humano: simpatia, acolhimento, calor pessoal autêntico, enfim, excelentes qualidades “conaturais” a muitos brasileiros e que superam de longe o pessoal preparado por programas de treinamento que mecanizam um atendimento “cordial”. Lembro que logo que uma grande cadeia de *fast food* se instalou no Brasil, a brincadeira que fazíamos para “zoar” com os funcionários robotizados era pedir uma pizza de muçarela e, após ouvir, o estandardizado: “Foi um excelente pedido, senhor!”, ajuntávamos: “Não, pensando bem, troca por uma de calabreza!”, para ouvir a resposta: “Foi um excelente pedido, senhor!”³⁶.

³⁶. O lado negativo é (além das já citadas impontualidade e lentidão) a falta de sentido de compromisso e de responsabilidade: é assustadora a

Nesse sentido, um dos fatos encantadores de nossa língua³⁷ é precisamente chamar o trabalho de serviço (!): “vou para o serviço”, “ele está no serviço”.

Um milhão de estrangeiros de 203 nacionalidades visitaram nosso país na Copa do Mundo e para mais de 60% deles era sua primeira visita ao Brasil. Quantos países no mundo poderiam exibir uma avaliação sobre os anfitriões (pesquisa DataFolha) com 98% no quesito simpatia; 95% em receptividade e 95% de ótimo ou bom quanto à hospitalidade? (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/176159-copa-do-mundo.shtml>).

A outra face dessa moeda é a prepotência de muitos ricos, madames e “bacanas”, e seu desprezo pelo serviço e pelos mais humildes. Os supermercados de bairros nobres de São Paulo são todo um laboratório da mentalidade de nossas “elites”.

Certa feita, em um desses estabelecimentos, sem querer, derrubei um pacote de salgadinhos de uma prateleira. Ao abaixar-me para apanhá-lo, uma madame interveio energicamente: “Não faça isso...!”. Eu, erradamente imaginei que ela estava condoída de minhas dificuldades motoras (andador etc.), até que ela completou: “‘Eles’ [a senzala] é

sem-cerimônia com que se atrasa (ou mesmo se deixa de comparecer) ao horário agendado com o barbeiro ou a podóloga (e vice versa: você chega no horário agendado e tem de esperar meia hora ou mais...) e isso, muitas vezes, sem sequer se dar ao trabalho de telefonar desmarcando... As vigências assim o permitem.

³⁷. Fato que não passou despercebido ao Papa João Paulo II, que, em discurso aos trabalhadores em São Paulo (3-7-80) disse: “O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros.” (http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800703_operai-brasile_po.html) Acesso em 3-1-19.

que têm que fazer isso!”. A casa grande não podia abrir precedentes para a senzala. Por isso, outra das regras tácitas é não agradecer e – jamais, sob hipótese alguma – desculpar-se com algum escravo.

Nesse mesmo supermercado, atrás de mim, no caixa para um máximo de 10 volumes, estava uma madame pondo sob a esteira muitos mais produtos do que o estabelecido. A mocinha do caixa, timidamente, avisou: “Senhora, o máximo aqui são dez volumes”. Ignorando completamente a advertência, a senhora continuou a descarregar. A mocinha, com voz ainda mais baixa, tornou a avisar. E como a madame insistisse em ignorar, resolvi intervir drasticamente: “A senhora não ouviu o que ela disse: o máximo são dez volumes?”. Do alto de sua superioridade e com um sorriso misto de condescendência e desdém (pela “traição” que eu, como branco, estava cometendo), ela ajuntou: “Mas minhas compras não chegam a dez volumes...” Pensei em armar uma bela confusão, chamar o gerente etc. mas detive-me ante o desfecho óbvio que o caso teria: injusta punição para a mocinha do caixa...

Nem é preciso dizer que, nesses estabelecimentos, as vagas de deficientes e idosos nunca são respeitadas e já presenciei um funcionário receber humilhações e pesados insultos por pedir o devido cartão a um cliente.

Bem diferentes são as coisas no Lava-rápido do japonês do Jardim Bonfiglioli: o dono “pega no pesado” junto com os empregados, sem o menor constrangimento. A Dra. Chie Hirose fez-me notar que o Japão, um país sem as marcas históricas da escravidão, produz essa cultura, capaz de limpar lixo dos outros nos estádios, como – perplexos – vimos na Copa...!

Nunca se diz não. Uma manifestação dessa “cordialidade” é a (para efeitos verbais...) suavidade brasileira (que infelizmente vai se perdendo, também ao sabor de radicalismos políticos maniqueístas e a disseminação do tom de ódio nas redes sociais). Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que (assim, sem enfática insistência) não se trata de um verdadeiro convite, mas de mera cortesia verbal. Já um interlocutor estrangeiro pode responder, de agenda na mão: “e quando pode ser?”.

Se um brasileiro recebe um convite descabido – “Faço questão que você vá na cerimônia de formatura de minha sobrinha neta na Educação Infantil” – ele nunca dirá um “não” (em nossas *vigencias* não cabe o não), mas responderá: “- Com certeza!”, “- Ôooopa!” ou qualquer outra forma absolutamente afirmativa (mas que significam realmente um claro não). Em Espanha, onde as coisas são diretas, a avó coruja vai ouvir um sonoro: *¡No!* ou *¡Que no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizados pelas *vigencias* de lá) *¡Que no, jo&*#!*, ou *¡Que no, co&*!*

II.1. A alegria e o lúdico

A alegria é mais um patrimônio afro nosso, tanto maior quanto mais afro for a região. Falando da Bahia e dos baianos (e do Nordeste e do Brasil em geral), Julián Marías escreveu um precioso artigo “*Bahía, la vocación de la alegría*” (1986) fala da alegria como vocação (“no mercado de Olinda, que é um mercado pobre, há mais alegria que em toda a Suíça!”) e diz que até viu alguns baianos tristes:

Mas percebi que o estavam também porque *pretendiam* a alegria, porque sentiam que era algo que lhes pertencia e lhes tinha sido alienado. Isto é o que é decisivo e evidente: os baianos têm *vocação de alegria*, que lhes parece ao mesmo tempo seu direito e seu dever. (1986, pp. 226-227).

Alegria brasileira que se expressa, transborda no indefectível sorriso de um Martinho da Vila, de uma Selminha Sorriso ou de um Neguinho da Beija Flor (mesmo na grave doença)...

O lúdico impera. A piada, o trocadilho, a tirada são imensamente apreciados e têm livre trânsito em nosso convívio. Piada que quebra as barreiras da impessoalidade no trato e – para o bem e para o mal – a seriedade das instituições. Lembro-me, por exemplo, que, na infância, todo colégio estadual ganhava um epíteto rimado da garotada: “Colégio Estadual Brasília Machado, entra burro e sai tapado!”, “Colégio Estadual Vila Clementino, entra burro e sai cretino!” Etc.

O lúdico atinge limites imprevisíveis. Até em casos de desastrosas enchentes, chegamos, por vezes, a encontrar na TV, entre as vítimas, um toque lúdico em meio à desgraça. Como diz o certo e intrigante verso – toda uma definição do Brasil – de Chico e Vinicius: “a alegria que não tem onde encostar”, da canção “Gente Humilde”.

Estamos tão acostumados ao lúdico que nem sequer notamos seus exageros, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresentasse oficialmente como leão?!!



II.2. A linguagem afetiva e da vida

Um setor, de inegável influência africana no Brasil, é o da exuberância ao externar afetividade: explosão de carinhosa extroversão (o que pode, perfeitamente, conviver com as estatísticas que situam o Brasil entre os países mais violentos do mundo...).

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no Norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cacá, pipi, bumbum, tentém, nenem, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha*. Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos

escravos. As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nézinhos, Mandus, Manés; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Isto sem falarmos das Iaiás, dos Ioiôs, das Sinhás, das Manus, Calus, Bembens, Dedés, Marocas, Nocas, Nonocas, Gegês. (Freyre 2006, p. 331-2).

Nesse sentido lembro-me que, ainda criança, acompanhando em álbuns de figurinhas, as copas de 58 e 62, já me chamava a atenção que, enquanto todo o resto do mundo era composto só de nomes ou sobrenomes, o time do Brasil tinha apelidos: Didi, Vavá, Pelé, Garrincha, Pepe, Dida, Zito...

Prossegue mestre Freyre (2006, p. 416-417):

Nenhuma influência foi maior que a do negro. As palavras africanas hoje do nosso uso diário, palavras em que não sentimos o menor sabor arrevesado do exótico, são inúmeras. Os menos puristas, escrevendo ou falando em público, já não têm, como outrora, vergonha de empregá-las. É como se nos tivessem vindo de Portugal, dentro dos dicionários e dos clássicos; com genealogia latina, árabe ou grega; com pai ou mãe ilustre. São entretanto vocábulos órfãos, sem pai nem mãe definida, que adotamos de dialetos negros sem história nem literatura; que deixamos que subissem, com os moleques e as

negras, das senzalas às casas-grandes. Que brasileiro – pelo menos do Norte — sente exotismo nenhum em palavras como *caçamba*, *canga*, *denço*, *cafuné*, *lubambo*, *mulambo*, *caçula*, *quitute*, *mandinga*, *moleque*, *camondongo*, *muganga*, *cafajeste*, *quibebe*, *quengo*, *batuque*, *banzo*, *mucambo*, *bangüê*, *bozô*, *mocotó*, *bunda*, *zumbi*, *vatapá*, *caruru*, *banzé*, *jiló*, *mucama*, *quindim*, *catinga*, *mugunzá*, *malungo*, *birimbau*, *tanga*, *cachimbo*, *candomblé*? Ou acha mais jeito em dizer “mau cheiro” do que “catinga”? Ou “garoto” de preferência a “moleque”? Ou “trapo” em vez de “mulambo”? São palavras que correspondem melhor que as portuguesas à nossa experiência, ao nosso paladar, aos nossos sentidos, às nossas emoções.

O *Aurélio* apresenta cerca de 500 palavras brasileiras de origem africana ou tomadas do quimbundo, uma das línguas de Angola que mais contribuiu para o português do Brasil. Recolho algumas: *cabaço*, *caçamba*, *cachimbo*, *cacimba*, *caçula*, *café* (de ficar encaféfado), *cafuné*, *camundongo*, *candango*, *canjica*, *caolho*, *carimbo*; *calombo*, *capanga*.

II.3. Diminutivos por toda parte, até para aumentar

Selecionei as palavras acima, começadas por *ca*, para comentar um dos misteriosos encantos das línguas bantu (diversas línguas subsaarianas): o léxico se apresenta organizado em classes (em geral, dez), cuja primeira sílaba

(sing. ou pl.) já indica também em qual setor da realidade (ser humano, animal, instrumento, categoria abstrata, ação verbal etc.) se encontra aquela palavra (em geral, claro que há exceções).

Assim, no quimbundo, a 10ª classe, a importante classe dos diminutivos tem como classificador precisamente **ca**: ca-rimbo é uma marquinha; caolho é híbrido: o diminutivo quimbundo **ca** + port.: **olho**.

No clássico *Raízes do Brasil*³⁸, Sérgio Buarque de Holanda ao fazer a importante sugestão da linguagem para a compreensão do brasileiro – “um estudo atento das nossas formas sintáticas traria, sem dúvida, revelações preciosas” – o próprio autor ilustra o caráter revelador da linguagem com nosso uso dos diminutivos (certamente potencializado por influência africana):

Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. (ed. cit.)

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, até alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos,

³⁸ Citarei pela ed. eletr. <http://filosofiabrasileiracefib.blogspot.com.br/2013/01/sergio-buarque-de-holanda-cap.html>. Acesso em 3-1-19.

“coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos Cachoeira, Fernandinho Beira Mar, Marcinho VP, Marcola etc.

O mais curioso no quimbundo é que a 10^a. classe, a dos diminutivos é também a mesmíssima dos aumentativos. A palavra conhecida nossa, *Kalunga*, é apresentada pelo clássico Alexis Kagame, como um dos diversos nomes conferidos a “Deus” nas línguas bantu: *lunga* (*ku-lunga*, 8^a. classe, ação verbal) é juntar, e assim Deus é o diminutivo/aumentativo: aquele que, por excelência, junta: o “juntadorzão” (não esqueçamos que, em nossa tradição cristã, o diabo, *diábolos* é aquele-que-separa).

Antes de ficarmos perplexos ante a dúvida de se Deus é juntador (zinho ou zão), recordemo-nos que, nós mesmos também usamos o diminutivo como aumentativo! Quando o pão de queijo acaba de sair do forno e está em sua máxima temperatura, dizemos: “aproveita, que está quentinho”. Se o filho é idêntico ao pai, é igualzinho; a moça extremamente apaixonada está “caidinha” pelo rapaz e o jogador que maximamente pontua no basquete é o “cestinha”. Uso que é pura influência africana ou, ao menos, por ela potencializada.

II.4. A flexibilização do “ter”

Uma das mais impressionantes marcas africanas foi nos sugerida por uma questão do ENEM 2018:

Questão 53 (Enem 2018 – Dia 1)

Em algumas línguas de Moçambique não existe a palavra “pobre”. O indivíduo é pobre quando não tem parentes. A pobreza é a solidão, a

ruptura das relações familiares que, na sociedade rural, servem de apoio à sobrevivência. Os consultores internacionais, especialistas em elaborar relatórios sobre a miséria, talvez não tenham em conta o impacto dramático da destruição dos laços familiares e das relações de entreajuda. Nações inteiras estão tornando-se “órfãs”, e a mendicidade parece ser a única via de uma agonizante sobrevivência.

COUTO, M. E se Obama fosse africano? & outras intervenções. Portugal: Caminho, 2009 (adaptado).

Em uma leitura que extrapola a esfera econômica, o autor associa o acirramento da pobreza à

Resposta correta

- b) Fragilização das redes de sociabilidade.

O que verdadeiramente temos não é a posse férrea do capitalismo, mas a riqueza do compartilhar.

É o que expressa uma palavra bantu que tornou-se famosíssima e que contém enorme carga de significado: *ubuntu*. Nas últimas décadas, *ubuntu* assumiu avassaladoramente a mídia, por conta da luta contra o *apartheid* na África do Sul. Nelson Mandela foi considerado a própria personificação do *ubuntu*, e o bispo, Nobel da Paz, Desmond Tutu criou a *Ubuntu theology*.

Mberia (2015) mostra a difusão da palavra *ubuntu* (/ suas variantes) em diversas línguas bantu, remetendo-a ao Proto-Bantu (!) e existente na própria origem dessas línguas,

na região entre Nigéria e Camarões (p. 113). *Ubuntu* pertence a uma especial classe abstrata, originariamente significando *humaness / humanity* (p.113).

Em seus 5000 anos de história, a palavra foi ganhando contornos semânticos e, especialmente no sul da África, passando a significar não só a humanidade (como conjunto dos seres humanos), mas sobretudo aquilo que faz com que um homem seja homem: o ideal personificado por Mandela.

The semantic field of “ubuntu” in South Africa has expanded transforming it from an ordinary word to an idea, an ideal, a philosophy and a potential political, social and economic tool. The semantic expansion and especially the direction it has taken has come about due to the unique and momentous challenges that people in Southern Africa, and especially they have faced both as individuals and as communities. That is the nature of language: it is affected by and adjusts to its environment. (Mberia 2015, p. 113)

O significado de *ubuntu* é assim resumido por Oppenheim:

A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume na frase “*Umntu ngumuntu ngabantu*” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos” (cit. por Mberia 2015, p. 105).

Na famosa entrevista de 2006 ao jornalista sul africano Tim Modise (cf. p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>), o próprio Mandela fala sobre o significado de *ubuntu*:

Entrevistador: Muitos o enxergam como a personificação de ubuntu, como você entende o que é ubuntu?

Nelson Mandela: Antigamente, quando éramos jovens, um viajante que parasse numa aldeia não teria que pedir por água ou comida. Bastava ele chegar e as pessoas o atenderiam, dar-lhe-iam comida. Este é um aspecto do ubuntu mas há vários outros. Respeito, solicitude, compartilhar, comunidade, cuidar, confiar, abertura para o outro: uma única palavra pode significar tanto e é o espírito do ubuntu. Ubuntu não significa que alguém não deva ocupar-se de si, mas a questão é: ao fazer isso é para promover a comunidade a seu redor e promover a melhora dela?

Precisamente para questionar a (afinal de contas, absurda) imensa rede de posses em que nossa sociedade se encontra instalada é que se dá uma das mais encantadoras formas do português brasileiro.

Trata-se da criação de um segundo modo, alternativo e dominante entre nós, para o frio e duro verbo “ter”.

A forma portuguesa (e a espanhola) do “ter” – ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm formas relativamente *light*, correspondentes ao latino *habere*

– deriva da antipática e agressiva *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é *tenedor*: aquele que tem, segura, garfa e não larga; como a *tenaz* com que o ferreiro agarra e prende sua peça. E não podemos contar com o particípio “tenente”, porque se especializou em linguagem militar.

Ao que tudo indica, também por influência africana – calcada na forma quimbundo *kukala ni* (?) – o português do Brasil criou uma suave e deliciosa alternativa para “ter”: **estar com**. Na vida comunitária, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: o grampeador, a tesoura, o carregador do celular, a pasta de dentes... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas *kukala ni* - “estar com”: “Você está com a tesoura?” “Quem está com o grampeador?”. (Já na firma, a tesoura e o grampeador ficam ligados a uma correntinha...)

Assim, a linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre em Portugal nem na Espanha): “Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, tienes fiebre...*). O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto

teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

Referências bibliográficas

- Assis Júnior, Antonio de **Dicionário Kimbundo Português**. Luanda: Argente, Santos & Cia., 1941.
- Cardoso, F. H. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras: 2013 (cito pelo e-book)
- Chatelain, H. **Folk-tales of Angola**. Pub. for the American Folk-lore Society by Houghton Mifflin and company; [etc., etc.], Boston and New York, 1894.
- Freyre, Gilberto **Casa Grande & Senzala**, São Paulo: Global, 2006
- Keirse, David **Site oficial**. 2014 www.keirse.com
- Lauand, Jean A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d'Humanitats**. São Paulo/Barcelona, N. 28, 2013 <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>
- Lauand, João Sérgio **Personagens Ficcionalis. Tipos de David Keirse e a Educação**. São Paulo: Factash. 2014. www.hottopos.com/ebooks/LivroJSLauKeirse.pdf
- Marías, J. **Hispanoamérica**. Alianza: Madrid, 1986.
- Mberia, Kithaka wa Ubuntu: linguistic exorations. **International Journal of Scientific Research and Innovative Technology** Centre for Promoting Knowledge (CPK) Vol. 2 No. 1; January 2015, pp. 103-115.
- Moutinho, José Viale (org.) **Contos populares de Angola. Folclore quimbundo**. São Paulo: Aquariana, 2012.
- Nunes, Susana Dolores Machado **A milenar arte da oratura angolana e moçambicana**. Porto: Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2009. https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros_electronicos/EB015.pdf

Espanha e Brasil: “*las vigencias*”

(notas de conferência do Cemoroc para professores e alunos de espanhol do Ensino Médio da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, 13-11-17)

Resumo: Notas de conferência sobre as *vigencias* em Espanha e no Brasil, para professores e alunos de língua espanhola do Ensino Médio da rede municipal de São Paulo. Preservou-se o tom coloquial da conferência.

Palavras Chave: Espanha. Brasil. Língua. Sociologia.

Abstract: Notes of a lecture on Spanish and Brazilian *vigencias* compared. Lecture at a public school of São Paulo.

Keywords: Spain. Brazil. Language. sociology.

“Temos no Brasil dois modos de colocar pronomes, enquanto o português só admite um — o ‘modo duro e imperativo’: *diga-me, faça-me, espera-me*. Sem desprezarmos o modo português, criamos um novo, inteiramente nosso, caracteristicamente brasileiro: *me diga, me faça, me espere*. Modo bom, doce, de pedido.”

Gilberto Freyre

Vigencias

Primeiramente, quero agradecer à Profa. Juliana Oliveira por este convite para conversarmos sobre a Espanha, o Brasil, nossas *vigências* e nossas línguas. Devo dizer, antes de mais nada, que a língua espanhola parece-me riquíssima, encantadora e de imenso valor, com recursos refinados (para a abordagem pessoal do humano; com o neutro, os pronominais etc.).

Claro que falar de “o brasileiro” e “o espanhol”, assim sem mais, seria uma *tontería*, uma generalização grosseira: nossos países comportam imensas diversidades, contrastes, contradições (precisamente nestes dias assistimos à reivindicação da independência da Catalunha, exigindo o reconhecimento de sua identidade própria)... e mesmo as regiões não admitem simplificações primárias.

Assim, iremos, na medida do possível, falar de “o espanhol” ou “o brasileiro”, entendidos como “tipos ideais” (que obviamente não devem ser confundidos com a realidade) e examinaremos esses tipos com as mil reservas que a metodologia do caso nos impõe. O mais adequado é partir daquilo que na filosofia de Ortega y Gasset e Julián Marías (1914-2005) se denomina *vigencias*. Já advertindo, desde logo, que devemos analisar as *vigencias* sem bairrismos, sem narcisismos, sem juízos de valor: trata-se simplesmente do modo como uma sociedade se organiza e, em muitos casos, o espanhol bem que poderia ajudar-nos a corrigir algumas de nossas mazelas.

Mas vamos às *vigencias*. Em 1998, tive o privilégio de assistir a uma conferência de Marías em Madri, na qual esse grande pensador espanhol falava das *vigencias*, o que a sociedade *da por supuesto* e como que impõe a seus membros:

(...) Em alguns sentidos trata-se de uma pressão social difusa: é a pressão que exercem as *vigencias*, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades. É evidente que a sociedade me dá já

prontas muitas soluções para problemas, como por exemplo, o que se deve vestir.

Para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha... mas, enfim, há um padrão geral).

Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são tão importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na refeição matinal.

(http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm).

Para já, uma dessas surpresas de brasileiro diante de *vigencias* espanholas, a dos horários, relativamente tardios, eu a tive com o próprio Julián Marías, em 1997. Ao chegar a Madri, telefonei para Don Julián para combinar o horário em que ele me receberia para uma entrevista. Ele me disse que eu poderia ir a seu apartamento, no dia seguinte, “*a la primera hora de la tarde*”. Felizmente, ocorreu-me perguntar qual era a primeira hora da tarde... “*¡Hombre! ¡A las cuatro! O a las cinco...*” Chegar na “primeira hora da tarde” brasileira teria sido uma gafe monumental: seria certamente antes do almoço e da *siesta* (Madri praticamente fechava para a *siesta*)... Suas conferências – Marías era um conferencista incomparável – a que assistiam 300 ou 400 pessoas, iniciavam às 21:00h com um “*Buenas tardes*” e, naturalmente, o programa de muitos dos ouvintes era assistir à conferência e jantar depois...



Julián Marías, o pensador espanhol mais lido em seu tempo

¡Hombre! A prosódia espanhola é – em relação à nossa – mais enfática e daí também a utilíssima pontuação da exclamação/interrogação também antes. Um dos aspectos que mais chama a atenção do brasileiro é precisamente a relativa dureza das *vigencias* de comunicação em Espanha. Lá não prevalecem os meios tons, as formas adocicadas (como diria Gilberto Freyre), a onipresença dos diminutivos, dos eufemismos etc. que vigem entre nós.

Naturalmente, não cabem aqui, como já advertíamos, juízos de valor: se uma *vigencia* é melhor ou pior do que a outra. Se nossas *vigencias* verbais (violência real à parte...), para o bem e para o mal, propendem à suavidade, ao não contrariar o interlocutor, em Espanha, a comunicação parece mais direta. A interjeição *¡Hombre!* pode ser dirigida até a mulheres...! Suavidade brasileira, que infelizmente vai se perdendo, também ao sabor de radicalismos políticos

maniqueístas e a disseminação do tom de ódio nas redes sociais.

Se um brasileiro diz a outro brasileiro “aparece lá em casa qualquer hora para almoçar”, o interlocutor entende que (assim, sem enfática insistência) não se trata de um verdadeiro convite, mas de mera cortesia verbal. Já um interlocutor espanhol pode responder, de agenda na mão: “e quando pode ser?”.

Se um brasileiro recebe um convite descabido – “- Faço questão que você vá na cerimônia de formatura de minha sobrinha neta na Educação Infantil” – ele não dirá “não” (em nossas *vigencias* não cabe o não), mas responderá: “- Com certeza!” ou qualquer outra forma afirmativa (mas que significam realmente um claro não). Em Espanha, as coisas são diretas, a avó coruja vai ouvir um sonoro: *¡No!* ou *¡Que no!*, talvez seguido de um palavrão-interjeição (muito mais autorizados pelas *vigencias* de lá) *¡Que no, jo&*#!*, ou *¡Que no, co&*!*

O brasileiro e os diminutivos

Um caso que chama especialmente a atenção é o dos diminutivos. Como escreve o clássico Sérgio Buarque de Holanda: “Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”.

Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados para atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são

diminutivos, como “maminha” e “fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Nosso abuso de diminutivos pode ser interpretado como uma tendência gay... Nossos jogadores de futebol quando chegam à Espanha devem abdicar do “inho”: Ronaldinho vira Ronaldo. “¿Diminutivo? ¡Mejor no!”. Aliás, *¡Mejor no!* e *¡Por favor!* podem ser formas acentuadas de dizer **não** (será que você é tão *tonto* que não percebe que é melhor não, por favor!). Como aquele ameaçador cartaz na parede de um prédio de Madri: “*No hacer pintadas ni pegar carteles - ¡POR FAVOR!*”. Nas recentes discussões sobre a independência da Catalunha, Mariano Rajoy acusava os catalanistas de quererem acabar com a legalidade, a constituição, o estado de direito “*todo en un único dia, ¡por favor!* (aceitando implicitamente que a independência necessariamente virá *en su día...?!).* Naturalmente, ouviu a resposta que o que eles queriam era acabar com o “Estado de derechas”...

O diminutivo aparece em uma conhecida piada espanhola (o mexicano, como o brasileiro, é o tipo do usuário de diminutivos)

O mexicano entra no restaurante e pede:

- *Camarero, pues quiero un pollito con salsita de mayonesita y dos panecitos y agüita y ...*

- (O garçon puxa o revólver e diz:) *Un diminutivo más y le abraso. ¿Qué más quiere?*

- (o mexicano emudece)
- *¿Qué le pasa? ¿No va a seguir? Qué más quiere?? ¡¡Digame!!* [note-se o onipresente imperativo]
- (o mexicano continua emudecido)
- *¿¿Qué más quiere?? ¡¡Digame!! ¿¿Qué le pasa??*
- *Es que he perdido el “apeto”...*

Claro, que se dissesse: - *Es que he perdido el apetito...* (apetITO, poderia parecer diminutivo e ele tomaria um tiro).

A forma direta e os imperativos

Outro choque para o brasileiro em Espanha é o uso de imperativos na comunicação, muito mais frequentes do que em terras tupiniquins.

Uma vez, em um desses programas de extensão cultural da Letras da USP, o curso de cultura espanhola era oferecido na sala ao lado do da Cerimônia do Chá. Dois alunos do fundão estavam conversando. A professora não hesitou: “*Vosotros ¿qué? ¿Qué os creéis? ¡Marchaos! ¡Que aquí no es la Cerimonia esta del Té!*”.

Alguém imagina a rainha da Inglaterra mandando publicamente um presidente calar a boca? Pois *¿Por qué no te callas?* foi a célebre frase dita energicamente pelo rei Juan Carlos de Espanha ao presidente venezuelano Hugo Chávez durante a XVII Conferência Ibero-Americana, em Santiago do Chile, no final de 2007.



¿Por qué no te callas?

Note-se que parte da ofensa (ou do revide ante as insolências de Chávez...) é tratar de tu (...*te callas*), quando o mínimo dos mínimos seria *usted* (ainda mais que em Espanha todo homem é Don – como satiriza o antigo provérbio português: “dom de Espanha... não vale uma castanha”).

Se no Brasil (e ainda mais em Portugal) eu chego ao trabalho e encontro um colega que parece meio jururu, vou com mil rodeios, perguntando se está tudo bem, se aconteceu alguma coisa etc.; em Espanha pode-se ser mais direto: “¿Tienes mala cara!”. Aliás, ao cruzar a fronteira de Portugal para a Espanha, tem-se o choque das *vigencias*: a impressão é de que os portugueses falam baixo e um de cada vez; em Espanha, parece que todos gritam. Claro, isto no campo das impressões superficiais, pois os espanhóis têm requintes de refinamento no trato, de generosidade, de *caballerismo*. E sabem como ninguém unir o comer (/beber) ao socializar: não por acaso as *tapas* são um sinal da identidade espanhola: em torno às *tapas*, em local fixo ou itinerante, a conversa pode durar horas e horas.



Zona de tapeo em Soria



Em La Latina (Madri)

Um exemplo de como nossas formas verbais nem sempre são adequadas: os espanhóis sempre se chocam com nosso péssimo hábito de colocar o eu em primeiro lugar numa enumeração: “Eu e Fulano ganhamos um prêmio”, “Eu e Beltrano vamos fazer tal coisa”. Quando isto acontece, as mães repreendem o filho: “*¡el burro va por delante!*”.

O hábito é tão arraigado que torna incompreensível para nós a piada do Chaves:

Chaves: - Eu e o Quico estamos brincando de esconde-esconde...

Prof. Girafales: - Chaves, não é assim que se diz, mas: “O Quico e eu estamos brincando de esconde-esconde...”



Chaves: - O senhor também está brincando de esconder com o Quico?

Os noticiários da TV brasileira são campeões mundiais de salamaleques; antes de dar a notícia, é necessário dizer: “Boa noite, Renata; boa noite Bonner, boa noite a todos [que em breve pode virar “Boa noite a todas e a todos”]”, “Nosso jornal acaba aqui, boa noite a todos” e a outra jornalista “Uma ótima noite a todos”, “um bom final de tarde e um excelente fim de semana...”. Impensável na Espanha o amargo desentendimento (que viralizou na Internet) no Jornal da Globo entre William Waack e Cris Dias, esta reclamando ao vivo de que o colega não lhe deu “boa noite”... (<https://www.youtube.com/watch?v=xHwcGk-YSBQ>).

E o que não dizer quando se trata de um programa no qual a dureza é parte integrante, como “O aprendiz” ou o “Masterchef”. O Masterchef de Espanha faz o nosso Fogaça parecer a doce Profa. Helena da novela Carrossel.

Não é de estranhar que haja entre nós estereótipos antigos, como a famosa “Touradas de Madri” (Braguinha-Alberto Ribeiro), do carnaval de 1938 (no auge da Guerra Civil espanhola) e depois consagrada na Copa de 1950,

quando o Maracanã lotado a entoou no histórico 6 a 1 que o Brasil aplicou na seleção espanhola:

Eu fui às touradas em Madri
E quase não volto mais aqui
Pra ver Peri beijar Ceci.
Eu conheci uma espanhola
Natural da Catalunha;
Queria que eu tocasse castanhola
E pegasse touro à unha.
Caramba! Caracoles! Sou do samba,
Não me amoles.
Pro Brasil eu vou fugir!
Isto é conversa mole para boi dormir!

Também daquela época (pelo menos) é a piada do naufrago espanhol: “*¿Hay gobierno en esta tierra? ¿Soy contra!*”

Os choques culturais (*vigencias* T x F, em linguagem keirseyaniana) tornam-se mais agudos, quando se trata de posições de comando (em um quartel de cavalaria ou de *La Legión...*) ou mesmo no treinamento olímpico. O espanhol Jesús Morlán veio ao Brasil com a missão de ganhar medalhas para nossa canoagem (Isaquias Queiroz e Cia.) para as Olimpíadas de 2016 e não para ficar ouvindo “mimimis”. Ele declarou numa entrevista:

Eu lembro que, no primeiro dia, eles chegaram para mim e falaram:
“- Ah, a gente acha que...”

“ - Eu não perguntei o que vocês acham! Quando eu quiser saber a sua resposta, eu vou fazer uma pergunta. Vocês vão fazer isto e aquilo. Por quê? Porque sim, porque eu estou falando e pronto!”

Eles sabem que eu quero o bem deles, mas que eu não sou amigo deles. E deixamos de ser aqueles brasileiros engraçados (“ah, olha que engraçadinho o Brasil”)... você deixa de ser engraçado, porque você passa a ser favorito na raia, você passa a pegar medalhas.



A bem da verdade, em outra entrevista Morlán reconhece, comovido, que acabou por considerar “esses safados” sua família: “Só no Brasil descobri o que era um beijo de atleta”. “Depois de maltratá-los por três anos, ganhei beijo de meus meninos!” (www1.folha.uol.com.br/esporte/2016/12/1845370-tecnico-de-isaquias-jes-us-morlan-luta-contra-cancer-enquanto-mira-2020.shtml).

Na forma negativa está o peremptório “*¡No me da la gana!*”, muito mais forte do que o nosso “Não estou a fim!”.

Os imperativos – que por vezes podem ser atenuados por infinitivo (em vez do normal numa família “*¡Calla y come, jo*&#!*”), um pai mais afetuoso pode dizer ao filho na

mesa “*¡Callar y comer, por favor!*”). Por essas e por outras, aquela ilustre colega portuguesa da USP, que foi fazer doutorado na Espanha, confessou que nos três primeiros meses chorava constantemente, imaginando que todos estavam bravos com ela.

Os imperativos às vezes são repetidos para que o interlocutor saia da pasmaceira e realize logo a ordem que lhe foi dada: “*¡Vete, vete!*”, “*¡anda, anda!*” etc. Certa vez ao alugar um carro no aeroporto de Madri, não resisti à tentação de aplicar uma velha piada ao funcionário da locadora. Ao ir preenchendo o formulário ele ia pedindo dados: endereço em Madri, seu passaporte etc. Ao final, disse: “*¿Me da su permiso de conducir?*” (sua carteira de habilitação). Entregando-lhe a chave que estava no balcão, respondi: “*¡Hombre, conduzca, conduzca!*”

Dois intraduzíveis da língua

Uma preciosidade da língua espanhola é a acumulação semântica do verbo *enseñar*.

Em espanhol, para referir-se a uma explicação clara, a uma metáfora acertada, diz-se: “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). O segredo de uma grande aula, de uma boa conferência, mais do que a erudição (ou em interação com ela...) é precisamente a oportuna presença do concreto: que o interlocutor possa “ver” o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”).

Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra *enseñar*:

só quem mostra o concreto, ensina. Daí aquela piada, intraduzível:

- Pues el otro dia vi un anuncio en el periodico que decia “profesora nativa enseña el bulgaro”. Pues mira, fui, y jo, resulta que es un idioma!

Outra especialidade do espanhol, que quero destacar para encerrar esta nossa conversa é a maravilhosa palavra *ilusión*. Ao contrário da nossa (e de outras línguas...) “ilusão”, a *ilusión*, como genialmente mostrou Mariás em seu “*Breve tratado de la ilusión*”, pode ser também usada em sentido positivo: além da alegria e do entusiasmo, acrescenta o caráter projetivo, *futurizo*, de um ideal a ser alcançado, não uma ilusão-miragem, mas algo que pode vir a ser (e que, se não ocorrer, acabará em “des-ilusão”) e é alimentado precisamente pela *ilusión*. Quando Maradona era técnico da Argentina e tinha que enfrentar o favorito Brasil, nas eliminatórias da Copa de 2010, declarou antes do jogo: “*Argentina le gana a Brasil en ilusión*” (www.marca.com/2009/08/31/futbol/mundial_2010/1251695771.html). Nenhum tele-jornal brasileiro chegou a entender e traduzir adequadamente o que ele quis dizer. Felizmente, neste caso a *ilusión* de los hermanos era ilusão mesmo e acabou em desilusão. Mas, especialmente para vocês jovens, a *ilusión* é o grande motor da existência, a imaginação que projeta e constrói o futuro e faz que os sonhos se tornem realidade. E se não dispomos dessa palavra em nossa língua, sim, podemos integrar a atitude por ela expressa em nossas vidas. *Muchas gracias.*

(extraído de: **Estudos em Antropologia, Religião e Educação** 2015
<http://www2.fe.usp.br/~cemoroc/EstudosJeanRui2015.pdf>)

O sistema língua/pensamento árabe³⁹

Língua e Pensamento – Língua/Pensamento

Inicialmente, quero agradecer ao Prof. Wesley Dourado e aos organizadores deste evento, pelo honroso convite para proferir esta conferência.

O filósofo alemão Johannes Lohmann usa a expressão “sistema língua / pensamento” (LOHMANN 2013) para indicar a interação dialética entre os dois polos da fórmula. Evita-se, assim, a concepção ingênua que imagina que o pensamento é auto-suficiente: pensa-se algo e competiria à linguagem simplesmente expressar o que foi pensado e isto – nessa visão ingênua – poderia ser feito de modo equivalente em qualquer língua. O que Lohmann faz notar é que a língua condiciona o pensamento e está em interação com ele.

³⁹. Originalmente, conferência para a XVII Semana de Filosofia da Umesp, agosto de 2015.

Podemos pensar, por exemplo, no caso de um falante “nascido” – para evocar a sentença de Pessoa: a língua portuguesa como pátria – em uma língua como o chinês, que desconhece o verbo “ser” (ou o árabe, que não o tem como verbo de ligação) e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. – e com nossas 67 formas desse verbo (tão central na constituição cultural dos sujeitos em línguas como a nossa), tão irregulares e diferentes como: sou, és, fui, foste, seremos, etc. Para não falar do desdobramento ser / estar.

Certamente, a percepção, a elaboração da visão de mundo é afetada por esse fato: “nascer” na língua portuguesa, chinesa, grega, árabe etc.

O sistema língua-pensamento (abrev.: SLP) grego, que Lohmann designa por *logos*...

... apresenta uma identificação ou isomorfia na articulação do discurso e seu objeto. Esta concepção - a consciência de uma isomorfia na formulação de uma relação com a coisa conhecida - foi a base da invenção do método matemático pelos gregos - método cujo princípio fundamental é justamente uma identidade absoluta entre a fórmula e a coisa formulada (LOHMANN 2013, p. 49).

Já o sistema árabe, *ma'na*, instala-se em outra perspectiva, bem diferente:

O árabe, como o semítico em geral, de um lado, e o grego, de outro, estabelecem relações com o mundo: um, principalmente pelo ouvido e o outro, pelo olho. Tal fato levou o falante semítico a uma preponderância da religião, enquanto o grego tornou-se o inventor da teoria. Daí decorre (ou procede...?) uma diferença análoga das respectivas línguas, quanto a seu tipo de expressão. Cada um desses dois tipos caracteriza-se por um procedimento gramatical específico: flexão de raízes no semítico, flexão de temas no indo-europeu antigo e flexão de palavras no europeu moderno. Tanto na flexão de temas (por exemplo, em grego, *anthropo- s, n, i, us* etc.) quanto na flexão de palavras do europeu moderno, o falante atribui - nas formações gramaticais de sua língua - noções determinadas (expressas por temas ou palavras) a objetos determinados. Na flexão de raízes semíticas, o falante serve-se de uma certa articulação fônica (chamada em árabe *lafz*), isto é, de uma combinação sistemática de grupos de consoantes (chamadas raízes; por exemplo, k-t-b, que significa escrever) com uma vocalização determinada (por exemplo *kátib* “escriva”, *kitáb* “livro”) para exprimir o sentido desejado (chamado em árabe *ma’na*; o que se traduziu em latim medieval por *intentio*). (LOHMANN 2013, p. 49)

Essa oposição ouvido / olho foi estudada por Hanania (2015): a valorização da palavra e não da imagem figurativa.

As razões de valorização da palavra já se encontram na mais longínqua Arábia pré-islâmica, no âmago do deserto que é o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que eloquentemente o povoa. Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta. (HANANIA 2015, p. 59)

Mas para além de outros fatores, o que nos importa aqui é o fato de que muitas características da língua (como a oposição “gramatical” apontada por Lohmann) não são inocentes: estão, sim, comprometidas, em cada caso, com aspectos importantes da *Weltanschauung* da comunidade falante, como procuraremos apontar para o caso do árabe.

Os provérbios como instância privilegiada do SLP árabe

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa

muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

Os provérbios são “a cara” do SLP árabe. Certamente, todas as épocas conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe (e dos Orientes em geral) eles expressam o núcleo mais profundo da comunidade.

É importante ter em conta que provérbio, em árabe *mathal* (plural: *amthal*), ou seu equivalente hebraico *mashal* (pl. *mashalim*) é, do ponto de vista das línguas ocidentais, muito confundente: acumula os significados de: provérbio, metáfora, parábola, etc.

Primeira característica: o verbo “ser” e a frase nominal

No quadro do SLP analisaremos sete características da língua árabe.

Um primeiro fato gramatical/mental que fundamenta o conceito lohmanniano de SLP dá-se em torno dos peculiares usos do verbo “ser”. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego “encontra-se o verbo *esti*

(ser) que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo” (LOHMANN 2013, p. 48). O ocidental, desde o início da aprendizagem formal da língua, está acostumado a pensar que toda frase é composta de nome e verbo. Quando, porém, entra em contato com a gramática árabe, surpreende-se com a presença constante da frase nominal, isto é, com o que, do ponto de vista ocidental, se considera frase nominal.

Para o árabe simplesmente não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo “ser”. Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas.

Nós mesmos podemos prescindir do verbo “ser” em certos contextos, como o dos slogans de publicidade (“SBT, a TV mais feliz do Brasil”); o dos torpedos (“Estoque hoje 500 unidades”) ou manchetes de jornal, como aquela que informava da presença do campeão Piquet em Brasília: “Ás da F1 já no DF”. E, particularmente, em enunciados proverbiais, como “tal pai, tal filho”, “casa de ferreiro, espeto de pau”, “longe dos olhos, longe do coração”, “cada macaco no seu galho”, “cada louco com sua mania”. E não por acaso é precisamente no campo dos provérbios que o ocidental aproxima-se da estrutura linguística (e da forma de pensamento...!) árabe. A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo “ser” - que o português e o espanhol etc. desdobram em “ser” e “estar” - encontra-se

presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo: “Chove” corresponde a “é/está chovendo”.

Assim, a formulação rigorosamente completa ocidental seria: “Tal (como é) o pai, tal (também será) o filho; (Em) casa de ferreiro o espeto (costuma ser) de pau); (É conveniente para a ordem da selva que) cada (macaco) esteja (em) seu galho Quem estiver longe dos olhos... Cada louco sempre está....

Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes *amthal*:

Cão do grande, grande; cão do príncipe, príncipe.
(*Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amyr*)

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve - em atenção a este - ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

Opressão do gato e não justiça do rato.

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

Segunda característica: associação imediata

Se o SLP *logos*, centrado no verbo “ser”, promove a busca de correspondência exata entre pensamento e realidade, o sistema árabe, *ma’na*, tende a um pensamento (e a uma comunicação...) por associação imediata, em que as conexões lógicas não precisam ser explicitadas. Obviamente, os diversos fatos linguísticos (linguístico-mentais) que estou enumerando um tanto compartimentadamente são, na realidade, interligados. A associação imediata é o complemento natural da ausência do verbo “ser” enquanto verbo de ligação, o que se pode evidenciar - entre tantas outras instâncias - em diversos enunciados de provérbios como, por exemplo⁴⁰:

O vizinho antes da moradia.
(Al-jar qabla ad-dar)

⁴⁰. Devo estes dois exemplos ao Prof. Dr. Helmi M. I. Nasr. Os originais são rimados.

É mais importante pensar no vizinho que se vai ter do que na casa em que se vai morar.

O companheiro antes da viagem.
(*Ar-rafyq qabla at-taryq*)

Mais importante do que a viagem que se vai fazer é ter um bom companheiro de viagem.

Curiosamente, o melhor exemplo ocidental desse aspecto da forma de pensamento árabe, marcada pela ausência do verbo “ser”, é encontrado na poesia que mais insistentemente dele faz uso: *Águas de Março*, de Tom Jobim.

Grande e grandiosa, inquietante, *Águas de Março* soa a nossos ouvidos, sempre de novo, conforme sua letra, como “um mistério profundo”. Parte desse mistério reside, talvez, no fato de a poesia de *Águas de Março* nos arrancar de nossos padrões usuais de pensamento ocidental e nos conduzir às formas de pensamento do Oriente, por excelência “lugar” do mistério.

Águas de Março, tal como a linguagem-pensamento árabe, em vez dos complicados discursos lógico-gramaticalmente articulados pela mente ocidental, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes em frases nominais provenientes de uma imaginação fulgurante, com a irresistível força da imagem concreta.

Uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite típico-caricatural, descrita por um ocidental

nos seguintes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o e disparei a atiradeira, a fim de atingi-lo; de fato, atingi-o e, por conseguinte, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em *Águas de Março*: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em ocidental: “O carro enguiçou, devido à avaria provocada por excesso de lama”, excesso antes expresso semiticamente pela repetição: “lama, lama”) etc.

Naturalmente, a presença constante do verbo “ser” na letra de *Águas de Março* não invalida a semelhança com o carácter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois se trata da forma fraca, descartável, desse verbo.

Aliás, a orientalização⁴¹ chega ao extremo quando, no final da canção, interpretada por Tom e Elis Regina, o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

⁴¹. Orientalização que se realiza também pela evocação de semitismos, como nos versos “É a chuva chovendo...”, “É o vento ventando...”

Terceira característica: flexão de raízes

Um outro importante aspecto do SLP é o já apontado por Lohmann: “flexão de raízes no semítico e flexão de temas no indo-europeu antigo”.

Este fato é de extraordinário relevo para a compreensão da visão de mundo oriental com sua “indeterminação” e flexibilidade semânticas, que se manifestam primeiramente em fenômenos de sintaxe. Lohmann chama a atenção para a dimensão semântica de a flexão (de desinência) grega/latina deixar inalterada a raiz da palavra (correspondente à *ousía*, à *substantia*). No exemplo tradicional das gramáticas elementares de latim, o radical *ros*, de rosa, permanece fixo, pois uma rosa é uma rosa; qualquer outro fator (seu relacionamento com o mundo exterior, com o pensamento humano ou com qualidades que *são* nela), da cor da rosa (genitivo) ao mosquito nela pousado (ablativo), é refletido pelas desinências *rosam*, *rosarum*, *rosae* etc.

O ocidental tende a ater-se, assim, a um mundo de substâncias, a ser homo-*logado* pelo pensamento. O árabe, por sua vez, não tem radicais fixos: o radical trilítere, digamos *S-L-M*, é *intra-flexionado*: *SaLaM*; *iSLaM*; *SaLyM*; *muSLiM* etc.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria

aparentado com “basalto”; “Datena” imediatamente associado a “detona” e “Dilma” a dilema.

Quarta característica: pensamento confundente

Como dissemos, há uma maior tendência nos Orientes ao pensamento confundente (nem é necessário dizer que nada há de pejorativo nessa formulação). Essa presença do confundente no SLP árabe é uma rica dimensão da língua (que, do ponto de vista ocidental, pode parecer difusa...). Como se sabe, nas línguas semíticas (como o árabe ou o hebraico), a mesma palavra ou, mais amplamente, o mesmo radical tri-consonantal (a alma da palavra semita), *confunde* em si (de um ponto de vista ocidental) diversos significados, oferecendo-nos a oportunidade de apreensão de relações de significado até então insuspeitadas.

Pense-se (é um primeiro exemplo) no fato de que o árabe - pela “confusão” de sentidos no radical *S-D-Q* - é convidado (ou mesmo compelido) a pensar como indissociáveis conceitos tão distintos (para o ocidental) como amizade e confiança.

É o caso também do radical *S-L-M* da palavra *salam* (ou, em hebraico, *Sh-L-M* de *shalom*), que o ocidental costuma traduzir por “paz”. Em torno desta raiz, *S-L-M*, confundem-se na linguagem - e no pensamento...⁴² -, entre

⁴². Confundem-se na linguagem, no pensamento e... na própria realidade.

muitos outros, os significados de: integridade no sentido físico e moral (*salym* é o íntegro); saúde (e fórmula universal de saudação), normalidade (o plural *sálim* na gramática é o plural regular); salvação (“sair-se são e salvo”, mas também salvação no sentido religioso); submissão, aceitação (de boa ou má vontade), daí *islam* e *muslim* (muçulmano); acolhimento; conclusão de um assunto; paz etc.

Exemplifiquemos também com um contexto familiar, o da Bíblia. Nela encontramos o radical *S-L-M* “confundindo” diversos conceitos, para o pensamento ocidental totalmente distintos. Assim, de Salomão (*Salumun*, *Sulaiman*), Deus diz a seu pai Davi (este, sim, um homem de guerras): “Este teu filho será um homem de paz, pois Salomão é o seu nome” (1 Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a *integridade*, a *união* do reino de *Salumun* e diz: “Todavia, não tirarei da mão dele parte alguma do reino...” (1 Reis 11,34). *S-L-M*, no sentido de concluir, acabar, aparece no livro de Esdras, em que encontramos Sesabassar encarregado da construção do templo, “que ainda não está *concluído*” (Esd 5,16). *S-L-M*, como entregar completamente, colocar ao inteiro dispor, é usado em: “Deposita diante de Deus, em Jerusalém, os utensílios que te foram *entregues*, para o serviço do templo do teu Deus” (Esd 7,19). Etc. etc.

Quinta característica: metáteses

O ocidental já fica surpreso com a “imprecisão” e a extrema amplitude do campo semântico em torno dos radicais

tri-consonantais árabes que, é evidente, para o próprio falante árabe são normais. A questão complica-se ao infinito, para o ocidental, quando ele descobre que ainda há mais: não só o radical trilítere é difuso, mas não é incomum que, por metátese, se lhe associem (ainda mais difusamente) outros campos semânticos.

A metátese é a transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rpto, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador/desonra.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, já teríamos, como vimos, no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. E ampliar-se-ia muito com as metáteses: troca, treco, torce, recato, cátaru etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual.

O que não impede que se busquem surpreendentes tiradas como:

C l i n t E a s t w o o d

O l d W e s t A c t i o n

E versos jogando com tálamo / túmulo ou filas, vilas, favelas etc. Ou a campanha de certos setores cristãos contra a publicidade para o dia dos namorados (de casais homossexuais) de 2015: “Boicotar o Boticário”.

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvissaras: *al-besharah*).

Sexta característica: a imagem concreta

Paul Auvray (1959, pp. 36 e ss.), em seu estudo sobre as línguas semíticas, analisa mais uma característica importante para entendermos os provérbios árabes: um acentuado voltar-se para o concreto.

Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois - insisto - este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Auvray associa algumas peculiaridades da língua à conhecida observação de que “os antigos semitas não eram muito dados ao pensamento abstrato”. Após lembrar que “são raras em hebraico as palavras verdadeiramente abstratas”, dá alguns exemplos da língua bíblica que são também perfeitamente válidos para o árabe:

O vocábulo *derek*⁴³ mereceria um longo estudo. Sua primeira acepção é “via”, “caminho”, mas veio a significar também “atividade”, “maneira de agir” ou “maneira de pensar” (cfr. Êx 18,29 e ss.; 23,17 ss.).

A imagem encontra-se com frequência nos Salmos e no Novo Testamento, em que o grego *ódos* adquire o mesmo significado. Mas, em numerosas passagens dos escritos mais antigos,

⁴³. Em árabe, *taríq*.

tem-se a impressão de que a imagem concebia-se como tal

[...].

Outro tanto poderia indicar-se a respeito da palavra *rúah*⁴⁴, que se traduz com frequência, e muito precisamente, por “espírito”. Não obstante, sua acepção prístina é a de “sopro”, “vento”. Em muitos textos o autor parece evocar os dois significados, o que complica o trabalho do tradutor: Deus insufla no homem “um sopro de vida” ou “um espírito de vida” (Gên 2,7). (AUVRAY, 1959, pp. 36 e ss.)

Um sugestivo exemplo é o *mathal* seguinte, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

Na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma. O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” - ou “*abuhu*” -, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os

⁴⁴. Em árabe, *ruḥ*.

cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. Assim, o provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem (evocada pelo *mathal*), mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente... É bastante ilustrativo o caso de um provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”...

Já a formulação árabe é:

Al-qurd b'ayn ummuhu gazal
(*O macaco, aos olhos de sua mãe - é uma - gazela.*)

Sétima característica: A ligação psicológico-gramatical com o passado

Por fim, temos a última das sete características da língua/forma de pensamento árabe: um particular uso do passado, assim expresso por Aida Hanania⁴⁵: “Outra característica, presente tanto no falar comum como nos provérbios, decorre da peculiar noção árabe de tempo. Como dizia Jamil Almansur Haddad: “O árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo [...]. O Ocidente faz [...] o contrário: faz essa atomização, essa dissecação, essa separação temporal, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidras, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente”. É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática”.

A repercussão na gramática é o fato de que o árabe pode valer-se do pretérito até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como

⁴⁵. “Prefácio” a LAUAND, L. J. *Provérbios Árabes*, S. Paulo, DLO-FFLCH-USP, 1994.

diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para o passado (“Em todo Natal, viajo”); o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede.

Pois em muitos casos, o futuro não aparece como incerto, mas apropria-se da certeza do passado. E os provérbios bíblicos “Quem semeia ventos, colhe tempestades” e “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, no original soam: “semeou ventos, colheu tempestades” e “deu aos pobres, emprestou a Deus”. Nessa mesma perspectiva, nós dizemos “Escreveu, não leu, o pau comeu”, “Bateu, levou” etc. (Se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará)

Tal fato torna-se mais evidente quando nos lembramos de outros tantos exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Neles, o futuro e suas conexões causais aparecem como inexoráveis e imediatas, como na velha propaganda dos classificados do Estadão, hoje imitada por diversos outros veículos: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou em:

Tomou Doril, a dor sumiu.

Estomazil: tomou, passou.

Desapegou, vendeu.

Achou, ganhou (utilizada por inúmeros produtos em promoções de prêmios).

E a consagrada:

Sedex - mandou, chegou.

Os agentes de publicidade usam e abusam dessa forma de passado-futuro pois transmite certeza e rapidez, o que no ramo é decisivo.

Considerações finais

Essas características que apontamos marcam profundas diferenças entre os SLP, que são como que os sistemas operacionais da *Weltanschauung* de uma comunidade falante.

Para concluir, mais um par de exemplos, naturalmente em termos genéricos. Sem, nem de longe, afirmar determinismos, a partir dos SLP torna-se mais facilmente compreensível que, historicamente, os gregos tenham sido os grandes cultores da Geometria (relacionando-se com o mundo por meio do “olho”); enquanto os árabes, por sua vez, inventaram a Álgebra e dispunham de zero, números negativos e números irracionais. Como homologar no sistema *logos* tais números: como se enquadram na pretensão de isomorfia do SLP grego? E se, para continuarmos com indicações de Lohmann, os gregos se instalam na *teoria*, a

educação oriental volta-se para o concreto: não “o feio”, “o bonito”, “a educação” etc., mas o alho e a cebola produzindo o aroma (ou o mau cheiro), que é a conduta.

Referências bibliográficas

AUVRAY, Paul, et al. **Las lenguas sagradas**. Andorra: Casal i Vall, 1959.

LOHMANN, J. *Ma'na e Logos* - estruturas linguísticas e formas de pensamento. **Notandum**. São Paulo, Cemoroc Feusp / IJI Univ. Porto No. 31, 2013 <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf> acesso em 05-06-2015.

HANANIA, Aida O papel da imagem na tradição árabe. In: _____ (org.) **O diplomata da língua e da cultura árabes**. São Paulo: Factash, 2015.

(in Videtur Letras 5, 2002. <http://www.hottopos.com/seminario/sem2/>)
(em francês em: <http://www.hottopos.com/mirand12/jeanfr.htm>)
(em espanhol em: <http://www.hottopos.com/mirand10/jean.htm>)

Al-Insan: o homem, um ser que esquece

O homem é um ser que esquece!⁴⁶

Se perguntássemos à milenar tradição do pensamento pelos fundamentos filosóficos da Educação, os antigos dar-nos-iam esta sentença - tão simples - para meditar: “O homem é um ser que esquece”!

No Ocidente, já entre os gregos (de Hesíodo a Aristóteles, de Safo a Platão), encontramos constantemente um extraordinário papel dado à memória (por vezes personificada em *Mnemosyne*), na educação.

Um dos pontos altos dessa tradição dá-se - 500 anos antes de Cristo - com o poeta grego Píndaro. Seu *Hino a Zeus* - um poema que é, ao mesmo tempo, um tratado de educação - parece⁴⁷ apresentar todas as características de uma das maiores obras-primas de todos os tempos.

⁴⁶. Ao longo deste discurso, seguimos os capítulos de Michèle Simondon “Mnémosyne, mère des Muses” in *La Mémoire et l’Oubli dans la Pensée Grecque jusqu’à la fin du Ve. siècle avant J.C.*, Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1982; de Bruno Snell “Pindar’s Hymn to Zeus” in *The Discovery of the Mind - The Greek Origins of European Thought*, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1953; e, sobretudo, de J. Pieper *Nur der Liebende singt*, Schwabenverlag, 1988, p.35 e ss.

⁴⁷. O poema só fragmentariamente chegou a nós...

A cena descrita por Píndaro é clara: Zeus resolve intervir no caos. Toda a confusão e deformidade vai, então, dando lugar à harmonia e à ordem: *kosmos*.

E quando, finalmente, o mundo atinge seu estado de perfeição (estreado a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para mostrar aos demais deuses - atônitos ante tanta beleza - a sua criação...

Mas, para surpresa geral, um dos imortais pede a palavra e aponta a Zeus um grave e inesperado defeito: estão faltando criaturas que louvem e reconheçam a grandeza divina desse mundo...

... Pois o homem é um ser que esquece!

O homem, ele que foi agraciado pela divindade com a chama do espírito, o homem, afinal, saiu mal feito, mal acabado, ele tende ao embotamento, à insensibilidade... ao esquecimento!

É a partir dessa constatação - dessa trágica constatação de nossa condição ontológica (também ela, hoje, esquecida...) - que se edifica toda a educação ocidental.

As musas (filhas de *Mnemosyne*), as artes, são já uma primeira tentativa de Zeus para remediar essa situação: elas foram dadas pela divindade ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se...

E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se algo novo ou insólito, mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já

sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência.

Assim, a missão profunda da educação não é a de apresentar-nos o novo, mas, algo já experimentado e sabido que, no entanto, permanecia inacessível: precisamente o que se expressa com a palavra *lembrar*.

Claro que ao afirmar o caráter esquecediço do homem, não estamos dizendo que ele se esqueça de tudo, mas, principalmente - e é até uma constatação de ordem empírica - do essencial. Pois, na verdade, o homem lembra-se de muitas coisas: naturalmente, ele, “criatura trivial” (como diz Guimarães Rosa), *não* se esquece da data do depósito bancário, não se esquece de comprar sua revista predileta, da final do campeonato, nem das comezinhos realidades que compõem nosso rotineiro cotidiano.

Esquece-se, sim, da sabedoria do coração, do caráter sagrado do mundo e do homem...

Se esse “jeito esquecido de ser” é tido, como dizíamos, no Ocidente, por uma característica básica do ser humano; na tradição oriental, por sua vez, tal consideração é ainda mais radical.

Na língua árabe, desde tempos imemoriais, a própria palavra para designar o ser humano é *Insan*. A surpreendente profundidade desse vocábulo torna-se manifesta quando dirigimos nossa atenção para seu significado literal: *Insan* - deriva do verbo *nassa/yansa*, esquecer -, e significa *aquele que esquece*.

A agudeza oriental, ao designar o homem por *Insan*, o esquecente, vê-se confirmada pelo fato de que o próprio falante, em seu dia-a-dia, não se dê conta disso. Daí a proverbial sentença árabe:

Wa ma sumya al-insan insanan illa linissyanihi
(O *Insan*, ser humano - o esquecente - foi chamado de *Insan* por causa de seu esquecimento).

Naturalmente, há na formulação original, um delicioso jogo de palavras, como se disséssemos em português, com Drummond: “O imposto chama-se imposto, porque nos é imposto”.

Não é de estranhar, pois, que, no Alcorão (20, 50-52), Deus se apresente - em contraposição ao homem - como “Aquele que não esquece”. E o mesmo acontece na Bíblia, quando, pelo profeta, o próprio Deus diz: “Pode, acaso, uma mulher se esquecer de sua criança de peito?... Ainda que ela se esquecesse, Eu não me esqueceria de ti” (Is 49,15).

Essa tese antropológica - a de que o homem é essencialmente um esquecente -, apesar de, ela mesma, estar esquecida, é-nos, no fundo, familiar.

Não, não precisamos recorrer aos grandes filósofos para afirmá-la: baste-nos uma canção popular, cujo sucesso, ainda recentemente, correu o mundo todo. Refiro-me a *Unforgettable* de Irving Gordon, que - na interpretação de Nathalie e Nat King Cole - foi a grande vencedora do prêmio *Grammy*.

Unforgettable (Irving Gordon, 1951)

Unforgettable, that's what you are
Unforgettable, though near or far
Like a song of love that clings to me
How the thought of you does things to me
Never before has someone been more
Unforgettable, in every way
And for ever more that's how you'll stay
That's why, darling, it's incredible
That someone so unforgettable
Thinks that I am unforgettable too...

Nessa canção, após afirmar categoricamente a inesquecibilidade, a pretensa e pretendida inesquecibilidade (*Unforgettable, though near or far... Unforgettable, in every way etc.*), o poeta se trai e - através de duas construções adverbiais - acaba reconhecendo a fraqueza e os limites humanos. São os versos em que fala em *more unforgettable* e *so unforgettable*, afirmando o caráter relativo de nossa lembrança, que admite gradações, mais e menos e, afinal, não é absoluta.

Só a partir dessa consciência de que o homem é esquecediço, é que se pode edificar, dizíamos, uma educação digna desse nome.

Nesse sentido, os antigos desenvolveram uma pedagogia - hoje *esquecida* e incompreendida -, a pedagogia do *dhikr*, a pedagogia do lembrar, a pedagogia baseada na sabedoria do povo, nos provérbios, na memorização, nos gestos, nas festas...

Cabe aqui, então, uma observação sobre a linguagem. Em diversas línguas, o lembrar, o memorizar está associado não já (ou não só...) a um processo intelectual, mas ao coração: saber de memória é, em inglês, *by heart*; em francês, *par coeur*; e esquecer-se de alguém, em italiano, é *scordarsi*, sair do coração...

Lembramos - sabemos *de cor* - o que está em nosso coração. Tomás de Aquino, o grande pensador do Ocidente, explica, agudamente, a razão profunda do lembrar e do esquecer: ele faz a ligação entre amar e lembrar: inesquecível é o que amamos! E, assim, comentando o salmo 9 e falando de Deus como o único que não se esquece, diz:

Illud quod aliquis cum studio et diligentia facit, non obliviscitur quin illud faciat; Deus autem studiosus est ad salutem hominum: et ideo non obliviscitur (In Ps. 9, 8).

O que não se esquece é precisamente o que se faz com solícitude e amor. Ora, Deus ama com solícitude o bem do homem; portanto, Ele não o esquece.

E assim, um tanto inesperadamente, a tradição clássica em educação, a pedagogia do lembrar, revela-se também uma pedagogia do amor...

Olé! – O Belo e Deus

Resumo: A interjeição espanhola *Olé!* (do árabe *wa-llah*), evoca a Deus como fonte da beleza. E sugere, como na filosofia de Tomás de Aquino, que a beleza é sempre participação no Belo de Deus.

Palavras Chave: Beleza. Tomás de Aquino. Estética. Filosofia da Arte.

Abstract: The Spanish interjection *Olé* (from the arabic *wa-llah*), evokes God as the source of beauty. And suggests, with Aquinas, that beauty is always participation of the Beauty of God.

Keywords: Beauty. Aquinas. Philosophy of Art. Aesthetics.

Naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa o arranca do embotamento quotidiano! “Meu Deus! Quanta beleza...” exclama o poeta (Castro Alves, *Sub Tegmine Fagi*) e com ele – consciente ou inconscientemente – todos os artistas.

Daí que não chegue a surpreender que o significado etimológico da espanholíssima palavra *¡Olé!*, seja um recurso a Deus. *¡Olé!* – diz o *Diccionario de la Real Academia* – provém do árabe *Wa-(a)llah* (“Por Deus!” – a língua árabe não dispõe da vogal “e” e, por vezes, o “a” tem som semelhante a “e”). E é uma exclamação de entusiasmo ante uma beleza (ou alegria) surpreendente ou “excessiva” (no verbete *¡Olé!*, o *Diccionario* de María Moliner exemplifica com o caso das touradas ou o do flamenco).

Facilmente intuímos que a beleza de um ousado lance de tourada, de um golaço sem ângulo ou de um “*taconeo flamenco*” é – de algum modo misterioso, mas real –

participação na criação, também ela artística, de Deus:
¡Olééé!

O árabe, como se sabe, é campeão mundial de invocação a Deus: *Bismillah!* (Em nome de Deus!), *Al-hamdu lillah!* (O louvor é para Deus! – como nossos jogadores, que, após o gol, apontam o indicador para o Céu), *Wa-llah!* (Por Deus!), *Allahu Akbar!* (Deus é grande! ou Deus é maior!), *Allah!* (Deus!) etc. etc. Ante um perigo, ou após escapar dele, ante uma notícia boa ou má, em qualquer situação invoca-se a Deus.

Por vezes, a mesma fórmula (como por exemplo *Bismillah*) serve para situações contrárias (notícia boa ou ruim, por exemplo, tal como posso dizer em português: “Meu Deus!” tanto se meu bilhete foi sorteado na loteria como se meu carro foi destruído por um maluco na contramão). E ante a beleza (sobretudo se é inesperada ou muito intensa) é a Deus que se celebra: *Allah!*, *Ya Allah!* *Smallah!* (Deus! Ó Deus! Em nome de Deus!) são exclamações quase obrigatórias, por exemplo, quando o camelo se levanta, oferecendo um espetáculo grandioso ao erguer sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca uma interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor... O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, estava aparentemente indolente, largado no solo.

A forma que se arraigou em Espanha foi: *Wa-llah!* O *wa* é a partícula do juramento (cfr. p. ex. Alcorão 6, 23) e de invocação da autoridade de Deus para atestar um fato aparentemente incrível: o de uma espantosa beleza! Na tradição ocidental, já Píndaro, em seu grandioso “Hino a

Zeus”, revelara que o belo artístico, as musas, são o remédio que Zeus concedeu para o embotamento do homem, esquecido da origem divina do mundo e imerso em sua visão rotineira.

Como nos inspirados versos de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

Mas o processo artístico é de ida e volta: se Deus dá poesia ao artista para ver (e expressar em obra de arte) o “algo mais” até na pedra, quem contempla a beleza da obra de arte, que se expressa talvez a partir de uma pedra, reconhece Deus, o Criador, o Artista: *¡Oléééé!*

Nesse sentido, há uma antiga poesia de Gilberto Gaspar, que resume - “De uma gota, de repente, vejam só quanta poesia!” - maravilhosamente essas teses:

A Gotinha
Já há muito tempo que venho reparando,
Com interesse observando, como é bela a
natureza!
Cai o sereno e vai formando, de repente,
Uma gotinha a mostrar tanta beleza.
Equilibrando-se, ela desceu pelo arame
E, na folha do inhame, foi cair com o calor.
Desceu dançando, que bonito o seu bailado
Pelo Sol iluminado, seu vestido é furta-cor.
O vento, soprando a folha verde que balança,
Dá mais ritmo à dança da gotinha cristalina,

Que rodopia no tapete esverdeado
Qual palco iluminado, como louca bailarina.
E chega a tardinha. Cessa o vento, pára a folha.
A gotinha sem escolha, vai dançar só outro dia.
E eu, feliz, vou para casa bem contente.
De uma gota, de repente, vejam só quanta
poesia!
(In: www.hottopos.com/mirand4/osimples.htm)

Não é de estranhar, portanto, que o grito “*¡olé!*”, aplicado ao espetáculo do futebol, tenha nascido a partir de um “belo inesperado”: em 1958 (a recém-nascida televisão estava apenas começando a integrar-se ao futebol naquela época), no México (não por acaso: no México), num jogo Botafogo x River Plate, base da seleção argentina. A cada incrível drible do incrível Garrincha (o das pernas tortas, que **não** era para ser futebolista) no lateral Vairo, os torcedores mexicanos gritavam *¡olé!*, como se estivessem numa tourada.

Se o falante ocidental hoje (não só o torcedor nos estádios do Brasil, mas também o taurófilo madrileno em *Las Ventas*) não se lembra de que *Olé!* é invocação de Deus, no *Quijote* isto é mais explícito – o cristão começa a louvar a insuperável beleza de sua dama e ouve do *moro*:

Gualá, cristiano, que debe de ser muy hermosa si se parece a mi hija, que es la más hermosa de todo este reino. Si no, mírala bien, y verás cómo te digo verdad. (capítulo XLI)

As relações entre Deus, a beleza e a arte foram retomadas por João Paulo II em sua *Carta aos Artistas* (1999), rica também em reflexões filosóficas. Já na primeira linha, uma dedicatória, chama a obra de arte de “epifania”, manifestação, da beleza, de Deus. E começa falando da criação artística – e não se trata de arte sacra – como participação do divino:

(Vós, artistas) maravilhados com o arcano poder dos sons e das palavras, das cores e das formas, vos pusestes a admirar a obra nascida do vosso gênio artístico, quase **sentindo o eco** daquele mistério da criação a que Deus, único criador de todas as coisas, de algum modo vos quis associar. (...) como sublinhava o Cardeal Nicolau de Cusa: “A arte criativa, que a alma tem a sorte de albergar, não se identifica com aquela arte por essência que é própria de Deus, mas constitui apenas comunicação e **participação** dela”.

Participação, que é participação também no bem e no ser. Assim, não é de estranhar que a Filosofia da Arte de S. Tomás de Aquino – como aliás todo o seu pensamento – repouse sobre esse conceito fundamental: o de participação (*participatio*). Participar, em sentido transcendente, é **ter** em oposição a **ser**; participa, o que **tem** algo pelo contato com o que **é**. O metal, compara Tomás, **tem** calor na medida em que se aproxima, participa, do calor que **é** no fogo.

A Criação é o ato no qual é dado o ser em participação. Portanto, tudo que é, é bom; participa do Bem. Nesse enquadramento, situa-se uma sentença de Tomás que é uma das chaves principais para sua Filosofia da Arte:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de um bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva” (De Malo 5, 1 ad 5).

Daí também uma outra intuição da língua espanhola: ao provar algo muito gostoso, exclama-se: *¡Sabe a gloria!*, “tem gosto de céu”. Ora, no pensamento de Tomás, a contemplação – também a propiciada pela arte – é a forma mais profunda de “consecução de um bem criado”, prefiguração da Glória definitiva. Tais considerações, que expressam o núcleo profundo de um pensamento filosófico, estão também ao alcance da intuição do conhecimento comum. Por isso, não chega a ser de todo surpreendente o depoimento, imensamente profundo, de Tom Jobim sobre a criação artística, em uma entrevista, quando foi contemplado nos EUA com a mais alta distinção com que pode ser premiado um compositor, o *Hall of Fame*:

Glória? A glória é de Deus e não da pessoa. Você pode até **participar** dela quando faz um samba de manhã. Glória são os peixes do mar, é mulher andando na praia, é fazer um samba de manhã.

¡¡Olééé!!!

O “estilo Vaticano” – dois casos

Resumo: Este estudo, notas de comunicação oral no “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, analisa dois casos do “estilo Vaticano”: a redação do Catecismo da Igreja Católica e o modo de lidar com as denúncias contra o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários de Cristo.

Palavras Chave: Vaticano. Cúria Romana. Catecismo. Pe. Marcial Maciel. Cardeal Ratzinger.

Abstract: This paper, originally a communication to the “XIV Seminário Internacional Cemoroc: Filosofia e Educação - Religião e Cultura”, examines the “Vatican style” in two affairs: the writing of the Catechism of the Catholic Church and how the Roman Curia dealt with accusations against Father Marcial Maciel, founder of the Legionaries of Christ.

Keywords: Vatican. Roman Curia. Catechism. Fr. Marcial Maciel. Card. Ratzinger.

A redação do Catecismo

O Pe. Raniero Cantalamessa, franciscano capuchinho, pregador da Casa Pontifícia desde 1980, na pregação da Sexta feira Santa de 2013 (sua primeira, a serviço do novo Papa), evocou a missão reformadora de São Francisco e o caráter deletério da excessiva burocracia: uma implícita mas dura referência às disfunções (ou mesmo escândalos que teriam motivado a renúncia de Bento XVI) da pesada máquina do Vaticano, a Cúria Romana.

Não faltaram sequer referências a Kafka: o mensageiro que não consegue apreçoar a mensagem do rei morto e o castelo...

Temos de fazer todo o possível para que a Igreja nunca se pareça ao castelo complicado e assombroso descrito por Kafka, e para que a mensagem possa sair dela tão livre e alegre como quando começou a sua corrida. Sabemos quais são os impedimentos que podem reter o mensageiro: as muralhas divisórias, começando por aquelas que separam as várias igrejas cristãs umas das outras; a burocracia excessiva; os resíduos de cerimoniais, leis e disputas do passado, que se tornaram, enfim, apenas detritos.

Em Apocalipse, Jesus diz que ele está à porta e bate (Ap 3:20). Às vezes, como foi observado por nosso Papa Francisco, não bater para entrar, mas batendo de dentro porque ele quer sair. Sair para os “subúrbios existenciais do pecado, o sofrimento, a injustiça, ignorância e indiferença à religião, de toda forma de miséria.”

Acontece como em certas construções antigas. Ao longo dos séculos, para adaptar-se às exigências do momento, houve profusão de divisórias, escadarias, salas e câmaras. Chega um momento em que se percebe que todas essas adaptações já não respondem às

necessidades atuais; servem, antes, de obstáculo, e temos então de ter a coragem de derrubá-las e trazer o prédio de volta à simplicidade e à linearidade das suas origens. Foi a missão que recebeu, um dia, um homem que orava diante do crucifixo de São Damião: “Vai, Francisco, e reforma a minha Igreja”.
(www.vatican.va/liturgical_year/holy-week/2013/documents/holy-week_homily-fr-cantalamessa_20130329_po.html)

Não se trata só nem principalmente do excesso de pessoal – Elio Gaspari conta que certa vez perguntaram a João 23 quantas pessoas trabalhavam na Cúria, e ele disse: “A metade” – mas do ranço milenar dos bastidores do poder eclesiástico...

Em seu livro *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese, que foi editor chefe da renomada revista católica *America*, recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano. A piada circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, Card. Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma: “Fique tranquilo, Iminência, não é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”. E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Venenos à parte, o fato é que, contra a recomendação dos burocratas do Vaticano (que acharam a medida um tanto prematura), João Paulo II foi a Istambul em 2004, para pedir

perdão ao Patriarca de Constantinopla pela IV Cruzada (aquela que em vez de combater os infiéis, saqueou a grande cidade cristã do Oriente) de 1204! Levou 800 anos para o reconhecimento!

Mas o que nos interessa neste artigo é a linguagem e consideraremos um caso paradigmático.

Com seus dois mil anos de existência e com experiência acumulada ao longo de séculos a Igreja Católica - ao menos em seus documentos oficiais - está muito atenta às sutilezas da linguagem...

Para a Cúria Romana não é a mesma coisa trocar “seis” por “meia dúzia”, afinal em certos contextos como, por exemplo, quando se diz: “- Não é por causa de *meia dúzia* de cafajestes que vamos proibir o torcedor de ir ao estádio”, a formulação equivalente seria: “- Não é por causa de *três ou quatro* cafajestes que vamos...”: ambas indicam uma quantidade ínfima; enquanto “seis” poderia dar a ideia de um bando composto exatamente por seis elementos.

Com mais de um bilhão de fiéis e uma imensa bagagem histórica não é de estranhar que os documentos da Igreja sejam produzidos com relativa lentidão e inúmeros trâmites do pesado sistema burocrático da Cúria Romana. Por considerarem que já haviam passado mais de 400 anos desde a publicação do último Catecismo da Igreja Católica (o do Concílio de Trento, em 1566), em 1992 foi lançado mundialmente um novo Catecismo, como preparação para uma edição definitiva, que veio à luz em 1997.

João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum* conta que o novo Catecismo foi inicialmente redigido por sete Bispos, supervisionados por uma Comissão

de 12 Cardeais e Bispos, recebendo, ao longo de sucessivas redações, sugestões de peritos e bispos de todo o mundo. Sobre esse texto (1992, a partir de agora abreviado como C-92), uma nova comissão, desta vez composta só por membros da Cúria Romana (também sob a presidência do então Cardeal Ratzinger), se encarregou de corrigir a versão provisória e preparar o texto definitivo de 1997 (cf. Carta Apostólica *Laetamur Magnopere* de João Paulo II), que citaremos como C-97.

O original de C-92 foi publicado originalmente em francês e o de C-97 em latim; em cada caso, as conferências episcopais aprovaram traduções para seus países (daí que, por exemplo, as traduções brasileira e portuguesa sejam ligeiramente diferentes).

Para que a edição definitiva, C-97, estivesse correta e não se afastasse da estrita ortodoxia, a Cúria fez 99 emendas ao texto de C-92, para eliminar as formulações divergentes contidas naquela “versão beta”. Analisaremos alguns aspectos da linguagem dessas emendas.

Tomaremos, inicialmente, um par de exemplos da parte III do Catecismo (pontos 1691 a 2557), dedicada à moral. Algumas das modificações, mais ou menos sutis, foram extremamente importantes.

O ponto 2358 de C-92 trazia a formulação:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais inatas profundamente radicadas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual...

Já com os cortes de C-97, o mesmo ponto ficou assim:

Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas...

O sentido da mudança e do corte (de “Não são eles que escolhem sua condição homossexual”) é explicitado por um site tradicionalista católico espanhol que protestava contra o enunciado de C-92:

Se são “inatas” e “não são eles que escolhem sua condição homossexual”, que culpa eles têm? E dizer que eles não escolhem sua condição é enfrentar a Sagrada Escritura... (<http://radiocristiandad.wordpress.com/2008/07/23/la-novedad-en-lo-novedoso/>)

E o jornal **O Estado de São Paulo** assim intitulava uma notícia: “Homossexualidade é uma doença”, diz bispo argentino - Para Hugo Santiago, é a educação sexual nas escolas que ensina homossexualidade como algo natural.

A afirmação do bispo de que a homossexualidade é uma perversão *ensinada* não seria compatível com o enunciado de C-92. A notícia prossegue:

BUENOS AIRES - Um bispo argentino está no centro de uma polêmica por ter dito que “a homossexualidade é uma doença que pode ser tratada e curada”, durante uma homilia perante

milhares de fiéis católicos, informou nesta segunda-feira, 23 [23-03-09], a imprensa local. Monsenhor Hugo Santiago, membro da Opus Dei e bispo da diocese de Santo Tomé, fez essas declarações na quinta-feira, 19, em uma missa celebrada em Paso de los Libres, no noroeste da Argentina na fronteira com o Brasil. Em seu discurso, o religioso também indicou que através da educação sexual nas escolas “se pretende ensinar que é algo natural, de livre escolha.”

(www.estadao.com.br/noticias/vidae,homossexualidade-e-uma-doenca-diz-bispo-argentino,343447,0.htm)

Em se tratando de moral, as propostas das religiões oscilam entre dois polos: a consciência do fiel (valorizada pelo concílio Vaticano II) e o estabelecimento de normas operacionais.

Tenha-se em conta também que não cabe supor uma uniformidade católica: há diversidade entre os simples fiéis, bispos, conferências episcopais etc. nem sempre em sintonia com a Cúria Romana. Seja como for, havia, na antiga doutrina da Igreja, a salutar virtude da Prudência, glorificada por um Santo Tomás de Aquino (1225-1274) como a principalíssima entre as virtudes cardeais. Classicamente, a Prudência (hoje, na prática, ausente na pregação eclesial e desvirtuada semanticamente) era a virtude - portanto uma qualidade intransferível da pessoa - que levava o homem a um reto discernimento da realidade em cada caso e a tomar decisões acertadas em seu agir.

O esquecimento, na pregação eclesiástica, da Prudência e a inversão de seu significado (“prudência”, hoje, não é a virtude da decisão que leva à grandeza moral, mas uma egoísta e interesseira cautela) favorecem a minuciosa codificação da moral.

Em casos extremos dessa atitude surgem os fundamentalismos. Fundamentalismo é “retranca”, que não quer deixar nada ao discernimento do fiel, sempre considerado imaturo, e pretende garantir a salvação por meio de mil regrinhas, que regulam o comportamento em seus mínimos detalhes. Nessa linha, o regime Talibã chegou a criar um “Ministério do Vício e da Virtude”, que legislava até sobre a posição dos vasos sanitários (que não podiam estar alinhados com Meca) e elaborava listas sobre o que as torcidas podiam gritar nos estádios de futebol... (para não falar dos trajes femininos etc.).

Voltando ao Catecismo, nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para C-97 aparecem ainda mais acentuadas.

Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em C-97, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a

culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos.

A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro.

Como fica o problema pastoral da absolvição? De 1992 a 1997, havia fatores psíquicos ou sociais que podiam anular a culpa da masturbação; desde 1997 já não: o fiel deve, então, confessar seus não pecados, da época, que passaram a ser pecados?

Na parte referente à Doutrina da Fé, uma sutil correção é a que se deu no ponto 336, que, falando dos anjos, diz em C-97: “Desde *o seu começo* até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência [dos anjos]”, corrigindo assim o texto de C-92: “Desde a *infância* até à morte, a vida humana é acompanhada pela sua assistência”. De fato, a troca de “infância” por “começo”, em C-97, ajusta-se melhor à doutrina do mesmo Catecismo, que diz: “2270. A vida humana deve ser respeitada e protegida, de modo absoluto, a partir do momento da concepção...”; ou: “2274.

Uma vez que deve ser tratado como pessoa desde a concepção, o embrião terá de ser defendido na sua integridade...”.

Outra correção interessante apoia-se na não equivalência entre “libertada” e “preservada”; esta mais restrita e inequívoca (Maria nunca esteve em pecado...):

2853 [Maria], por obra do Espírito Santo, é libertada do pecado... (C-92)

2853 [Maria], por obra do Espírito Santo, é preservada do pecado... (C-97)

Mais uma sugestiva mudança: a introduzida no ponto 2483, também dirigida a evitar abusos por parte dos fiéis.

C-92: “Mentir é falar ou agir contra a verdade para induzir em erro aquele que tem o direito de conhecê-la”.

C-97 simplesmente suprimiu a expressão “aquele que tem o direito de conhecê-la”. Farisaísmos à parte, é óbvio que o cidadão não está obrigado a falar a verdade, toda a verdade, nada mais do que a verdade, digamos, a um ladrão que invade sua casa, encosta um revólver calibre 38 em sua testa e pergunta se ele tem dólares escondidos ou filhas na casa... Aliás, a própria Igreja não censuraria como mentira as reservas mentais que levariam a responder: “Não!” (enquanto pensa: “não tenho dólares ‘escondidos’: eu sei muito bem onde estão ‘guardados’ meus U\$50.000”). Ou aquele caso,

que parece piada, mas aconteceu realmente: toca o telefone, a mulher atende “Boa noite, Fulano”; o marido (Fulano é um importuno) sussurra e gesticula “Diga que eu não estou!” e ante os escrúpulos cristãos da esposa que se recusa a “mentir”, ele abre a porta do apartamento, sai dois passos e sussurra novamente “Agora você já pode dizer que eu não estou!”.

Encerramos aqui nossa amostra da linguagem do Catecismo. Seu mentor, em uma entrevista de 2003, expressa o sentido que vê em afirmar, por esse meio, sua proposta de catequese.

PERGUNTA: No entanto, como afirmou o cardeal de Viena, Christoph Schönborn, a própria ideia de Catecismo é contestada muito frequentemente, “pelo menos nos países germanófonos e sobretudo no ambiente oficial da catequese”...

RATZINGER: É verdade, há certa aversão a qualquer tentativa de “cristalizar” em palavras uma doutrina, em nome da flexibilidade. E há um certo antidogmatismo vivo em muitos corações. O movimento catequético pós-conciliar, sobretudo, acentuou o aspecto antropológico da questão e acreditou que um catecismo, sendo demasiado doutrinal, seria um impedimento ao necessário diálogo com o homem de hoje. Nós estamos convencidos do contrário. Para dialogar bem, é necessário saber

do que devemos falar. É necessário conhecer a substância da nossa fé. Por isso, hoje um catecismo é mais necessário do que nunca. (<http://www.30giorni.it/br/articolo.asp?id=747>)

Nota sobre o caso do Pe. Marcial Maciel

Recolho da dissertação de mestrado, na Feusp, de Marcio Fernandes da Silva, <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-24092009-164337/pt-br.php>, “Educar para a submissão: o caso Opus Dei” mais um caso ilustrativo do funcionamento da Cúria Romana; desta vez, o modo de lidar com movimentos amigos, como é o caso dos Legionários de Cristo.

O caso – o processo contra *El Padre*, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários – é conhecido, mas seguiremos a análise do insuspeito John Allen⁴⁸.

Em 19 de maio de 2006, com as atenções da mídia todas voltadas para as reações da Igreja à estreia mundial (no dia seguinte, dia 20) do filme *O Código da Vinci*, Bento XVI divulga sanções da Congregação para a Doutrina da Fé contra “El Padre”, o Pe. Marcial Maciel, fundador dos Legionários de Cristo, acusado de haver abusado sexualmente de dezenas de seminaristas de sua congregação: o religioso fica proibido

⁴⁸ “Vatican restricts ministry of Legionaries priest founder. Move seen as confirmation of sex abuse allegations against Maciel”, em <http://nationalcatholicreporter.org/update/bn051806.htm>, acessado em 19/01/2009.

de celebrar missa publicamente, de dar conferências, entrevistas ou qualquer outra atividade pública e é convidado a retirar-se a uma vida de penitência.

Mesmo um John Allen tem que reconhecer que tal ato “é visto como uma confirmação da veracidade das acusações contra Maciel”... Um cardeal da Congregação para a Doutrina da Fé declarou que, a seu ver, resta pouca dúvida quanto à validade das acusações, embora a Santa Sé declarasse que, em atenção à avançada idade do Pe. Maciel, não iria levar adiante o processo⁴⁹, simplesmente impondo-lhe aquelas restrições.

Nove vítimas do Pe. Maciel decidiram romper o silêncio quando, numa viagem de João Paulo II, em 1993, este referiu-se ao Pe. Maciel como um “eficaz guia para os jovens”. João Paulo II, convencido de que as acusações se deviam somente à ortodoxia de Maciel e à sua lealdade ao Papa, recomendou ao Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o então Cardeal Ratzinger, que não levasse adiante o processo.

Temendo pela repercussão negativa do engavetamento do processo, o Cardeal Ratzinger reabre-o em 2004 (já próximo do final do Pontificado de João Paulo II e da eleição de um novo Papa), para, uma vez eleito Papa, dar essa “solução” em 2006.

Trata-se de um caso estarrecedor: abusar de dezenas de garotos, de 10 a 16 anos, sob o pretexto – ainda citando John Allen – de que dispunha de uma especial dispensa do

⁴⁹ Em http://nationalcatholicreporter.org/update/maciel_communique.pdf, acessado em 19/01/2009.

Papa para “brincar” com eles, pois assim aliviaria suas terríveis dores de estômago...

Como se viria a saber nos anos seguintes, isto era só o começo dos escândalos em torno da santa figura de “El Padre”...

A afirmação de realidade do inglês

O OED, Oxford English Dictionary⁵⁰, ao tratar de sinônimos, criteriosamente distingue e registra dois sentidos, o estrito e o lato:

Synonym - 1. Strictly, a word having the same sense as another (in the same language); but more usually, either or any of two or more words (in the same language) having the same general sense, but possessing each of them meanings which are not shared by the other or others, or having different shades of meaning or implications appropriate to different contexts: e.g. serpent, snake; ship, vessel etc.

De fato, é frequente que os sinônimos, embora designem a mesma coisa, não sejam sempre substituíveis, pois costuma acontecer que cada um acentue um determinado aspecto da realidade significada. Assim, por exemplo, cada

⁵⁰ Cd-ROM: *OED* 2nd. ed. on CD-ROM, 1994. A partir de agora, citado apenas como OED.

uma das palavras: “lar”, “casa”, “residência” e “domicílio”, tem sua ênfase própria, embora todas remetam ao mesmo imóvel da Rua Tal, No. Tal. Que esse imóvel seja o lugar onde se dá o aconchego da intimidade familiar é o aspecto coberto por “lar”; para efeitos legais ou entrega de pizza, fala-se em “domicílio”; e para o caráter habitual do morar, em residência; enquanto “casa” já é mais genérico e polivalente. Certamente, há contextos em que esses sinônimos podem ser substituídos uns pelos outros sem grandes sacrifícios semânticos, mas há também situações em que são insubstituíveis: não se pode, por exemplo dizer: “domicílio, doce domicílio”; nem a prefeitura cobra imposto sobre o meu lar.

A língua inglesa é muito rica em expressões para expressar a realidade de uma situação, como: *as a matter of fact*, *actually*, *indeed*, *of course* etc. Embora sejam “sinônimas” e em diversos casos intercambiáveis, cada uma delas tem sua história e seu uso mais apropriado.

As a matter of fact

As a matter of fact é uma expressão que quer apontar somente para os fatos, independentemente das opiniões, desejos e emoções⁵¹. Para além de viéses e ideologias, “*as a matter of fact*” remete única e exclusivamente de fatos, com a mesma implacável frieza com que um computador seleciona seu lance ao jogar xadrez.

⁵¹ A menos que as próprias emoções sejam o fato a destacar, como na canção “*As a matter of fact*”, de Natalie Cole: *Matter of fact (ooh, as a matter of fact) / I love you (oh, as a matter of fact) / And I love that you love me back / As a matter of fact (ooh, as a matter, a matter)*.

Diz o OED no verbete “*as a matter of fact*”:

What pertains to the sphere of fact as opposed to opinion, probability, or inference; also, something which is of the nature of a fact. Phrases, as a matter of fact, in matter of fact: in point of fact, really.

Matter, no caso, adverte o próprio OED, no sentido 16, isto é: “*nearly equivalent to ‘things’, ‘something’*”. Trata-se, pois, de uma referência a fatos (*matter of fact*) para além de qualquer outra interferência: seu uso apareceria em frases como: “Muitos americanos não aceitariam mas *as a matter of fact* o esporte mais popular do mundo é o *soccer*” ou “*As a matter of fact*, para a imensa maioria dos países, a palavra *football* indica o *soccer* e não o futebol americano”. Ou para desespero da direita: “*As a matter of fact* não foram encontradas armas de destruição em massa no Iraque”

A referência factual da expressão torna-se mais clara no âmbito jurídico, no qual historicamente houve grandes discussões sobre a competência do júri, até que, desde meados do século XIX, seu papel ficou restrito a *matters of fact*, deixando as *matters of law* como incumbência do juiz. Daí a caracterização, sempre segundo o OED:

That portion of a subject of judicial inquiry which is concerned with the truth or falsehood

of alleged facts; a particular question or issue that is of this nature: opposed to matter of law.

Para melhor compreendermos a distinção entre *matter of facts* e *matter of law*, tomemos como exemplo, um caso recente (setembro de 2008), que despertou enorme interesse no Brasil, assim noticiado pelo “O Globo”:

RS: Ladrão avisa a polícia sobre criança achada em carro

Publicada em 18/09/2008 às 00h14m

Marcelo Barbosa - especial para O Globo; Zero Hora

PORTO ALEGRE - Depois de furtar por volta das 2h desta quarta-feira um carro em Passo Fundo, no Norte do Rio Grande do Sul, um ladrão percebeu que uma criança dormia no banco traseiro e ligou para a Brigada Militar informando onde abandonaria o carro. O Monza azul, de 1983, foi encontrado com o menino de cinco anos ainda dormindo.

A criança foi levada para a Delegacia de Polícia de Pronto Atendimento, junto com a mãe e seu companheiro, encontrados em um bar no Centro. O plantão do Conselho Tutelar da Microrregião 2 foi acionado.

Na ligação que fez à polícia, o ladrão se disse revoltado com o descaso dos responsáveis pela criança. E ameaçou:

- Eu roubei um carro que tinha um piázinho dentro e eu não vi. Manda uma viatura lá pegar o guri e avisa ao f.d.p. do pai dele para não fazer mais isso. Avisa que, da próxima vez que eu pegar esse auto e tiver o piá lá, eu mato ele - disse o inconformado ladrão ao plantonista do 190.

(Fonte:http://oglobo.globo.com/pais/mat/2008/09/17/rs_ladrao_avisa_policia_sobre_crianca_ac_hada_em_carro-548258159.asp, acesso em 24-09-08)

Deixando de lado os interessantes aspectos sociológicos do caso (o ladrão receber toda a simpatia do público e até da delegada que investiga o caso etc.), o *matter of facts* é se o casal responsável pela criança, de fato, deixou-a sozinha, de madrugada no carro, por um bom tempo; já o *matter of law* é se isto configura ou não, juridicamente, tecnicamente, delito de negligência. *Matter of facts* é que o ladrão não quis reter o carro; *matter of law* é se, nesse caso, houve ou não algum delito etc.

Nesse sentido, o OED traz em suas *quotations*, a sentença de Hooker, em *Of the Lawes of Ecclesiastical Politie*, de 1594:

If it be admitted that in matter of fact there is some credite to be giuen to the testimonie of man, but not in matter of opinion and iudgement.

Actually

Já *actually*, deriva da clássica distinção aristotélica entre ato e potência. Potência e ato são noções básicas e intuitivas, tão fundamentais que não se deixam definir. Precisamente uma das grandes contribuições de Aristóteles para a história da filosofia foi a de ter ensinado que há diversos modos de ser; que o ser não é unívoco (nem equívoco), mas análogo. Potência e ato são dois modos de ser: a potência é, por assim dizer, um modo fraco; o ato, forte. O ato é o que mais propriamente é. Ato é o que é real, fático, **já** realizado (aspecto temporal acentuado pela nossa palavra “atualmente”). É nesse sentido aristotélico de realidade que a língua inglesa diz “*actually*” para indicar que algo é realmente, de fato. Já potência é o que pode vir a ser real (em ato), mas de fato não o é; uma semente pode (está em potência de) vir a ser (em ato) árvore; já uma pedra, não.

Assim, o OED registra:

Actually - In act or fact; as opposed to possibly, potentially, theoretically, ideally; really, in reality.

E dá exemplos do século XVIII:

*1775 J. Harris Philos. Arrangem. (1841) 365
Every substance that actually is, by actually
being that thing, actually is not any other. A
piece of brass, for example, actually is not an
oak.*

*1782 Priestley Matter & Spirit I. Pref. 15, I
would have every man write as he actually
feels.*

Actually refere-se à realidade profunda, para além das aparências e assim, diz A. C. Bhaktivedanta Swami, o fundador do movimento Hare Krishna:

*Action in Krishna Consciousness is inaction,
whereas a person doing nothing materially may
appear to be inaction to others, but actually he
is doing something for Krishna*

(<http://religion.krishna.org/Letters/2000/07/L00017.html>, acesso em 24-09-08)

Actually refere-se à realidade dos fatos em oposição a seu potencial. Como quando dizemos que o futebol brasileiro tem tudo para ser medalha de ouro olímpica, inúmeros jovens jogadores talentosíssimos, tradição e “canha” etc. mas *actually* nunca conquistou esse prêmio. Ou como lemos num blog de cinema:

*In Bloodsport [“O Grande Dragão Branco”],
Van Damme is Frank Dux, a boxer of enormous*

potential but actually a nobody in the martial arts arena.

*(<http://www.nst.com.my/blogs/fillips/316>,
acesso em 24-09-08)*

Nesses casos, se substituíssemos *actually* por “*matter of fact*” perderíamos a referência à oposição potência/ato.

Of course

Se *actually* originariamente acentua a realidade em oposição à possibilidade, a certeza contida em *of course* provém do costume, do usual, do esperado, do que é normal e *corrente* (sentido etimológico de *course*). Por exemplo, duas pessoas vão juntas em um carro para um almoço marcado com um terceiro, J. Gilberto. Ao perceber que estão uns poucos minutos atrasados, uma delas manifesta sua preocupação e é tranquilizada pela outra: “- Não se preocupe, vamos chegar antes do Gilberto”. “- Você tem certeza?” “*Of course*. Eu o conheço há anos e ele sempre chega pelo menos meia hora atrasado”.

Sempre de novo, o OED e suas *quotations*:

Of course. Belonging to the ordinary procedure, custom, or way of the world; customary; natural, to be expected.

1580 Lyly Euphues (Arb.) 93 The friendship between man and man as it is common so is it of course.

1709 *Steele Tatler No. 109 33 Their
Congratulations and Condoleances are equally
Words of Course.*

1795 *Jemima II. 87 You profess a wish to oblige
me, said Rosina; if only words of course, I beg
you will spare my ear.*

1818 *Cruise Digest (ed 2) II. 88 A case in which
this right is supported, as a thing of course.*

Daí :

Of course. *In ordinary or due course, according
to the customary order, as a natural result. † of
common course: ordinarily, as an every-day
occurrence.*

1542 *Udall Erasm. Apoph. 53 a, Of course and
custom.*

1657 *Heylin Ecclesia Vindicata ii. 472 That not
once or twice, but of common course.*

E:

Of course. *In qualification of the whole clause
or sentence: naturally, as will be expected in
the circumstances; for obvious reasons,
obviously. (Sometimes used as an emphatic
affirmative reply.)*

1823 *J. D. Hunter Captiv. N. Amer. 39 She
made some very particular inquiries about my
people, which, of course, I was unable to
answer.*

1838 Dickens *O. Twist* xxxiv. 266 *You will tell her I am here?. Of course.*

Indeed e outras formas

Indeed é uma forma derivada de *deed* (*in deed*, até c. 1600 geralmente escrita em duas palavras ou até na forma mais forte: *in very deed*), o feito/ fato⁵², ou segundo o OED: “*Deed - That which is done, acted, or performed by an intelligent or responsible agent; an act*”. *Quotations*:

1601 Shakes. *Jul. C.* iii. ii. 216 *They that haue done this Deede, are honourable.*

1667 Milton *P.L.* xi. 256 *And one bad act with many deeds well done Mayst cover.*

1809-10 Coleridge *Friend* ix. (1887) 37 *What are noble deeds but noble truths realized?*

1875 Jowett *Plato* (ed. 2) V. 52 *Their deeds did not agree with their words.*

Deed é o fato, *indeed* é “de fato”, verdadeiramente, realmente. E seu uso corresponde, mais ou menos, ao nosso “de fato”. Nas *quotations* do OED, vê-se que *indeed* é de uso muito antigo (e é também muito usada na Bíblia King James):

1. *In actual fact, in reality, in truth; really, truly, assuredly, positively.*

⁵² Também em sentidos derivados, como o de “grandes feitos”, “feitos de armas”, “Atos dos Apóstolos” etc.

c1330 R. Brunne Chron. Wace (Rolls) That was the firste wassail in dede.

1430-40 Lydg. Bochas ix. iii. (MS. Bodl. 263) 408/2 In al his book, he had afforn nat seen A mor woful creature, in deede.

1526 Tindale Luke xxiv. 34 The lorde is risen in dede and hath apered to Simon.

1610 Shakes. Temp. i. ii. 96 My trust which had indeede no limit.

2. In reality, in real nature or essence, opposed to what is merely external or apparent.

1526 Pilgr. Perf. (W. de W. 1531) 143 Rather make it seme lesse incomparably than it is in dede.

a1568 R. Ascham Scholem. Pref. (Arb.) 18 The Scholehouse should be in deede, as it is called by name, the house of playe and pleasure.

1692 E. Walker Epictetus' Mor. v, That which I see, Is not indeed that which it seems to be.

Como em outras línguas, há ainda diversas outras formas de afirmação de realidade ou certeza, como: *really, sure, naturally, certainly, absolutely, in truth, etc.* que não serão objeto deste estudo. Algumas dessas expressões de afirmação de realidade, tal como acontece com *indeed*, podem ter ainda outros usos na linguagem, como o de intensivos (“it is very cold indeed”, “was indeed grateful”, “it is really cold”, “really grateful); ou interjeição que expressa surpresa, dúvida ou ironia; etc.

A grande quantidade e variedade de uso (por vezes sutil) dessas formas parecem indicar uma correspondência a um grande anseio humano: o de atingir a verdade com segurança (não por acaso, *sure* vem do *securus* latino), descobrir a realidade e tomá-la como base de sua vida. Mas, ao mesmo tempo, o fato é que essa mesma profusão parece indicar também a fragilidade dessa pretensão...

Transformações da linguagem: a gíria “curtir”. As conjunções adversativas – dois estudos

Resumo: O artigo versa sobre dois importantes casos de transformações da linguagem: como a gíria “curtir” passou a expressar aspectos do clássico conceito de *theoría* (no sentido de *contemplatio*) e o processo de formação da metáfora. O segundo caso volta-se para as etimologias de nossas conjunções adversativas

Palavras Chave: Metáfora. gíria “curtir”. etimologia. adversativas.

Abstract: This article discusses two cases of transformations of language: how Brazilian slang “curtir” expresses some attitudes related to classic concept *theoría* (in the sense of *contemplatio*) and the way metaphorical thought works. In part two, it examines etimologies of adversative conjunctions.

Keywords: Metaphor. etimology. slang “curtir”. avdersative conjunctions.

I – A gíria “curtição”

Falar de “modo gráfico”

Em espanhol, para referir-se a uma explicação clara, à metáfora acertada, diz-se: “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). O segredo de uma grande aula, de uma boa conferência, mais do que a erudição (ou em interação com ela...) é precisamente a oportuna presença do concreto: que o interlocutor possa “ver”

o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”).

Trata-se de um falar *picturable*, como dizia o escritor Grant Allen (2006), no século XIX: “A metáfora, proporcionando uma representação *picturable*, frequentemente nos permite agarrar a realidade de que se fala de modo muitíssimo melhor do que o mais solene argumento” (Chapter XVI). Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra: *enseñar*: só quem mostra o concreto, ensina.

No Alcorão, nos ensinamentos de Buda, na tradição chinesa... não encontraremos elocubrações abstratas, mas imagens: de Cristo, dizem os evangelhos que Ele só falava em metáforas (*mashalim*) e parábolas (Mt 13, 34; Mc 4, 34).

Um exemplo de como uma situação complexa é atendida por felizes metáforas, em diversas línguas: convidam-me para um programa – assistir a um filme, participar de uma banca, escrever um artigo etc. – sobre tema que não é de minha especialidade, a respeito do qual não me sinto à vontade ou de que simplesmente não gosto. Por outro lado, não me erijo em dono da verdade e respeito o gosto e as preferências de quem me convida. A forma adequada nessa delicada situação é recusar dizendo, com a genial gíria carioca: “Não é minha praia!”. “Desculpe, mas filme de alienígenas, não é minha praia.” Firmemente recuso, mas expresso respeito e tolerância: não estou dizendo que a minha praia é a melhor nem que é a única, mas é a “minha”, dá licença?

O sugestivo equivalente em inglês é: “*It is not my cup of tea*”. “*Sorry, soccer it is not my cup of tea.*” Para a mesma

situação, em Espanha está a expressão “*no es santo de mi devoción*”. Sim, há milhares de santos na Igreja, todos admiráveis, mas ninguém pode cumprir as obrigações de devoto, senão para com quatro ou cinco. No meu caso, eu fico com S. Expedito, S. Longuinho e Sta. Edwiges (a dos inadimplentes). Desculpe, mas prefiro não participar da banca sobre a obra de John Thinker Writer, conheço pouco a obra dele e “*no es santo de mi devoción*”. Não preciso entrar no mérito do autor, nem dizer se acho que ele é superficial ou picareta...

A metáfora do curtir

Com isto, voltemo-nos para uma de nossas mais maravilhosas metáforas: curtir, curtição, hoje praticamente confundida com o mero gostar. Para além de gostar, curtir envolve processo longo, lento (*lentus* = brando), demorado e *de-vagar*: o processo de curtição lentamente amacia o couro e o preserva da decomposição.

Assim, não é de estranhar que seja a metáfora perfeita para o eminente prazer da contemplação: artística, religiosa, amorosa etc. O tempo parece que não passa para os pais jovens que “babam”, paralisados, contemplando seu bebê. E o mesmo para quem se extasia diante de um quadro maravilhoso ou entrevê a presença do divino. Curtir é *enjoy*, etimologicamente *in-joy*, imersão na alegria; e em inglês contemplar é *behold*, estar suspenso, subtraído ao fluir do tempo.

Pois, a contemplação – que, afinal, traduz o grego *theorein*, *theoría*, significando visão, simples visão – é um

ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: “na ausência de tensão de futuro”. Tal como o faz Caetano, no verso da antiga canção “Força Estranha”, que diz que esse encantamento suspende o correr das horas: “O tempo parou para eu olhar...”. Um olhar contemplativo que se volta para o simples, o quotidiano: “o menino correndo”, “a mulher preparando outra pessoa...” Assim, a canção resgata um importante aspecto clássico dessa estranha força: o de que a contemplação não se exerce sobre o inusitado, o estapafúrdio, mas sobre a realidade que está aí diante dos olhos todos os dias.

Ou, como diz Adélia Prado (2008): a contemplação se dá sobre o feijão, a água: “Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo.”

Já no começo do Grande Sertão, Riobaldo compara o agir de Deus à curtição, ao contrário do diabo, ruidoso e abrupto:

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo

de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. – “Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa, 20-21)

A suspensão do tempo no ato contemplativo é objeto também de antigas lendas, como “O Monge e o passarinho”, das *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X, o Sábio, no século XIII. O monge rogou a Nossa Senhora que lhe mostrasse como é o Paraíso. Ao final da oração, em um jardim, apareceu um passarinho e o monge ficou extasiado, ouvindo seu mavioso canto. Quando voltou ao mosteiro, não reconheceu o edifício nem os confrades: sem que ele se desse conta, haviam passado “*grandes trezentos anos, ou mays cuidando que non estivera senon pouco*”.

Uma maravilha da língua Tupi

Essas considerações ligam-se a uma – tão importante quanto injustamente esquecida – tese de Tomás de Aquino: Deus cria brincando, o brincar de Deus, como fundamento da necessária realidade do lúdico na vida humana. Procurei desenvolver esse tema no artigo “O

Lúdico no pensamento de Tomás de Aquino...”
(www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm) e em
recente vídeo aula
(<https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU>).

Tomás afirma a estreita relação do brincar com a contemplação⁵³, “sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur”: em ambas se dá um deleite que tem um fim em si mesmo. E foi com surpresa e emoção que, estudando a língua tupi, deparei-me com a maravilhosa etimologia da palavra tupi para brincar, *nhemosaraî*: esquecer-se de si! Subtrair-se ao tempo! (Navarro 2013, verbete)

Cabe aqui uma notável observação de C. S. Lewis (1991). Em *The four loves*, ele distingue “prazer de necessidade” de “prazer de apreciação”. O primeiro (*need pleasure*) requer uma preparação: só é prazer porque antes ocorreu algo, uma etapa preliminar que o estabelece como necessidade. Por exemplo, beber água depois de horas ao sol: saciar a necessidade converte-se em um prazer. E quanto mais sedenta estiver uma pessoa, mais sentirá prazer ao beber. Os prazeres de necessidade morrem em nós bruscamente: depois de ter bebido, a garrafa já não desperta o menor interesse; o

⁵³. Ubi considerandum est, quod sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur, propter duo quae est in ludo invenire. primo quidem, quia ludus delectabilis est, et contemplatio sapientiae maximam delectationem habet: unde Eccli. 36 xxiv, dicitur ex ore sapientiae: “Spiritus meus super mel dulcis”. Secundo, quia operationes ludi non ordinantur ad aliud, sed propter se quaeruntur. Et hoc idem competit in delectationibus sapientiae. (In Boet. de Hebd. Lc-).

cheiro do churrasco, irresistível para quem está com fome, já não é nada depois de o ter comido. E Lewis conclui com seu humor britânico, aludindo ao alívio fisiológico: “E me perdoem por referir-me ao mais extremo dos casos, não houve momentos para a maioria de nós (numa cidade estranha) quando a palavra ‘Homens’ sobre uma porta despertou uma alegria praticamente digna de ser celebrada em versos?” (Chapt. 2 Likings...)

Bem diferentes são os prazeres de apreciação. O *pleasure of appreciation* é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto. O amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada (ou desinteresseira...). Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores, não apresenta qualquer traço de amor interesseiro; da mesma forma, o conhecedor de vinhos aprecia o vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor e não quer desperdiçá-lo: mesmo em seu leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Está ligado à contemplação, à *theoria* (*contemplatio* é a tradução latina de *theoria*).

De modo genial, Lewis liga a distinção entre os prazeres - os de necessidade e os de apreciação - a fatos da linguagem: nestes, a tendência é a de nos referirmos ao objeto e no presente (no atemporal da *theoria*) “Olha, que cheirinho

bom é este”, “Como é maravilhoso este vinho” ; naqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”, diz o sedento, passando a mão na boca após beber.

Mais uma sugestiva observação de linguagem, esta procedente de Pieper (1979, 13). Nesse seu notável panegírico do ócio, comentando a sentença aristotélica “Estamos não ociosos para ter ócio”, Pieper faz notar que tanto em latim como em grego o fundamental, o positivo é a *skholé*, o ócio, e que essas línguas só dispõem de formas negativas para a ocupação, o não ócio, o negócio, *neg-otium*.

Curtir: do negativo para o positivo

Ao fazer esta pesquisa tive duas grandes surpresas: a de que a metáfora do curtir é muito antiga e a de que originalmente voltava-se para o negativo (“o criminoso vai curtir 20 anos de cadeia” ou “vai curtir seu deserto, vai!” da canção *Regra Três*, de Vinícius - 1972) – e só recentemente passou a expressar prazeres, aplicação que me parece muito mais apropriada.

Assim, no acervo do *Estadão*, encontramos em 27/06/1877: “constrange-o a curtir acerbas vergonhas”. E em 28/09/1882: “Os pobres homens que ousaram levantar a ‘grimpa republicana’ em semelhante terra hão de curtir amarguras”. E por aí vai: “curtir dores”, “curtir as penas divinas”, “curtir varios annos de prisão” etc. Em 20/09/1970, em página inteira do “Suplemento Feminino”, dedicada a explicar para os pais as novas gírias dos adolescentes aparece a nova orientação do curtir. “Curtir: Viver uma situação é

curti-la. Curtir um barato é sentir os efeitos de alguma coisa (droga, uma música moderna, qualquer boa experiência sensorial)”.

Na década de 70, “curtir” já é usado quase cem por cento como positivo, com uma ou outra exceção, como “curtir sua ressaca na prisão” (13/04/73).

Passados quase 50 anos e com a pressão das milhões de postagens diárias no Facebook, essa tendência ao positivo, felizmente, parece ter se absolutizado. Infelizmente, porém, sujeita ao empobrecimento de mero equivalente de gostar, sem preservar a riqueza original, que apontava para um processo longo de saborear o encanto do real.

II – Mas, porém, contudo, todavia...

Caprichos da linguagem

O uso quotidiano por milhões de falantes ao longo do tempo, produz fenômenos semânticos curiosos: expressões aparentemente absurdas ou que perdem a transparência da etimologia ou que podem significar algo e também seu oposto; etc.

Salada deriva, evidentemente, de sal; mas, por conta do fator “mistura de elementos diferentes”, falamos em “salada de frutas”, ainda que ninguém vá adicionar sal a essa salada.

Nossa tendência a intensificar nos leva a empregar a expressão “muito honesto” (mais de 100000 ocorrências no Google, sem contar o feminino “muito honesta”) e não reparamos que a rigor, enfraquecemos o elogio ou a recomendação: se eu digo de uma faxineira que é “muito honesta”, abro a possibilidade de desconfiança: não afirmei que ela fosse totalmente honesta... Do mesmo modo, não cabe falar em “mais definitivo”: ao afirmar que vamos fazer um provisório reforçado, pois assim fica “mais definitivo”, na verdade estamos negando o caráter cabal, ultimado e categórico que define o definitivo... O mesmo vale, por exemplo, para “o mais absoluto sigilo”; absoluto não admite, a rigor, mais nem menos... Ou para um suco de frutas natural: se é natural, é natural e ponto final: não cabem “muito”, “tão” etc. Para não falar do humor macabro do tradicional *corrido* mexicano “Rosita Alvérez”, no qual Rosita recusa-se a dançar com Hipólito e este, ofendido, saca a pistola e dispara:

La noche que la mataron
Rosita estaba de suerte:
de tres tiros que le dieron
no más uno era de muerte.

Em muitos casos, o sentido fica por conta de algo subentendido. “Absolutamente” no Brasil é negativo: de

modo algum! Já em Portugal é afirmativo (Houaiss): sem dúvida que sim. David Crystal faz notar a diferença dos “obrigados” em inglês e em francês: se em um bar o garçom pergunta se quer um café e você diz: *Thank you*, o café virá em poucos minutos; já para o francês, *Merci*, o café não virá nunca (este é “obrigado, não”; aquele é “sim, obrigado”). E o “*por favor*” espanhol, muitas vezes é sinal de impaciência ou insistência: já é o terceiro atraso, queixa-se o cliente para o mecânico “*C*%&! cuándo estará listo, por favor!?*”

Um empobrecimento – que alguns colegas já têm apontado – é o que está ocorrendo com “literalmente”, sendo usado também no sentido de “não literalmente”. Além do uso normal (“esse é o tipo de coisa que literalmente me tira o sono”), vejo em um site de esportes o convite a votar na enquete: “Ponte Preta está literalmente com a macaca na série B 2014?”. A Ponte metaforicamente é conhecida como Macaca, pois, vez por outra, apronta caprichosos imprevistos, derrotando inesperadamente grandes times. Mas é impossível a desmetaforização pois não se trata de estar, ao pé da letra, *com a macaca*. E “literalmente” vai perdendo seu sentido específico e se tornando simplesmente uma mera forma enfática, como na sentença que lemos em um site de política: “O vereador Fulano ficará literalmente numa saia justa se o partido a que pertence ingressar na base de apoio ao prefeito”.

Mas nem sempre podemos pretender aplicar o rigor da lógica formal à gênese e ao uso de expressões da linguagem comum, que tem sua dinâmica própria, mais ligada à vida do que a teoremas. Um site de dúvidas gramaticais está coberto de razão quando responde à questão:

“Ele sempre escolhia a ‘metade maior’. Pode?” “Não. Não pode. Se é metade, é metade. Não existe metade maior ou metade menor. É uma questão de lógica, que não admite aproximação. Meio é meio. Seria melhor dizer que ‘Ele sempre escolhia o maior pedaço’ ou ‘Ele sempre escolhia a maior parte’”

(<http://gramaticaequestoesvernaculas.blogspot.com.br/2014/02/ele-sempre-escolhia-metade-maior-pode.html>). Mas com essas “soluções”, perdemos um importante elemento semântico: quando o netinho se queixa com a avó que seu priminho pegou a “metade maior”, há aí uma revolta (não consciente, mas real): ele não se conforma com o fato de a divisão da torta não ter sido feita em partes iguais nem com a falta de presença ativa da avó na hora do fato consumado (ou consumido...): para o agudo senso de justiça infantil, houve realmente uma metade maior...

A linguagem tende a perder transparência: dizemos colar, colarinho, coleira, torcicolo e tiracolo e não reparamos em que derivam de colo, pescoço (daí que seja incompreensível, à primeira vista, a expressão “sentar no colo”). E há expressões que originalmente surgem como combinações de duas mais antigas e – por ênfase ou eufemismo – unem-se numa opaca nova forma. Assim, “tremendo nas calças” (cerca de 200 ocorrências no Google), parece ser a forma atenuada do medo em “c. nas calças” combinado com “tremendo nas bases”. Louvando o técnico de basquete Pat Riley, “que deixou o Miami tinindo”, dizia um antigo artigo da Folha: “os times que desembarcam hoje na Flórida o fazem tremendo nas calças”. E num site de esportes do UOL “No jogo do último sábado, no Monumental

de Nuñez, quando o time brasileiro entrou em campo tremendo nas calças, ninguém jogou bola do lado canarinho”. “De jeito maneira” (mais de 30000 ocorrências no Google) combina enfaticamente: “de jeito nenhum” com “de nenhuma maneira” e a criativa “inacreditável” (2000 no Google) mistura incrível com inacreditável. Um último exemplo: “marcando toca” resulta talvez da fusão de “marcar bobeira” com a equivalente antiga “dormir de toca”... E “vai te catar” parece combinar “vai se f.” com sua equivalente, atenuada por metáfora, “vai catar coquinho”...

O princípio de que para bom entendedor, meia palavra..., junta-se à lei do mínimo esforço. Assim, para situações maçantes (“Aula de três horas sem intervalo é um pé / é dose”) acabamos por dizer simplesmente: “foi um pé” ou “é dose”, dispensando as fórmulas completas originais, que explicitavam a ação contundente do pé sobre partes sensíveis do corpo ou porções para elefante, cavalo ou outros animais de grande porte. Também a expressão “Tá me tirando” (cerca de 100000 ocorrências no Google) torna-se enigmática ao dispensar as formas originais “tirar pelo” ou “tirar sarro”, já bastante esquecidas.

Essas e outras transformações que vão tornando a linguagem opaca e enigmáticas as etimologias, ocorrem também com as nossas adversativas. Aqui, apresentaremos alguns exemplos que possam apontar para o sentido original.

“Todavia” é etimologicamente “toda a via”, que no português arcaico significava: “completamente, constantemente”.

Como nos maldosos versos do século XIII de João Garcia de Guilhade, tantas vezes citados:

Ai dona fea! Foste-vos queixar
Que vos nunca louv'en meu trobar
Mais ora quero fazer un cantar
En que vos loarei **toda via**
E vedes como vos quero loar:
Dona fea, velha e sandia!

O *todavía* espanhol passou a significar “ainda” e é bem compreensível em sua forma negativa, como desculpa, por exemplo, a ser dada por aquele mecânico do exemplo acima, indagado pelo furioso cliente se o carro finalmente ficou pronto: “*Todavía no*”, não ainda, não completamente, dando a entender que está quase...

O sentido originário em português, “toda-a-via” (haverá influência disso na forma interiorana “toda a vida”: como no disco da banda Tubaína: “Segue em frente toda a vida, mas pare em Birigui”?) permanece no inglês “all the way”, como na canção de Frank Sinatra: “When somebody loves you/ It's no good unless she loves you /All the way”. “All the way” é completamente, cabalmente, com tudo.

E assim, meio sem querer, viemos dar com outra forma: contudo (com-tudo). Na verdade, a adversativa não é simplesmente “oposto, contrário a; adverso” (Houaiss / Aurélio); o que realmente ocorre é que, em todas essas formas, reconhecemos a força do conjunto (“toda a via”) dos argumentos contrários (note-se que também “embora” aponta

para plenitude: a boa hora, a hora boa, que consuma). Contudo, mesmo consciente desse todo contrário, há um aspecto *mais* (e “mas”, em sua etimologia, é precisamente “mais”). Aspecto que se opõe (adversativa) àquela massa de razões que concedemos. “Mas”, é um “sim, mas”: um acréscimo que contraria a base com a qual se concorda: tudo bem, só que... (este só também funciona como adversativa: uma única razão que derruba todas as contrárias, como o neutro “*lo único*” em espanhol: *Lindo y comfortable; lo único es que se encuentra alejado del centro.*

Um exemplo. Querem me vender um carro muito bom: potente, bonito, com os melhores acessórios etc. Concordo completamente com o que o vendedor diz; “contudo” o preço é exorbitante... As razões do vendedor são verdadeiras e de peso e embora as pondere (a-pesar delas...), e as aceite (*sin embargo*), isso não obsta (não obstante) a minha recusa, pois o quesito preço é decisivo.

Nessa categoria, cabe igualmente o recurso à contraposição entre os argumentos pelo fator tempo, com “agora”, “depois” ou “antes”. No primeiro caso, prevalece este fator [“agora”] sobre o que o vendedor [anteriormente] me apresentou: “Sim, o carro é potente, bonito e tal; *agora*, por esse preço não dá...” Em alguns casos, pode-se usar “depois”, como naquele bate boca entre o Pânico e Luana Piovani. O próprio marido, Scooby, tinha postado fotos da mulher nua e o Pânico abordou o casal na praia, o que causou fúria e ameaças por parte de Luana. Ao discutirem essas fotos no programa, Nicole Bahls foi logo dizendo: “Ai, gente, *depois* eu é que sou piranha!”. Ou seja, a evidência do fato presente nem se compara à (“injusta”) fama que insistem em

projetar no futuro [depois]... Em outros exemplos, podemos empregar até mesmo “antes” (como categoria originária e duradoura, que prevalece): “Isto, mais do que uma tese de doutorado, é antes um amontoado de citações desconectadas”.

O bloco de razões que, etimologicamente, o contudo e o todavia reconhecem (para depois acrescentar algo que o contraria), também está presente na adversativa “mas”. “Mas” é originariamente mais. Sim, admito o valor do que você falou, mas há *mais*, há algo mais que deve ser considerado. “Larga já esse video game, já são onze horas e amanhã você vai ter que acordar cedo para ir para a escola etc.”. A criança ameaça responder: “Mas...”. “Nem mas, nem meio mas!!” (não há “mais” algum a ser ajuntado ao que a mamãe disse) “É assim e ponto final! Assim, sem mais!”. Posso até sentir muito, ficar desolado (malgrado...), mas é assim que tem que ser.

O etimológico “mais” no mas pode ser advertido em usos como: “Torci pelo Corinthians na final do mundial contra o Chelsea. Sou palmeirense, mas [mais] sou brasileiro”. “Claro que gosto de doces, mas preciso cuidar da diabetes”, a atenção à doença é mais importante do que um gostinho caprichoso... “Eu respeito religiões super discutíveis, mas quero que respeitem a minha”. Ou ainda na expressão “tem mais é que” (que, sugestivamente, em Portugal é: “tem *mas* é que”), como quando se diz: “ele tem ma(i)s é que mofar na cadeia”.

Menos clara é a passagem para o uso atual do sentido originário de porém, *por ende*, que significa *por isso*,

portanto (segundo alguns estudiosos, *por ende*, teria assimilado o valor da negação, passando a expressar uma contrajunção). A transformação de porém é semelhante à do espanhol *pero*, originariamente *per hoc*, por isto. O sentido primitivo deixa-se entrever em sentenças como: “Vou ao velório e ao enterro, porém não à missa de sétimo dia” (cumprí as primeiras obrigações, portanto dispenso-me da última). “Sou muito tolerante e aceito críticas a mim; não, porém, [não por isso] ofensas à família.”

Concluimos, seguindo os jogos de linguagem de Mart'nália em sua canção “Entretanto” (adversativa, entre tantas coisas, nesse meio tempo...): se ao longo dos séculos, perdemos a transparência do sentido originário das expressões, devemos sempre buscá-la, entretanto.

Referências

Grant Allen, C. **Post-Prandial Philosophy**. The Project Gutenberg EBook. 2006
<http://www.gutenberg.org/files/18788/18788-h/18788-h.htm>.
Acesso em 4-7-15.

Guimarães Rosa, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Lewis, C. S. **The four loves**. New York: Hartcourt, 1991.

Navarro, E. de A. **Dicionário Tupi antigo**. São Paulo: Global, 2013.

Pieper, J. **El ocio y la vida intelectual**. Madrid: Rialp, 1979.

Prado, Adélia “Sempre um Papo”, programa da TV Câmara, 06-08-08, que se encontra em: <http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/player.php?id=127>. Acesso em 4-7-15.

Santo Expedito: análise de uma devoção

Resumo: O artigo analisa, a partir de razões históricas, sociológicas, psicológicas e de linguagem, diversos aspectos da ascensão (e declínio...) em São Paulo (e no Brasil) da devoção a Santo Expedito: o santo das causas urgentes e das soluções imediatas. Embora ele talvez nem sequer tenha existido, Expedito surge como objeto de culto para milhões de brasileiros pelos valores que representa: soluções rápidas contra a onipresente burocracia.

Palavras Chave: S. Expedito. religiosidade popular. hermenêutica. psicologia e sociologia da religião.

St. Expeditus: Brazilian Society and Devotion

Abstract: This study discusses – from historical, sociological, psychological and linguistical points of view – various aspects of the rise and fall (in Brazil and especially in São Paulo) of the devotion to St. Expeditus, the saint of urgent cases and for prompt solutions. Although he may never have even existed – who cares? – Expeditus has emerged as the object of cult-like devotion for many people in Brazil for the values he represents: real-time solutions against red tape and bureaucracy.

Keywords: St. Expeditus. popular religiosity. hermeneutics. psychology and sociology of religion.

S. Expedito é um convite para examinar interessantes questões de linguagem e discutir importantes questões suscitadas por sua emblemática figura. A proximidade de sua festa, 19 de abril, é uma boa ocasião para aferir sua popularidade, pois parece que ele anda um pouco sumido.

Após alguns anos de sucesso absoluto, como campeão das causas urgentes (ou: justas e urgentes, porque ele nunca se prestaria a malfeitos), sua visibilidade anda um tanto em baixa. Há muito tempo que não me oferecem santinhos nem vejo em São Paulo aqueles banners e faixas: “Agradeço a Sto. Expedito pela graça alcançada” (ele veio na contra-mão do provérbio: “Quem **espera** sempre alcança”).

No auge da devoção ao santo despachante, muitos devotos até se permitiam expressar-se com dizeres mais familiares, como: “Valeu, S. Expedito, te devo mais uma”. Expedito, como veremos, aprecia essa informalidade e convida especialmente ao tratamento descontraído, na linha descrita já em *Raízes do Brasil* (Holanda 2010, 149):

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma santa Teresa de Lisieux – santa Teresinha – resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) foi justamente o nosso culto sem obrigações e sem rigor, intimista e familiar, a que se poderia chamar, com alguma impropriedade, “democrático”, um culto que se dispensava no fiel todo esforço, toda diligência, toda tirania sobre si mesmo, o que corrompeu, pela base, o nosso sentimento religioso.

O *boom* da devoção a S. Expedito começou em 1983, quando o radialista Eli Corrêa (“oiii geenteee!”), locutor de um programa muito popular, inicialmente na Rádio América de São Paulo, começou a divulgar diariamente graças alcançadas pela intercessão do santo. Logo juntar-se-ia ao

programa o padre João Benedicto Villano, tenente-coronel capelão da Polícia Militar, da qual Expedito é o padroeiro.

Na virada de 2000, a revista *Veja* já o qualificava como santo “da moda” e noticiava que em 1999 tinham sido produzidos 72 milhões de santinhos, quadruplicando os 18 milhões do ano anterior. A estratégia de marketing era a de distribuir mil santinhos imediatamente após a obtenção da graça e, assim, em poucos anos, 2 ou 3 santinhos para cada brasileiro.

Em 2001, a *Vejinha* noticiava que Expedito havia ocupado o primeiro lugar na devoção dos paulistanos (evidentemente, pressa é devoção de paulistano; na Bahia, de Dorival Caimmy, Expedito não tem devotos à altura...) desbancando o trio anti-aperto: São Judas Tadeu (das causas impossíveis), Santa Rita de Cássia (dos desesperados) e Santa Edwiges (a dos inadimplentes). Claro que, na época, arrumar emprego, sair do cheque especial, pagar as prestações das Casas Bahia – causas impossíveis, geradoras de desespero e inadimplência – foram encampadas pelo Santo, a título de urgentes, com a vantagem de que Expedito resolve na hora...

Em 2004 (15/04), St. Expeditus ganhou até mesmo a primeira página do *Wall Street Journal*: “Jobless Brazilians Needing Fast Action Call on St. Expeditus”.

Nunca existiu um santo *Expeditus*: seu nome advém da característica do personagem (como nos *sketches* dos programas de humor, nos quais o marido traído tem o nome Cornélio...), que daria um prato cheio de “predestinado” do José Simão, como a daquele grego, super campeão de ciclismo, chamado Kanellos Kanellopoulos “sebo no

Kanellos – rarara”). E é que Expedito, em latim e português, significa: rápido, desembaraçado, o homem que vai e resolve, sem burocracias (não por acaso, sua igreja fica nos fundos do quartel da ROTA: seus devotos originais...) ou, como ensina Mestre Pasquale:

“Expedito” é o particípio do verbo latino “expedire” (“desembaraçar os pés”, “pôr os pés para fora”, ou seja, pô-los para andar, para correr). Em “expedir” há os elementos latinos “ex-” (“movimento para fora”) e “pede”, “pedis” (“pé”). É por isso que, como adjetivo, “expedito” significa “ágil”, “rápido”, “desembaraçado”. O verbo “impedir” é da mesma família de “expedir”. Temos aí o elemento latino “in-”, de valor negativo. Literalmente, “impedir” significa “não deixar andar”, “travar”. (Folha de S. Paulo, 28-09-06).

O fato é que não há base histórica que avalize sua existência... Na verdade, para o povão piedoso, isso não faz a menor diferença – se ele existiu ou não é mero detalhe –, o que vale é seu valor simbólico para a massa devota. Nesse sentido, Comte-Sponville (2007, pp. 43-44), lembra a famosa história dos dois rabinos:

Dois rabinos jantam juntos. São amigos. Discutem até tarde da noite sobre a existência de Deus. E concluem que, afinal de contas, Deus não existe. Os dois rabinos vão dormir. Nasce o dia. Um dos dois rabinos acorda,

procura seu amigo dentro de casa, não o encontra, vai procurá-lo fora, no jardim, onde por fim o encontra, fazendo as preces rituais da manhã. Surpreso, pergunta-lhe: “Ué, o que você está fazendo?” “Não está vendo? Minhas preces rituais da manhã.” “Pois é isso mesmo que me espanta. Conversamos boa parte da noite e chegamos à conclusão de que Deus não existe, e você agora faz as suas preces rituais da manhã!” O outro lhe responde simplesmente: “E o que Deus tem a ver com isso?”

Para a Cúria Romana, a burocracia mais lenta do mundo, surgem, nesses casos de dúvidas sobre a existência real de determinado santo, um delicado problema: como manter o rigor científico histórico sem afrontar a credence de milhões de devotos.

Em 1969, Paulo VI decidiu remover do calendário universal da Igreja muitos santos de existência não comprovada como São Jorge, Santa Filomena, São Cristóvão, Santa Bárbara etc. No Brasil, na época (em plena ditadura militar) o caso ficou conhecido como: “os santos cassados”. Ante a imensa comoção popular que a “cassação” iria causar (alguns eram padroeiros nacionais; milhões de fiéis batizados com os nomes de Jorge, Filomena etc.), o Vaticano arrumou uma de suas típicas soluções: não é, mas é, sem deixar de ser, não sendo, nenhuma e ambas... Esses santos, nos casos em que a “conveniência pastoral” assim o recomendasse, integrariam somente calendários locais: Inglaterra ou Catalunha, por exemplo, não precisariam prescindir de seu

São Jorge (que, oficialmente, não integrava já o time dos santos universais). Entre as nações que não poderiam prescindir do Santo Guerreiro estava a nação corintiana e foi graças ao Timão que São Jorge permaneceu no calendário brasileiro. Um corintiano ilustre, D. Paulo Evaristo Arns, arrancou do Papa esse privilégio e assim relata o diálogo em suas memórias:

“Santo Padre, nosso povo não está entendendo direito a questão. São Jorge é muito popular no Brasil. Sobretudo ante a imensa torcida do Corinthians, o clube de futebol mais popular de São Paulo”. [Paulo VI] Respondeu-me assim: “Não podemos prejudicar nem a Inglaterra, nem o Corinthians”. (Arns: 2004, p. 99)

Se nem sempre São Jorge salva o Corinthians, naquela ocasião foi o Corinthians que salvou o São Jorge. Santo Expedito nem foi “cassado”, porque simplesmente não era nada na época: só viria a ser algo, anos depois, em São Paulo e no Brasil.

Claro que o caso nunca será levado formalmente ao Vaticano, entre outras razões, porque a Cúria nunca daria o tiro no pé de homologar um santo, cuja característica é a rapidez e a informalidade.

Nesse sentido, em seu livro *Inside the Vatican*, o jesuíta Thomas J. Reese, que foi editor chefe da renomada revista católica *America*, recolhe uma das piadas clássicas sobre a burocracia dos dicastérios do Vaticano, que, na contra-mão de nosso Expedito, pode retardar por décadas (ou

séculos...) decisões simples. A piada circula nos corredores da própria Cúria: foi achado um bebê na Congregação para a Doutrina da Fé. O (então) prefeito, Card. Ratzinger, fica escandalizado e entra em pânico, mas um monsenhor o acalma: “Fique tranquilo, Iminência, não é de ninguém daqui, porque aqui nada se resolve em nove meses”. E outro monsenhor completa: “Um bebê é algo tão encantador e é fruto do amor: certamente não é coisa nossa”.

Venenos à parte, o fato é que, contra a recomendação dos burocratas do Vaticano (acharam a medida prematura), João Paulo II foi a Istambul em 2004, para pedir perdão ao Patriarca de Constantinopla pela IV Cruzada (aquela que em vez de combater os infiéis, saqueou a grande cidade cristã do Oriente) de 1204! Levou exatos 800 anos para cair a ficha! Que chance pode ter um S. Expedito no Vaticano?

A questão da oficialização de S. Expedito ficará no limbo da burocracia eclesiástica, sistema administrativo que tem a vantagem de que enquanto se adiam por décadas o exame das questões, muitas delas ficam pelo caminho e desaparecem na poeira do tempo...: deixa como está para ver como é que fica (se é que fica...). Imaginemos, por exemplo, o tempo que teriam perdido os cardeais, se tivessem se debruçado a examinar a validade canônica da advocação mariana Nossa Senhora Desatadora dos Nós. Surgida do nada (de uma remota devoção alemã), ela teve, entre nós, seu próprio *boom* em 2000-2002 e hoje está praticamente esquecida... (sem falar no ridículo que seria a Santa Sé abrir um processo, zelando pela fé tupiniquim, para verificar se existiu, digamos, um São Longuinho, o dos três pulinhos...). O próprio S. Expedito já não está na moda. Daí, talvez, o fato

de a Diocese de São Paulo, ao criar sua 300ª paróquia, em 17-12-11, dedicou-a a S. Expedito e ao Sagrado Coração de Jesus: se o Vaticano questionar que se está dando muito respaldo institucional a um santo fictício, a diocese pode responder que a paróquia é do Sagrado Coração de Jesus (o tupiniquim Expedito é só o estepe).



Detenhamo-nos, agora, no diferencial de S. Expedito. Se S. Antônio é o casamenteiro; se S. Francisco é da ecologia e S. Longuinho é para encontrar objetos perdidos, S. Expedito é acionado para causas urgentes. E é objeto de devoção por parte de dois tipos de fiéis: os que por natureza identificam-se com ele, pois são dotados de um temperamento particularmente avesso a esperas e enrolações (cerca de 40% da população, os do tipo *artisans SP*, na terminologia do psicólogo americano David Keirse) e a totalidade dos que sofrem entraves inúteis da burocracia, estatal ou não (além, é claro, de causas como desemprego, inadimplência etc., que são urgentes).

A lenda diz que Expedito era um comandante militar do início do séc. IV – veio a sofrer o martírio por não renegar

sua fé cristã –, que ficava adiando sua conversão ao cristianismo. Quem observar o santinho, reparará que Expedito segura uma cruz na qual está escrito *Hodie* (em latim: hoje) e esmaga com o pé um corvo que diz *Cras*, que em latim significa: Amanhã (daí o nosso “procrastinar”); *cras* é também a onomatopeia do corvo (como *miau* é a do gato).

Os Padres da Igreja comentam esse jogo de palavras (*hodie/cras*) sem mencionar nenhum protagonista, para eles trata-se simplesmente de um sugestivo modo de catequese. Se tivesse havido um mártir com esse enredo, S. Agostinho (354-430), S. Cesário de Arles (470-543) e outros que pregam sobre o abominável corvo do *cras*, certamente não teriam ficado apenas na análise das palavras, mas teriam exaltado o herói cristão, que venceu o diabo (alegorizado no corvo) e seus adiamentos. Aliás, os Padres costumam fazer trocadilhos e jogos de palavras com os mártires, como no caso das santas mártires Felicidade e Perpétua, no estilo dos predestinados de José Simão (“foram para o Céu para gozar da felicidade perpétua”. Etc.).

A pregação de Agostinho, diga-se de passagem, está repleta de deliciosos trocadilhos e jogos de linguagem, muito semelhantes aos nossos slogans de publicidade. Contra os abusos de poder dos militares, o bispo de Hipona, exorta: “Militares, estais na milícia (*militia*) e não deveis estar na malícia (*malitia*)”; “Cartago, caldeirão de vícios” (*Cartago, sartago*) etc. Quanto ao corvo e seu diabólico “*cras, cras*”, Agostinho (*En. in Ps.* 102, 16) comenta:

Irmão, não fique adiando sua conversão. Há aqueles que ficam protelando e cumpre-se neles

a voz do corvo: “cras, cras”. (...) Até quando ficarás no cras, cras...? Atente para teu último *cras*. Não sabes quando será teu último *cras*.

E em outro sermão (224, 4) :

Os pecadores devem corrigir-se enquanto vivem. A morte vem de repente e ninguém poderá converter-se. Quando será nossa última hora, não o sabemos. Quem fica dizendo “cras, cras”, torna-se corvo: vai e não volta [como o corvo da arca de Noé], nunca se converte.

Como dissemos, se tivesse havido um personagem qualquer para estrelar esse relato, S. Agostinho (e os demais autores antigos e medievais) não teriam deixado de celebrar esse herói, que, além do mais, melhoraria muito a história.

O anti-exemplo, sim, Agostinho, tinha ao alcance da mão: ele próprio, que enrolou anos a sua conversão e atreveu-se até mesmo a dirigir a Deus a oração do *cras*: “Dai-me a castidade, mas não ainda, pois temia que me atendessem muito depressa e que me curasse logo a doença, que eu mais queria saciar do que extinguir.” (*Confissões* Cap. VI).

O caráter perverso dos adiamentos desnecessários é posto em evidência na própria Bíblia. Como naquela intrigante atitude do faraó, duramente punida por Deus. Diante da horrível praga das rãs – que infestavam todo o território do Egito: havia rãs na casa, no quarto e até na cama do faraó (Ex 7, 28) –, o faraó, desesperado, chama Moisés e Aarão: “Rogai a Iahweh que afaste as rãs de mim e de meu povo, e deixarei teu povo partir”. Moisés - desconfiando do

faraó e para firmar bem os termos do contrato - faz a surpreendente pergunta (como se se tratasse de algo não urgente, digamos, como o concerto de um bibelô): “Digna-te dizer-me quando deverei rogar a Iahweh para afastar as rãs”. Mais surpreendente ainda é a resposta do faraó: “Amanhã!” (que, como tantos “adiamentos”, significa, na verdade: nunca).

Já Expedito segue à risca a proverbial sentença de Publílio Siro: só dá de verdade (dá duas vezes), quem dá rapidamente: “*bis dat, qui dat celeriter*”.

Mas voltemos a David Keirsey. Baseado em Jung (e em seus tipos psicológicos e abreviaturas), esse psicólogo americano reformulou, com enorme sucesso, a antiga teoria dos temperamentos. Segundo ele há quatro tipos fundamentais: SP, SJ, NF e NT.

Os SP (abreviaturas de *Sensible* e *Perception*) são aqueles quarenta por cento da população, por temperamento propensos à ação, movidos pelo impulso do momento e, como dizíamos, avessos a esperas, enrosocos e enrolações: *wait* é a palavra que os mata. Deles, diz Keirsey, em seu livro fundamental: *Please, Understand ME II* : “Não suportam esperar, pois esperar é ver seu impulso murchar e morrer...”, “Esperar, poupar, armanezar, não faz o tipo do SP” etc.

Encontramos esse tipo em muitos atletas, cantores, músicos, policiais de ação (a ROTA é território SP...) etc. Para o bem e para o mal (os tipos de Keirsey são neutros eticamente) são impulsivos, como o Gal. Patton; Edmundo Animal, Romário ou Renato Gaúcho, John Kennedy, Carmen Miranda etc.

Nos filmes é muito comum um personagem SP, impulsivo e pouco se importando com as burocracias, estar a desenvolver uma ação eficaz e espetacular, quando é afastado pela hierarquia por ignorar as normas do Sistema (administradas, em geral, por outro grupo de 40%, o dos SJ)... Rambo, por exemplo. Ou o próprio Patton. Foram os SP que inventaram as expressões da gíria, para substituir o mero sim: “Demorou” e “Só se for agora”.

Torturados pelo Sistema que, com suas enrolações, enroscos e regrinhas absurdas, impede sua ação, os SP são devotos natos de S. Expedito! Os SJ, temperamentalmente voltados para as coisas estabelecidas, assentadas, formalizadas, esquematizadas, institucionalizadas, são avessos a mudanças (se tiver que mudar, que seja lentamente...). Respeitadores dos regulamentos, estatutos e diários oficiais, não se reconhecem nesse santo e não recorrem a ele... (exceto nos casos em que eles mesmos são vítimas dos excessos do Sistema: obter os papéis para aposentadoria no INSS, por exemplo).

Mas, o detalhismo descabido, não incide só em âmbito estatal, como mostra a piada da vendedora, do genial humorista catalão Eugenio:

Na papelaria:

- Bom dia, eu queria um refil para agenda.
- De que tamanho? A5, A6, letter...?
- Pode ser deste...
- Quantos furos tem sua agenda?
- Quatro.
- De que marca o senhor quer?

- Tanto faz.
 - Mas, o senhor quer folhas sem pauta, com pauta ou quadriculado? [...]
 - Com margem ou sem margem?
 - Bem, com margem.
 - De que cor quer a linha da margem?
 - Sei lá... Que cores tem?
 - Vermelho, azul, preto...
 - Pode ser vermelho mesmo...
 - O papel com extremos arredondados?
 - Minha senhora, tanto faz!
- Etc.

O freguês já está desistindo, quando entra um outro cliente carregando um embrulho enorme e pesado que lança sobre o balcão e dirige-se, agressivamente à balconista:

- A bunda, a senhora já me fez mostrar ontem; a privada que eu uso é esta. Me vê um rolo de papel higiênico!

Aliás, diga-se de passagem, a institucionalização de S. Expedito traz em si algumas contradições e contraria o próprio modo de ser do Santo! Um taxista devoto me deu algumas dicas: ele (S. Expedito) obviamente não aceita novenas (imagine se ele vai querer 9 *cras*) nem orações longas. E se alguém que obteve uma graça com promessa, deixar para pagar a promessa no dia seguinte, o Santo se vingará e reverte a graça... (“se ele arrumou para o senhor R\$ 5000 e o senhor adia a vela para ele, ele te dá um prejuízo de R\$ 10000...”).

O próprio fato de haver um dia de S. Expedito é problemático: imagine se S. Expedito vai aceitar aglomerações de milhares de fiéis, que impõem fila de espera de 4 ou 5 horas para vê-lo...

E muito menos esperar um processo formal de reconhecimento ou canonização da Cúria Romana...

Está explicado o sumiço de Santo Expedito: ele não quer ser institucionalizado e se cansou da tentativa de enquadrá-lo em dia fixo, orações rituais, novenas, filas para vê-lo.

Não quer cidadãos que se recusem a receber mais santinhos dele, fiéis que ficam enrolando para cumprir o que prometeram etc.

Ele saiu de fininho e agora só atende seus verdadeiros devotos: discretos SP do vapt-vupt.

E quem não estiver satisfeito pode ir se queixar para o bispo, para o INSS ou, se preferir, para a Cúria Romana.

Referências

ARNS, Dom Paulo Evaristo, **Corintiano, graças a Deus**. São Paulo: Planeta, 2004.

BUARQUE DE HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. 26a. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2010

COMTE-SPONVILLE, André **O Espírito Do Ateísmo**, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

REESE, Thomas J. **Inside the Vatican**, Cambridge: Harvard University Press, 2003.

Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)

Resumo: Notas de uma conferência (19-06-2018) para os 3º.s anos do Ensino Médio do Colégio Luterano São Paulo. Apresenta princípios teóricos e exemplos de aplicações em pesquisas realmente realizadas.

Palavras Chave: Metodologia da pesquisa; pesquisa científica.

Abstract: Notes of a lecture (Colégio Luterano São Paulo, June. 19, 2018) on methodology of research for students finishing High School. It presents some theoretical principles and examples of applications in real researches.

Keywords: Methodology of research; research in education.

Introdução

Primeiramente, quero agradecer ao diretor Prof. Enio Starosky e às organizadoras, Profas. Simone Marquart Terranova e Magda Dorotea Zimmer Huf, pelo honroso convite para proferir esta conferência. Permitam-me que me dirija primeiramente aos jovens pesquisadores em Ciências Humanas e exemplifique com pesquisas por mim realizadas, indicando, em cada caso, o link da correspondente publicação.

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. A *physis* e a realidade humana gostam de se esconder.

E só podemos pesquisar sobre o que está oculto. Lembremos que especialmente a realidade humana não se deixa apanhar facilmente: está escondida e resiste a se manifestar.



João Sérgio Lauand, Sílvia G. Colello, JL, Enio Starosky

Se eu quero saber o que é o sal, eu pego o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro etc. Se eu quero examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem... ? Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper indica três sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar essas realidades escondidas: a linguagem, as instituições e os modos de agir humano.

A pesquisa tem por objeto algo oculto

Cada um de vocês tem um tema de pesquisa e busca algo oculto, porque se for manifesto não há pesquisa. Infelizmente, dada a enxurrada da indústria de diplomas, ocorrem hoje muitas pseudo-pesquisas – em artigos, dissertações e teses –, algumas precisamente voltadas para o que **não** está oculto!

É o caso, para tomar um exemplo que realmente examinei, de alguém que dedicasse uma dissertação de mestrado a investigar se, em determinado colégio, o professor de língua portuguesa promove mais a leitura em seus alunos do que os de outras disciplinas. E conclui com o que já era óbvio: o professor de Português (bem ou mal...) promove mais a leitura do que o de Educação Física ou de Química Orgânica...

Cuidado com questionários e entrevistas – não sabemos o que sabemos

E a demonstração “científica” dessa obviedade é feita por procedimentos nem sempre apropriados: amostras precárias, questionários mal formulados seguidos de gráficos de “pizza” para dar aparência de credibilidade, protocolos de comissões de ética etc. O importante é encadernar a dissertação e, se for o caso, tentar uma revalidação no Brasil.⁵⁴

⁵⁴. Sempre fico me perguntando que especialização haverá no Paraguai, que leva centenas de brasileiros – não da fronteira, mas do nosso Nordeste – a cursarem caros mestrados em Educação lá...

Mas, voltemos aos métodos de pesquisa. Claro que questionários e entrevistas podem ser legítimos e valiosos instrumentos, mas seu uso requer certos cuidados. O mais importante é ter em conta que, em muitas situações, *o entrevistado não sabe o que realmente ele pensa sobre o que é indagado* (o que, talvez, para sua própria sur-presa, só venha a descobrir em situações extremas, alheias ao ambiente da entrevista⁵⁵).

Discutindo esse critério, certa vez perguntei em classe: Você tem medo da morte? Algumas alunas, cristãs convictas, apressaram-se em responder: Não (pois quem segue a Jesus Cristo não teme nada etc.). Procurei lembrá-las da experiência da igreja primitiva, a igreja dos mártires. A experiência dos *lapsi*: cristãos que arrogantemente tomavam a iniciativa de desafiar abertamente a autoridade imperial, apregoando que não iriam sacrificar aos deuses, e acabavam por vergonhosamente renunciar à sua presunção... A Igreja logo percebeu a auto-enganação e proibiu essa ingênua e desastrosa prática. E o próprio Cristo angustiou-se e souou sangue no Horto...

Pensar em termos abstratos é uma coisa; outra, bem diferente, é como dizem os ingleses: “*the real thing*”, a hora da verdade. É muito fácil cantar na arquibancada: “Nem teme quem te adora a própria morte”, ou no hino do exército: “Se a pátria amada for um dia ultrajada, lutaremos com valor” (já a clássica paródia, menos idealizada, diz: “Se a pátria amada precisar da macacada, *puxa vida que maçada*”).

⁵⁵. Sobre o medo da morte: lembro-me que, para minha surpresa, tive uma revelação sobre o que eu realmente pensava sobre isso, quando um ladrão encostou um 38 em minha testa...



Antônio Fagundes e Mateus Solano – “Amor à Vida” (2014)
<http://www.purebreak.com.br/midia/a-6810.html>

Não só nas grandes questões existenciais ignoramos o que nós próprios pensamos; o mesmo pode ocorrer em outros setores. Na novela “Amor à Vida”, que discutiu a homossexualidade (e promoveu o polêmico beijo gay) víamos diariamente o homofóbico Dr. César Khoury (Antonio Fagundes) reiterar – sinceramente – que não tinha nenhum preconceito contra homossexuais (só não tolerava os gays que o cercavam: o filho Félix – Mateus Solano – e seus funcionários com essa orientação).

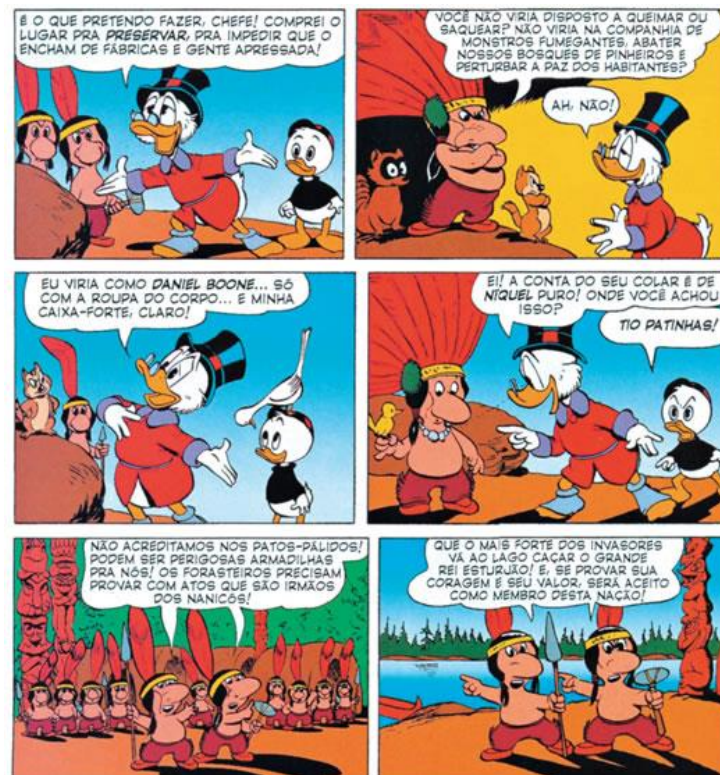
Tomemos também o caso da proibição de sacolas plásticas descartáveis na cidade de São Paulo. Em janeiro de 2011, recém implantada a lei que banuiu as sacolinhas dos supermercados, pesquisa do Datafolha revelou que 57% dos entrevistados eram a favor da medida, ou achavam que eram... Em maio do ano seguinte, os mesmos paulistanos, agora 69%, tendo sofrido as consequências, esqueceram-se do planeta, do meio ambiente etc. e exigiram seu confortável saco plástico de volta, o que realmente aconteceu. (www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/44248-69-querem-sacolinha-de-volta-aos-supermercados.shtml)

E os casos mais contundentes: pesquisas sobre a questão “Existe um filho preferido na sua casa?” dão cerca de 100% de não, quando os entrevistados são os pais; e 100% de (também sinceríssimos) sim, quando os entrevistados são irmãos. Ou aquela outra enquete para uma mesma amostra de entrevistados: “Você já sofreu violência no trânsito?” (90% de sim) - “Você já causou violência no trânsito?” (95% de não)...

Forçando o oculto a aparecer

Tomemos um problema concreto, que pesquisei em artigo para a Revista Língua Portuguesa (<http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>, pp. 329-335): como o jovem brasileiro de hoje lida com a língua em relação ao jovem do meu tempo, há 50 ou 60 anos atrás.

Claro que temos que tomar todos os cuidados metodológicos ao falar, genericamente, em “o jovem brasileiro de hoje”, “lidar com a língua” etc. Mas, felizmente, pude encontrar um objeto concreto que permitia obter alguns resultados: uma história em quadrinhos, *Tio Patinhas e os índios Nanicós*, um clássico “ambientalista” de Carl Barks, publicada no Brasil em 1958 e reprisada – com os mesmos desenhos, mas com novos textos em cada caso – em 1967, 1982, 1988 e 2004. [ver artigo completo: “O laboratório de Tio Patinhas”, pp. 661 e ss. deste volume].



Nesses textos de HQ, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, flagrar sua linguagem, em cada caso. Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

Entre 1958 e 2004, por exemplo, cai a presença dos pronomes oblíquos. A fala de Donald “Peguei-o em flagrante” (1958), torna-se “Peguei você em flagrante” (2004). E o futuro simples (ficaremos) de 58 vira composto (vamos ficar) depois. Há mudanças nas vigências sociais: em

58, Huguinho, Zezinho e Luizinho chamam Donald de “senhor”; em 2004, de “você”.

Teria sido um disparate tentar obter os mesmos resultados aplicando questionários a sessentões, perguntando sua opinião sobre a linguagem dos jovens de sua época e a dos de agora...

Uma regra da hermenêutica para textos de outra época/cultura - hino do Flamengo

Em seus estudos sobre a interpretação de autores antigos, o filósofo Josef Pieper lembra uma importante regra de hermenêutica: é preciso estar atento às evidências, que não se expressam. De fato, sobre o que é evidente não se fala e, muitas vezes, trata-se do mais importante: que o autor antigo não expressa, precisamente porque é evidente, para ele e para os leitores de seu tempo (mas não para nós...!). Heidegger, em sua interpretação de um texto de Platão, chega a dizer que a doutrina de um pensador está no “não-dito no dito”. Essa regra básica – também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... – é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “*goes without saying*”, “*ça va sans dire*” (“*selbstverständlich*” ou “*per se notum*”...), são – nas correspondentes línguas – simplesmente modos alternativos de dizer: “evidente”.

De fato, com o passar do tempo, mudam as ideias e as *vigencias* (Ortega y Gasset), aquelas formas sociais que todos assumem conatural e inconscientemente e, para as novas gerações, o texto no qual estavam implícitas – deixadas ao

“*por supuesto*”, “*taken for granted*” –, torna-se incompreensível para o leitor.

E a possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado pelo autor antigo fica condicionada pela surpresa ante saltos lógicos e brechas que – *para nós* – o texto apresenta. Por exemplo, o caso de um desses essenciais invisíveis em Tomás de Aquino, estudado por Pieper: O Aquinate ao formular o conceito de verdade das coisas diz: “O real é chamado verdadeiro, na medida em que realiza aquilo para o que foi ordenado pelo espírito cognoscente de Deus” e que isto se torna *evidente* pela famosa definição de Avicena: “A verdade de uma coisa é a característica própria de seu ser, que lhe foi dada como propriedade constante”. Esta conexão, era evidente na Idade Média, mas para nós não o é de modo algum, é antes quase incompreensível!

Tomemos um exemplo mais modesto. Alguém que queira interpretar um texto, digamos, de 1960, no qual um pai se lamenta: “- Tive que tirar meu filho do colégio estadual e matriculá-lo em um colégio particular”, tem que tomar o cuidado de estar atento à *vigencia* da época: a incapacidade do filho de acompanhar as exigências do elevado nível do ensino médio público, então, em geral, muito melhor do que o privado. E não com a inversa *vigencia* de hoje (após o sucateamento do ensino público), na qual a única interpretação da mesma frase seria: “- Que pena ter de pagar para ter um ensino de melhor qualidade!”

Como dizíamos, por vezes, abre-se uma possibilidade de apreensão do que realmente foi pensado por um autor antigo, quando somos surpreendidos por – *para nós* – saltos

lógicos e brechas que o texto apresenta. É o caso do verso do hino do Flamengo, com que exemplificaremos este tópico: “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” (cf <http://www.hottopos.com/notand23/P47a50.pdf>)

O hino do Flamengo , no site oficial do clube, diz:

Uma Vez Flamengo, sempre Flamengo
Flamengo sempre eu hei de ser
É o meu maior prazer, vê-lo brilhar
Seja na terra, seja no mar
Vencer, vencer, vencer
Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer
Na regata ele me mata, me maltrata,
me arrebatada de emoção no coração
Consagrado no gramado
Sempre amado
Mais cotado nos Fla-Flus
É o ai Jesus
Eu teria um desgosto profundo
Se faltasse, o Flamengo no mundo
Ele vibra, ele é fibra, muita libra, já pesou
Flamengo até morrer, eu sou.

O flamenguista de hoje não tem a menor ideia do que possa significar a celebração de seu time. no verso composto há 70 anos : “Ele vibra, ele é fibra, muita libra já pesou.” Sim, sem dúvida, o Fla vibra e ele é fibra (hoje, se diria: raça, garra ou atitude, mas ainda se compreende a palavra “fibra”), mas que raios: é pesar libra: “muita libra já pesou”?

A confusão é tanta, que muitos alteram o verso para, o ainda mais incompreensível: “muita libra já *pensou!*” É o

caso de uma revista de educação, que sugere aos professores a análise de hinos dos clubes – e expressamente o do Flamengo – como atividade escolar, com propostas de plano de aulas: “Leia a letra para os alunos e questione sobre o que entendem quando alguém diz vencer, vencer, vencer... uma vez Flamengo, Flamengo até morrer. Deixe que falem o que sabem. Etc.⁵⁶”. Mas a revista se omite sobre o que o mestre deve fazer quando os alunos levantarem a espinhosa questão: o que significa “*pensar libras*”?

Também na bela interpretação de Jorge Ben Jor, o verso é cantado: “muita libra já pensou” e parece sugerir uma interrogação, como se indagasse: “Você já parou para pensar na inigualável quantidade de maravilhosas libras que o Flamengo já pensou?” – o que até funcionaria se em vez de “libra” disséssemos “taça” ou “conquista”. Mas, com “libras” é puro surrealismo!

Mas, afinal, o que significa “muita libra já pesou”?

Para responder a essa questão, é necessário antes de mais nada lembrar que o hino do Flamengo foi composto numa época de transição do clube. Se hoje o Flamengo é antes e acima de tudo futebol; em 1895, quando foi fundado, o esporte por excelência era o remo. O ano de 1942, quando o hino foi composto, é um momento de transição no interesse da torcida: o remo ainda tinha importância (o remo do Fla, em grande fase, foi tetra-campeão carioca de 40 a 43), mas o futebol crescia mais e mais (impulsionado pelos grandes craques do Fla: Yustrich, Domingos da Guia, Leônidas da

⁵⁶<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/pratica-pedagogica/hinos-brasileiros-produto-cultural-427334.shtml> Acesso em 05-10-13.

Silva, Valido, Jarbas e Zizinho) Daí, os dois polos no hino, com muitas referências à regata.

E é na regata que se decifra o “pesar libras” (a solução que propus pareceu correta ao especialista Fernando de Campos Mello, Mestre pela EEFE-USP e Supervisor Técnico de Remo do Esporte Clube Pinheiros, a quem consultei). “Pesar libras”, no hino de Lamartine, é sinônimo de vitória! Vejamos.

O remo é um esporte que envolve complexas regras de pesagem. Nas atuais regras da Confederação Brasileira, encontramos, por exemplo:

É unicamente da equipe a responsabilidade de que os barcos tenham o peso mínimo exigido. A balança deve indicar o peso do barco com um dígito após a vírgula e deve estar disponível para as guarnições pelo menos 24 h antes da primeira prova da competição. A seleção de barcos a serem pesados é feita através de um sorteio.

E concluída a prova, entre os protestos e objeções que podem levar à impugnação do resultado, está o da pesagem do barco *vencedor* (ninguém vai exigir o “anti-doping” do barco que ficou em último lugar); pesagem que, na época, era em libras, por influência britânica (como as jardas nas medidas do futebol ou o sistema de contagem de pontos no tênis).

Pesar libras é homologar vitória! Vitória que se confirma ou é impugnada na pesagem. Por exemplo, nos

Jogos Sul-americanos de Buenos Aires-Mar del Plata, nossas meninas do remo arrasaram: subiram ao pódio em 22 das 24 competições: ouro nas categorias k4 200m, k4 1000m e k4 500m. Na categoria k2 200m, Bruna e Ariela também chegaram na frente na disputa final, mas, no tira teima da pesagem, acabaram desclassificadas: segundo a balança (argentina...) o barco estava 50 g (0,11 libras) abaixo do limite de peso!

“Compreender”

Josef Pieper, precisamente em seu estudo *Verstehen*⁵⁷ (compreender), começa por indicar uma outra importante regra metodológica: uma palavra está sendo empregada em seu sentido próprio, somente quando não pode ser substituída por outra (por nenhum de seus sinônimos) sem alteração de sentido. Se, digamos, *casa*, *lar*, *residência*, *domicílio* etc. apontam para uma mesma e única realidade objetiva (o edifício da Rua Tal, No. tal), cada um daqueles sinônimos enfatiza um aspecto determinado, insubstituível em certos contextos: não se pode dizer, por exemplo, “residência, doce residência!”, nem a prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar...

E aplica esse critério à própria palavra “compreender” (*verstehen*) para determinar seu sentido próprio. De fato, na linguagem comum dizemos que “compreendemos uma língua estrangeira”, que “compreendi as instruções de funcionamento desse aparelho eletrônico” etc. No entanto, somente reparamos no conteúdo semântico (e humano, existencial) próprio do “compreender” – a apreensão não

⁵⁷ *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, pp. 1 e ss.

somente do **algo**, do conteúdo objetivo de uma mensagem (o que se pode expressar por um sinônimo como “entender”), mas também de um **alguém** pessoal, vivo e concreto, que a emitiu – quando verificamos que há certos contextos de linguagem – como quando dizemos: “Não quero dinheiro, mas compreensão” – nos quais o vocábulo “compreender” não se deixa substituir, sem alteração de significado, por nenhum “sinônimo”.

Nessa mesma linha do compreender como método, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!) uma contundente e necessária indicação:

O método? Sentir, como se fossem minhas, as tuas dores. [...] Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever⁵⁸

Para aprofundar no sentido do “compreender” – da captação que envolve não só o “algo”, mas o alguém –, comecemos por contrastar as ciências humanas com as que não comportam o uso desse recurso metodológico.

Mais do que o objeto de estudo, o que diferencia as ciências é o particular ponto de vista sob o qual elas tratam esse objeto: cada ciência assume seu enfoque e todo o resto

⁵⁸ Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Bioquímica etc. Tomemos um clássico problema de Física:

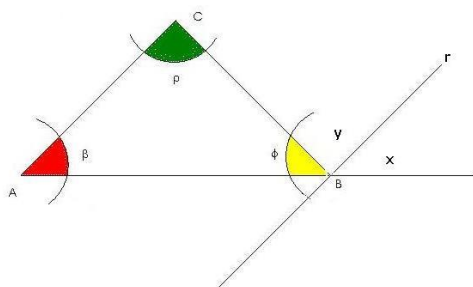
Um corpo de massa 20 kg é abandonado, verticalmente, a partir do repouso de uma altura de 15 m em relação ao solo. Determine a velocidade do corpo quando atinge o solo. Dado $g = 10 \text{ m/s}^2$. Despreze atritos e resistência do ar.

Esse problema pode muito bem referir-se ao humano (o homem, afinal, tem um corpo, com uma massa...), digamos à suspeita de assassinato de uma menina pelo pai. Mas, de seu ponto de vista, a Física ocupa-se somente de mgh e mv^2 , de energias potencial e cinética, de velocidades e acelerações etc., e não de intenções e motivações: se se trata de homicídio culposo ou doloso; ou talvez de um acidente etc.

O objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista⁵⁹ condicionam, obviamente, sua metodologia: de que servem, digamos, a *verstehen* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? (E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física - ao contrário da matemática - requer um laboratório; etc.)

⁵⁹ Além, é claro, das diferentes teorias, concepções, paradigmas dentro de uma mesma ciência...

À matemática só interessam demonstrações, tipicamente pelo método axiomático. Por exemplo, consideremos um teorema elementar de Geometria: A soma dos ângulos internos de um triângulo qualquer é sempre 180° .



- 1- Construir um triângulo ABC qualquer
- 2- Construir a reta r passando por B paralela ao lado AC
- 3- O ângulo x é congruente a α (correspondentes)
- 4- O ângulo y é congruente a γ (alternos internos)

Como $\phi + x + y = 180^\circ$, por 3 e 4, concluímos

$$\phi + \alpha + \gamma = 180^\circ$$

Evidentemente, a demonstração desse teorema, é um problema estritamente de lógica dedutiva: seria puro *nonsense* pretender, digamos, uma compreensão empática do triângulo: como ele se sente; seus sofrimentos, alegrias e traumas, suas expectativas e motivações, qual dos três ângulos é o seu predileto etc.

[parte final suprimida por repetição]

Muito obrigado.

Jabuticália: singularidades do Brasil

Resumo: O artigo apresenta e discute – a partir dos tipos propostos por C. G. Jung e David Keirsey – alguns fatos específicos do Brasil: “único país do mundo em que...”. O “brasileiro” inclui as preferências F e P e – para o bem e para o mal – tipicamente aproxima-se do tipo ESFP..

Palavras chave: Brasil. Especificidades do Brasil. David Keirsey. Tipo ESFP type.

Abstract: The article presents and discusses some of the uniqueness of Brazil, based on C. G. Jung - David Keirsey types. “Brazilian” type include preferences F and P. “The Brazilian” as an ESFP type, for better or worse.

Keywords: Brazil. Uniqueness. David Keirsey. ESFP type.

Único país do mundo que...

Em seu recente livro, *O futuro chegou*, o sociólogo italiano Domenico de Masi (Masi 2014), após examinar quatorze modelos de vida, propostos historicamente, faz uma revisão das clássicas interpretações do Brasil e, generosamente, diz que é chegada a hora de desenvolvermos o “modelo brasileiro”, que pode ser extraordinariamente valioso para o mundo inteiro.

Antes de ingressar em casos concretos sobre “o brasileiro”, retomamos considerações que apresentamos alhures:

Naturalmente, falar de “o brasileiro”, assim sem mais, seria um *nonsense* metodológico: não existe uma uniformidade num país de dimensões continentais, de vocação

multicultural etc. E cada indivíduo é o que é. Vamos falar de “o brasileiro” – com as devidas ressalvas – do procedimento tipológico, válido em sociologia e antropologia, como o fazem clássicos como Gilberto Freyre ou Sérgio Buarque de Holanda. Naturalmente, só alguns poucos aspectos, que é o que cabe em um encontro como este, sobre um tema tão vasto e com o qual vocês devem ter já muitas horas de estudo. Nossas observações, muitas vezes estarão ligadas à linguagem e, por vezes, serão meros indicadores para o espaço dedicado à discussão. Assim, examinaremos certas “constantes”, sobretudo aquilo que o filósofo espanhol Ortega y Gasset chama de *vigencias*, atitudes e expectativas que são correntes e que, numa sociedade, “*se dan por supuesto*”, *taken for granted* (tendo sempre em conta que não são absolutas e admitem exceções, por vezes muito sutis, para as quais, em alguns casos, chamaremos a atenção). Um exemplo de *vigencia* é o daquele nosso colega coreano, que confessou a dificuldade, nos primeiros tempos de Brasil, para conseguir seu *breakfast*: onde conseguir peixe e arroz em um país no qual a *vigencia* alimentar impôs até o nome de “*café da manhã*” à primeira refeição. Finalmente adaptado, hoje saboreia sua média com pão e manteiga, disponíveis em qualquer padaria da esquina. (Lauand 2013, p. 5)

Sempre se diz que a jabuticaba é uma fruta que só dá no Brasil. Este artigo surgiu de uma busca sobre outras especificidades nossas, lançando no Google a expressão: “é o único país do mundo...”.

Um dos referenciais teóricos para esta pesquisa são os estudos do psicólogo americano David Keirsey, que, baseado nos *Tipos psicológicos* de Jung, criou uma tipologia de temperamentos, que temos procurado aplicar não só aos indivíduos, mas também a coletivos (uma boa exposição sobre a doutrina de Keirsey encontra-se em Lauand, J. S., 2014).

Nesse sentido, dentre os quatro tipos fundamentais de Keirsey, “o brasileiro” enquadrar-se-ia no temperamento SP, acrescido do fator F. O site oficial de David Keirsey, aponta as seguintes características dos SP (*artisans*):

- tend to be fun-loving, optimistic, realistic, and focused on the here and now.
- pride themselves on being unconventional, bold, and spontaneous.
- make playful mates, creative parents, and troubleshooting leaders.
- are excitable, trust their impulses, want to make a splash, seek stimulation, prize freedom, and dream of mastering action skills. (Keirsey, 2014
http://www.keirsey.com/4temps/artisan_overview.asp)

Claro que as disfunções do temperamento SP, alegre, improvisador, espontâneo e lúdico, estarão na linha da imaturidade e da irresponsabilidade.

A esse quadro, devemos juntar o fator F, do par de opostos F/T. Também aqui valho-me de estudo anterior (<http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>):

Outro par, F/T (Feeling / Thinking), é também distintivo: o brasileiro propende fortemente ao F; o japonês, ao T. F é a tendência a abordar as situações a partir de uma perspectiva pessoal, afetiva, priorizando laços emotivos que nos ligam às pessoas envolvidas no contexto; enquanto T é a abordagem fria e objetiva, impessoal, na qual prevalece a norma e não as condições pessoais dos envolvidos.

[trecho suprimido por repetição]

O fator F será a outra metade essencial do jeitinho: muitos impossíveis se resolvem com um sorriso, um “cair bem” para com o funcionário do outro lado do guichê, um suscitar a compaixão do burocrata de plantão etc. Um conhecido nosso foi pilhado certa vez na contra mão (ou “meio” contra mão..) de um acesso à Av. Bandeirantes e sem cinto de segurança e a multa parecia inevitável. Nada a perder, ele pôs a melhor cara de transtornado: “Desculpe, seu guarda, mas é que estou indo ver minha sogra, que entrou na UTI, e estava um pouco desatento...”. Por sorte, o guarda

(com polícia feminina, ele nem teria tentado, elas são inflexíveis) se comoveu e ficou só numa “áspera” repreensão verbal.

Esse fator F perpassa todos os aspectos da conduta do brasileiro, como é o caso da vivência do tempo. A tese de Gilberto Freyre em: *O brasileiro entre os outros hispanos*: “O hispano pode vir a ser o mestre de uma sabedoria tida, durante séculos, no Ocidente, por hediondo vício: o vício da soberania do homem sobre o tempo, no gozo da vida e na apreciação dos seus valores, com as suas inevitáveis decorrências de impontualidade e de lentidão” é vista por Julián Marías como a introdução do ponto de vista pessoal (a pessoa) em tudo, até na língua. (*Hispanoamerica*, Madri, Alianza, 1986, p. 350). Marías exemplifica com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que diversas vezes fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

Claro que o brasileiro, junto com seus valores, traz consigo também suas mazelas, por vezes a outra face dos próprios valores. Neste sentido, um exemplo, que se aplica perfeitamente ao Brasil e à ambígua dualidade do “homem cordial” (que como bem lembra Fernando Henrique Cardoso (2013): “é o homem do coração, que se opõe ao homem da razão. Cordial não quer dizer ‘bom’, quer dizer da ‘emoção’”), é a situação que se expressa na sentença de Tomás de Aquino: *iustitia enim sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio* (a justiça sem

misericórdia é crueldade e a misericórdia sem justiça é dissolução) (*Catena Aurea in Matthaeum 5, 5*). A sensibilidade para com a pessoa, o amor e a misericórdia do “homem cordial”, que tornam a vida possível – para além da crueldade da estrita “justiça” –, são as mesmas que, quando não temperadas pela justiça, instalam a dissolução da sociedade, que em nome do “deixa disso”, “deixa prá lá”, “coitadinho” etc. instala a corrupção, a impunidade, o patrimonialismo etc.: a dissolução.

Se ajuntarmos o fator E, de extroversão, teremos o tipo ESFP, o que melhor expressa “o brasileiro” (uma breve descrição do tipo ESFP – *Performer*, é dada no site do próprio David Keirsey <http://www.keirsey.com/4temps/performer.asp>).

Um exemplo dessa ambivalência do homem cordial dá-se na qualidade dos serviços oferecidos pelos brasileiros: é frequente, nos mais diversos setores, encontrarmos profissionais de altíssimo nível de relacionamento humano: simpatia, acolhimento, calor pessoal autêntico, enfim, excelentes qualidades “conaturais” a muitos brasileiros e que superam de longe o pessoal preparado por programas de treinamento que padronizam um atendimento “cordial”. Lembro que logo que uma grande cadeia de fast food se instalou no Brasil, a brincadeira que fazíamos para mexer com os funcionários robotizados era pedir uma pizza de muçarela e, após ouvir, o estandardizado: “Foi um excelente pedido, senhor!”, ajuntávamos: “Não, pensando bem, manda

uma de calabreza!” para ouvir a resposta: “Foi um excelente pedido, senhor!”⁶⁰.

Nesse sentido, um dos fatos encantadores de nossa língua⁶¹ é precisamente chamar o trabalho de serviço: “vou para o serviço”, “ele está no serviço”.

Um milhão de estrangeiros de 203 nacionalidades visitaram nosso país na Copa do Mundo e para mais de 60% deles era sua primeira visita ao Brasil. Quantos países no mundo poderiam exibir uma avaliação sobre os anfitriões (pesquisa DataFolha) com 98% no quesito simpatia; 95% em receptividade e 95% de ótimo ou bom quanto à hospitalidade?

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/176159-copa-do-mundo.shtml>).

A outra face dessa moeda é a prepotência de muitos ricos, madames e bacanas, e seu desprezo pelo serviço e pelos mais humildes. [trecho suprimido ´pr repetição]

⁶⁰. O lado negativo é (além das já citadas impontualidade e lentidão) a falta de sentido de compromisso e de responsabilidade: é assustadora a sem cerimônia com que se atrasa (ou mesmo se deixa de comparecer) ao horário agendado com o barbeiro ou a podóloga (e vice versa: você chega no horário agendado e tem de esperar meia hora ou mais...) e isso, muitas vezes, sem sequer se dar ao trabalho de telefonar desmarcando...

⁶¹. Fato que não passou despercebido ao Papa João Paulo II, que, em discurso aos trabalhadores em São Paulo (3-7-80) disse: “O trabalho é um serviço, um serviço a suas famílias, e a toda a cidade, um serviço no qual o próprio homem cresce na medida em que se dá pelos outros.” (http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1980/july/documents/hf_jp-ii_spe_19800703_operai-brasile_po.html)

Hanseníase

Um caso emblemático desse fator F do brasileiro é uma das mais surpreendentes e encantadoras singularidades nossas: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Há na linguagem até um depreciativo moral associado à lepra, “lazarento”, significando entre idiota e sacana: “Quem foi o lazarento que postou a mensagem contando o final do filme?”.

O Brasil é o único país do mundo que fez a mudança de nome de lepra para hanseníase, em 1976. A medida veio com o objetivo de diminuir o estigma milenar associado à doença. Em sua experiência no consultório, a dermatologista e professora da Faculdade de Medicina da UFRJ Maria Leide de Oliveira ressalta que muitas pessoas enxergam a doença como uma praga divina - a lepra é a doença mais citada na Bíblia. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

É a mesma sensibilidade, o mesmo cuidado para com a pessoa que levou a linguagem brasileira a alterar para AIDS a sigla de outra estigmatizadora doença: a Síndrome da

ImunoDeficiência Adquirida (“SIDA”), para evitar o constrangimento de inúmeras brasileiras de apelido Cida...

No caso da lepra, a citada Dra. Maria Leide de Oliveira aponta as disfunções da ternura eufemística brasileira:

Ela avalia que a mudança de nome não foi acompanhada por suficientes campanhas de esclarecimento. “Lepra é aquela doença que não tinha cura, terrível, todas as pessoas ficavam com deformidades, altamente contagiosa. Hanseníase não, hanseníase é uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase”, avalia a médica. Para Maria Leide, é preciso chegar a um equilíbrio: não gerar pânico sobre a doença e ao mesmo tempo destacar que é preciso estar atento, pois existe o risco de adoecer. (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html>)

Plásticas e outras singularidades

Sem pretender nem de longe esgotar a lista, vejamos mais algumas peculiaridades de nosso país.

Vendo o mundo como um palco (Keirse), o ESFP dá muito valor à sua aparência e é o mais preocupado com o visual. Não é de estranhar, portanto, que, ainda recentemente,

tenhamos alcançado o primeiro lugar mundial (até em termos absolutos) em cirurgias estéticas: com 13% das mais de 23 milhões intervenções realizadas em 2013! (“O Estado de S. Paulo”, 30/07/2014, p. A 19).

O lúdico do SP permeia toda a cultura nacional e atinge extremos insuspeitados, impensáveis em outras latitudes: em que outro país do mundo seria possível imaginar que a Receita Federal se apresente oficialmente como leão?!!

Na pesquisa Google, encontramos diversas outras singularidades, para o bem e para o mal, mais ou menos significativas, bem documentadas ou não.

O Brasil é o único país do mundo: que participou de todas as Copas.

O Brasil é o único país do mundo com nome de árvore (Tom Jobim).

Como SP, receptivo a novidades, é o único que tem residência médica em acupuntura, embora a técnica só recentemente (na década de 70) tenha sido introduzida na medicina brasileira (<http://www.rmpress.com.br/releases/fb0b0ab423b242179de0965414753c37.pdf>).

“Muita gente não sabe, mas o Brasil é o único país do mundo onde 100% das eleições são eletrônicas. De prefeito a presidente, de nível municipal a federal, no Brasil todo o processo é automatizado” (www.guiadacarreira.com.br/artigos/educacao/brasil-republica-digital/).

“O Brasil é o único país do mundo em que existe censura às biografias, excetuando evidentemente Cuba, China, Venezuela, Irã e outros países totalitários, já que somos uma democracia.” afirma o Desembargador Brandão de Carvalho (“Biógrafos e biografados à luz da legislação” <http://tj-pi.jusbrasil.com.br/noticias/112071247/biografos-e-biografados-a-luz-da-legislacao-des-brandao-de-carvalho>).

Um outro ponto é destacado pelo deputado Carlos Giannazi “O Brasil é o único país do mundo em que os aposentados continuam tendo que contribuir com o sistema previdenciário” (www.carlosgiannazi.com.br/noticias2/fim-da-cobranca-da-contribuicao-previdenciaria.htm)

“Atualmente, o Brasil é o único país do mundo que possui meia-entrada instituída por lei. Tal medida se reflete nos preços, que acabam sendo duplicados ao consumidor que deve pagar a cota integral dos ingressos.” (<http://jairoaraujom.jusbrasil.com.br/artigos/116659976/meia-entrada-ou-dupla-inteira?ref=home>)

Mazelas jurídicas

Por conhecidas razões históricas, o Brasil acumula recordes de complicações judiciárias. Antes de apontarmos exemplos da morosidade, cabe aqui o curioso registro de uso de material psicografado em tribunal do júri. O caso mais recente foi noticiado por O Estado de S. Paulo (21-03-14):

Carta psicografada é usada por defesa e júri absolve acusado por assassinato em Uberaba.

Uma carta psicografada foi usada durante um processo de homicídio e cujo julgamento foi

realizado em Uberaba (MG) nessa quinta-feira. Para provar sua inocência, a defesa do réu Juarez Guide da Veiga usou trechos do que teria dito a vítima - João Eurípedes Rosa, o “Joãozinho Bicheiro”, como era conhecido, por meio de um médium. Na correspondência pós-morte, a vítima diz ter dado motivo para o crime ao agir com ódio e ignorância ao ver a ex-companheira em companhia de Juarez. (<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,acusado-de-matar-bicheiro-usa-carta-psicografada-da-vitima-e-e-absolvido,1143604>)

As complicações da justiça. Em entrevista (2010), o ministro Cezar Peluso do STF denunciava: “O Brasil é o único país do mundo que tem quatro instâncias recursais”.

C.P.: O STF funciona como quarta instância. Precisamos acabar com isso. Uma proposta que já fiz, inclusive para o próximo ministro da Justiça, é transformar os recursos especiais (recursos para o STJ) e extraordinários (recursos para o STF) em medidas rescisórias. A decisão transita em julgado e o sujeito entra com recurso que será examinado como ação rescisória (serviria para posteriormente anular a decisão). Se tirássemos o caráter recursal – que suspende a eficácia da decisão e leva toda a matéria para ser discutida nos tribunais

superiores – os tribunais decidiriam e o processo transitaria em julgado.

P.: Qual é a consequência disso?

C.P.: Isso acaba com o uso dos tribunais superiores (STJ e STF) como fator de dilação (demora) do processo. O STF não consegue julgar isso rapidamente. E mais: isso valoriza os tribunais locais. O que eles decidirem, está decidido. Acaba com o assunto. Vou propor isso. Ainda vou deixar isso amadurecer na cabeça dos outros (...). Pode escrever que isso terá a resistência dos advogados. Pode ter certeza.

(<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cez-ar-peluso-somos-o-unico-pais-que-tem-quatro-instancias-recursais,658805>)

E há o caso folclórico – também relatado pelo Estadão – do advogado que compilou a legislação tributária do País (mais de 4,3 milhões de normas tributárias federais, dos Estados e do DF e de cerca de 5000 municípios):

O ‘peso’ da legislação tributária do Brasil (23 Março 2014 | 02h 06)

BELO HORIZONTE - Depois de 23 anos de trabalho, um livro que reúne as legislações tributárias federais, estaduais e de quase 5 mil municípios brasileiros será lançado terça-feira na Câmara dos Deputados. O detalhe é que o único exemplar da obra precisará de uma

carreta para ser levado de Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte, onde foi impresso, até Brasília.

Isso porque, para reunir todo esse volume de leis, o livro chegou a 7,53 toneladas distribuídas em 41.266 páginas de 2,10 metros de comprimento por 1,40 metro de largura cada, em um total de 124 metros quadrados de impressão. “E não tem toda a legislação brasileira porque 600 municípios não disponibilizam as leis em meio eletrônico e o sistema de buscas manual é muito demorado e dispendioso”, diz o advogado tributarista Vinícios Leoncio, autor da obra.

E a legislação reunida no volume está atualizada apenas até 2007 porque, de acordo com Leoncio, no Brasil são editadas em média 35 novas leis tributárias por dia. “Se fosse atualizar, não acabaria nunca”, salientou o advogado, que gastou cerca de R\$ 1 milhão em pesquisas e na criação de um miniparque gráfico exclusivamente para a obra.

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,o-peso-da-legislacao-tributaria-do-brasil-imp-,1144061>)

Outro tanto, para ficarmos só em um par de casos, dá-se com as leis trabalhistas. Em 2013, quando se completaram 70 anos da CLT, O Globo noticiou:

O detalhamento da CLT também é motivo de debate. São 922 artigos da Consolidação das Leis do Trabalho, 295 súmulas e 119 orientações (precedentes normativos) do Tribunal Superior do Trabalho, 193 artigos do Código Civil, 145 súmulas do Supremo Tribunal Federal e 67 dispositivos constitucionais, de acordo com o sociólogo José Pastore. (...) O professor da Faculdade de Economia e Administração da USP Hélio Zylberstajn diz que o Brasil está “no topo da lista dos países com mais normas”. “É uma quantidade absurda”.

<http://oglobo.globo.com/economia/consolidacao-das-leis-do-trabalho-faz-70-anos-com-186-milhoes-na-ilegalidade-8233364#ixzz2VtnqA2WW>

Referências bibliográficas

Cardoso, F. H. *Pensadores que inventaram o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 2013 (cito pelo e-book)

Keirse, David **Site oficial**. 2014 www.keirse.com

Lauand, J. A expressividade do brasileiro. **Revista Internacional d'Humanitats**. São Paulo/Barcelona, N. 28, 2013 <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf>

Lauand, João Sérgio *Personagens Ficcionalis. Tipos de David Keirse*y e a Educação. São Paulo: Factash. 2014

Masi, D. *O futuro chegou*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra. 2014

***Al-qalb* – o coração que dá voltas**

O coração humano - para a tradição árabe - é um girador. Uma primeira sugestão contida nessa caracterização é a de que o homem, volúvel e inconstante em seu núcleo profundo, volta-se para cá e para lá, girando, oscilando ao sabor de caprichos e impulsos repentinos. Para nós, a giração é antes associada a disfunções e desvarios: *gira* é a pessoa adoidada, amalucada: *biruta* (a biruta, como se sabe, é aquele pano cônico dos aeroportos que gira ao sabor dos ventos). Também o famoso insulto *babaca* remete em sua origem - ao contrário do que muitos maliciosamente pensam - ao verbo tupi *babak*, que significa simplesmente: girar.

Se para nós esse girar está ligado à anormalidade, para a tradição semita não: a oscilação é a condição normal do centro radical da pessoa: o seu coração. A língua árabe aprofunda ainda mais. Nela, literalmente, a palavra para coração, *qalb*, deriva diretamente de *qalaba*, girar. E um antigo e proverbial verso diz incisivamente:

Wa ma sumya al-qalbu qalban illa liann yataqalabu...:
(o coração/girador foi chamado de girador porque... ele gira) .

Na tradição muçulmana (e especialmente para os sufis), Deus é o “girador (transformador) dos corações” (*muqallibu al-qulûb*), como diz o Corão: “...o dia em que os

corações (*al-qulûb*) serão girados (*tataqallab*)” (24, 37; cfr. também 18, 18). E num *hadith*, diz o Profeta: “O coração está entre dois dedos do Misericordioso, que o faz girar como Ele quer”. E Luce López-Baralt mostra que a imagem da alma como roda de poço, clássica na mística muçulmana, que pela *qalaba* (giração; *qalb* é também transmutação) reflete Deus e se transmuta nEle, reaparece em São João da Cruz, que fala do “poço de águas vivas” etc. (<http://www.allamaiqbal.com/publications/journals/review/apr98/3.htm>).

Para os ocidentais, é frequente a observação de que a condição “normal” do homem anda meio desregulada (Guimarães Rosa) e que sua bússola, o coração, não pára quieta:

*The heart is like the sky, a part of heaven,
But changes night and day, too, like the sky*⁶²

Mesmo sem a associação imposta pela língua (como ocorre no árabe), nossos poetas, uma e outra vez, apontam essa característica “giratória” do coração. Assim, na *Autopsicografia*, depois de descrever incomparavelmente os vaivéns e reviravoltas a que está sujeito o poeta, Fernando Pessoa desfecha:

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração*

⁶² Lord Byron *Don Juan* (ao final do “Canto the Second”).

E na *Roda Viva* de Chico Buarque:

Roda mundo, roda-gigante
Roda-moinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

E numa surpreendente coincidência com o espírito da língua árabe, diz a canção de Kleiton e Kledir:

Ah! Vira, virou
Meu coração navegador
Ah! Gira, girou
Essa galera

Na obra de García Lorca encontramos todo um poema dedicado ao coração-girador. Já o título é infinitamente sugestivo: “*Veleta*”, que significa não só cata-vento, mas, metaforicamente, “*persona inconstante y mudable*” (*Dicc. de la Real Academia*). O poeta, desolado, dialoga com os ventos: todos chegaram tarde demais e a “veleta” deve, afinal, girar sem ventos...

Las cosas que se van no vuelven nunca,
todo el mundo lo sabe,
y entre el claro gentío de los vientos
es inútil quejarse.
¿Verdad, chopo, maestro de la brisa?
¡Es inútil quejarse!

Sin ningún viento
¡hazme caso!
gira, corazón;
gira, corazón.

E, em outro poema de García Lorca - “Otro Sueño”-,
o coração dá voltas, cheio de tédio, como num carrossel em
que a morte brinca com seus filhinhos:

Hay floraciones de rocío
sobre mi sueño,
y mi corazón da vueltas
lleno de tedio,
como un tiovivo en que la Muerte
pasea a sus hijuelos

E de Neruda é o verso: “mi corazón da vueltas como
un volante loco” (*Veinte poemas de amor y una canción
desesperada*, 11).

A poeta francesa Marie Mélisou, que também se
refere (no poema “Désordre de pétales blancs”) ao girar do
coração:

si mon coeur tourne
chaque instant pensées dansent

chega a considerar (em “Signal de l’écriture”) as palavras da
poesia “sismógrafo do coração”:

on n'écrit pas seulement avec des mots
seismographe du coeur

O Concílio Vaticano II indica as razões dessa instabilidade do coração: “Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque, no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem. Enquanto, por uma parte, ele se experimenta como criatura que é, multiplamente limitado, por outra, sente-se ilimitado nos seus desejos e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas, e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que deseja fazer. Sofre assim em si mesmo a divisão, da qual tantas e tão grandes discórdias se originam para a sociedade” (*Const. past. sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo Gaudium et Spes*, 10).

Para além das disfunções e das loucas reviravoltas, o coração pode também dar as voltas certas e, como um giroscópio, pode até manter invariável o eixo da direção da vida, *voltar-se* para o bem ou para o mal... Assim, Dante fala do feliz concurso de todos os estímulos que podem fazer o coração *voltar-se* para Deus (*Par. XXVI*, 55-57):

Però ricominciai: Tutti quei morsi
che posson far lo cor volgere a Dio,
a la mia caritate son concorsi

e deixar o amor perverso (*l'amor torto*, 62). E, na Bíblia, são frequentes as expressões “dureza de coração”, “endurecer o coração”, para referir-se à opção firme pelo mal.

Na Bíblia, a palavra *coração* (*/ões*) aparece quase mil vezes. Em muitos casos ligada a conceitos de “giração”, como *voltar-se*, *converter-se* etc.⁶³ Assim, por exemplo: I Sam 7, 3: “Se em todo vosso coração, vos voltais (*revertimini*) ao Senhor...”; II Sam 19, 15: “Então, o coração de todos os homens de Judá se inclinou (*inclinavit*) como se fosse o coração de um homem só...”; I Re 12, 27: “O coração deste povo se voltará (*convertetur*) para seu senhor...”; II Cr 36, 13 “E endureceu seu coração para não se voltar (*reverteretur*) ao Senhor...”; Ba 2, 30 “E converter-se-ão (*convertentur*) em seus corações...”; Joel 2, 12 “Convertei-vos (*convertimini*) a Mim em todo vosso coração...”; etc. A Bíblia fala até no coração de Deus: em algumas passagens para, antropomorficamente, indicar mudança de Seus desígnios: “Pesou a Iahweh ter feito o homem sobre a terra e indignou-se em seu coração” (Gn 6, 6); em outras, para indicar determinação imutável, como quando, ante o holocausto oferecido por Noé, “Iahweh disse em seu coração: ‘Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem’” (Gn 8, 21). Mas a grande revelação sobre o coração de Deus e Sua misericórdia está no Evangelho: para além das qualidades expressamente associadas ao coração⁶⁴, o Evangelho propõe

⁶³ Realizei as pesquisas de busca pelo programa DEBORA-Microbible, *Bíblia de Jerusalén*, Promotion Biblique et Informatique, CIB - Maredsous, Belgique, 1990. Programa FindIT, da Marpex, Ontario, 1992. Cito as passagens bíblicas em tradução direta da *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum*, Editio typica altera, Libreria Editrice Vaticana, 1986.

⁶⁴ “os limpos de coração” (Mt 5, 8); “onde está teu tesouro, aí está também teu coração” (Mt 6, 21); “pensar mal no coração” (Mt 9, 4); “a

uma *revolução*, quando Jesus apresenta seu coração como paradigma, naquela famosa sentença: “aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29).

Essa sentença pretende ser uma revelação do amor e da misericórdia de Deus: não é irrelevante o fato de que ela vem como desfecho de um discurso em que Cristo fala precisamente do fato de que é por Ele que se conhece o Pai (cf. Mt 11, 27). Nessa sentença expressa-se superlativamente a forma da promessa do próprio Deus pelo profeta Ezequiel: “Eu vos darei um coração novo: tirarei vosso coração de pedra e vos darei um coração de carne” (Ez 36, 26). Esta mesma contraposição carne/pedra é retomada pelo apóstolo Paulo: “sois carta de Cristo, escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (II Cor 3, 3).

Trata-se de uma revolução infinita de amor e misericórdia, que se expressa no “Ouvistes o que foi dito aos antigos... eu, porém, vos digo”; nas bem-aventuranças; na parábola do samaritano; nas bodas de Caná; na parábola do filho pródigo; naqueles “teus pecados te são perdoados”; no “atire a primeira pedra; no “setenta vezes sete”; no “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos... foi a mim que o fizestes”; na parábola do fariseu e do publicano; na

boca fala do que transborda do coração” (Mt 12, 34); a palavra de Deus semeada no coração (Mt 13, 19); não o que entra, mas o que si pela boca contamina o homem, porque procede do coração (Mt 15, 18); do coração procedem as más ações (Mt 15, 19); perdoar de coração o irmão (Mt 18, 35); Maria meditava em seu coração (Lc 2, 19); uma espada de dor transpassará o coração (Lc 2, 19); o coração se faz pesado pela libertinagem e pelas preocupações da vida (Lc 21, 34); o coração do insensato é lento para crer (Lc 24, 25); o coração se inflama (Lc 24, 32); o coração vacila (Lc 24, 38); perturba-se (Jo 12, 40); etc.

ressurreição de Lázaro; na oração no Horto; na última ceia; no “Amigo, a que vieste?”, dirigido a Judas; na cruz...

De todas as características desse coração, a que mais importa destacar em nosso tempo, por contraste, é a da misericórdia: Deus que se volta para o sofredor e o miserável.

De fato, a Encíclica *Dives in Misericordia* faz o terrível diagnóstico: “A mentalidade contemporânea, talvez mais do que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia da misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica, nunca antes verificado na história, se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou. Tal domínio sobre a terra, entendido por vezes unilateral e superficialmente, parece não deixar espaço para a misericórdia” (*Dives in misericordia*, 2).

Seguindo a mesma encíclica, a misericórdia na tradição judaica é descrita por diversos termos: *hesed*, que indica uma atitude de bondade e que, quando se estabelece entre duas pessoas, passa a significar também compromisso de fidelidade: tal como na Aliança de Deus com Israel. É a fidelidade de Deus a si próprio (mesmo ante a infidelidade de Israel): *hesed we’emet* é uma ligação de dois termos coordenados: fidelidade e verdade (fidelidade é verdade): “Eu faço isto, não por causa de vós, ó casa de Israel, mas pela honra do meu santo nome” (Ez 36,22). Esse tipo de misericórdia é uma característica mais masculina. A Bíblia fala também de *hamal*, originariamente a misericórdia de

“poupar a vida (do inimigo derrotado)”, mas que também significa, em geral, “manifestar piedade e compaixão” e, por conseguinte, perdão e remissão da culpa. Já o termo *hus* exprime igualmente piedade e compaixão, mas isso sobretudo em sentido afetivo. É oportuno ainda lembrar o já citado vocábulo *emet*, que significa: em primeiro lugar “solidez, segurança” (no grego dos Setenta, “verdade”); e depois, também “fidelidade”; e desta maneira parece relacionar-se com o conteúdo semântico próprio do termo *hesed*.

Mas em Deus - prossegue a análise de João Paulo II - há também a misericórdia *rahamim*, que já pela própria raiz denota o amor da mãe (*rehem* = seio materno). Do vínculo mais profundo e originário, ou melhor, da unidade que liga a mãe ao filho, brota uma particular relação com ele, um amor singular. Deste amor se pode dizer que é totalmente gratuito, não fruto de merecimento, e que, sob este aspecto, constitui uma necessidade interior: é uma exigência do coração. É uma variante como que “feminina” da fidelidade masculina para consigo próprio, expressa pelo *hesed*. Sobre este fundo psicológico, *rahamim* dá origem a uma gama de sentimentos, entre os quais a bondade e a ternura, a paciência e a compreensão, ou, em outras palavras, a prontidão para perdoar. O Antigo Testamento atribui ao Senhor estas características quando, ao falar d’Ele, usa o termo *rahamim*. Lemos em Isaías: “Pode porventura a mulher esquecer-se do seu filho e não ter carinho para com o fruto das suas entranhas? Pois ainda que a mulher se esquecesse do próprio filho, eu jamais me esqueceria de ti” (Is 49,15). Este amor, fiel e invencível graças à força misteriosa da maternidade, é expresso nos textos do Antigo Testamento de várias

maneiras: como salvação dos perigos, especialmente dos inimigos, como perdão dos pecados e, finalmente, prontidão em satisfazer a promessa e a esperança (escatológicas), não obstante a infidelidade humana, conforme lemos em Oseias: “Eu os curarei das suas infidelidades, amá-los-ei de todo o coração” (Os 14,5).

Há, portanto, uma dimensão maternal no coração de Deus. Daí que a *Dives in Misericordia* conclua (V, 9), falando também do amor e da misericórdia incondicionalmente maternais do coração de Maria: “Precisamente deste amor “misericordioso”, que se manifesta sobretudo em contato com o mal moral e físico, participava de modo singular e excepcional o coração daquela que foi a Mãe do Crucificado e do Ressuscitado. Nela e por meio dela o mesmo amor não cessa de revelar-se na história da Igreja e da humanidade. Esta revelação é particularmente frutuosa, porque se funda, tratando-se da Mãe de Deus, no singular tato do seu coração materno, na sua sensibilidade particular, na sua especial capacidade para atingir todos aqueles que aceitam mais facilmente o amor misericordioso da parte de uma mãe”.

Num mundo dominado pela indiferença e pela crueldade, o apelo (ou será um alerta...?) do Mestre - “aprendei de Mim” - e a serena ponderação do coração da Mãe tornam-se urgentes. Propõem a grande reviravolta do coração humano, que só ocorrerá (a própria Bíblia o adverte...) se se cumprir, como condição prévia, o bom funcionamento de um outro órgão: o ouvido: “Ouvireis, ouvireis, mas não quereis compreender; porque o coração está embotado” (Mt 13, 14-15)!

Educar para a metáfora e a transparência da linguagem⁶⁵

Resumo: Etimologias e metáforas, poderosos instrumentos do pensamento e da comunicação, têm sido negligenciados em nossas escolas e na educação em geral: se as palavras tornam-se opacas, nosso pensamento se ressent; e nossa percepção do mundo se aguça quando ganhamos consciência – também por meio da consideração atenta das etimologias e metáforas – do que dizemos. Os exemplos analisados são sobretudo de expressões antigas e bíblicas. Discutimos também alguns aspectos dos fundamentos antropológicos das metáforas (*amthal*).

Palavras Chave: Etimologia. metáfora. educação. antropologia.

Metaphor, etymology and education

Abstract: An important task of education is to help students in language mastery: transparency in etymology expedites comprehension and extension of language and a conscious and critical use of it. In this article, we discuss the role of metaphors and etymology and examine some instances of sentences (especially from ancient metaphors and biblical expressions) which have, in many cases, become opaque and we try to give them some transparency in order to help teachers and students in classroom. We discuss as well some aspects on the anthropological foundations of metaphors (*amthal*).

Keywords: Etymology. metaphor. education. anthropology.

Introdução

É ponto pacífico afirmar a extraordinária importância da linguagem na Antropologia e na Educação. O filósofo Johannes LOHMANN (2003) chega a falar em “sistema língua/pensamento”: a linguagem, mais do que mero meio de expressão, seria a própria base que possibilita, em interação dialética, o pensamento. [... aqui e em outros pontos, foram suprimidas passagens por repetição]

⁶⁵. Este trabalho é fruto das preleções de orientação de um TCC. que o autor orientou na Umesp

E no âmbito do pensamento (ou do “sistema língua/pensamento”) ocupam um lugar especial: a metáfora e as etimologias. Note-se que, neste artigo, trataremos da metáfora no sentido amplo e estendido com que o árabe e as línguas semitas abordam o tema. A língua árabe, tão confundente (no sentido de Ortega y Gasset, sem sentido pejorativo) designa pela mesma e única palavra *mathal* (pl.: *amthal*) realidades tão distintas⁶⁶ para nós como: metáfora, comparação, provérbio, parábola, exemplo etc.

Em um sistema preconceituoso que só valorize a razão lógica, a metáfora pôde ser (erroneamente) considerada como “só um artifício de linguagem frente a rigorosidade explicativa da dedução”, um dos meios veiculados pela educação para “eliminar, neutralizar, dominar ou subjugar o ‘outro’”. (cf. Candau 2009, p. 74)⁶⁷

Evidentemente, pode haver bom ou mau uso da metáfora, mas, interessa-nos aqui, precisamente, o resgate do alcance semântico das metáforas (e dos *amthal* em geral) que usamos.

A importância da metáfora é radicalmente expressa por Sylvio Horta:

⁶⁶. Como por exemplo, o inglês é confundente na palavra *to play*, que em português deveríamos distinguir em diversos vocábulos: brincar, jogar, tocar (um instrumento) etc. Devo esta nota a Jessica Santos Silva.

⁶⁷. In <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/viewFile/328/326>. Devo esta observação a Carlos Alberto Joaquim.

Ortega diz que quando alguém “censura o uso de metáforas em filosofia, revela simplesmente o seu desconhecimento do que é filosofia e do que é a metáfora. A metáfora é um instrumento mental imprescindível, é uma forma do pensamento científico”. Afirma que a metáfora é usada “quando nos encontramos com certas realidades difíceis de se pensar (por exemplo: o *fundo* da alma)”, isto é, que “Além de ser um meio de expressão a metáfora é um meio essencial de intelecção”. “A metáfora é uma verdade, é um conhecimento de realidades. Descobre fatos tão positivos como os habitualmente descobertos pela investigação científica”. (HORTA: 2012, 102).

E quanto à etimologia, diz o especialista Gabriel Perissé:

A etimologia como instrumento de leitura permite interpretar com novos olhos e ouvidos as palavras mais “inocentes”, pois inocente nenhuma palavra é. Quem trabalha com elas bem sabe que não o são. Recentemente, deparei com o opúsculo *A função da razão*, de Alfred North Whitehead, publicado em 1929, no qual o filósofo e matemático inglês dizia que, para compreendermos a experiência humana, precisamos analisar as palavras em profundidade, praticar etimologia. Esta convicção metodológica é das mais arraigadas

entre os pensadores. Desde Platão aos nossos dias, passando pelos medievais, rastrear a história das palavras constitui passo importante da pesquisa e da reflexão. Se admitirmos que a linguagem, mais do que veículo de informações, é “lugar” (intangível, inabarcável) no qual as relações e nexos se realizam, a etimologia será um dos melhores instrumentos de que dispomos para mapear, investigar e esclarecer em que medida essas relações e nexos condizem com a realidade, ou a negam. A mais imediata constatação é a de que a linguagem está encharcada de realidade... e de nossa subjetividade! Nenhuma palavra, por mais anódina que pareça, encontra-se desvinculada da grande “rede” de sentidos. No campo da cultura, da religiosidade, dos costumes, da política, das artes, das profissões, todas as palavras estabelecem entre si, conosco e com o real, perigosas (e saborosas) ligações. Guardam segredos. Alguns decifráveis. Outros invioláveis. Outros ainda, falsificados por nossa imaginação, o que não deixa de ter o seu encanto. É a chamada “etimologia popular”, expressão cunhada pelo linguista Ernst Förstemann no século XIX, esse esforço ingênuo da população (esforço nosso, portanto) para compreender a formação das palavras que usamos. (PERISSÉ 2010, pp. XV-XVI)

Etimologias e metáforas, poderosos instrumentos do pensamento e da comunicação, têm sido incrivelmente negligenciados em nossas escolas e na educação em geral. Resumindo, de maneira um tanto grosseira, se as palavras tornam-se opacas, nosso pensamento se ressent; por outro lado, nossa percepção do mundo se aguça quando ganhamos consciência – também por meio da consideração atenta das etimologias e metáforas – do que dizemos.

Pretendemos neste trabalho discutir alguns aspectos relativos ao uso, alcance e significado de etimologias e metáforas (*amthal*) para, em seguida, oferecer ao leitor uma amostra de casos de análise etimológica de metáforas e expressões de nossa linguagem comum, particularmente o de algumas expressões provenientes da Bíblia.

Além do interesse teórico que este trabalho possa despertar, trata-se de material de vivo interesse, que pode ser imediatamente utilizado em sala de aula, em todos os níveis do ensino e, em nossas análises, procuraremos também – ao oferecer bases de transparência e compreensão de tantas – ter em conta a transdisciplinaridade.

Referencial teórico pedagógico: a alma como fundamento antropológico

A concepção antropológica mais adequada para a compreensão da metáfora (*mathal*) encontra-se em Tomás de Aquino, como correspondente verbal da realidade do próprio homem: espírito intrinsecamente unido à matéria.

O Ocidente, sobretudo na época moderna, tende a um fragmentarismo, a uma cisão espírito/corpo. E a grande

ruptura que o moderno pensamento ocidental instituiu deu-se precisamente em torno à concepção de corpo. Se sempre no Ocidente pairou a tentação de um exagerado dualismo, separando de modo mais ou menos incomunicável e absoluto, por um lado, o intelecto (a mente, o espírito...) e, por outro o corpo e a matéria; a partir de Descartes (*res cogitans* x *res extensa*) tal dicotomia torna-se dominante. (...) Tomás recusa também a dicotomia: alma x corpo. Nada mais alheio ao pensamento de Tomás do que uma incomunicação entre espírito e matéria. O que Tomás, sim, afirma é o homem total, com a *intrínseca* união espírito-corpo, pois a alma, para o Aquinate (que neste ponto segue Aristóteles) é *forma*, ordenada para a *intrínseca* união com a matéria. Por exemplo, Tomás, indica os remédios para a tristeza, que reside na alma. E enfrenta esta questão na *Suma Teológica* I-II 38 e no artigo 5 chega a recomendar banho e sono como remédios contra a tristeza!

Para o que interessa a nosso tema, o reconhecimento da importância da metáfora é o reconhecimento dessa integração espírito-matéria no homem, no âmbito do conhecimento e da educação. Assim, nesse nosso referencial antropológico: mesmo as realidades mais espirituais são alcançadas através do sensível. “Tudo o que nesta vida conhecemos, é conhecido por comparação (*per comparisonem*) com as coisas sensíveis naturais” (I, 84, 8).

Essa sentença, além do mais, sugere-nos que o sentido extensivo e metafórico está presente na linguagem de modo muito mais amplo e intenso do que, à primeira vista, poderíamos supor. E é neste enquadramento que se compreende a doutrina de Tomás como Pedagogia da

metáfora, do *mathal*, que aponta precisamente para essa *comparatio*: todo o nosso conhecimento - mesmo o mais espiritual, mesmo o mais abstrato - dá-se *per comparisonem ad res sensibiles naturales* (I, 84,8).

Ao contrário dos anjos - diz Tomás (I,107,1, corpus e ad1) -, que “falam” diretamente entre si, o pensamento de um homem está oculto (*clauditur mens hominis*) para outros homens pela “espessura” do corpo (*grossitiem corporis*). E, assim, é necessário, para a manifestação do pensamento, a mediação do signo sensível. Esta é a razão pela qual a educação, a comunicação e o ensino dão-se por comparação com a realidade sensível: “Daí que também quando queremos fazer alguém entender algo, propomos-lhe *exempla*” (I, 84, 7).

Exempla é precisamente o que fazem os *amthal*, que transmitem o conhecimento e a experiência *per comparisonem ad res sensibiles naturales*. Na base de todo ensino, sempre está o retorno ao concreto. Na famosa questão sobre o ensino - I, 117, 1 -, Tomás afirma que um homem nada pode ensinar a outro, senão movendo, pelo seu ensino, “o discípulo a que este, por sua própria inteligência, forme os conceitos intelectuais, cujos signos o mestre lhe propõe exteriormente” (I, 117, 1 ad 3).

Se o conhecimento que se obtém por busca própria dá-se pela aplicação de princípios universais a casos particulares - que recebe da memória ou da experiência, proporcionadas pelos sentidos -, o mesmo ocorre com o ensino.

Portanto, o mestre pode contribuir para a aprendizagem do discípulo, propondo-lhe alguns auxílios para a inteligência, como: proposições menos universais (*cum proponit ei aliquas propositiones minus universales*), exemplos sensíveis (*sensibilia exempla*) ou comparações (*similia*) que conduzam o intelecto do educando ao conhecimento das verdades desconhecidas.

Na verdade, em muitos casos, simplesmente tornou-se invisível para nós que nossos conceitos (aparentemente) abstratos, remetem, em última instância, a realidades concretas: o abstrato “ficar”, ensina HOUAISS (2009), é, afinal, etimologicamente, “fincar”; “jeito” é o modo de lançar a mão; etc.

Metáforas: opacidade e transparência

Uma vez estabelecida uma metáfora, ela pode acabar prevalecendo sobre o termo original sobre a qual ela se produziu. Hoje, em dia, por exemplo, talvez nenhum de nossos alunos saiba o que é bugalho, termo da fitopatologia, que significa “noz de galha” (HOUAISS 2009); mas muitos deles usam a frase feita “(confundir, misturar) alhos com bugalhos” e a metáfora “esbugalhado”.

“Bugalho”, em consulta ao Google, aparece com 239000 resultados (19-03-12); muitos deles como sobrenome (José Bugalho, Maria Bugalho etc.) e muito associado à expressão “alhos (e/) com bugalhos” (201000 no Google).

Já “olhos esbugalhados” é mais conhecido (228000 no Google -19-03-12) e o termo metafórico acabou prevalecendo sobre o original, que quase ninguém conhece.

Outro aspecto a ter em consideração é que a linguagem está muito ligada às gerações. Julián Marías acertadamente estabelece o espaço geracional, em termos de participação social, em 15 anos. Então, com a atual média de vida do brasileiro, convivem cinco gerações em nosso país. As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente as frases feitas dos mais velhos. E não é fácil prescindir delas. Como expressar rápida e eficazmente (o *amthal* tem esse aval), por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor, B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta?

O exemplo a seguir ilustra muito bem o *gap* geracional de que estamos falando. A situação se resolve com a usadíssima expressão “Nós quem, cara pálida?” (“quem cara pálida” aparece, segundo o Google em 110000 sites! busca em 26-12-11).

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “**Yahoo – respostas**” encontramos a pergunta:

Qual a razão de se chamar o índio [sic] de “Cara Pálida”?

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de “Cara Pálida”!?

Bjus e obrigada pelas respostas!!
(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz>, 26-12-11))

A geração dessa mocinha (e mesmo a de seus pais) nunca terá assistido a *westerns* de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas); mas há 50 anos esses filmes eram o pão de cada dia, no cinema e na TV. E, como todos de minha época se lembram bem, o Zorro não era (principalmente) o de capa e espada, mas um *ranger* mascarado (daí também a expressão “ficar mascarado⁶⁸” do futebol).

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do início dos anos 60. A TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger*, que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”.

⁶⁸ O mascarado Zorro enfrentava casos incríveis e perigosíssimos, afetando naturalidade.



Zorro e Tonto. <http://www.ambrosia.com.br/drops/2011/01/22/johnny-depp-vivera-tonto-nos-cinemas>

Interessante também é o caso da expressão “amigo da onça” (1890000 no Google em 19-03-12). Como se sabe, certos provérbios e expressões estão ligados a histórias ou anedotas, resumindo-as numa breve sentença. É o caso, entre nós, da expressão “o amigo da onça”, proveniente daquela piada do caçador que está narrando ao amigo os percalços de seu encontro na selva com uma onça e o amigo, impaciente por saber o fim da história, interrompe com perguntas que antecipam a tragédia: “E a sua espingarda, não funcionou?”, “E, aí, você escorregou?” Até que o caçador se aborrece e indaga: “Espera aí, afinal, você é amigo meu ou amigo da onça? “

A piada é da década de 40 (ou até anterior) e a expressão impôs-se com a genial criação do personagem de Péricles, em 1943, para a então importante revista “O Cruzeiro”, na qual apareceu até 1972.

A perda de conexão entre a expressão “amigo da onça” e a piada que a gerou chegou a tal ponto que a piada

foi retomada na “Escolinha do Gugu” (programa de 18-03-12) pelo personagem caipira José Bento (ator João Elias), mas sem o desfecho clássico: “Você é amigo meu ou amigo da onça?” “ Embora de redação e interpretação brilhantes, a piada ficou empobrecida, reduzida a uma mera “mentira de caipira”.

José Bento: “...tinha um murão de pedra na minha frente e eu pulei”

Prof. Gugu: “mas onça também pula muro!”

JB conta que fugiu por um espinheiro e PG argumenta que onça também atravessa espinheiro. JB narra que atravessa um rio, e PG lembra que onça também nada.

JB: Tá bom, aí ela me pegou

PG: E o que aconteceu?

JB: Eu morri...



<http://www.youtube.com/watch?v=fjmku8pWyMU>



Esse fato merece uma reflexão pedagógica mais ampla.

Só se dispomos de linguagem viva podemos acessar uma realidade: sem a linguagem é muito difícil perceber a realidade: as centenas de termos do futebol é que permitem a compreensão do jogo, tanto em seus aspectos técnicos quanto psicológicos (expressos por termos como: catimba, tabu etc.). A catimba pode ser punida pelo juiz porque existe a palavra “catimba”. E é um fato inquietante que não dispnhamos de linguagem especializada para diferenciar sentimentos (não

temos palavras específicas para diferenciar amores tão diferentes como “amor pelo irmão”, “pelo filho”, “pelo cachorro”, “pelo time” etc.), mas encontramos precisão de alta definição em um simples lance determinado de chutar uma bola: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta, voleio etc.

A existência da linguagem viva permite combater socialmente atitudes indesejáveis: é mais fácil para o italiano do que para o brasileiro matar as abusivas pretensões do *facilone*, porque a língua italiana dispõe da específica palavra “*facilone*”, enquanto nós só temos o genérico “folgado”. Estou dando uma carona para alguém e ele diz: “você pode me dar uma paradinha nesta agência de banco, eu vou só abrir uma poupança com o gerente e volto em no máximo cinco minutinhos”. Na Itália, a própria existência da palavra já impede a descabida proposta: todo mundo sabe que abrir uma conta de poupança não é assim fácil: leva no mínimo quarenta e cinco minutos. Só o *facilone* (talvez sinceramente...) imagina que não há fila, que o gerente vai estar lá, que os papéis vão fluir rapidamente etc.

Assim, uma das grandes contribuições da metáfora (do *mathal* em geral) é a de dotar toda uma comunidade da possibilidade de identificar rapidamente e de modo enxuto (e, se for o caso, desmascarar) atitudes que, sem a metáfora, seriam muito abstratas ou complicadas para a comunicação: com a genial metáfora da gíria: “não é minha praia”, o carioca expressa – como se diz em espanhol: “*de modo gráfico*”, contundente – que não se sente à vontade naquela situação, não é sua especialidade, que prefere outra coisa que lhe seja familiar etc. (os ingleses, no caso, dizem, também de modo expressivo: *It is not my cup of tea!*).

A expressão “amigo da onça” permite visualizar uma sutil atitude tão comum no brasileiro e que a língua alemã designa por *Schadenfreude*, a alegria, o gostinho de ver o outro se dar mal: um acidente na estrada, congestiona também a pista do sentido contrário: cada motorista quer avaliar com calma os estragos. Um time brasileiro vai enfrentar um Tegucigalpa na Libertadores, a torcida dos outros times compra quilos de rojões para o caso de sair um gol do Tegucigalpa. E, claro, não assume publicamente essa preferência e, em todo caso, dirá que sua bisavó paterna era hondurenha e que sente uma simpatia pelo Tegu desde criancinha...

Quando essa atitude se torna ativa e induz sutilmente o outro a uma fria, temos o amigo da onça, infelizmente hoje uma metáfora opaca.

Em muitos casos, a opacidade da metáfora numa frase feita deve-se à “lei do mínimo esforço”: todo mundo conhece a frase feita e não é necessário repeti-la toda, afinal para bom entendedor meia pala...

Assim, as novas gerações encontram-se com expressões minimalizadas (e, portanto, menos transparentes) como: “pé” ou “dose” para algo desagradável (“aquela conferência foi um pé (/dose): o cara ficou lendo power point por 10 minutos”). Dose ou pé indicam algo desagradável, chato, insuportável e remetem a expressões originalmente mais longas e transparentes: a dose de uma injeção para cavalo, elefante, leão e animais de grande porte em geral e a ação do pé sobre partes sensíveis do corpo...

Expressões de origem bíblica

A seguir, destacaremos metáforas, expressões e frases feitas que remetem à Bíblia. Algumas são muito evidentes e nem requerem explicação: como muitas que se referem a Adão e Eva, ao dilúvio, ao apocalipse, a passagens mais conhecidas da vida de Cristo. Outras são medianamente transparentes; em outras, ainda, a origem bíblica (ou o fato de se encontrarem na Bíblia) são surpreendentes. É o caso por exemplo de:

Umbigo do mundo – Achar-se o “umbigo do mundo” é achar-se o centro de tudo, atribuir-se importância.

Na canção “Umbigo do mundo”, Daniela Mercury proclama: “Isso aqui é o umbigo do mundo”. O indeterminado “isso aqui” parece ser primariamente Salvador, mas pode incluir também a Bahia ou mesmo o Brasil como um todo.

Isso aqui é o umbigo do mundo
Isso aqui é o umbigo do mundo
Onde a beleza tem muitas caras
cores e raças, misturas raras
peles de ébano, de sangue indígena
olhos que brilham como esmeraldas,
caras mestiças de uma nova era
como o futuro que está chegando
sob o sol no umbigo do mundo
e todo mundo está sambando
(Letra e vídeo em: <http://letras.terra.com.br/daniela-mercury/352023/>)

Já a canção “Eu sou o umbigo do mundo”, de Pato Fu, fala do “misterioso ego a quem me entregava” e pede “Não traga nada, nada, nada / Que seja real” (Letra e vídeo em <http://letras.terra.com.br/pato-fu/47991/>).

A expressão aparece na Bíblia: טַבּוּר הָאָרֶץ *Tabur Haaretz* (umbigo da terra) e aparece em Jz 9,37 e Ez 38,12, na qual Deus diz que a terra de Israel é o umbigo do mundo (é importante: a conexão entre o Céu e a terra).

Dar murro em ponta de faca – Insistir em atitude auto-destrutiva e inútil. É também título de uma canção de Chico Buarque (letra e vídeo em: <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45100/>). At 26, 14 recolhe a fala de Cristo a Saulo: “Dura coisa te é recalçar contra o aguilhão”.

Quem semeia ventos, colhe tempestades – Este conhecido provérbio encontra-se em Oséas (8,7).

Quem dá aos pobres, empresta a Deus – Formulação muito parecida encontra-se em Pv 19, 17.

Quem procura, acha – Mt 7,8 e Lc 11, 10.

Carisma, carismático – personalidade que exerce influência sobre a comunidade; dom para benefício da comunidade (I Tim 4, 14; II Tim 1, 6; I Cor. 1, 7).

Considerações finais

Neste artigo pretendemos apresentar alguns fundamentos de considerações sobre a antropologia e a educação sobre os *amthal* e as metáforas, que serão

desenvolvidos no TCC; pesquisa que envolverá também interessantes procedimentos metodológicos.

Referências Bibliográficas

HORTA, S. et al. Educação, contar histórias e artes orientais. **Collatio**. São Paulo, Mandruvá No. 11, 2012 www.hottopos.com/collat11/101-116MesaRedonda.pdf Acesso em 14-03-12

HOUAISS, A. **Dicionário** eletrônico em CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAUAND, J Os caminhos que levam às ideias. **Língua Portuguesa**. São Paulo, Segmento, Especial Etimologia, pp. 29-31, 2011.

LOHMANN, J. Santo Tomás e os Árabes - Estruturas Linguísticas e Formas de Pensamento. **Collatio**. São Paulo, Mandruvá No. 8, 2003 <http://www.hottopos.com/collat8/index.htm> Acesso em 14-03-12

PERISSÉ, G. **Palavras e origens**. São Paulo: Saraiva 2010.

Tolos e Tolices na análise de Tomás de Aquino

(em inglês em: <http://www.hottopos.com/notand3/fools.htm>)

(em espanhol em: <http://www.hottopos.com/isle12/85-90jean.pdf>)

Há um número infinito de tolos. Esta verdade, que é confirmada pela autoridade de Deus (como se fosse necessária a revelação do óbvio...), é citada mais de vinte vezes por Tomás de Aquino, que a lê em Ecle 1, 15: “*stultorum infinitus est numerus*”, sentença de Salomão, proferida em um momento de veemente desabafo e sob os efeitos do vinho (2, 3). Os néscios - diz, por sua vez, o salmo (118, 12) - “me rodeiam como vespas”.

Os tolos não só são infinitos, mas também apresentam-se sob diversas espécies: umas mais brandas; outras, mais graves; há tolices inocentes; outras são grave pecado etc... Ao longo de toda a obra do Aquinate⁶⁹, encontramos toda uma tipologia de tolos: *asyneti, cataplex, credulus, fatuus, grossus, hebes, idiota, imbecillis, inanis, incrassatus, inexpertus, insensatus, insipiens, nescius,*

⁶⁹. Para as buscas em hipertexto valemo-nos da edição eletrônica de Roberto Busa *Thomae Aquinatis Opera Omnia cum hypertextibus* in CD-ROM. Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992.

rusticus, stolidus, stultus, stupidus, tardus, turpis, vacuus e vecors.

Neste artigo examinaremos brevemente - em forma de pequenas notas - esses vinte e tantos tipos de tolos apresentados por Tomás, algumas das causas, efeitos e os remédios - quando há remédio... - que ele aponta para as tolices.

Para começar, Tomás vale-se de comparações com animais. Se em espanhol “asno” designa pessoa rude e de pouca cabeça e, em português, “burro” é a primeira palavra para designar a fraca inteligência, Tomás, em vinte vezes, compara o **insipiente** ao jumento: porque os animais agem movidos pela paixão (o cachorro que se irrita começa a latir; o cavalo, quando tem um desejo, relincha etc.⁷⁰). E o insipiente, que abdica da razão (de sua honra, que é a razão, como repete Tomás), se reduz a um asno ou jumento:

“Cum esset praeditus lumine rationis, sicut homo in honore constitutus, noluit illo lumine regi, assimilatus est jumentis insipientibus, et ideo facit sicut jumenta...” (In Ps. 48, 10).

É comparado ao asno, porque o asno é asno, animal estulto:

⁷⁰. “Secundum dicit, comparatus est jumentis. Bruta animalia operantur ex passione; et hoc patet, quia canis statim cum irascitur, clamat, equus cum concupiscit, hinnit; sed non imputatur eis, quia carent ratione. Si ergo homo statim cum concupiscit, sequitur passionem, et iratus percutit, comparatus est in agendo jumentis insipientibus: ps. 31: nolite fieri sicut equus et mulus etc.” (In Ps. 48, 6).

“Quia asinus est animal stultum, unde dicitur asinus, idest insensatus. Sic homo insensatus...”
(Super Ev. Matt. cp 21 lc 1).

“Comparatus est iumentis insipientibus, et similis factus est illis etc. et alibi Ps. 31, 9: nolite fieri sicut equus et mulus, in quibus non est intellectus” (Super Ev. Matt. cp 10 lc 2).

E, como veremos, o tolo do tipo *stolidus*, é equiparado à ovelha.

O problema da tolice recai sempre no bom juízo sobre a realidade e principalmente sobre as possibilidades de ação, os *agibilia*. Se *sensatus* é o homem razoável, com bom senso, que sabe discernir e decidir bem sobre as ações particulares; os *insensati* ou *asyneti* carecem do devido senso para essas ações (Tomás agudamente faz notar que não se pode dizer que crianças sejam insensatas, mas só adultos).

“Insensatus autem proprie dicitur qui sensu caret” (Super ad Gal. cp3 lc 1).

“Unde secundum synesim dicuntur in graeco aliqui syneti, idest sensati, vel eusyneti, idest homines boni sensus, sicut e contrario qui carent hac virtute dicuntur asyneti, idest insensati (II-II, 51, 3, c).

“Dicitur enim aliquis insensatus, si in aetate perfecta discretionem careat, non autem in puerili aetate” (In Met. X, 6, 20).

Uma primeira característica de diversas formas de tolice é a paralisia. É o que acontece por exemplo com o *stupidus* (que, às vezes, Tomás designa por *cataplex* - *“cataplex, id est stupidus”* Sent. Libri Ethic. II, l. 9, 11), que recebe este nome precisamente por conta de uma paralisia que lhe sobrevém por *stupor*.

O estupor é diferente da admiração: se esta é uma atitude positiva que acaba por convocar a reflexão; aquela, impede-a:

“Admirans refugit in praesenti dare iudicium de eo quod miratur, timens defectum, sed in futurum inquirit. Stupens autem timet et in praesenti iudicare, et in futuro inquirere. Unde admiratio est principium philosophandi, sed stupor est philosophicae considerationis impedimentum” (I-II, 41, 4 ad 5).

A paralisia é comum a outros tipos de tolos: acomete também ao **torpe**, daí que já Isidoro de Sevilha aponte a curiosa etimologia do nome do peixe *torpedo*, que *entorpece* os membros de quem o toca (Etym. XII, 6, 45).

Tomás inclui o **estulto** entre os paralisados e citando Isidoro, faz derivar o próprio nome *stultitia* de *stupor*:

“Nomen stultitiae a stupore videtur esse sumptum, unde Isidorus dicit, in libro Etymol., stultus est qui propter stuporem non movetur” (II-II, 46, 1 c).

Além da paralisia, outro fator importante na caracterização dos tolos está na (falta de) sensibilidade: nesse mesmo artigo, distinguindo entre estulto e **fátuo**, Tomás diz que a estultícia comporta embotamento do coração e obtusidade da inteligência (*“stultitia importat hebetudinem cordis et obtusionem sensuum”*).

A fatuidade é a total ausência de juízo (o estulto tem juízo, mas o tem embotado...). Daí que a estultícia seja contrária à sensibilidade do homem que sabe: o *sábio* (*sapiens*) se chama *sábio* por *saber* (/sabor): assim como o gosto distingue os sabores, o *sábio* distingue e saboreia as coisas e suas causas: à obtusidade se opõe a sutileza e a perspicácia de quem sabe:

“Fatuus caret sensu iudicandi; stultus autem habet, sed hebetatum; sapiens autem subtilem ac perspicacem” (II-II, 46, 1, c).

A metáfora do gosto, da sensibilidade no gosto como paradigma para quem sabe saborear a realidade, encerra em si uma das principais teses de Tomás sobre a tolice. No começo da I-II, por exemplo, discutindo qual é o fim último do homem, considera a objeção de que a felicidade estaria no

dinheiro, pois essa é a opinião comum... E responde: “‘Tudo se submete ao dinheiro’ é o que afirma a multidão de estultos que só sabem de bens corporais, que o dinheiro pode comprar. Mas o juízo sobre o bem humano não o devemos tomar dos estultos mas dos sábios, assim como em coisas de sabor perguntamos a aqueles que têm paladar sensível” (I-II, 2, 1, ad 1)⁷¹.

Trata-se sempre de uma percepção da realidade: aquilo que, na realidade, é doce ou amargo, parece tal como é - doce ou amargo - para aqueles que possuem a conveniente disposição de gosto, mas não para aqueles que têm o gosto deteriorado. Cada um se deleita naquilo que ama: para os que padecem de febre e têm o gosto corrompido não parecem doces coisas que, de fato, o são...

“Similiter etiam amara et dulcia secundum veritatem videntur illis qui habent gustum bene dispositum, et calida his qui habent tactum bene dispositum, et gravia bene diiudicant illi, qui habent virtutem corporalem bene dispositam. His enim qui sunt debiles etiam levia videntur gravia”. (Sent. Libri Et. III, 10, 6).

Tomás - quando busca caracterizar o estulto - a estultícia como o oposto da sabedoria - refere-se

⁷¹. “Ad primum ergo dicendum quod omnia corporalia obediunt pecuniae, quantum ad multitudinem stultorum, qui sola corporalia bona cognoscunt, quae pecunia acquiri possunt. Iudicium autem de bonis humanis non debet sumi a stultis, sed a sapientibus, sicut et iudicium de saporibus ab his qui habent gustum bene dispositum”.

propriamente à incapacidade de estabelecer conexão entre meios e fins:

“In rationali vero respectu finis, stultitia, ut non afficiatur aliquis debite ad finem, et contra hanc est sapientia” (In III Sent. d 34 q 1 a 2 c).

“Et ideo Gregorius sapientiam contra stultitiam ponit; quae importat errorem circa finem intentum” (In III Sent. d 35 q 2 a 1 c).

E mais: o agir do estulto segue seu falso juízo, que tem por bom o que não é bom:

“Quia rectum iudicium habet de omnibus, quia circa unumquodque recte dispositus est, sicut qui sanum gustum habet, recte iudicat de sapore; solus autem spiritualis bene dispositus est circa agenda; et ideo ipse solus de eis bene iudicat” (Super ad Gal. cp 6 lc 1).

Tomás distingue entre a estultícia especulativa e a prática: há pessoas de inteligência muito limitada mas que sabem agir bem; e há pessoas inteligentíssimas que são estultas em seu agir:

“Peccatum dicitur tenebra, quia intellectus obtunditur. Contra, multi peccatores inveniuntur qui habent optimum intellectum ad capiendum. Et dicendum, quod loquitur de obtusione intellectus practici, secundum quod omnis malus est ignorans; et non de obtusione intellectus speculativi”. (In IV Sent. d 18 q 2 ar5 cex)

Em outra passagem, Tomás, sempre atento à linguagem, distingue entre o estulto, que não ascende a conhecimentos superiores; o insipiente, que não saboreia sua doçura, e o *vecors*, a quem falta coração para tomar decisões:

“Stultus, quantum ad cognitionem divinorum, insipientes, quantum ad experientiam dulcedinis ipsorum; vecordes, quia sine corde quantum ad electionem agibilium” (In Hier. cp 4 lc 7).

E indica outra distinção entre o insipiente e o estulto: o insipiente pode ter conhecimentos terrenos mas não os eternos, enquanto o estulto carece até dos conhecimentos terrenos:

“Differentia est inter insipientem et stultum. Insipiens est qui habet scientiam humanam, et non considerat aeterna; stultus est qui non considerat etiam praesentia. Vel insipiens est qui non attendit mala praesentia, sed futura;

stultus est qui attendit et non vitat; unde dicit, simul insipiens et stultus peribunt” (In Ps 48, 4).

Outra característica do insipiente é a de pensar que todos são como ele: “*cum ipse sit insipiens, omnes stultos aestimat*” (II-II, 60, 3). E Tomás, considerando a etimologia, faz notar que o insipiente é *in-sapiente*, o não-sábio, que não saboreia a sabedoria divina:

“Unde cum contradicat sapientiae divinae, vocat eam insipientem. Quasi dicat: insipiens...” (Super I ad Cor. XI-XVI cp15 lc5).

E

“Vir insipiens contemnit cognitionem divinorum” (In Ps 52, 1).

Outra constante em diversos tipos de tolos é a obtusidade, que se opõe à agudeza; o agudo penetra na realidade: daí que se fale de “sentidos agudos” e “inteligência aguda”, que penetra até o íntimo da realidade e, no extremo oposto, está o **hebes**:

“Hebes acuto opponitur. acutum autem dicitur aliquid ex hoc quod est penetrativum. unde et hebes dicitur aliquid ex hoc quod est obtusum, penetrare non valens. Sensus autem corporalis per quamdam similitudinem penetrare dicitur

medium inquantum ex aliqua distantia suum obiectum percipit; vel inquantum potest quasi penetrando intima rei percipere. Unde in corporalibus dicitur aliquis esse acuti sensus qui potest percipere sensibile aliquod ex remotis, vel videndo vel audiendo vel olfaciando; et e contrario dicitur sensu hebetari qui non percipit nisi ex propinquo et magna sensibilia. Ad similitudinem autem corporalis sensus dicitur etiam circa intelligentiam esse aliquis sensus” (II-II 15, 2, c).

A obtusidade pode ser pecaminosa, culpável.

“Et ratio huius est, quia obtusi sunt sensus eorum, id est ratio eorum hebes est, et sensus eorum imbecilles et obtusi sunt, nec possunt videre claritatem divini luminis, id est divinae veritatis, absque velamine figurarum. et huius ratio est quia claudunt oculos, ut non videant, quia velum templi scissum est. et ideo est ex eorum culpa infidelitatis, non ex defectu veritatis, quia, remoto velamine, omnibus aperientibus oculos mentis per fidem clarissime veritas manifestatur” (Super II ad Cor cp 3 lc 3).

E

“Augustinus dicit in IV Musicae, quod anima per peccatum facta est imbecillior. Diminuitur ergo bonum naturae in ipsa per peccatum” (De malo q. 2, a. 11, sc3).

Daí também os erros crassos, gordos, grosseiros e as metáforas da grossura do intelecto ou do coração: *incrassatus*.

“Ideo cor populi huius, idest mens, incrassatum est, idest excaecatum. Quare? Quia sicut ad visionem corporalem puritas requiritur, sic ad spiritualem. unde intellectus dicitur vis superior, quoniam maxime spiritualis. incrassatur intellectus, quando applicatur grossis et terrenis” (Super Ev. Matt. cp 13 lc 1).

Falta sensibilidade também ao *stolidus*, incapaz de relacionar causa e efeito:

“Designatur enim per hoc maxime hominis stoliditas, quod tam manifesta Dei signa non percipit; sicut stolidus reputaretur qui, hominem videns, eum habere animam non comprehenderet” (CG III, 38, 5).

E é comparado à ovelha:

“Per ovem, quae est animal stultum, significatur hominis stoliditas...” (Super Ev. Io. cp 2 lc 2).

E - seguindo Aristóteles - afirma que os *stolidi* por excelência são os celtas:

“Potest autem dici insanus, sicut dicitur de celtis qui sunt stolidi” (Tab. L. Eth. cp t).

Entre as causas morais da percepção da realidade, destaca-se a boa vontade. que é como uma luz; enquanto a má vontade faz mergulhar nas trevas do preconceito:

“Responderunt ergo discipuli: et nos homines fuimus, rustici et obscuri in plebe; vos sacerdotes et scribae: sed in nobis bona voluntas facta est quasi lucerna rusticitatis nostrae; in vobis autem malitia facta est quasi caligo scientiae vestrae” (Catena Aurea in Mt cp 19, lc 7).

Outro ponto importante na análise dos tolos é o de que há - e é um fato evidente - graus de inteligência (e de tolice...): o **rústico** não pode ser comparado ao sutil filósofo:

“Adhuc ex intellectu gradibus idem facile est videre. Duorum enim quorum unus alio rem aliquam intellectu subtilius intuetur, ille cuius

intellectus est elevatior, multa intelligit quae alius omnino capere non potest: sicut patet in rustico, qui nullo modo philosophiae subtiles considerationes capere potest” (CG 1, 3, 5).

E aí encontramos outro tipo: o **idiota**. Sempre atento às origens dos nomes, Tomás faz notar que *idiota*, propriamente, significa aquele que só conhece sua língua materna:

“Idiota proprie dicitur qui scit tantum linguam in qua natus est” (Super I ad Cor. 11-16, 14, 3).

Mas o sentido se estende: trata-se principalmente do cultivo da inteligência. Tolo que é tolo por falta de cultivo é idiota. Assim, no texto citado da *Contra Gentiles*, Tomás confronta o *“intellectus optimi philosophi”* al *“intellectus rudissimi idiotae”* e afirma que o idiota toma por falso o que ele não pode compreender. É em geral o ***inexpertus*** (*“non habens scientiam acquisitam”*) como aquele escravo ignorante do *Menon* de Platão (I, 84, 3, 3).

Tomás fala até da contraposição entre atletas *instruídos* e *idiotas*, isto é, rudes sem experiência:

“Et simile est de athleticis, idest pugilibus fortibus et instructis cum idiotis, idest rusticis inexpertis” (Sent. Libri Ethic. III, 16, 11).

O rústico se espanta com tudo (o que - por exemplo, um eclipse - para outros é bem conhecido e não desperta admiração):

“Potest autem causa effectus alicuius apparentis alicui esse nota, quae tamen est aliis incognita. Unde aliquid est mirum uni, quod non est mirum aliis; sicut eclipsim solis miratur rusticus, non autem astrologus” (I, 105, 7).

Imbecillis diz respeito ao fraco em geral (na moral, no ânimo, na fé etc.) e não especialmente ao âmbito intelectual. Em todo caso, Tomás fala de *imbecillitas intellectus*, *imbecillitas sensus* e de *imbecillitas mentis*. Refere-se assim aos **tardos** em compreender:

“Ipsorum tarditatem ad ea capienda, ibi quoniam imbecilles” (Super ad Hebr. cp 5 lc 2)

E à dificuldade de apreensão intelectual direta, sem comparações:

“Et ratio huius est, quia obtusi sunt sensus eorum, id est ratio eorum hebes est, et sensus eorum imbecilles et obtusi sunt, nec possunt videre claritatem divini luminis, id est divinae veritatis, absque velamine figurarum” (Super II ad Cor. cp 3 lc 3).

Próprio do imbecil é também não superar o nível primário de inteligência, não superar o âmbito do sensível, como no caso do politeísmo:

“Primum est imbecillitas intellectus humani. Nam homines imbecillis intellectus non valentes corporalia transcendere, non crediderunt aliquid esse ultra naturam corporum sensibilibus; et ideo inter corpora illa posuerunt praeeminere et disponere mundum, quae pulchriora et digniora...” (In Symb. Ap. ar 1).

Em relação a Deus todo homem é tardo de intelecto (Deus conhece tudo em um só ato) e, portanto, o homem para aprender, precisa de muitas metáforas. Um intelecto elevado, de poucas coisas extrai muito conhecimento, mas os tardos precisam de muitos exemplos para entender:

“Deus enim per unum, quod est sua essentia, cognoscit omnia: homo autem ad diversa cognoscenda diversas similitudines requirit. qui etiam, quanto altioris fuerit intellectus, tanto ex paucioribus plura cognoscere potest: unde his qui sunt tardi intellectus, oportet exempla particularia adducere ad cognitionem de rebus sumendam”. (CG II, 98, 12)

Os tardos se resistem a atinar com a realidade e dão interpretações grosseiras: a voz que glorifica Jesus no Evangelho é tomada pelos mais **grosseiros** por um trovão:

“Quidam erant grossioris et tardioris intellectus, quidam vero acutioris; (...) Desidiosos et carnales non perceperunt vocem ipsam nisi quantum ad sonum; et ideo dicebant tonitruum factum esse” (Super Ev. Ioh. cp 12 lc 5).

O **nescius** é o ignorante, com ignorância culpável ou não:

“Sicut autem Caiphas nescius dixit: oportet unum hominem mori pro populo, sic milites nescientes faciunt” (Cat. Aur. Mc cp 15 lc 3).

O **crédulo** é superficial no crer:

“Quod esse credulum in vitium sonat, quia designat superfluitatem in credendo, sicut esse bibulum superfluitatem in bibendo (De Ver. I, q. 14, a. 10, ad 6).

Interpretando o versículo de Mt 5 22: “Quem chamar seu irmão *racha*, será réu perante o Sinédrio”, Tomás discute os possíveis significados de *racha*: segundo Jerônimo, *racha*

indica o *inanis, vacuus* (que tem a cabeça vazia, oca, sem cérebro).

“Hieronymus. Vel racha hebraeum verbum est, et dicitur chenos, idest inanis aut vacuus, quem nos possumus vulgata iniuria absque cerebro nuncupare” (Cat. Aur. in Mt cp 5, lc 13).

Nem sempre o problema dos tolos é um problema de intelecto propriamente. Pois se o intelecto não é potência corpórea, no entanto necessita em sua operação das potências corporais como a imaginação, a memória e a cogitativa. E se as operações destas sofrem algum impedimento por parte do corpo não haverá bom funcionamento do intelecto.

“Sciendum est tamen quod, licet corpora caelestia directe intelligentiae nostra e causae esse non possint, aliquid tamen ad hoc operantur indirecte. Licet enim intellectus non sit virtus corporea, tamen in nobis operatio intellectus compleri non potest sine operatione virtutum corporearum, quae sunt imaginatio et vis memorativa et cogitativa, ut ex superioribus patet. Et inde est quod, impeditis harum virtutum operationibus propter aliquam corporis indispositionem, impeditur operatio intellectus: sicut patet in phreneticis et lethargicis, et aliis huiusmodi. et propter hoc etiam bonitas dispositionis corporis humani

facit aptum ad bene intelligendum” (CG III, 84, 14).

Após esse percurso um tanto inquietante - esses vinte e tantos tipos de tolos continuam atuais... -, terminamos apresentando brevemente as indicações que Tomás dá dos remédios contra as tolices (próprias ou alheias). Primeiramente, deve-se recordar que dentre as obras de misericórdia, as mais importantes, as sete “esmolas espirituais”, três guardam relação mais ou menos direta com nosso tema: suportar os chatos (“*portare onerosos et graves*”), ensinar a quem não sabe (“*docere ignorantem*”) e dar bom conselho a quem precisa (“*consulere dubitanti*”).

O remédio - quando há remédio... - é o proposto por Tomás:

“As deficiências espirituais se socorrem com obras espirituais de dois modos. Um, pedindo auxílio a Deus e para isto existe a oração. (...) Contra as deficiências do intelecto especulativo, o remedio é o estudo, a doutrina; contra as deficiências do intelecto práctico: *consilium*, a deliberação e o conselho” (II-II, 32, 2).

Algumas etimologias de Isidoro de Sevilha

1. Introdução

Santo Isidoro (c.560-636), nascido em Sevilha na época visigoda, foi bispo nesta cidade de 600 a 636. É um dos grandes elos de transmissão da cultura clássica para a Idade Média. Sua obra *Etimologias* é uma espécie de enciclopédia, muitíssimo utilizada ao longo de toda a Idade Média. Tanto assim que mesmo em autores muito posteriores, como Tomás de Aquino, encontram-se referências a esta obra.

Ao examinar uma questão qualquer, o autor medieval costumava analisar a etimologia das principais palavras envolvidas na discussão. Não o fazia para ostentar erudição, mas por basear-se na convicção de que a denominação da palavra podia conter em si informações sobre a própria realidade referida.

Etimologias é mais do que um livro sobre a linguagem: expressa toda uma visão-do-mundo da época. Compõe-se de vinte livros, cada um elucidando as etimologias das palavras de um determinado campo do saber:

- I. Gramática;
- II. Retórica e Dialética;
- III. Matemática (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia);
- IV. Medicina;
- V. As leis e os tempos;
- VI. Os livros e os ofícios eclesiásticos;
- VII. Deus, os anjos e os santos;
- VIII. A Igreja e outras religiões;
- IX. Línguas, povos, reinos, milícia, cidades e parentesco;
- X. Etimologia de palavras diversas;
- XI. O homem e os seres prodigiosos;
- XII. Os animais;
- XIII. O mundo e suas partes (elementos, mares, ventos etc.);
- XIV. A terra e suas partes (Geografia);
- XV. As cidades, os edifícios e o campo;
- XVI. As pedras e os metais;
- XVII. A agricultura;
- XVIII. Guerra, espetáculos e jogos;
- XIX. Naves, edifícios e vestimentas;
- XX. Comida, bebida e utensílios.

O gosto que os autores medievais tinham pela etimologia derivava de uma atitude com relação à linguagem bastante diferente da que geralmente temos nós hoje. Na Idade Média, ansiava-se por saborear a transparência de cada palavra; para nós, pelo contrário, a linguagem é opaca e costuma ser considerada como mera convenção (e nem

reparamos, por exemplo, em que coleira, colar, colarinho, torcicolo e tiracolo se relacionam com colo, pescoço).

Na verdade, em muitos casos, por trás do interesse pela etimologia está uma determinada concepção do filosofar, do homem e da linguagem. Essa concepção parte do fato (bastante empírico) de que há na vida ocasiões especiais em que a realidade perde seu rosto rotineiro e apresenta-nos uma face nova: de repente intuímos o que é ou o que significa para nós algo ou alguém. Mas essas grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, experiências especialmente densas, não possuem um brilho duradouro na consciência reflexiva. Logo se desfazem, escapam-nos. O próprio Isidoro lembra a velha constatação dos gregos: o homem é um ser que esquece!

Essas experiências, contudo, não se aniquilam totalmente; escondem-se, condensam-se, transformam-se, depositam-se... na linguagem! E o filosofar é uma tentativa de lembrar, de resgatar os grandes *insights* de sabedoria que se encerram na linguagem comum. Comumente, a análise etimológica ajuda nessa tarefa. Ao tratar filosoficamente da gratidão, para citarmos um caso, é importante considerar que quando dizemos “obrigado!” estamos reconhecendo que a gratidão impõe um vínculo, uma *obrigação (ob-ligação)* de retribuição.

É certo que as etimologias medievais não primavam pelo rigor científico. Se a interpretação dada às origens das palavras nem sempre era uma verdade (e, de vez em quando, chegava mesmo ao ridículo), frequentemente era *bene trovata*. Seja como for, a linguagem funcionava para eles de

um modo diferente, parecia-lhes saborosa, portadora de notícias sobre a realidade.

Tomás de Aquino, atento à sabedoria da linguagem comum, citava muito Isidoro e se valia dos seus procedimentos etimológicos. Por exemplo, na *Suma Teológica*, começa o tratado sobre a principal das virtudes cardeais, a prudência⁷², afirmando: *ut Isidorus dicit*, “como diz Isidoro, prudente (*prudens*) é o que vê adiante (*porro videns*), e daí que a prudência seja uma virtude intelectual”, etc. E, mais adiante: “prudência deriva de providência, previsão” (II-II,49,7 e também 55,1).

Certamente, Tomás não absolutizava a etimologia e trabalhava criticamente sobre as definições de Isidoro: “Uma coisa é a etimologia de uma palavra; e outra, seu significado. A etimologia nos dá a raiz pela qual a palavra se liga ao significado; mas o significado diz respeito à própria realidade a que a palavra se refere. Por vezes, essas duas dimensões não se identificam: a palavra pedra, lápide (*lapis*) procede⁷³ de ferir o pé (*laesione pedis*), e no entanto não é isto o que ela significa, porque senão o ferro, que também fere o pé, poderia ser chamado de pedra”⁷⁴.

Com essas considerações, Tomás refutava a objeção que lhe fora feita e que tentava desqualificar a superstição como pecado contra a virtude da religião, uma vez que, segundo Isidoro, *superstitiosos* deriva de *superstites*, isto é, os supersticiosos seriam os que oferecem sacrifícios para que

⁷². Prudência não significava, na época, a cuidadosa cautela de hoje, mas a grande virtude da objetividade na decisão certa numa situação concreta.

⁷³. Tomás não repara em que a etimologia do caso é falsa.

⁷⁴. II-II, 92, 1.

seus filhos lhes sobrevivam (*superstites*), o que não se oporia à religião.

Dada a importância do tema na Idade Média, apresento inicialmente a tradução⁷⁵ do capítulo de Isidoro dedicado à discussão do significado da própria etimologia (que, afinal, é parte da Gramática), e alguns outros exemplos interessantes. Em seguida, destaco, do imenso trabalho de Isidoro, uma seleção de verbetes extraídos do livro X de *Etimologias*, o mais geral e de maior interesse para a Filosofia. No prólogo desse livro, o autor explica que, embora os filósofos apresentem certos argumentos de derivação (por exemplo: “sábio provém de sabedoria porque primeiro existiu a sabedoria e só depois o sábio”) é necessário o trabalho etimológico complementar, que Isidoro pretendeu desenvolver.



<https://www.archisevilla.org/wp-content/uploads/2022/04/SAN-ISIDORO-2-DE-MURILLO-796x448.jpg>

⁷⁵. A partir do original latino das *Etymologiarum* editado por J. Oroz Reta, Madrid, BAC, 1982.

Algumas Etimologias - Isidoro de Sevilha

(seleção e tradução Jean Lauand)

Livro I, capítulo 29 - a etimologia

1. Etimologia é a origem dos vocábulos, já que por essa interpretação captamos o vigor das palavras⁷⁶. Aristóteles denominou-a *symbolon*; Cícero, *adnotatio*, porque a partir de uma instância de interpretação tornam conhecidas as palavras e os nomes das coisas: como, por exemplo, *flumen* (rio) que deriva de *fluere*, porque fluindo, cresce.

2. O conhecimento da etimologia é frequentemente necessário para a interpretação do sentido, pois, sabendo de onde se originou o nome, mais rapidamente se entende seu potencial significativo. O exame de qualquer assunto é mais fácil quando se conhece a etimologia.

Contudo, não foi a todas as coisas que os antigos impuseram nomes segundo a natureza, mas alguns foram impostos arbitrariamente, tal como nós mesmos também fazemos quando damos a bel-prazer nomes a nossos servos e propriedades.

3. Por isso nem sempre podemos achar a etimologia dos nomes, pois há alguns que foram dados pelo arbítrio da

⁷⁶. *Verbi vel nominis*, verbos ou nomes. Isidoro, seguindo o gramático Donato, distingue na oração oito partes que, afinal, reconduzem às duas mais importantes: os nomes e os verbos (cfr. I,6 e ss.).

vontade humana e não segundo a qualidade com que foram criadas as coisas.

Há etimologias de causa, como é o caso de *reges* (reis) que vem de *regere* (reger) e de *recte agere* (conduzir retamente); outras são de origem, como *homo* (homem) que provém de *humus* (terra); outras procedem dos contrários, como *lutum* (barro), o que deve ser lavado (*lotum, lavando*), pois o barro não é limpo; ou como *lucus* (bosque), que, opaco pelas sombras, tem pouca luz (*luceat*).

4. Algumas são feitas por derivações de nomes como “prudente” de “prudência”, ou “gárrulo” de “garrulice”; outras são originadas no grego e passaram para o latim como *silva* (selva) e *domus* (casa).

5. Outras ainda procedem dos nomes de localidades, cidades ou rios. Muitas provém de palavras de diversos povos e é difícil discernir sua origem, pois há muitas palavras bárbaras e desconhecidas dos latinos e dos gregos.

Livro IX, capítulo 7 - para escolher marido/esposa

28. Na escolha de marido, costuma-se atentar para quatro qualidades: virtude, linhagem, beleza e sabedoria. Destas, a mais forte para o amor é a sabedoria.

29. E, também na escolha da esposa, quatro são as qualidades que causam o amor no homem: a beleza,

linhagem, riquezas e costumes. É melhor procurar mulher de bons costumes do que bela. No entanto, hoje, os homens vão mais atrás das que são recomendáveis pela riqueza ou pela beleza do que pela honradez dos bons costumes.

Livro X, cap. 1 - sobre a etimologia de algumas palavras

LETRA A

3. Aluno (*alumnus*) deriva de *alere* (alimentar) e, primariamente, aplica-se a quem é nutrido (embora se possa aplicar secundariamente também a quem nutre).

4-5. Amigo (*amicus*) é como que o guardião da alma (*animi custos*) (...) e procede de *hamus* (gancho), isto é, algema de amor. Daí a referência aos anzóis (*hami*) que prendem.

7. Arrogante (*adrogans*) é quem se faz muito rogar (*rogetur*) e é aborrecido.

9. Ávido (*avidus*) vem de *avere* (*desejar*, ansiar). Daí também avaro (*avarus*). Pois, o que é ser avaro? Ir além do que basta. E o avaro se chama assim porque é ávido de ouro (*aurum*) e nunca se sacia com os bens; quanto mais tem, mais cobiça. Daí a sentença de Flaco que diz: “O avaro sempre é necessitado”. E a de Salústio: “A avareza não diminui com a abundância nem com a penúria”.

15. Alienígena é o nascido em outro povo (*alia genitus*) no qual não está vivendo.

18. Atento (*adtentus*) é o que retém o que ouve (*audiens teneat*).

19. Atônito (*adtonitus*), como que afetado por certa perturbação mental e estupefacto. Procede do estrépito do trovão (*tonitruum*): da estupefação que ele produz, ou da proximidade do raio, ou da possibilidade de ser atingido por ele.

LETRA B

22. *Beatus* (feliz, bem-aventurado), como se disséssemos *bene auctus* (o que se desenvolveu bem, realizado), isto é: quem tem tudo o que quer e não padece o que não quer. Pois verdadeiramente feliz é quem tem todos os bens que quer e não quer senão o bem.

23. Bom (*bonus*). Acredita-se que bom procede originariamente da beleza (*venustate*) do corpo, e depois estendeu-se ao espírito.

28. Bruto (*brutus*) provém de *obrutus* (enterrado, encoberto) porque carece de sensibilidade ou senso. É, pois, quem não tem razão ou prudência. Por isso, aquele Júnio Bruto, filho da irmã de Tarquínio Soberbo, temendo que lhe acontecesse o mesmo que ao seu irmão (assassinado pelo tio por causa de suas riquezas e de sua prudência), simulou durante algum tempo uma oportuna imbecilidade. Em razão disso, chamando-se Júnio, foi cognominado Bruto.

LETRA C

37. Concorde (*concors*) recebe esse nome pela união do coração (*coniugatione cordis*). Pois, assim como consorte (*consors*) é o que se uniu à sorte de outra pessoa, o concorde une o coração.

43. Calculador (*calculator*) vem de cálculo (*calculus*), isto é, pedrinhas que os antigos traziam na mão para fazer contas.

48. Cruel (*crudelis*), isto é, cru. É o sentido por extensão do *omón* grego, como se disséssemos: o que não foi cozido e não dá para comer, pois é duro e intragável.

44. Colega (*collega*), o que está co-ligado (*conligatio*) por laços de companhia e amizade.

58. Corpulento (*corpulentus*), o pesado de corpo e lento (*corpus / lentus*) pelo seu volume.

LETRA D

66. Dócil (*docilis*), não porque seja douto, mas porque pode ser ensinado (*doceri*), pois é engenhoso é capaz de aprender.

69. Direto (*directus*) é o que vai reto. Dileto (*dilectus*) vem de diligência, amor. São ambos sinais do amor.

77. Dúbio (*dubius*) é o incerto, como de dois caminhos, duas vias.

78. Delator é quem descobre o que estava oculto (*latebat*).

79. Demente (*demens*) é o sem mente ou com a capacidade mental diminuída.

LETRA E

82. Expert (*expertus*) é o muito perito (*peritus*). Neste caso, o prefixo *ex* significa muito.

LETRA F

98. Fácil (*facilis*) vem de fazer (*facere*), o que não é tardo em fazer algo.

99. Formoso (*formosus*) vem de forma. Pois os antigos chamavam o quente e o fervente *formum*, uma vez que o calor move o sangue e, assim, proporciona beleza.

109. Fútil (*futilis*) é o vão, supérfluo, loquaz. Metáfora dos vasos de barro (*fictilis*) que, quando quebrados ou rachados, não retêm o seu conteúdo.

110. Fornicadora (*fornicatrix*) é a prostituta, cujo corpo é público e de todos. Costumavam debruçar-se sob as arcadas que se chamam também *fornices*, e daí a palavra fornicária.

LETRA G

112. Grave (*gravis*) é o venerável⁷⁷. Daí que, aos desprezíveis, chamemos *leves*, levianos. Grave pela constância e pelo juízo, pois não muda ao menor movimento, permanecendo firme graças ao peso da firmeza e da constância.

LETRA H

114. Humilde (*humilis*), como que inclinado à terra (*humus*).

115. Honorável (*honorabilis*), digno da honra (*honore habilis*)

116. Honesto (*honestus*), que nada tem de torpe. Pois o que é a honestidade senão a honra perpétua e a honra estável (*honoris status*)?

LETRA I (/J)

122. Engenhoso (*ingeniosus*) é quem tem capacidade interior de conceber (*gignere*) uma arte qualquer.

122. Inventor (*inventor*) é quem encontra (*invenire*) o que estava procurando.

⁷⁷. O sentido primeiro de *gravis* é pesado. Daí, por exemplo, a “lei da gravidade”. Por extensão, grave e gravidade no sentido de respeitabilidade; e, complementarmente, leviano no sentido de frívolo.

125. Jucundo (*iocundus*) é aquele que está sempre disposto para as brincadeiras (*jocus*) e para o riso; indica ação frequente como iracundo. Jocosos (*iocosus*), dado a brincadeiras.

135. Infame (*infamis*), que não tem boa fama.

136. Importuno (*importunus*) é quem não tem porto, isto é, quietude, repouso. Por isso os importunos vão logo a naufrágio.

148. Impudico (*impudicus*) vem de *podex* (ânus).

LETRA K

(“letra supérflua, por causa do C latino” - I,4,12)

LETRA L

157. Longânime (*longanimus*) é o que tem a alma grande, longa (long-anima, magn-anima), e não se deixa perturbar por paixão alguma, é paciente e resiste a tudo. O contrário é o pusilânime, estreito, que não resiste a nenhuma tribulação.

160. Libidinoso (*libidinosus*) é o que faz o que bem entende (*libet*).

LETRA M

168. Modesto (*modestus*) vem de medida (*modus*) e equilíbrio; é aquele que age na medida certa, nem mais, nem menos.

170. Mestre (*magister*) é quem tem um posto mais elevado (*maior in statione*); já ministro (*minister*) é quem tem um posto menos elevado (*minor in statione*) ou executa seu ofício com as mãos.

LETRA N

184. Nobre (*nobilis*) é o não vulgar (*non vilis*), de nome e linhagem conhecidas.

187. Neutro (*neuter*), o que não é nem uma coisa nem outra (*ne uterque*).

LETRA O

196. Obediente (*obaudiens*) é o que vem do ouvido, é aquele que ouve (*audiens*) a quem ordena.

LETRA P

201. Prudente (*prudens*), como se disséssemos que alguém vê adiante (*porro videns*).

207. Presente (*praesens*) é o que está diante dos sentidos (*prae sensibus*), diante dos olhos que são sentidos do corpo.

222. PÉRFIDO (*perfidus*) é o fraudulento, que não cumpre a palavra, que perdeu a confiabilidade (*perdens fidem*).

LETRA Q

232. *Quaestor* (título de uma classe de magistrados romanos). Vem de *quaerere* (procurar, perguntar, investigar, questionar).

LETRA R

238. Réu (*reus*) vem de *res* (coisa, causa), pela qual alguém se faz punível. Já reato (*reatum*) deriva de réu.

239. Rústico (*rusticus*) é quem trabalha no campo (*rus*), isto é, na terra.

LETRA S

240. Sábio (*sapiens*) vem de sabor (*sapor*), pois, assim como o paladar é apto para discernir os sabores dos alimentos, assim também o sábio distingue as coisas e as causas, pois conhece cada uma e sabe discernir o sentido da verdade. Por isso, o contrário do sábio é o insipiente (*insipiens*), aquele que não tem paladar nem sensibilidade.

243. *Speciosus* (belo) vem de *species* (forma, figura, aparência, aspecto, tal como formoso (*formosus*) vem de forma.

248. Soberbo (*superbus*) é quem quer ser considerado acima (*super*) do que realmente é.

261. Surdo (*surdus*) vem da sujeira (*sordes*) da secreção do ouvido. E embora haja diversas causas para a doença da surdez, o nome procede desse defeito.

LETRA T

82. *Timidus* (temeroso, tímido), o que teme intensamente, o que procede do sangue: o temor gela o sangue que, assim afetado, gera o temor.

LETRA V

274. *Vir* (homem) vem de virtude.

Livro XI, capítulo 2 - as idades do homem

1. As divisões de idade (do homem) são seis: infância (*infantia*), meninice (*pueritia*), adolescência (*adolescentia*), juventude (*iuventus*), maturidade (*gravitas*), e velhice (*senectus*).

2. A primeira idade é a infância⁷⁸, que vai desde o nascimento até os 7 anos.

3. A segunda idade é a da meninice (pueritia, que procede etimologicamente de pura), ainda não apta para a procriação. Estende-se até os 14 anos.

4. A terceira é a da adolescência⁷⁹, já “adulta” para a procriação. Dura até os 28 anos.

5. A quarta idade é a juventude⁸⁰, a mais firme de todas, e termina aos 50 anos.

6. A quinta é a da maturidade (*senioris*)⁸¹, isto é, gravidade, que é a passagem da juventude para a velhice. O homem maduro ainda não é velho, mas também já não é jovem, porque está numa idade mais avançada a que os gregos chamam *presbyter*. Pois o velho entre os gregos não é chamado *presbyter*, mas *géron*. Esta etapa começa aos 50 anos e termina aos 70.

7. A sexta idade é a velhice, que não tem limite superior. E é considerada velhice toda a duração que a vida vier a ter após as 5 idades anteriores.

⁷⁸. Como explica adiante o próprio Isidoro, “o homem na primeira idade é chamado infante (*infans*) porque não é capaz de falar (*in-fans*). Não tendo ainda os dentes bem arranjados, menos ainda é capaz da linguagem”.

⁷⁹. *Adolescens*, adolescente, é o particípio presente do verbo *adolesco* (*adolescere*), crescer. Adulto (*adultus*) é outro particípio do mesmo verbo e significa: crescido.

⁸⁰. Segundo Isidoro, jovem (*juvenes*) porque já pode ajudar (*juvare*), colaborar no trabalho.

⁸¹. Daí a nossa palavra “senhor”.

8. Senil (*senium*) se diz da última parte da velhice (*senectutis*) porque é o fim da sexta idade⁸². Os filósofos distribuíram a vida humana nestas seis etapas na qual a vida transcorre e vai se transformando até atingir o termo da morte.

⁸². Isidoro joga com as palavras *senium* (senil) / *senio* (seis), e aqui se vê também a origem da Sena (loteria).

[Este artigo foi escrito há 20 anos. Foi nele, provavelmente, que surgiu primeiramente a expressão “ditadura da extroversão” que, a partir de então, passou a ser amplamente utilizada por muitos outros autores.]

“Vigência” e Educação – a Ditadura da Extroversão

Introdução

Dentre as minorias discriminadas, excluídas ou mesmo perseguidas, há uma que parece ser a mais indefesa: a dos introvertidos, a daqueles que - para além das diferentes cargas teórico-técnicas⁸³ e valorativas que impregnam a palavra “introversão” (para não falar em “timidez” etc.) - são literalmente *intro-versos*, isto é, dirigidos a seu próprio interior (e não ao exterior, à exposição social, ao *environment*, à multidão...).

Vale a pena, para os propósitos deste artigo, a descrição da introversão elaborada por David Keirsey:

⁸³. A título de curiosidade, lembro que a palavra “introversão” é moderna e foi muito usada originalmente na linguagem religiosa-mística. Por exemplo, em Wesley (1788): “The attending to the voice of Christ within you is what the Mystics term Introversion” (cf. OED).

And so to make the Extraversion-Introversion distinction useful at all, we must define the two concepts, not in terms of mental focus or interest, but in terms of social address or social attitude. Thus when someone is observed to be talkative and sociable (the so-called “extravert”) he or she can be described as “expressive.” In contrast, people who are more quiet and private (the so-called “introverts”) can be described as “reserved.” Interestingly, because Reserved persons tend to hold their fire verbally, they tend to listen carefully to what others say, while Expressive persons tend not to listen very well, so eager are they to tell others of what they have on their minds. So in general, the Expressive are quick to speak and slow to listen, while the Reserved are quick to listen and slow to speak. Of course, everyone is expressive in some degree, but not in the same degree. Those who are more expressive appear more comfortable around groups of people than they are when alone. Thus they can also be thought of as socially gregarious or outgoing. On the other hand, those who are more reserved seem to be more comfortable when alone than when in a crowd. And thus they can be thought of as socially seclusive or retiring. Remember, however, that these distinctions are not clear cut: each individual surely varies from time to time in his or her desire to be expressive and in company or reserved and in seclusion. A

metaphor might shed light on this difference. Imagine that a person's energy is powered by batteries. Given this, then Expressive persons appear to be energized, charged up, by contact with other people. Owing to the surge they get when in company, they are quick to approach others, even strangers, and talk to them, finding this an easy and pleasant thing to do, and something they don't want to do without. Such interaction apparently charges their batteries and makes them feel alive. Thus, when they leave a lively party at two o'clock in the morning, they might well be ready to go on to another one. Their batteries are almost overcharged, having received so much stimulation from the social interaction. In fact, quiet and seclusion actually exhaust the Expressive, and they report feelings of loneliness (or power drain) when they are not in contact with others. For example, if an Expressive person goes to a library to do research in the stacks, he or she may, after fifteen minutes or so, feel bored and tired, and have to exercise strong will-power to keep from taking a short brain break and striking up a conversation with the librarian. On the other hand, Reserved persons can be said to draw energy from a different source. They prefer to pursue solitary activities, working quietly alone with their favored project or hobby, however simple or complicated it may be, and such

isolated activities are what seem to charge their batteries. Indeed, the Reserved can remain only so long in contact with others before their energies are depleted. If required by their job, family, or social responsibilities to be expressive or outgoing - to make a great interpersonal effort - they are soon exhausted and need alone time in quiet places to rest and to restore their depleted energy. Thus, if Reserved persons go to a noisy cocktail party, after a short period of time - say, half an hour - they are ready to go home. For them, the party is over, their batteries are drained. This is not to say that the Reserved do not like to be around people. They enjoy socializing with others, but at large social gatherings or professional meetings they tend to seek out a quiet corner where they can chat with one or two other persons. There is some social bias toward expressiveness in American social life, but Reserved persons have no reason to feel that there is anything wrong with them, and should be sure to provide adequately for their legitimate desire for quiet time to themselves. (<http://keirse.com/pumII/ei.html> Excerpted from *Please Understand Me II*, by David Keirse)

É fato evidente (pelo menos para os introvertidos que o sofrem na pele diariamente...) que nossa sociedade endossa

as atitudes de extroversão, de “sociabilidade”, e não aprecia os valores da introversão. A propósito dessas preferências, Keirsey recorda o caso daquela senhora que protestou: “*My daughter is **not** an introvert. She is a lovely girl!*”⁸⁴.

Certamente, não se trata de uma perseguição proativa ou planejada (e nem mesmo consciente...), mas de uma discriminação que vai se exercendo, de modo natural e espontâneo, por meio da institucionalização de critérios e formas de relacionamento pautadas quase que exclusivamente pelos padrões dos **E**, sem que os próprios atingidos tenham clara consciência da existência de quão injustas são as limitações que os afligem. Ao contrário das crescentes restrições impostas em todo o mundo à minoria dos fumantes, não se trata aqui, como é óbvio, de restrições legais: não está proibido ou taxado ser **I**, nem o ministério da saúde adverte contra os males da introversão.

A força das vigências

Para ir direto ao ponto: a ditadura da extroversão se exerce - para usar o fecundo conceito de Ortega y Gasset - por meio de *vigências*; e as vigências são as dos **E**.

Ninguém melhor do que Julián Marías para recordarmos o significado e o alcance das vigências em nossa vida:

⁸⁴. In Keirsey, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 16.

A sociedade exerce uma grande pressão. Em alguns sentidos trata-se de uma pressão difusa: é a pressão que exercem as vigências, os usos sociais, que de certo modo configuram nossa vida e tiram-lhe a espontaneidade, tiram-lhe uma certa autonomia, ao mesmo tempo que a regulam e lhe propiciam facilidades.

É evidente que a sociedade me dá já prontas muitas soluções para problemas como por exemplo o que se deve vestir. Se cada vez eu tivesse que inventar a roupa que vou usar, isso seria bastante complicado, daria muito trabalho..., mas há um uso social, as pessoas se vestem de certo modo: para os homens, por exemplo, a escolha é muito limitada (sei lá, alguém pode querer usar um paletó listrado, com botões na manga...; noutros casos, há mais margem de escolha..., mas, enfim, há um padrão geral).

Há, também, por exemplo, usos alimentícios, que são muito importantes: não inventamos o que vamos comer no café da manhã, cada país já tem o seu desjejum habitual, em cada sociedade existe um uso habitual que estabelece o que se come na refeição matinal. Eu me lembro, por exemplo, que nos Estados Unidos é muito frequente comer ovos no *breakfast* - eu os comia e me parecia ótimo. Mas era difícil conseguir ovos na hora do almoço ou do jantar, não era comum, porque não era costume: em geral as pessoas comiam os ovos de manhã, no

desjejum. Se em algum lugar qualquer da Espanha alguém pedir sardinhas para o café-da-manhã... terá certamente problemas; agora, se quiser um café com leite ou algo parecido, então será muito mais fácil...

Portanto, isso que por um lado automatiza a vida, por outro, a facilita. Trata-se de uma pressão, repito, ambiental, difusa, mas que condiciona os modos de vida.⁸⁵

Se as vigências condicionam o que podemos vestir ou comer, condicionam ainda mais nosso modo de relacionar-nos com os outros. E numa sociedade em que as vigências são determinadas pelos **E** - a ditadura da extroversão - os **I** sofrem. Certamente, há diversidade de graus - a ditadura assume formas distintas, digamos, no Rio de Janeiro ou em Curitiba; na Espanha ou em Portugal -, mas as vigências sempre são dos **E**.

Vigências da extroversão: festas, reuniões...

Pense-se, por exemplo, na tortura que são para o **I** as vigências que regulam as festas e reuniões, em sua existência, faixa de duração, grau de exposição social etc.

Existência. O **I** se pergunta: onde é que está escrito que deva haver, por exemplo, (ao menos no formato vigente) festas de formatura?! (E as há não só para a conclusão de

⁸⁵. Marías, J. "A Moralidade Coletiva", conferência proferida em Madrid em 15-04-98, em: http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

curso superior, mas também para ensino médio e fundamental e, mais recentemente, até de prezinho!!). Por mais que se esforce, o **I** não consegue encontrar um único argumento racional que justifique a existência dessas festas (em todo caso, que durassem no máximo meia hora), com os sacrifícios que ela costuma trazer consigo: não só a dificuldade de deslocar-se, estacionar, passar horas aguentando intermináveis discursos e as breguices dos mestres de cerimônia contratados, as brincadeiras tolas dos formandos... Tudo isto para depois entrar na fila da felicitação e no final da cerimônia, ir comer uma pizza⁸⁶ com a família do novo graduado etc. Mas é a vigência. Vigência que vige e obriga a arrumar uma boa desculpa - se queremos preservar a amizade - caso se queira escapar.

Vigência que se fortalece e se estende impondo o comparecimento a celebrações de parentes não tão próximos e mesmo a meros conhecidos. Em vão o **I** tentará defender sua fobia diante da pressão da autoridade do cônjuge, ou dos pais (ou filhos...) etc.; autoridade avalizada pela vigência.

O quadro se mostra mais grave quando lembramos o dado de Keirsey: **I** costuma casar com **E**... E se o **I** for criança, é muito frequente que tenha pai e mãe **E**... É oportuno registrar, desde já, que o **I** não tem nada contra as festas ou reuniões em si, tomadas de modo puramente abstrato: se os **E** gostam dessas reuniões, que as organizem e façam bom proveito... Mas, nas formatações vigentes, pelo

⁸⁶. Aliás, a própria pizza, já é algo que puxa para a extroversão. Uma pizza (pelo menos as paulistanas), em geral, requer ao menos três pessoas para consumi-la. Daí a expressão “acabar em pizza”, para designar a reconciliação de adversários em torno da comida comunitária.

amor de Deus: “me poupe”, “me risca” “me inclui fora dessa”, “deixem-me em paz!”.

Infelizmente, quanto mais o **I** tenta subtrair-se às exposições sociais, mais aumenta o empenho dos **E** que o amam (?) em enquadrá-lo nos padrões “normais”. É até mesmo um desafio: se levar um **E** numa reunião vale, digamos, de 1 a 5 pontos; conseguir a presença do **I** vale 100 pontos (daí a razão adicional para o hermetismo da introversão: ceder às pressões de um convite é abrir um perigoso precedente: “Você foi ao aniversário de Fulano e no meu você diz que vai ver se pode...!!”). Compreende-se, assim, também o interesse adicional da obsessão dos **E** pelos **I** e o nível radical das recusas dos **I**.

Para conseguir a presença dos **I**, autêntico troféu, os **E** valem-se de todos os tipos de pressão, sem excluir a chantagem emocional: “Você odeia os parentes”, “Você tem vergonha de aparecer comigo”, “Todo lugar em que eu vou, eu vou sozinha (/o), pareço viúva (/o; orfã /o)”, etc. Chega uma hora em que se vence pelo cansaço e as novas cobranças e queixas serão, num próximo momento, em relação ao fraco “desempenho social” (“Você parece um urso”, “Nem chegamos e você já quer ir embora”, “Só encontrar os parentes, você fica de cara fechada” etc.) e, finalmente, a tentativa de demonstrar exaustivamente para o **I** que a festa foi ótima e obter dele reconhecimento e até gratidão e... uma menor resistência para comparecer na(s) próxima(s)!

O mesmo sofrimento atormenta o **I** no fim do ano: a vigência de ter de externar desejos de boas festas para uma multidão de parentes, colegas, vizinhos e profissionais que

saem do anonimato nessa época. Em períodos normais, o **I** defende-se, ou tenta se defender por meio de todo um complexo sistema de “sensores” e “radares” pessoais, que o leva a esquivar-se de cruzar com as multidões (tenha-se em conta que, em alguns casos, duas ou três pessoas - ou até uma só - são, para ele, multidão): ele não se importa por exemplo de chegar ao trabalho antes da massa dos colegas ou de entrar por portas menos frequentadas, tomar o cafezinho mais frio, mas longe da multidão, etc. tudo para subtrair-se à “social”, que, para os outros, é fonte de prazer.

Assim, ante a proximidade de um ou mais **E** grudentos, os sensores do **I** indicam-lhe que faça estratégicas mudanças de percurso nos corredores, saídas pela varanda, simulação de conversas intensas com terceiros mais inofensivos (até que passe o perigo dos **E...**), ou mesmo entrar sem razão em uma sala, fingindo, por exemplo, procurar um objeto, só para evitar a rota de colisão com um **E**. Como os **E**, por sua parte, fazem o joguinho complementar (que a língua espanhola expressa por: “*hacerse el encontradizo*”), por vezes o **I** é apanhado e, literalmente encurralado, e aí chega a passar fisicamente mal ante a exposição à descarga de extroversão a que é submetido.

Não que o **I** não se importe com os colegas; talvez até nutra por eles uma solicitude e um afeto mais profundos do que o dos **E**; afeto cultivado no recolhimento de sua personalidade. Mas uma coisa é gostar das pessoas; e outra, muito diferente, é ter de ficar indagando (e sendo indagado...) por assuntos de caráter privado ou que não interessam (ou não deviam interessar) senão à esfera pessoal de cada um. Sua territorialidade. Claro que ele fica contente em saber,

digamos, que o colega descansou no carnaval e passou dias maravilhosos na pousada tal; e agradecerá sinceramente a dica de viagem etc. Mas daí a ter de ficar percorrendo todo o álbum de fotos ou respondendo a interrogatório sobre onde ele mesmo passou esses dias (e com quem, saiu fantasiado do quê etc.) há anos luz de distância.

Mas voltemos às festas de fim de ano. Quando chega o fim do ano, a vigência da forma da festa de Natal, obrigá-lo-á a aguentar toda a parentada (de primeiro, segundo e terceiro graus) além de ter de interagir com desconhecidos que passaram a integrar o clã (o marido da prima Fulana, o namorado de Sicrano etc.). Isso para não falar de clãs que se estendem para as colônias do país de origem dos avós, grupos de oração, a turma do jogo de bocha etc.

As vigências de duração. Quinze minutos ou meia hora de permanência numa festa seria o que o **I** naturalmente poderia suportar, mas ele pode se sujeitar a ficar mais tempo porque seria extremamente trabalhoso inventar desculpas e tentar sair antes das duas ou três horas “normais”, o mínimo permitido pela vigência... A tentativa de justificar a saída “precoce” poderia até causar penosos dissabores para o **I**: o **E** dono da festa poderia vingar-se denunciando em altas vozes a tentativa de fuga e expondo ainda mais o **I**.

Os exemplos podem multiplicar-se em inúmeras instâncias da vida social. A ditadura da extroversão invadiu a própria Igreja. Um conhecido meu, **I** de carteirinha, confidenciava-me que ele descobriu que o Código de Direito Canônico exige para o casamento religioso simplesmente duas testemunhas. Parece incrível, mas é verdade: para o

sacramento do matrimônio, a lei da Igreja exige apenas a presença de duas testemunhas. E, portanto, a figura do padrinho (/madrinha) de casamento não existe: é uma vigência inventada pelos **E** (para não falar de damas de honra e parafernálias matrimoniais que os sociólatras impõem...). Isso para não mencionar a absoluta prevalência (nesse e em outros eventos) da gravação das fitas de vídeo, que chega a extremos como o de fazer o sacerdote repetir tal rito prescrito pela liturgia, porque a gravação não saiu bem. E uma vez de posse do vídeo, o casal **E** impõe a amigos e parentes a tortura da obrigação de vê-lo e comentá-lo, e em diversas sessões... Por vezes, com requintes de crueldade, como a de dar *replay* em determinada cena ou dar um *pause* para identificar, um por um, os figurantes e relembrar seus distintos comentários...

Os bares e restaurantes são considerados tanto mais *in*, quanto mais multidões se acotovelarem nas mesas (e filas...), os clientes falando em voz altíssima para tentar se fazer ouvir em meio ao ruído ensurdecido das outras conversas e do barulho ritmado das músicas ou das TVs ligadas no estabelecimento. O **I** simplesmente não compreende que o restaurante possa estar cheio de pessoas contentes com tal aglomeração. Dia desses, não aguentando mais, um **I** encheu-se de coragem e foi ingenuamente perguntando, de mesa em mesa, se os outros frequentadores do restaurante estavam gostando da “música” ambiente: ante a unanimidade afirmativa das primeiras respostas, retirou-se para procurar um dos poucos bares em que ainda se pode verdadeiramente conversar, longe das barulhentas tribos de bárbaros extrovertidos que, por se acharem interessantes,

expõem-se, ostentam-se, exibem-se, rompendo tímpanos e limites legalmente permitidos de decibéis.

Talvez o dilema de alguns desses jovens **E** esteja precisamente nisto: a compulsiva necessidade de falar (um falar que não necessariamente deve ser classificado como comunicação), de “agito”, de chamar a atenção; junto com a ausência do dizer, a superficialidade da mais absoluta falta de assunto para manter uma conversa com algum conteúdo, que possa minimamente superar os “tipo assim”, “com certeza”, etc.

Ou como diria a impagável Tati, da Heloísa Perissé:

“Cara, fala sério. Tem horas que minha cabeça sequela. Tipo assim, a vida é feita de muitos obstáculos”.

Entre tantos outros testemunhos clássicos que se aproximam de nosso tema, advertindo contra os perigos da loquacidade excessiva, está o de um dos precursores da fundação da Europa, o papa S. Gregório Magno, falecido em 604. Gregório, com aguda psicologia inclui em sua *Regra Pastoral*, um capítulo sobre como orientar espiritualmente os excessivamente faladores (em contraposição aos caladões): *Aliter admonendi sunt nimis taciti atque aliter multiloquio uacantes*. Depois de advertir os caladões, volta-se para os muito faladores e para o perigo que esse vício representa para suas almas.

É preciso alertá-los para que estejam muito atentos para o quanto se afastam do reto caminho por ficarem falando demais. Pois a mente humana comporta-se como a água: quando está recolhida, concentra-se num nível superior; quando, porém, se solta perde-se, esparramando-se inutilmente pelos níveis mais baixos. Assim, o palavreado supérfluo dissipa a guarda do silêncio, como um rio que sai de seu leito⁸⁷. E, assim, a alma é incapaz de voltar a seu interior e ao conhecimento de si, porque derramando-se em seu muito falar, impede-se de penetrar em sua própria intimidade. Fica assim exposta aos ferimentos dos ataques que a assediam, pois não está rodeada por defesas que a guardem. Pois, diz a Escritura (Pro 25, 28): “Cidade aberta e sem defesa é o homem que não consegue controlar seu afã de falar”. E como não conta com as muralhas do silêncio, é alvo para as setas do inimigo, e ao sair de si mesma pela loquacidade expõe-se ao adversário. Etc.” (Gregorius Magnus - *Regula pastoralis* III, 14; Cetedoc Library of Christian Latin Texts, Brepols 1994).

Vigências da extroversão: as formas “corretas”

A ditadura dessas vigências da extroversão baseia-se na pressuposição de que os outros são (devem ser...) pautados pelos mesmos padrões dos ditadores. Não se toleram muitas

⁸⁷. Literalmente, que sai de si mesmo - *extra se ducitur*.

divergências nas formas sociais. Pense-se por exemplo nas formas “corretas” de luto... Morre um parente muito querido e tudo tem que seguir os padrões impostos: não é “correto”, por exemplo, que alguém prefira curtir sua dor sozinho (ou na intimidade de um pequeno círculo) e não ir a velórios, enterros, missas de sétimo dia etc. Já no Evangelho, é mencionada a “cobrança” dos sentimentos corretos. Cristo, queixando-se daquela geração, diz:

“Parecem meninos sentados na praça que dizem: ‘Tocamos flauta e não dançastes; tocamos lamentações e não chorastes’” (Lc 7, 32)⁸⁸.

Se no Extremo Oriente encontramos um respeito ao modo de ser introvertido; no Oriente Médio as coisas se complicam: há, em geral, uma obrigação de manifestar externamente, materialmente, as atitudes: o apreço e a consideração têm que se traduzir de modo visível (o que constrange a minoria introvertida): numa homenagem, deve-se elogiar/presentear ostensivamente; num velório, é

⁸⁸. O Evangelho de Marcos narra a curiosa cena dos participantes de um velório que passam instantaneamente de estridentes manifestações de dor à burla. Jairo, chefe da sinagoga, pede a Jesus que cure sua filha. Jesus se dirige à casa de Jairo, mas no meio do caminho vêm alguns dizer que já não é necessária a presença do Mestre, pois a menina acabou de expirar. Jesus, porém, prossegue em direção à casa do chefe da sinagoga e “Lá chegando, observa um grande alvoroço, alguns chorando e outros dando gritos com enorme alarido” (Mc 5, 38). E quando Jesus diz que a menina não morreu, mas está simplesmente dormida, “os que ali estavam burlavam-se dele”.

necessário chorar convulsivamente; numa recepção, comer. Daí o provérbio árabe:

É no [muito] comer que se mostra a afeição [pelo anfitrião]⁸⁹.

Ainda nas formas semitas de convivência, o Alcorão prescreve, por exemplo, retribuir uma saudação com outra mais intensa (IV, 86) ou, pelo menos, não inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” a um desconhecido pode durar uma eternidade). É nesse sentido que Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. p. ex. Lc 7, 44 e ss.), tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10, 4). É um problema até de aproveitamento do tempo, em uma missão urgente!

Mas voltando ao luto em nosso meio. Os E estabelecem controle (informal, porém rigoroso) e acabam elaborando as listas completas de quem foi, quanto tempo ficou, que manifestações públicas de dor exibiu... E muitos dos que estão na fila para apresentar suas condolências (e talvez os próprios familiares do falecido) não se ajustam naturalmente a essas vigências.

Nesse sentido, a ditadura pode tornar-se terrorismo (terrorismo sutil, mas terrorismo), quando há uma

⁸⁹. Freyha, Anis *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, #300.

intimidação pelo medo de ter que dar explicações - a quem, a rigor, não tem nada que ver com isso - sobre comportamentos supostamente atípicos ou não aceitos pela “turma”, “galera” ou por pessoas especialmente influentes. É o caso, por exemplo, de alguém que tenha ascendência, digamos uma mãe (ou pai, ou chefe etc.), que comenta com seus filhos jovens (/subordinados): “Nossa, que horror!, Vocês viram? Como é que o Zezinho, um rapaz tão bonito, pôde se casar com a Mariazinha, que é tão magra. Vocês viram como ela é seca e arreganhada?” (/ ou, digamos, no trânsito: “Pessoas que dirigem devagar são mentecaptas!”). Se os filhos não tiverem a coragem de assumir a defesa da liberdade (e defender a liberdade alheia é defender a própria), poderão vir a ter problemas com seus próprios futuros casamentos (será que o nível de magreza da amada será ou não “aprovado”? etc.). Esses comentários - mesmo que isso não passe pela cabeça de quem os faz - podem estar causando um enorme problema, sobretudo para os **I**.

Para não falar de pessoas que se sentem como que gravemente ofendidas quando os **I** se atrevem a tomar decisões (decisões pessoais, que, afinal, dizem respeito somente a eles mesmos) sem consultar sua opinião, ou mesmo sem comunicar a elas essas suas decisões. Vir a saber por terceiros, não ser dos primeiros a saber (ou não saber antes) é tido por desconsideração pelos **E**.

As vigências atuais suprimem muitas das antigas mediações (e a supressão de mediações é, lembrando Ortega, característica da barbárie). Abordar um desconhecido na rua era um ato extraordinário, precedido e acompanhado por formas mediadoras para preservar o respeito à privacidade; as

novas vigências ignoram essas reservas. Mesmo os mendigos, que ainda há poucos anos pediam discretamente, *à la dérobé*, com um fio de voz; atuam hoje, pela aberta e abrupta irrupção (alguns até já vão advertindo: “Não é um assalto!”...). Um deles, mesmo após receber generosa esmola, fez questão de continuar contando, nos mínimos detalhes, seu problema (real ou fictício, não me compete julgar).

Nessa mesma linha de ausência de limites, mediações e normas, para a extroversão invasiva está o caso vivenciado por um querido casal de **I**, que, nestas últimas férias iam jogar boliche num salão com oito pistas. Naturalmente (ambos são **I** em grau extremo), iam no primeiro horário (porque, em geral, nesses começos de tarde, não havia ninguém) e alugavam a pista 8 (a mais escondida). Um dia, estavam tranquilamente jogando, quando chegaram dois ruidosos jovens **E**, que - apesar de todas as outras pistas estarem livres - exigiram a pista 7, que inclusive obrigava ao incômodo de dividirem as bolas com a pista 8... Mas nada importava: os **E** precisavam de público, mesmo que fossem dois discretos **I** (afinal, a única plateia disponível...). Ao notarem a mal disfarçada perplexidade e incômodo dos **I**, comentaram ente si, como que para se justificarem: “É, a pista 7 é a única que não dá pau, é a melhor etc.”. O curioso é que, no dia seguinte, a pista 1 estando ocupada por um bando de **E**, nosso casal **I** foi para a sua pista 8. Poucos minutos depois, chegaram os mesmos dois ruidosos **E** da véspera, que, desta vez, foram para a pista 2 (embora todas as outras, inclusive a 7, estivessem livres)! A conclusão é óbvia: o importante não é o jogo nem a pista nem nada; a única coisa que importa é aparecer e ter público...

A mentalidade contemporânea de *reality show* tende a abolir a privacidade, a territorialidade, para sofrimento dos I. Invade-se o espaço psicológico e o espaço físico. Embora a Constituição Federal assegure:

São invioláveis a intimidade, a vida privada...

as novas vigências da mídia apontam para a legitimação da eliminação da privacidade e tendem a institucionalizar a bisbilhotice pública. E enquanto vigem essas vigências, não há nada a fazer, como explica Ortega:

As vigências operam seu mágico influxo sem polêmica nem agitação, quietas e jacentes no fundo das almas, às vezes sem que estas se apercebam de que estão dominadas por elas, e às vezes crendo inclusive que combatem contra elas.

O fenômeno é surpreendente, mas é inquestionável e constitui o fato fundamental da sociedade.

As vigências são o autêntico poder social, anônimo, impessoal, independente de todo grupo ou indivíduo determinado.⁹⁰

⁹⁰. Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*, “Epílogo para ingleses”; Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, 1959, p. 267.

Precisamente por causa desse “*taking for granted*”, as vigências se apresentam como “o normal”, “o certo”. É nesse sentido que, na já citada conferência, adverte Julián Marías:

Considerem, então, que um homem de nossa época recebe diversas interpretações do real que têm muitas vezes um caráter moral.

Apresentam-se-lhe formas de vida, formas de relações humanas, de família, de moral política, de uma série de fenômenos e ele recebe, de certo modo, interpretações que se lhe são apresentadas sob uma certa luz, isto é, são apresentadas atitudes, de modo favorável ou desfavorável conforme os casos, e como normais, por serem frequentes.

Há uma identificação muito perigosa em nosso tempo que consiste em considerar o que é frequente como normal e o que é normal como lícito e o que é lícito legalmente como sendo moral.

Não! São identificações inaceitáveis. Pode haver coisas frequentes que não são normais, pode haver coisas que são normais, mas apesar de normais não são lícitas e podem ser lícitas legalmente, mas moralmente não.

Portanto, é preciso ver em cada caso do que se trata⁹¹.

⁹¹. Marías, J. “A Moralidade Coletiva”. http://www.hottopos.com/videtur5/a_moralidade_coletiva.htm.

Nesse sentido, já Sêneca admiravelmente advertia contra os perigos de seguir a multidão em questões que tocam o centro da existência humana:

Enquanto vaguearmos de um lado para o outro tendo como guia os rumores e gritos discordantes dos companheiros, que nos chamam em direções contrárias, a nossa vida se consumirá brevemente, mesmo que trabalhemos dia e noite da melhor maneira. Desse modo, devemos discenir tanto aquilo para que tendemos quanto o meio de conseguir o desejado, não sem escolher um perito, conhecedor profundo do caminho em que nos metemos, porque as condições dessa viagem não são as mesmas que as dos demais itinerários. Nesses, o traçado da estrada e as informações dadas pelos habitantes não nos permitem errar; mas, em nosso caso, o caminho mais palmilhado e frequentado é o que mais costuma enganar. Por conseguinte, o que mais devemos ter presente é o cuidado de não seguir os que nos precedem, à maneira do gado, em que os de trás seguem os dianteiros, dirigindo-se não aonde devem ir, mas aonde vão os da vanguarda. Ora, nada nos enreda em maiores males do que o fato de agirmos conforme a voz comum. Julgamos ser melhor o que é aprovado pelo consenso geral e, assim, vivemos à imitação dos inúmeros exemplos que se nos

apresentam, e não conforme a razão. Daí provém esse amontoado de homens caindo uns sobre os outros. Em qualquer gênero de vida podes observar o que sucede numa grande aglomeração de pessoas que se apertam mutuamente: ninguém cai sem levar junto o outro, de sorte que os primeiros causam a ruína dos seguintes. Quem erra não o faz somente com prejuízo próprio, mas é causa e conselheiro do erro alheio. Com efeito, é prejudicial ligar-se aos que vão na frente, e, enquanto cada um prefere acreditar a julgar, o erro, transmitido de mão em mão, nos confunde e precipita no abismo. Perecemos ao seguir os exemplos alheios; seremos curados, contanto que nos afastemos da massa. Mas agora o povo, contra a razão, se levanta como defensor do seu próprio mal. Desse modo sucede como nas eleições: aqueles mesmos que elegeram os pretores admiram-se de os terem eleito quando sua inconstante popularidade decai. Aprovamos e censuramos as mesmas coisas, esse é o resultado de todo julgamento que é feito por muitos. Como trataremos da vida feliz, não me poderás responder estupidamente aquilo que costumam dizer: “É desse lado que parece estar a maioria.” Ora, por isso mesmo é pior. Nas coisas humanas não se procede com acerto tentando agradar à maioria, pois a multidão é a prova do que é pior. Busquemos, portanto, o que é melhor e não o que é mais comum, aquilo

que nos estabelece na posse de uma felicidade eterna e não o que é aprovado pela massa, o pior intérprete da verdade⁹².

A introversão indefesa

Não é de estranhar que os **I** encontrem-se muito pouco à vontade nesse quadro, pois não só a imensa maioria - cerca de 75% - das pessoas são **E**⁹³, como também as vigências e a mídia são dominadas por elas (é inimaginável, por exemplo, um programa de auditório que não seja apresentado por pessoa super-extrovertida, como Sílvia Santos, Hebe, Luciana Gimenez, Gugu, Faustão etc.).

Mas o mais grave é o diferencial que caracteriza essa minoria e que a torna indefesa, muito mais indefesa do que outras minorias discriminadas. A crescente conscientização dos direitos humanos, dos valores da diversidade e da tolerância em nosso tempo tem dado voz e vez aos discriminados e às minorias oprimidas: negros, mulheres, GLS etc. (há até mesmo alguns exageros, que por vezes convertem os até ontem discriminados em “minorias esmagadoras”). E vemos surgirem ações afirmativas como a política de quotas para negros na universidade ou de mulheres nas candidaturas dos partidos. Muitas minorias organizam-se, protestam e desfilam. No caso dos **I**, porém, a própria ideia de associação (para não falar de passeatas...) está praticamente descartada.

⁹². Sêneca, *Da vida feliz*, I e II; trad. J. C. Cabral Mendonça, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

⁹³. Cf. Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 16.

Como seriam as reuniões de uma (improvável) Associação Estadual de Introversos (ou mesmo de um grupo de auto-ajuda “Introversos Anônimos”)? É possível imaginar a Avenida Paulista tomada por manifestantes gritando palavras de ordem:

“Introverso unido jamais será vencido”?

ou:

“Introversos de todo o mundo, uni-vos”

ou ainda em estádios:

“Olê, olê, olê, olê, social pra quê?”

Como sempre, na luta contra o preconceito e a discriminação o primeiro passo é o da conscientização e este artigo espera poder contribuir nesse sentido. Pois, em si, a introversão não é pior nem melhor do que a extroversão; simplesmente em nossa sociedade as vigências dão um caráter de “normalidade” ao **E**.

Uma instância importante onde se exerce essa normalidade é a da educação. Para além da (o)pressão da educação informal (dominada pelos **E**), pense-se, por exemplo, na escola. Obviamente, a maioria dos professores e educadores são **E** e acabam impondo seus padrões de extroversão a todos os educandos e tentam “corrigir” os **I**, “socializando-os” de modo sutil (que vão desde a arquitetura

da escola e da própria disposição das carteiras em salas de aula à exigência de trabalhos e atividades em grupo etc.) ou à força. Porém, na feliz metáfora de Keirse, ao tirar os dentes do leão, o que se obtém não é um gatinho doméstico, mas um leão desdentado...

Seja como for, é importante que os I ganhem consciência de sua situação e lutem por seus valores: até que chegue o dia em que, por exemplo, aos avisos de legislação em elevador (lugar, aliás, propício para que a fobia introvertida dê lugar a surto):

Lei Municipal - Fica vedada qualquer forma de discriminação em virtude de raça, sexo, cor, origem, condição social, idade, porte ou presença de deficiência e doença não contagiosa por contato social no acesso aos elevadores de todos os edifícios públicos municipais ou particulares, comerciais, industriais e residenciais multi-familiares existentes no Município (“Diário Oficial do Município de São Paulo”, 17.01.96).

se ajunte:

Respeitem-se especialmente os inalienáveis direitos dos introvertidos, que, por mais que sejam afáveis, não estão obrigados a fazer bilu-bilu para crianças ou cachorros, podendo limitar-se a um cordial “- Bom-dia”.

A ditadura começa cedo. Os bebês são continuamente expostos a um indiscriminado festival de observações, festinhas e gracinhas e não podem sequer permanecer passivos: exige-se deles reações “adequadas” (sorrisinhos, beijinhos, grunhidos etc.). Como não questionam as vigências, nem sequer passa pela cabeça dos pais a ideia de que talvez seu bebê seja temperamentalmente **I** e que, portanto, não é o caso de encher a casa para festejar o aniversário de um aninho com uma multidão de estranhos. Precisamente nessa idade em que a criança começa a “estranhar” os estranhos:

Quando a criança faz um ano, surge o medo dos desconhecidos. O psicólogo francês Christophe André explica que “no momento em que a criança começa a deslocar-se sozinha, por volta de um ano de vida, a mãe relaxa a vigilância e surge o receio de pessoas estranhas ao seu círculo de conhecidos” (“Ser tímido tem vantagens” *Revista Quo - O Saber Actual*, Lisboa, Hachette Filipacchi, Outubro 2003, p. 97).

O **I** não quer – é muito trabalhoso – ter que dar explicações para o grande público sobre sua vida, preferências etc.. Há casos de **I** que não ligam a mínima para a opinião dominante (ele, por exemplo, simplesmente não aceita convites, doa a quem doer; ou simplesmente desaparece e deixa seus telefones todos na caixa postal etc.); enquanto outros, temem tanto a opinião alheia que procuram

adequar-se aos padrões vigentes só para não ter sua vida devassada por interrogatórios e pedidos de explicação por parte da tirania dos **E** - como dizíamos, há pessoas que chegam a considerar ofensa que os outros tomem suas decisões pessoais sem consultá-los ou ao menos informá-los...

São Paulo, falando das tribulações a que estão expostos os apóstolos, diz: “*spectaculum facti sumus mundo et angelis et hominibus*” (I Cor 4, 9), somos espetáculo para o mundo e para os anjos e para os homens. Um espetáculo no qual os homens têm de enfrentar as feras que são as línguas, a bisbilhotice, a fofoca, a pretensão de controlar a vida alheia; pretensão que constitui aspecto essencial da ditadura da extroversão.

Não por acaso a forma veemente de dizer em inglês “Não enche, deixe-me em paz!” é “*leave me alone*”.

Já o heterônimo Álvaro de Campos se rebelava em 1923:

Lisbon Revisited

Não me macem, por amor de Deus!
Queriam-me casado, fútil, quotidiano e
tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de
qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a
vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,

Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?
Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser
sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja da
companhia!

Denise está chamando

Longe de nós sugerir a errônea impressão de que os **E** sejam solidários e os **I** sejam egoístas⁹⁴. Não, na verdade são fatores independentes.

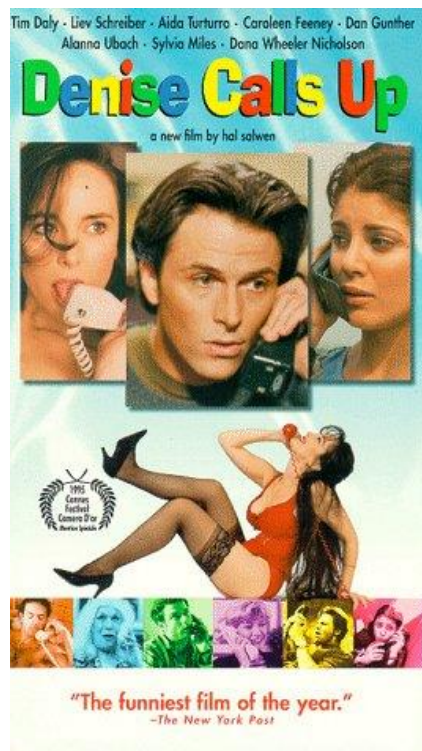
Um dos tantos méritos do filme “Denise está chamando”⁹⁵ (obrigatório para este nosso tema) é

⁹⁴. Nunca é demais lembrar Jung: “Baseando-se a disposição introvertida numa condição que, de modo geral, existe, sumamente real e absolutamente imprescindível, as expressões do gênero de ‘filáutico’, ‘egocêntrico’ e outras são tanto mais impróprias e refutáveis quanto mais suscitam o preconceito de que se trata sempre, única e exclusivamente, do amor ao Eu. Nada mais errôneo que semelhante suposição, mas a verdade é que a encontramos a todo instante, quando se examinam os juízos que o extrovertido formula a respeito do introvertido. Eu não atribuiria, certamente, esse erro ao extrovertido isolado, como pessoa singular, mas ao ponto de vista extrovertido geral que atualmente domina e não se limita, apenas, ao tipo extrovertido, visto que, contra si próprio, é igualmente representado pelo outro tipo. A este pode-se inclusive censurar a infidelidade cometida contra o seu próprio caráter, ao passo que ao primeiro não se pode fazer, pelo menos, tal censura.” (*Tipos Psicológicos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1974, 2a. ed. p. 437).

⁹⁵. *Denise Calls Up*, EUA, 1995. Direção: Hal Salwen. Com Alonna Ubach, Tim Daly, Ainda Turturro, Dana Wheeler Nicholson, Sylvia Miles.

precisamente o de mostrar profundos laços de solicitude e solidariedade em pessoas acentuadamente **I** (e, neste caso, diríamos, doentiamente **I**), refratárias à exposição social.

O filme começa com a mesa posta de uma festa na casa de Linda: é o dia seguinte ao da “festa” e a mesa está intacta: não apareceu ninguém! Gale, que telefona para desculpar-se por sua ausência e para saber como tinha sido a festa e quem tinha ido, aparentemente surpreende-se: “Como assim, não foi ninguém?”. E Linda: “*I mean nobody!*”.



O filme se desenrola explorando os contatos entre meia dúzia de introvertidos (generosos e solícitos) em torno

do fato de Gale estar tentando fazer com que Jerry conheça e namore sua amiga Barbara, valendo-se do ex-namorado, Frank, como intermediário. E também da relação de Martin com Denise, que está esperando um bebê, gerado pelo sêmen que Martin doou a um banco de espermas.

Mas o enredo é o que menos importa. A força do filme está no fato de que os personagens - **I** em grau extremo - não encontram forças para cultivar relacionamentos que não sejam por telefone ou computador. Eles nunca se encontram pessoalmente, todas as tomadas de câmera contêm apenas um personagem, em geral ao telefone. São **I** que passam a vida inventando desculpas (eles são “ocupadíssimos”) para não aparecer.

O filme termina com uma festa de ano novo marcada em casa de Frank em homenagem à amiga comum Gale, recém-falecida num acidente, e todos estão sinceramente decididos a participar. Na hora H, porém, a única que aparece é Denise - com a filha Afrodite no carrinho - e toca a campainha. Mas Frank, ao ouvir a campainha, não tem energias psíquicas para abrir a porta. Mais uma festa para ninguém. Barbara e Jerry até dirigem-se à casa de Frank, mas entrar numa festa é superior às suas forças e cada um segue reto, sem se atrever a parar para tocar a campainha: quando se cruzam em frente à porta de Frank é a única vez em que esses dois amantes se vêem, mas naturalmente não se reconhecem pois todo seu relacionamento tinha sido só por telefone (e por telefone começaram, mantiveram um tórrido caso e até esfriaram, caindo em desavenças e rotina sexual, mesmo sem nunca se terem visto).

O filme chega a ser caricaturesco, mas tem o mérito de trazer à tona toda a problemática das vigências da ditadura da extroversão e o de propor o tema das novas possibilidades de relacionamento social dos I a partir das novas tecnologias de comunicação. Paradoxalmente, se por um lado a tecnologia permite a invasão da privacidade, por outro, permite um isolamento inimaginável ainda há poucos anos. De seu personagem Martin diz o ator Dan Gunther:

In Los Angeles, where I live, you go out of your house and into a car, and then you move to a cubicle at work, yet another isolated environment. Later you can order in the groceries, order in Chinese food. You can now even pay your bills on line. You never have to leave the house. And some people don't⁹⁶.

Autarkeia

Para concluir, sem pretender terminar uma discussão que apenas começou, recolho a sugestiva poesia do filósofo Paulo Ferreira da Cunha⁹⁷:

AUTARKEIA

*Lá podes ser uma ilha
Numa pequena ínsula cristalizares*

⁹⁶. <http://www.sonyclassics.com/denise/crew/gunther.html>

⁹⁷. Cunha, P. F. *Escadas do Liceu*, São Paulo, CEMOrOc-FEUSP, 2004, p. 28.

*E receberes o correio
Uma vez por mês
Sem Internet, claro.*

*Lá podes ter a tua casa branca
Como uma colina na minúscula ilha
E crescer para dentro
Dentro dela*

*Lá podes cultivar
Tua solidão ao sol
E no teu exíguo jardim insular
Colher o vinho dos deuses
E a oliveira da paz*

*E na tua casinha branca
Branca e azul talvez
Podes receber-te principescamente a ti
E dar festas orgiásticas
Celebrando os mistérios
De seres apenas tu.*

Método e Linguagem no Pensamento

de Josef Pieper

(conferência no congresso internacional: “Josef Pieper e o pensamento contemporâneo”,
Buenos Aires, agosto de 2004.)

Primeiramente, quero parabenizar a ilustre Universidad Católica de Buenos Aires pela tão oportuna iniciativa de realizar este Congresso e agradeço a honra do convite para proferir esta conferência.

Tive o privilégio de manter constante contato epistolar com JP - pela sua imensa generosidade em responder às cartas de um jovem estudioso, desde o começo dos anos 80 até seu falecimento em 1997 -, com base na elaboração de minha tese de doutoramento⁹⁸, dedicada a seu filosofar.

Nesta conferência vamos discutir algumas características do método em JP e sua conexão com o todo de seu filosofar, dedicando uma especial atenção ao peculiar papel exercido pela linguagem - elemento metodológico principal na articulação linguagem/pensamento/realidade - no filosofar

⁹⁸ *O que é uma universidade? Introdução à Filosofia da Educação de Josef Pieper*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo & Editora Perspectiva, 1987.

O problema do método: ciências e filosofar

Cada ciência estuda seu objeto sob um determinado ponto de vista: dirige-se a um determinado aspecto e todo o resto simplesmente não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Sociologia etc. o objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista⁹⁹ condicionam, como é lógico, sua metodologia: de que servem, digamos, a *compreensão empática* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física - ao contrário da matemática - requer um laboratório; etc.

É certo que a questão do método das ciências não é simples e suscita infinitas discussões. No entanto, quando se trata do filosofar - do genuíno filosofar, tal como o entenderam “os antigos” - a questão do método torna-se ainda mais problemática e isto não por um *maior grau* de complexidade, mas porque ela nos introduz em uma *nova ordem*: a mesma que distingue o filosofar das ciências. Por isso, o filosofar não tem nem pode ter - e nem sequer pretende ter... - *operacionalidade* metodológica, uma operacionalidade que pode se dar - em maior ou menor grau - nas ciências.

⁹⁹ Além, é claro, das diferentes teorias, concepções, paradigmas dentro de uma mesma ciência...

Neste sentido, baste-nos recordar que JP - seguindo a tradição clássica de pensamento europeu - entende por filosofar a busca do ser, guiada pela pergunta:

Que é, em si e afinal, isto?¹⁰⁰,

tal como foi proposto por Platão¹⁰¹: o filósofo quer saber não se o rei que tem muito ouro é feliz ou não, mas o que é a felicidade.

Ou seja, o filosofar não se limita a um “ponto de vista” mas indaga, con Whitehead, “*What is it all about?*”¹⁰², indaga pelo todo, com que este objeto se relaciona e, portanto, não se pode esperar um método com pretensões de precisão ou “bem comportado”.

Isto não depõe contra a filosofia, muito pelo contrário: o próprio JP dedica um artigo - *Über das Verlangen nach Gewissheit*¹⁰³ -, à demonstração do fato de que o pouco que se pode obter na Filosofia (e na Teologia) é muito mais importante que os claros conhecimentos das ciências. O artigo é dedicado a comentar a contundente sentença de Santo Tomás:

Minimum quod potest haberi de cognitione rerum altissimarum, desiderabilius est quam

¹⁰⁰ “*Was ist dieses überhaupt und im letzten Grunde?*” PIEPER *Was heisst Philosophieren*, München, Kösel, 1980, 8a. ed., p. 63.

¹⁰¹ *Teeteto* 175.

¹⁰² A conhecida sentença de Whitehead (“Remarks” *Philosophical Review* 46, 1937, p. 178) que Pieper cita con frequência.

¹⁰³ “*Über das Verlangen nach Gewissheit*”, in *Erkenntnis und Freiheit*, pp. 63-68.

certissima cognitio quae habetur de minimis rebus, ut dicitur in XI “De animalibus” (I, 1, 5 ad. 1).

Pois só se pode ter precisão, clareza quantificável, se se trata de conhecimentos menores; já o pouco - e relativamente obscuro - que se pode obter em Filosofia é de sumo interesse. A propósito, é oportuno recordar que *precisão* - etimológica e realmente - significa corte (“*precision*”, explica o *Oxford English Dictionary*, provém de *praecisio: a cutting off abruptly*).

Daí que a ciência é precisa na medida em que, a partir de seu *ponto de vista*, diz: “interessa-me este aspecto da realidade (e o resto não me interessa!)”; já o filósofo, quando pergunta pela realidade - perguntando, por exemplo, “o que é o homem?” -, não se limita a um determinado ponto de vista, mas abre-se omnidimensionalmente ao ser, àquilo que em si e em sus últimos fundamentos é tal realidade - o homem, a arte, o amor etc.

Além disso, nada impede que uma questão científica possa receber uma solução cabal, precisa e definitiva (por exemplo, só há dez anos, a matemática chegou, finalmente, à solução do “último teorema de Fermat”, que permaneceu indemonstrado por 350 anos), enquanto as questões filosóficas permanecem sempre no “ainda não” da esperança: quem poderá dizer que sabe plenamente “em si e em suas últimas razões” o que é o homem, o amor etc. Camões, o grande poeta português, diz que o amor é:

um não sei quê, que nasce não sei onde,
vem não sei como e dói não sei porquê.

Precisamente essa amplitude de perspectiva torna problemático o filosofar: para ele não há, dizíamos, uma metodologia que se possa operacionalizar em passos “objetivos” como os que se dão, por exemplo, na álgebra elementar, para resolver uma equação...

Método e pensamento em JP

Sem menoscabo do tão importante “conteúdo” de seu pensamento - objeto precisamente de brilhante exame neste Congresso - parece-me que vale a pena que nos detenhamos também nas riquíssimas contribuições específicas de JP no campo dos procedimentos metodológicos. E aliás, se seguimos o próprio JP, o método não deve ser considerado como uma realidade autônoma, mas que depende, decorre desse mesmo filosofar. A sentença de Fichte, citada por JP¹⁰⁴: “A filosofia que se escolhe depende do homem que se é” pode ser parafraseada e aplicada a nosso tema: “O método que se escolhe depende da concepção de filosofar”¹⁰⁵.

Esta é a razão pela qual - no caso de JP - o método escapa a toda tentativa de “operacionalização”, de deixar-se expressar em “receitas” ou regras rígidas. Pois filosofar é, para JP:

¹⁰⁴ *Was heisst Philosophieren?*, p. 109.

¹⁰⁵ Naturalmente, como o próprio JP faz notar, não se trata no caso do filosofar - nem no de seu método - de “escolher” (“certamente não é algo assim como se se ‘escolhesse’ uma filosofia; em todo caso, o que Fichte quer dizer é claro e também acertado”).

um processo existencial que se desenvolve no centro do espírito, um ato espontâneo que arranca da vida interior¹⁰⁶

Aliás, como caberia falar em métodos rígidos em uma obra que tão acertadamente foi qualificada - por ninguém menos do que T. S. Eliot - como de *insight* e sabedoria?¹⁰⁷

Seja como for, há claramente um método em JP;. um método tão dialeticamente unido a sua antropologia, que nem sequer é possível pensar uma dessas realidades separada da outra: seu método é o que é pela sua pessoal concepção de filosofar; e ele exerce o filosofar por meio do método.

No caso do filosofar de JP, isto - a conexão do método com seu filosofar, com sua antropologia filosófica - é muito forte e o fato de que o próprio JP não tenha dedicado diretamente ao tema método mais do que umas poucas páginas (poucas, mas muito luminosas) significa talvez que o método está tão vivamente integrado à sua antropologia que - parafraseando o célebre pensamento de McLuhan - pode-se dizer da obra de JP: “o método é a mensagem”.

O método: caminhos indiretos para o homem

Quando se contempla a vasta obra filosófica de JP e se constata que versa sobre temas tão variados como Metafísica, Filosofia da História, Ética etc., é natural que o pesquisador indague sobre a existência de possíveis

¹⁰⁶ *Verteidigungsrede für die Philosophie*, p. 28

¹⁰⁷ Eliot, T. S., *Insight and Wisdom in Philosophy*, p. 16.

constantes por detrás dessa multiforme variedade: Que há em comum (se é que há algo em comum...) em temas aparentemente tão distintos como por exemplo em seus estudos sobre o filosofar, a virtude, ou o princípio metafísico da verdade das coisas?¹⁰⁸

O tema, o grande tema que subjaz a todos os escritos pieperianos é o homem, a antropologia filosófica. Mas - e com isto tocamos um dos traços principais do pensamento/método de JP - a essa realidade fundamental, o homem, só há acesso por caminhos indiretos.

Repito: esta afirmação (“ao objeto fundamental do filosofar, o homem, só há acesso por caminhos indiretos”) está na própria raiz do pensamento/método de JP. e vale a pena que nos detenhamos em explicá-la um pouco, lançando luz sobre o método e sobre a dialética método/conteúdo de que falamos há pouco.

Memória, mãe das musas

Em um texto isolado: “*Erinnerung: Mutter der Musen*”¹⁰⁹ - um breve discurso em homenagem a uma artista plástica -, JP expressa algo de muito importante sobre o homem e indiretamente sobre o método de seu filosofar.

A Memória, *Mnemosyne*, é a mãe das Musas: não há memória para o homem - diz JP citando Safo - sem as Musas. O homem é um ser esquecediço e precisa das musas para

¹⁰⁸ Como, por exemplo, nos livros *Was heisst Philosophieren?*, *Menschliches Richtigsein. Die Kardinaltugenden neu bedacht* e *Wahrheit der Dinge*.

¹⁰⁹ In *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988.

recordá-lo - agora citando Píndaro - da grandeza da obra divina.

JP resume a sugestiva cena apresentada por Píndaro, em seu “Hino a Zeus”. Zeus decide intervir no caos e, então, toda a confusão informe vai dando lugar à harmonia e à ordem: *kosmos*. E quando, finalmente, o mundo alcança seu estado de perfeição (estreando a terra, os rios, os animais, o homem...), Zeus oferece um banquete para apresentar aos deuses - atônitos ante tanta beleza - sua criação... Mas, para surpresa dos convidados, ante a pergunta (quase meramente retórica) sobre se falta algo ou se há algum defeito, ouve-se uma voz que indica a Zeus uma grave e insuspeitada falha: faltam criaturas que reconheçam e louvem a grandeza divina do mundo..., pois o homem é um ser que esquece. O homem, que recebeu da divindade a chama do espírito; o homem, está, afinal, mal feito, mal acabado: ele tende à insensibilidade, a não reparar... a esquecer! As musas (filhas de Mnemosyne), as artes, aparecem como uma primeira tentativa de concerto de Zeus: a divindade as oferece como dádiva ao homem como companheiras, para ajudá-lo a lembrar-se...

Naturalmente, a missão de resgatar ao esquecimento importantes realidades não compete somente às artes¹¹⁰. O filosofar (e para JP o filosofar está muito próximo da arte) deve recordar-nos das grandes verdades que sabemos, mas das quais, uma e outra vez, nos esquecemos. Sempre atento à linguagem, JP faz notar que a língua inglesa dispõe de duas palavras para recordar: *remember* e *remind*. As musas são as

¹¹⁰ *Nur der Liebende singt*, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988, p. 37.

grandes *reminders*, fazem com que o artista recorde e, por sua vez, faça recordar a outros.

Precisamente esse caráter esquecedor do homem (ele sim se lembra do trivial, mas se esquece do essencial), está nos fundamentos do método de filosofar de JP, um método que atinge seu objeto, o homem, por caminhos indiretos.

A experiência: sabemos mais do que o que sabemos

À primeira vista pode parecer contraditório falar de caminhos indiretos em um filosofar como o de JP, que - e esta é outra característica essencial do método - sempre se dirige ao fenômeno e se apóia na experiência. De fato, por exemplo em seu estudo sobre o sagrado, diz JP:

*Como sempre, começaremos por apontar do melhor modo possível a resposta (a uma indagação filosófica) dirigindo a atenção ao fenômeno, isto é, àquilo que se manifesta*¹¹¹.

Desde o mais minúsculo artigo ao mais volumoso livro, sempre a análise pieperiana se alimenta da manifestação, do fenômeno: o *insight* e a sabedoria se encontram justamente no esforço de trazer à consideração tudo aquilo que realmente é significativo em relação a esta ou aquela experiência. E é por apoiar-se na experiência, que o pensamento de JP tem a viveza e o colorido do concreto, do

¹¹¹ *Über die Schwierigkeit heute zu glauben*, p. 25.

vivido, e é por isso que suas obras são de leitura tão agradável e se impõem com o peso da realidade.

Mas precisamente neste voltar-se para a experiência é que reside o caráter problemático do filosofar e - paradoxalmente à primeira vista - a necessidade de um caminho indireto para o filosofar.

Pois o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do cotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem.*

Estes são os três “sítios” (para usar uma metáfora da arqueologia) onde o filósofo deve penetrar para recuperar o que tinha sido oferecido na experiência.

Há um parágrafo essencial de JP sobre essas três vias privilegiadas de acesso:

Que significa experiência? (...) Um conhecimento com base num contato direto com a realidade (...) Mas os resultados que obtemos não desaparecem quando cessa o ato de experiência; acumulam-se e conservam-se:

nas grandes instituições, no agir dos homens e no fazer-se da linguagem¹¹²

Uma e outra vez JP insiste em que não possuímos de modo consciente todo o conteúdo de nossas grandes experiências, como por exemplo em *Über das Ende der Zeit*:

Há experiências cujo conteúdo pode ser expresso e conhecido claramente por quem as faz e outras cujo objeto não pode ser expresso e “realizado” em seguida, mas permanecem, por assim dizer, latentes. (...) Por exemplo, eu nunca teria podido prever como se comportariam numa situação excepcional e extrema, pessoas a mim chegadas. Mas, no momento em que vivo esta situação não me surpreendo com sua reação; sem o saber já a esperava. Já antes tinha captado nessas pessoas qualquer coisa de sua mais profunda intimidade.¹¹³.

Isto fica ainda mais claro em *Über den Begriff der Sünde*:

Em todos os fatos fundamentais da existência sabemos muito mais do que “sabemos”. E cita, endossando, Friedrich von Hügel: “Não se trata

¹¹² *Verteidigungsrede für die Philosophie*, pp. 116-117.

¹¹³ Pp. 47 e 49.

tanto do que alguém julga que pensa mas do que realmente pensa...” o que talvez só venha a descobrir - para sua própria surpresa - por ocasião de um forte abalo existencial¹¹⁴.

É neste ponto - sabemos muito mais do que “sabemos” - que radica a própria possibilidade do filosofar, enquanto busca do resgate desse *plus*.

Uma busca pelo *plus* que se encerra em instituições - os senhores se lembrarão quanto de antropologia JP extraí da instituição “universidade” -, no agir humano - como se sabe, para JP a análise do próprio filosofar remete ao próprio centro da antropologia - e na linguagem.

Aludíamos há pouco à posição de Santo Tomás - tão cara a JP -, que afirma a semelhança entre o filósofo e o poeta. Os senhores permitir-me-ão, portanto, apresentar essa busca do *plus* por meio daquela que é a mais importante poeta brasileira da atualidade, Adélia Prado (sua obra poética tem muitos pontos em comum com o filosofar de Pieper¹¹⁵), que soube expressar esse *plus* de visão nos tão sugestivos versos de seu poema “*De profundis*”¹¹⁶:

De vez em quando Deus me tira a
poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.

¹¹⁴ Pp. 14 e 15.

¹¹⁵ Cfr. p. ex. <http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm>, No. 3: “Poesia e Filosofia - Entrevista com Adélia Prado”.

¹¹⁶ Prado, Adélia *Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 199.

Filosofar, resgate do *plus* nas instituciones

Vale a pena transcrever agora o parágrafo inicial de *Offenheit für das Ganze*, no qual, antes de refletir filosoficamente sobre a instituição universidade, o próprio JP resume a essência de suas ideias metodológicas. As grandes experiências estão escondidas nas grandes instituições (e podemos acrescentar: na linguagem e nos modos de agir dos homens):

As grandes instituições costumam ser a expressão de grandes experiências, de experiências que estão como que vazadas nessas instituições e, conseqüentemente, um tanto escondidas nelas. Esta é precisamente uma das razões pelas quais é tão difícil dizer cabalmente em que consiste o verdadeiro significado das instituições que condicionam e emolduram a vida humana. Com o simples atentar para o aspecto aparente, histórico-concreto do fenômeno, não se pode decifrar o que elas realmente são e devem ser; para fazê-lo, é necessário penetrar, através de um paciente e cauteloso esforço de interpretação, naquelas experiências, intuições e convicções que se incorporaram nas instituições e que as fundamentam e legitimam. Porém, quando se trata das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, das experiências que condicionam sua vida, não se pode dizer que elas possam ser apanhadas e formuladas facilmente, uma vez que não estão

de modo algum ao alcance imediato da consciência reflexiva. Sabemos muito mais do que aquilo que somos capazes de exprimir de improviso, em palavras precisas, num determinado momento. E talvez aconteça que o que digamos de fato passe à margem de nossas verdadeiras convicções.¹¹⁷. [...] Precisamente as nossas certezas mais vitais - as que atingem nosso fundamento e o do mundo, de que temos tanta segurança que por elas orientamos nossas vidas - estão fadadas a se transformarem logo em existência viva; se tudo segue seu caminho normal, convertem-se em vida vivida, tornam-se realidades, concretizam-se. Passam, por exemplo, como dizíamos, a formar a organização estrutural das instituições, nas quais se configura e se perfaz o viver histórico do homem. Ainda que não se dêem a conhecer de modo imediato, essas experiências estão presentes e ativas, e quem queira expressá-las deve ultrapassar o que se manifesta na

¹¹⁷. Daí a duvidosa validade das pesquisas de opinião, quando se trata de questões da existência interior: “Precisamente aí é que reside a dificuldade inerente às pesquisas de opinião, quando o seu objeto diz respeito não à existência exterior, mas à interior. As respostas expressam aquilo que os entrevistados acham que pensam, enquanto sua verdadeira opinião lhes escapa e se esconde a tais apressadas pesquisas. “O senhor crê na imortalidade?” (este foi o tema de uma recente pesquisa internacional). Não é um resultado muito significativo o fato de que na Alemanha Ocidental, 47% dos entrevistados tenham respondido afirmativamente. O que realmente um homem pensa da imortalidade possivelmente só se tornará claro (talvez até para sua própria surpresa) num momento de abalo existencial; uma rápida entrevista tem pouca probabilidade de penetrar na dimensão em que se situam tais convicções”.

superfície e procurar atingi-las para, por assim dizer, retraduzi-las em forma de enunciado.

Caminhos de acesso à antropologia: a análise do próprio ato de filosofar

Resumindo: o filosofar parte da experiência, mas nossas grandes experiências não permanecem na consciência reflexiva com toda sua riqueza, mas nos escapam e se transformam inconscientemente em instituições, modos de agir e linguagem.

Portanto o método, o caminho, segue, de algum modo, aquilo que foi expresso por Heráclito numa conhecida sentença: *odos ano kato mia kai oyte*, o caminho para cima e o caminho para baixo é o mesmo e único. O espírito do homem, levado por uma necessidade dele, “desceu” para criar a universidade, para se pôr a filosofar, para enriquecer a linguagem... e depois, se queremos saber o que é o homem, o caminho, o método é subir: dessas realidades para o homem: *odos ano kato mia kai oyte*.

Consideremos esse ato humano particularmente importante que é o próprio filosofar. Não por casualidade - mas por exigências do próprio método e seguindo a grande tradição de Platão e Aristóteles - JP dedicou muito de sua obra à questão: “o que é filosofar?”.

Essa questão - assim se lê já no primeiro parágrafo de *Was heisst Philosophieren?* - é decisiva...

...eminentemente filosófica, é com ela nos situamos no próprio centro da filosofia.

E prossegue:

Mais precisamente: nada posso dizer sobre a essência da filosofia e do filosofar sem, ao mesmo tempo, fazer uma afirmação sobre a essência do homem.

A antropologia filosófica de JP se constrói, em grande parte, a partir da análise do filosofar¹¹⁸.

E o filosofar - isto é, manter a tensão da indagação: “que é isto?”, “que é isto em si e em suas últimas razões? (*überhaupt und im letzten Grunde*)”¹¹⁹- é tal que, por exemplo, uma de suas principais características é a “abertura para o todo”; formulação que remete a Platão e que é também o título do opúsculo, na introdução do qual JP discute seu método.

Não por casualidade, a estrutura do filosofar nos conduz à do homem: essa “abertura para o todo” expressa também “a própria natureza do espírito humano”¹²⁰ e ainda, diga-se de passagem, a essência da instituição universidade. Quer dizer, se o espírito humano desceu, produzindo a criação dessa instituição, que tem como forma precisamente a abertura que constitui esse espírito e, do mesmo modo, se o espírito humano se “objetiva”, se manifesta engendrando a

¹¹⁸ A este tema dediquei o livro *O que é uma universidade? Introdução à Filosofia da Educação de Josef Pieper*, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo & Editora Perspectiva, 1987.

¹¹⁹ *Was heisst Philosophieren?*, p. 62.

¹²⁰ *Offenheit für das Ganze*, p. 20.

atividade do filosofar; metodologicamente é “subindo” a partir da universidade e do filosofar que chegaremos a saber algo sobre o espírito do homem - *odos ano kato mia kai oyte*.

Filosofar e ciências

Como dizíamos no início, quem pensa cientificamente, limita-se a considerar seu objeto sob um aspecto particular:

Enquanto saber especializado toda ciência está feita de formulações que dizem respeito a um aspecto determinado sob o qual ela considera o real; cada ciência existe, por assim dizer, em função dos limites que a separam das outras ciências¹²¹.

Neste caso, não entram em jogo “Deus e o mundo”¹²², que é precisamente -segundo Platão - aquilo que constitui a característica fundamental do verdadeiro filósofo: o permanente impulso “*para alcançar o todo das coisas divinas e humanas em universal*”¹²³. Para lançar luz sobre esses dois modos de relacionar-se com seu objeto, tomemos como exemplo a distinção que JP indica entre o tratamento científico e o filosófico de um mesmo tema: a morte.

¹²¹ *Offenheit für das Ganze*, p. 20.

¹²² *Verteidigungsrede für die Philosophie*, p. 76.

¹²³ PLATÃO, *A República*, 486a. “Ciência das coisas divinas e humanas” é, talvez, a mais clássica das definições de filosofia, mil vezes citada pelos antigos.

Na medida em que me interrogo, sob o ponto de vista fisiológico, o que acontece quando morre um homem, quer dizer, na medida em que, como cientista, eu formulo um aspecto parcial, não só não estou obrigado a falar de “Deus e o mundo”, como isso nem sequer me é permitido: seria algo claramente não-científico¹²⁴.

Em seu livro sobre a morte, no qual a pesquisa não é feita do ponto de vista científico, mas é filosófica (e a filosofia, insistamos, não tem um “ponto de vista”, mas se abre para a visão da totalidade), JP indica que o filósofo deve manter uma:

firme vontade de tomar em consideração absolutamente todos os aspectos a nosso alcance, que possam de alguma forma dizer-nos algo sobre o fenômeno da morte ou, pelo menos, não deixar de lado nada do que for capaz de dar-nos alguma informação; sejam os dados procedentes da fisiologia clínica, da patologia, ou da experiência do médico, do sacerdote ou do capelão de prisões, ou o que se possa obter da legítima tradição sagrada¹²⁵.

Daí se segue uma distinção de extrema importância que JP estabelece sobre os diferentes critérios de rigor e os

¹²⁴ *Was heisst Akademisch?*, p. 96.

¹²⁵ *Tod und Unsterblichkeit*, p. 17.

diferentes modos de “ser crítico” que vigem para a ciência e para o filosofar:

Há, claramente, duas formas de se “ser crítico”¹²⁶.

E na conferência *Über den Glauben*, JP explica:

Há uma forma muito especial de “ser crítico”, diferente da atitude crítica que, legitimamente, vige no âmbito da ciência. Para o cientista, quer dizer, para aquele que procura uma resposta exata para uma determinada questão particular, ser crítico significa: não admitir como válido nada que não tenha sido comprovado, “não deixar passar nada” (*nichts durchlassen*). Mas para aquele que indaga pelas conexões totais, pelo último significado do mundo e da existência, isto é, para aquele que crê - e, aliás, também para quem filosofa - ser crítico é algo de fundamentalmente diferente: a saber, com a máxima vigilância ocupar-se de que do todo do real e do verdadeiro nada lhe escape. O cientista diz “*nichts durchlassen*”; quem filosofa e quem crê diz: “*nichts auslassen*”, não deixar de considerar nada¹²⁷.

¹²⁶ “Zwei Weisen, ‘kritisch’ zu sein”, in *Buchstabier-Übungen*, pp. 37 e ss.

¹²⁷ *Glauben, Hoffen, Lieben*. pp. 10-11. Certamente, JP distingue claramente entre fé e filosofar, pois este é tarefa “metodicamente disciplinada” do pensamento (*Cf. Offenheit für das Ganze*, p. 14).

E assim, ao longo por exemplo de *Was heisst Philosophieren?*, JP vai indicando as características do filosofar, que corresponderão a outras tantas informações essenciais sobre o homem, que aqui só podemos indicar de modo meramente esquemático.

Que, por exemplo, o filosofar tem por fim a contemplação, a *theoria* e por princípio a admiração, que o filosofar requer a *skholé* como atitude fundamental e necessariamente se dá em um âmbito de mistério. Estas não são somente características do filosofar, mas que, por mediação delas, chegamos a saber algo sobre o que é o homem.

Se nos detemos nessas características do filosofar (a admiração, o mistério etc.), veremos, com JP, que remetem a uma categoria especial: a “creaturidade”:

A estrutura e a condição do mundo e do próprio homem estão profundamente marcados por seu ser-criação¹²⁸.

E a partir dessas notas do filosofar, JP conclui também que o homem tem uma estrutura dúplice, que comporta um elemento positivo e outro negativo: é o que JP denomina *Hoffnungsstruktur*, estrutura de esperança¹²⁹. e a esperança não é sim nem não, mas um “ainda não”.

¹²⁸ “Kreatürlichkeit. Über die Elemente eines Grundbegriffs”, in *Buchstabier-Übungen*, p. 40.

¹²⁹ Por exemplo em *Was heisst Philosophieren?*, p. 12.

A forma íntima do filosofar é praticamente idêntica à forma interna da admiração. (...) A admiração comporta um aspecto negativo e outro positivo. O aspecto negativo consiste em que aquele que admira não sabe, não compreende; não conhece o que está “por trás” (...) Portanto, quem admira não sabe, ou não sabe perfeitamente. (...) Nessa estreita união entre “Sim e Não” manifesta-se que a admiração tem a mesma “estrutura de esperança”. O arcabouço da esperança é próprio do ato de filosofar, como o é da própria existência humana. Somos essencialmente *viatores*, caminhantes, que *ainda não* são.¹³⁰

E aí se conectam também outras características do filosofar que já mencionamos. Por exemplo, uma questão científica pode receber uma resposta clara, precisa e definitiva; uma questão filosófica sempre manifesta o “ainda não” do homem, que - para recordar uma imagem da filosofia cara a JP - tal como *Eros* é “filho de Poro e de Penia, ou seja, da riqueza e da indigência, (...) jamais é rico nem pobre, e se encontra sempre a meio caminho entre a sabedoria e a ignorância”¹³¹. A filosofia portanto não pode ser um sistema fechado, “a pretensão de possuir a ‘fórmula do mundo’ é antifilosófica e pseudofilosófica”¹³².

¹³⁰ *Idem*, pp. 72-73.

¹³¹ PLATÃO, *Banquete*, 203.

¹³² *Was heisst Philosophieren?*, p. 85.

Daí que JP tenha dado tanta importância ao caráter negativo da filosofia. Quando publicamos a edição brasileira de *Unaustrinkbares Licht*, que tem por subtítulo “O elemento negativo na visão de mundo de Tomás de Aquino”¹³³ JP nos disse que se tratava de uma de suas obras mais fundamentais¹³⁴, imprescindível para um estudo de seu filosofar.

Para explicar o que é a *philosophia negativa*, JP recorda (para surpresa de muitos...) que a sentença: “*Rerum essentiae sunt nobis ignotae*”¹³⁵ - as essências das coisas são desconhecidas para nós - encontra-se não na *Crítica da Razão Pura* de Kant mas nas *Quaestiones disputatae* do Aquinate¹³⁶. É esta uma dimensão do pensamento de S. Tomás para a qual:

o tomismo de escola em absoluto não nos preparou e que faz explodir qualquer “sistema”¹³⁷.

Daí que JP não tenha admitido para si o rótulo de tomista:

¹³³ *Unaustrinkbares Licht*, subtítulo.

¹³⁴ Carta a JL, 4.4.83.

¹³⁵ Cit. em *Unaustrinkbares Licht*, p. 38. Tal sentença (*De Veritate*, 10, 1) é surpreendente não quando se considera o próprio Tomás (nele frequentemente se lê “*Principia essentialia rerum sunt nobis ignota*” (*In De Anima* I, 1, 15), “*formae substantiales per se ipsas sunt ignotae*” (*Quaest. disp. de spiritualibus creaturis* II ad 3.), etc. - loc. cit.) mas os “epígonos racionalistas de Tomás” (*La actualidad do Tomismo*, p. 21).

¹³⁶ “Wie heisst man wirklich?” in *Über die Schwierigkeit...* p. 322.

¹³⁷ *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, p. 150.

Não pode haver um “tomismo” porque a grandiosa afirmação que representa a obra de S. Tomás é grande demais para isso (...) S. Tomás nega-se a escolher algo; empreende o imponente projeto de “escolher” tudo (...) A grandeza e a atualidade de Tomás consistem precisamente em que não se lhe pode aplicar um “ismo”, isto é, não pode haver propriamente um “tomismo” (“propriamente”, isto é: não pode haver enquanto se entenda por “tomismo” uma especial direção doutrinária caracterizada por asserções e determinações polêmicas, um sistema escolar transmissível de princípios doutrinários¹³⁸

Parte II - Método e Linguagem no Pensamento de Pieper

A opção pela linguagem comum

Dizíamos que para JP, o filosofar parte da experiência, das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo. E que - e aí radica a peculiar dificuldade para quem filosofa - essas experiências especialmente densas não têm brilho duradouro na consciência: logo se desvanecem, nos escapam... não que se aniquilem: condensam-se, escondem-se, depositam-se... na

¹³⁸ *Thomas von Aquin: Leben und Werk*, p. 27. Cf. também os episódios narrados em *Noch nicht aller Tage Abend*, pp. 121-122 e 90-91.

linguagem¹³⁹, na linguagem comum, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias.

Precisamente sobre o valor da linguagem comum para JP é o *Prólogo* de Hans Urs von Balthasar ao *Lesebuch* de JP: se se trata de filosofar e portanto da busca do ser em sua totalidade e de seu significado, impõe-se a consideração da linguagem comum, a que se faz a partir da sabedoria daqueles que inconscientemente “filosofam”. “A palavra da linguagem comum humana encerra mais realidade que o termo artificial”. E junta a surpreendente mas acertada afirmação: “Não só Lao-Tse, Platão e S. Agostinho, mas também Aristóteles e S. Tomás - por improvável que isso possa parecer - ignoram toda terminologia especializada”¹⁴⁰.

JP desconfia da terminologia especializada e sua opção pela *simplicitas* radica em convicções filosóficas. No posfácio¹⁴¹ que escreveu para a edição alemã do livro sobre a dor de C. S. Lewis, Pieper tece considerações, referindo-se a esse autor, que podem perfeitamente aplicar-se à sua própria obra: ainda que nem todos a considerem uma leitura “leve” - assim começa o texto - ninguém pode pôr em dúvida a simplicidade, virtude cada vez mais rara nos escritos filosóficos. E a simplicidade é - prossegue Pieper - o “selo de credibilidade” do filósofo e onde não a encontrarmos devemos desconfiar. Distingue a seguir “linguagem”

¹³⁹ Certamente, não só na linguagem. Como já dissemos, JP indica também, como depositários dessas informações essenciais que se escondem nas “grandes experiências”: as *instituições* e modos de agir humanos.

¹⁴⁰ Prólogo a *Lesebuch*, pp. 5-6.

¹⁴¹ “Über die Schlichtheit in der Philosophie”, publicado em *Erkenntnis und Freiheit*, pp. 97 a 102.

(*Sprache*) de “terminologia” (*Terminologie*). Esta é artificial, fabricada, limitada a especialistas; aquela, a linguagem comum, quotidiana, possui a originalidade e a força da palavra natural.

A linguagem é assim todo um “laboratório” para o filósofo¹⁴². Por isso a extraordinária importância das línguas para o filósofo: em seu já citado prefácio a JP, T. S. Eliot afirma que o filósofo ideal deveria estar familiarizado com todas as línguas; para poder exercer seu ofício: “resgatar” a sabedoria que se ocultou na linguagem. Daí que vemos JP sempre atento a essa “sabedoria oculta” não só em sua língua alemã, mas também no grego e no latim (por exemplo no Cap. I de *Glück und Kontemplation*), no inglês (p. ex. em *Überlieferung*, p. 28), no francês (p. ex. em *Hoffnung und Geschichte*, p. 30), no russo (p. ex. em *Lieben, Hoffen, Glauben*, p. 42), no indiano (p. ex. em *Überlieferung*, p. 40) etc.

Essas convicções vinculam fortemente a metodologia do filosofar de JP à análise da linguagem. Sempre com a reserva da não-operacionalidade do método, podemos enunciar algumas constantes metodológicas referentes à linguagem, em JP.

A atenção à etimologia

JP está convencido de que as palavras frequentemente têm um potencial expressivo muito maior do que à primeira

¹⁴² Um laboratório: naturalmente, não se trata de sempre aceitar e acolher tudo o que procede da linguagem comum, pois ela apresenta, por vezes, disfunções, como o próprio JP adverte.

vista se adverte no cotidiano, quando delas fazemos uso de modo tão familiar e quase automático. A parte mais evidente nas análises de JP sobre a linguagem são as inúmeras considerações etimológicas, às quais JP sempre está atento e que são muito ricas e sugestivas. Naturalmente, JP não faz da etimologia um absoluto e de modo muito acertado, reconhece seus limites, os mesmos limites do conhecimento humano:

Não há nada no mundo que possamos entender completamente. “As essências das coisas nos são desconhecidas”. Esta sentença não se encontra numa *Crítica da Razão Pura* de Kant, mas nas *Quaestiones Disputatae* de S. Tomás de Aquino. Precisamente esta é a razão, prossegue ele, pela qual também os nomes que damos às coisas não lhes podem penetrar a essência. Se chamamos lapides às pedras porque elas podem “ferir o pé” (*laedere pedem*), com isto, como é óbvio, não expressamos o que uma pedra propriamente é. É sabido que essas etimologias dos pensadores medievais são quase sempre irremediavelmente falsas. Mas a sentença continua sendo verdadeira: nossos nomes não penetram no núcleo do que queremos denominar! No entanto, há, ao que parece, gradações¹⁴³.

¹⁴³. “Wie heisst man wirklich?” in *Über die Schwierigkeit...* p. 322.

Nessas *gradações* há palavras que têm um “gancho” muito acidental com a realidade designada; outras, são já mais profundas; em todo caso, vale o que diz Tomás:

Et quia essentialia principia sunt nobis ignota, frequenter ponimus in definitionibus aliquid accidentale, ad significandum aliquid essenziale” - In I Sent. d 25, q1, a1, r8

Este “gancho acidental” é a razão pela qual frequentemente é diferente o enfoque, o aspecto pelo qual uma palavra de uma língua descreve uma determinada realidade: o mesmo objeto que protege da chuva (*paraguas, parapluie, guarda-chuva*) serve também para proteger-nos do sol (*umbrella, sombrinha*). Por isso, diz Tomás que diferentes línguas expressam a mesma realidade de modo diverso:

Diversae linguae habent diversum modum loquendi (I, 39, 3 ad 2).

E assim também cada etimologia - nas distintas línguas - pode trazer um aspecto distinto da realidade da coisa. Naturalmente, também aqui marca sua presença aquele caráter esquecediço do homem: os milhões de falantes do português quando agradecem dizendo “*obrigado, muito obrigado*”, nem reparam no que estão dizendo: que a gratidão *obriga* a retribuir; do mesmo modo o falante do inglês quando diz *thanks* não se dá conta de que “*to thank*” se reduz

etimologicamente a “*to think*”, quem está agradecido *pensa*, considera o caráter gratuito (*gracias!*) no favor que o benfeitor lhe prestou. Com este exemplo tocamos - por meio de diversas línguas - os diversos graus da gratidão. Com efeito, Santo Tomás explica que a “gratidão” é uma realidade humana complexa (e isto já sugere que sua expressão verbal seja, em cada idioma, fragmentária: cada ênfase recai somente em um aspecto):

A gratidão comporta diversos graus. O primeiro encontra seu fundamento no “reconhecimento” (*ut recognoscat*) do benefício recebido. O segundo consiste em louvar e dar graças (*ut gratias agat*); e por último, o terceiro, radica na obrigação (*ob-ligatus*) de “retribuir” o bem recebido de acordo com a possibilidade do beneficiado e segundo as circunstâncias mais oportunas de tempo e lugar (II-II, 107, 2,c).

Frequentemente o aspecto que a etimologia de cada língua traz pode ser muito importante, pode trazer informação de interesse para o filósofo. Como quando, por exemplo, em seu livro sobre o amor JP indica que as palavras latinas *amor* e *amare* têm que ver etimologicamente com a semelhança (“*with the radical notion of likeness*”) e estão próximas ao inglês *same*¹⁴⁴. Ou quando em seu livro sobre a esperança extrai as ricas consequências do fato de que em sua língua alemã “desespero” (*Verzweiflung*) derive de “dois” (*zwei*):

¹⁴⁴ *Lieben, Hoffen, Glauben*, p. 39.

Das “zwei” in dem Wort (*Verzweiflung*) hat seinen Sinn¹⁴⁵

A conexão entre linguagem viva e possibilidade de ver a realidade

Não somente as intuições depositadas nas palavras interessam ao filósofo; em certos casos, também a ausência de palavras na linguagem também traz informação importante.

A não existência de palavras vivas e vigorosas para expressar realidades fundamentais faz com que essas realidades tornem-se invisíveis para nós. O pensamento e a vida dependem da linguagem muito mais do que à primeira vista supomos. A força viva da palavra não só transmite, mas até produz e preserva, em interação dinâmica, o que pensamos e sentimos. Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer.

E reciprocamente, se uma realidade se torna invisível, a palavra que a expressa perde sua viveza e seu vigor, produzindo um círculo vicioso. JP dedica muito de sua atenção - sobretudo quando trata das virtudes - a essa relação, a essa interação dialética entre existência de uma atitude de vital interesse por algo e a existência de uma linguagem viva e vigorosa para expressá-la. Sem a palavra - a palavra adequada - a própria possibilidade de ver a realidade se torna problemática.

Por exemplo, em *Das Viergespann*, JP dice:

¹⁴⁵. *Lieben, Hoffen, Glauben*, p. 225.

A verdade da concepção cristã de homem e a verdade em geral não somente perdem sua força de conquista, mas também seu poder de anúncio, se não é regenerada vivamente em seu sentido autêntico. E esta vivificação contínua realiza-se pela força incisiva da palavra viva. Daí a grande responsabilidade - que sempre acompanha o poder - para com a verdade daqueles que comunicam: podem anunciar a verdade ou desvirtuá-la¹⁴⁶.

Neste caso JP está falando da *temperantia*, da falta de uma palavra viva em nossos idiomas para designar a realidade da *temperantia*. Mas os senhores recordarão que acontece o mesmo - e JP expressamente o indica - com muitas palavras fundamentais: virtude, amor, prudência etc. No caso da *prudencia* chegou-se inclusive a uma autêntica perversão de significado: da reta apreensão da realidade para um egoísta cuidado de si mesmo¹⁴⁷.

Que falta fazem palavras que expressem por exemplo conceitos como *acedia* ou *curiositas*! Do esvaziamento da acídia, que não significa nada hoje em dia, e pior: de sua substituição pela preguiça na lista dos pecados capitais, JP diz de modo muito forte:

Não há provavelmente um conceito da ética que se tenha «aburguesado» tão notoriamente na

¹⁴⁶ Pp. 201-202.

¹⁴⁷ *Das Viergespann*, p. 17

consciência do cristão médio como o conceito de «acedia». (...) A noção que se tornou popular do pecado capital da preguiça gira em torno do dito: «a ociosidade é a mãe de todos os vícios». A preguiça, segundo esta opinião, é o contrário da diligência e da laboriosidade; é quase sinônimo de lassidão e desaplicação. Deste modo a «acedia» se converte quase em um conceito da vida industriosa da burguesia. E o fato de que esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta ideia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão. Ora, esta ideia não é só uma mera trivialização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral do pecado da «acedia», mas sua verdadeira subversão¹⁴⁸.

E da ausência para uma palavra que expresse vivamente o conceito clássico de *curiositas*, diz JP:

O que é mais surpreendente - e é algo simplesmente incrível - parece-me ser o fato de que uma determinada força fundamental do homem - da qual os antigos, muito justamente, trataram de modo exaustivo - seja simplesmente

¹⁴⁸ *Über die Hoffnung. Virtutes Fundamentales*, Madrid, Rialp, 1976, p. 393.

silenciada e omitida no pensamento cristão atual sobre a temperança¹⁴⁹.

Mas detenhamo-nos em um outro par de casos desse voltar-se para a linguagem no filosofar de JP: a atenção à especificidade da distinção e, por outro lado, à “confusão”.

Linguagem e distinção

A distinção. O filósofo deve dar muita atenção à especificidade semântica distintiva de cada palavra com relação a seus “sinônimos”. Por exemplo, é certo que *casa*, *lar*, *residência* etc. apontam todas para uma mesma e única realidade objetiva¹⁵⁰, mas cada um desses sinônimos enfatiza um aspecto, insubstituível em determinados contextos: não se pode dizer, por exemplo, “residência, doce residência!”...

Nesse sentido, JP indica uma importante “regra metodológica”¹⁵¹: uma palavra está sendo empregada em seu sentido próprio somente quando não pode ser substituída por outra (por nenhum de seus sinônimos) sem que haja alteração de sentido.

Pense-se - é o caso analisado por JP no citado artigo - na palavra “compreender”. Na linguagem comum dizemos que “compreendemos uma língua estrangeira”, que “compreendi as instruções de funcionamento desse aparelho eletrônico” etc.

¹⁴⁹ *Menschliches Richtigsein... Estar certo enquanto homem - as virtudes cardeais*
<http://www.hottopos.com.br/videtur11/estcert.htm>

¹⁵⁰ O edifício situado na rua tal, número tal.

¹⁵¹ Aqui sigo as reflexões de Pieper em *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, pp. 1 e ss.

No entanto, somente reparamos no conteúdo semântico (e humano, existencial) próprio do “compreender” - apreensão não somente do conteúdo objetivo de uma mensagem (o que se pode expressar por um sinônimo como “entender”), mas também de um alguém pessoal, vivo e concreto, que a emitiu - quando verificamos que há certos contextos de linguagem - como quando dizemos: “Não quero dinheiro, mas compreensão” - nos quais o vocábulo “compreender” não se deixa substituir, sem alteração de significado, por nenhum “sinônimo”.

A clareza e a distinção do pensamento dependem, sem dúvida, de seus correspondentes na linguagem. E vemos JP extrair as mais decisivas consequências filosóficas sobre *a esperança* a partir do fato de que a língua francesa dispõe de dois vocábulos distintos para *esperança*: *espoir* e *espérance*: o primeiro, tendendo ao plural, às “mil esperanças” na vida; o segundo, que se emprega quase exclusivamente em singular, dirige-se à única e decisiva esperança, a de “acabar bem” *simpliciter*¹⁵². É interessante aqui fazer notar também - ainda no caso do francês - que o verbo *espérer* - e isto só pode surpreender quem ignore que a verdadeira e radical esperança traz consigo a certeza - requer, por “exceção”, em sua forma afirmativa, o modo indicativo: não se diz: “*J’espère que tout finisse bien*”, mas “*J’espère que tout finira bien*”

Linguagem e “confusão”

Mas, ao contrário do que à primeira vista poderia parecer, não só a distinção é importante. Algumas das mais

¹⁵² *Hoffnung und Geschichte*, München, Kösel, 1967, p.30.

brilhantes contribuições de JP para o pensamento filosófico estão em indicar a “confusão” na linguagem, que nos leva à “confusão” no pensamento e que, afinal, correspondem ao fato de que a própria realidade é também “confundente”.

No filosofar de JP encontramos importantes passagens, marcadas por esse modo de pensamento confundente. Que, por exemplo, não há radicalmente duas felicidades (humana e divina), mas apenas uma: a felicidade definitiva, a bem-aventurança final, que é já prefigurada e dada em participação nas felicidades desta vida presente. Nesse sentido, JP cita a sentença de Tomás:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva¹⁵³.

Tal tese verifica-se na linguagem e Pieper, agudamente, aponta em seu tratado sobre a felicidade que, quando as diversas línguas eliminam a distinção entre uma felicidade sublime e as felicidades banais, estão, no fundo, fazendo uma acertada confusão que espelha a realidade!¹⁵⁴.

¹⁵³ *De Malo*, 5, 1 ad 5. Todo este parágrafo se refere à análise que Pieper faz no Cap. I de *Glück und Kontemplation*, München, Kösel, 1957.

¹⁵⁴ “Gerade hierin aber, das der **eine** Name, **Glück**, so sehr Verschiedenes benennt (...) gerade in dieser immer wieder einmal verwirrenden Gleichnamigkeit bleibt ein fundamentaler Sachverhalt unvergessen und gewahrbar. Ich wage zu behaupten, dass er die Bauform der ganzen Schöpfung spiegle”. *Glück und Kontemplation*, p.30.

Um outro exemplo, ainda mais sugestivo para o nosso caso: quem quer que se pergunte, filosoficamente, “O que, em si e afinal, é o amor?” deve atentar não só para as infinitas distinções de que as línguas grega, latina e neo-latinas dispõem, mas, sobretudo, para as riquíssimas possibilidades confundentes da língua alemã que, não dispõe senão de um único e confundente substantivo: *Liebe*.

Assim usamos *Liebe* para expressar a preferência por uma determinada qualidade de vinho, como também para designar o solícito amor por uma pessoa que está passando por dificuldades; ou ainda para a atração mútua entre homem e mulher; ou a dedicação do coração a Deus. Para tudo isto, dispomos de um único substantivo: *Liebe*. (...) Esta manifesta, ou simplesmente aparente, pobreza do vocabulário alemão oferece-nos uma oportunidade especial: a de enfrentar o desafio, imposto pela própria linguagem, de não perder de vista aquilo que há de comum, de coincidente entre todas as formas de amor¹⁵⁵.

Por esse caminho, pôde Pieper chegar à caracterização do amor como aprovação e à sua genial formulação: Amar é dizer:

¹⁵⁵ PIEPER, J. *Glauben, Hoffen, Lieben*, Freiburg, IBK, 1981, p. 24.

Que bom que você exista! Que maravilha que
você esteja no mundo!

Uma palavra final

Essa dependência da linguagem comum (que acompanha o pensamento e a realidade) faz do filosofar de Pieper um pensamento forte e saboroso, plenamente adequado a aquela intenção de abertura para a totalidade e, principalmente, pleno de sabedoria.

E se - como sempre faz JP - recordamos os antigos mestres do pensamento cristão, verificaremos que em *sapere*, *sapientia* se confundem os conteúdos semânticos de saber e saborear... e que talvez seja este o segredo do vigor e da perene atualidade do pensamento de Pieper: a sabedoria do erudito que coincide com a sabedoria do homem da rua...

Muito obrigado.

Obras de JP citadas:

(se não há outra indicação, trata-se de obra publicada pela editora Kösel, München)

Erkenntnis und Freiheit. Essays. München, DTV, 1964, 152 pp.

Was heisst Philosophieren? Vier Vorlesungen. 8ª. ed., 1980, 132 pp.

Menschliches Richtigsein. Die Kardinaltugenden neu bedacht. Freiburg, IBK, 1980, 16 pp.

Warheit der Dinge. Eine Untersuchung zur Anthropologie des Hochmittelalters. 1951, 148 pp.

Nur der Liebende singt, Stuttgart, Schweibenverlag, 1988, 51 pp.

Über die Schwierigkeit heute zu glauben. Aufsätze und Reden. 1974, 332 pp.

Verteidigungsrede für die Philosophie. 1966, 152 pp.

Über das Ende der Zeit. Eine geschichtsphilosophie Meditation. 3^a. ed. revista, 1980, 160 pp.

Über den Begriff der Sünde. 1977, 136 pp.

Offenheit für das Ganze - Die Chance der Universität. Essen, Fredebeul & Koenen, 1963, 36 pp.

Was heisst Akademisch? Zwei Versuche über die Chance der Universität heute. 1964, 134 pp.

Tod und Unsterblichkeit. 1979, 208 pp.

Buchstabier-Übungen. Aufsätze, Reden, Notizen. 1980, 184 pp.

Lieben, hoffen, glauben. 1986, 382 pp. (reedición de *Über die Liebe; Über die Hoffnung e Über den Glauben*, con nuevo Vorwort)

Glauben, Hoffen, Lieben. Freiburg im Breisgau, IBK, 1981, 36 pp.

Unaustrinkbares Licht. 2^a. ed., 1963, 105 pp.

Thomas von Aquin: Leben und Werk. München, DTV. 1981

Noch nicht aller Tage Abend. Autobiographische Aufzeichnungen 1945-1964. 1979, 308 pp.

Lesebuch. 1981, 270 pp.

Glück und Kontemplation. 1957, 136 pp.

Hoffnung und Geschichte. 1967, 139 pp.

Überlieferung. Begriff und Anspruch. 1970, 120 pp.

Das Viergespann. 1964, 288 pp.

Lieben, hoffen, glauben. 1986, 382 pp

Menschliches Richtigsein. Die Kardinaltugenden neu bedacht. Freiburg, IBK, 1980, 16 pp.

Hoffnung und Geschichte. 1967, 139 pp.

Notandum 35/36 mai 2014 CEMOrOC-Feusp / IJI-Univ. do Porto
(livro completo sobre provérbios árabes em:
[http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/E-
bookPROVERBIOSARABES.pdf](http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/E-bookPROVERBIOSARABES.pdf))

Cem provérbios da tradição árabe

Resumo: Seleção de provérbios apresentada no XV Seminário Internacional Filosofia e Educação CemorocFeusp – IJI Univ Porto. A introdução discute o papel que os provérbios exercem na cultura árabe.

Palavras Chave: provérbios árabes; cultura árabe.

Abstract: Selection of arabic proverbs presented – Feb. 11, 2014 – to the the XV Seminário Internacional Filosofia e Educação (Cemoroc Feusp-IJI Univ Porto). The article discusses the role of proverbs in arabic culture.

Keywords: Arabic proverbs; Arabic culture.

Ma qal al-mathal shay min kadhab
(Os provérbios nunca mentem...) – provérbio árabe

Introdução - para entender os provérbios árabes

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

No campo da educação, os provérbios são “a cara” da pedagogia árabe. Certamente, todas as épocas conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe (e dos Orientes em geral) eles expressam o núcleo mais profundo da cultura.

A coletânea que apresentamos aqui é uma pequena amostra dos cerca de dez mil *amthal*¹⁵⁶ conhecidos no mundo árabe¹⁵⁷.

Para entender os provérbios e o alcance do papel exercido pelo *mathal* na cultura árabe é necessário antes conhecer algumas características da língua. Como se sabe, as características de uma língua transcendem o âmbito da mera comunicação e influenciam decisivamente o próprio modo de ver o mundo, condicionando de modo fundamental a cultura e todas as suas manifestações. Daí que o filósofo alemão contemporâneo Johannes Lohmann prefira falar - e ele contempla, de modo especial, o caso do árabe - em *sistema de língua/pensamento*¹⁵⁸.

[suprimimos parte desta Introdução, que repetiria o que já apresentamos no estudo das pp. 139 e ss.]

¹⁵⁶. A tradução do conceito - central para este estudo - de *mathal* (plural: *amthal*) pode ser aproximada pelos nossos “provérbio”, “comparação”, “parábola” etc. Aqui, enfatizarei a dimensão “provérbio” do *mathal*.

¹⁵⁷. Consulte-se FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 (3.048 provérbios), e FREYHA, Anis. *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974 (4.248 provérbios). Além de serem autores extremamente criteriosos, apresentam edições bilíngues - Feghali (árabe/francês) e Freyha (árabe/inglês). Vali-me também de diversas outras fontes auxiliares.

¹⁵⁸. O texto fundamental, no caso, é o artigo de Lohmann “Ma’na e Logos - estruturas linguísticas e formas de pensamento” Revista Notandum No. 31, disponível em <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf>.

Provérbios existem em todas as culturas e também no Ocidente; mas não tão copiosamente e, sobretudo, não com a força psicológica e educativa que exercem no Oriente, que os potencia e lhes dá um importante papel pedagógico, a tal ponto que podemos falar numa *Pedagogia do mathal*.

Imediatamente decorrentes da própria forma de pensamento, dão-se em estado, por assim dizer, “quimicamente puro” na tradição árabe.

Conhecer provérbios é, no Oriente, conhecer a vida. Diz Feghali:

Un homme ou une femme qui ne savaient pas plusieurs centaines de proverbes et qui n'étaient pas capables de les débiter séance tenante, étaient alors regardés comme ignorants. On m'affirme¹⁵⁹ que cet usage est encore vivant dans bien des villages libanais et dans d'autres pays de langue arabe¹⁶⁰.

Enquanto agentes privilegiados de uma educação invisível, os provérbios recolhem o saber popular, condensam a experiência sobre a realidade do homem: sua existência quotidiana, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e os preconceitos...

Feita esta breve introdução, passamos à seleção de provérbios árabes...

¹⁵⁹. Feghali estava, então, radicado na França.

¹⁶⁰. FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, p. xi.

I - REALISMO

Ser realista é saber tomar decisões acertadas, levando em conta um único fator: a própria realidade. Esse realismo é lucidez que permite ver com que pessoas e com que recursos se pode contar, é objetividade para prever as consequências de uma ação, é capacidade para escolher os meios adequados tendo em mira a consecução de um determinado fim, sem permitir que o medo, a covardia, a precipitação e os interesses interesseiros influenciem negativamente essas avaliações e decisões. Curiosamente, o árabe combina uma refinadíssima sensibilidade poética com o mais prosaico realismo, em que o fato bruto é o que conta. Muitos provérbios nomeiam, expressam e aconselham o voltar-se para a realidade.

1

**Eu já falei que é boi,
mas ele insiste em querer ordenhar...**

2

Ele procura mel no traseiro da vespa¹⁶¹.

3

**Guardo-me de fazer com as mãos
o nó que deverei desfazer com os dentes.**

4

**O chacal engoliu a foice;
ouçam seus uivos depois para expeli-la¹⁶².**

5

**Vender e arrepender-se é melhor
do que não vender e se arrepender.**

¹⁶¹. Além de não encontrar mel, expõe-se ao ferrão que, como se sabe, está localizado precisamente no traseiro da vespa...

¹⁶². O chacal, como se sabe, vai comendo tudo, alegremente, indiscriminadamente...

6
Dá teu pão ao padeiro,
mesmo que ele coma a metade¹⁶³.

7
Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois!¹⁶⁴

8
Não comas alho e não cheirarás a alho.

9
Por Abu Bakr, segura essa cobra!¹⁶⁵

10
Come verdes os teus frutos,
antes que o ladrão os roube maduros.

¹⁶³. Em qualquer caso, melhor do que recorrer à improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional. Entrego minha massa ao padeiro (que tem o forno apropriado e a técnica), mesmo que ele roube uma parte.

¹⁶⁴. Aplica-se a inúmeras situações em que alguém se recusa a começar algo por temer o rumo que aquilo terá. Responde-se: “Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois” ante certas insistências: “Vamos lá, um copinho só...”, ou “Você não poderia se encarregar, neste ano, de organizar o almoço de reencontro da nossa turma de formatura?”, ou “Por que você não faz doutorado?...”, no exame de inglês você passa...”, “Por que você não aceita ser síndico de nosso prédio?” etc. A sentença procede de um caso que se tornou proverbial. Um garoto, recém-enviado à escola (e bem ciente das longas horas de lições de casa a que estavam submetidos seus irmãos mais velhos), recusava-se terminantemente a aprender a ler. Por mais ameaças e castigos que sofresse, continuava resistindo a pronunciar o *alif* (a primeira letra do alfabeto). O professor comunica o fato ao pai que, após infrutíferas surras, dirige-se docemente ao menino: “Meu filho, por que essa teimosia? O *alif* não vai te fazer nenhum mal, por que você tem medo do *alif*?” Ao que o garoto respondeu: “Eu não tenho medo do *alif*, eu tenho medo é do que vem depois...”

¹⁶⁵. Diz-se quando o interlocutor pede uma tarefa impossível a quem não tem nada que ver com o caso: Abu Bakr não representa nada para quem não é sunita. E pedir para segurar uma cobra...

11

**Se conseguiste escapar do leão,
não tentes caçá-lo.**

12

**Sim, ela concebeu em segredo,
mas vai parir em público...**

13

Aquele que está saindo de vez, “apronta”¹⁶⁶.

14

**“Teu moinho gira para a direita ou para a esquerda?”
“Sei lá, o importante é que ele me dá farinha!”**

15

**Não digas: “*Smallah!*”,
antes que o camelo se levante¹⁶⁷.**

16

**“Caíste sozinho ou foi o camelo que te arremessou?”
“Tanto faz: me ajuda aí”.**

17

**Sim, meu príncipe, era mesmo uma pomba,
só que agora já voou...¹⁶⁸**

18

Você quer pegar as uvas ou... matar o guarda?¹⁶⁹

¹⁶⁶. Cuidado com quem vai deixar o país, o emprego etc.

¹⁶⁷. O camelo, ao levantar-se, oferece um espetáculo grandioso quando ergue sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca a interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor: “*Smallah!*” - “Meu Deus!”, “Deus te conserve!”, “Que beleza!”. O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, o camelo estava calmo, aparentemente indolente, largado no solo.

¹⁶⁸. É preciso aproveitar a ocasião. Este provérbio é o desfecho da conhecida história em que, numa caçada, o príncipe em vez de disparar logo sobre o objeto, enredou-se em longas discussões com seus acompanhantes sobre se se trataria de uma pomba ou de uma pedra, até que o objeto (era uma pomba mesmo) escapou voando...

19

Janta-o antes que ele te almoce.

II - AS IDIOSSINCRASIAS

As pessoas são diferentes: cada uma tem seu temperamento, sua formação, seu modo peculiar de encarar a vida. Muitos provérbios apontam para essas desigualdades, para a relativa imutabilidade do modo de ser de cada um, para a influência das circunstâncias na educação.

20

A galinha sempre cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continua ciscando.

21

**O caipira é caipira,
mesmo que tome sopa em colher de chá¹⁷⁰.**

22

**Alimenta teu cão e ele guardará tua casa;
faze jejuar teu gato e ele te comerá os ratos.**

23

**Bastou elogiarmos a limpeza do gato,
ele foi e defecou no depósito de farinha.**

24

Não é por amor a Deus que o gato caça os ratos.

25

**“Há quanto tempo?”
“Claro, tu não vais à mesquita, e eu não vou ao cabaré...”**

¹⁶⁹. Quando já se obteve o que se queria, o melhor é ir embora quanto antes, sem expor-se inutilmente...

¹⁷⁰. No original deste (e de muitos outros provérbios) aparece o *Law*, o *se* condicional árabe, usado frequentemente para situações impossíveis ou muito improváveis.

26

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

27

Só a tua unha é capaz de te coçar direito.

III - A CONDIÇÃO HUMANA

As limitações, as contingências, as dificuldades, a dor, as contrariedades e desgostos (e, também, os consolos e a ação da divina providência) estão presentes nos provérbios de todas as culturas. Os provérbios árabes, certamente, também fazem esses registros e procuram orientar o homem para que viva sabiamente em sua realidade. Mas, para além de qualquer fatalismo, alguns *amthal* apontam também para o fato de que das dificuldades podemos tirar proveito em termos de vivência e crescimento enquanto seres humanos.

28

O mar brigou com o vento e quem virou... foi a barquinha.

29

Por causa da rosa, a erva daninha acaba sendo regada.

30

**Se te perguntarem: “Viste um asno cinza?”,
responde: “Nem cinza, nem preto, nem branco.
Não vi asno nenhum!”**

31

**Os barbeiros aprendem a usar a navalha
na cabeça dos órfãos.**

32

**É como a peregrinação a Meca:
quem diz que é fácil, blasfema;
quem diz que é trabalhosa, blasfema.**

33

Quando Deus fecha uma porta, abre outra.

34

(Tão pobre que...) As formigas saíram
da cozinha dele com fome.

35

O pobre achou uma tâmara seca no caminho
e disse-lhe: “Aonde devo ir para te comer em paz?”

36

Não aconselhes o tolo:
em qualquer caso ele te culpará depois.

37

“Tudo bem, tu foste criado por Deus...
Mas e eu? Pelo funileiro?”

38

A dor mais amarga é a dor presente.

39

Se cuspo para baixo, cai na barba;
se cuspo para cima, cai no bigode.

40

Ano ruim tem 24 meses...

41

O mundo é um moinho d'água:
os que têm se esvaziam;
os que não têm recebem em abundância...

42

Interminável como o Ramadã!

IV - OS OUTROS

Os provérbios contemplam *o outro* em diversas dimensões:
as relações de amor/ódio, de amizade/inimizade, de

parentesco (com destaque especial para a sogra), de vizinhança etc. Aconselham também sobre a mulher, as visitas, os sócios, os deveres de hospitalidade, os chatos e inoportunos, sobre as relações com os poderosos e assim por diante.

43

**“De que filho a senhora gosta mais?”
“Do pequeno, até que cresça; do ausente,
até que volte; do doente, até que sare”.**

44

**Se encontras teu amigo montado num pedaço de pau,
felicita-o pelo corcel de raça¹⁷¹.**

45

**Eu não espanto os pássaros da árvore que me deu frutos
amargos.**

46

**“Meu amigo, meus olhos, luz da minha vida!,
mas... longe de minha bolsa!”**

47

**Não te cases com uma moça cujos
parentes morem nas proximidades;
não alugues casa cujo dono seja o vizinho.**

48

“Nora, nora... um dia também serás sogra!”

49

**Em mil noras pode haver uma que ame a sogra;
em duas mil sogras pode haver uma que ame a nora.**

50

A sogra já foi nora, mas... esqueceu!

¹⁷¹. O amigo sempre é valorizado. Rimado no original: *'amwd / 'awd*.

51

Lar, doce lar..., que escondes todos os meus defeitos!

52

**A cada refeição, uma briga;
a cada bocado, um aborrecimento¹⁷².**

53

**Rancor (astúcia) de homem é rancor;
rancor (astúcia) de mulher, rancores (astúcias)¹⁷³.**

54

**Se é um homem quem te dirige ameaças,
podes, de noite, dormir tranquilo;
se é uma mulher,
podes começar a passar as noites em claro...¹⁷⁴**

¹⁷². As brigas acontecem em casa...

¹⁷³. A formulação original joga com o singular e o dual (número característico do árabe): rancor de homem é um rancor; rancor de mulher, dois rancores.

¹⁷⁴. Ao tratar de provérbios, é sempre oportuna a referência à Bíblia, não só pelos milhares de provérbios que ela mesma contém, mas também porque estão vazados em língua semita, muito próxima do árabe. Feghali chega a dedicar uma seção inteira a provérbios bíblicos que se tornaram provérbios árabes. No caso deste provérbio, nota-se o eco dos milenares conselhos dos livros sapienciais da Bíblia. O Eclesiástico, após enunciar, em seu cap. 25, as desgraças superlativas (“Qualquer ferida, menos a ferida do coração; qualquer miséria, menos a miséria causada pelo adversário; qualquer injustiça, menos a injustiça que vem do inimigo...”), desfecha: “Prefiro morar com um leão ou com um dragão a morar com uma mulher perversa... Pouca maldade é comparável à da mulher”. E, mais adiante, também em sistema comparativo semítico: “É melhor a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher” (Eclo 42,14). Já o livro dos Provérbios diz: “Melhor é morar no deserto do que com uma mulher iracunda” (Prov 21,19); “Melhor é morar no canto de um teto do que numa casa com uma mulher briguenta” (Prov 25,24); “Goteira pingando sem parar em dia de chuva e a mulher briguenta são semelhantes” (Prov 27,15). Do mesmo modo, o provérbio seguinte refere-se à também milenar ideia preconceituosa de que a mulher não é boa conselheira.

55

Consulta tua mulher e faz o contrário do que ela te disser.

56

Limpa tua casa, pois não sabes quem baterá à tua porta; lava teu rosto, pois não sabes quem o beijará.

57

Visita sem presentes é melhor do que a que te traz um carneiro¹⁷⁵.

58

Não visitar pode ser uma obra de misericórdia.

59

Não comas o pão servido por alguém que depois irá te lembrar da oferta.

60

Não dá trela ao desocupado: ele fará de ti a sua ocupação.

61

“Ôpa! Não é por eu ter dito ‘Enterra-me’ que agora vais pegar a pá¹⁷⁶.

¹⁷⁵. O presente impõe obrigações. Há outra formulação rimada, semelhante a: “Um presente? Não me atormente”.

¹⁷⁶. É bem conhecido o espírito de acolhimento oriental e suas desconcertantes - sobre-tudo para padrões europeus nórdicos - manifestações de carinho (por palavras ou por gestos) em fórmulas que, para o ocidental, parecem exageradas. O Alcorão prescreve, p. ex. (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples bom-dia pode durar uma eternidade). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente! Neste campo das saudações e das manifestações de carinho, o refinado Oriente está a anos-luz de distância do primário Ocidente... Por exemplo, o ocidental, perante uma visita que se despede, diz: “Vê se aparece!” (com o que - consciente

62

**“Ôpa! Tá certo que dissemos ‘A casa é tua!’,
mas não vás agora trancar a porta e levar a chave.**

63

(Prefiro) A opressão do gato à justiça do rato.

64

**Quem ocupa o poder tem metade das pessoas contra si...
isto, se ele for justo.**

65

**Na minha noite de núpcias
ele vem pedir-me emprestado o pandeiro.**

66

“Cospe a pedrinha, Mansur!”¹⁷⁷

ou inconscientemente - parece afirmar: Nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você - que não é nada disso... -, a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos etc.). Já o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o vejamos (**você** é a pessoa importante, etc. etc...). Evidentemente, o exagero das formas (que, em todo caso, no Oriente, não é mero formalismo) requer o necessário corretivo do bom humor dos provérbios. Assim, uma das fórmulas mais fortes para manifestar o carinho é *Taqbarny*, “Enterra-me!” (com o que se diz: eu quero que você sobreviva a mim, eu não saberia viver sem você etc.), está aqui temperada por esse *mathal*.

¹⁷⁷. Frase que se tornou proverbial. Mansur era um “boca-suja”, sacristão de um bispo, que tentava inutilmente corrigir-lhe a linguagem, permeada de palavrões. Até que lhe ocorreu a ideia de que Mansur mantivesse uma pedrinha na boca para ajudá-lo a lem-brar-se de evitar expressões indecorosas. Em um certo dia de intenso calor, o bispo per-corria a estrada - a pé, acompanhado por Mansur -, em visitas pastorais, quando ouviu uma velha que com insistência chamava por ele, do alto de um morro. Quando os dois acabaram de subir a penosa encosta, a velha explicou que o chamara para abençoar sua ninhada de pintinhos... O bispo, passando o lenço na testa, voltou-se para Mansur (também ele furioso...), dizendo: “Tudo bem, Mansur, pode cuspir a pedrinha!”

V - DEFEITOS, VÍCIOS E MANHAS

Como era de esperar, os provérbios fustigam defeitos e atitudes viciosas. Nesta seleção, destaca-se a falta de objetividade para apreender realidade, causada pela interferência distorcedora de vários fatores de envolvimento subjetivo, como o preconceito ou o oportunismo. Abordam-se também temas como o da mentira, da hipocrisia, da manha, da figura do salafrário, da avareza, da língua, das culpas e das desculpas (esfarrapadas), da vaidade, do egoísmo, da gula, da preguiça etc.

67

**Rasgou as roupas e começou a gritar:
“Náufrago! Náufrago!”**

68

O santuário próximo não cura...

69

Com a mentira se consegue o almoço, mas não o jantar.

70

**Quando perguntaram ao faminto: “Quanto é dois mais dois?”,
ele respondeu: “Quatro pães!”**

71

“Deus, envia-nos um hóspede!”, rezam as crianças...¹⁷⁸

72

O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela.

73

**Quando Tannús (Toninho) precisava de nós,
nós o chamávamos simplesmente de Tannús,
mas agora que nós precisamos de Tannús,
temos de dizer: “Às ordens, venerável mestre!”**

¹⁷⁸. Naturalmente, com um hóspede na casa o tratamento e a comida melhoram...

74

Bate no cão, tua noiva compreenderá...

75

**O rato aconselhou o dono da casa a matar o gato...
e a comprar queijo!**

76

**A mantegueira caiu no fogo e a velha disse:
“Eu a ofereço a Allah”.**

77

**Quebra o fio de sua roca
e saberás o que ela tem embaixo da língua¹⁷⁹.**

78

**Ele deu os pêsames e chorou, mas nem sabe quem
morreu.**

79

**Se o rico come cobra todos dizem:
“Que paladar mais refinado!”
Se é o pobre: “*Pirou* de vez!”¹⁸⁰**

80

“Mão na massa, Leila!”¹⁸¹

¹⁷⁹. O conselho é para que o homem não se deixe enganar pela aparência suave e gentil dessa moça bela e doce (sobretudo se ela quer casar com ele); seu verdadeiro caráter pode ser outro.

¹⁸⁰. A irônica constatação da diversidade de juízos perante o mesmo ato praticado por um rico e um pobre é tema constante dos provérbios. Está presente na sabedoria da Bíblia - “O rico pratica uma injustiça e ainda se mostra altivo; o pobre sofre uma injustiça e ainda precisa pedir desculpas” (Eclo 13,3), ou “Rico tropeça, todos o socorrem, rico diz tolices, todos o aplaudem; pobre fala, dizem ‘Cala a boca’ e, se tropeça, derrubam-no de vez” (Eclo 13, 22-23) - e nos pára-choques de caminhão: “Rico correndo é atleta; pobre, ladrão!” etc.

¹⁸¹. O Oriente, o juramento. A cada passo, por qualquer ninharia, jura-se. Jura-se pelas barbas do profeta, pelo amor dos meus filhinhos, pelo sol e pela lua, pela manhã e pela noite, pelo Alcorão e pela Bíblia... O árabe, a emoção, o pranto. O exagero. Os acalora-dos juramentos não deixam de

81
Não tendo achado nenhum defeito na rosa,
apelidaram-na de “bochecha vermelha”¹⁸².

82
Nunca o mercador diz: “Meu azeite está rançoso”.

83
Uma coisa é receber as chibatadas; outra é contá-las...¹⁸³

84
Ele almoçou na madrasta¹⁸⁴.

85
“Manhê! Kin’an quer um bolinho!”¹⁸⁵

86
“Se eu sou príncipe e tu és príncipe,
quem é que vai atrelar o cavalo?”

ser suspeitos, mas como defender-se da chantagem emocional que eles veiculam? A distância crítica, para manter a objetividade, tem uma grande defesa: a do bom humor, avalizado por este antigo provérbio que, no original, contém apenas duas palavras. Trata-se do **proverbal** episódio do beduíno que roubara um saco de farinha. Diante do juiz, foi-lhe exigido um juramento de inocência. Sem pestanejar, ele jurou, pensando consigo mesmo: “Leila, minha mulher, pode estar agora fazendo pastéis com aquela farinha. **Farinha** roubada, Deus é testemunha, eu não tenho”.

¹⁸². Como se sabe, os invejosos, por despeito, acabam criando uma pseudo-realidade (ou pseudo-defeito) para dar vazão a seus sentimentos pusilânimes.

¹⁸³. Usado como resposta para aquele que, após ouvir as queixas do interlocutor, diz apenas: “Mas, isso não é nada” ou “Você não deve se preocupar” etc.

¹⁸⁴. Diz-se daquele que, sim, almoçou, mas muito mal...

¹⁸⁵. Kin’an e seu irmãozinho mais velho esperavam impacientemente, ao pé do fogo, a chegada do pai, enquanto a mãe fritava aromáticos bolinhos. Querendo abreviar a espera, mas sem se expor, o mais velho disse: “Manhê! Kin’an quer um bolinho!” A frase tornou-se proverbial.

87

**“Podem ficar tranquilos: a raposa me garantiu
que não vai mais pegar galinhas”¹⁸⁶.**

88

Aperta-lhe a mão, mas confere os dedos depois.

89

**A parede queixou-se ao prego: “Por que me perfuras?”
Ele respondeu: “Pergunte ao martelo!”**

90

O cão late porque late; o dono pensa que é para ele.

91

**O corvo quis imitar o passo (elegante)
da perdiz e perdeu o seu.**

VI - VIRTUDES

Os provérbios louvam as virtudes, especialmente as que traduzem grandeza de alma, generosidade, determinação e franqueza, condenando ao mesmo tempo a estreiteza e a mesquinhez. Alguns dos mais sugestivos louvam também a sagacidade.

92

A mão que dá está sempre acima da que recebe.

93

**Faze o bem e lança-o ao mar:
tu o reencontrarás mesmo que muito tempo depois.**

94

**Antes inimigo do príncipe (*amyr*)
do que do guardinha (*khafyr*).**

¹⁸⁶. Frase irônica para desmontar no ato as declarações de emenda de um salafário.

95

Não há defeito que a generosidade não possa encobrir.

96

**Sábio é quem estende seu manto
como se fosse tapete, e tolo é quem pisa.**

97

**Se é para se apaixonar, que seja por um príncipe;
Se é para bater à porta, que seja à porta de um grande;
Se é para roubar, que seja um camelo;
Assim, se te censurarem, pelo menos será por algo
grande.**

98

Melhor negar o favor do que fazer esperar.

99

**Dou uma tâmara ao pobre
para sentir seu verdadeiro sabor.**

100

**Meca não está longe para quem está
determinado a fazer a peregrinação.**

Artigos na revista “Língua Portuguesa”

O autor manteve coluna na revista “Língua Portuguesa” (2005-2015) desde sua fundação. Seleccionamos alguns desses artigos procurando – na medida do possível – evitar repetições com os da parte anterior

O marketing da rejeição

(v. 114, p. 30-33 abril 2015)

Publicidade do aversivo

Um grande desafio das agências de publicidade é promover um produto ou serviço que conta com a rejeição ou a desconfiança do público. Um procedimento comum das agências nesse caso é assumir, ao menos implicitamente, essa aversão e tentar diferenciar o seu cliente, que seria a exceção: “Sim, a concorrência atua lamentavelmente, mas a Marca X é a única que merece sua confiança”. Se a campanha funcionar (o que é problemático, pois também reforça a imagem negativa geral e precisa convencer o potencial consumidor das razões da singularidade de seu cliente), além de blindar a marca X contra a rejeição, ainda desfere um golpe nos concorrentes, confirmando o consumidor em seu ato de torcer o nariz...

Assim, por exemplo, em 2005, o Unibanco lançou o agressivo slogan: “o banco que nem parece banco”. Os correntistas estão insatisfeitos com o atendimento, mas o Unibanco seria diferente... Assumindo também, que o público se decepciona quando realmente precisa da seguradora, na mesma época a Unibanco AIG Seguros lançou o slogan “Nem parece seguradora”. Também nessa linha, a Mapfre se intitula “a seguradora diferente” ou, em versão light, “a seguradora global de confiança” (porque as outras, na hora em que você precisar, te enrolam). Há anúncios de “o plano de saúde que cabe no seu bolso”, mas nenhum se atreveu

ainda a atingir a principal suspeita do potencial cliente: “Plano tal: na hora H não te deixa na mão”!

Contra a suposta ineficiência de anúncios classificados dos jornais, há anos o Estadão vem apregoando que “a diferença é que o Estadão funciona”.

E quando a SBP insiste que o produto é “Terrível contra os insetos. Contra os insetos” instila a suspeita de que os demais inseticidas e repelentes podem intoxicar suas crianças etc.

E se os outros desodorantes, depois de uns minutos de perfuminho, te deixam exalando maus odores, Rexona “não te abandona”. A Sky vende seu pacote por um certo preço, anunciando: “Não é promoção, é preço” (porque as outras, após te físgarem com efêmera oferta promocional, salgam o preço...)

Um dos setores mais rejeitados pelo público é o de telemarketing, às vezes por culpa de operadores robotizados, insistentes e especializados em “oportunamente” desconversar etc. Por curiosidade, procurei no Google “telemarketing inteligente” e, de fato, apareceram empresas com esse apelo publicitário...

Desagradável, mas “necessário”

Outro problema a ser enfrentado na publicidade é vender produtos ou serviços que o potencial consumidor, em geral, não quer nem considerar: seguro contra sinistros, fazer exame de próstata ou teste de HIV etc.

Nesse campo, algumas considerações prévias para compreender as sutilezas de linguagem nas diversas peças e momentos da campanha “Vai que...”, que se propunham evidenciar que “é melhor ter” Bradesco Seguros.

“Vai que” é o nosso correspondente mais próximo de uma distinção árabe (e semita em geral): a partícula “law”.

O árabe (e as línguas semitas) distinguem em três níveis aquilo que, em nossa língua, se expressa na única conjunção “se”, para nós confundente, e podendo situar-se - quanto à possibilidade de realização - em três níveis distintos:

1. Um primeiro nível é o “se” (em árabe: *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se a lâmpada queimar, não adianta estrilar nem bater o pé” (antigo jingle da GE), “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem paciência”. É um “se” que poderíamos até substituir por “quando”, porque certamente um dia a lâmpada queimará e filho sempre dará alguma preocupação.

2. No extremo oposto, situa-se o “se” (*law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.

3. E, finalmente, o “se” mais normal (*in*), que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está meio congestionado”.

Em culturas como a nossa e mais ainda na semita, permeadas de tabus de nomeação, há regras implícitas na convivência que tornam complicado prever possíveis doenças, mortes ou problemas em geral: enunciar algo, mesmo hipoteticamente, é confundido com a realidade ou com o desejo de que aconteça (“vira essa boca pra lá!!). Uma mera e inocente conjectura (“se o seu filho não for aprovado no vestibular” “se ele ficar doente...” etc.) pode facilmente ser confundida com olho gordo ou maldição, especialmente se o “mau agouro” vier a acontecer. Daí a antiga fórmula “Deus nos livre e guarde” ou o bater na madeira etc. antes de qualquer alusão a tribulações. Nesse quadro, o *law* serve como atenuante: se tivéssemos um equivalente português (e este “se” já é um *law*, pois não dispomos desse “se” em nossa língua), aliviar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o gordo cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois *se* ele engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “- É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc.)

Em exemplos como esses - na falta de um *law*, que já afirma a impossibilidade - a criatividade brasileira recorre a circularidades e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... **isto não vai acontecer**, mas vai que o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da ideia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao

Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Sem querer (ou “sem querer, querendo...”) já introduzimos nosso “vai que” como um *Ersatz* do *law*.

André Kasso e Marcos Medeiros, diretores de criação da AlmapBBDO, contam que o primeiro diagnóstico que fizeram antes de desenvolverem a primeira fase da campanha [Bradesco Seguros], em 2010 – logo após a agência conquistar a conta –, indicava que todos os seguros falavam em proteção e tranquilidade – um equívoco, já que uma pesquisa com consumidores apontou que ninguém acreditava naquilo. “Em cima disso, a gente criou ‘Vai que...’, para mostrar que imprevistos acontecem sim, uma hora pode acontecer e, quando acontecer, melhor a pessoa contar com a Bradesco Seguros”.

<http://propmark.uol.com.br/anunciantes/43869:bradesco-seguros-retoma-bordao>

No começo da campanha da Bradesco Seguros, os filminhos mostravam cenas de perigo irreais: o ator caminhando sobre uma estreita viga no alto de um prédio em construção ou prestes a ser atropelado por um trem em alta velocidade, mas o texto já trazia situações mais próximas. O humor buscava exorcizar o tabu, com a imagem do pé frio Mick Jagger e a legenda “Vai que... ele torce por você”.

Falar de seguro é complicado viu, é um assunto que ninguém gosta, mas não tem como evitar, porque você pode estar saindo da sua garagem apertada vai que... Ou você está andando na sua rua numa boa e vai que... Ou, sei lá, você chega em casa de viagem, abre a porta e vai que... Ou até mesmo dormindo, naquele soninho gostosinho, vai que... Agora, a verdade é que pode acontecer até num churrasco. Você está ali no fogo e... Por isso faça um seguro da Bradesco Seguros porque afinal, vai que, né, você sabe... Bradesco Seguros: é melhor ter. (publicidade do BS)

Comparado com o *law*, “vai que” aponta para o improvável, mas deixa uma margem para que algo (no caso, o sinistro) realmente ocorra: perfeito para vender seguro!

Em outro momento, a campanha passou a mostrar que, na ficção, uma equipe de especialistas surge do nada para controlar situações extremas. Já na vida real, só se pode realmente contar com o time de especialistas da Bradesco. E víamos a equipe da “Missão Impossível” (com a trilha sonora do filme, helicóptero etc.) ou o Batman enfrentando o Coringa (“vai que o herói que você liga está ocupado combatendo o crime”).

E finalmente, hoje (fevereiro 2015), as chamadas de rádio dizem simplesmente: “Vai que seu herói não pode ajudar”. E aí temos mais uma genialidade do apelo: o uso (permitido coloquialmente) do indicativo no lugar do subjuntivo (“possa”), induzindo o ouvinte a cair na realidade (indicativo) de que não há heróis disponíveis, de que sinistros realmente ocorrem e é melhor ter: Bradesco seguros.

Palavras Maiores
(v. 112, p. 22-25 fevereiro 2015)

Inversões de polaridade

Em seu clássico *Studies in Words*, o grande mestre da linguagem C. S. Lewis fala da “notável tendência” de inversão de polaridade valorativa: palavras que originalmente indicavam qualidades positivas, passam a poder significar defeitos. Ele exemplifica com *innocent* e *simple*, entre outras. Assim, também no sentido pejorativo do inglês, na Espanha (e em diversos países de língua espanhola) celebra-se o dia da mentira em 28 de dezembro, dia dos Santos Inocentes, os bebês que Herodes mandou matar, pois *inocente* em espanhol passou a significar “pessoa fácil de ser enganada” (Dicc. de la Real Academia).

Também a palavra “prudência” decaiu. Originalmente era a principal das virtudes cardeais, a virtude da decisão certa: corajosa e justa (Tomás de Aquino), com base na visão da realidade. E hoje está mais para indecisão, receosa cautela de cálculos egoístas. O homem prudente necessitava da nobre e rara qualidade de ser “simples”, capaz de uma visão límpida da realidade, preconizada por Cristo: “Se o teu olho for *simples* - é o que diz literalmente Mt 6,22 -, todo teu corpo estará na luz. Hoje, no verbete “simples”, em vez do vigoroso elogio, encontramos no Aurélio: “Que se deixa facilmente enganar; sem malícia; ingênuo, papalvo, tolo, crédulo, simplório, singelo; simplacheirão”, “ignorante, humilde” etc.

O contrário também pode acontecer, passe o exemplo jocoso, como na conhecida piada da briga de galo.

Em visita a uma pequena cidade do interior, um sujeito é convidado para assistir a uma rinha de galos. Vendo que todos estão apostando, ele também resolve jogar. Vira-se para um caipira, que fuma um cigarrinho de palha enquanto observa com muita atenção a luta dos bichos, e pergunta:

- Qual é o galo bom na próxima briga?

- Óia, diz o caipira dando uma cusparada de lado, - Tem o galo branco e o galo preto. O bom é o branco.

Confiante, o sujeito aposta toda a grana que tem no bolso no galo branco. Mas o bicho leva uma tremenda surra do galo preto. Indignado, ele pede explicações para o caipira:

- Pô, você não me disse que o galo branco era bom?

- Uai, responde o caipira, - O branco era bom mesmo. Mas o marvado é o preto!

(<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/2145/Briga-de-galo.html>)

Nessa mesma linha de inversão, Aurélio registra o uso (“paradoxal”) de “filho da puta” como elogio de excelência: “O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar” (Aurélio). O uso é antigo e não

exclusivamente nosso: já no Quixote, Sancho bebe vinho da bota e exclama:

– *¡Oh hideputa bellaco, y cómo es católico!*

E seu interlocutor pergunta como pode louvar, chamando de f-d-p:

– *¿Veis ahí – dijo el del Bosque, en oyendo el hideputa de Sancho –, cómo habéis alabado este vino llamándole hideputa?*

E Sancho sentencia que chamar de f-d-p não é ofensa quando é usado para louvar:

– *Digo – respondió Sancho –, que confieso que conozco que no es deshonra llamar hijo de puta a nadie, cuando cae debajo del entendimiento de alabarle.*

Palabras Mayores – “são outros quinhentos”

O falante espanhol que hoje emprega a expressão “palabras mayores” não se dá conta da inversão que essa formulação recebeu. Quando se diz “eso son palabras mayores” indica-se que o que se acabou de dizer é algo muito importante: como quando o Barcelona acabou contratando

Neymar, que se supunha que iria para o Madrid, ou quando a imprensa espanhola (*palabras muy mayores!*) comentou a afirmação de Pelé de que Neymar poderia chegar até a ser melhor do que ele. *Palabras mayores* foi a decisão do presidente Obama de reatar relações diplomáticas com Cuba e convidar o Congresso americano a levantar o embargo à ilha.

Em sua antiquíssima origem, porém, a expressão refere-se a algo muito mais prosaico: palavrões e insultos. Mais concretamente, muito antigas e vigentes por séculos, leis espanholas – como o *Fuero Real* de 1255 de D. Alfonso o Sábio, ou uma lei de 1566 de Felipe II – puniam com pena de pesadas multas, ofensas com alguma das “*palabras mayores*”, as verdadeiramente grandes: gafo (o estigma do leproso), sodomético, cornudo, traidor, herege ou puta (neste caso, só para *mujer que tenga marido!*).

No caso do ofendido ser fidalgo, Felipe II mantém a antiga pena de 500 soldos e quantias menores “para quem injurie com palavras *menores* do que as expressas na lei anterior”.

Fidalgo de 500 soldos chega a ser mesmo uma tipificação: “sou fidalgo de solar conhecido, de posses e propriedades, e com direito a reivindicar (*devengar*) quinhentos soldos”, como por exemplo D. Quixote diz de si mesmo.

Assim, se a uma ofensa corresponde a quantia de 500 soldos; a uma segunda ofensa serão “outros quinhentos” e pode-se discutir que se se deve 500 por chamar uma mulher

de puta, no mesmo ato se insulta o marido de cornudo, o que implicaria (ou não?) um acúmulo de “outros quinhentos”...

As injúrias verbais hoje

Antes de sorrirmos com superioridade ante as visões de nobreza, gênero etc. da época, lembremo-nos da célebre indenização de 500 soldos que, em 2014, a pobre agente de trânsito Luciana Tamburini foi condenada a pagar pela “ofensa” ao magistrado João Carlos de Souza Correa, por ter afirmado que juiz não é Deus...

No Brasil de hoje, a injúria qualificada (Código Penal art. 140, par. 3) e mais penalizada é a injúria discriminatória (“Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência”). E com pena acrescida de um terço, no caso de ser contra o Presidente da República ou chefe de governo estrangeiro ou, os novos fidalgos de 500 soldos: “funcionário público em razão de suas funções”.

Quanto aos insultos de leproso, cada vez menos circulam entre nós “lazarento” e “morfético” e promovemos uma encantadora delicadeza: o Brasil é o único país do mundo que mudou a palavra “lepra”, carregada de estigmas, para “hanseníase”. Embora a especialista Dra. Maria Leide de Oliveira aponte também as disfunções dessa ternura eufemística: “Hanseníase é [erradamente tida por] uma doença simples, não precisa se preocupar, tem tratamento e cura, então talvez a gente tenha banalizado muito a hanseníase” (Câmara Notícias, 2012 <http://www2.camara.leg.br/>

camaranoticias/noticias/SAUDE/419449-BRASIL-E-O-UNICO-PAIS-DO-MUNDO-A-USAR-O-NOME-HANSENIASE.html)

Quanto a “sodomético” (ou seus equivalentes contemporâneos), no Brasil – apesar de tanta homofobia truculenta – o exagero e o lúdico acabam tirando eficácia ao caráter ofensivo do insulto. Nas famosas “Curiosidades brasileiras” o francês Olivier Teboul registra:

“Aqui no Brasil tudo é gay (ou ‘viado’). Beber chá: é gay. Pedir um coca zero: é gay. Jogar vôlei: é gay. Beber vinho: é gay. Não gostar de futebol: é gay. Ser francês: é gay, ser gaúcho: gay, ser mineiro: gay. Prestar atenção em como se vestir: é gay. Não falar que algo é gay: também é gay.”

E há usos não ofensivos, como um hétero que diz carinhosamente para o amigo hétero:

“E aí, seu viado, já comprou a cerveja?”.

E por vezes aquilo que era originalmente um insulto acaba sendo assumido pelos ofendidos. Como quando em histórica capa do Placar (novembro de 1986), Jorginho anexou o porco como mascote do Palmeiras, invertendo a polarização negativa por tantos anos sofrida pela torcida:

Nessa mesma linha, seria possível penalizar Daniela Mercury, que no carnaval de 2011, do alto do trio de seu bloco Crocodilo, proclamou em nome de todos os gays:

“É isso mesmo: a gente é viado...”?

E com relação a “cornudo” também o humor (Reginaldo Rossi, Falcão etc.) se encarrega de atenuar: a Associação dos Cornos do Ceará existe há mais de 15 anos, tem sede própria, mais de 17000 filiados de carteirinha e que pagam mensalidade.

(<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/cidade/online/presidente-da-associacao-dos-cornos-do-ceara-procura-substituto-apos-15-anos-1.1104322>)

Também a palavra “puta” recebeu ousado apoio com a iniciativa da guerreira Gabriela Leite, autora de “Filha, mãe, avó e puta”, fundadora da “putique” Daspu (“um nome provocativo, de quem não tem vergonha de dizer quem é e o que faz”) e da ONG Davida, que defendeu o uso dessa palavra precisamente para desestigmatizar e vencer o preconceito. Opunha-se ao politicamente correto dos nomes:

“Hoje, não se pode chamar favela de favela, tem que dizer comunidade. Mas favela é favela e puta é puta.”

“Eu faço muito questão do nome puta, é o que eu mais gosto, aliás, porque eu acho que a gente não pode esconder esse nome e colocá-lo de um modo que um dia fique bonito.”

(<http://pt.scribd.com/doc/51487118/Roda-Viva-Entrevista-com-Gabriela-Silva-Leite-sociologa-e-prostituta>).

Completando a lista dos 500 soldados, hoje em dia, o “traidor” em vez de condenado é beneficiado por delação premiada e o “herege” pode mudar de religião e igreja livremente (o maior preconceito no Brasil é contra os ateus, como quando em julho de 2010, José Luiz Datena, no “Brasil Urgente” relacionou a ocorrência de um crime hediondo ao suposto ateísmo do autor do homicídio. “Um sujeito que é ateu não tem limites, e é por isso que a gente vê esses crimes aí”).

Como se vê, as “palavras maiores” necessitam de discernimento na sociedade brasileira de hoje, mas isso são outros quinhentos...

As “boas” maneiras de ofender
(v. 111, p. 38-41 janeiro 2015, ampliado)

Vale a pena

Nossas fórmulas de relacionamento, como muitas expressões da linguagem em geral, tendem a um embotamento: usamos uma forma consagrada, sem maiores reflexões sobre seu sentido originário. E pode acontecer, que esse sentido traga em si algo ofensivo, contrário aos bons modos que seriam de esperar.

Quando dizemos, por exemplo, “vale a pena” no sentido de que algo é simplesmente muito bom estamos cometendo um equívoco. Pois, o que se afirma é que há uma pena, que o bem obtido até pode compensar, mas que esse bem tem um custo penoso.

Nesse sentido, Tomás de Aquino, no século XIII, distinguia o *bonum arduum* do *bonum simpliciter*. Ao contrário do puramente deleitável, o bem árduo pressupõe esforço e pena para sua obtenção: “Pois é, trabalhei direto todos os fins de semana, mas valeu a pena porque com o acréscimo dessas horas extras pude dar a entrada para meu carro novo”.

Quando a Globo intitula seu programa de reprises “Vale a pena ver de novo”, a rigor, o que se diz é que essas novelas têm seu lado aborrecido, mas, afinal, é interessante revê-las. Um título publicitário mais adequado, nesse sentido, seria, digamos, “Como é bom recordar!”.

Assim, quando a dona da casa pergunta ao convidado que se despede se ele gostou da festa e ele responde: “Sim, valeu a pena”, na verdade está implicitamente se queixando de algo.

Não esquentar a cabeça. Fique à vontade.

No Brasil, as formas de convivência muitas vezes se revestem de eufemismos e cuidados para não ferir susceptibilidades e evitar melindres. Impera na convivência a suavidade e, assim, expressões de enfática afirmação como: “Com certeza!”, “Ôôôôpaa!” (que é um sim superlativo), “pode deixar” “tamos aí” etc. podem significar, pura e simplesmente, um rotundo não. Um convite descabido: “Você vai na cerimônia de formatura da minha sobrinha neta, daqui a três meses?”, obterá como resposta um “Com certeza!”. Naturalmente, o convidado não irá nem telefonar para se desculpar pela ausência; o que importa é que, no momento do convite, poupou o interlocutor do desgosto de ouvir um não.

Outro modo de aparar arestas na convivência é o emprego irrestrito de diminutivos. Como escreve o clássico Sérgio Buarque de Holanda “Nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação ‘inho’, aposta às palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-los ao coração”. Para ficarmos com alguns exemplos, fomos educados a atenuar tudo com diminutivos; assim, alguns dos enormes e sangrentos espetos do rodízio de carnes são diminutivos de carteirinha, como “maminha” e

“fraldinha”; e muitos outros viram diminutivo ao serem oferecidos, “coraçõzinho” e “franguinho”, acompanhados talvez de uma “caipirinha”, que sempre dá uma animadinha para manter aquele papinho etc. Até nossos criminosos e contraventores são afetivamente designados por Carlinhos, Fernandinho, Marcinho etc.

Outro fator desconcertante são os eufemismos, que tendem a se absolutizar e excluir o verdadeiro nome das coisas: dificilmente designaremos um homem gordo por gordo, e menos ainda uma mulher! Ela é “fortinha”. “Moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem: mesmo após 50 anos de carreira, até o recente falecimento de Cybele aos 74 anos, sempre se falou em “as meninas” do Quarteto em Cy.

Já do lado positivo, a mesma tendência se realiza, por vezes, em expressar excessos de agradecimentos ou desculpas.

Mas esses exageros de gentileza por vezes são alvo de respostas grosseiramente “polidas”. O dono da casa passa o dia que antecede a vinda da faxineira limpando a sujeira mais grossa e esmerando-se para deixar as coisas em ordem para facilitar o trabalho da profissional. Quando, no dia seguinte, ela chega, ouve: “- Oi, Olímpia, bom dia. Desculpe a bagunça e a sujeira”. Ante esse exagero de respeito e gentileza, a resposta cabível seria: “Imagina, que nada! Está tudo tão em ordem”, mas a Olímpia aproveita e desfere um coice: “- Não esquenta a cabeça!”. Com o que se diz que, de fato, vocês são sujos e desleixados, mas não têm com que se preocupar

porque eu não vou levar isso em conta e, afinal, é para limpar este chiqueiro que eu estou aqui...

O troco vem na hora da despedida: “- Dr. Mendonça, acabei e estou indo. Eu abri uma garrafa de suco e tomei um copo com umas fatias de presunto”. “- Não esquenta a cabeça, não, Olímpia!” (em vez de “Que que é isso, a casa é sua”).

Nessa mesma linha de subordinado que se arvora em superior, está o caso do síndico que deu uma festa no salão do prédio e contratou um buffet para servir. Um dos garçons – desses que recebem treinamento padronizado e não sabem distinguir entre as diferentes situações – interrompe animada conversa do anfitrião com um insistente oferecimento de empadinhas. O síndico diz “- Não, obrigado!”. E o garçom: “- Fique à vontade!”.

Vê se aparece

Resumindo, a grosso modo e pressupondo as mil ressalvas das generalizações, a visão do mundo ocidental tende a ser centrada no eu do sujeito. Assim o expressa a monja Coen em uma entrevista: “Eu sinto que sair do eu auto-centrado e se dedicar ao Eu maior é a própria felicidade – e isso tanto no Ocidente quanto no Oriente. Talvez os métodos educacionais sejam diversos: o Ocidente sempre foi mais centrado no eu individual do que o Oriente, que costuma considerar a coletividade em primeiro lugar”. Claro que isto não quer dizer que os ocidentais sejam egoístas e os orientais solidários, como aliás adverte a própria monja nessa mesma

entrevista (<http://www.gluckproject.com.br/monja-coen-entrevista/>).

Seja como for, algo desse centramento no eu revela-se em uma de nossas fórmulas de despedida mais usuais. A visita está indo embora e o dono da casa diz “Vê se aparece!”. Claro que o sentido é o de manifestar apreço e agrado com a presença do visitante, mas fica implícito (e inconsciente) que nós somos pessoas importantes, interessantes, bonitas, legais ... e autorizamos você a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos.

A diferença fica clara quando contrastamos com a forma árabe para situações semelhantes: o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* - Permita que nós o vejamos (*você* é a pessoa importante, etc...).

É necessário ter em conta a exuberância nas fórmulas de hospitalidade para uma melhor compreensão do mundo semita. O Alcorão prescreve, por exemplo (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não inferior. Naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples “Bom dia” pode durar uma eternidade: “– Bom dia...”, “– Tenha você um dia de luz...” “– E você um dia de luz e de mel...” (mel e jasmim; doce música; que a sombra de Allah te acompanhe; etc.). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cf. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É simplesmente um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente!

Qual é a dele? Ele é ótimo.

Até para falar mal de alguém – de um colega de trabalho ou conhecido comum ausente no momento – a agressão não pode ser direta. A melhor forma de instilar o veneno é pelo malicioso neutro, lançado por um dos da rodinha do *happy hour*:

“– O Fulano, qual é a dele, hein?”

Tecnicamente, não há aí nenhuma maldade: não houve referências a sua orientação sexual nem a seu comportamento na empresa, ninguém afirmou que ele é um puxa-saco nojento do chefe etc. Só uma “inocente” indagação genérica.

Ainda no neutro, outros vão ajuntando:

“– É, o Fulano...”

“– Eu, eu não sei não...”

“– O Fulano...; eu, hein?”

“– Olha, sem nenhum preconceito, vocês sabem que eu tenho o maior respeito pelo modo de ser de cada um...”

Até que alguém resolve começar a descer ao plano concreto, mas sob a proteção da inversão semântica de palavras originalmente elogiosas.

“– Eu admiro a coragem e a criatividade que ele tem: puxar o pic pic no aniversário do chefe foi uma inovação marcante na firma...”

“– Essa foi demais, ele é ótimo. Para mim, nem a Carmen Miranda faria melhor”.

“– Pera aí, gente, aqueles trejeitos não querem dizer nada... Afinal, ele tinha bebido um pouquinho além da conta...” Etc.

O facilone

Facilone em italiano – palavra que faz muita falta no português – designa aquele tipo de folgado que acha que as coisas são muito mais simples do que na realidade são. Assim, o *facilone* pode se atrever a pedir “pequenos” favores.

Um exemplo caricatural. Você está dando uma carona para ele e, ao passar em frente à sua agência bancária, ele diz: “– Dá para dar uma paradinha? Eu vou abrir uma conta de poupança com meu gerente e volto: são só cinco minutinhos”. Quando, quinze minutos depois, você liga para o celular dele, ele já atende agressivo, acusando o interlocutor de impaciência e atribuindo-a a seu estresse: “– Calma! Dá licença? Já estou saindo”. E quando você resolve pagar o estacionamento e verificar pessoalmente o caso, ele diz: “– É só mais um minutinho: eu sou o próximo a ser atendido...”.

Como se vê, a linguagem brasileira se presta a múltiplos e sutis usos e formas aparentemente polidas podem ser usadas para golpear.

Adendo: um *facilone* bíblico

Na Bíblia há um curioso caso de *facilone*, o do rei de Aram.

O sucessor de Elias, Eliseu, protagoniza essa divertida passagem (II Re 5) que põe em evidência cacoetes semíticos, referentes a provincianismos (“a minha terrinha, sim”), a cerimoniais e a desconfianças que podem provocar guerras.

Naaman, o sírio, prestigioso chefe do exército do rei de Aram (Síria), era leproso. Ora, os arameus, numa incursão, levaram do território de Israel uma moça que tinha ficado ao serviço da mulher de Naaman. Um dia, essa moça, gabando-se, diz à sua senhora que, em sua terra (terra de profetas), o problema de Naaman seria resolvido facilmente.

O rei de Aram, que muito prezava seu general, enviou ao rei de Israel, carregado de preciosos presentes e com uma carta lacônica: “Envio-te meu servo Naaman, para que o cures da lepra”(?!).

Mais do que por motivos objetivos, as guerras no Oriente são frequentemente causadas pela fantasiosa imaginação e pela milenar desconfiança¹⁸⁷: ao ler a carta, o rei de Israel interpreta-a como uma provocação, fica

¹⁸⁷ Um exemplo: morreu Naás, o rei dos amonitas, que tinha sido benevolente para com Davi. Davi, com a melhor e a mais piedosa das intenções, envia seus servos para apresentar sinceros pêsames ao novo rei, Hanon, pela morte do pai. Os amonitas, porém, logo pensam mal: “Foi para observar a cidade e conhecer suas defesas e depois a arruinar que Davi enviou seus servos”. Hanon, então, manda prender os servos de Davi, raspar-lhes a barba e rasgar suas vestes, até as nádegas. Começa a guerra e, por conta de um mal-entendido, dezenas de milhares de mortos (II Sam 10).

desesperado, rasga as vestes e diz: “Acaso sou eu Deus? O rei de Aram o que quer é pretexto para guerra”.

Eliseu, irritado com a atitude do rei de Israel – “deixa comigo!” – , manda-lhe o seguinte recado: “Como é que é? Então, não há mais profetas em Israel? Manda esse estrangeiro falar comigo”. Naaman dirige-se, com toda a pompa e circunstância, à casa de Eliseu e, ao chegar, o profeta – com o maior esnobismo (“esta é fácil!”) – nem sequer lhe sai ao encontro: manda um mensageiro dizer que basta Naaman ir lavar-se sete vezes no Jordão.

Naaman, furioso, decide ir embora, protestando: que é falta de consideração, que o mínimo que se pode esperar de um profeta são gestos mirabolantes e “efeitos especiais”, que ele não fez essa penosa viagem para se lavar nessa droga de Jordão etc. E não perde a oportunidade de exaltar os rios de sua terra: “Acaso os rios de Damasco, o Abana e o Farfar, não valem mais do que todas as águas de Israel juntas?”. Seus servos, porém, chamam-no à razão e convencem-no a seguir a recomendação do profeta – “precisamente porque indicou uma coisa tão simples”. E, ao obedecer, ele fica curado.

A sequência desse episódio tem desdobramentos interessantes, mas gostaria de destacar um, como um desafio de tolerância aos pastores e sacerdotes cristãos, que dificilmente pregam sobre esse caso (II Re 5, 18-19): Naamã, curado e agradecido, vai ter com o homem de Deus e começa por insistir em fazer uma rica oferta (v. 15) que o profeta recusa terminantemente (outro fato que mantém esse trecho do episódio ausente dos púlpitos). Naamã também reconhece que não há outro Deus a não ser o Deus de Israel, mas pede

permissão ao profeta para ainda curvar-se diante do deus pagão de sua terra: “Quando o meu soberano entrar no templo de Remon para adorar, apoiando-se no meu braço, e que eu também me prostrar no templo de Remon, que o Senhor perdoe esse gesto ao teu servo.” E o profeta assente imediatamente e autoriza-o!

Você está servido?

(v. 106, p. 24-25 agosto 2014)

Em outros artigos na *Língua Portuguesa* temos examinado casos que ocorrem por vezes na dinâmica própria da linguagem comum: ela vai incorporando expressões novas que passam a integrar o falar quotidiano de milhões de usuários mas, com o passar do tempo e das gerações, a metáfora ou a expressão permanecem, embora seu fato-base seja esquecido ou tenha se tornado obsoleto. Nenhum de nós viu carruagens nas ruas e perdemos a experiência de que é “pelo andar da carruagem” que se sabe da nobreza de quem vai lá dentro; não sabemos o que são bugalhos para confundilos com alhos; as novas gerações nunca viram vacas sendo ordenhadas, mas continuamos dizendo que o técnico do time está “escondendo o leite”; e, embora totalmente ausentes de nossas vivências, ainda mandamos insultuosamente alguém ir plantar batatas ou catar coquinho. Etc.

Perdido o referencial de realidade inicial, a expressão pode se tornar incompreensível e se prestar a outros significados. Nas *yahoo questions*, para a pergunta “O que significa dizer: O castigo vem a cavalo?” encontramos, entre as respostas, bizarrices como: “o castigo virá rápido, devastando, e derrubando e pisando em tudo!”; “o castigo nunca vem desacompanhado. Mesmo depois de recebermos o castigo, ainda continuamos sofrendo com as suas sequelas”. E é compreensível: não nos passa pela cabeça, hoje, que o cavalo seja o meio mais veloz de trazer o castigo...

O mesmo parece ter ocorrido com uma expressão antiga e que hoje gera perplexidade, pois seu sentido original, arcaico, tornou-se ininteligível: “Você está servido?”.

Ainda no *yahoo answers* – onde a pergunta sobre o significado de “estar servido” foi lançada há mais de sete anos –, nas diversas tentativas de resposta só encontramos disparates e desconversação
(<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20071112061052AA8xob2>).

Também não atinando com o sentido original da expressão (de fato, invisível para o falante de hoje), um site de referência, o *Uol-vestibular*, propõe agressivamente a abolição da expressão, em sua seção “Dúvidas de português (/ construções sintáticas)”. Vale a pena transcrever o verbete:

“Este sanduíche está delicioso. Você está servido?”

Quem oferece assim para os outros é desumano, maldoso demais! Não entendeu coisa alguma, não é mesmo? Vamos à teoria.

O verbo servir é verbo transitivo direto e indireto, pois quem serve, serve algo a alguém. A gramática padrão diz que apenas verbo transitivo direto admite a voz passiva - aquela que tem o sujeito sofrendo a ação verbal. Portanto, se usarmos o verbo servir, apenas a parte transitiva direta poderá ser passada para a voz passiva:

Ela serviu um sanduíche - Um sanduíche foi servido por ela.

A parte transitiva indireta não admite a voz passiva:

Ela serviu ao amigo

Não poderemos dizer **O amigo foi servido por ela** nem **O**

amigo está servido por ela.

A frase inteira será **Ela serviu um sanduíche ao amigo** - a voz passiva correspondente será **Um sanduíche foi servido por ela ao amigo.**

A pergunta apresentada, então, para se adequar ao padrão culto da Língua, deveria ser estruturada de outro modo:

Este sanduíche está delicioso. Você quer experimentá-lo?

<http://vestibular.uol.com.br/duvidas-de-portugues/este-sanduiche-esta-delicioso-voce-esta-servido.htm>

Igualmente, outro importante portal de educação, o *Brasil Escola*, também investe pesadamente contra o uso daquela expressão, “incorreta e deselegante” (<http://www.brasilecola.com/gramatica/voce-esta-servido-ou-quer-experimentar.htm>)

Na verdade, por não termos mais acesso ao significado originário de “está servido?”, buscamos enquadrá-la à força em nossos padrões de linguagem atuais e aí ocorre algo parecido com o que se faz com letras de canções que cantamos errado, buscando uma releitura com sentido mais familiar: “trocando de bikini sem parar” conta com 38300 incidências na busca do Google (em 7-4-14) superando os 25500 do verso original de “Noite do prazer” de Claudio Zoli (“tocando B. B. King sem parar”). E “é você que é mal passado e que não vê” apresenta 16500 sites no Google contra 23600 do original de “Como nossos pais” de Belchior: “é você que ama o passado e que não vê”. Nessa mesma linha, nos últimos anos tenho recebido emails de inscrição para seminários acadêmicos, dizendo: “Gostaria de

me escrever para o evento...” e – vale conferir neste ano de eleição – até repórteres de TV confundem “colégio eleitoral” com a escola em que se vota (quem quiser dar boas risadas pode, uma vez mais, checar esse caso no “laboratório” que é o *yahoo* *questions*: <https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20061001181555AAjs27V>). E o famoso equívoco da presidenta Dilma, confundindo “diuturno” com “diurno”: “o meu governo está diuturnamente, e até noturnamente, atento a todas as pressões inflacionárias, venham de onde vier, e fazendo permanente análise dela”.

Desde a infância, intrigava-me a pergunta, mas sobretudo a resposta a “você está servido?”. Acabo de chegar, entro e as pessoas que estou visitando estão à mesa comendo uma pizza. A dona da casa, gentilmente, diz: “Que surpresa, você por aqui? Puxa uma cadeira, a calabresa está uma delícia. Você está servido?” Dentro da “lógica” da semântica atual, a pergunta não tem o menor sentido: é claro que não estou servido, não sentei, nem tenho prato... como poderia estar servido? Mesmo assim, minha recusa deve assumir a forma: “Não, obrigado!”. Na verdade, é desse erro de interpretação que derivam todas as perplexidades com relação à nossa expressão.

E é que “servido”, “servir”, no caso, não diz respeito às pizzas que se servem, mas à antiga expressão, que se refere à pessoa, “ser servido” (ou “estar servido”).

O dicionário da Academia Espanhola registra “*ser uno servido* – *Querer o gustar de una cosa conformándose con la súplica o pretensión que se hace.*” Assim, “é servido”

ou “estar servido” significa simplesmente a pessoa querer, aceitar, “estar de acordo” e não se refere à comida que se pretendia “servir” a ele nem se lhe foi “servido” algum bocado.

Nesse sentido, a fórmula “ser servido” ainda se usa em Portugal: uma blogueira ostenta um tentador chocolate em seu site, sob a pergunta: “Alguém é servido?”. E uma interlocutora responde: “Sou [sou servida, aceito], embora não seja fã de chocolate. Como resolves o problema, agora?” e a amiga responde que, nesse caso, vai lhe enviar uma (só uma!)) peça pelo correio. <http://intermitenciasmedusa.blogspot.com.br/2013/04/alguem-e-servido.html>

Assim, encontramos, antigamente, ordens do rei precedidas de “Sou servido ordenar...”, “Sua Majestade é servida...”, “O Rei é servido...” etc. que significam simplesmente que é vontade do rei tal coisa que se decreta (http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Os_documentos_dEl_Rei.PDF).

Outros exemplos. Nos *Acuerdos del Cabildo de Tenerife* (de 1/4/1513) se diz: “Valdés dijo lo mismo que Oallinato porque su Alteza está servida en le hacer saber todo lo pasado en este caso.” Nas *Moradas* de Santa Teresa: “cuando nuestro Señor es servido de regalar más a esta alma, muéstrale claramente su sacratísima Humanidad de la manera que quiere”. E no conto “As festas de Nazaré” de Júlio César Machado, autor português do século XIX, quando o personagem pede um cavalo com tais e tais características, a velha responde: “Está o senhor servido! Oh! Está o senhor

servido!”, ou seja: tenho exatamente o animal que o senhor deseja.

Tendo desaparecido o uso original de “estar / ser servido” e limitando-se, hoje no Brasil, a fórmula educada de oferecer comida, a expressão torna-se problemática e um tanto indigesta para ser servida.

A linguagem do agir

(v. 105, p. 18-21 julho 2014, ampliado)

Em memorável conferência sobre Aristóteles, o grande filósofo espanhol Julián Marías afirmou: “Poucos lêem filosofia, mas todos vivemos e todos usamos uma língua que é aristotélica em uma altíssima proporção. Gente que não sabe nem quem era Aristóteles, que não conhece seu nome (e certamente não sabe nem uma palavra de grego), emprega justamente o vocabulário e o sistema conceitual de Aristóteles o tempo todo. Nesse sentido, a fecundidade aristotélica é extraordinária”. Entre tantos outros conceitos, por exemplo, quando no Google encontramos mais de 12 milhões para a busca conjunta das palavras “teoria” e “prática” ou quando as peças de publicidade da Pirelli ou da Unip falam em potência – “Potência não é nada sem controle” / “Tranforme seu potencial em sucesso profissional” é a Aristóteles que se devem pagar os royalties.

Do mesmo modo, quando se trata de esquadrihar a conduta humana, encontramos uma fórmula de precisão, enraizada em textos jurídicos em língua espanhola: a que indaga pela causa, razão, motivo ou circunstância de tal ato. Encontramo-la em sentenças do *Tribunal Supremo de Justicia* (<http://miranda.tsj.gov.ve/decisiones/2011/mayo/102-23-19.754-.html>) ou em um programa municipal de educação da República Bolivariana de Venezuela, que promete, “entre outros benefícios”, saber a causa, razão, motivo ou circunstância pela qual uma criança não está integrada ao

sistema educacional
(www.cne.gob.ve/divulgacion_municipal_2013/programas/20/291.956.pdf).

O Prof. Girafales nada mais fez do que recolher esse velho bordão, que, hoje no Brasil, virou jocosamente equivalente ao enfático perguntar “Por que raios...?” ou “Por que diabos...?”: “Por que causa, razão, motivo ou circunstância, esse sanduíche ainda não saiu!??”. Bordão adequado ao estereótipo professoral e erudito do mestre, como também quando ele emprega todas as conjunções ao mesmo tempo: “Mas, porém, contudo, todavia, entretanto...”

E é que causa ainda é muito amplo, tão amplo que nosso “coisa” até etimologicamente é causa: “não faria isso por coisa nenhuma” (Houaiss); ou no Aurélio: “Que coisa provocou o rompimento dos dois?” (amplitude como a da palavra francesa para moça: fille – toda moça é, afinal, filha).

Aristóteles distingue as famosas quatro causas: material, formal, eficiente e final. No batido exemplo didático, a causa de tal estátua é sua forma – a de Fulano, o homenageado (causa formal); ou o bronze (causa material); Policleto, o escultor (causa eficiente); e a finalidade de homenagear o herói (causa final).

Claro que em um mundo que é visto como perpassado por *logos*, os porquês das causas podem ser vistos como razão: Por que (finalidade) esta estátua? Para que nunca esqueçamos dos pracinhas que corajosamente lutaram na guerra. No agir humano, a causa final – e finalidade é uma razão – é segundo o axioma escolástico “a primeira na intenção e a última na execução”. E a razão explícita a

conexão causa-efeito mesmo em processos físicos alheios à vontade do homem: A razão (causa) do baixo nível de água nas represas é o baixo índice pluviométrico deste verão.

Já motivo parece indicar a razão enquanto móvel da ação e se torna totalmente psicológico quando empregamos a palavra “motivação”. Quando, diante de uma ação, perguntamos “por quê?”, estamos perguntando pela razão (*reason, raison...*): “Por que razão você fez isto?”. E o mesmo ocorre quando, diante de uma ação, dizemos: “É, você tem razão...”, “está coberto de razão”, etc. E para uma ação que é um grave mal moral, dizemos: “Que absurdo!!”. Subtrai-se ao âmbito da razão, quem – não apontando os porquês – insiste em fórmulas como: “Não estou a fim...” ou, como na recente campanha publicitária da cerveja Schin: “Porque sim!” (o que equivale a dizer que não há razões para optar por essa marca!) “Schin. Chega de dar explicação e diga ‘porque sim!’”

Isto não quer dizer que a pessoa tenha sempre uma justificativa racional pronta, consciente para cada ato. A função da virtude, classicamente um *habitus*, é precisamente a de permitir realizar o ato com facilidade, espontaneamente, com um certo automatismo que não tira a liberdade, antes pelo contrário... (quem objetaria a espontaneidade adquirida - após árduos esforços - dos hábitos para extrair acordes do piano, falar uma língua estrangeira ou andar de bicicleta?).

Já a circunstância é “condição de tempo, lugar ou modo que cerca ou acompanha um fato ou uma situação” (Houaiss). Uma coisa é o ato; outra a circunstância: no exemplo de Tomás de Aquino: “Não é circunstância se o

forte age corajosamente por causa do bem que é a fortaleza; mas, se age corajosamente para a libertação do Estado, do povo cristão ou de modo semelhante. E o mesmo se dá como o que respeita ao que se faz; assim, se alguém, derramando água, lava outrem, isso não é circunstância da ablução; mas, sim, se, lavando resfria ou aquece, sana ou faz mal”. Claro que as circunstâncias podem ser decisivas na valoração de um ato: por exemplo se se trata de um furto de milhões ou de centavos; se se toma de um rico desonesto ou de um pobre trabalhador; etc.

Dada a importância das circunstâncias é necessária a circunspeção, que mais do que a atitude reservada ou sisuda é, também etimologicamente, ver o que circunda. Como na proverbial visão periférica de Pelé – que abrangia 180 graus, enquanto a média dos futebolistas não passa de 165 – que possibilitou o genial passe para Carlos Alberto marcar o quarto gol da final da Copa de 1970.

Na famosa sentença de Ortega, a circunstância é promovida ao nível do eu: “Eu sou eu e minha circunstância...”.

E é que nem sempre temos domínio sobre nossas ações... Nem sempre imprimimos nossa límpida vontade a nossos atos. Por exemplo, ocorre muitas vezes que a decisão tem que ser tomada em fração de segundo, sem deliberação: em uma palestra da Soccerex 2012, comentava-se que um jogador de futebol toma cerca de 1350 decisões por jogo e o treinador quer prepará-lo, fazendo-o driblar cones (!?).

Também muito do que fazemos transcende o estreito binômio voz ativa / voz passiva, que a gramática quer impor

a nosso modo de pensar. Estamos tão acostumados a considerar que o verbo só admite essas duas formas de voz que nem podemos imaginar uma terceira. Ativa e passiva - assim pensamos à primeira vista - esgotam todas as possibilidades (o que poderia haver além de “Eu bebi a água” e “A água foi bebida por mim”?). E como o pensamento está em dependência de interação dialética com a linguagem, o fato de nossa língua (como, em geral, as línguas modernas) não admitir uma terceira opção - a voz média, que não é ativa nem passiva - constitui um grave estreitamento em nossas possibilidades de percepção da realidade.

A voz média é um rico recurso - encontrado por exemplo no grego - , que permite expressar (e perceber e pensar) situações de realidade que não se enquadram bem como puramente ativas nem como puramente passivas. Isto é, há ações que são protagonizadas por mim, mas que, na realidade, não o são em grau predominante: há tal influência do exterior e de outros fatores que não posso propriamente dizer que são plenamente minhas. O eu estende-se à circunstância... O latim se vale de verbos chamados depoentes precisamente para essas ações minhas mas que não são predominantemente minhas; eu as protagonizo, mas não sou senhor delas, estou condicionado fortemente por fatores que transcendem o eu e sua vontade de ação. É o caso, por exemplo, do verbo *nascor*, nascer (nacer-nascido). O verbo nascer, a rigor, não é ativo nem passivo: eu nasço ou sou nascido? Sim, certamente sou eu que nasço, mas estou longe de exercer de modo totalmente ativo e independente esta ação (“Com licença, eu vou nascer...”); e por isto o inglês usa nascer na passiva: *I was born...* O mesmo acontece, por

exemplo com o morrer: a ação é minha, mas não o é... Com a perda da voz média, o português perdeu não apenas um recurso de linguagem, mas sobretudo um poderoso recurso de pensamento, de captação / expressão de imensas regiões da realidade. De fato, é uma violência para com a realidade que empregamos, por exemplo, o verbo “surtar” como ativo: “O Giba é assim, ele surta a toda hora”. Como se o pobre Gilberto tivesse total controle sobre o que o faz surtar... As canções de Paulinho da Viola trabalham muito com a voz média. O samba “Timoneiro” - do qual procede o verso: “Não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar...” - é um maravilhoso exemplo dessas ações que o latim expressa por verbos depoentes. Não sou plenamente dono do meu navegar; quem me navega é o mar. “E o mar não tem cabelos que a gente possa agarrar...”.

Esse ser levado pelo mar da circunstância permite outro bordão, desta vez do próprio Chaves: “Foi sem querer, querendo...”, unido a seu outro cacoete: “Me escapuliu!”.

Para finalizar, ainda sobre o império (ou não) da vontade nas ações, dois usos de Portugal.

Ao contrário dos espanhóis, que tendem à interpelação direta, em Portugal prevalece a delicadeza, o não criar caso. Nesse sentido, chama a atenção que, por vezes, os portugueses empregam a expressão “por acaso”, no sentido de “não por acaso” (pois sendo “por acaso” não é culpa de ninguém...). Caricaturizando, se eu estou pisando o pé de alguém em um ônibus lotado, em vez de ouvir uma queixa agressiva, pode vir a sutil indicação: “Olhe lá, por acaso o

meu pé está debaixo do seu e, por acaso, pode talvez vir a incomodar...”.

Outra forma de eludir o querer na ação é o “já agora”. Copio de “A causa das coisas”, do notável escritor Miguel Esteves Cardoso:

“*Já agora*” é uma expressão portuguesa talvez única no mundo. Noutras culturas tratar-se-ia de pleonasma. Por cá, nem por isso. O “*já agora*” e a variante popular “já que estás com a mão na massa...” significam a forma convencional de desejo.

Nós por cá não gostamos de dizer que “queremos” as coisas. Entre nós “querer” é uma violência. Por isso, quando chegamos a um café dizemos que “queríamos” um café. Ou antes, “vou querer um café”. Se alguém oferece uma aguardente diz-se “*já agora...*”. Tudo se passa no pretérito, no condicional...

O “*já agora*” representa uma espécie de resignação perante o destino. Combina-se um encontro para o meio-dia. O outro atrasa-se no trânsito. Passam vinte minutos do meio-dia. Olha para o relógio e vê que está atrasado. E aceitando o atraso decide que “*já agora*” toma mais um café e acaba de ler o jornal... O desgraçado que chegou pontualmente já está à espera há meia hora. Mas, como já esperou meia hora, em vez de mandar o outro às urtigas, “*já agora*” espera mais um “quarto de horinha”. Talvez por isso haja muito quem diga que o problema de se ser pontual é que nunca está lá ninguém para reconhecer o facto!...

Come-se em excesso porque “*já agora*”, já que veio esta sobremesa que era uma pena deixar, come-se mais do que se precisa. Bebe-se demais porque, no momento de pedir a conta, basta uma pequena demora para justificar beber-se mais um copo: “*já agora*”, mais um uisquzinho enquanto a gente espera, ou na versão mais sofisticada, enquanto a gente paga a conta.

Nesse campo, o de abdicar da responsabilidade pessoal em favor de “forças anônimas”, a medalha de ouro vai para Arão, em uma das mais conhecidas cenas bíblicas.

Moisés subira à montanha (Ex 24 e ss.) para receber detalhadas instruções de Iahweh (que incluem não só as tábuas da lei, mas até pormenores sobre o modo de vestir dos sacerdotes), deixando Arão encarregado do povo. Vendo que Moisés tardava (Ex 32) - a ausência durava já quarenta dias e quarenta noites -, o povo pede a Arão que lhes *faça* um deus. Arão faz uma grande coleta de ouro e - abominação suprema! - fabrica um ídolo: o bezerro de ouro - ao mesmo tempo que, ambigualmente, proclama uma festa para Iahweh (!?).

Moisés, ao saber da orgia idolátrica, desce enfurecido, quebra as tábuas da Lei, destrói o ídolo e interpela a Arão, que responde: “Eles queriam um deus, deram-me o ouro, eu o lancei no fogo e *saiu* este bezerro”.

A lição do Lepo-lepo

(v. 104, p. 14-15 junho 2014)

Alavancado por dancinha comemorativa de Neymar e Daniel Alves, o estrondoso sucesso do carnaval de 2014 foi Lepo-lepo, da banda baiana Psirico. No sentido oposto do funk ostentação, que pretende a afirmação por carros, motos, bebidas e outros sonhos de consumo; o protagonista de nossa canção assume que “está na pior”: péssima situação financeira, não tem moradia, seu carro foi tomado pelo banco e, precisamente por isso, pode certificar-se das reais intenções da amada: “E se ficar comigo é porque gosta do meu Lepo Lepo”: ostentação de outras qualidades...

No melhor estilo do humor nordetino, o da malícia subentendida, não se afirma claramente o que é lepo, nem lepo-lepo... E o verbete da Wikipedia até tenta forçar uma margem “família” para a expressão: “A mais aceita é que a expressão significa performance sexual, apesar de também ser possível interpretar como charme ou carinho”.

Naturalmente, para indicar charme não caberia a reduplicação, que imediatamente gerou piadas e paródias, substituindo lepo-lepo por nheco-nheco, do colchão. É como se pretendêssemos interpretar os bunga-bunga de Silvio Berlusconi, como afeto ou carinho. Neste caso, a origem é mais clara: uma antiga piada (que teria sido contada a Berlusconi por Kadaffi): um grupo de antropólogos e exploradores na África é aprisionado por uma tribo selvagem e o chefe pergunta se eles preferem a morte ou bunga-bunga

(?). Um primeiro membro da expedição pede bunga-bunga e é brutalmente violentado pelos machos da tribo e, em seguida, queimado vivo. Um segundo, pensando que os nativos tinham se equivocado e entendido “morte”, pede também o bunga-bunga e tem o mesmo destino do primeiro. Então o terceiro pede diretamente a morte e o chefe da tribo diz: “Pedi morte terá morte, mas antes bunga-bunga!”.

Lepo-lepo, como bunga-bunga (ou a conga-conga da Gretchen), evocam também o caráter de descontrole, de pega-pega, de treme-treme, de rala-rala que a repetição em alguns casos indica: “a manifestação estava pacífica, mas quando chegou na Paulista começou o quebra-quebra”; “a reunião ia bem, mas quando chegou o pessoal do sindicato, aí virou oba-oba”; “o dia da mudança foi um lufa-lufa”; “a saída do estádio estava comportada até que começou o empurra-empurra”; “em época de visita do MEC a secretaria da faculdade é aquele vuco-vuco”; “tá rolando um zum zum zum, um diz que-diz que de que vai haver cortes nos salários”.

A repetição muitas vezes denota intensidade: o falar demasiado é blabláblá, nhem-nhem-nhem, patati patatá ou lero-lero; filme de muito tiro é banguê-banguê; despedida para valer é tchau-tchau; e o cara cheio de si chega chegando, diz “tô que tô” (ou “vamo que vamo”), enfim ele quer porque quer se impor.

Outras vezes a ênfase está na mera repetição: pisca-pisca, bilu-bilu, chupa-chupa, cri-cri. Que por vezes recolhem onomatopeias como teco-teco, reco-reco, quero-quero, xique-

xique, etc. Ou na alternância, como em troca-troca ou pingue pongue.

Já o falar infantil tem uma tendência a repetir as sílabas: nos apelidos carinhosos (Juju, Mimi, Dudu, Fafá, Zezé) ou no ambiente familiar (vovó, mamãe, tia) e suas atividades como comer (papá), ou necessidades (pipi, cocô, naná).

A repetição “assim assim” indica indeterminação: não posso dizer que estou bem (não sou nenhum bam bam bam) nem que estou mal: estou assim assim. Como antigamente era frequente a saudação (também de indeterminação): “Ô, Fulano, que bom te rever, vejo que você está cada vez mais cada vez...”

A repetição pode também indicar concordância absoluta, para encerrar um assunto, muito usada na Espanha. Ao alugar um carro no aeroporto de Madri, apliquei uma piada no funcionário que preenchia o formulário. Em dado momento, ele pediu: “- Su permiso para conducir” (“Dê-me sua carteira de motorista”) e respondi tomando a chave do carro e entregando a ele: “Hombre, conduzca, conduzca!” (“Claro, pode dirigir...”)

Já nos evangelhos, Jesus emprega a repetição como forma de carinhosa censura, como que chamando a atenção para algo que esperava do interlocutor e está um pouco decepcionado pela sua falta de sensibilidade. Assim, quando Marta se queixa de que sua irmã Maria não a ajuda no trabalho da casa e fica ouvindo o Mestre, Jesus a repreende: “Marta, Marta, tu te ocupas de muitas coisas, mas só uma é necessária” (Lc 10, 41). E ante Jerusalém, que não sabe

corresponder a seu amor: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes eu quis reunir teus filhos... mas tu não quiseste” (Mt 23, 37). E a Saulo, que antes de se converter perseguia os cristãos: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At, 9, 4).

Caberiam muitos outros casos, mas detenho-me aqui, pois já são suficientes para mostrar que brincando brincando, a repetição pode sutilmente indicar diversas realidades.

A fé ganha a boca do povo

(v. 102, p. 50-52 abril 2014)

Em vez de falar de “o brasileiro”, com os riscos da generalização indevida, mais adequado metodologicamente é falar em *vigências* (Ortega), aquelas formas sociais que têm livre trânsito entre nós, que se aceitam sem discussão, as “preferências nacionais”, que *se dan por supuesto*.

Estrangeiros nórdicos, por exemplo, encontrarão muita dificuldade com algumas de nossas vigências alimentares, de modos de vestir, de cumprimentar (com o contato físico de abraços e beijinhos), etc.

Uma das mais arraigadas vigências em nossas formas de comunicação e expressividade é a referência à religião (muitas vezes associada à superstição e ao lúdico, outra vigência tupiniquim). Uma exagerada, insaciável, propensão ao religioso.

Já o dizia o jagunço Riobaldo de Guimarães Rosa: “Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca.”

Há inúmeras formas quotidianas tradicionais e outras provenientes do, relativamente recente, “boom” dos evangélicos ou dos espíritas (ou de outras “energias”): “Vai com Deus!”, “Fica com Deus!”, “Se Deus quiser...” (o que a familiaridade brasileira com o divino se permite acrescentar: “E Ele há de querer!”), ou mais recentes como “Misericórdia!”, “Ô glória!”, Axé, ou referir-se ao interlocutor como “Fulano do céu” etc. “Benção” virou sinônimo de qualquer sucesso (financeiro, profissional etc.) e são tantos os votos de caráter religioso que, para esses casos, em vez de dizer sim empregamos: Amém (que, como me fez notar Luiz Costa, é usada nos cultos também na função conativa: “- Amém, irmãos?”). Para nos referirmos aos mortos, que continuam nos acompanhando, falamos do “andar de cima”, de planos espirituais ou, por via das dúvidas, “onde quer que ele esteja”...

Recentemente, ficou mais usual a interjeição “por Deus!”, em geral para expressar algum inesperado final feliz (“Por Deus, o carro foi perda total, mas ninguém se machucou”), mas também, curiosamente, para situações meramente surpreendentes: “Olha, por Deus, éramos favoritos, mas perdemos de quatro a zero!”.

Também nos gestos temos uma ampla gama, que vai dos pulinhos de Iemanjá (e os de São Longuinho) ao envio de energia (positiva ou negativa) com as mãos para o campo.

Naturalmente, há também inúmeras referências à religião entre os muçulmanos ou em países de arraigada tradição católica, como a Espanha. Mas, no Brasil, temos nossas peculiaridades.

Como, por exemplo, no caso de nossos bandidos. Não chega a nos surpreender que dois dos maiores assaltantes de bancos do país (ao menos 62 agências roubadas), Monstro e Charuto, presos recentemente, tivessem suspenso as operações da quadrilha na época do Natal, em atenção ao caráter sagrado do nascimento de Cristo. Em uma das gravações grampeadas pela Polícia Federal, Charuto, que praticava assaltos já há 15 anos, e um comparsa ponderam e concordam em que:

“É época de Natal, amigão. Encerra os ‘contratos’ [assaltos], vai refletir, pede a Deus mais bençãos para o próximo ano aí. Deus já abençoou demais a ‘empresa’ [a quadrilha] com tantos ‘contratos’ aí... Não é hora de a gente abusar, não, porque é data crítica, né?”

(<http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/roubar-banco-nao-da-dinheiro-so-fama-diz-um-dos-maiores-assaltantes-do-pais-24022014> - minuto 10:23 e ss.)

Até os corruptos oram, como na famosa Oração da Propina, que os deputados Rubens César Brunelli Jr. (PSC-DF) e Leonardo Prudente (DEM-DF), presidente da Câmara Distrital, ofereceram ao então secretário Durval Barbosa (Relações Institucionais), que distribuía as propinas entre a base aliada. Pedem a Deus, que dê um jeito para que não prosperem as investigações:

“Pai, queremos te agradecer por estarmos aqui. Sabemos que somos falhos, que somos imperfeitos, mas queremos agradecer aos santos que nos purificam. Olha, nós somos gratos pelo amigo Durval, que tem sido um instrumento de bênção para as nossas vidas e para essa cidade, que o Senhor contemple as questões do seu coração. Tantas são as investidas, Senhor, de homens malignos contra a vida dele, contra as nossas vidas. Nós precisamos dessa tua cobertura, dessa tua graça, da tua sabedoria. De pessoas que tenham, Senhor, armas para nos ajudar nessa guerra. E, acima de tudo, é o Senhor. Todas as armas podem ser falhas, todos os planejamentos podem falhar, todas nossas atividades, mas o Senhor nunca falha. [...]

O Senhor um dia pegou um rei, o rei Nabucodonosor e fez ele pastar, comer capim, para entender que o Senhor prevalece. Meu Deus, nós estamos sendo alvo de petardos. Meu Deus, dá um jeito nessa situação. Tira esses homens do nosso caminho”.
(<http://blogs.estadao.com.br/joao-bosco/a-oracao-da-propina/>)

E no ano passado foi noticiado que o mais perigoso criminoso do país, condenado a 80 anos de prisão, foi aprovado no vestibular e começou a cursar (“a distância”, naturalmente) faculdade de teologia!
(<http://www.radiosociedadeam.com.br/portal/noticia.aspx?ni>)

d=119676). Na época (não podia faltar a piada), Danilo Gentili comentou: “até o Fernandinho Beira Mar se ligou que recolher o dízimo dá mais dinheiro do que vender drogas”.

E nenhum carioca se importa com a contradição que o feriado estadual de São Jorge supõe para o Estado laico: afinal se 21 de abril é feriado nacional de Tiradentes e o santo guerreiro é 23 de abril, o que acontece com o dia 22? E eventualmente até com o 20 e o 24? Viva Jorge!

E foi sob os auspícios de Jorge, que vela pela quadra da Escola, que a Mocidade Alegre conquistou com folga o tricampeonato do Carnaval paulistano, com o enredo “Andar com fé eu vou... Que a fé não costuma falhar!”, cantando brasileiromente: “Religiosamente acreditar / Não importa a luz que te faz caminhar”. E com a surpreendente inovação de a Escola toda ajoelhar no Sambódromo.

Sobre a familiaridade brasileira com os santos, já há quase 80 anos, advertia Sérgio Buarque de Holanda:

Nosso velho catolicismo, tão característico, que permite tratar os santos com uma intimidade quase desrespeitosa e que deve parecer estranho às almas verdadeiramente religiosas, provém ainda dos mesmos motivos. A popularidade, entre nós, de uma Santa Teresa de Lisieux — Santa Teresinha — resulta muito do caráter intimista que pode adquirir seu culto, culto amável e quase fraterno, que se acomoda mal às cerimônias e suprime as distâncias. (...) Os que

assistiram às festas do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, conhecem a história do Cristo que desce do altar para sambar com o povo.

E, de fato, Teresinha, assim no diminutivo, tornou-se nome de tantas brasileiras em homenagem à querida santa.

Afora alguns poucos radicais, na contra mão da vigência, há um enorme respeito por todas as manifestações de religiosidade, por mais ridículas que pareçam. Quando publiquei na *Língua Portuguesa* (No. 77) um artigo sugerindo que Santo Expedito é uma fraude (e que a própria Igreja Católica não bota muita fé em sua existência), um amigo católico culto repreendeu-me por atentar contra a fé simples do povo...

Nessa mesma linha, lembro-me, por exemplo, de como David Letterman se divertiu com a torrada que tinha “milagrosamente” estampada a imagem da Virgem Maria e que foi leiloadada por U\$ 28000 no site e-Bay. O católico sério anglo-saxão certamente terá apoiado a ridicularização dessa farsa. Mas é difícil imaginar algum apresentador brasileiro – seria considerado ímpio! – esculhambando um fraudulento “sinal” religioso, digamos, a “folha” de Nossa Senhora”. Essa que encontramos em adesivos nos automóveis: um terço emoldurando a figura de Nossa Senhora, que, segundo a lenda (surgida no início deste século), teria sido elaborada em uma folha de árvore por formigas!



E, ao contrário de países de tradição católica (e correspondente tradição anti-clerical), praticamente não há no Brasil blasfêmias.

No oceano sentimental da religiosidade do Brasil (o Brasil é naturalmente “franciscano”, segundo Gilberto Freyre; espírita, segundo outros; e, em qualquer caso, tendente ao sincretismo) não é de estranhar que o *medium* Chico Xavier tenha sido eleito, em um longo concurso no SBT, “o maior brasileiro de todos os tempos”, com mais de 70% de votos do público por Internet e SMS.

Religiosidade insaciável, que aceita até testemunho mediúnico em tribunal. Em um processo por homicídio, em 1985, um juiz de Campo Grande aceitou que a defesa apresentasse “cinco cartas psicografadas pelo médium Chico Xavier, nas quais a vítima dá a entender que a arma disparou acidentalmente. O júri o absolveu, mas a sentença foi anulada por recurso da promotoria, que quer condenação por

homicídio doloso” (“Marido das cartas psicografadas volta a júri”, *O Estado de S. Paulo*, 6-4-90, p. 16).

Em outro júri de homicídio, um juiz de Gurupi-GO, em 1987, convocou Chico Xavier como testemunha (não como testemunha ocular, mas mediúnica!), pelo fato de o médium ter recebido mensagem do além da pretensa vítima (“Testemunha do crime: o médium”, *O Estado de S. Paulo*, 25-3-87, p. 17). E o “Jornal Espírita” comentou essa notícia em matéria de primeira página: “Haverá de chegar um tempo em que os espíritos poderão vir do ‘lado de lá’ - com o aval das autoridades - consertar tantas injustiças” (Ano XI, No. 143, Maio de 1987).

E há uma recomendação do SUS que abriu as portas para que benzedeiras sejam reconhecidas oficialmente como “profissionais de saúde”:

- [recomenda...] valorizar as práticas populares em saúde, tomando medidas para preservar e proteger a atuação de mateiras (os), benzedeiras (os), parteiras e outras(os), articulando-as às práticas integrativas e complementares de Saúde no âmbito do SUS; (rec. 010 de 11/8/2011)

Religião (ou superstição, ou misto de ambos) é sempre prato cheio para o brasileiro, especialmente associada à paixão do futebol, no qual sempre é bem vindo o auxílio de Deus, santos ou entidades (o jocoso provérbio diz: “Se

macumba resolvesse, campeonato baiano terminava empatado”). Durante muitos anos, um grande clube como o Vasco da Gama, manteve em seu quadro de funcionários (com carteira assinada), Pai Santana, pai de santo (e massagista...), encarregado de “trabalhos” contra os rivais.

O pai de santo tinha vários rituais famosos, como acender velas no vestiário e estender uma bandeira do Vasco no gramado, se ajoelhar e beijá-la. Ele também costumava usar sempre roupas brancas. Uma história conhecida dá conta de que Pai Santana teria descido de helicóptero na Gávea e colocado um “trabalho” no campo do rival. Em seguida, o Vasco sagrou-se campeão carioca de 1977 na decisão por pênaltis. (<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/vasco/noticia/2011/11/ex-massagista-do-vasco-pai-santana-morre-aos-77-anos.html>)

Embora seja um caso isolado, um feiticeiro chegou a processar o Internacional por não lhe pagar os “serviços” prestados na disputa contra o Grêmio:

O processo número 01598148052 deu entrada no Quarto Juizado Especial Cível de Porto Alegre no dia 23 de setembro de 1998, sendo autor Sérgio Ruggini, “que trabalha como

feiticeiro especializado em trabalhos de feitiçaria para jogos de futebol” (processo p. 0001) e réu o Esporte Clube Internacional. Tratava-se de uma ação de cobrança, pois “no penúltimo campeonato gaúcho (1997) o autor foi contratado pelos réus para segurar o Grêmio na última partida do campeonato, saindo o Inter campeão com o gol do Fabiano. Quando foi buscar o dinheiro acordado entre as partes recebeu informação dos réus que não pagariam” (<http://www.usp.br/revistausp/46/10-arioro.pdf>)

Cansada das exibições religiosas da seleção brasileira, como a comemoração da conquista da Copa das Confederações de 2009 a Fifa, finalmente, decidiu proibir “comemorações religiosas” nos jogos de futebol (Cf. www.estadao.com.br/noticias/impresso,fifa-punira-comemoracao-religiosa,559699,0.htm)

Proibição discretamente ignorada em nossos campeonatos ou contornada por meio de sutis alusões a Deus, como a comemoração do gol com o indicador apontando para o céu (e sempre se pode alegar que o sentido é o de “número 1” ou propaganda de cerveja etc.)

Ditos seculares

(v. 100, p. 14-15, fev. 2014 – revisto e ampliado).

“Agora é trocar o chip e colocar o da Liga [dos Campeões]” declarou Neymar ao repórter da TV espanhola, após sua memorável atuação nos 6 a 1 sobre o Celtic em 11 de dezembro passado. O pobre repórter não entendeu essa e outras respostas, em português neymariano, mas com essa bela metáfora o craque expressava que era hora de esquecer o passado, os tropeços recentes no campeonato espanhol, e focar na *Champions League*.

Não podemos prever o futuro da expressão “trocar o chip” no uso figurado da linguagem: se daqui a 5, 10, 50 ou 300 anos continuará sendo empregada: algumas metáforas oriundas da tecnologia tornam-se obsoletas como as próprias realidades que as inspiraram: ninguém hoje apelidaria uma Rita de Cássio Coutinho de Rita Cadillac, alcunha, por sua vez, tomada do nome artístico de uma famosa vedete de filmes franceses da década de 60, quando o Cadillac era, para todos, imediata referência de *glamour* e outros atributos. Por outro lado, continuamos usando metáforas da época da Revolução Industrial, como quando dizemos que a campanha para a reeleição já começou e “a todo vapor”, etc.

Tecnológicas ou não, algumas expressões e frases feitas desaparecem rapidamente, outras duram milênios, como no caso de tantas expressões bíblicas: bode expiatório, dois pesos e duas medidas etc. etc. etc.

Neste artigo recolheremos, mantendo a grafia original, expressões e provérbios apresentados em 1651 (claro que muitos são de séculos anteriores) na obra de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, e que ainda hoje são usados.

Expressões

Primeiramente, expressões que, passados 350 anos, ainda usamos, com sentido idêntico ou não, e que remontam, direta ou indiretamente, a uma formulação proverbial – mais ampla e contextualizante –, hoje esquecida.

A torto e a direito – “A torto e a direito, nossa casa até o tecto [teito]”.

É preciso acabar a obra, do jeito que for: a torto e a direito.

Abrir os olhos – “Os mortos aos vivos abrem os olhos”.

Ficar esperto, atento.

Alhos e bugalhos - “Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos”.

Cantar de galo - “Triste da casa onde a galinha canta e o gallo calla” e “Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o gallo”.

Casa da sogra - “Estende-se como villam em casa de seu sogro”.

O folgado que se espalha (“estende-se”) na casa da sogra.

Cheio de nove horas - “Às nove, deita-te e dorme”.

Durante muitos séculos, sem iluminação elétrica etc., seguia-se esse imperativo do provérbio, tornando a proximidade das nove um limite para qualquer atividade (a visita que diz: “devo ir, já são quase nove horas”)

Colcha de retalhos - “É falso, como manta de retalhos”.

Dar com a língua nos dentes - “Mente, quem dá com a língua no dente”.

Dar no pé - “Dar ao pé, que tempo é”.

De graça é caro - “Horta sem água, casa sem telhado, marido sem cuidado de graça é caro”.

Dois coelhos, uma cajadada - “Com este cajado mataste já outro coelho”.

Dor de cotovelo - “Dor de cotovello e dor de marido, ainda que doa, logo é esquecido”.

Dourar a pílula - “Se a pirola bem soubera, nam se dourara por fora”.

O verbo saber, ainda hoje em Portugal, é muito usado para o gosto: se a pílula tivesse gosto agradável...

Duro (sem dinheiro) - “Quem nam tem, mais duro é que as pedras”.

É fogo - “Filhos dous, ou tres é prazer, sete ou oito é fogo”.

Se hoje a taxa média de fecundidade no Brasil não chega a 2 filhos por mulher, naquela época era comum um alto índice de fecundidade (no Brasil, ainda na década de 60, esse índice era 6!)

E meio - “Ao ruim, ruim e meyo”.

É só papo - “Moço de quinze annos tem papo e nam tem mãos [para o trabalho]”.

Estar no papo - “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.

Galinha criar dentes - “Disso vos podeis despedir, como a galinha dos dentes”.

Ir com sede ao pote - “Nem com toda a fome ao cesto nem com toda a sede ao pote”.

Levantar a lebre - metáfora de caça, hoje significando trazer à luz o essencial escondido. Aparece em diversos provérbios, como: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata” ou “Levantas a lebre, pera que outrem medre [seja favorecido]”.

Morrer na praia - “Nadar, nadar, ir morrer à Beira”.

Não dar ponto sem nó - “Dá nó, nam perderás ponto”.

O barato sai caro - “O caro é barato e o barato é caro”.

Outros baratos - “Nam jogo aos dados, mas faço outros peiores baratos”.

Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo explica: “‘barato’ se toma em mui diversas significações em os nossos antigos documentos do século XV e XVI, v.g. ‘haver por seu barato’: ter por bem; ‘esperar um barato da fortuna’: esperar um favor ou benefício da fortuna; etc.” (*Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram...*, Lisboa, Fernandes Lopes ed., 2^a. ed., 1865.)

Ouvidos moucos - “A palavras loucas, orelhas moucas”.

Pau que nasce torto... - “Quem torto nasce, tarde se indireita”.

Pedaço de mau caminho - “Em quada [cada] parte há pedaço de mau caminho”.

Pegar pela palavra - “[Pega-se] Ao boy pello corno e ao homem pella palabra”.

Pentear macacos (asno) - “Tal grado haja, quem o asno patea”.
No sentido de: Para quem gosta é prato cheio.

Quem viver, verá - “Quem viver, verá a volta que o mundo dá”.

Rodeios (ao falar) - “Quem por rodeos falla, com arte anda”.
arte = falar enganoso

Salve-se quem puder! - “A barca é rota, salve-se quem poder”.

Subir à cabeça - “Boa é a fazenda [riqueza], quando nam sobe à cabeça”.

Uma no cravo; outra na ferradura - “Castigo de dura: huma no cravo, outra na ferradura”
A prudência que tempera o castigo, torna a lição duradoura.

Vender gato por lebre - “Em caminho frances, vende-se o gatto por res”
Caminho francês eram as estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para Santiago de Compostela. Eram também rota comercial.

Ver estrelas - “Farte-ei ver as astrellas ao meyo dia”.

Provérbios que permaneceram (com forma e sentido semelhantes ou não).

“A bom entendedor, poucas palavras”.

“A cabra da minha vizinha mais leite dá que a minha”.

Este provérbio (e outro apresentado por Delicado “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha”) evocam a cantiga de roda, com que, ainda hoje, brincam as crianças: “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...”

“A cavallo dado nam olhes o dente”.

“A mor pressa, mayor vagar”.

Devagar que estamos com pressa.

“A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.

“Agoa molle em pedra dura, tanto dá até que fura”.

“Ao villam da-lhe o dedo, tomar-te-á a mam”.

“Caçar e comer começo quer”

Hoje: “Comer (ou trair) e coçar é só começar”.

“Cada ovelha com sua parelha”.

“Cada um chega a braza à sua sardinha”.

“Cam, que muito ladra, pouco morde”.

“Chega-te aos bons, seras hum delles”.

“Com agua passada nam moe o moinho”.

“Como me tangerem, assi bailarei”

Dançar conforme a música.

“Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se azinha [rapidamente]”.

“CUSPO PERA O CEO, CAY-ME NO ROSTO”.

“Dá Deos a roupa, segundo é o frio”.

“Dá Deos biscoito a quem nam tem dentes”.

“De bons propositos, está o inferno cheo, o ceo de boas obras”.

“De hora em hora, Deos melhora [faz melhorar]”.

“De noite os gattos todos sam pardos”.

“De pequinino se troçe o pepino”.

“Devagar vam ao longe”.

“Dize-me com quem andas, dirteei que manhas has”.

“Em bocca fechada, nam entra mosca”.

“Em casa de enforcado nam nomees o baraço [laço]”.

“Faze bem, nam cates [olhes] a quem”.

“Fazei vós o que bem digo e nam o que mal faço”.

“Filhos casados, cuidados dobrados”.

“Gatto a quem morde a cobra, tem medo à corda”.

“Gatto escaldado, da agua fria ha medo”.

“Gram e gram enche a galinha o papo”.

“Hahi [há] mal que vem por bem”.

“Hum pay pera cem filhos e nam cem filhos pera hum pay”.

“Huma andorinha nam faz veram”.

“Ir por lam e vir tosquiado”.

“Mais val hum passaro na mão, que dous, que vam voando”.

“Mais val que sobeie (sobre) que nam falte”.

“Mais val quem Deos ajuda, que quem muyto madruga”.

“Mais val só, que mal acompanhado”.

“Melhor é estar só, que mal acompanhado”.

“Mentiras de caçadores sam as mayores” (Hoje: “pescadores”).

“Na casa do homem pobre todos peleijam (brigam) e nam sabem de que e é porque nam tem que comer”.

Hoje: casa que não tem pão, todos brigam e ninguém tem razão

“Nam é o Demo tam feo como o pintam”.

“Nam é tudo ouro, o que reluz”.

“Nam há peyor surdo, que o que nam quer ouvir”. (Hoje: cego/ver)

“Nam passes o pé alem da mão”
Não dar passo maior do que a perna.

“Na terra dos cegos, o torto é Rey”.

“Nem diga, desta agoua nam beberei, nem deste pam nam comerei”.

“Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.

“O olho do amo engorda o cavallo”.

“O que se aprende no berço, sempre dura”.

“Onde fogo nam ha, fumo nam se levanta”.

“Prata é o bom fallar, ouro é o bom callar”.

“Preso por mil, preso por mil e quinhentos”
Hoje: “Perdido por um, perdido por dez”.

“Qual o pay, tal o filho, qual o filho, tal o pay”.

“Quando em casa não está o gatto, estende-se o rato”.

“Quando o ferro está acçendido, entam ha de ser batido”.

“Quem cala, consente”.

“Quem cõ caens se lança, com pulgas se levanta”
Hoje: “Quem dorme/brinca com criança/fogo...”.

“Quem diz o que quer, ouve o que nam quer”.

“Quem engana ao ladram, cem dias ganha de perdam”.

“Quem o feo ama, fermoso lhe parece”.

“Quem promette, deue”.

“Quem tem bocca vay a Roma”.

“Quem tem telhado de vidro, nam tire pedras ao do vizinho”.

“Rey morto, Rey posto”.

“Tirar a castanha do fogo com a mão do gatto”.

Camadas geológicas na linguagem

(v. 96, p. 28-29 outubro 2013)

A dinâmica própria da linguagem comum vai incorporando expressões novas – em geral, agudas tiradas, felizes metáforas ou humoradas formulações – que passam a integrar o falar cotidiano de milhões de usuários, porque caem como uma luva para atender às necessidades de comunicação.

Mas, com o passar do tempo, a metáfora ou a expressão fica, mas pode acontecer seu fato base seja esquecido ou se tornado obsoleto. Muitas expressões que hoje continuam vivas perderam completamente o contato com a realidade que as inspirou. E os falantes continuam usando-as de modo mais ou menos inconsciente e opaco. O esquecimento da etimologia é parte do jogo da linguagem – como faz notar Drummond nem reparamos que o imposto se chama imposto porque é uma coisa imposta (se fosse opcional, quem pagaria...?)

Em 1964, Roberto Carlos em “O calhambeque” cantava “Mandei meu Cadillac pro mecânico outro dia” e todos sabiam que o modelo Cadillac da época era um carro arrojado, de luxo e glamour, conversível e com traseiro chamativo (apelidado de “rabo de peixe”). E quando Rita de Cássio Coutinho assumiu o nome artístico Rita Cadillac o público entendia muito bem o porquê. Hoje, provavelmente os jovens devem imaginar que Cadillac seja o nome de família da Rita...

Não é de estranhar também que muitas de nossas expressões procedam de meio rural – a população rural só deixou de ser predominante no final dos anos 60 – e de épocas atrasadas de tecnologia.

Se nos anos 40, 70% dos brasileiros viviam em área rural; hoje, mal chegam a 15%. Muitas das expressões e metáforas surgidas naquela época (e antes) refletem as condições de então: da vida do campo, anterior à televisão, com o rádio pouco difundido, maiores índices de analfabetismo etc. E assim, por exemplo, gente que nunca ordenhou – ou talvez sequer tenha visto uma vaca de perto – diz tranquilamente que o técnico do time ou a equipe de fórmula 1 estão “escondendo o leite”, metáfora que não faz parte da vivência da imensa maioria de falantes urbanos de 2013.

Na obra de 1651, de Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, encontramos muitas expressões que usamos ainda hoje, embora sem vivenciar as situações que eram familiares para os falantes de então. É o caso, por exemplo de:

“confundir alhos com bugalhos” – quem em São Paulo já viu bugalhos?

“estar cheio de nove horas” durante muitos séculos, sem iluminação elétrica etc., seguia-se o imperativo de Delicado: “Às nove, deita-te e dorme”, tornado a proximidade das nove um limite para qualquer atividade (a visita que diz: “devo ir, já são quase nove horas”)

primeira aparição (ao contrário da energia elétrica) já esteve associada a morte e destruição.

Pode ser uma interessante proposta em sala de aula, os professores discutirem a etimologia e as camadas geológicas de nossa linguagem.

Mostrar escondendo

(v. 95, p. 24-26 setembro 2013)

Um dos mais intrigantes fatos semânticos da língua árabe é a metátese, transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, rapto, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador/desonra.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto” e “Datena” imediatamente associado a “detona”.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, teríamos no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. e ampliar-se-ia muito o número de metáteses: troca, treco, torce, recato, retaco, cáтары etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual. O que não impede que se busquem surpreendentes tiradas como Clint Eastwood / Old West Action e versos jogando com tálamo / túmulo ou filas, vilas, favelas etc.

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r! Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no alferes Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvissaras: *al-besharah*).

Essa introdução sobre as metáteses árabes é para discutir um caso incrível e de especial importância em torno da palavra para metáfora: o radical m-th-l.

Primeiramente, é necessário destacar outro ponto em que as línguas semitas divergem das ocidentais: o pensamento confundente (Ortega), isto é, o acúmulo numa única palavra árabe de significados que nós distinguimos em diversas palavras.

Mathal em árabe (ou seu exato correspondente em hebraico *mashal*; pl.: *amthal* e *mashalim* resp.) é uma dessas palavras “confundentes”. Assim, se quisermos cobrir o campo semântico em torno do radical tri-consonantal *m-th-l*, encontraremos: metáfora, provérbio, parábola, comparação, exemplo, modelo, ditado, adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, imagem, ideal, escultura, esgarçamento, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica, etc.

Amthal (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo

“próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

E quando o grande poeta Omar Khayyam, em suas *Rubayat*, transbordantes de pensamento metafórico, resolve falar de “modo direto” sobre a condição humana e chega a advertir que não vai se valer de *amthal*..., imediatamente tem uma recaída:

Para falar claramente e sem metáforas (!?)
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu
Que brinca conosco no tabuleiro do ser
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do
Nada.

Para efeitos deste estudo, retenhamos de *mathal* o significado central de metáfora. Os dois exemplos acima já insinuam duas paradoxais funções da metáfora: velar e revelar; esconder e mostrar: em Khayyam, ocultar; em Cristo, mostrar. Mas, mesmo revelando, as parábolas de Cristo servem para ocultar e Ele mesmo diz: “Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não vêem, e ouvindo, não compreendem!”, cumprindo assim a profecia de Isaías: ‘Ouvireis e não compreendereis’” (Mt 13, 13).

Incrivelmente, essa paradoxal dualidade da metáfora expressa-se em duas metáteses de *M-th-l*: Th-L-M, “fazer uma abertura”, brecha que permite ver e L-Th-M, “velar,

encobrir”. Como o turbante (*al-muLaThaM*) que encobre o rosto dos militantes.

Evidentemente, no ensino e em toda comunicação valemo-nos constantemente de metáforas (e comparações etc.): elas permitem a compreensão rápida e vigorosa de uma situação abstrata: a dificuldade, digamos, de uma empresa em crise é trazida para o concreto pela metáfora da sinuca ou da sinuca de bico; ou pela genial metáfora tupi “pinda-íba” (*anzol-estragado*). É o lado revelador da metáfora, que, como dissemos, também pode esconder.

Essa dialética esconde-revela torna-se particularmente importante – no Alcorão, na Bíblia e na mentalidade medieval – quando referida a nosso discurso sobre Deus: nossa linguagem humana, formada no sensível, derrapa e é incapaz de falar com propriedade sobre o divino. Daí a necessidade de metáforas.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas e comparações na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que ocultam a verdade. E responde: “O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve, mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação ascender a seu sentido superior...” E diz que, mesmo para aqueles a quem as parábolas permaneciam veladas – porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido

profundo –, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados deles” (III, 42, 3).

Também no Alcorão é muito claro o duplo caráter das metáforas: revelar / esconder. Allah vale-se de metáforas para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “Allah propõe metaforicamente: E assim explicamos detalhadamente os sinais aos que raciocinam”; mas também para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031: “Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor metaforicamente?’”

E em 2, 26 encontramos: “Allah não se envergonha de falar metaforicamente, mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não crêem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo metaforicamente?’. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.”

Para o Alcorão, para a Bíblia e para a mentalidade religiosa antiga e medieval as coisas do mundo são metáforas, sinais de Deus: as coisas não são só o que são; são, antes de tudo pistas para a compreensão da fala de Deus: como enigmas a serem decifrados. O mundo é visto como alegoria.

Explicando o que é alegoria, diz Agostinho: “Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (I Cor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan

2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria” (En. 103, 13).

Nesse quadro, criadas pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e as verdades eternas, como se diz nos famosos versos - *PL* 210:579 - atribuídos a Alain de Lille:

Omnis mundi creatura (Do mundo, toda criatura)
Quasi liber et pictura (Como livro e pintura)
Nobis est speculum. (É um espelho para nós)
Nostrae vitae, nostrae mortis (De nossa vida e morte)
Nostrae status, nostrae sortis (De nosso estado e destino)
Fidele signaculum (Um sinal confiável)

Comprendemos assim uma das razões para o imenso cultivo de enigmas e adivinhas na Idade Média: são como que um modelo da fé e do conhecimento da verdade religiosa (cf. <http://www.hottopos.com/notand18/enigmas.pdf>). Referindo-se às verdades de Deus, São Paulo as equipara a enigmas.

O Apóstolo diz na I Epístola aos Coríntios (13, 12) que atualmente vemos confusamente como em um *enigma*, mas que um dia, as veremos com clareza: tal como acontece, quando se resolve uma adivinha.

Assim, metáforas (& cia.) brincam de esconde-esconde (ou esconde-revela) com nossa compreensão do mundo, do homem e de Deus. E o próprio Jesus, como Verbo Encarnado, é Ele mesmo, um *mathal*: muitos não viam nEle senão um mero homem, o “filho do carpinteiro”.

A arqueologia é dona da bola

(v. 92, p. 20-21 junho 2013)

Quando se importa uma realidade cultural, importa-se também, em alguma medida, o léxico próprio dessa realidade. Com o passar do tempo, ocorrem ajustes e o vernáculo vai ganhando espaço. Um exemplo: o jogo de xadrez chegou ao Ocidente medieval por mediação dos árabes, que o tomaram dos persas, e até hoje há reminiscências dessas origens em nomes de peças e lances em nossas línguas: como o espanhol para bispo, *alfil* (*al-fil* - o elefante); o inglês para torre (*rook*) ou o nosso lance do roque (*rukhh* - torre); o xeque, que visa o rei (*shah*) ou o “mata” (xeque-mate) etc.

E em nossa linguagem da informática, há muitas palavras importadas do inglês (*mouse*, *link*, *site*, *software*, *hardware* etc.); outras já encontraram sua forma vernácula como “programa” ou “disco”; e, em alguns casos, convivem as duas formas: a original e a traduzida: download / baixar, deletar / apagar etc.

No começo do século passado, o futebol era uma realidade importada e se hoje o próprio presidente da Fifa proclama, como realidade evidente, que o Brasil é o país do futebol; naquela época, Graciliano Ramos escrevia a famigerada crônica na qual afirmava que o futebol era moda passageira, não assimilável pelo brasileiro...

Mesmo sendo paixão nacional, persistem, ainda hoje, alguns termos de origem inglesa, como o próprio nome futebol, pênalti, drible, gol, chute, time, craque (desde sempre utilizadíssimo no turfe, outrora muito popular, tardiamente, só na década de 40, começa a se aplicar ao futebol) etc. Minha geração ainda pegou o tempo em que os anglicismos eram mais numerosos: falava-se em *goal-keeper* (goleiro), *corner* (escanteio), *offside* (impedimento) etc. Mas nos primeiros tempos entre nós do “esporte bretão” (como diz o hino do Corinthians), a presença de termos ingleses era absolutamente dominante.

Uma amostra interessante desse fenômeno de linguagem é o relato de um “*match*”, recolhido quase ao acaso do acervo do Estádio, do dia 22 de abril de 1910, p. 5.

Foot-ball

Segundo match de selecção – Ypiranga vencedor por 5 goals a 2

Realizou-se hontem, como fora anunciado, o segundo match de selecção, entre o Ypiranga e a “A. A. Villa Buarque”.

Os teams apresentaram-se bem treinados porém faltando ainda aos seus jogadores a necessária calma para se manterem nos seus postos até o fim da luta.

Note-se que, à época, grafava-se *foot-ball* (só a partir de 1920, o Estádio passaria a grafar também futebol, sem abandonar o *foot-ball*), *goal* (que receberia, poucos anos

depois, o sinônimo nacional, hoje em desuso: tento) e *team* (que convivia com o nacional *equipe*). E o inglês *match*, convivendo com *partida*.

É interessante observar que “partida” originou-se no xadrez: já no tratado de D. Alfonso (séc. XIII) o problema de xadrez é chamado *jocus partitus* (jogo partido), ou *juego de partido*, indicando que se trata de uma partição daquilo que seria um jogo completo, o qual acabou por ser chamado também de *partida*! O termo passou para outros jogos e fala-se, p. ex., em partida de futebol! E referir-se à partida como luta é algo que se projeta ainda em 1949, no hino do Palmeiras (Quando surge o alviverde imponente. No gramado em que a luta o aguarda...). O artigo continua. Para que os jogadores se mantenham em seus postos e não fiquem “amontoando-se todos sobre a bola” é necessária a ação do *captain*:

a intervenção energética de um *captain*, que obrigue seus jogadores a guardar suas posições (...) [possibilitando] os passes, que constituem o encanto deste salutar sport britannico.

A seguir, o cronista passa a falar do público, dividindo “as archibancadas em dois grupos. De um lado os ‘torcedores’ do ‘Villa’...”.

[**Uma descoberta revolucionária.** Chamo a atenção para os parágrafos seguintes, nos quais menciono a interpretação, unanimemente aceita até 2016, da origem da aplicação de “torcedor” ao torcedor de um clube, quando em meu artigo “Reavaliando a fraseologia I – a origem das expressões: ‘torcedor’ (...)” (www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf) revelei a origem verdadeira da expressão, muito mais antiga e que aparecerá como **Apêndice** a este estudo. Após o referido artigo, o site do Fluminense retirou a página em que (falsamente) se gabava de estar ligado ao surgimento do termo (Coelho Netto etc.)]

É interessante notar que já em 1910 emprega-se a palavra “torcedor”; as aspas são provavelmente para indicar a procedência oculta desse termo.

Recolho do site oficial do Fluminense, a versão mais conhecida da etimologia de torcedor de esportes: “É claro que sendo o Fluminense o clube da sociedade carioca, a presença feminina nos jogos era uma constante. O escritor Coelho Netto, pai do grande atleta tricolor Preguinho e seguidor apaixonado do Fluminense, também era figura obrigatória nos gramados. Pois foi esse importante personagem, o responsável pela criação do termo ‘torcida’, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube.

Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor.

Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de ‘torcedoras’. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística.” (www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos).

Esse relato é plausível: torcer as luvas é clássico gesto de impaciência, ansiedade ou espera (como por exemplo em “A ilustre casa de Ramires” de Eça); “torcedor” aparece pela primeira vez no Estadão em 1906 (o Fluminense foi fundado em 1902).

No primeiro gol do Ypiranga, uma pixotada do goleiro (termo que o Estadão só virá a empregar em 1931), a decisão do juiz (o artigo emprega também *referee*) causou polêmica:

Britto, goal-keeper do “Villa Buarque”..., parara um shot do team adversário sob a trave do goal. Perseguido por um forward contrario, e tendo a bola nas mãos, arremessou-a para longe, porém, como se achava sobre a linha, ao fazer o movimento com o braço, para traz, afim de atirar a bola, passou a por dentro do goal...

APÊNDICE (a este artigo)

A verdadeira origem de “torcer”, “torcedores”, torcida¹⁸⁸

Uma das histórias unanimemente aceitas – mas, como veremos, incorreta – sobre origem de expressões é a respeito das palavras: torcer, torcedor e torcida. Um resumo dessa versão – na qual eu mesmo, com as devidas reservas, aceitei no passado – nos vem da mão do grande jornalista Juca Kfoury:

Na origem, quando o futebol era da elite brasileira, a torcedora surgiu antes do torcedor, porque eram as mulheres que tiravam suas luvas e as torciam de nervosas, para não roer as unhas. Quando não eram as luvas, eram os lenços, muitas vezes fornecidos pelos cavalheiros que as acompanhavam aos estádios. Teria sido o escritor e poeta Coelho Neto, pai de dois jogadores do Fluminense – um deles, Preguinho, o autor do primeiro gol brasileiro

¹⁸⁸. **Nota a este Anexo:** Reproduzo aqui (com ligeiras modificações) a parte correspondente do estudo mais completo, publicado em 2016 na Revista Internacional d’Humanitats: <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf> (acesso em 14-4-2020). Após esse artigo desmascarar a lenda de que foi Coelho Neto quem criou a palavra torcedor(a) para designar as do Fluminense, o tricolor das Laranjeiras discretamente suprimiu essa história apócrifa de seu site oficial, mas mantenho a referência, pois diversos outros sites na Internet ainda a citam. É o caso da “Página Oficial Ser Fluminense” do Facebook. (<https://www.facebook.com/photo?fbid=638020396260245&set=ol%C3%A1-guerreiros-e-guerreirasna-estreia-do-quadro-n%C3%B3s-somos-a-hist%C3%B3ria-contaremos-> . Acesso em 14-04-20)

numa Copa do Mundo, em 1930 –, quem primeiro usou o termo para descrever a aflição de torcedoras. (Folha de São Paulo, 9-2-2014 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/151458-torcedor.shtml>. Acesso em 14-04-20)

Sem as cautelas acadêmicas, o site do Fluminense apresenta(va) a história como absoluta:

Como surgiu o termo “torcida”?

Pois foi esse importante personagem [Coelho Netto], o responsável pela criação do termo “torcida”, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Netto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor [?]. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de “torcedoras”. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino. (...). Como disse o grande músico erudito brasileiro Arthur Moreira Lima “Assim como o primeiro homem era Adão, o primeiro torcedor era Fluminense”.

(www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos/ - a página atualmente extinta)

O futebol chegou ao Brasil em 1895, o Fluminense foi fundado em 1902 e só em 1919 foi inaugurado seu estádio (o primeiro do Brasil) e a tal crônica de Coelho Netto seria de, suponhamos, em torno de 1915 (apesar de serem inúmeros os sites que a mencionam, nunca a vi citada literalmente, nem a indicação precisa de em qual jornal teria sido publicada!).

O fato é que muito antes disso, a imprensa já registra o uso de “torcer” (e até “torcedor”) no sentido que lhe damos hoje: querer vivamente ou manifestar predileção e desejar a vitória por um cavalo na corrida etc.

Assim, o “Jornal do Brasil”, de 25-02-1905, ao contar a história de um Feitosa, que secretamente, querendo economizar na passagem, tenta convencer as filhas de que é melhor a família ir ao teatro de bonde e não de trem, alegando que o bonde é mais fresco, que o bonde “vae num instante” etc., o autor conclui:

(E o Feitosa) fica torcendo para que o *bond* a vir seja um 2^a. classe, que então o negócio fica em 200 réis por pessoa.

Em “O Malho”, de 2 de julho de 1904, lemos que a concorrência “está torcendo” para que se interrompam as obras do “Theatro São Paulo”.

Em 1910, no clima de pânico pela passagem do cometa Halley (que, segundo o boato, iria envenenar todo o planeta), a página de humor (“- Estou torcendo para que todos desapareçam e fique só eu para negociar. – Com quem?...”):



Seja como for, é inegável o destacado prestígio do Fluminense (e de suas aristocratas torcedoras) na época em que “torcer” já era amplamente aplicado aos times de futebol. Assim, “O Paiz”, de 27-06-1907, comentando um jogo do Internacional de Santos na coluna de “Foot Ball”, fala de “lances comoventes, surpresas emocionantes, passagens abruptas e violentas tão gratas aos ‘torcedores’”.

Mas, como dizíamos, o uso de “torcer” é muito mais antigo e mesmo anterior ao futebol no Brasil.

Na seção “Factos e Boatos” de “O Carbonário” de 3-9-1888, lê-se que determinada atriz está de viagem para Paris e quer levar seu “typographo mascate” (?) para exhibi-lo por lá, “o typo porém está torcendo para não ir junto (...)”.

E em “O Paiz” (“a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul”), de 9 de junho de 1894, encontramos uma preciosida de: um artigo completo, assinado por J. Guerra (pseudônimo de Urbano Duarte de Oliveira, membro fundador da ABL) na seção “Humorismos”, sobre o torcer e o torcedor, de genial sagacidade:

HUMORISMOS.

Estou torcendo! É locução pittoresca, inventada pelo Manoel Joguinho e hoje generalizada (...).

Um amator de corridas *torce* para o seu cavallo vencer, embora elle venha em 4°. ou 5°. logar. O frequentador de frontões *torce* afim de que o pelotar em que apostou ganhe a quiniela. O comprador de bilhetes da loteria *torce* para que a machina Fichet componha o seu numero.

A moça solteira *torce, torce*, até que certo rapaz louro a namore.

No bond, aquele sujeito que senta no ultimo banco *torce, torce*, até que a bella visinha da frente lhe lance uma olhadela...

Todos vivemos sempre a *torcer*, no intuito de conseguirmos qualquer coisa.

E a graça é que às vezes essas *torcidelas*, desprendendo certo fluido magnetico

mysterioso, attrahem a sorte propicia e debellam o azar.

Conheço um *sportsman* que obtem constantemente lucro em corridas. Perguntei-lhe qual o segredo da sua felicidade.

Redarguiu-mo convictamente: – Torcendo!

Effectivamente! Já tem a cara torcida, o corpo enviezado, os olhos vesgos, de tanto *torcer*. Não é um homem e sim uma torcida. Mas ganha dinheiro, garanto-lhes!

Tentando imital-o representei triste figura, sem colher resultado algum. O animal em que apostei saiu e chegou em ultimo lugar, apesar das gatimanhas que fiz. Gemia, espremia, rosnava, retorcia-me, tocava realejo, puchava corda, fechava um olho, zarolhava o outro – nada! O burro sempre firme na bagagem.

Queixei-me ao *torcedor*.

– Ora! – exclamma elle. Você não sabe *torcer*!... Pensa que isto é escrevinhar em jornal. Coisa muito séria!

– Ah! Nesse caso peço-lhe que me ensine...

– Questão de fé... e fé não se ensina. É preciso saber *torcer* por dentro... – Por dentro ?!

– Sim! Por dentro! Nas entranhas, nas dobradinhas!

– Vou experimentar!

No pareo seguinte *torci por dentro*, e o meu cavallo ganhou, depois de passar pelos quatro da frente!

Palavra de honra!

Estou agora *torcendo* para que o amigo F. A. me faça presente de um dicionário Larousse. Se se realizar a coisa, passo a escrever um tratado sobre a nova ciência oculta da *Torcida*, mais importante e proveitosa do que o hypnotismo.

[o autor muda de assunto e passa a falar dos milionários americanos] Todos nós os furrécas da vida temos inveja dos sujeitos opulentos (...)

Note-se que não há referência a (torcer) luvas ou bigodes etc., mas sendo locução de evidência visível (“pittoresca”), refere-se a um extremo de fé, que leva a **torcer a si mesmo** (não só cara, corpo, olhos, mas torcer por dentro e até as entranhas – lembrando sempre que **tortura** é etimologicamente “ação de torcer”).

Penetrando agudamente no sentir do povo e das torcidas, confere uma eficácia mágica ao torcer: atrair a sorte para si e “zicar” o adversário.

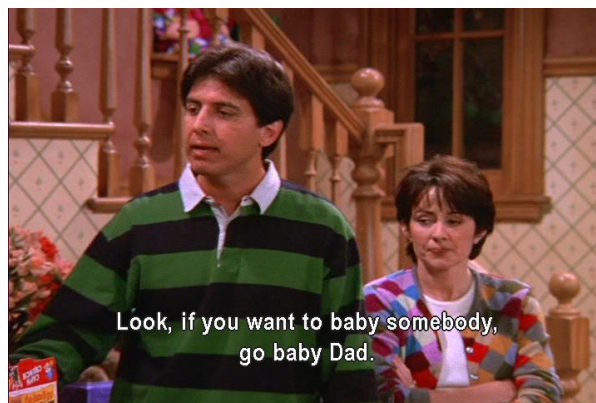
“Excelenciou” na grande área

(v. 89, p. 22-24 março 2013)

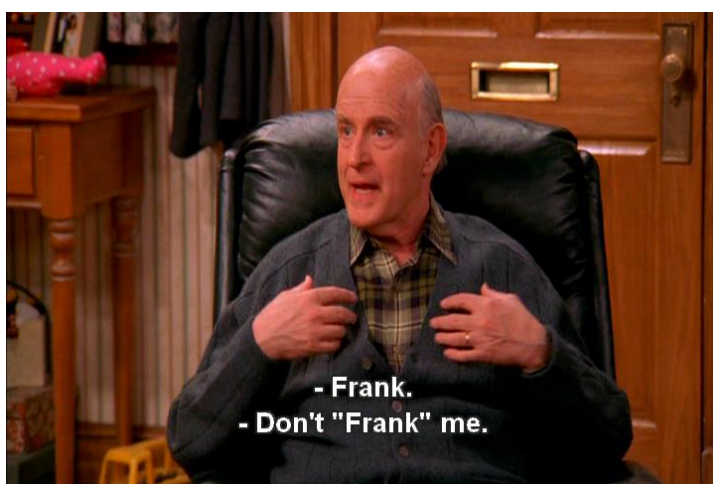
Uma notável qualidade da língua inglesa é o fato de o substantivo ser também já quase automaticamente um verbo. Enquanto o português tem de dizer: “Eu vou pôr isto no microondas”, o inglês diz simplesmente: “I’ll microwave it” (claro que entre nós não cabe: “Vou microondá-lo”).

Mais um par de exemplos, tomados da conhecida série de TV *Everybody Loves Raymond*, boa amostra do falar real quotidiano.

No episódio 7 da temporada I (“Your place or mine?”), Raymond cansado da intromissão em sua vida da super protetora e cuidadora mãe, Marie, diz que se ela quiser “bebezar” alguém (tratar alguém como criança, mimar com cuidados), que “bebeze” Frank, seu marido...: “Look, if you want to baby somebody, go baby Dad”.



E no episódio 23 da temporada IV (“Confronting the attacker”), quando Marie começa a ameaçar Frank, chamando-o com a prosódia típica do vocativo de repreensão (Fraank...!), o marido responde com o inusitado verbo “to Frank”: “Não me **frankize**”, “Don’t Frank me”.



Como tantas outras influências do inglês, esse fato gramatical já vai tendo adeptos no Brasil. Por exemplo, a Folha e o Estadão (timidamente) começam a empregar o neologismo “medalhar” (no sentido de conquistar medalhas: “Fulano não medalhou nas Olimpíadas”).

Nossas dificuldades com as ações verbais são por vezes supridas por gírias ou novos usos de velhos verbos. Se podemos dizer tranquilamente que o goleiro Cássio foi excelente na final contra o Chelsea; no plano verbal já não é tão fácil: não existe o verbo “excelenciar” e temos que recorrer a formas menos eruditas como: “arrasou”,

“detonou”, “apavorou” etc. Já “Tiger Woods excelled” encontra-se aos milhares na imprensa.

Para significar excelência, há alguns anos vem sendo usado, com um novo sentido ainda não dicionarizado, o verbo “sobrar”: a manchete do Terra Esportes, no glorioso dia 16/12/12, foi precisamente: “Cássio sobrou na área corintiana nas bolas aéreas”. Até o vetusto Estadão o emprega, parcimoniosamente, em seu caderno de Esportes. Muito mais usado é outro novo sentido de “sobrar”: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (Houaiss), ainda não contemplado pelo Aurélio. Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (Folha, 3-11-12): “Não podem condenar apenas os mequetrefes. Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos. Lula era o chefe”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. De fato, o conceito grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para S. Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum potentiae*, nada menos do que o máximo do que se pode ser. Daí a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heróicas e operam milagres, sejam canonizados, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, a partir de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, ao exímio cobrador de faltas Marcos Assunção, um autêntico virtuose (claro que ele não converte todas, afinal sempre pode haver um São Cássio do outro lado).

Mas o que dizer daqueles especiais gols do Neymar ou do (absolutamente incrível) gol do Falcão em 18/12/12 no jogo das estrelas do Futsal (o vídeo no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=1SGo4RC1FNM> beirou os 4 milhões de acessos em 4 dias): uma indescritível carretilha de costas... os comentaristas hesitam até em dar-lhe um nome, talvez porque duvidem que se possa repetir.

O site de esportes internacional Sportygossip diz: “Falcao has exceeded himself with this unbelievable goal”. Não é meramente exímio: excedeu, sobrou.

E com isto viemos dar com uma importante nota do conceito árabe da palavra virtude: *fḍl* (faḍylah).

Como se sabe, na língua árabe as palavras são expressas fundamentalmente por radicais triconsonantais, no caso f-ḍ-l, e costumam ser muito mais confundentes do que as “correspondentes” ocidentais. Um exemplo de pensamento confundente dá-se com o nosso “dever”, que o inglês diferencia em cerca de meia-dúzia de distinções. Assim, no outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “*devo*”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse

“devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei “devo ir”, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

Assim, em torno de *fđl* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para eles tão conatural como o nosso “devo ir”, permite sugestivas situações. Como no caso de um pedido qualquer: “por favor” em árabe é precisamente: *min faḍlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num happy hour *sobra* um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “Al-*faḍli* lil *faḍyl*” – o que sobra é para o virtuoso (/transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... – *fđl* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua transbordância”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a

maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

Sujeito indeterminado

(v. 85, p. 26-28 novembro 2012)

No falar coloquial brasileiro – permeado de afetividade, eufemismos e pessoalidade –, diversas palavras geralmente usadas para indicar indeterminação do sujeito nem sempre cumprem essa função; ao sabor do contexto, por vezes restringem ou mesmo suprimem a indeterminação e acrescentam sutis aspectos novos à comunicação, transitando do genérico ao pessoal e vice-versa.

Começemos pela palavra *cara* (como veremos, super ampla, mas preferentemente referindo-se a homens). À primeira vista, esgota-se no verbete do *Houaiss*: “Indivíduo qualquer; sujeito, pessoa”. Ou na do *Aurélio*: “Pessoa que não se conhece. Indivíduo; sujeito.” Mas, as surpresas logo surgem, a primeira delas é a apontada por ambos os dicionários: salta-se do indeterminado “pessoa que não se conhece” para “forma de tratamento com familiaridade” (*Aurélio*) e “interlocutório pessoal” (*Houaiss*): “Cara, com você eu posso me abrir...”. E buscas no Google (25-05-12) de “Cara, eu te amo” e “Eu te amo, cara”, somadas superaram um milhão de resultados!

Cara, pode também referir-se ao próprio falante, deliberando com seus botões, falando consigo mesmo; como em: “Não costumo dar esmola, mas ao ver aquela miséria, eu disse: ‘Cara, vou dar um dinheiro’”.

As contradições se sucedem: *cara* tem um lado pejorativo, de tirar solenidade e importância a pomposas autoridades e trazê-las de volta ao mundo dos humanos comuns, como no caso da adolescente da publicidade: “Eu

leio o Estadão porque o cara que prepara o vestibular também lê”. Na Idade Média, se os cardeais demoravam (em ocasiões, meses) para eleger um novo Papa, deixavam os caras a pão e água para que o Espírito Santo os iluminasse... Por outro lado, cara é o autor de proezas: “O cara é o único brasileiro profissional de beisebol nos Estados Unidos”. E “o cara” é o melhor, o cara que vai e resolve! Neymar é o cara.

Mas “cara” é também o protagonista de casos exóticos, esquisitos, inusitados, como digamos: “Meu, o cara come cachorro quente com chantilly!” ou “O cara é capaz de beber uma latinha de cerveja de um gole só”. Mas, mesmo nesses casos, a linguagem escurra do Jornal Nacional se recusa a empregar esse vocábulo, mesmo em situações nas quais ele seria o mais indicado. A edição de 27-04-12, apresentou uma matéria sobre um inglês falsificador de pintores célebres, que, após um ano de cadeia, regenerou-se e hoje o cara ganha muito mais vendendo legalmente suas cópias de quadros famosos. Qualquer brasileiro que relatasse esse fato diria “cara”, mas William Bonner optou pelo correspondente menos vulgar e um tanto antiquado, “sujeito” (para não retroceder ao arcaico “camarada”): “Marcos Losekann traz o caso de um sujeito...”. Buscando no Google (26-05-12) “esse sujeito” temos 320.000 resultados; 3,5% dos 8.800.000 de “esse cara”!

Cara é usado também para o caso padrão, o um qualquer, o *uno* do espanhol: “O cara para ir daqui até o Rio paga R\$ 42,00 de pedágio”

O diminutivo “carinha” (/ nego ou neguinho) cabe melhor em situações desfavoráveis: “O ônibus estava tão

cheio, que tinha carinha saindo pela janela”; “Rolou tanta cachaça, que tinha carinha vomitando direto”. Também em casos de pretensão descabida de um “sujeitinho metido”: “O carinha errou todas e continuava se achando o Messi”. Ou outras más qualidades: sujeitinho/carinha atrevido, egoísta, mal educado, nojento etc.

Sendo “cara” muito amplo, em algumas ocasiões restringimos para indeterminados menos indeterminados: “os homens” (ou “os home”, “os homi”), para o adversário do futebol: “Putz, gol dos home!”; para a polícia, fiscais do rapa etc. Já no jargão da polícia, o indeterminado para marginais ou suspeitos é “o elemento”. Menos ofensivo, mas ainda no negativo, está “o indivíduo”: “Basta você parar num semáforo e já vem um indivíduo pedir” ou “Estacionamos e aí já apareceu um indivíduo oferecendo-se para tomar conta do carro”. Mais neutro, cabe também “um fulano” (com as devidas variações em fulana, fulaninho, fulaninha): “Eu estava andando no centro e vi um fulano sendo assaltado”. Já “mulher”, como vocativo, pode expressar a visão (talvez preconceituosa) do homem que se dirige à companheira: “Presta atenção e dirige direito, mulher!”. Ou: “Dá para parar com esse ciúme histérico, mulher!”. Outros vocativos convocam a assumir a postura própria da classe, torcida, partido, corporação: “Que que é isso, companheiro?” (militante trotskista tomando Coca-Cola!); “Atitude, mano!” (Gavião tem que sair na porrada com a Mancha) etc.

Muito usado antigamente era “o cristão”, em casos que requeriam virtudes como a paciência: “Não há cristão que aguente”.

Para o brasileiro, campeão de eufemismo, “moço”, e especialmente o feminino, “moça” ou “menina” (com quase 50 anos de carreira, ainda hoje só se fala em “as meninas” do Quarteto em Cy), pode designar uma pessoa qualquer, não necessariamente jovem... Ou algum serviçal: “Ih, a bateria arriou, minha neta, sobe e chama o moço da portaria”. Ou o mais formal, já em desuso: “Um cavalheiro deixou este envelope para você”.

Indeterminado, designando um qualquer, está também “o cidadão”: “Já pedi mil vezes para me tirar da lista, mas o cidadão continua me enviando e-mails de publicidade”.

Para tirar o foco do eu, o que poderia parecer interesseiro, pode-se usar o indeterminado “os outros”, mas aplicado a si mesmo, com a aparência de reivindicar uma justiça geral. Assim, diz o marido que dá um tranco no fulano que estava mexendo com sua esposa: “Isso é para você aprender a se engraçar com a mulher dos outros” (nada pessoal...). Ou a Mariazinha, queixando-se para a “tia”, do Joãozinho, da carteira de trás: “Professora, o Joãozinho está dando tapa na orelha dos outros”. Ou com aspecto ainda mais genérico, mas determinadíssimo: “Professora, tem gente dando tapa na orelha dos outros”. Se “tia” é mais a professora, “tiozinho” é o “senhor de idade”, mais para pejorativo, o antigo véinho. “Filho” ou “filha” não se limitam aos descendentes de seus genitores, mas podem ser dirigidos a alunos (“Filha, muda de lugar ou eu vou ter que pedir para você entregar sua prova já!”), clientes jovens etc. Já “velho” pode ser usado para o pai: o próprio ou o do interlocutor: “E aí, seu velho já liberou o sítio? O meu, já me deu a chave do carro.” Pode ser também forma de tratamento de

camaradagem, dado mesmo a quem não seja idoso: “Barbaridade, velho: a média da prova da nossa turma foi 4,0!”

Nessa mesma dialética, tão a gosto do brasileiro, estão outros nossos usos do impessoal que se torna pessoal: se o francês diz *on* (“*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*”), no falar daqui prevalece o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que fala: “Na Espanha, você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se também em nossos usos da palavra “gente”. Na Espanha, “*la gente*” indica a pluralidade genérica; no português esse uso (como no Hino da Independência “Brava gente brasileira...” ou em Camões: “A grita se alevanta ao céu, da gente”) dá lugar a outro, carregado de sentido pessoal, como no vocativo, que evoca incredulidade, ante a falta de virtude humana: “Gente! Que crueldade fizeram com a criança!”, no qual cabe o recurso ao transcendente para corroborar o espanto: “Gente do céu!”. A pluralidade anônima de “*la gente*” é pessoalizada em “minha gente”; na ocupação do lugar dos pronomes de 1ª pessoa: “eu” (como na queixa do motorista da madame: “Pôxa, a gente se esforça para agradar e a patroa ainda reclama da gente”); “nós outros” (“Por que não vem jantar com a gente?”) e “nós todos” (“Bem que a gente podia se reunir mais”). E, aparentemente no sentido contrário, o tratamento pessoal por formas genéricas, neutras, que parecem ampliar a dignidade ou o âmbito do interlocutor: “E aí, chefia, ...” (chefia é mais geral, mais amplo, mais indeterminado do que o concreto “chefe”); “Ô, malandragem, vê aí mais um misto quente...”; “Firme aí, simpatia?”, “Vai com calma, amizade!”. Etc.

E mesmo o genericíssimo “a pessoa”, pode indicar simplesmente “eu”, como nos inesquecíveis esquetes de Maria Clara Gueiros e Nelson Freitas: Márcia e o corno Leozinho do Zorra Total. O esquema era fixo: ela, flagrada em evidente situação de oferecer-se a outros homens, acabava convencendo o marido (“Contornei...”) de que tudo não passava de um mal-entendido: “Não, meu amor, você entendeu mal... Os peões da obra estavam comprimidos em volta de mim porque era um piquete e eu estava ajudando as reivindicações deles. Pôxa, *a pessoa* não pode lutar por justiça social que já é mal interpretada”.

Já “pessoinha” presta-se a ser o modo afetivo de referir-se a fofas crianças, bebês (mesmo ainda os nascituros) ou até animais: “Não chama a Sissi de cachorro, ela não sabe que é cachorro; ela pensa que ela é uma pessoinha”.

Para finalizar, imagine a perplexidade de um turista japonês ou suíço ouvindo um típico telefonema comercial (digamos, da Florêncio de Abreu ou da Sta. Efigênia) em que se misturam formas adocicadas de tratamento com palavrões. O Chicão, da loja de ferramentas, fala com Mendonça, seu fornecedor: “... Já sei, meu querido, mas o pedido veio errado, car%\$#@! Eu tinha encomendado cinco grosas do sextavado e vocês me mandaram do outro... Não, meu bem, eu só preciso do hexagonal: sextavado, porra!... Você me troca ainda hoje? Tá obrigado, abração, meu querido”.

Difícil é fazer a gringalhada entender essas e outras sutilezas de nossa língua; afinal, pelo menos algum requinte o brazuca tinha que ter.

É grande pra caramba

(v. 83, p. 36-38 setembro 2012)

O gosto brasileiro por intensivos e hiperbolizantes acaba gerando uma enorme gama de formas para expressar essa exagerada demanda de sinônimos. E no falar do povão, a preferência é para formas agressivamente expressivas, para o chulo em lugar das comportadas: grande, muito, intenso, enorme, extremamente etc.

A gíria vai se encarregando de criar novas expressões, embora mantenha as “clássicas”. Ligadas a palavrões (disfarçados ou não), duas, são de longe as mais usadas: “puta” (ou na versão família: “baita”) como adjetivo e “prá car*%\$#” (em versão atenuada: “prá caramba”). Para avaliar a popularidade de cada uma das diversas expressões, iremos, ao longo deste artigo, registrando, quando possível, o número de incidências no Google (em 10-07-12), abreviando por Gg, seguido do número de sites em cada caso.

De “puta”, diz o Aurélio:

3. Bras. Chulo Excepcional, excelente: *Eles fizeram um puta show; Ela era uma puta médica.*

4. Muito forte: *Recebeu dois puta(s) socos; Estava fazendo um puta frio.*

5. Extremamente grande:
Compramos uma puta casa.

Estamos tão acostumados a essa expressão que já não questionamos o fato surpreendente de que um amigo em grau máximo deva ser um “puta amigo”; um show maravilhosamente impecável, “um puta show” etc. (“um puta”: Gg 890.000; “uma puta 3.920.000 – mas este caso inclui o “puta” substantivo”...).

Aurélio registra também o uso (“paradoxal”) de “filho da puta” como elogio de excelência: “O filho da puta é inteligente: estudou pouco e mesmo assim passou em primeiro lugar” (Aurélio). O uso é antigo e não exclusivamente nosso: já no Quixote, Sancho bebe da bota e exclama “-¡Oh hideputa bellaco, y cómo es católico!” E seu interlocutor: “-¿Veis ahí -dijo el del Bosque, en oyendo el hideputa de Sancho-, cómo habéis alabado este vino llamándole hideputa?”. E Sancho sentencia: “-Digo -respondió Sancho-, que confieso que conozco que no es deshonra llamar hijo de puta a nadie, cuando cae debajo del entendimiento de alabarle.”

A outra campeã nacional de uso – no gradiente de atenuação: caceta e caramba – é “prá car*%\$#” (Gg 2.540.000 + 80.500 de para car*%\$#; prá cacete 650.000; para cacete 19.000; prá caramba 2.810.000; para caramba 141.000). Um puta amigo é um amigo do c* ou amigo pra c*.

Certamente, já o recurso ao palavrão contribui para o impacto intensivo, precisamente pelo inusitado: imagine-se que utilizássemos a sinonímia sugerida por Houaiss e disséssemos que Fulano é um insigne ou ínclito amigo, um exímio jogador etc. Ou que a Embratel apresentasse Bruno

Mazzeo ou Maria Clara Gueiros exortando-nos: “Faz um 21 que está deveras barato”.

Se se trata de tornar visível o muito, o intenso de que se fala, compreende-se o recurso ao c* (que junta ao pênis o descomunal) e à puta, que, até por razões de marketing e ofício, precisa abundar, ostentar, exuberar. Assim, em ambos os casos, estamos diante de um grau máximo de uma escala concreta, visível e não abstrata como muito, grande etc. E são mais expressivos do que os congêneres (alguns já em desuso): à beça (Gg 217.000), prá burro, prá cachorro, pra chuchu (104.000), a rodo (276.000), milhões, às pampas (44.200), toda a vida, a boche, a mancheias, uma pá de, demais da conta (1.500.000), (chique) no *último* (75.000), prá danar (40.400), a/prá dar com pau (109.000 / 138.000), (para/prá) dar e vender (770.000), de baciada (12.300), de montão (754.000), do tamanho de um bonde (102), prá dedéu (1260), às pilhas, etc.

Naturalmente surge a pergunta: por que o “para” em prá car*%\$#, prá burro (Gg 208.000), prá cachorro (990.000) etc.? É claro e normalíssimo o uso de “para” em metáforas como: “dose para/prá elefante” (Gg 18.900 / 25.600), “dose para/prá leão” (Gg 31.800 / 33.800): “traduzir 30 páginas num dia é dose para leão”, “não aguento aquele chato: é dose para elefante”. Uma vez mais, em vez do abstrato “muito árduo ou tedioso” é muito mais expressivo evocar uma seringa de injeção de elefante. Ou a dor da ação contundente do pé sobre as partes mais sensíveis: “aquela aula foi um pé no saco”. Caberia também “pé para o saco”; não esqueçamos que há um “para” de proporcionalidade, consagrado na

linguagem matemática “três está para seis como quatro para oito”. Se preferirmos, a fórmula de equação:

$$\frac{\text{esta aula}}{\text{sensibilidade do aluno}} = \frac{x}{\text{saco}}$$

R.: $x = \text{pé}$

Esse “para” de proporção, adequação, aparece também quando dizemos, por exemplo: “Meu Deus, quarenta graus, está insuportável. Isso não é calor para São Paulo; isso é calor *para* Saara”. E entendemos o porquê de “prá burro” quando consideramos que o burro é usado como cargueiro, “burro de carga”, que assumiu o sentido figurado de “pessoa que recebe tarefa excessiva...” (Aurélio). Essa quantidade imensa é para burro. Do mesmo modo, o chuchu, cuja dadivosa colheita pode chegar a espantosas 145 toneladas por hectare (!), deu origem ao “prá chuchu”.

Antes de considerar a expressão “prá car*%\$#” (/ caramba, / cacete) notemos que, nesses casos, “para” equivale a “de” e “prá c...” a “do c...”. Dizer: “isto é calor para Saara” é dizer “isto é calor de Saara”. Cavalo de batalha é cavalo para batalha. Um céu tranquilo é “céu de brigadeiro”, ou seja, céu *para* brigadeiro (que, como chefe hierárquico, não vai se expor a riscos ou turbulências). Do mesmo modo, *king size* é o tamanho do rei, para o rei, adequado ao rei, proporcional à grandeza do rei... E a mulher muito bela é “de parar o trânsito”, bela para parar o trânsito ou mesmo para levar à morte, “linda de morrer” (expressão que, por superstições e tabus de gente influente na mídia, foi suplantada pela

inexpressiva “lindo de viver”). E, como disse, a ministra Gleise Hofmann, Dilma não é mulher para (/de) ceder a chantagens.

O car*%\$# aparece como concretização do grande do descomunal. Um célebre apócrifo – desses que circulam na Internet, “O direito ao palavrão” (atribuído a Millôr, Veríssimo etc.) – traz uma sutil e pertinente sugestão:

Qual expressão traduz melhor a ideia de muita quantidade do que “car*%\$#”? “Prá car*%\$#” tende ao infinito, é quase uma expressão matemática. A Via-Láctea tem estrelas prá car*%\$#, o Sol é quente prá car*%\$#.

Diante da inigualável excelência (o c* é a melhor representação do infinito), o “para” indica mera aproximação: “O Neymar está mais para Messi ou mais para Pelé?”. E a um referencial que tende ao infinito, só há avizinhação assintótica, daí o “para” brasileiro, que, na expressão em foco, melhora, refina o uso de Portugal, que prefere o “como”: “Isto é bom com’ó caralho” (cf. <http://pt.wiktionary.org/wiki/caralho>; ou <http://www.docspt.com/index.php?topic=4704.0>)

Também lida com medidas enormes a expressão “prá mais de metro” (Gg 417.000): “esse pênalti vai dar discussão para mais de metro”. Jogando com vários duplos sentidos, a Playboy fez uma célebre capa com Cláudia Colucci, a Cacau do BBB 10, mulher *para* macho nenhum botar defeito.

Para além de cumprimentos, tomam-se também referenciais no âmbito administrativo: não se trata da rua, bairro, município ou estado: “a garotada fez uma bagunça federal” (Aurélio), “passou-lhe uma descompostura federal”, ou também, evocando as cores da União: “se f* de verde e amarelo”.

Profusão de formas intensivas e hiperbolizantes, mas, de longe, a mais usada é prá car*%\$#, também ela uma expressão ‘muito foda’ (Gg 2.680.000), ‘da porra’ (1.680.000)... do car*%\$#.

No princípio era a Bíblia

(v. 81, p. 24-28 julho 2012)

Quais são os grandes referenciais de comunicação comuns a todos os brasileiros? Ao contrário de outros países e épocas, não temos clássicos que todos tenham lido; nem riquíssimos repertórios de provérbios, que, no Oriente, são conhecidos por qualquer criança. Não são patrimônio de todos episódios da história pátria, que possam ser trazidos para aplicação a outros casos. Nem um Alcorão, que nos países árabes abastece de metáforas e frases feitas os diversos setores da vida secular.

Para nós, o futebol é de longe o principal fornecedor de metáforas e expressões para a vida cotidiana: situações políticas, econômicas, afetivas, profissionais etc. são rapidamente compreendidas por meio do recurso a seu amplíssimo repertório. Um par de exemplos, de comunicação aparentemente difícil, mas que se tira de letra, bem e rapidamente, evocando o futebol.

Dois amigos em um restaurante vão pedir pratos individuais e querem, de algum modo, compartilhá-los. Um deles diz: “- Vamos pedir dois pratos e a gente divide”. O outro, responde: “- Divide, não: o mando de jogo da carne é meu; o do peixe, é seu”. (Não vai ser meio a meio, mas...).

Final de semestre; a prova final já foi feita, o professor pretende dar aulas muito abreviadas e simbólicas, mas não pode dispensar formalmente os alunos (embora queira passar a mensagem de que vai fazer vista grossa na presença e “esquecer” de fazer a chamada...), mas, claro, não quer formalizar esse relaxamento. E diz: “- Bom, gente,

nosso curso praticamente acabou. Ainda temos mais duas aulas, mas é só para cumprir tabela...”.

Mesmo os que não se interessam por futebol, acabam valendo-se de sua linguagem, tal a viveza e o interesse de sua vigência para o brasileiro. Se metáfora fosse campeonato de pontos corridos, o futebol seria campeão com muitas rodadas de antecipação. Mas, e para saber quem é o vice? Bom, aí embolou o meio de campo... Talvez a Bíblia. Com a desvantagem de que suas metáforas e expressões são usadas, mas sem que se tenha o mesmo vigor e, em alguns casos, os usuários nem se lembram da proveniência bíblica desta ou daquela expressão. Quando Eike Batista diz “Atire a primeira pedra o motorista que nunca tomou uma multa por excesso de velocidade” seus ouvintes entendem, mas poucos talvez evoquem o episódio de Jo 8, 7, no qual Jesus impede o apedrejamento da mulher adúltera. Para não falar do “bode expiatório” (Lv 16, 8-10; 20-22), que alguns chegam a pensar que é um bode que fica espiando e acaba por levar a culpa.

Neste artigo, recolhemos algumas expressões e frases feitas, cuja origem bíblica não é evidente para todos (em alguns casos, não se tratará necessariamente de origem, mas de alguma relação de sentido com este ou aquele versículo).

Provérbios e frases feitas

Começemos com alguns casos de formulações proverbiais. Quem, ao ver o célebre slogan-provérbio do SBT em fins dos anos 80 (então, ainda TVS), se lembraria de que é literalmente uma frase de Jesus Cristo (Mt 7, 8): “**Quem**

procura, acha” (ao qual Sílvio Santos acrescentou apenas o advérbio: “Quem procura, acha... aqui”).

Outros scandalizar-se-ão ao saber que é bíblico (do Velho Testamento, claro) o duro: “**Olho por olho, dente por dente**”, prescrito 3 vezes (Ex 21, 24; Lv 24, 20 e Dt 19, 21) e revogado por Cristo (Mt 5, 38), que propõe, em seu lugar, a também proverbial “**oferecer a outra face**” (Mt 5, 39) e ainda (Mt 26, 52) a advertência: “quem empunha a espada, pela espada perecerá” (ou se se prefere: “**Quem com ferro fere, com ferro será ferido**”).

Também é de Jesus, a comparação “**Cego que guia outro cego**” (Mt 15,14; Lc 6, 39). São bíblicos também os conhecidos provérbios: “**Quem semeia ventos, colhe tempestades**” (Os 8, 7) e: “**Quem dá aos pobres, empresta a Deus**” (Pv 19, 17).

E também expressões como “**dois pesos e duas medidas**” (Prv 20, 10); “**umbigo do mundo**” o centro de tudo, o mais importante, tabur haaretz (umbigo da terra), que aparece em Jz 9,37 e Ez 38,12. Já “dar murro em ponta de faca” é formulação ligeiramente modificada de At 26, 14, que recolhe a fala de Cristo a seu perseguidor Saulo: “Dura coisa te é recalcitrar contra o aguilhão”. E “**cruzar os braços**”, “**ficar de braços cruzados**”, não trabalhar, aparece em Pv 6, 10 e Ecl 4,5. Já **adeus**, para despedida que se presume definitiva (portanto, encomendo-te *a Deus*), encontra-se em Atos: Paulo despede-se da comunidade e diz “Não voltareis a ver o meu rosto... a Deus vos encomendo” (At 20, 25 e 32)

Uma expressão curiosa, não proverbial e mesmo desconhecida pelos falantes contemporâneos, é a que o

escritor Andrew Solomon, foi buscar no Salmo (90[91], 6), na tradução da Vulgata, para o título de seu livro, já clássico sobre a depressão “**O demônio do meio dia**” (*The Noonday Demon*).

Embora evidentemente trate-se de uma forma bem portuguesa, a fórmula de insulto: “vá para a **puta que o pariu**”, ganha sentido às luzes da Bíblia. Como frequentemente ocorre, frases feitas tendem a ser repetidas automaticamente, sem que se atente a seu sentido original. O significado exato de mandar para a pqp faz-se presente no confronto dos cariocas e do mineirinho, que recolho de um destacado site de piadas (orapois.com.br), seção: “mineiro”:

Dois cariocas muito espertos foram passar umas férias em Minas.

Ao chegar em Minas, um pergunta ao outro:

- Vamox tirar uma com o primeiro mineiro que aparecer nessa estrada?

- Aí, beleza, cara, vamox nessa!

Logo à frente, aparece um mineirinho acanhadinho, coitado...

Os cariocas param o carro e um deles pergunta:

- Aí, mineirinho, para onde nóx vamox falta muito?

O mineirinho, muito acanhado, responde:

- Depende uai! Se oceis vão pra puta que o pariu já passaram; se vão à merda, falta dois quilômetros [a cidadezinha rival]; agora se vão tomar no c% é aqui mesmo...

A mensagem subjacente quando se manda alguém para a pqp, é a de que o indivíduo mau, sacana, chato etc. não tem lugar no convívio humano e não deveria ter saído da barriga da mãe (no caso, a responsável por ele ser o fdp que ele é...) e para lá deve ser reencaminhado...

A ideia de voltar ou de não ter saído do ventre materno ocorre na Bíblia: daquele que o vai entregar, Jesus diz que melhor lhe fora não ter nascido (Mt 26, 24; Mc 14, 21) e o profeta Jeremias, nesse caso, diante das desgraças que sofre, lamenta por ter saído do ventre materno (Jer 20, 14 e ss.). E quem se comporta como néscio, diz o Eclesiástico (23, 14), chegará a desejar voltar ao ventre da mãe, amaldiçoar o dia em que dele saiu...

Palavras que ganharam sentido adicional pela Bíblia.

O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela *estrada* de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho – Jo 14,6 – é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way*.

Também **talento** – no sentido de dom ou capacidade artística, intelectual etc. – decorre (OED) de um uso figurado da parábola dos talentos, narrada por Jesus em Mt 25, 14-30.

Já a palavra tão em moda, **escândalo** (escândalo do mensalão, escândalo do BBB 12 etc.), no sentido de algo que pode levar a erro, mau procedimento, remete ao uso bíblico: “pedra, obstáculo que faz tropeçar” (Houaiss), como por exemplo em Rom 14, 13; I Pe 2,8; Mt 16, 23 etc.

E **carismático, carisma**, que passou a ter o uso profano de poder de imediatamente encantar e despertar simpatia das massas (“Barack Obama é muito carismático”, “Alckmin não tem carisma”), é, no Novo Testamento, um dom que beneficia a comunidade, como se discute em I Cor 12, no caso, como dom do Espírito Santo, preparando o famoso discurso, cap. 13, sobre o carisma maior, o amor (*ágape*): “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”.

Semitismos bíblicos em nossa linguagem

Não já no campo de etimologias de palavras e expressões encontramos em nosso modo de falar algumas influências (ou ao menos semelhanças) da linguagem da Bíblia.

Começemos com o superlativo. Uma forma de superlativo semita é a conhecida “x dos x”. Aparece, por exemplo, em Apocalipse 17, 14 (ou 19, 16), quando se diz de Cristo, que é Rei dos reis e Senhor dos senhores. Curiosamente esse formato bíblico, reaparece – surpresa das surpresas – no hino do Corinthians: “Salve o Corinthians, o campeão dos campeões”. Note-se de passagem, que o próprio nome do time é bíblico, remete à Epístola aos Coríntios (em inglês, *Corinthians*). Mais precisamente à passagem em que

São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos de atletas e corredores que desejam vitórias (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, etc.), o aval do Apóstolo era usado por cristãos esportistas que invocavam a Epístola (daí o nome do time inglês *Corinthian*, que inspirou o nosso Corinthians)

Outra estrutura surpreendente é o uso do passado para indicar futuro. Como ensina Aida Hanania, falando da peculiar visão semita do tempo, ancorada no passado: “É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática”. A gramática semita pode valer-se do passado para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. O futuro é, assim, até em termos gramaticais, determinado pelo passado e por ele expresso em sentenças proverbiais, como, por exemplo, a já citada “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, que no original soa: “semeou ventos, colheu tempestades”. Tal fato torna-se compreensível quando nos lembramos de alguns exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Como na recente campanha da Skol retornável: “Trocou, economizou” (quem trocar, economizará); ou na antiga do Estadão: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou a da Sedex “mandou, chegou” (se mandar, chegará). E se escrever e não ler, o pau comerá (“Escreveu, não leu, o pau comeu”). E quem bater, levará (“Bateu, levou”).

Para terminar, peço licença para uma nota meio descabida, a título de mera curiosidade, sem nenhuma pretensão de *começar* a imiscuir a Bíblia no sertanejo universitário. O erudito Jean Carmignac, que estudou profundamente os semitismos nos evangelhos sinópticos, aponta um deles, típico: em vez de referir diretamente a ação “diz-se que o personagem **começa** a fazer tal ou tal coisa, o que para nós é supérfluo”. Assim, por exemplo, Jesus “chamou os doze e *começou* a enviá-los de dois em dois” (Mc 6, 7); os gerasenos assustados “*começaram* a rogar a Jesus que se afastasse de seu território” (Mc 5, 17). Etc. etc. etc. Esse mesmo cacoete dos hagiógrafos está também em Michel Teló:

Sábado na balada
A galera *começou* a dançar
e passou a menina mais linda
Tomei coragem e *comecei* a falar

Só falta agora os evangelistas começarem a se juntar à turma das baladeiras que reivindicam judicialmente co-autoria na canção... (e, no falar brasileiro, “começar” serve de curinga para qualquer ação que pressuponha paciência de Jó: “Ih, já vai começar...” (a criticar / a reclamar / a choramingar etc.); “Não começa...!” (a ciumeira / o pessimismo / a enrolação / a encher o saco) etc.

As dobras da língua
(v. 76, p. 31-32 fevereiro 2012)

Simplex, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardinal da *prudentia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, “simples” tem acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

Simplex era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz”. Na análise etimológica de Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: “*simplex, idest sine plica duplicitatis*”: “simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade”.

Plica em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. “Para fora” em latim é *ex-* (ex-portar, ex-pelir, ex-onerar etc.): tirar para fora das plicas, das dobras é explicar. E quem está envolvido nas plicas é cúm-plice; já um filme cru (sem dobras que escondam), traz cenas ex-plícitas. Su-plicar é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de simples (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*) a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso “chegar” (pl=ch) seja simplesmente “plicar”. Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é “plicar”, dobrar as velas porque chegamos. Daí, *aplicar* uma prova (ou uma injeção etc.) é fazê-la chegar ao aluno (ou ao braço) etc. *Implicado* é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas *plicas* da empresa... Já *replicar* é a volta, que mostra outra face da questão.

Após termos multi-plicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, “que não se acumplicia jamais” (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

A danada da partícula “de”

(v. 73, p. 43-43, nov. 2011)

O dicionário Aurélio, antes de indicar as dezenas de usos da partícula “de” em nossa língua, previne-se dizendo no início do verbete: “Preposição. Partícula de larguíssimo emprego em português. Usa-se, além de noutros casos, nos seguintes...”.

Um desses inúmeros outros casos, existente com variações em diversas línguas, e que têm despertado ultimamente a discussão dos pesquisadores, é o do QBNP (Qualitative Binominal Noun Phrases). O professor Melvin González Rivera, do The College of Wooster, ao resumir suas pesquisas para o caso do QBNP espanhol, toma como exemplo as sentenças: “o idiota do diretor” (el idiota del decano / the idiot of the dean) e “um idiota de um diretor” (*un idiota de decano / an idiot of a dean*), que podem ser parafraseadas por o “diretor é um idiota” e “um idiota como diretor”. E observa que as QBNP envolvem uma relação sujeito-predicado; a preposição “de”, no caso, não é uma verdadeira preposição, mas uma cópula nominal e que o predicado deve ser valorativo/apreciativo e é tipicamente negativo.

Afastamo-nos, assim, dos usos mais habituais de “de” preposição, especialmente o de relação possessiva. Lembro, a propósito, que já na infância uma de nossas brincadeiras familiares favoritas era a de as crianças sentarem no chão e começarem a interrogar os adultos, sobre os parentes não presentes:

- E a tia Ivete, como é que está?

- Ela está bem, crianças.

- E o tio José, como é que está?

- Ele está bem, crianças.

(...)

Esgotada a lista de parentes na ladainha, a criançada derivava para animais domésticos:

- E o gato da tia Helena, como é que está?

- Está bem, crianças. (já afetando enfado, o que fazia parte da brincadeira)

E aí a pergunta final (acompanhada de maliciosas risadas das crianças), o alvo, afinal, de toda a brincadeira:

- E o cachorro do tio Arnaldo, como é que está?

E a mãe, com fingido tom de repreensão e mal contendo as risadas, intervinha “energicamente”:

- Crianças! Olhem o respeito! Já cansei de falar que não é assim que se pergunta, mas: “o cachorro **que pertence** ao seu tio Arnaldo...”

Naturalmente, até as crianças menores bem sabiam que não é que a sogra possuísse uma jararaca ou que o juiz de futebol fosse dono (ou amante...) de um viado (“o viado do juiz”) ou que tivesse comprado para si um “filha da p.”, mas ficavam intrigadas com essas locuções, pelas razões desse uso, já não questionadas pelos adultos.

Como sempre, o OED, *Oxford English Dictionary*, vem para nos auxiliar, contemplando nosso caso no sentido 24b. de “of”, indicando simplesmente: “*in the sense ‘in the form of’*”. E é que desde Aristóteles, passando pela escolástica aristotélica e suas formas substanciais e acidentais, a forma entra na composição do ente como a responsável pelo distintivo, pelo modo de ser, pelas determinações (substanciais ou acidentais) do ente; enquanto seu co-princípio nessa composição, a matéria, é comum e indiferenciada. Desse modo, o cachorro é cachorro pela forma (: a alma de cachorro, que in-forma seu ser, fazendo com que o cachorro seja e aja como cachorro) e é marrom pela forma (a qualidade, o acidente, a forma marrom). Desse modo, quando as características de ser idiota (imbecil, sacana etc.) manifestam-se no chefe, já rotulamos “O idiota do chefe” (as qualidades de idiota in-formam, estruturam meu chefe). E quando se diz que Danilo Gentili é “um capeta *em forma* de guri” diz-se simplesmente que é “um diabinho de menino” (nada a ver com “possessões”, mas simplesmente com as diabruras de um moleque na canção que – na versão brasileira dos anos 60 – tinha esse título).

Seja como for, no subconsciente do falante, fica sempre a referência ao genitivo e se o Palhares é um canalha (o canalha do Palhares) eu, dirigindo-me diretamente a ele, vou repreendê-lo dizendo: Palhares, **seu** canalha...

O uso dessas QBNP, como apontava González é tipicamente negativo e, em outro estudo, o mesmo professor escolhe o exemplo perfeito: *el gilipollas de alcalde / the asshole of mayor* (o sacana do prefeito). Aliás, “o sacana do...” (“*el cabrón de...*”, em espanhol) está entre as formas

mais usadas de QBNP. Claro que, em geral, essas insultuosas locuções dão-se na ausência do ofendido: os alunos, os subordinados, os genros etc. comentam reservadamente entre si as “formas” que o professor, o chefe e a sogra assumem.

Se a partícula “de” pode ser empregada como “que é” (o idiota que é o chefe), em outros casos, pode ser usada no sentido de “que está” – como no bordão de Renato Aragão “Ô, da poltrona” (você, que está na poltrona); ou no de “que tem” (“um tenista de futuro”, que tem futuro).

Assumir “forma de”, como indica o OED, ocorre também em outros tipos de locuções com a partícula “de”, como por exemplo: “Ele se faz de vítima” (de bobo, de surdo, de santo etc.) (o espanhol, nestes casos, até dispensa o “de”, identificando a pessoa com a postiça atitude (*hacerse la víctima, el tonto, el sordo*). Identificação indicada também em outras formas: Paulinho da Viola, Jacob do Bandolim, Jackson do Pandeiro etc.

Tem razão o Aurélio ao renunciar à enumeração completa dos usos dessa ardilosa dessa partícula...

Pontes de sentido

(v. 69, p. 28-29, jul. 2011)

Os verbos irregulares são o desespero das crianças que aprendem a falar e dos estrangeiros que querem aprender português. Ao estudar nossa língua, um chinês – que desconhece o verbo *ser* e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. – depara-se com 67 formas, tão diferentes como: *sou, és, fui, foste, seremos, etc.* A situação é, para ele, ininteligível e sem nenhuma lógica.

O mesmo pode ocorrer conosco em relação a verbos irregulares em outras línguas. O verbo *fero* latino é apresentado como *fero, fers, ferre, tuli, latum* (1ª. e 2ª. pessoas do presente do indicativo, infinitivo, 1ª. pessoa do pretérito perfeito do indicativo e supino) e significa: levar (portar, trazer, lançar, entregar etc.). E, por vezes, levar no sentido de atitude, como quando dizemos: levar na esportiva, levar a sério, levar a vida etc. (daí que também sofrer, *suffero*, também remeta a *fero*)

De *tuli*, que se confunde com formas do verbo *tollo*, procedem pouquíssimas palavras em nossa língua, como “tolher”. Mas, de *ferre* e *latum* há dezenas de derivados em português (em *-ferir, -fero, -lação, -ladar* etc.), com seu sentido original em torno de “levar”.

Este mero fato permite obter transparência em dezenas de palavras do português e entender a proximidade entre palavras como *referir* e *relatar*, *transferir* e *transladar*. E compreendemos a equivalência de expressões como *prolatar* a sentença e *proferir* a sentença. E na *colação* de grau, este é

conferido ao formando. *Diferir* é *dilatar*, prolongar, adiar. Uma *inferência* é uma *ilação*. *Oblação* é *oferenda*.

De *ferre*, temos muitos derivados, como por exemplo: aferir um taxímetro é levá-lo à comparação com o padrão; auferir lucro é levar lucro; deferir um pedido é levá-lo a seu termo; desferir é enviar em lançamento; preferir é levar na frente (em primeiro lugar). Conferir é “trazer junto” (daí também o sentido de conferência como reunião, como no inglês ou em expressões como: videoconferência ou “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”, que é também o sentido de colação). Diferente é o “oposto no levar”. Circunferência é um levar circular. Interferir é “meter-se entre” (estes comentários não pretendem rigor de erudição, mas só a sugestão de sentido do *ferre* em nossas palavras).

Já delatar é entregar; *lato sensu* é em sentido estendido, levado além do sentido estrito. Vociferar é levar a voz, o clamor. Proliferar é trazer (ao mundo) filhos, prole. E mamífero é portador de mamas; aquífero, de água; mortífero, de morte; pestífero, de peste. Já em grego, o portador (o que leva, carrega, transporta) é semelhante ao *fero*: *phorós,ós,ón*. Daí que fósforo seja o que leva luz; semáforo, o que porta um sinal, uma marca distintiva (*sema*); Cristóvão (*Christophoros*) é o santo (padroeiro dos motoristas) que carregou Cristo; metáfora é trans-ferência de sentido. E euforia, etimologicamente é “levar bem”, como um paciente que reage, “leva” bem um tratamento. Esta breve *relação* amostral de palavras (as mais evidentes...) decorrentes do *fero* pretende servir de indicativa *referência* para explorações em sala de aula, que ajudem a despertar o sentido da etimologia.

A lacuna de nossos insultos

(v. 64, p. 44-47, fev. 2011)

A linguagem serve para distinguir e para confundir. Costumo chamar a atenção para casos em que é oportuno o “pensamiento confundente” (Ortega y Gasset): há situações em que a própria realidade convoca a “confusão” e seria uma tolice a pretensão de distinguir. O filósofo Julián Marías exemplifica com a maravilhosa palavra “bicho”, que abriga confundentemente inúmeras realidades: se pousa um inseto no seu ombro, o melhor que eu tenho a fazer é avisar, afastando-o imediata e veementemente: “Xô, bicho...!”. Certamente, os entomologistas distinguem centenas de milhares de espécies mas seria descabido, em nosso exemplo, referir-me a besouros, traças ou moscas (e mais ainda a determinações: *Ceratitis capitata*, *Tribolium castaneum*, *Ephestia elutella* etc.); é um bicho e o melhor é tratá-lo de modo confundente e indiferenciado: “Xô, bicho!”.

Mas, em muitos outros casos, a realidade requer distinção e é uma pena que nem sempre a linguagem a acompanhe, deixando o pensamento impreciso e menos penetrante. Para o futebol, dispomos de um rico e vivíssimo léxico que permite ao falante expressar – e até mesmo perceber... – sutis detalhes dentro do campo e fora dele. E a resolução da linguagem chega a distinguir por exemplo: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta e voleio! Já,

digamos, para os sentimentos humanos o léxico é muito pobre, impondo a uma palavra como “amor” uma carga confundente que a esvazia e deixando embolorar ou corromper, por falta de uso vivo apropriado, nossos derivados correspondentes aos do latim: *dilectio*, *affectio*, *caritas* etc., tão agudos em seu sentido originário.

Quero ocupar-me de uma lacuna notória em nosso léxico de ofensas: trata-se de uma inconveniente inflação semântica que acaba por tirar o foco e desorientar os usuários de uma das principais palavras de insulto de que dispomos: “babaca”.

Babaca

Em todas as línguas, encontramos dezenas de formas (muitas vezes equivalentes dentro de um próprio idioma) para espezinhar o tolo: idiota, imbecil, trouxa, otário, tonto, burro, bocó, coió, tosco, sem noção, ou o recentemente popularizado “abestado” etc. Santo Tomás de Aquino, no século 13, chegou a caracterizar e diferenciar mais de vinte tipos: *asyneti*, *cataplex*, *credulus*, *fatuus*, *grossus*, *hebes*, *idiota*, *imbecillis*, *inanis*, *incrassatus*, *inexpertus*, *insensatus*, *insipiens*, *nescius*, *rusticus*, *stolidus*, *stultus*, *stupidus*, *tardus*, *turpis*, *vacuus* e *vecors* (cf. meu estudo “Tolos e Tolices – o Besteiro na Análise de Tomás de Aquino” <http://www.hottopos.com/mp2/tontospt.htm>).

O termo dessa família coloquialmente mais usado no Brasil é “babaca” (e os derivados: “babaquice”, “babacão”

etc.). Babaca (como “bomba” ou “pipoca”) adquire força por incluir uma sugestão quase onomatopaica e, além disso, também pelo caráter chulo: por ser identificada com a genitália feminina.

Para o verbete “babaca”, encontramos em Houaiss:

“1. que ou o que é ingênuo; tabaca, simplório, tolo, babaquara; 2. que ou o que não tem vivacidade ou inteligência; bobo”.

E o Aurélio remete a:

“1. Que diz ou pratica tolices; sem inteligência ou sem juízo. 2. Tonto, simplório, ingênuo. 3. Boquiaberto, pasmado. 8. Indivíduo tolo”.

Mas, no uso real da palavra, dá-se, para além do significado de tolo pasmado, apalermado, sem iniciativa, a confusão com outro sentido não previsto pelos dicionários nem pela primeira impressão que temos do vocábulo. Esse caráter confundente de “babaca”, ocorreu-me numa partida de xadrez pela internet.

Panaca

Em um dos maiores clubes internacionais de xadrez virtual, eu estava enfrentando on-line um jogador (pelo *nickname*, certamente devia ser brasileiro) e eu tinha a partida

ganha, xeque-mate no próximo lance, quando meu adversário, para evitar a derrota, desconectou. Imediatamente pensei: “Que @#*&%\$! O babaca desconectou!”.

Mas será que se tratava do uso próprio de “babaca”? Na verdade, ele, brasileiroamente esperto, evitou a derrota (e a correspondente queda no “ranking”), ao menos temporariamente. O expediente do prejudicado, nesses casos, é abrir um processinho no *adjudicate* do clube, o que implica algum trabalho e demora (a fila, no caso, era de 926 partidas!) até que os pontos sejam atribuídos ao requerente pela arbitragem do clube. Há, além disso, outro incômodo: um número máximo de partidas adiadas permitidas por jogador, que, se honesto, usa essa quota para, de comum acordo com o adversário, deixar para continuar em outro dia. Enfim, uma chateação. Acaso não serei eu o babaca por ter essa trabalhadeira para ganhar uns míseros pontinhos num ranking que, afinal, não me rende um centavo?

Qual seria a palavra apropriada para qualificar meu oponente? A primeira que me ocorreu foi “panaca”. Embora praticamente idêntica a “babaca”, panaca parece que poderia comportar uma atitude ativa, mais do que o “babaca”, que tende à tola pasmaceira. O panaca talvez pudesse ter iniciativas disparatadas: tenho conhecidos inteligentíssimos, nada babacas, mas que, talvez pudessem ser qualificados como panacas.

Um deles, um galã de meia-idade em sérios apuros financeiros, casou-se com uma enalhada rica (o amor é tão lindo...) e arrumou sua vida: não precisa mais se preocupar em trabalhar e dedica-se a uma intensa vida social, na qual

pode desempenhar seu papel de entertainer barato: fazendo suas piadinhas bobas (tipo a da sobremesa: “gente, não é pa-vê; é pa-comê”), suas *practical jokes*, como a de cumprimentar com um aparelhinho que aplica pequenos choques elétricos ao apertar a mão da visita que entra em sua casa etc. Certamente são babaquices (ou panaquices...), mas babaca ele não é...

Outro, um engenheiro muito bem-sucedido, espertíssimo em seus negócios (de babaca ele não tem nada), tem tiradas como a de reencontrar, por acaso, um colega de juventude e dizer: “Ô, Serjão, há quanto tempo..., aposto que você não se lembra do meu nome”. Ante a hesitação da vítima, ele aproveita para constranger ainda mais, despejando dados exatos de onde Sérgio morava, nomes de seus pais etc. e exigindo um mínimo de reciprocidade. O Sérgio confidenciou-me que, após tantos anos, não teria condições de lembrar-se do panaca, mas acabou se lembrando precisamente por sua inconfundível panaquice: “Ah, agora lembrei, graaaande Arnaldo...”.

Pasmaceira

Na verdade, “panaca” não é a palavra adequada: está demasiadamente identificada com “babaca”, pasmaceira. Mas quem sabe se precisamente por causa dessa disponibilidade (“babaca” já dá conta do passivo palerma) não possa vir a suprir a imensa lacuna em nossa língua para aquilo que o inglês designa por “*asshole*”.

Como em nossa língua qualificar, especificamente, a tolice presunçosa, pretensiosa, perigosa, arrogante, cheia de “iniciativas”, como a dos conselheiros que quiseram proibir Monteiro Lobato por racismo; a do juizinho de Indaiatuba, que inventou de dar um cartão para o Messi em jogo beneficente; a do Dunga; a de George Bush etc.? Ou a do técnico da seleção japonesa, Masayoshi Manabe, quando – na histórica vitória de virada das meninas do Brasil, na semifinal do Mundial Feminino de Vôlei no Japão: o infeliz deu uma de João sem braço para esfriar as brasileiras e tumultuar o tie-break, no qual estava sendo derrotado por 13 a 8, interrompendo o jogo com um insólito pedido de tempo ao qual já não tinha direito?

Não se trata de inofensivos babacas! Mas, se não são babacas, eles são o quê? Como não temos a palavra exata em português, acabamos usando “babaca” mesmo (ou “panaca”), mas sem a precisão de *asshole*. O mesmo acontece com os sinônimos de babaca. Quando – ante a obsessiva tentativa de impugnação da candidatura e da posse do deputado eleito Francisco Everardo Oliveira Silva – Lula afirmou: “O Tiririca é a cara da sociedade. Acho uma cretinice o que estão tentando fazer com o Tiririca” seria muito mais exato se ele pudesse dizer: o promotor é um *asshole*.

Como todas as línguas, o inglês dispõe de inúmeras palavras para tolo (*fool, jerk, stupid, moron* etc.), mas *asshole* – mais chulo impossível – vai a esse ponto específico.

Tradução ruim

O professor Robert Sutton, da Universidade Stanford, lançou o livro *The no Asshole Rule* (a regra de não aceitar *assholes*), dedicado aos chefes brutais no meio empresarial. A tradução brasileira (2007) saiu com o título *Chega de Babauice – Como transformar um inferno em um ambiente de trabalho*. Não dispomos de equivalente para a precisa palavra *asshole* e, portanto, o título da edição brasileira desorienta: em que pensamos, quando pensamos em um “gerente babaca” ou “chefe babaca”? Primeiramente, talvez, num bobalhão que deixa os funcionários abusarem nos horários, que não sabe exigir energicamente prazos etc. A entrevista de Sutton à revista *Época* (14-5-2007), que de modo inadequado traduziu *asshole* por babaca, deixa claro a enorme falta de um termo em português para *asshole*:

“Por que o senhor decidiu colocar a palavra babaca [trocar por *asshole*] no título?”

Robert Sutton – (risos) Primeiro, porque chama a atenção. Depois, porque todo mundo sabe seu significado. Todo mundo trabalha ou trabalhou com um babaca no escritório. Além disso, é uma palavra que não tem sinônimo. Quando encontro uma pessoa grosseira, que humilha os outros, um tirano, logo penso: que babaca! É uma palavra precisa para definir pessoas que costumam destruir os colegas de trabalho. Nas empresas, os funcionários costumam usar termos mais educados. Dizem

que os babacas são arrogantes, autoritários, truculentos, mal-educados. Mas isso é pouco. A palavra babaca é a única que exprime exatamente o conceito que eu queria transmitir.

E o que é, exatamente, um babaca?

Sutton – É aquela pessoa que grita, humilha os subordinados, diz que o que o funcionário faz sempre é ruim ou está errado. Geralmente, faz isso na frente dos outros. Outra atitude comum dos babacas é ignorar a presença dos subordinados. Passa por eles e não os cumprimenta. Simplesmente finge que eles não existem. É aquela pessoa que humilha os outros com frequência. Faz com que as pessoas se sintam oprimidas e sem energia. São intimidadores e, às vezes, não precisam usar as palavras para intimidar. Fazem isso apenas com olhares e atitudes. É diferente da pessoa que está num dia ruim e tem um acesso de raiva. O babaca tem essas atitudes com frequência. Eles costumam ocupar cargos de chefia e exercitam a crueldade com subordinados. É muito difícil encontrar um babaca que não tenha poder.

Os babacas não têm qualidades?

Sutton – Eu não gosto de falar isso, mas preciso reconhecer que eles têm alguns pontos positivos.

São bons competidores, sabem brigar e intimidar inimigos, extrair resultados de equipes de baixo desempenho.”

Nonsense

Como se vê, a tradução de *asshole* por babaca (se tomarmos babaca em seu sentido principal) resulta em puro nonsense: “é muito difícil encontrar um babaca que não tenha poder” “babaca é uma palavra que não tem sinônimo”, “babacas são bons competidores...” etc.

O aspecto mais grave dessa lacuna em nossa língua torna-se evidente quando consideramos que a linguagem não é apenas meio de expressão da realidade vista, mas, muitas vezes, a própria condição para que possamos enxergar a realidade. Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer. Valem para toda a realidade humana as considerações sobre a “latência”, que Abraham Moles tece em seu livro *O Kitsch*. Valendo-se de uma metáfora fotográfica, ele fala de uma revelação das impressões confusas, pelo surgimento de um vocábulo:

“O surgimento nas línguas germânicas de um termo preciso (‘Kitsch’) para designá-lo levou-as a uma primeira tomada de consciência: através da palavra, o conceito torna-se passível de

apreensão, e manipulável... O trajeto científico para conhecer, começa por nomear”.

De fato, sem a posse da palavra Kitsch é-nos muito mais difícil reparar em que há, no fundo, qualquer coisa de comum entre o pinguim da geladeira, o anãozinho do jardim e o quadro de cores fosforescentes... E o combate à realidade kitsch requer a consciência dada pela existência do vocábulo.

Que falta faz no Brasil, que já inventou tantas palavras (algumas geniais) para condutas – como dizer que o cara é (muito...): porra louca, folgado, enjoado, maluco beleza, “bico” doce, espaçoso, baixo nível, sem noção, figuraça, paga pau, gente fina, fera – um equivalente de *asshole*...

Os caminhos que levam às ideias

(Especial Etimologia, p. 32-35, 2011)

“O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença de Heráclito de Éfeso (c. 540-470 a.C.), conhecido como “o obscuro”. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério favorece é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Aliás é do próprio Heráclito a afirmação de que a natureza gosta de se esconder, e podemos acrescentar: a realidade humana gosta de se esconder. Daí que precisemos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

As etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito) a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem. Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições – como por exemplo a do tribunal do júri ou a universidade, que tanto nos revelam sobre o espírito humano –, em formas de agir – como é o caso do ato poético, tema recorrente nos próprios poetas –, e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente desse laboratório para o filósofo que é a linguagem: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Pois, para citar novamente Heráclito: é no cotidiano que estão os deuses. Aparentemente, não! Nossa vida cotidiana, transcorre em meio a uma rotina, “a vidinha com toda a chaturinha dela” (Adélia Prado), preocupados com o trânsito, com pequenos desentendimentos familiares, com apertos financeiros, com o desempenho de meu time no campeonato etc. Mas pode acontecer que – em meio a essas prosaicas realidades do “diário dos dias” (Guimarães Rosa) – de repente, soframos um abalo que nos revela, como numa iluminação que “desce”, com extraordinária nitidez, algo de profundo a respeito da realidade humana: um *insight* filosófico, um estremecimento poético (ou artístico, em geral), amoroso, religioso ou tanático, as cinco possibilidades de corte vertical no varejão da vida, que o filósofo Josef Pieper encontra na obra de Platão.

É o olhar de admiração, que – para Platão, Aristóteles ou Tomás de Aquino – é princípio e fonte alimentadora continua do ato filosófico (ou do poético, artístico etc.). De repente, como no romance de Sartre, *A Náusea*, olhamos uma pedra (e é a milionésima vez que vemos uma pedra e esta nada tem de especial) e, sem saber o porquê, ela é princípio de um processo de abalo existencial que beira os 9 pontos Richter. É o que se dá na vida do personagem Antoine Roquentin: “Sábado, uns garotos estavam a atirar pedrinhas ao mar para as fazer saltar de ricochete, e pretendia tirar uma como eles. Nesse momento detive-me, deixei cair a pedra e fui-me embora. Devia ir com uns ares de transviado, com certeza, porque os garotos desataram a rir quando voltei as costas. Isto, quanto ao exterior. O que se passou em mim não deixou traços claros. Havia qualquer coisa que vi e que me repugnou, mas já

não sei se estava a olhar para o mar ou para a pedra. A pedra era chata; dum lado estava inteiramente seca, úmida e enlodada do outro. Tinha-a agarrado pelas beiras, com os dedos muito afastados, para não me sujar.”

A pedra é também um acontecimento, na famosa poesia de Drummond:

“No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra”

E também nos profundos versos de Adélia Prado:

“De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra, vejo pedra mesmo.”

Claro que nós outros, embotados pelo quotidiano, teríamos que inverter os versos adelianos: de vez em quando, Deus me dá poesia, e na pedra eu vejo algo mais...

Não que esses abalos nos levem do cotidiano para um outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração (ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente tão inofensiva, que já aí estava...

É o que Heráclito tenta explicar aos estrangeiros que vieram de longe para espiar o grande sábio em sua intimidade. O episódio é narrado por Aristóteles: “Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: ‘Mesmo aqui os deuses também estão presentes’.”

Heidegger, em seu *Heráclito*, explica que a sentença é ainda mais forte: o “mesmo aqui”, na verdade significaria: “é aqui mesmo” (junto ao fogão, no ordinário, no cotidiano) que estão os deuses.

O mesmo no dizer de Adélia (também ela, ligando a experiência poética à mística): “Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário [que se dá no cotidiano], essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo”.

E a canção *Força Estranha* de Caetano, dedicada à estranha força do abalo admirativo do ato poético, diz que ele

se dá ocasionado por prosaicas realidades como “o menino correndo” ou até mesmo a barriga da mulher “preparando outra pessoa”.

Porém, esse mesmo cotidiano, que encerra o *mirandum* – aquilo que deveria suscitar, deflagrar o abalo de admiração –, tende a lançar-nos no embotamento, na insensibilidade, no esquecimento, como já afirmava o poeta Píndaro, contemporâneo de Heráclito. E, tal como os arqueólogos, precisamos retirar as camadas de poeira que cobrem o significado originário desta ou daquela palavra.

Também os enamorados e os poetas, refletindo sobre o ato poético (como em “A Tabacaria” de Fernando Pessoa) falam da “força estranha” que desestrutura nosso cotidiano arrumadinho e faz o tempo parar para ver com outro olhar a realidade mais prosaica...

Esses abalos nos fazem ver que há um *plus* que “desceu” sobre a realidade e a torna algo mais do que “pedra mesmo”. Em muitos casos, a etimologia nos ajuda a subir o caminho de volta, em busca desse *plus* e de seu esquecido significado.

A língua na sala de estar

(v. 58, p. 20-21, ago. 2010, em coautoria com Sylvio Horta)

Ser e Estar

Sempre que, em aulas de filosofia, perguntamos aos alunos sobre a diferença entre “ser” e “estar”, rápida, indefectível e unanimemente vem a resposta: “estar” indica uma situação temporária ou provisória; “ser”, definitiva. E a surpresa dos alunos quando ouvem o contra-exemplo de Julián Marías: – Mas... e o Pai Nosso, que está nos céus, está lá de passagem? Nada mais definitivo do que a instalação divina no Céu. Entre as dezenas de usos de “estar”, *está* o de instalação – a duradoura, permanente ou eterna – que condiciona a vida.

O casamento, por exemplo. Os mais jovens não acreditarão, mas no tempo de seus avós o casamento era duradouro: *de iure* e *de facto*. Havia, quando muito, um ou dois “desquitados” no bairro e divórcios só nos filmes americanos (mesmo nos EUA o *no fault divorce* só foi introduzido em 1970 – na Califórnia – e, formalmente, ainda hoje o estado de New York só admite o *divorce at fault!*). Mesmo nessa época, na Espanha, onde a dissolução do casamento era impensável, a expressão mais usada foi “*estar casado*”; enquanto no Brasil, esta formulação sugere um casamento efêmero de algum jogador de futebol ou rainha de bateria... E é que o “*estar casado*” espanhol não aponta para a duração do enlace, mas para o modo como o casamento afeta a instalação de vida. Não é por acaso que é chamado de *estado civil*. Estar casado é algo que condiciona e transforma a totalidade da existência: dos horários, rotinas e hábitos até

práticas de higiene, reuniões da APM, sogra etc.; o solteiro podia deixar a louça espalhada sem lavar por dias na cozinha, discutir futebol até tarde com os amigos na padaria ou não trocar a roupa de baixo todos os dias...

Uma velha piada espanhola, fala de “cair a ficha” da enormidade da mudança de estado de solteiro para casado (jogando com o todo/parte: *ha enterado* em oposição a *ha participado*) dois amigos se encontram: “– E aí me inteirei de que você se casou. – Não, você foi participado; quem se inteirou fui eu!”.

É interessante nesse sentido a regência inglesa *to* para o casamento: “*married to*”, usada originalmente apenas para mulheres (algo assim como “*maridada* para Fulano”) e depois com sentido estendido também para homens: o casamento é algo relacional de Fulan *para* Sicran e uma amarra (casamento é enlace...); a etimologia de *husband* (segundo o *Oxford English Dictionary*) é *húsbonda*: o detentor (*bonda*) de casa (*hús*), com o mesmo *bond* de laço, que sugere o marido como que amarrado à casa...

O mesmo caso de instalação de vida, dá-se com a guerra; a guerra é algo em que se está, que condiciona fortemente o modo de viver cotidiano. Ou as enchentes em São Paulo, que tanto interferem em nossas vidas e produzem estados: de atenção de alerta, de emergência ou de calamidade.

Quando as crianças (ou adultos...) decidem dar o dedinho e “estar de mal”, instalam-se num relacionamento especial: não trocam figurinhas, não brincam juntas, não se falam... porque estão de mal.

Um outro uso do estar é na encantadora expressão “sala de estar”, infelizmente em declínio quanto ao uso consciente, por conta do fato de o próprio “estar” ser cada vez mais raro. A língua inglesa, que não distingue entre ser e estar, chama esse cômodo de “*living room*”; é adequado, mas durante a guerra “*living room*” acabou servindo também para traduzir o *Lebensraum* de Hitler.

O tempo da vida moderna, sobretudo o tempo paulistano tende a excluir o estar: já o *design* dos restaurantes de fast-food é um convite a dissociar o comer do estar, a arquitetura e a decoração parecem dizer: ingira o alimento e caia fora logo. O mesmo se dá com a crescente presença de ruidosa música nos restaurantes, que impedem o conversar; deixando à vontade aqueles que, afinal, temem uma instalação menos superficial no amor ou na amizade.

As expressões relacionadas ao amor que indicam esse caráter de instalação: *to fall in love with* no inglês, enamorar-se no espanhol e no português. Há também o nosso *namorar com*, que, finalmente, consta dos dicionários. Essa intuição do lugar, não necessariamente espacial, mas vital já aparece em Agostinho ao falar do amor como peso, que o levava ao seu lugar, isto é, a se instalar em si mesmo: “Nosso descanso, nosso lugar (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquieta-se...

O meu peso é o meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado (*Conf. XIII,9*).

Estar está associado ao vagar (como na deliciosa palavra *de-vagar*), à *holgura* (Julián Marías), à “ausência de tensão de futuro” (Von Hildebrand), àquele “o tempo parou para eu olhar” de Caetano; dá-se no caminhar descontraído, no passear, no conversar..., na sala de estar. Enfim, no modo tradicionalmente ibérico (e especialmente baiano) de vivenciar o tempo. Esse estar se projeta na maravilhosa gíria: curtir. “Curtir” é saborear com calma, desfrutar devagar, como o caldo de curtição beneficia o couro. Um exemplo de articulação dos dois sentidos de “estar” que estamos considerando (instalação e curtição) dá-se na sentença: “Agora que eu estou aposentado, estou curtindo meus netos”.

Novamente encontramos na instalação amorosa a ideia do eterno no momento, do fluir que tem duração. Na letra da canção “Quando eu fecho os olhos” (Chico César / Carlos Rennó) encontramos:

E aí você surgiu na minha frente/ E eu vi o
espaço e o tempo em suspensão
Senti no ar a força diferente/ De um momento
eterno desde então
E aqui dentro de mim você demora/ Já tornou-
se parte mesmo do meu ser

Ser que no fundo é estar, assentar-se: estar sentado...

Ô, meu! Minha Nossa Senhora

(v. 57, p. 42-43, jul. 2010,)

O psicólogo americano David Keirsey propôs uma das mais fecundas teorias de temperamento e personalidade de nosso tempo: a partir da combinação de 4 pares de preferências, que remontam a Jung e a Isabel Myers:

I/E (Introversão / Extroversão);

N/S (iNtuition / Sensible), a ênfase para o fato em si, o fato bruto (S) ou o fato como ponto de partida para “viagens” da intuição (N);

T/F (Thinking / Feeling), a preferência pela abordagem de uma situação pelo ponto de vista “objetivo”, impessoal (T), ou, pelo contrário, a abordagem pessoal dos envolvidos na situação (F); e

J/P (Judgemental/Perception), a tendência a escolher situações bem arranjadas, esquematizadas, fechadas (J) ou, pelo contrário, a situação aberta, o improvisado (P).

Combinando essas diversas preferências, Kersey analisa 16 tipos (INTJ, INTP, ISTJ etc.) em torno de 4 núcleos básicos de temperamento (NT, NF, SJ e SP). Detalhes à parte, interessa-nos neste estudo, o modo como essas preferências podem se projetar no uso da linguagem e nos próprios recursos das línguas, limitando-nos a alguns exemplos do caso F, o dos que propendem a uma abordagem pessoal das situações.

Naturalmente, as diferenças de temperamento condicionam as preferências de comunicação e linguagem: por exemplo, uma pessoa J exaspera-se com as imprecisões dos P e prefere marcar um encontro em hora exata em vez dos vagos “depois do almoço” ou “amanhã de manhã”. As discussões entre casais formados por T e F, quanto às travessuras dos filhos, sempre acabam em mútuas acusações: o F acusando o T de ser um bloco de gelo, duro e sem coração; o T, considerando que o F é de uma descabida brandura, que está a estragar o menino com desculpas para todas suas traquinagens etc.

Outro exemplo de preferências F e T na interpretação semântica de uma mesma sentença. Dois amigos, F e T, almoçam na churrascaria de estrada de sempre, conhecem há anos o dono, Sr. Arnaldo, e F pergunta ao garçom se há banana à milanesa e abacaxi com canela. O garçom traz um abacaxi excelente e desculpa-se quanto à banana, que, naquele dia, está em falta. Ao final, o dono vem à mesa perguntar se estava tudo bem; ambos respondem que estava tudo ótimo. Mas, informado pelo garçom, pergunta em tom de desculpas: “- Faltou a banana, não é?” O F diz sem pestanejar: “- Não, não faltou banana, não faltou nada, estava tudo perfeito!”; ao mesmo tempo que T responde: “- É, hoje não tinha banana!”.

Enquanto tomam o café, F e T discutem: T argumenta que F mentiu; mentiu por delicadeza, sensibilidade pessoal e amizade com o Sr. Arnaldo, mas mentiu, pois o fato é que não havia banana! F retruca dizendo que semanticamente só *falta* aquilo que está previsto e pressuposto e que, por exemplo, não se poderia dizer que, no almoço, faltou

Voltaren, Benzetacil ou Tylenol (como na antiga brincadeira das crianças na escola: “- Você, pra burro, só faltam as penas”, “- Tãã... burro não tem pena” “- Então, não falta nada”). T insiste em sua tese e afirma que precisamente não estavam numa farmácia e, portanto, faltou banana. F replica que o almoço estava insuperável e, assim, a banana não faltou, não “fez falta”, e evoca a clássica marchinha de carnaval: “Se você pensa que cachaça é água... Pode me faltar tudo na vida: arroz feijão e pão... tudo isso não faz falta não”.

A discussão, naturalmente, é interminável... [...]

Mesmo correndo o risco de uma generalização exagerada, cabe falar, de algum modo, de preferências nacionais ou regionais: se países como Alemanha ou Japão têm uma preferência J pela organização, prazos e planejamento; o Brasil (e não digamos a Bahia...) tende ao P; além disso, se aqueles países instalam-se no T; o Brasil no F.

[...] Marías exemplifica Freyre com a apropriação pessoal do tempo. Para além do tempo “objetivo”, do relógio, o brasileiro inventa o tempo pessoal: “amanheci triste” (não “a manhã” objetiva, do relógio, do tempo impessoal), mas a minha manhã; o meu tempo, a hora de cada um, de Jesus Cristo (que fala de “sua hora”) ou de Augusto Matraga.

O português conseguiu a proeza de conjugar de modo pessoal o neutro infinitivo: não exercemos o impessoal sair; é o nosso sair: “É bom sairmos porque é hora de irmos”. Para não falar em extremos – como nos fez notar o Dr. Sylvio Horta (FFLCHUSP) – como o da expressão: “*minha* Nossa Senhora”.

O brasileiro faz o próprio impessoal virar pessoal: se o francês diz *on* ("*En Espagne on dine rarement avant 22 heures*"), no falar brasileiro vai prevalecendo o “você”, para que o interlocutor sinta de modo pessoal a situação de que se está falando: “Na Espanha você não janta antes das dez”. A aproximação pessoal dá-se também no vocativo paulista “Ô meu”.

O pronome oblíquo brasileiro também pode projetar pessoalização: “Não me bata nesse cachorro” (maltratar o cachorro é maltratar a mim).

Em números anteriores desta revista discutimos alguns outros casos da preferência F do brasileiro: o uso do “estar com” em lugar do “ter” (“estar com” suaviza a fria e dura posse do “ter”, indicando gentilmente que o carro, o dinheiro etc. é de todos nós, independentemente de eu ou você “estar com o carro”, “estar com dinheiro”); o excessivo uso do diminutivo, que convoca o afeto, chegando a extremos como a criação do neologismo “euzinha”, que hoje é usado em mais de um milhão de sites na internet brasileira (Google, 5-5-2010)! Etc.

Prato cheio para os F do meu Brasil...

A metafísica da “liquidação”

(v. 53, p. 38-41 março 2010)

Não somente os preços das mercadorias, mas também o significado das palavras pode sofrer uma “inflação”: ter seu significado indevidamente estendido, com as consequentes distorções semânticas.

Pense-se, por exemplo, no uso comercial de palavras como: “desconto”, “oferta”, “promoção” ou “liquidação”. Esta, em condições normais, significaria: “venda de mercadorias a preços abaixo do normal para renovação dos estoques ou extinção do negócio” (Aurélio) ou “venda de mercadorias, a preços reduzidos, por ocasião da cessação de um comércio ou para dar saída rápida ao estoque, para facilidade dos balanços etc.” (Houaiss).

Porém, no uso inflacionado, em muitos casos, “liquidação” estende-se de “venda especial” para simplesmente “venda”. Assim, os anúncios da TV apregoam que tal loja está em liquidação mas, se repararmos bem, tudo somado, as lojas parecem estar em liquidação o tempo todo: há poucos dias tivemos a “liquidação de carnaval” (como se as roupas ou eletrodomésticos, cansados de pular o carnaval e desgastados pelos desfiles, tivessem seus preços rebaixados em um “carnaval de ofertas”); depois teremos a liquidação de Páscoa; a do Dia das Mães; a do Dia dos Namorados etc.

Ou, mesmo sem pretexto de datas, há um estado permanente de liquidação (pelo menos em nível de anúncio e publicidade); o que, por outro lado, acaba levando a palavra a descrédito. Daí que já não baste anunciar uma mera liquidação, mas é necessário qualificá-la, modificá-la, intensificá-la, superlativizá-la, para compensar o desgaste inflacionário semântico.

O intensivo pode se dar de diversos modos; analisaremos, aqui, algumas formas especiais: as que seguem os “transcendentais do ente”, na filosofia clássica de Tomás de Aquino (1225-1274).

Intensidade

“Ente”, particípio presente do verbo “ser”, é aquilo que é, que “exerce” o ser. Assim como o presidente exerce o ato de presidir; o gerente, o de gerir; o ouvinte, o de ouvir; o ente exerce o ato de ser. Assim, eu sou um ente, aquela árvore, meu cachorro Lulu, esta pedra, também o são.

Os seis transcendentais do ente são, por assim dizer, seis sinônimos de ente. Bem entendido: “sinônimo” não significa identidade absoluta, mas sim que cada um desses “sinônimos” aponta para um determinado aspecto diferente da mesma e única realidade. Como quando falamos em “casa”, “lar”, “domicílio” e “residência”. Em si, a realidade a que se referem essas palavras é a mesma e única; mas ninguém diz “domicílio, doce domicílio”, nem a Prefeitura cobra IPTU sobre o meu lar etc. (ainda que haja casos em que

é legítima a substituição de uma dessas palavras, ou indiferente o uso de uma ou outra: afinal, são sinônimas!).

Como dizíamos, apontam-se classicamente seis transcendentais, seis “sinônimos” do ente: *verum, bonum, pulchrum, res, aliquid, unum*. Respectivamente: “verdadeiro”, “bom”, “belo”, “coisa”, “que” e “um”.

O que se afirma com os transcendentais é que tudo que é, é bom; tudo que é, é verdadeiro; é uno; é um quê (*aliquid*: algo) etc. A identidade (na coisa) entre ente, verdadeiro, bom etc. é uma das afirmações mais fundamentais da filosofia de Tomás de Aquino, por exemplo: o ente, enquanto diz respeito à inteligência, diz-se verdadeiro; à vontade, bom etc.

Afirmar a relação do real com uma inteligência e uma vontade é, no caso, primariamente afirmar a dependência do ente para com Deus, cujo ato criador inclui pensar e querer a criatura com seu ser e essência. Aliás, criar deve ser entendido precisamente como um ato da Inteligência (que concebe, projeta) e do Querer divinos que conferem o ser. Assim, verdadeiro (ou bom) é algo próprio do ente, no sentido profundo de que o ente supõe uma relação com a inteligência que o cria e, então, também com a inteligência humana que a ele se abre.

Recíproco

Não pretendemos aqui explorar as ricas consequências filosóficas e relações teológicas que se

encerram na doutrina dos transcendentais, mas somente indicar que, por mais estranho que à primeira vista possa parecer, é-nos, no entanto, altamente familiar esse trânsito e reciprocidade: ser-verdade-bem.

Como sempre, voltemo-nos para a linguagem comum. Nela encontraremos, em muitas línguas, intuída e legitimada alguma equivalência entre ser, verdade, bem etc. É este exercício que faremos agora: mostrar como a linguagem autoriza o trânsito, a permutação dos transcendentais.

Quando algo é, mas é realmente (“Forty years: she is not really old”), dizemos que é de verdade, ou que é bom, ou belo, empregados no sentido de plenitude: “Não senhor, isto não é descanso; você precisa descansar de verdade”, ou, o que é o mesmo, “um bom descanso” ou “um belo descanso”. Também em outras línguas: o italiano, por exemplo, diz: “Una buona dose di vino”, “Un bel pò di strada” etc.; o inglês: “It is a good distance” etc., sempre indicando plenitude, ser de verdade. Com o transcendental da beleza, dizemos coloquialmente: “Tal time se afundou bonito”.

E se algo não vale a pena, “não adianta”, o inglês diz “no good”. Fala-se nos “bens” de uma pessoa: “Fulano, com o incêndio, perdeu todos os seus bens”. E “bem” na expressão “se bem que” (ob-wohl, em alemão; ben che, em italiano; bien que, em francês) equivale à ressalva: “é verdade que” ou simplesmente, “é que”. E o mesmo ocorre quando dizemos: “Ah! Eu bem que te avisei. Bem feito!” (Je vous l’avais bien dit!) ou “Você bem que podia me aparecer” (Vinícius de Moraes), ou ainda, “Eu bem que mostrei sorrindo” (Chico Buarque). Jawohl (literalmente: sim-bem) é

a forma enfática afirmativa do alemão, que também dispõe do “bem” enfático: “Wo - zum Teufel - kann er wohl stecken?” [Onde diabos pode ele (bem) estar metido?], bem como em outras línguas (Le ultime notizie lasciano ben sperare...).

E “também” significa tão-bem, ou seja, “igualmente é”; em alemão há, por exemplo, ebensogut e, em inglês, “as well”: “He is rich, my father is rich as well”. O espanhol tem a expressão “mas bien”. Ante um vinho falso, um vinho que não é bem vinho, exclama-se: “Esto es mas bien água”. E nós dizemos: “Nem bem chegou e já tornou a sair”.

E quando algo é (é mesmo, para valer) diz-se em francês “pour de bon” (próximo ao inglês “for good”, definitivo) ou “pour de vrai”; e dizemos que um bife está bem passado, “well done”. Para não falar do “tout bonnement”: “Elle est tout bonnement insupportable!”.

Distinguimos moeda falsa de dinheiro bom; dizemos que o cheque é bom para depois de amanhã (“um assegno buono per dopo domani”; “good for 30 days” etc.); e temos “bônus” desta ou daquela companhia etc. Já a torcida daquele time do interior paulista, indignada ante o desempenho evidentemente displicente de seu goleiro, gritava revoltada: “O golero é farso” (em português há - como no alemão, inglês etc. - o “falso alarme”). Dizemos também “de mentirinha” para indicar que algo não é, ou “não é de nada”.

Coisas

Para designar um ente ou uma ação qualquer, o italiano vale-se do transcendental “coisa” em lugar do nosso

“que”: “Cosa vuoi?”, “Cosa fai?” ou, com a especial sensibilidade que italianos e alemães têm para o transcendental “belo”: “Cosa fai di bello?”. Já o alemão, para certos casos em que nós empregamos “bem”, diz schön (belo): “also schön” (pois bem), “schön und gut” (muito bem) etc.

Já “coisa”, no nosso falar popular, pode indicar algo que está muito bom: “Hmm! Tá uma coisa” (combinando os transcendentais “um” e “coisa”). E quando algo não é, mas não é mesmo, dizemos “coisíssima nenhuma”.

O transcendental *unum* é preferentemente restrito ao humano, no sentido universal de “alguém”: uno (espanhol), einer (alemão), one (inglês), principalmente nos compostos someone, no one etc. (ainda que one possa referir-se a qualquer ente: “the next one, please”, pode dizer também o operário que acaba de montar uma peça e pede a próxima).

“Um”, embora menos frequente que em outras línguas, pode também designar “alguém”: “Ele é um que sabe o que quer”. E o povo diz: “O Souza? É aquele um que tem um carro preto”.

Foquemos agora um caso especial no qual é particularmente visível a equivalência dos transcendentais: seu uso intensivo, significando: “muito”. Podemos usar “bom”, “belo”, “verdadeiro”, “coisa”, “que” e “um” nesse sentido, para indicar que algo é com intensidade.

Isto já se nota na própria palavra inglesa very, que obviamente procede do latim (*verus, vere*). Também o nosso “deveras” pode ser usado no sentido de “muito”. Na Bahia,

pede-se café com bem açúcar. “Muito obrigado”, em francês, é não só “merci beaucoup”, mas também “merci bien” (em alemão “danke schön” – obrigado belo). Note-se ainda que “how much” é literalmente em francês “com’-bien”.

Liquidação

“Uma beleza de traiçoeiro”, diz Riobaldo Tatarana para indicar o superlativo; “está bem mal”; “deveras interessante” e o já apontado “está uma coisa” são outros tantos usos intensivos dos transcendentais.

“Um” e “que” também podem passar por muito. “Que saudades que eu tenho...”, “Que lindo!” e também no uso da gíria: “O que tinha de gente lá...”, “O que o juiz roubou pros hóme...”. “Está um calor, hein?” “Está uma chuva, um frio (What a cold!)”. Bom disso, bom daquilo (bom de bola, bom de bico) também indicam intensidade.



https://www.reddit.com/r/Volkswagen/comments/11vhae4/volkswagen_das_auto/

A publicidade com palavras desgastadas como “liquidação” ou “desconto” vai procurar reforço em formas intensivas e nos transcendentais: liquidação de verdade, verdadeira oferta, um belo desconto, um bom desconto, liquidação para valer, que descontão!, isso é que é liquidação, “a” liquidação (durante anos o slogan das lojas Mappin, apontando para o *unum*, a única verdadeira; como o “*Das Auto*”, dos atuais anúncios da Volkswagen, que apontam também para o verum metafísico: carro mesmo).

A linguagem tem cada uma...

O português no inglês

(v. 47, p. 20-23, set. 2009)

Em julho de 2009 foi publicada a versão 4.0 em CD-ROM do Oxford English Dictionary, com o significado, história e pronúncia de mais de meio milhão de palavras. O OED rastreia o uso dos verbetes nas diversas fontes internacionais do inglês: são mais de dois milhões e meio de citações, que vão da literatura clássica a roteiros de filme; de especialistas a livros de cozinha. A versão 3.0 tinha sido lançada em 2002.

Um exercício interessante para o estudioso da linguagem (e para o sociólogo) é o de verificar os verbetes importados ou procedentes do português, que foram incorporados ao OED - como *addition* ou como inclusão provisória, *draft entry* - nestes últimos sete anos.

Geralmente, a importação de uma palavra dá-se quando a língua local recebe uma realidade nova, vinda de uma outra cultura (ou fortemente marcada por ela); novidade para a qual os falantes locais não estavam preparados linguisticamente.

Se hoje o futebol é paixão nacional para os brasileiros, os mais velhos ainda somos do tempo em que muito do seu léxico era importado ou diretamente adaptado da língua dos fundadores: desde o próprio nome *foot-ball*, até como se dizia antigamente, *corner* (escanteio), *goal-keeper*

(goleiro), beque (imitando *back*)... e, ainda hoje, mal reparamos que pênalti é, afinal, *penalty* e gol é *goal*.

O mesmo se dá com os usos (e abusos) da linguagem da informática “*clicar* o botão direito do *mouse*” (em Portugal, mais purista, “carregar com o botão direito do rato”), “fazer download” etc.

Naturalmente, há outros fatores, do pedantismo ao eufemismo, mais ou menos legítimos, para além da existência de adequado equivalente nacional: a padaria, bem periferia, em Santana do Parnaíba é “Parnaíba’s Center”; e todo mundo prefere dizer “soutien” do que “ampara seios”; no restaurante perguntamos pela “toilette” em vez de mitório... E, assim, na culinária, nas artes, na moda, na tecnologia etc. vamos importando palavras, buscando o diferencial de expressividade que têm na língua original. *Talyb* é, no dicionário, aquele que estuda e seu plural é *Talyban*; mas talibã envolve algo mais do que estudo de livros...

Para efeitos de estrangeirismos, a influência do inglês é dominante no âmbito da tecnologia; e muito do francês, no do *charme* (não por acaso, uma palavra francesa); quais as palavras brasileiras que foram introduzidas nesta nova edição do OED?

Muito poucas. As que começam a invadir a realidade dos países falantes do inglês ou porque são notícia ou objeto de estudo por lá. Como *additions*, entraram verbetes como “várzea”, terreno plano sujeito a inundações periódicas - In Brazil, (an area of) low-lying, flat land which is subject to periodical flooding – e a tribo “urubu”; mas, mais significativas são: *feijoada* e *feijão*; *garimpeiro*, *lambada*,

umbanda e umbandista; e a tribo *yanomamo* (a do massacre...).

Na parte de citações do OED, encontramos por exemplo, que meio milhão de umbandistas foram a uma celbração na praia, ou que embora eu esteja calmo, meus nervos estão como numa lambada:

1977 Times 24 Nov. Half a million umbandistas were on the beach that day.

1993 Colorado an Fort Collins 28 Mar. I'm trying to act and sound calm but my nerves are doing the lambada.

Há uma dúzia de principais entradas experimentais (*draft entry*): ebene (pó psicoativo empregado em rituais yanomami), açaí, capoeira e capoeirista, cavaquinho, farofa, telenovela, caipirinha e caipiroska, cachaça, candomblé, churrasco e churrascaria.

Na verdade, a capoeira, as churrascarias, telenovelas e caipirinhas, parecem ser realidades não provisórias e que foram para ficar, conquistas culturais que tendem a se expandir e arraigar no exterior.

No campo das não-novidades, o OED, desde edições anteriores, traz interessante casos de palavras do português que se arraigaram internacionalmente. Alguns exemplos:

Fetichismo (*fetish*) (a. F. fétiche, ad. Pg. feitiço n. charm, sorcery (from which the earliest Eng. forms are directly adopted). (Originário dos objetos usados pelos negros da costa da Guiné para fins de encantamento).

Massagem (*massage*) (It is perh. a. Pg. amassar to knead, f. massa dough (= mass n.2).)

Tanque (de guerra), para não revelar o segredo militar, ao fazer os primeiros tanques (de guerra), os construtores diziam ser tanques (de água) (Tank n. 7 [Special use of tank n.1 adopted in Dec. 1915 for purposes of secrecy during manufacture.] Tank n. 1...others think that they are all derived from Pg. tanque pond = Sp. estanque, F. étang:—L. stagnum pond, pool, with which at least the Indian words were identified by the Portuguese)

Comando (*commando*) grupo militar autônomo para missões rápidas: a palavra aplicaou-se às expedições portuguesas na África do Sul [a. Pg. commando ‘command, party commanded’, f. stem of commandar to command.] 1.a. A party commanded or called out for military purposes; an expedition or raid: a word applied in South Africa to quasi-military expeditions of the Portuguese or the Dutch Boers (esp. the latter) against the natives.

Jaguar palavra tupi-guarani para diversos carnívoros, do cão à onça [a. Tupi-Guarani yaguara, jaguara. According to writers on Tupi-Guarani, jaguara or jagua is orig. a class-name for all carnivorous beasts, including the tiger (i.e. jaguar), the puma, etc.

O laboratório de cada povo

(v. 42, p. 54-58, abr. 2009)

Uma das grandes contribuições do pensador alemão Josef Pieper (1904-1997) para o método da Antropologia Filosófica foi a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem é fundamentalmente indireto: os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem na consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder em três grandes sítios: instituições, formas de agir e linguagem (um estudo tematicamente dedicado à metodologia em Pieper está em (Lauand 2007, 119-142).

Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos: em grandes instituições (como, por exemplo, a universidade, que tanto nos revela sobre o espírito humano), em formas de agir (como é o caso do filosofar ou do ato poético), e na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias.

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos das instituições,

das atividades humanas e das formas de dizer, em nossa língua ou em outras.

Nesse quadro, a linguagem passa a ser todo um laboratório para o pesquisador em antropologia: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Nestas páginas indicaremos – por vezes a modo de brevíssima alusão a ser retomada de forma mais alentada em textos desta coletânea – alguns desses casos “reveladores” da linguagem, em diversas línguas. Feitas as devidas imensas ressalvas, falaremos aqui de grandes tipificações como “o brasileiro”, “o inglês” etc. Como não pretendemos mais do que sugerir indicações de presença e de conexão, trata-se de procedimento aceitável, desde que tenhamos sempre presente as limitações que reconhecemos.

Fiquem estes poucos exemplos como sugestão de explorar outros fatos gramaticais ou de linguagem em sala de aula: numa época que diz valorizar a interdisciplinariedade e a transversalidade não estaria demais ensinar gramática e língua procurando descobrir concretamente aquilo que de fato são: reveladoras do homem e de seus condicionantes.

O gênio (e o jeito) das línguas

A linguagem recebe (e dá...) características do povo que a pratica; o falar brasileiro – o de Sinhá Zefa e o nosso – dá-se acompanhado - no léxico, na prosódia, etc. – pelo africano e pelo índio, porque também o brasileiro recebeu essas influências. Para evidenciar isto, baste evocar a figura e

a obra do saudoso Dorival Caymmi – ele mesmo um expoente do diferencial brasileiro – e os personagens de suas brasileiríssimas canções, como *História pro Sinhôzinho*:

Na hora em que o sol se esconde
E o sono chega
O sinhozinho vai procurar
Hum, hum, hum

A velha de colo quente
Que canta quadras e conta histórias
Para ninar
Hum, hum, hum

Sinhá Zefa que conta história
Sinhá Zefa sabe agradar
Sinhá Zefa que quando nina
Acaba por cochilar

Sinhá Zefa vai murmurando
Histórias para ninar

Peixe é esse meu filho, peixe é esse meu filho
Não meu pai
Peixe é esse mutum, manganem
É toca do mato guenem, guenem

Suê filho ê
Toca aê marimbaê

Em maior ou menor grau, todos aprendemos com Sinhás Zefas, que falavam brasileiro, com palavras tupi e bantu (como *cochilar* ou *marimba*) e ensinavam os fundamentos do jeito nosso de ver o mundo...

Mais importante do que o tempo objetivo e comum é o tempo de cada um e nossa língua dispõe de um tempo personalizado (“amanheci meio jururu”). Ainda no âmbito do destaque da pessoa, enfatizamos a personalização com o artigo (“fala com a Fabiana ou com o Fernando”) e dispomos de tantos outros recursos e modos que decorrem do “jeito de ser” brasileiro; que, por sua vez, também se configura quando – na escola e com Sinhá Zefa – aprendemos a língua...

Senso de propriedade

Nos exemplos do quadro com Dorival Caymmi, destacamos a personalização. A língua espanhola também tem seus sutis requintes para esse caso, assim descritos em memorável conferência de Julián Marías, de 2000:

“Eu fico impressionado com certas finuras da língua espanhola, que distingue entre coisa e pessoa de modo muito claro. Por exemplo, o acusativo de pessoa requer em espanhol a preposição a. Nas línguas que eu conheço isto não ocorre, o acusativo de pessoa se constrói com o verbo e o complemento direto e pronto. Em francês, em inglês, em alemão, em italiano etc., não ocorre essa distinção. Já o espanhol nunca dirá: “*He visto Juan*” ou “*Quiero Isabel*”.

Dirá “*He visto a Juan*”, “*Quiero a Isabel*”. E mais ainda: há um refinamento muito curioso no que se refere aos animais. Um caçador que volta da caça aos coelhos diz: “*He matado seis conejos*”. Se dissesse “*he matado a seis conejos*” é que se sentiria vagamente culpado. Mas se a espingarda dispara por acidente e atinge o cachorro, ele dirá: “*He matado a mi perro*”. E não: “*He matado mi perro*”. Porque meu cachorro não é simplesmente uma coisa, eu não o trato como coisa; meu cachorro está personalizado, não é uma pessoa, mas tem sua vida de certo modo contagiada pela minha. Como podem ver, a língua tem seus refinamentos...”

Mesmo o preconceito acha seus caminhos refinados, como mostra o mesmo Mariás em 2001, desta vez falando da língua alemã:

“Dá-se um fato curioso no alemão: a antiga palavra para mulher, *Weib – Frau* não, *Frau* é uma palavra feminina – é neutra: *das Weib*, mulher neutro. Do mesmo modo que se usa o neutro para o diminutivo – por exemplo, moça, *Mädchen* é *das Mädchen* – ou ainda em *das Pferd*, cavalo. E é que são coisas que se tem em propriedade: afinal, a mulher, *das Weib*, *das Mädchen*, *das Fräulein*, *das Kind*, a criança também é indistinta em gênero... São neutros.

Por que neutros? Porque são considerados propriedades, isto é, a vivência primária com relação à mulher, à moça, à criança é a de propriedade. É, diríamos, um arcaísmo social que está na língua”.

Sempre me pareceu uma grave injustiça para com os alunos que os professores de línguas não destacassem e discutissem refinamentos como esses, carregados de sentido antropológico; e apresentassem a gramática como meras regras (ou exceções), o que é estéril até do mero ponto de vista do ensino da gramática, transformada numa memorização frustrante e insossa...

O elefante da discórdia

Seria bem mais fácil a própria apreensão da gramática se os professores se lembrassem de, quando for o caso, discutir a filosofia ou sociologia subjacentes.

Pensemos, por exemplo, no imenso e variado uso que a língua inglesa faz do gerúndio, das formas *-ing*. Parece-me que este fato gramatical guarda alguma relação com a tradição de pensamento inglês, tão frequentemente afeito ao empirismo, ao nominalismo, ao pragmatismo, ao fato que se manifesta à percepção.

Como na antiga piada do concurso internacional de monografias sobre o elefante. Concorrem um alemão, um italiano, um francês e um inglês (claro que a piada admite

diversas versões, com diferentes nacionalidades e desfechos: a única constante é o francês!).

Na data da entrega, o alemão comparece com um grosso volume intitulado: “Prolegômenos aos pressupostos teóricos da essência da tromba. Volume I”.

O francês apresenta um elegante ensaio: “*L’elephant et l’amour*”

O italiano: “*L’elefante e la sua buona memoria: Perché lui non dimentica mai che há dovuto tutto a sua madre*”.

Já o inglês traz simplesmente: “*The Elephant*” (ou “*Elephants I have shot*” ou “*Elephants in British Empire*”...). De acordo com a maldade do narrador, pode-se acrescentar, o argentino, com o estudo: “*La Argentina y los argentinos*”; o americano: “*The Elephant and the global war on terror*” ou em versões pré 11-09: “*How to breed more elephants in less time*”; etc.

Com todas as reservas para uma afirmação tão geral, o inglês parece tender ao fato concreto e a recusar abstrações desnecessárias e isso de algum modo se traduz na gramática. Tomemos, por exemplo, os chamados *verbs of perception*, como *to see, to hear, to overhear, to feel*... Esses verbos não podem ser seguidos de infinitivo “com *to*”, mas pela forma em *-ing*, que é o que, afinal de contas, se percebe: *Didn’t you hear the phone ringing?* Caberia também a forma nua: *Didn’t you hear the phone ring?*, mas se se quer enfatizar a ação em processo, então se impõe o *-ing*: “*Didn’t you hear the phone ringing while I was in the bathroom?*”. Mas, em nenhum

caso, o infinitivo com *to*, não se pode dizer: “*Didn’t you hear the phone to ring?*”

Curiosamente, em Portugal é ao contrário: a preferência pelo infinitivo em detrimento do gerúndio. O infinitivo puxa para o âmbito do abstrato; afinal eu não vejo “o correr”; não ouço “o tocar”; vejo, isso sim, o ladrão correndo da polícia; ouço meu vizinho tocando bateria...

E há verbos, como *to smell, to catch, to spot, to find* que, ainda na fórmula *verb + (pro)noun*, só admitem a forma -ing (não aceitam sequer a forma nua); referem-se unicamente a processo, a gerúndio, a fato ocorrendo: eu só posso sentir o cheiro de algo queimando (assando ou fritando etc.); só posso apontar (*spot*) para algo que está ocorrendo; etc.

Sem essas reflexões (que tanto ajudam à compreensão e memorização), a gramática torna-se uma opressora tabela de regras e exceções arbitrárias.

A esperança de um povo

Como aquela exceção – aparentemente ininteligível – da língua francesa: o verbo *espérer*. Ensinam as gramáticas que se emprega o subjuntivo quando a oração subordinada é introduzida por verbos ou expressões que expressam um desejo ou uma vontade (*je veux que...; je souhaite que...; etc.*); a exceção é o verbo *espérer*, que requer indicativo!?

Por trás dessa exceção (e de outros interessantes fenômenos da linguagem da esperança em francês) há razões

filosófico-teológicas, que remetem à história cultural. Em geral, o aluno é privado dessas explicações e dificilmente vai lembrar qual é o verbo que era exceção...

No caso, a exceção remete à distinção clássica entre *simpliciter* e *secundum quid*. Os antigos distinguiam entre felicidades, realizações e esperanças (em plural, *secundum quid*) e felicidade, realização e esperança (em singular, *simpliciter*). As *secundum quid* referem-se aos mil aspectos do “dar-se bem” (a saúde, as finanças, a aceitação social, a integridade física e a dos próprios bens etc.); já *simpliciter* refere-se ao “dar-se bem” último, radical e definitivo, realizar-se enquanto homem: *to be or not to be* é que é a questão! É, portanto, único e singular.

Nesse sentido, Josef Pieper fez notar uma outra sutileza da língua francesa: a existência de duas palavras para esperança: *espoir* e *espérance*, aparentemente sinônimas (os dicionários costumam apontar que a primeira é mais coloquial e a segunda mais “literária”), mas, na verdade o que geralmente as distingue é o fato de que *espoir* se aplica aos aspectos *secundum quid*, plurais (as mil esperanças: de cura, de êxito financeiro, da classificação do meu time etc.), enquanto *espérance* – esta é singular! – é a esperança definitiva, a do *to be or not to be*, ou, na tradição cristã, a virtude da esperança, que, por ser teologal, dá a *certeza* da salvação. Ora se “esperar”, nessa tradição clássica, refere-se à certeza, não cabe o subjuntivo, mas somente o indicativo: quem espera, sempre alcança...

Bibliografia

Lauand, Jean (2007) *Filosofia, Linguagem, Arte e Educação*, São Paulo, ESDC, 2007.

Marías, Julián (2000) *La Persona. Conferencia*
<http://www.hottopos.com/mp2/mariaspers.htm>.

Marías, Julián (2001) *Enamoramiento: la persona que se convierte en proyecto. Conferencia*
<http://www.hottopos.com/mirand12/jms5enam.htm>

Pieper, J. 1981 *Glauben, Hoffen, Lieben*, Freiburg, IBK.

A linguagem mística do cotidiano

(v. 38, p. 52-56 dezembro 2008, revisto)

Deus no forno - a arte como mística do cotidiano

Em uma de suas recentes conferências – no programa “Sempre um Papo”, TV Câmara, 6 de agosto de 2008 (<http://www.sempreumpapo.com.br/audiovideo/index.php>) - Adélia Prado reafirmou a visão de mundo que informa sua poesia: a mística do cotidiano.

E é a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda. E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa - que já tinha visto muitas vezes - “Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito!” -, aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido.

Minha insistência no cotidiano é porque a gente só tem ele: é muito difícil a pessoa se dar conta

de que todos nós só temos o cotidiano, que é absolutamente ordinário (ele não é extraordinário) (...) E eu tenho absoluta convicção de que é atrás, através do cotidiano que se revelam a metafísica e a beleza; já está na Criação, na nossa vida. O nosso heróico, o nosso heroísmo é deste cotidiano... nossa vida é linda: o cotidiano é o grande tesouro, como diz um filósofo [Pieper]: admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se desta água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário, essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é a boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis... O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro: “Há mulheres que dizem: / Meu marido, se quiser pescar, pesque, / mas que limpe os peixes (...)”.

Enganar-se-ia quem pensasse que se trata de uma visão necessariamente confessional; há 2500 anos já o grande Heráclito de Éfeso afirmava vigorosamente essa presença de

Deus no trivial. Trata-se de um famoso episódio, assim narrado por Aristóteles:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes” (*De part. anim.*, A5 645 a 17 e ss.)

Em vez do “sábio” por eles imaginado - imerso nas profundezas do pensamento, investigando os segredos da divindade - esses visitantes decepcionados encontram Heráclito prosaicamente aquecendo-se junto ao fogão. E o filósofo tem que instruir esses curiosos desavisados:

Mesmo aqui, junto ao forno, mesmo neste lugar cotidiano e comum onde cada coisa e situação, cada ato e pensamento se oferecem de maneira confiante, familiar e ordinária; “mesmo aqui”, nesta dimensão do ordinário, os deuses também estão presentes. A essência dos deuses, tal como apareceu para os gregos, é precisamente esse aparecimento, entendido como um olhar a tal ponto compenetrado no ordinário que, atravessando-o e perpassando-o, é o próprio extraordinário o que se expõe na dimensão do

ordinário (Heidegger, M. *Heráclito*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, pp. 23-24.).

Se a arte, tal como a filosofia, tem a missão de recordar os “essenciais esquecidos”, esse episódio, mesmo em sua interpretação superficial, já teria o imenso mérito de lembrar a presença de Deus no trivial.

O alcance do posicionamento de Heráclito é, porém, ainda mais profundo e a análise de Heidegger chega a uma conclusão muito mais forte, e como ele mesmo diz: “curiosa”. É o que, em português, podemos expressar, lendo o “*mesmo aqui*” de Heráclito, como “*aqui mesmo*”! E é que, no fundo, Heráclito não diz “Mesmo aqui estão os deuses”, mas sim: “É *aqui mesmo* que os deuses estão”. Aqui mesmo: junto ao forno, no trivial do cotidiano, ou nas palavras de Heidegger:

“Quando o pensador diz ‘Mesmo aqui’, junto ao forno, vigora o extraordinário, quer dizer na verdade: *só aqui* há vigência dos deuses. Onde realmente? No inaparente do cotidiano” (op. cit., p. 24).

O pensamento cristão irá incorporar essa ideia e quando Tomás de Aquino (uma das referências de Adélia) elabora sua síntese, incorporando, no centro mesmo de seu pensamento, a doutrina neo-platônica da participação, lança as base teóricas que fundamentam a mística do cotidiano. Naturalmente, a *participatio* é um difícil conceito filosófico-teológico, mas aqui bastem-nos alguns traços ligeiros, para

estabelecer o relacionamento com a poética adeliana. Para Tomás, participar é ter, em oposição a ser: receber daquele que é: Deus é o ser; a criatura **tem** o ser, recebe – a partir do nada – o ser. Do mesmo modo que o metal “tem” calor, recebe o calor que “é” no fogo, assim, a criação é o ato em que nos é dado o ser em participação. E por isso que tudo o que é, é bom: participa do Ser (e do Bem). E assim viemos dar com uma importante afirmação de Tomás, que é a base da estética:

Assim como o bem criado é certa semelhança e participação do Bem Incriado, assim também a consecução de qualquer bem criado é também certa semelhança e participação da felicidade definitiva (*De Malo* 5, 1, ad 5).

Assim, a arte faz-nos ver (ou entrever...) essa realidade transcendente no inaparente do cotidiano e, sem ela, recairíamos na cotidiana desolação..., ou para irmos direto ao emblemático verso de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia.
Olho pedra e vejo pedra mesmo (*Poesia Reunida*, p. 199)

Nesse verso genial, que expressa toda sua postura poética, encontram-se, de modo maximamente resumido, os elementos essenciais da obra de Adélia: Deus-inspiração-cotidiano-arte. Guiados pela poesia, também nós, os não artistas, podemos ver esse *plus*, para além da mera pedra. A

própria Adélia insiste nesse cotidiano como objeto de transcendência. Em uma entrevista que lhe fiz em 1993, a poeta declarava:

Onde é que estão os grandes temas? Para mim, aí é que está o grande equívoco. O grande tema é o real, o real; o real é o grande tema. E onde é que nós temos o real? É na cena cotidiana. Todo mundo só tem o cotidiano e não tem outra coisa. Eu tenho esta vidinha de todo dia com suas necessidades mais primárias e irreprimíveis. É nisso que a metafísica pisca para mim. E a coisa da transcendência, quer dizer: a transcendência mora, pousa nas coisas... está pousada ou está encarnada nas coisas (<http://www.hottopos.com.br/videtur9/renlaoan.htm> , No. 3).

Que fazem as artes, senão guiar nosso olhar para esse “*plus*”: a pedra não é uma prosaica pedra, ou melhor, sendo pedra - e precisamente por ser - é muito mais que pedra... É, como diz Adélia em outro verso, a “magnífica insuficiência” a convocar a arte. O despertar para o encanto da realidade, para o *plus* da pedra, é classicamente afirmada como a vocação da poesia e também neste ponto - afirmam filósofos tão clássicos como Aristóteles e Tomás de Aquino - o poeta assemelha-se ao filósofo, pois “*uterque circa mirandum versatur*”: ambos se voltam para o *mirandum*, para aquilo que suscita a admiração.

Esta afirmação da admiração como princípio do filosofar/poetar é, ao mesmo tempo, uma afirmação de compromisso com a realidade mais simples e cotidiana. O aburguesamento do espírito ocorre quando o homem já não é capaz de se admirar ou precisa do sensacionalismo, do estapafúrdio para provocar em si mesmo um *Ersatz* da admiração, da verdadeira admiração, no dizer de Pieper:

Perceber no comum e no diário aquilo que é incomum e não-diário, o *mirandum*, eis o princípio do filosofar (...) tanto o filósofo como o poeta se ocupam desse maravilhoso¹⁸⁹.

É uma questão de sensibilidade: na verdade, o filósofo e o poeta não habitam um mundo diferente, mas sabem ver - com olhos de admiração - o sentido e a beleza que se encerram na mesma realidade de cada dia. Para nós, pelo contrário, a realidade deixou de ser objeto de contemplativa admiração e passou a ser considerada meramente como opaca matéria-prima.... Pois, a discreta simplicidade dos valores da poesia escapa à sufocante mentalidade consumista e massificada, amarga e reivindicatória, do homem que se pretende auto-suficiente num mundo tecnologicamente domesticado, que, quando muito, só se deixa atingir por “efeitos especiais”: não por acaso “sofisticado” deriva de “sofista”.

¹⁸⁹. Pieper, Josef *Was heisst Philosophieren?*, München, Kösel, 8a. ed. 1980, p. 63.

Criação, Encarnação e a mística do trivial – Adélia Prado

A poesia de Adélia instala-se numa visão do mundo informada pela doutrina da participação: a resposta de Tomás de Aquino ao enorme desafio lançado pela revelação cristã: que não admite um Deus confundido panteisticamente com o mundo, nem um Deus absolutamente alheio a ele. As coisas se complicam quando, além do mais, afirma-se que “o Logos se fez carne e habitou entre nós”. Se já pela Criação, temos uma interface pela qual as coisas do mundo manifestam a presença de Deus, pela Encarnação, Cristo encabeça toda a realidade criada e a incorpora a seu plano redentor.

Certamente, o fato de a arte remeter a Deus é mais facilmente aceitável quando estamos diante da beleza pura. As musas são um dom da divindade: não é por acaso que, naturalmente, instintivamente, o homem tende a evocar Deus quando a beleza inesperada ou intensa arranca-o do marasmo cotidiano, como no verso de Castro Alves: “Meu Deus! Quanta beleza...”. Mas, Deus é o autor de toda a Criação e a epístola aos Colossenses fala da reconciliação de *toda* a realidade com Deus. É o mistério que é expresso na mística de Adélia Prado, que encontra a Deus não só nas maravilhas das belezas manifestas da natureza, mas até nas situações mais prosaicas: das tripas de peixe ao sebo das peças de frigorífico:

A POESIA, A SALVAÇÃO E A VIDA

Seo Raul tem uma calça azul-pavão
e atravessa a rua de manhã
pra dar risada com o vizinho.
Negro bom.
O azul da calça de seo Raul

parece pintado por pintor;
mais é uma cor que uma calça.
Eu fico pensando:
o que é que a calça de seo Raul
tem que ver com o momento
em que Pilatos decide a inscrição
JESUS NAZARENUS REX JUDEORUM.
Eu não sei o que é,
mas sei que existe um grão de salvação
escondido nas coisas deste mundo.
Senão, como explicar:
o rosto de Jesus tem manchas roxas,
reluz o broche de bronze
que prende as capas nos ombros dos soldados
romanos.
O raio fende o céu: amarelo-azul profundo.
Os rostos ficam pálidos, a cor da terra,
a cor do sangue pisado.
De que cor eram os olhos do centurião
convertido?
A calça azul de seo Raul
pra mim
faz parte da Bíblia.
(*Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991,
p.216)

DUAS HORAS DA TARDE NO BRASIL

(...)

Frigoríficos são horríveis
mas devo poetizá-los
para que nada escape à redenção

Frigorífico do Jibóia

Carne fresca

Preço jóia.

De novo quero rezar pra não ficar estrangeira
'meu Deus, meu Deus, por que me
abandonastes?'

Dizei-me quem sois Vós e quem sou eu,
dizei-me quem sois Vós e quem sou eu.

(*Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991,
p.326)

CASAMENTO

Há mulheres que dizem:

Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.

Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.

É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,
ele fala coisas como 'este foi difícil'

'prateou no ar dando rabanadas'
e faz o gesto com a mão.

O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
atravessa a cozinha como um rio profundo.

Por fim, os peixes na travessa,
vamos dormir.

Coisas prateadas espocam:
somos noivo e noiva.

(*Poesia Reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991,
p.252)

De fato, quem afirme com o cristianismo que o mundo é Criação, que Deus é criador também da matéria, deve afirmar o caráter maravilhoso de cada coisa criada, que nos convida à contemplação de Deus. Mas, por outro lado, Tomás de Aquino também nota que essa mesma criatura que nos enleva, pode também produzir um efeito depressivo, nos remeter ao nada; o nada, a partir do qual ela foi criada. É isto o que Pieper chama de “transtorno bipolar” ou “psicose maníaco-depressiva”, “psicose” que é a normalidade do homem comum, que se põe em contato com o ser, que se põe a filosofar (/poetar) e sofre um efeito muito perturbador: por um lado, uma euforia extrema, porque encontra a beleza e a verdade de Deus no mundo, e por outro, de uma profunda depressão. Essa situação de “normalidade psicótica” do homem foi também notavelmente expressa por Adélia Prado em um poema inédito, “Acácias” (tive o privilégio de ter este poema, somente a mim confiado naquela entrevista de 1993), que fala do transtorno - , angústia - ante a beleza de uma criatura, uma simples acácia que seja.

ACÁCIAS

Minha alma quer ver a Deus.

Eu não quero morrer.

Quero amar sem limites

E perdoar a ponto de esquecer-me

Radical, quer dizer pela raiz

O perdão radical gera alegria

Exorciza doenças, mata o medo

Dá poder sobre feras e demônios

Falo. E falo é também membro viril,

Todo léxico é pobre,
Idiomas são pecados;
Poemas, culpas antecipadamente perdoadas
Eis, esta acácia florida gera angústia
Para livrar-me, empenho-me
Em esgotar-lhe a beleza
Beleza importuna,
Magnífica insuficiência,
Porque ainda convoca
O poema perfeito.

A vida como jogo

(v. 35, p. 22-25 setembro 2008)

Olimpíada fez ecoar as metáforas esportivas
que migraram para o cotidiano brasileiro

Boa parte da atração exercida pelos esportes e pelos jogos, tema oportuno agora que as Olimpíadas de Pequim ainda estão fresquinhas na memória, reside no fato de que, de algum modo, representam a vida e diversos de seus aspectos.

Daí também a grande quantidade de metáforas esportivas. Metáforas presentes até na Bíblia: São Paulo compara os esforços requeridos pela vida cristã aos dos atletas e corredores que almejam o primeiro prêmio (I Cor. 9: 24 e ss.). No século 19, ante o preconceito de certas igrejas contra o esporte (“culto ao corpo”, desrespeito ao “dia do Senhor” etc.), esse “aval” do apóstolo era esgrimido por cristãos esportistas, que invocavam esse versículo da Epístola aos Coríntios (daí o famoso time inglês *Corinthian*, que teve seu nome adotado na fundação do nosso Corinthians).

Já no primeiro tratado de xadrez do Ocidente, o *Libro del acedrex*, composto (a partir dos tratados árabes) por D. Alfonso o Sábio, em 1283, os jogos aparecem como metáforas da vida. Nessa obra, a invenção do xadrez é atribuída a um concurso que um rei teria feito precisamente para premiar o sábio que apresentasse um jogo que melhor representasse a condição humana.

Naturalmente, o xadrez aparece como modelo trazido pelo candidato que acreditava “que mais vale a inteligência

do que a sorte, pois quem se guia pelo juízo inteligente faz suas coisas ordenadamente e, mesmo que perdesse não teria culpa, pois estaria agindo segundo modo conveniente”; enquanto outro sábio, que considerava a sorte como fator preponderante, apresentou o jogo de dados; etc.

Popularidade

Dentre todos os nossos referenciais lúdicos de metáforas, evidentemente, de longe é o futebol que ocupa o primeiríssimo lugar, sem competidor próximo. Para expressar situações de nossa vida profissional, empresarial, escolar, familiar, amorosa etc. é a centenas de situações do futebol que recorremos.

Assim, por exemplo, se alguém tem o domínio de uma situação, “está com a bola toda”. Se a pessoa comete uma falha grosseira, “pisou na bola”; mas se teve um bom desempenho, “deu show de bola”. Os exemplos são inúmeros (uma amostra, no quadro da página X).

Enquanto outros jogos praticamente fornecem apenas metáforas pré-fixadas; a força psicológica do futebol é tanta que permite improvisar metáforas em situações novas, como, digamos, a de um vendedor que se queixa a seu gerente que o colega lhe deu “um carrinho por trás” e efetuou indevidamente uma venda a um cliente que era dele; o acusado pode defender-se replicando que “foi na bola” ou que era “bola dividida”; enquanto o primeiro vendedor insistirá que foi “carrinho sem bola”, “agressão fora do lance” etc.

Naturalmente, esse domínio do futebol decorre do enorme interesse que desperta em toda a população, que, desse modo, dispõe de um vivo e riquíssimo código alternativo de comunicação. Curiosamente, muitas metáforas procedem de campos que despertam, hoje, muito pouco interesse nos falantes: se, digamos, o vôlei e o basquete atraem muito mais interessados, não são páreo, no entanto, para o turfe, o bilhar ou o boxe. A razão talvez esteja na particular configuração destes, que produz potencialmente situações de metáfora; além de ter a seu favor, uma tradição estabelecida numa época na qual eram mais populares e pouca gente se interessava por vôlei ou basquete.

Eleições

Mesmo pessoas que não acompanham corridas de cavalos intuem que as emoções do turfe emparelham com as de outras disputas da vida (recorde-se o famoso tango *Por una Cabeza*) e falam normalmente que, digamos, nas eleições municipais de São Paulo, a disputa está entre Alckmin, Kassab e Marta, e Maluf corre por fora (o mesmo Maluf que antes de o PT chegar à presidência dizia que o PT não era “cavalo de chegada”) ou é um azarão. Se Alckmin e Kassab se aliassem, a eleição seria uma “barbada”, etc. Enfim, é páreo duro e só na reta final é que se saberá qual candidato cruzará o disco de chegada. Claro que me refiro aos candidatos dos partidos grandes, porque os outros não pagam placê.

Naturalmente, com o PSDB dividido, Alckmin, que é a bola da vez para ser fritado, está numa sinuca de bico e

Serra, que só confia no seu taco, deu uma grande tacada ao emprestar-lhe um apoio mais para formal. Aliás, ele já tinha cantado essa jogada nas eleições presidenciais: era óbvio que era Lula que estava na boca da caçapa. (note-se que “cantar a jogada” é expressão originária do *snooker*, que adaptou-se também ao jargão futebolístico).

Seja como for, Alckmin sempre prefere o nocaute a jogar a toalha: o que denota notável falta de jogo de cintura: ainda mais com tantos pesos pesados da política paulista na disputa. Maluf, que mesmo quando está nas cordas, nunca acusa o golpe, será que vai usar nos debates a técnica do *clinch* e a de aplicar sutilmente golpes baixos...?

Curiosamente, do vôlei e do basquete, quase não há, entre nós metáforas: procurando no Google, encontrei uma ou outra do tipo: “não gostei da entrevista dos Nardoni no *Fantástico*: o repórter só levantava a bola para eles cortarem”. E, quando, após infrutíferas buscas por imagens do basquete, finalmente encontrei um comentário - no Portal G1 da Globo - de que certo produto da *Amazon*: “pode até não ser uma cesta de três pontos, mas é no mínimo uma bela enterrada”, mas tratava-se de tradução de um artigo do *New York Times*...

Entre as escassas contribuições de outros campos, encontram-se o “grid de largada” e a “pole position” (digamos, para a “corrida” eleitoral); a “ginga” da capoeira (que dispõe de um riquíssimo léxico, mas é muito esotérica para transcender o âmbito dos iniciados e atingir a grande massa) ou o “estar em xeque” do xadrez.

Imaginação

O xadrez medieval (para não falar do árabe...), responsável pela transformação da palavra “partida” em sinônimo de jogo (ver quadro na página Y), dá a chave para a compreensão da tendência a criarmos metáforas a partir dos jogos e competições esportivas: a imaginação.

Ao contrário do xadrez moderno, que consideramos como mera estrutura lógica; na Idade Média, o jogo era visto como excitantes manobras de guerra (por exemplo, a torre que, tal como a torre que sitiava o inimigo, só podia mover-se horizontal ou verticalmente; os pobres peões, que sucumbiam em grande quantidade na batalha etc.), de política de Estado, de vida etc. E o vemos utilizado em muitas pregações religiosas da época (o peão que é promovido ao chegar à oitava casa e se enche de soberba; os maus bispos, que se movem na diagonal por interesses escusos e oblíquos, etc.).

Mas a medalha de ouro vai para a imaginação oriental, tão poderosa que chega muitas vezes a pensar a realidade como metáfora (para o Alcorão, cada coisa no mundo é um sinal de Deus) e, até mesmo, a metáfora como realidade. No extremo desse caso, entre as célebres *Rubaiyat* (literalmente: “quadrinhas”) de Omar Khayyam encontramos esta preciosidade:

“Para falar claramente e sem metáforas [!?)
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu
Que brinca conosco no tabuleiro do ser
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do
Nada.”

A imaginação popular está de prontidão para dar vida à metáfora esportiva. Não será preciso chegar à próxima Olimpíada para perceber isso.

O que é que realmente eu tenho?

(v. 32 jun, p. 36-39, 2008)

O importante filósofo alemão Josef Pieper (1904-1997), em sintonia com os grandes fundadores do pensamento ocidental, nunca dissociou o filosofar da linguagem comum: por mais difíceis que sejam os raciocínios filosóficos, eles sempre se dão em e a partir de o conhecimento comum. Para quem segue Platão e os antigos, não cabe um filosofês, uma terminologia tipo bula de remédio, mas é a própria linguagem comum - essa que falamos e ouvimos todos os dias - que suscita o abalo filosófico: um olhar não-quotidiano sobre a realidade quotidiana (Pieper).

É o que Sócrates diz no Teeteto (175): o filósofo não está interessado em saber se o rei que tem muito ouro é feliz ou não, mas o que a felicidade é. A pergunta filosófica é: o que - em si e afinal - é isto (a felicidade, o amor, a justiça, o ter etc.)? (Pieper)

E quando chegamos a uma formulação como a de Agostinho: “feliz é quem tem aquilo que quer” estamos longe de dar o problema filosófico por concluído, pois ainda mais problemático é saber o que é ter, o que um homem realmente tem, e o que é, afinal, o querer. Sobre este último, há aquela sugestiva passagem do diálogo de Platão Górgias (467 b) na qual Sócrates discute com o jovem sofista Polo e afirma que

os tiranos fazem o que lhes apraz mas não o que realmente querem:

“Mas não dizes, Sócrates, que fazem o que lhes apraz?”

“Sim, e continuo a sustentar o que eu disse.”

“Então, fazem o que querem.”

“Não, digo que não.”

“Apesar de fazerem o que lhes apraz?... Defendes absurdos, Sócrates: verdadeiros disparates.”

O que Sócrates pretende é mostrar que há querer e querer e, no fundo, só podemos querer realmente o bem. E é o próprio Agostinho quem problematiza o “ter”. Em seu sermão 112A, sobre a parábola bíblica do filho pródigo, chega o momento de comentar a sentença do pai ao filho mais velho: “Tudo que é meu é teu” e Agostinho pondera:

“Uma coisa é dizer ‘meu servo’; outra, ‘meu irmão’. Sempre que dizes ‘meu’, dizes com verdade, mas porventura é no mesmo sentido que o aplicas ao irmão e ao servo? É diferente o ‘meu’ em ‘minha casa’ e em ‘minha mulher’; como não é o mesmo em ‘meu filho’, ‘meu pai’ e ‘minha mãe’. Sim, dizes: ‘meu Deus’, mas será que este ‘meu’ é o mesmo que em ‘meu servo’? Ou pelo contrário ‘meu Deus’ é ‘meu Senhor’?” (Santo Agostinho, 112A,13)

Abalo filosófico

Assim, é no mistério escondido na realidade mais banal e cotidiana que se produz o abalo do ato filosófico, quando descobrimos que não sabemos aquilo que sabemos, ou melhor, como diz o próprio Santo Agostinho (a propósito do tempo): se ninguém me pergunta, sei o que ele é; se alguém me pergunta, não sei.

Mas como começar a responder às perguntas filosóficas? Qual o método para discutir esse “em si e afinal”, suscitado pelas realidades quotidianas? Confiantes nos insights humanos encerrados na linguagem, os clássicos apostam na linguagem comum: ela costuma esconder informações importantes sobre a realidade. É o que faremos brevemente neste estudo, focalizando o caso do ter.

Como diz Agostinho, não é no mesmo e único sentido que digo “meu dinheiro”, “meu amor”, “meu carro”, “meu Deus”. Pieper problematiza a posse, com os versos orientais:

“Meu jardim”,
disse o rico;
O jardineiro, sorriu...

Um primeiro fato interessante, sobre o nosso “ter” - que, ao contrário do inglês, alemão, francês ou italiano, que têm uma forma light correspondente ao latino *habere* - no português e no espanhol, “ter” deriva da forma antipática e agressiva do latim *tenere*: “segurar”, “agarrar”, “pegar”... (Houaiss), no mesmo sentido em que “garfo” em espanhol é

tenedor: aquele que tem (e, infelizmente, não podemos contar com o particípio tenente, porque se especializou), segura e não larga.

Outras línguas

Felizmente, o português do Brasil criou uma forma mais amigável ao lado do “ter”, ou mesmo substituindo-o. Mas antes vejamos outras formas possíveis para o ter.

O árabe tem três interessantes formas: li (ly, laka etc. lahum - tenho, tens..., têm); 'ndy ('ndaka... etc... 'ndahum) e ma'ay (ma'aka etc.).

“Ana ly” (“eu tenho”) traduz-se mais literalmente como “para mim” ou “há para mim”: no Alcorão diz Lot: “Ah, se eu tivesse força contra vós... Law ana ly bikum quwah...” (11, 80). É este ly que Maria usa ao dizer “Como hei de ter um filho.” (3, 47). E em “Os crentes, que fazem as boas obras, terão belo prêmio” (18, 2), o que se diz é que haverá para eles um belo prêmio.

Numa visão centrada na pessoa, “tenho” é aquilo que “há para mim”: pouco me importa a Rita Lee como realidade “objetiva” (nascida em tal ano, CPF tal, RG tal...); passo a “tê-la” a partir do momento em que ela integra meu campo de relações: “ainda não havia para mim Rita Lee”. Como me fez notar o professor Sylvio Horta, da USP, o brasileiro tem muito dessa visão pessoal e chega a dizer: “Minha Nossa Senhora!”.

Também sem a posse-garfada é o ter-'ndy, junto a. Quando Muhammad deve dizer: “Não tenho o castigo que quereis apressar...” (7, 57) ou “Não vos digo que tenho os cofres de Allah” (7, 50), está expressando que não está “junto a”, não dispõe, não pode acionar o castigo ou acessar os cofres. E, no Evangelho, para informar que os donos da festa “não têm vinho” (Jo 2, 3) para os convidados, Maria pode empregar a fórmula: “Layssa 'indahum hamr”, não é que eles não têm vinho para si (lahum), não dispõem do vinho que, como anfitriões, deveriam ter ('indahum).

O “ter” alternativo

Na forma “para mim” (e também na “junto a mim”) evidencia-se um outro sentido do “ter”: “aquilo que me compete”. Como no possessivo neutro castelhano: o diretor da escola pede ao professor que se encarregue de anotar atrasos do bedel e ele se recusa dizendo: “Perdón, soy profesor y lo mío es dar clases”. Ou como dizia a canção de Joan Manoel Serrat, referindo-se à condição humana:

“Todo pasa y todo queda / pero lo nuestro es pasar / pasar haciendo camino”.

É nesse sentido também a célebre exortação de Galvão Bueno: “Vai que é tua, Taffarel!” e a genial gíria brasileira: “Eu tô na minha” (restringo-me àquilo que me compete e não ultrapasso o que se espera de mim).

A terceira forma árabe *ma'a* nos leva a uma maravilhosa alternativa que o português do Brasil criou para “ter”. Na vida comunitária africana, é muito menos acentuada a demarcação de posse. Como também, pelo amor, numa família, recai-se na sentença da parábola de Cristo: “Tudo que é meu, é teu”. Certamente, na prática, há brigas entre os irmãos porque um pegou o que era do outro etc. Mas se tudo corre bem, numa família não são necessários tantos cadeados e chaves. E há, pelo menos uma ampla gama de objetos que são indiscutivelmente de todos: a tesoura, o grampeador, a pasta de dente... Para esses objetos, não teria sentido dizer “ter”, mas “estar com”: “Você está com a tesoura?”.

A linguagem brasileira estendeu essa fraternidade, substituindo em muitos outros casos o verbo “ter” pela locução “estar com” (o que não ocorre, nessa mesma extensão, nem em Portugal nem na Espanha):

“Você está com tempo?; está com febre?; está com pressa?; está com dinheiro?; está com carro?...” (o espanhol diria *tienes tiempo, fiebre...*).

O brasileiríssimo “estar com” é uma forma muito mais simpática, muito mais solta, pois aplica-se mais propriamente a “posses” casuais, as posses provisórias de algo que no fundo é tão meu quanto teu, ou melhor, é de todos nós. Ao menos, no âmbito da linguagem...

A lição do “ter” indiano

Se na própria raiz do nosso “ter” está a ideia de apegamento, de re-ter, de garfar, as línguas e as culturas orientais são mais leves: o grande filósofo português Paulo

Ferreira da Cunha tem um sugestivo estudo sobre a tradição indiana e seu ideal de desapego, consubstanciado em contos, episódios e parábolas. Com o título de “Pensamento Indiano: inspirações e desafios”, está publicado em Filosofia e Educação - o Ocidente e os Orientes (São Paulo, ESDC, 2006, pp. 21-22), por mim organizado. Recolho a seguir um par delas.

As disputas pela propriedade são a tal ponto o paradigma das querelas, que uma outra narrativa parece parodiar essa nossa afeição tão extremada pelo ter.

A discussão

Dois ioguins amigos de há muito caminhavam já na senda da renúncia. Mas parece que tiveram saudades das decerto amigáveis disputas que teriam tido outrora. Um propôs que discutissem, pois de há muito que o não faziam.

O outro assentiu. Ora, de que se foi lembrar o ioguim a quem fazia falta a contenda? Precisamente que, por brincadeira e fingimento embora, disputassem pela propriedade. Como nada mais de imediatamente exterior tivesse à mão, propôs que discutissem a propriedade de uma malga de arroz. E começou por afirmar a tese:

- Esta malga é minha!

O outro ainda replicou:

- Não, é minha.

Mas, decerto desconsolado por a disputa lhe não dar mais prazer, no estádio mais adiantado em que se encontrava, logo se dispôs a concordar:

- Tens razão, amigo, é mesmo tua.

A querela

De partilha de maçãs se trata numa querela entre dois camponeses. Não chegam a acordo sobre a propriedade dos pomos que, de uma árvore com raízes no terreno de um, contudo caíram na propriedade do outro. Apela para um brâmane sábio, que lhes pergunta:

“ - Quereis um julgamento segundo os homens ou segundo Deus?”

Queriam a partilha segundo Deus.

“- Estais certos de que não reclamareis?” -
volve o sábio.

Estavam certíssimos.

Então, ele faz dois lotes: num, está apenas uma maçã. Noutro, todas as demais. E à sorte, absolutamente à sorte, atribui um lote a um e outro a outro.

O *suum cuique* dos homens não é o dos deuses. Insondáveis os seus desígnios, e por isso falamos em sorte. Para designar muitas vezes o que não entendemos.

O pecado do agito vazio

(v. 31, p. 36-37 maio 2008)

A BBC anunciou em março o que os jornalistas chamam de “barriga”, notícia mal apurada que depois não se confirma. A Igreja Católica, disse a BBC, elaborara nova lista de pecados capitais, o que foi desmentido pelo Vaticano.

A confusão originou-se em entrevista de Gianfranco Girotti, bispo regente da Penitenciaria Apostólica, órgão para matérias do foro interno, como absolvição de pecados especiais, reservados à Santa Sé. Ele respondeu a uma pergunta sobre novos pecados e a mídia extrapolou para novos “sete pecados capitais”.

O caso mostrou que a sesquimilenar ideia de pensar as forças da autodestruição em pecados capitais exerce forte atração no homem contemporâneo. Ideia genial: a organização de dezenas de vícios em poucos eixos, que, consolidados em sete, têm o atrativo adicional que tal número produz na imaginação.

Comparada à doutrina dos mandamentos, a dos pecados capitais não tem, na história, fixidez em número e conteúdo: na origem, eram oito e, de autor a autor, variam num ou noutro elemento semântico.

O atual *Catecismo da Igreja Católica*, no ponto 1.866, traz como pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, impureza, gula e preguiça ou acídia.

Sugestiva, intrigante, ambiguidade: a familiar preguiça ou a desconhecida acídia? Ou o *Catecismo* as vê como sinônimas? Na verdade, parece não se querer propor como capital um pecado do qual ninguém ouviu falar; e talvez se tenha vergonha de alçar, sem mais, a inofensiva preguiça ao posto.

Do deserto

Se a preguiça parece pecadilho, a acídia é coisa séria: é a tristeza pelo bem espiritual; a queimadura interior de quem recusa os bens do espírito.

Por séculos, essa tristeza foi pecado capital. O filósofo alemão Josef Pieper nota que não há conceito ético mais aburguesado na consciência cristã, que o de acídia. Faz uma formulação forte em *Virtudes Fundamentales* (Madrid, Rialp, 1976, pp. 393-394):

“O fato de que a preguiça esteja entre os pecados capitais parece que é, por assim dizer, uma confirmação e sanção religiosa da ordem capitalista de trabalho. Ora, esta ideia é não só uma banalização e esvaziamento do conceito primário teológico-moral da acídia, mas até mesmo sua verdadeira inversão.”

Para São Gregório Magno, os pecados capitais são: vanglória, inveja, ira, tristeza, avareza, gula e luxúria. Se os mandamentos estão na Bíblia, os vícios capitais são elaboração de pensamento, fruto da “experiência cristã”, a dos padres do deserto, que realizaram uma tomografia da alma e descobriram possibilidades para o bem e o mal.

Como num rali, em que as máquinas passam por condições extremas, o monaquismo originário testava os limites antropológicos, no corpo e no espírito (jejum, vigília, oração, etc.). Nesse quadro, surgiu a doutrina dos pecados capitais.

As primeiras tentativas de organizar essa experiência remontam a Evágrio Pôntico, João Cassiano e Gregório Magno, mas só muito depois há a consolidação de Tomás de Aquino (século 13), que repensa (de modo amplo e sistemático) a antropologia subjacente aos vícios capitais.

Da tristeza

Os vícios capitais para Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia.

Derivam de *caput*: cabeça, líder, chefe; sete poderosos chefões que comandam, produzem outros vícios subordinados. Assim, são vícios que gozam de especial “liderança” (nos dois sentidos: está em primeiro lugar e dirige, é *leader*).

Vício é restrição à autêntica liberdade e condicionamento para agir mal. A acídia é tristeza. Não só é um mal, mas fonte de outros males.

“Como já dissemos, vício capital é aquele do qual naturalmente procedem – a título de finalidade – outros vícios. E assim como os homens fazem muitas coisas por causa do prazer – para obtê-lo ou movidos pelo impulso do prazer – assim também fazem muitas coisas por causa da tristeza: para evitá-la ou arrastados pelo peso da tristeza. E esse tipo de tristeza, a acídia, é convenientemente situado como vício capital”, escreve Tomás de Aquino (II-II q. 35, a.4).

Ação da inação

Acídia é base de atitudes contrárias: uma leva à ação, a um ativismo, e outra é inação (o momento, secundário, em que acídia e preguiça se ligam). Se a tristeza da acídia leva à inação, leva também à inquietude, à ação desenfreada. Para já, vale o poema *A troca de pneu (Der Radwechsel)* de Bertolt Brecht:

“Fico sentado à beira da estrada / O chofer troca o pneu / Não “tô legal”, lá de onde venho / Não “tô legal”, lá para onde vou / Por que sigo a troca do pneu / Com impaciência?” (*Ich sitze am Straßenhang / Der Fahrer wechselt das Rad / Ich bin nicht gern, wo ich herkomme / Ich bin nicht gern, wo ich hinfahre / Warum sehe ich den Radwechsel / Mit Ungeduld?*)

No fazer e no não-fazer, o tédio. Fernando Pessoa, no *Livro do desassossego* (#263), diagnostica tal tédio em múltiplos aspectos; limitemo-nos à passagem em que o

problema não está no trabalho ou no repouso, mas no centro do eu:

“O tédio... Trabalho bastante. Cumpro o que os moralistas da acção; chamariam o meu dever social. Cumpro esse dever, ou essa sorte, sem grande esforço nem notável desinteligência. Mas, umas vezes em pleno trabalho, outras vezes no pleno descanso que, segundo os mesmos moralistas, mereço e me deve ser grato, transborda-se-me a alma de um fel de inércia, e estou cansado, não da obra ou do repouso, mas de mim.”

Filhas da acídia

Como vício capital, a acídia tem filhas. A primeira é o desespero, a que Pieper liga uma “irmã”, a pusilanimidade. Paralisado pela vertigem, pelo medo das alturas espirituais e existenciais a que Deus o chama, não há ânimo ou vontade de ser tão grande como está chamado a ser; abdica-se do “tornate o que és”, a sentença com que Píndaro resume toda ética. Se passamos ao plano da graça, a acídia é um aborrecer-se de que Deus o tenha elevado ao plano da filiação divina, à participação em sua vida.

Queimado por essa tristeza suicida, surge a *evagatio mentis*, a dispersão de quem renuncia a seu centro interior e entrega-se à *importunitas*: abandonar a torre do espírito para derramar-se no variado, afogando a sede na água salgada de compensações e prazeres da ação desenfreada: o falatório inócuo (*verbositas*), o agitar-se (*instabilitas*), a incapacidade

de concentrar-se num propósito (*instabilitas*) e um afã desordenado de sensações e conhecimento (*curiositas*).

Evidentes os perigos: desenraizamento, abdicação do processo de auto-realização do eu, que passa a espalhar-se no variado (*importune ad diversa se diffundere*). Se já Pascal, em *Pensamentos* (136/139), diz que a infelicidade vem de o homem não poder estar a sós num quarto, hoje as possibilidades de dispersão se ampliaram.

Doença, pecado ou misto de falta moral e enfermidade, a tristeza é força destruidora, convidando a (ou impondo) compulsões: das drogas ao jogo, do consumismo ao *workaholism*, etc. Por trás disso, não há algo daquela *desperatio*, da *curiositas*, da *evagatio mentis*, da *instabilitas*?

Nonsense universal

(v. 31, p. 50-56 maio 2008, revisto e ampliado)

A revitalização da velha arte de contar piadas acaba de ganhar um poderoso aliado com os recursos - de áudio e vídeo - da Internet, como o *youtube*. Já há até um concurso mundial, com prêmios ainda modestos, mas de futuro promissor: o site Comic Wonder, surgido em dezembro do ano passado, com grande sucesso, já premiou em fevereiro seu primeiro campeão do mundo: o humorista americano Chris Cashman, que participou com o apelido “Captainhilariousness”.

Nesse curto período, “Puzzled Sister”, a piada que deu o título a Cashman, consagrou-se com quase dez mil audições e, sua segunda mais ouvida, “Pickle in your pants”, teve 8117 (em 04-03-08).

Para além da técnica narrativa, essas piadas remetem a um tipo de humor que convida à reflexão, caso queiramos tentar esclarecer um pouco o mistério do cômico. Em “Puzzled Sister”, a moça burrinha propõe ao irmão que, em vez de assistirem a um filme de vídeo (seu programa habitual quando ele a visita semanalmente), façam, para variar, um quebra-cabeças, tão impressionante, que ela não sabe nem por onde começar.

- E tem que dar o quê? Qual é a figura da caixa?

- Deixa-me ver, onde é que está a caixa...? Acho que era um tigre... Ah, aqui está! (e despeja na mesa o conteúdo da caixa).
- Ooooh-kkayyy... Mas acho que nós não vamos conseguir fazer essa figura.
- Não me subestime. Eu sou muito boa em quebra-cabeças!
- Não, não, não, não é por aí. Vamos deixar isso de lado, relaxemos, assistamos a nosso filme, como sempre, e depois eu ajudo você a pôr de volta os sucrilhos na caixa, OK?

Uma vez mais, para ficarmos somente com o conteúdo, em “Pickle in your pants”, na praia, um rapaz vê um enxame de belas mulheres assediando um amigo seu e pergunta-lhe qual é o segredo. O amigo revela que o segredo é enfiar um pepino no calção: isso as vai deixar loucas e excitadas. No dia seguinte se encontram e o amigo pergunta se deu certo. “- Que nada! Veja, eu fiz o que você falou, mas elas fogem de mim apavoradas”. “Putz, perai... Você enfiou o pepino no lado errado do calção!”

Neste artigo, ocupamo-nos apenas do conteúdo, do “enredo” das piadas, embora estejamos lidando com grandes mestres da arte de contá-las (naturalmente, a técnica de contar a piada explora precisamente as potencialidades cômicas do enredo). Essas duas piadas apóiam-se em um recurso que produz efeito cômico: um certo “inesperado da linguagem”. Certamente, o inesperado ocorre em qualquer situação de humor, mas essas situações podem ser de tipos variados, dando origem a diversos tipos de piada.

Antecipemos que no caso do par vencedor de Cashman, como no das piadas típicas do grande humorista catalão, Eugenio, que analisaremos mais detidamente, o “truque” está em induzir o leitor a uma situação de aparente univocidade e, de repente - *inesperadamente* -, surge, irrompe, uma segunda possibilidade semântica, até então inimaginável. A habilidade do autor e do narrador da piada está precisamente em camuflar ao máximo essa *outra* possibilidade, esse oculto “duplo sentido”.

Isso é possível porque o sentido “unívoco” (ou, no caso, pretensamente unívoco) é dado pelo contexto. Uma das características fundamentais do contexto - e que está subjacente a todo falar - é que sobre o que é evidente não se fala. Essa regra básica - também ela evidente e, portanto, nem deveríamos deter-nos nela... - é a que torna, em diversas línguas, o “não falar” sinônimo de “evidente”: “goes without saying”, “ça va sans dire” (“selbstverständlich” ou “per se notum”...), são - nas correspondentes línguas - simplesmente modos de dizer: “evidente”.

Assim, é evidente (e não só nem se fala mas nem sequer se pensa) que o pepino é para entrar no lado de frente do calção e que caixa de sucrilhos não é quebra-cabeças... A graça surge quando um personagem toma - como seu evidente - a “outra” interpretação, que, na prática, estava totalmente fora do campo de possibilidades de quem ouve a narrativa da piada.

Inegavelmente, Chris Cashman é um grande contador de piadas, mas, se quisermos aprofundar de verdade nesse tipo de humor, devemos voltar-nos para um outro artista,

consagrado criador de inúmeras piadas desse estilo (dentre as 15000 que se estima que contava...!) e que, por anos a fio, reinou absoluto no humor espanhol: Eugenio.

Eugenio: um dos maiores humoristas de nosso tempo

Para se ter uma ideia do enorme sucesso de Eugenio, acabo de procurar no Google (04-03-08) “*chistes de Eugenio*” e o resultado foi: 15000 sites que contêm essa expressão; 100 dos quais surgidos no último mês: ou seja, sete anos após sua morte, a cada dia 3 novos sites ainda falam das piadas de Eugenio.

De fato, o catalão Eugeni Jofra Bofarull, ou simplesmente Eugenio, obteve, por anos, incomparável sucesso em toda a Espanha - sobretudo na década de 1980, quando aparecia frequentemente na televisão e tornava-se autêntica mania nacional ouvir as fitas cassete de seus shows - como contador de piadas, ou melhor, como ele preferia dizer, “intérprete” (de “historias” ou “cuentos”).

Apresentava-se (como se pode ver no “youtube”) de maneira séria e impassível, minimalista (nunca ria ao contar seus *chistes*), vestido de preto, com barba e óculos escuros, sentado em um tamborete, fumando o tempo todo e, entre uma piada e outra, dando pequenos tragos em um copo de vodka com laranja. Aqui e ali, misturava palavras catalãs ao castelhano. Seus “*cuentos*”, de valor universal, são, ao mesmo tempo, uma sociologia de Espanha (e de suas regiões), caracterizando/caricaturizando o cotidiano de seu país, sua idiossincrasia, numa performance discreta, avessa a qualquer estridência, mas que (ou precisamente por isso...) é

todo um curso sobre a peculiar prosódia espanhola, nas mais diversas situações da vida comum: nas relações familiares, profissionais, escolares etc.: ouvir Eugenio é um poderoso aliado dos professores de espanhol, um atalho para o estrangeiro que queira assenhorear-se do idioma falado.

Piadas “de Eugenio”

Em geral, ninguém sabe quem é o autor de uma piada: as piadas, desde o momento em que são inventadas, espalham-se de boca em boca com a velocidade da luz, e quem as conta, não tem a preocupação de indicar a fonte, aliás, em geral, desconhecida, anônima, de domínio público. No final de fevereiro de 2008, a imprensa anunciou a descoberta de duas múmias em São Paulo, no mosteiro da Luz: no dia seguinte já circulavam piadas sobre esse fato, sem que ninguém se lembrasse de perguntar quem as inventou.

No entanto, pode-se, em certos casos, falar em, piadas de autor, digamos, piadas de “José Simão” ou “chistes de Eugenio”. E é que, nestes casos, não só ouvimos (/lemos) por primeira vez na coluna do Simão ou no show de Eugenio, mas são casos típicos, de “marca registrada” de um estilo de humor.

E sabe por que o dólar tá caindo? Porque, depois que foi achado na cueca, ele foi pro saco. Nunca mais foi o mesmo. E do jeito que o dólar tá caindo, temos que indenizar o Cacciolla por perdas e danos!

Mesmo que não tenha sido o próprio José Simão a criar esta piada, ela, sem dúvida, é uma “piada de José Simão”, tem seu estilo, a “cara dele”. Como, certamente, é uma “piada de Groucho Marx” a seguinte:

- Uma criança de cinco anos entenderia isto.
- Então me consiga rapidamente uma criança de cinco anos¹⁹⁰

Nos registros (em áudio e em vídeo) dos shows de Eugenio há centenas de piadas. Independentemente de ter sido o próprio Eugenio a criar esta ou aquela piada, consolidou-se algo que ainda hoje, em Espanha, se chama “chistes de Eugenio”, como tipo classificatório. A referência a Groucho Marx não foi casual, o estilo de Eugenio guarda relação com o desse antigo comediante: ambos voltam-se para o nonsense, para aquele “inesperado semântico”, para as surpresas da linguagem, como dizíamos também a propósito de Cashman.

Neutro e confundente

Mas se quisermos analisar isoladamente esse humor – que tem em Eugenio seu superlativo- em estado, por assim dizer, “quimicamente puro”, devemos antes considerar o aspecto confundente da linguagem e o caráter neutro do discurso.

¹⁹⁰. A child of five would understand this. Send somebody to fetch a child of five Groucho Marx in *Duck Soup*, 1933.

Uma das formas de acesso ao real é aquilo que Ortega y Gasset denominou “pensamento confundente”, que - numa primeira aproximação - concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é - como já fazia notar Julián Marías - igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”.

Todas as línguas são - em maior ou menor grau - confundentes, embora a tendência ao confundir (e não há nisto nenhum juízo de valor) prevaleça nas línguas orientais. O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem frequentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Se se tratasse de legendar uma cena de filme, como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”).

No quadro geral do confundente, destaquemos o neutro, importante para o nosso tema. Embora gramaticalmente inexistente no português - e em tantas línguas modernas que perderam esse poderoso recurso do latim -, a necessidade do neutro é tão forte que procuramos recuperá-lo em construções alternativas. O provérbio é: “pão, pão; queijo, queijo!”, mas não para o brasileiro (e menos ainda para o mineiro...); para nós, não é nenhum dos dois: nem pão nem queijo; em todo caso, ambos: pão de queijo! *Utrum* é precisamente a forma latina que exige a definição de um de dois; daí que *ne-utrum* seja: nenhum dos dois, *neutrum*! Neutro que pode não ser nenhum dos dois, porque é ambos: confundente.

Engana-se quem, com o Aurélio, pensa que o neutro seja só ou principalmente um modo de designar o que não é macho ou fêmea:

“Neutro - gênero das palavras ou nomes que, em certas línguas, designam os seres concebidos como não animados, em oposição aos animados, masculinos ou femininos”.

Essa primeira aproximação do neutro está longe de esgotar-lhe o significado. Na verdade, tipicamente, o neutro puxa para a abstração, para a totalidade, para a indeterminação mais do que para “seres concebidos como não animados” e nem tampouco é uma “terceira opção” para aqueles que não decidiram ainda se são masculinos ou femininos... Masculino e feminino opõem-se ao neutro

enquanto determinação; mais do que quanto a “gênero” ou sexo.

Um exemplo de neutro dá-se quando dizemos a quem vem correndo para entrar no elevador: “- Desculpe, não há mais lugar, já somos **sete**” (não interessam aqui as determinações desse “sete”: não só as concretizações de sexo - homens/mulheres -, mas de outras determinações concretas como: negros/brancos, alunos/professores, palmeirenses/corintianos, etc.; trata-se do neutro “sete”). Nesse sentido, tendem ao neutro o sacolão (pouco importa se é alface, cenoura ou rúcula: o preço é tanto), o restaurante por quilo etc. Neutro também é o “etc.”!

O neutro, indeterminado, como ensina Barthes, mais do que o nulo, é o plural¹⁹¹. O plural indetermina. Daí que, nos pronomes demonstrativos castelhanos, o plural do masculino siga o neutro: *estos, esos* (em vez de *estes e eses*). E na língua inglesa, o plural é mesmo a forma de indeterminação: “diz-se” é *They say...* No plural, no indeterminado, diluem-se: o diretor, o árbitro, o chefe, o malandro concretos e passamos para os neutros: “a direção”, “a arbitragem”, “a chefia”, “a malandragem”...

Fomos apresentados ao neutro desde a infância: ao final daqueles violentíssimos jogos de futebol de várzea, a fórmula do time adversário para despedir-se era: “Desculpe *alguma coisa*” (lançando os agravos reais no limbo do neutro, como se não tivesse havido concretíssimos pontapés desleais, caneladas etc.). Refugia-se no neutro o político que, no debate, teme a pergunta concreta e, para justificar sua

¹⁹¹ Cf. Barthes, Roland *O neutro*, São Paulo, Martins Fontes, 2003, p. 247.

ambição de cargos, diz que está obedecendo a um desejo das “bases”.

O neutro e o confundente no humor de Eugenio

Do ponto de vista da psicologia da comunicação, o neutro, indeterminado, convoca o interlocutor a preencher a (evidente ou não) lacuna por ele deixada. É precisamente essa indeterminação que permite o humor de Eugenio. A típica piada de Eugenio - tal como ocorre com Cashman ou Groucho Marx - dá-se quando o caráter genérico e abstrato da linguagem parece ter sido eliminado (pelo contexto, pela articulação do discurso, pela prosódia...) e aparentemente ocorre uma situação totalmente unívoca, na qual o ouvinte nem imagina outra possibilidade e, de repente, um personagem instala-se com segurança e veemência nessa outra possibilidade, habilmente camuflada pelo humorista narrador.

Como na piada dos ministros ou a da gorila. A partir de agora, apresentaremos a tradução de algumas piadas de Eugenio.

1. Estacionando no ministério

Aquele cara que vai a Madri e estaciona em frente ao Ministério. Vem o ordenança e diz:

- Por favor, cavalheiro, tire o carro daí porque os ministros podem sair a qualquer momento.
- Fique tranquilo, pois eu tenho sistema anti-furto...

O narrador habilmente permite o inesperado desfecho, que seria impossível se o segurança dissesse, por exemplo: “É proibido estacionar aí...”

2. Experiência científica

No jornal apareceu um anúncio que dizia: “Laboratório precisa de senhor forte e gozando de boa saúde para experiência científica”.

Aparece um cara de dois metros, forte como um carvalho, transbordando saúde, mas com uma cara de panaca...

- Vim por causa do anúncio, de que se trata?

- Queremos cruzar uma gorila com um ser humano para ver qual seria o resultado. O senhor estaria disposto a fazer a experiência *por um milhão de pesetas*? [na época, algo assim como cinco mil dólares].

- Quero impor três condições.

- Diga.

- A primeira é que quero por perto um guarda rural armado, para o caso de que a gorila me rejeite.

- Sim, de acordo.

- A segunda é que lhe pintem os lábios para que fique mais sexy.

- De acordo. E a terceira?

- E a terceira: se posso pagar o milhão de pesetas em três vezes.

A formulação “...por um milhão de pesetas?” deixa indeterminado se é para pagar ou para receber, o que permite o surpreendente desfecho. Como na piada brasileira do galinheiro, “teste de racismo”:

Teste para descobrir se você é racista ou não.

Responda rápido:

Num galinheiro existiam 30 galinhas.

Um negão levou 10 galinhas.

Quantas galinhas ficaram no galinheiro?

RESULTADO ABAIXO:

Abaixe mais

Abaixe mais

Resultado:

Se você respondeu 20 galinhas - Você é racista

Se você respondeu 40 galinhas - Parabéns!!!

Se havia 30 e o negão levou (mais) 10, ficaram 40 galinhas.

Ninguém disse que o negão tinha roubado...

Cuidado!!! Racismo é crime inafiançável e imprescritível!!

(Do site: <http://cabecaxata.com.br/?p=1593>)

A seguinte manifesta claramente a sutil redução ao neutro, que deixa o leitor “indefeso”.

3. Motoqueiro Atropelado

- Sabia que, segundo as estatísticas, em São Paulo, um motoqueiro é atropelado a cada meia hora?
- Nossa, imagina como é que deve estar o coitado...?

O que era para ser entendido como “um” indeterminado (neutro) é assumido como “um” determinado.

4. Para onde vai a carta?

Um cara na rua diz para o outro:

- Por favor, se eu puser esta carta aqui na caixa do correio, ela irá para Pamplona?
- Claro!
- Era o que eu temia... eu quero que vá a Barcelona...

A graça está, novamente, na passagem do neutro (indeterminado) para o determinado: algo que era para (obviamente) ser entendido como indeterminado, subitamente revela-se como determinado. “Pamplona” aqui era para ser lida como “x”, cumprindo o mero papel representativo de: “uma cidade qualquer”: “se eu puser esta carta (supondo-se o óbvio: que ela está dirigida à cidade x), ela irá para x?”

5. Águas medicinais

- Sabe se este balneário é bom para o reumatismo?

- É ótimo!! Foi aqui que eu peguei o meu!

De passagem, note-se que até gramaticalmente temos um resquício do neutro quando dizemos o feminino “em masculino”: “Água da serra *é bom* para o reumatismo”.
A seguir, outras prestidigitações semânticas em outra das especialidades de Eugenio: piadas curtas ou curtíssimas.

6. Mais adiante

Na entrevista de trabalho, diz o gerente da empresa:

- O senhor começará ganhando mil dólares e, mais adiante, aumentaremos para três mil
- Então, eu volto mais adiante...

7. Plano de carreira

O cara que estava com a picareta quebrando pedras na linha do trem dá uma parada, para limpar o suor e faz a seguinte reflexão:

- Há vinte anos que eu trabalho nesta empresa... Fui promovido cinco vezes... Eu queria saber com que cargo que eu comecei aqui...

8. Eu tenho duas irmãs...

Um amigo diz ao solteirão empedernido:

- Você não pensa em se casar?

- Eu? Para que? Eu tenho duas irmãs que cuidam de mim, me mimam, me fazem todos os caprichos...
- Mas suas irmãs... nunca lhe poderão dar o que só lhe pode dar uma mulher.
- E quem falou que são minhas irmãs?

Novamente, o neutro, que neste caso chega a ser extremamente sutil, na formulação: “tenho duas irmãs”, que pode ser lida como: tenho duas mulheres, que são irmãs...

9. Com amigos assim...

Sete horas da manhã. Fim de janeiro. Século onze. Baixa Idade Média. O cavaleiro regressa ao castelo, depois de um dura batalha, em estado deplorável. Ia com a armadura toda amassada, o elmo retorcido, a cota de malha em frangalhos e o cavalo mancando. O senhor do castelo sai a seu encontro e diz:

- Mas o que foi que te aconteceu?
- Senhor, eu venho de servir a meu senhor, castigando vossos inimigos do Oeste.
- Mas, o que estás dizendo...? Eu nunca tive inimigos no Oeste!
- Ah, mas a partir de agora, sim, que tendes...

10. Luminares provincianos

Quatro amigos estão jogando biriba num bar de *La Almunia de Doña Godina* [vilarejo de 7000

habitantes] e na tevê começa a passar um documentário de Jacques Cousteau, no qual uns mergulhadores se atiram de costas do barco ao mar. Diz um deles:

- Eu sempre me pergunto, por que os mergulhadores pulam de costas ao mar.

E o Calixto, que estava ao lado, diz:

- Pulam de costas, porque se pulassem de frente, o impacto da água na máscara poderia quebrar o vidro e fazer mal à vista.

Diz o Galindo:

- Nada disso... Pulam de costas, porque se pulassem de frente, com o peso das garrafas que levam nas costas, poderiam ficar embaixo do barco e ser tragados pela hélice.

Diz o Ambrósio:

- Vocês não sabem coisa nenhuma. Pulam de costas por causa do princípio de Arquimedes, que também era mergulhador: que a todo corpo que se submerge na água, a água sofre um deslocamento igual ao volume que penetrou.

E o Aniceto, que estava no balcão, picando fumo, diz:

- Êta caipirada! Vocês são a vergonha da cidade. Pulam de costas, porque, se pulassem, de frente cairiam dentro do barco, porra!

11. Me inclui nessa...

Duas senhoras amigas viajavam no trem de alta velocidade Madri-Sevilha, conversando sobre

suas coisas. Sentado diante delas, um senhor finge ler o jornal, mas está atento à conversa delas. Uma diz:

- Eu, já não sei o que fazer para que o dinheiro que o Pepe me dá dê para chegar até o fim do mês.

- Arrume um amante. Eu tenho um amante que me dá todo mês mil dólares.

- Eu tinha pensado nisso, mas não é fácil encontrar um bundão que solte esse dinheiro assim.

- Arruma dois, quinhentos cada um. Para ficar mais fácil ainda: arruma quatro, a duzentos e cinquenta cada um...

E o cara do jornal diz:

- Perdoem, senhoras, que eu interrompa. Mas é só para dizer que, quando chegarem aos cem dólares, eu não me importaria em absoluto de estar entre os tais “bundões”...

12. Só na UltraFarma...

Um cara está fumando no ônibus e o cobrador lhe diz:

- Por favor, cavalheiro, jogue fora o cigarro, pois há um cartaz aqui que diz: “Proibido fumar no interior deste veículo”.

O cara joga fora o cigarro e em seguida cospe no chão.

- Por favor, cavalheiro - diz de novo o cobrador – aqui há outro cartaz que diz: “Proibido cuspir no interior deste veículo”.

O cara irritado solta uns palavrões.

- Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido falar palavras de baixo calão”.

O cara vai até o motorista e lhe diz:

- O senhor está vendo as pancadas que seu colega me está dando?

- Por favor, cavalheiro aqui há um cartaz que diz: “Proibido conversar com o motorista”.

- Quer saber de uma coisa? Abre essa porta, que eu vou descer já.

- Por favor, cavalheiro aqui há outro cartaz que diz: “Proibido descer por esta porta” Tem que ir pela de trás.

Finalmente, o cara desce e, estando na rua, se dirige ao cobrador lá de baixo e lhe diz:

- Quer saber de uma coisa? Meus remédios, eu vou comprar onde eu bem entender!

- E o senhor, quer saber de uma coisa? Aqui dentro há um cartaz que diz: “Compre seus remédios só na UltraFarma”

Confundem-se na mesma forma verbal o terminantemente proibido e o mero convite a comprar em tal loja.

Pegadinhas no Evangelho

(v. 29, p. 48-53, março 2008 – revisto e ampliado)

Pensamento confundente – línguas semitas

Distinguir e confundir, ensina o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, são duas importantes funções do pensamento/ linguagem. Numa entrevista que fiz, em 1999, a um dos mais importantes filósofos de nosso tempo, o saudoso Julián Marías, ele assim expunha o conceito orteguiano de “pensamento confundente”:

Há uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava “pensamento confundente”. Eu gosto do exemplo da palavra “bicho”, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos diante de um “bicho” de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie

(haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O “pensamento confundente” é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue¹⁹².

De fato, para certos efeitos, necessitamos da distinção; para outros, a distinção atrapalha: se pousa um “bicho” no meu ombro, tudo o que me interessa é expulsá-lo, pouco importa se se trata do coleóptero A, B ou C...

As diversas línguas têm relações diferentes com o confundente; algumas tendem mais à distinção; outras à “confusão”: não há nisso juízo de valor: o confundente pode ser uma riqueza. Em outros estudos, temos mostrado como, tipicamente, as línguas orientais tendem mais ao confundente: a designar por um único vocábulo realidades que, para nós, só podem ser expressas por diversas palavras.

Consideremos, por exemplo, a palavra árabe *Salam* (ou sua equivalente hebraica: *Shalom*), usualmente traduzidas por *Paz*. Ou melhor, se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos o radical tri-consonantal (radical que determina essencialmente o significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) S-L-M, ou em hebraico Sh- L-M.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M.

¹⁹². <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

S-L-M significa também, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro um giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou rompendo a S-L-M. Daí que o nome SaLyM, tão frequente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente entenderia se se dissesse de um giz quebrado que ele perdeu “sua paz”.

Pensamento confundente – exegese bíblica

Ter em conta o caráter confundente das línguas semitas é importante para a exegese bíblica. Por exemplo, fora desse contexto confundente, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14). E quando um ocidental examina a razão pela qual Paulo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade torna-se total: “Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro e de dois fez um”.

Já para um semita é totalmente natural que Cristo seja nosso *Shalom* precisamente porque Ele restabeleceu a unidade, “quebrou o muro e de dois fez um” (Ef 2, 14). Aboliu a lei, fazendo, em Si mesmo, de dois, um homem novo: a paz (*Shalom*). E em Col 3, 15, Paulo dirá também, tautologicamente em semita: “é pela *paz* de Cristo que formais *um só corpo*” etc.

Pensamento que distingue – os “se” semitas x nosso “se” singular

Mas, neste artigo, não enfatizaremos o confundente semita; interessa-nos, sim, um caso excepcional, que vai no sentido contrário: um caso no qual as línguas semitas (centraremos nosso estudo no árabe, mas vale também para o hebraico e o aramaico, a língua falada por Jesus), distinguem, enquanto nossa língua confunde: trata-se da conjunção “se” e de como essa nossa “confusão” pode perturbar a compreensão das falas evangélicas.

É o caso da distinção semita em três níveis daquilo que, em nossa língua, se confunde na única conjunção “se”¹⁹³. Para nós, a conjunção “se” é confundente e pode situar-se - quanto à possibilidade de realização - em três níveis distintos:

- 1) Um primeiro nível é o “se” (em árabe *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se chover em janeiro em São Paulo, haverá enchentes”, “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem paciência”. É um “se” que poderíamos até substituir por “quando”:

¹⁹³. Para as formas árabe, hebraica e aramaica do “se” de impossibilidade (em árabe: *law*), veja-se “‘If’ introducing statement known or believed to be untrue” in De Lacy O’Leary *Comparative Grammar of Semitic Languages*, Routledge, 2000, p. 276. Para o se de certeza (em árabe *idha*, em hebraico *hen*), cf.: Stec, D. M. “The Use of “hen” in Conditional Sentences”, *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill, 1987, vol. 37, n 4, p.478-486. Segundo Stec, há mesmo estudiosos que consideram *hen* - no sentido especial de “se” – um aramaismo no hebraico bíblico.

certamente choverá em janeiro e filho sempre dá alguma preocupação.

- 2) No extremo oposto, situa-se o “se” (em árabe: *law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.
- 3) E, finalmente, o “se” mais normal, que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está muito congestionado”.

Na 33^a. rodada do campeonato brasileiro de 2007, tivemos uma confluência dos três níveis do “se”. Para ser campeão, bastava ao São Paulo não perder para o lanterna América de Natal, em um Morumbi lotado com 60000 torcedores. A diferença dos saldos de gols entre os dois times era de 90!! Quando a imprensa noticiou: “Se o São Paulo não perder para o América, será campeão por antecipação”, esse “se” não era de dúvida, mas de certeza: ninguém apostaria um centavo no América (ainda que o técnico Muricy Ramalho insistisse em afetar humildade). Já o “se” de dúvida real, de possibilidade real, ficava por conta de: “Se o Corinthians for rebaixado...”, naquela ocasião uma mera possibilidade. E, finalmente, quem dissesse, naquela 33^a. rodada, “Se o Santos for campeão...” (o Santos ainda tinha uma infinitesimal “chance matemática”, envolvendo mil articulações...), estaria usando o “se-*law*”, que corresponde

ao nosso “dar zebra”, fato impossível pois a “zebra” não está sequer na lista dos bichos do “jogo do bicho”: da impossibilidade metafísica, a expressão passou para a “impossibilidade” probabilística.

Certamente, por vezes, as flexões verbais do português permitem perceber que se trata do “se” irrealizável ou utópico, como nos versos de Ataulfo Alves em “Mulata Assanhada”:

Ai, mulata *se* eu pudesse,
E *se* o meu dinheiro desse,
Eu te dava sem pensar,
Esta terra, este céu, este mar
Ai, meu Deus, que bom seria
Se voltasse a escravidão
Eu comprava esta mulata
E levava pro meu barracão

Mas, em outros casos não é tão claro! Lembro-me de que, na minha infância, tropeçávamos em toda parte (até afixado em caixas de padaria) com o poema, hoje esquecido, “Se”, de Rudyard Kipling, que, na tradução de Guilherme de Almeida¹⁹⁴, era nos apresentado como um ideal moral concreto (exigente, mas não necessariamente impossível).

Se
Se és capaz de manter a tua calma quando
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te
culpa;

¹⁹⁴.<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91936.shtml>
Acessado em 1-1-08.

De crer em ti quando estão todos duvidando,
E para esses no entanto achar uma desculpa;
Se és capaz de esperar sem te desesperares,
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar - sem que a isso só te atires,
De sonhar - sem fazer dos sonhos teus senhores.
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
Em armadilhas as verdades que disseste,
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,
Resignado, tornar ao ponto de partida;
De forçar coração, nervos, músculos, tudo
A dar seja o que for que neles ainda existe,
E a persistir assim quando, exaustos, contudo
Resta a vontade em ti que ainda ordena:
“Persiste!”;

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes
E, entre reis, não perder a naturalidade,

E de amigos, quer bons, quer maus, te
defenderes,
Se a todos podes ser de alguma utilidade,
E se és capaz de dar, segundo por segundo,
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo
E o que mais - tu serás um homem, ó meu filho!

O carácter confundente de nosso “se” (oscilando entre a possibilidade, a dúvida, a impossibilidade e até a certeza...) permitiu a paródia desse poema por José Paulo Paes, em:

“Kipling revisitado”¹⁹⁵

se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
se etc
serás um teorema
meu filho

Para três grandes campos, de situações tão diversas, dispomos de um único “se”. Mas imaginemos que tivéssemos três (ou mais...) palavras totalmente distintas, para os três distintos níveis de “se”: impossibilidade, certeza e possibilidade. Como ficaria a tradução de um texto de uma língua que dispusesse de mais de um “se”?

¹⁹⁵. *Um por todos (poesia reunida)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 97

Analisaremos algumas (poucas) características dos “se” árabes (que têm correspondentes no hebraico e no aramaico, falado por Jesus), se bem que o que nos importa é mais a ideia abstrata de poder separar três “se” (pelo menos), enquanto nossa língua nos convida a confundi-los num único caso.

“Law” árabe (semita), o “se” da impossibilidade

Começamos pelo *law*, o “se” das construções de impossibilidade (ou quase impossibilidade; do meramente hipotético, enfático, desiderativo, utópico, etc.). É o “se” das – para usar o gramatiquês – “construções contrafactuais”, tão apreciado pela filosofia dos caminhoneiros, que estampam em seus pára-choques, sentenças como:

Se chifre fosse flor, minha cabeça seria jardim.
Se casamento fosse estrada, eu andava no acostamento.
Se pinga fosse fortificante o brasileiro seria um gigante.
(Não buzine:) Se grito resolvesse, porco não morria.

E Alcorão encontramos exemplo semelhante:

“*Se o mar fosse tinta para registrar as palavras de meu Senhor, em verdade o mar exaurir-se-ia*”

antes de se exaurirem as palavras de meu Senhor... (18, 109)”¹⁹⁶.

Se tivéssemos um equivalente português (e o “se” do começo desta frase já é o “se” *law*, pois não temos esse “se” em nossa língua), atenuar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o/a cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois se ele/a engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “- É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc.)

Para casos como esses - na falta de um *law* que ajudaria a enfrentar os casos - a criatividade brasileira recorre a círculos e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... isto **não** vai acontecer, mas *vai que* o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da ideia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Um uso interessante de *law* é com *wa* (e) na expressão *wa law*, que significa: mesmo se (se de impossibilidade). Ao lado do Alcorão, a tradição muçulmana

¹⁹⁶. *Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa*, realizada por Helmi Nasr; com a colaboração da Liga Islâmica Mundial. Al-Madinah: Complexo do Rei Fahd, 2005.

recolhe os *hadith*, os ditos do Profeta Muhammad. Um famoso hadith diz:

“Buscai o conhecimento mesmo se ele estiver na China”

[*’Utlub al ‘ilma wa law fis-Sin*) o que, traduzindo para as distâncias de hoje, soaria quase como: “Buscai o conhecimento mesmo que ele esteja em Marte”.]

E nos provérbios árabes¹⁹⁷, encontramos:

Khara (excremento) é *khara* mesmo que atravesse o Eufrates (*al-fara*). [O excremento não se purifica mesmo *se* atravessar o Eufrates (Feghali # 392). Rimado no original: *Al-khara khara wa law qata’ nahr al-Fara*.]

Dê sua massa para o padeiro assar, mesmo *se* (*wa law*) ele roubar metade (Freyha # 243). [O sentido é: em qualquer caso, melhor do que a improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional.]

A dívida é um peso bravo, mesmo que (*wa law*) seja de um centavo (Jasim # 292)

¹⁹⁷. O sinal # indica o número do provérbio extraído das coletâneas: de Freyha, Anis *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, Feghali, Michel *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 e Jasim Reyadh Mahdi *El refranero iraquí – aspectos semánticos y socioculturales*, tese doutoral na Universidad de Granada, Granada, 2006.

O cão é cão, mesmo que revestido de ouro
(Jasim # 767)

Outros provérbios com variações no uso de *law*:

Nem que apareça o Mahdi (Jasim , p. 67. *Law yazhar Al-Mahdi*, no sentido de “em nenhum caso, “nem que a vaca tussa”. Os xiitas acreditam que Muhammad al-Mahdi - o décimo segundo *imam*, falecido em 874 - encontra-se oculto e que regressará no fim do mundo).

Se a vinha estivesse protegida de seus próprios guardas, produziria toneladas (Feghali # 2124).

E no Alcorão encontramos 80 vezes o *law*, como por exemplo, quando os condenados, que chegam ao fogo eterno, dizem: “Ah, *se* pudéssemos voltar, não teríamos seguido os ímpios” (2, 167). Ou *se* tivessem tudo o que há na terra e mais outro tanto, para, com isso, se resgatarem do castigo do Dia da Ressurreição, nada disso lhes seria aceito... (5, 36). Ou quando os incrédulos dizem: “És louco, Muhammad..., *se* é verdade o que dizes, faze descer os anjos...” (15, 7).

Também certamente foi no *law* de sua língua materna que o Apóstolo Paulo pensou seu famoso hino ao amor: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor...” (I Cor 13, 1).

E se alguém estiver sem pecado, que atire a primeira pedra...

O “se”-*idha*

Para o “se”-*idha*, começemos com uma observação do criterioso estudo de Kadi, *Hatta Idha in the Qur’an...*¹⁹⁸. Em seu uso como “se”, Kadi observa que a unanimidade dos gramáticos consideram *idha* como palavra que contém um sentido condicional, mas que *não* é uma partícula de condição, em sentido próprio (ao contrário de *in* ou outras). Assim se eu digo:

In ta’ini (jussivo) *atika* (jussivo)
Se você vier me visitar, eu te visitarei
(é bem possível que você não venha me visitar e, nesse caso, também eu não te visitarei)

Mas com *idha*, o “se” é um *se/quando*, que expressa uma certeza:

Idha ataytani (indicativo) *atika* (indicativo)
Se (=quando) você me visitar, eu te visitarei
(É certo que você virá me visitar e, então, eu também te visitarei)

O fato em si é certo; é só questão de saber quando ocorrerá. Ou para usar o exemplo de Sibawayh, o patriarca da gramática do fim do século VIII, diz-se com *idha*:

Atika idha ihmarra al-busru
Eu te visitarei quando as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

¹⁹⁸. Kadi, Samar Afif *Hatta Idha in the Qur’an: a linguistic study*, tese de doutoramento, Columbia University, 1994.

Mas não se pode dizer com *in* (ou outros “se” condicionais):

Atika in ihmarra al-busru

Eu te visitarei se as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

(Não cabe um condicional, porque é certo que vão amadurecer¹⁹⁹.)

Dichy, em conferência de 2007, sobre o condicional árabe, explica que *idha* refere-se a processo realizável, que deve ser realizado e situado em momento incerto no futuro. Emprega-se *idha* para casos como o da repetição do hábito ou o enunciado (“Se...”) de uma lei científica:

“Se ele vier (sempre que veio) a Mosul, ele nos visitará” (hábito)

Kana, idha 'ata l-mawsila yazuruna

Ou, no exemplo de al-Gazali:

Se todo A é B (alif, ba), então algum B é A²⁰⁰.

Como o “se”-*idha* funciona como um “se” de certeza, é frequentemente traduzido por “quando”, no sentido de

¹⁹⁹. Cf. tb: Giolfo, Manuela E. B. “Le Strutture condizionali dell’arabo classico” *Kervan*, Univ. di Torino, No. 2, luglio 2005, p. 58.

²⁰⁰. Dichy, Joseph *Si, comme si, même si, Ah! Si et si non: conditionnelles et référentiels discursifs en arabe*, <http://www.concours-arabe.paris4.sorbonne.fr/cours/Dichy-26-03-2007.pdf>, 2.2 b e c, acesso em 5-01-08

“sempre que”. Por exemplo, na tradução do Alcorão do Prof. Nasr encontramos para *idha*: “Àqueles que, *quando* uma desgraça os alcança dizem: ‘Somos de Allah...’ (2, 156); “É-vos prescrito, *quando* a morte se apresentar a um de vós, fazer testamento...” (2, 180); “...atendo a súplica do suplicante, *quando* me suplica...” (2, 186); “...(Allah) *quando* decreta algo, apenas diz-lhe: ‘Sê’, então, é” (3, 47); “E que *quando* cometem obscenidade (...) lembram-se de Allah e imploram perdão...” (4, 135).

Na famosa sentença evangélica, concorrem *idha* e *in*: “Se (*idha*) teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o a sós, se (*in*) ele te escutar...” Mt (18,15). É certo que algum irmão pecará contra mim; é duvidoso que ele aceite a repreensão...

O Evangelho revisitado

Nem é necessário dizer que o brevíssimo resumo feito até aqui está longe de qualquer outra pretensão que a de meramente sugerir um exercício de leitura do Evangelho, tendo em conta diversas possibilidades de “se”, simplificarmente: o da possibilidade, o da certeza e o da impossibilidade.

Nesse sentido, é um fato interessante que distintas edições árabes do Evangelho nem sempre coincidem em utilizar o mesmo “se” (*law*, *idha* ou os da família do *in*) e, em qualquer caso, é interessante atentarmos para o caso que Jesus teria empregado em cada situação.

Consideremos algumas passagens do Evangelho, em que figura o “se” em nossas Bíblias (e que são efetivamente

postas como “se” na *Bíblia de Jerusalén*²⁰¹) e vejamos como as traduziríamos, *se* quisermos recuperar o original aramaico, realmente proferido por Jesus e pelos personagens evangélicos. Naturalmente, trata-se de um exercício de ficção exegética: não dispomos de transcrição literal, de fita gravada, dos discursos recolhidos pelos evangelistas.

Comecemos pelos mais óbvios:

1. O “se” de possibilidade real – é o mais frequente e o primeiro em que pensamos. Baste um exemplo: em Mt (28,14), quando os sumos sacerdotes e os anciãos subornam os guardas do sepulcro de Cristo, para que digam que os discípulos roubaram Seu corpo: “Se a coisa chegar aos ouvidos do procurador, nós o convenceremos e evitaremos complicações para vocês”.

2. O “se” de certeza. Em diversas formulações, parece claro que Jesus (ou outros falantes) usam o “se” de certeza (em árabe: *idha*):

Quem de vós, tendo uma ovelha, se ela cai em um buraco num sábado não a tira? (Mt 12,11).

Se o homem encontra a ovelha perdida tem alegria por ela... (Mt 18, 13)

Se algum lugar não vos recebe, ide embora. (Mc 6, 11)

²⁰¹. Bíblia de Jerusalén em hipertexto: *Debora-Microbible*, CIB (Maredsous, 1990) programa FindIT, Marpex, Ontario, 1992

Se morre o irmão de alguém... que seu irmão tome a mulher... (Mc 12, 19)

Se um cego guiar outro cego, ambos cairão no abismo (Mt 15, 14)

Em todos esses casos, o “se” pode ser substituído por “quando”: certamente, ovelhas que caem são retiradas; ovelhas encontradas produzem alegria; sempre haverá lugares que não receberão os apóstolos; infalivelmente irmãos morrerão; e é certo que cego mal guiado cai.

3. O “se”-law. Há também passagens nas quais, claramente, trata-se do “se”-*law*:

Se o dono da casa soubesse a que hora da noite virá o ladrão... (Mt 24, 43)

Virão falsos cristos capazes de enganar, se fosse possível, os próprios eleitos (Mt 24, 24)

Um outro episódio. Em Lc 7, 35 e ss., um fariseu roga a Jesus que vá comer em sua casa. Durante a refeição irrompe na sala uma mulher, “pecadora pública”, com um vaso de perfume e, chorando, põe-se aos pés de Jesus, lava-lhe os pés, unge-os com o perfume e seca-os com seus cabelos etc. O fariseu, escandalizado, dizia em seu interior: “Se este homem fosse profeta, saberia que esta mulher é pecadora...”. Claro que se trata aqui do *law*, o fariseu acaba de se convencer de que Jesus é uma fraude e o que ele pensa é “Este homem não é profeta...”

4. De que “se” estamos falando? Nem sempre é totalmente claro qual “se” terá sido o da cena evangélica e, às vezes, pode ser um exercício interessante tentar mudar de “se”:

a) O “se” do tentador. Antes de iniciar sua vida pública, Jesus vai ao deserto e é tentado pelo diabo (Mt 4,3 e ss.; Lc 4, 3 e ss.). Este Lhe diz: “Se és o Filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão”. Estamos habituados a ler este “se” como dubitativo (“será que Ele é?”), mas poderíamos pensar também em *idha*: “Já que és o Filho de Deus, diz a estas pedras...”

b) o “se” dos zombadores. Cristo na cruz ouve várias provocações: “Se és o Filho de Deus desce da Cruz” (Mt 27, 40); “Que Deus o salve agora, se é que o ama...” (Mt 27, 43); “Vamos ver se Elias vem para salvá-lo” (Mt 27, 49). Certamente, os zombadores não acham que Jesus seja filho de Deus ou que Elias virá para salvá-lo: cabe perfeitamente o *law* de impossibilidade.

c) o “se” do pai aflito. Mc 9, 14 e ss. Jesus desce do monte da transfiguração, com Pedro, Tiago e João, e encontra uma confusão de muita gente discutindo com os outros apóstolos. E é que um homem tinha trazido seu filho, que tinha um espírito mudo (que o lançava ao chão, ao fogo e à água e o fazia espumar, ranger os dentes etc.) e os apóstolos, apesar de tentarem, não tinham conseguido expulsá-lo. O pai

diz a Jesus: “Tu, se podes algo, ajuda-nos!”. Terá sido o “se” da possibilidade ou o *law* de quem já está desiludido? Jesus responde: “Como, se podes!?” E o pai: “Creio, mas ajuda minha pouca fé!”.

d) o “se” do horto – “Pai, se este cálice pode passar sem que eu o beba...” (Mt 26, 42)

O Samaritano e Zaqueu

O “se” da parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37)

²⁹Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?»

³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão.

³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo:

‘Trata bem dele e, se gastares mais, pagar-to-ei quando voltar.’ ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» ³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

“Qual dos três parece ter sido o próximo...?” Quem são esses três? Essa parábola parece, à primeira vista, hoje²⁰², mal interpretada, a começar pela consideração do trio “Sacerdote-Levita-Samaritano” (o sacerdote e o levita nem têm condições de se candidatar seriamente a “próximo”).

Na leitura usual, o estalajadeiro – um heróico e grandioso personagem – não é sequer considerado. O empenho e o sacrifício do estalajadeiro começam a se evidenciar quando consideramos que o que ele recebeu – dois denários – nem de longe cobre as suas despesas. O “se” do samaritano (“se gastares mais”) é o “se”-*idha*: “com certeza gastarás muito mais...”. Pois um denário era muito pouco: o pagamento de uma jornada de trabalho de peão, o que o dono da vinha, na parábola dos trabalhadores (Mt 20, 1 e ss.) paga a seus jornaleiros: se quisermos arriscar uma equivalência atual, alguma coisa entre cinco e dez dólares... O samaritano gasta 15 dólares para pagar duas diárias na estalagem mais a hospedagem e cuidados (por muitos dias, o homem estava semimorto...) especiais para aquele homem.

²⁰². Seja como for, na interpretação de muitos Padres, Cristo é o samaritano (Agostinho En. In Ps. 124, 15; Cesário de Arles, *Sermones* 161, 2; Isidoro, *Allegoriae quaedam...* Ex NT 205 etc.); e o estalajadeiro é o Apóstolo Paulo (Agostinho, *ibidem*; Cesário, *ibidem*); ou os bispos (Arnóbio) etc.

Além do mais, um estalajadeiro é vítima fácil de calotes (um hóspede pode sair sem pagar...), contra os quais não tinha defesa, exceto a de cobrar adiantado e nunca aceitar fiado (qual hotel aceitaria essa conversa de: “na volta eu pago”?). Mais do que o samaritano, quem usou de misericórdia foi o bom estalajadeiro. A pergunta de Cristo: “Qual destes três...?”, da qual implicitamente (e sem razão) tende-se a excluir o estalajadeiro, pode muito bem incluí-lo.

E quem seria o terceiro entre os três candidatos a próximo daquele pobre homem? Há na narrativa de Cristo um elemento intrigante: por que os assaltantes deixaram a vítima com vida? O lógico em um assalto como o da parábola seria que os salteadores matassem a vítima para afastar de vez a possibilidade de futuro reconhecimento, vingança etc. A única explicação possível para o terem deixado com vida (e talvez seja isto que Jesus queira sutilmente sugerir) é que – semelhantemente ao que aconteceu na história de José do Egito e outros casos conhecidos – um dos assaltantes, movido pela misericórdia, tenha intercedido pela vida daquele homem. Nesse caso, o grande herói da parábola passaria a ser esse “bom assaltante”, que se indispõe com os colegas, além de correr os maiores riscos: o samaritano sacrifica um pouco de tempo e dinheiro; o estalajadeiro sacrifica muito mais tempo e dinheiro (ao menos em termos de risco); o “bom Assaltante”, por usar de misericórdia, arrisca a segurança e a vida, expondo-se (e a todo o bando) a um futuro acerto de contas com a vítima... Conjecturas sobre o enredo de uma parábola, sim, mas, em todo caso, o trio Samaritano-Estalajadeiro-“Bom Assaltante” parece mais plausível do que

o do senso comum, que, incrivelmente, inclui o sacerdote e o levita...

O “se” de Zaqueu (Lc 19 1,10)

¹E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade. ²Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. ³Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. ⁴Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. ⁵Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’. ⁶Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. ⁷À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’ ⁸Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. ⁹Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão. ¹⁰Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

Se o estalajadeiro é omitido, Zaqueu é injustiçado, nem lhe é dado o benefício da dúvida: seu: “Se defraudei a alguém...” é entendido como “se” de certeza: “Se defraudei a alguém (o que, é claro, aconteceu muitas vezes...)”. E, sendo

Zaqueu rico e chefe de publicanos – judeus encarregados pelos romanos da odiosa tarefa de coletar impostos e taxas..., na realização da qual, não raramente, extorquiam para si mesmos – ele é suspeito mais do que natural de corrupção e, quando Jesus vai à sua casa, começa a murmuração: “Ele está na casa de um pecador!”.

Mas, vejamos se, afinal de contas, Zaqueu era corrupto: suponhamos, só para efeito de cálculo, que seu patrimônio fosse de 600.000: ele, dando metade para os pobres, fica com 300.000 e, mesmo que tivesse se apropriado indevidamente de algo de alguém, esse “esquema” não lhe teria rendido mais do que 75000 (para restituir o quádruplo - ficando a zero!). Ou seja: na pior das hipóteses, Zaqueu dispunha de 525.000 ganhos honestamente e só 1/8 de seu patrimônio poderia ter sido obtido por meios escusos...

Certamente, os intérpretes costumam apontar Lc 19, 8 como um condicional de 1ª. classe, que expressa uma certeza, e, nessa clave, Zaqueu deveria ser lido assim: “Se defraudei a alguém, e isto realmente aconteceu...”. Mas, um exegeta como James L. Boyer, analisando esse e todos os versículos do condicional de 1ª. classe do Novo Testamento, conclui:

Uma sentença condicional de 1ª. classe no Novo Testamento significa o mesmo que a simples condição na língua inglesa: “se isso...

então aquilo”. Ela não implica absolutamente nada em relação à realidade.²⁰³

Ou seja, o “se” de Zaqueu pode significar: “Se defraudei a alguém, o que nunca aconteceu...”, como um desafio público a seus detratores. E Jesus faz questão de entrar em sua casa para lavar a honra, injustamente manchada (?), desse homem.

Conjecturas, meras sugestões de leitura que, se não puderem ser comprovadas, pelo menos chamam nossa atenção para a distinção semita, em um caso no qual nós somos convidados a confundir.

²⁰³. Boyer, James L. “First class conditions: what do they mean?” *Grace Theological Journal*, Grace Theological Seminary, Winona Lake, USA, Vol 2. 1 (1981), p. 82.

Jeito, jeitinho e Cia.

(v.17 mar, p. 24-25, 2007)

Do verbo latino *jacere* – *jacio, jacere, jeci, jactum* –, lançar, arremessar, derivaram-se diversas palavras, também em português. Assim, um *jato* de água é precisamente água lançada, *jacta*; como a sorte no famoso: “*Alea jacta est*”: uma vez lançados os dados, já nada mais pode ser feito.

Evidentemente, *aleatório* – o que é incerto e imprevisível – assenta-se precisamente sobre *aleator*, o lançador no jogo de dados: não há nada mais incerto do que o resultado do lançamento dos dados.

Pelo menos é o que se pensava – trapaças à parte – até o surgimento de ases como Dominic LoRiggio, o homem que se tornou milionário derrotando os cassinos americanos no jogo de dados (*craps*) e, não por acaso, recebeu o apelido de *Dominator*.

Numa memorável sessão em 2003 – após seis anos de treino em arremessar o par de dados a uma distância de mais de um metro e com a condição de batê-los na tabela – o *Dominator* ganhou 27 mil dólares no cassino, lançando os dados sem nenhum resultado desfavorável por 53 minutos e cantando alguns lances difíceis – como o par de cinco (chance de 1 contra 35) – antes do arremesso!

Os dados não eram viciados, eram os do cassino. O segredo de LoRiggio está simplesmente no modo, na

maneira, ou pleonasticamente: no *jeito* (*jactu*) com que o dado é *lançado*, o que faz com que o resultado não seja *aleatório*.



Dominic LoRiggio - <https://www.index.hr/magazin/clanak/ovaj-tip-tvrdiva-vas-moze-nauciti-kako-opeljesiti-kasino/926527.aspx>

Alguém está forçando, digamos, um grampeador ou um eletrodoméstico que não funciona; vem o dono e diz que não é questão de força, mas de *jeito* e dá o tapinha certo, o *jeito* (*lançar a mão*) para que o aparelho realize prodígios.

Quando se passa para o âmbito das relações sociais, da obtenção de documentos junto ao INSS, do apaziguamento de tensões entre os funcionários etc., o jeito jeitosamente vira “jeitinho”, expediente geralmente mais eficaz nestes trópicos do que a exigência do cumprimento das leis, regulamentos, assistências técnicas etc.

Trata-se, portanto, de qualidade pessoal, que pode se identificar com o modo de agir (ou mesmo de ser) de cada pessoa: como ela se lança. E quando queremos enfatizar as aparências (reais ou enganosas), aí a palavra é *jeitão*, como na velha piada do freguês da peixaria:

- Moço, este peixe é fresco?
- Não, é o jeitão dele que é assim mesmo...

Naturalmente, quando este modo de ser é, digamos, meio delicado ou afetado, aí em vez de jeitão temos jeitinho, como no famoso “jeitinho de viado”, com seus *trejeitos* (palavra para a qual Houaiss arrisca a etimologia *transjactum*, jeito exagerado).

O *jacere* de lançar ou o *jacere* de jazer (*jaceo*, *jacui*, *jacitum*) estão presentes (ou *subjacentes*) em *projeto* (lançado para diante), *projétil* (o que pode ser lançado para diante) *objeto* ou *objeção* (o que está diante), *sujeito* (por baixo), *dejeto* (lançado para baixo) e *trajetos* (ao longo de).

Lançar para fora (*e*, *ex*) é *ejetar*; para dentro é *injetar* ou *introjetar*. Temos *rejeição* para com aquilo que deve ser jogado fora (*abjeto*); e o que irrompe no meio é *interjeição*. E o que se junta a (um substantivo) é *adjetivo*.

Lançar em conjunto na mente vários dados, razões e hipóteses é *conjecturar*. Lançar, proclamar a si mesmo presumindo qualidades é *jactar-se*; um expelir vigoroso (de líquido) é *ejacular*.

O francês *jeton* (de *jeter*, lançar) é a ficha, a remuneração adicional que se lança na conta dos deputados que fazem o favor de comparecer às sessões da Assembleia. Nossos dicionários registram ainda *jetatura*, a ação de lançar mau olhado, feita pelo *jettatore* (originariamente da Sicília e sul da Itália).

O laboratório de tio Patinhas - as mudanças da linguagem em cada geração

(v. 9, p. 18-23, jul. 2006)

Para além das discussões sobre gramática, norma culta, língua “brasileira”, qualidade do ensino etc., é fato evidente que a linguagem comum, sobretudo a falada pelo jovem, tem sofrido transformações ao longo dos anos.

Pode-se avaliar esse fato de diversos modos: desde os que, apocalipticamente o deploram, como signo incontestado da ação deletéria da prevalência da imagem sobre a escrita, até - no extremo oposto - os que o vêem com bons olhos: como natural evolução e progresso.

Seja como for, é necessário antes de mais nada, identificar em que consistem essas transformações. Uma experiência interessante, nesse sentido, é-nos oferecida pela publicação de uma mesma história em quadrinhos (HQ) ao longo das décadas: com os mesmos desenhos, mas com o texto adaptado ao leitor, em cada época.

Nesses textos, o autor / adaptador tem uma única preocupação: a de ser compreendido imediatamente por seu jovem leitor, em cada caso.

Dispomos assim, de algum modo, de um referencial concreto para avaliar as mudanças da linguagem. Um referencial limitado e longe de ser absoluto, mas um referencial.

É o que faremos, de modo apenas indicativo, neste estudo. Examinaremos comparativamente os textos das diversas edições da HQ “Tio Patinhas e os índios nanicós”, desde o de seu surgimento no Brasil, em abril de 1958, até a mais recente versão, a de dezembro de 2004, considerando também (naturalmente, com menor ênfase) as edições intermediárias de 1967, 1982 e 1988.

“Tio Patinhas e os índios nanicós” é uma dessas clássicas criações de Carl Barks, o gênio da Disney, pai de personagens como Tio Patinhas e Prof. Pardal. Barks é um clássico, que une narrativas dinâmicas a um desenho magistral, numa combinação cômica inigualável. Sua obra continua sendo uma permanente fonte de inspiração para significativas discussões, sobretudo para a educação de nosso tempo, que busca referenciais concretos para a interdisciplinaridade e temas transversais.

Há exatos cinquenta anos, em 1956, antes de que se falasse em ecologia, no sentido que viria a se absolutizar com referência à poluição industrial considerada em contexto político, “*green*” *interest* etc. – e nem sequer estava difundida a palavra “poluição”, Barks cria a HQ em questão, “*Land of the Pigmy Indians*”, logo traduzida e publicada no Brasil.

O enredo é simples: Tio Patinhas já não suporta a poluição de Patópolis (poluição, aliás, que suas indústrias criaram) e compra do corretor Chicão uma imensa área desabitada na região dos Grandes Lagos no Norte, onde possa manter-se em contato com a natureza, longe de qualquer indústria e inclusive despreocupar-se da guarda de seu rico dinheirinho, pois lá não há ninguém para o roubar.

Para a primeira visita a essas suas terras, vai acompanhado de Donald e dos sobrinhos.

Naturalmente, o instinto de lucro é tão forte que, uma e outra vez, Patinhas terá suas recaídas e ficará pensando constantemente em como explorar industrialmente os minérios e recursos naturais desse seu paraíso ecológico.

Ocorre, porém, que as terras não são desabitadas: nelas vivem - como os patos descobrirão aos poucos - uma tribo de pigmeus, os índios nanicós.

Esses índios, verdadeiros donos das terras desde tempos imemoriais, não se deixam enganar por Patinhas, capturam os patos e impõem a Donald o desafio de vencer a principal ameaça para a tribo: o monstruoso peixe, rei esturjão.

Donald, com a ajuda dos sobrinhos, acaba vencendo a fera, atingindo-a com o venenoso “óxido de estrombôlio” (preparado com os minérios extraídos por Patinhas). Embora agradecidos, os desconfiados nanicós, diplomaticamente “expulsam” os patos: na festa de celebração da amizade, oferecem a Patinhas o cachimbo da paz ocultamente abastecido com o “óxido de estrombôlio”. Patinhas, sob o

impacto da ação do veneno, é levado de volta para Patópolis e nunca mais quer ver as terras dos índios do cachimbo fatal.

A história ocupa 27 páginas, num total de 208 quadrinhos. Na criação dos personagens nanicós, Barks declara ter se inspirado no poema “*A Canção de Hiawatha*” do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow. Assim, os nanicós falam sempre em versos rimados e são capazes também de conversar com os animais, seus poderosos aliados contra os patos.

Voltemos aos fatos de linguagem.

Em números anteriores de “Língua Portuguesa”, temos analisado como nossa língua perdeu recursos do latim, como é o caso do neutro ou da voz média. Perdeu também as declinações, a flexão do final da palavra latina que indica se ela exerce, por exemplo, a função de sujeito (*rosa*), objeto direto (*rosam*), adjunto adnominal restritivo (*rosae*) etc.; em português é só *rosa* e ponto. Encontramos resquícios das declinações latinas nos pronomes (tu, te, ti etc.), mas mesmo esses vestígios estão desaparecendo (“Vida leva eu” etc.).

Certamente seria exagerado dizer que está se formando atualmente uma nova língua no lugar do português, mas, sem dúvida, não são de menor importância, transformações do português realmente falado no Brasil de hoje (sobretudo pelo jovem...), como o atual processo de supressão (fática) do subjuntivo (ou da distinção subjuntivo/indicativo). O que se ouve é: “Se você quer que eu vou, eu vou...”. E o mais grave é que esta supressão (gramatical) corresponde a uma supressão de distinção de

categorias mentais: a abolição da distinção entre o real em ato e o simplesmente possível ou desejado...

Algumas mudanças do tipo fazem as diferenças das falas dos personagens de Tio Patinhas e os Índios Nanicós, nas cinco edições publicadas entre 1958 e 2004, como vemos ao longo destas páginas.

ADEQUAÇÃO CONCEITUAL

As diferentes traduções da mesma história de Tio Patinhas trazem algumas mudanças de texto que remetem a vigências sociais de cada época em que ocorreu uma versão. Em 1958, por exemplo, Huguinho, Zezinho e Luizinho tratam a Donald de "senhor" [16, 4], mas, em 2004, já se dirigem ao tio com "você" [20,7]. Já Tio Patinhas é, em todas as edições, tratado de "senhor" [3, 7].

Em relação ao léxico em geral, notamos mudanças conceituais importantes, que revelam a convivência com idéias em cada geração. Já no primeiro quadrinho da história, só a partir da edição de 1982, aparece a palavra "poluição", quando Patinhas diz: "Eu quero deixar Patópolis e essa **poluição**, ruidos e gente apressada!" Em 1958 e 1967, a fala correspondente era: "Eu quero deixar Patópolis com sua **neblina**, ruidos e gente apressada!"

Nesse mesmo quadrinho, encontramos uma fórmula que hoje não é usual: a expressão "ir ter", com que se iniciava a HQ em 1958 e 1967: "Tio Patinhas vai ter às terras do Norte" [1,1], substituída por "Tio Patinhas vai às terras do Norte" em 1982 e 1988. Nessa mesma linha, encontramos expressões como:

1958	2004
"Você terá a região toda para si " [2,1] (segunda página, 1º quadrinho)	"O lugar vai ser todinho seu"
"... nos aproximaremos por entre as árvores" [12,2]	"... nos aproximamos entre as árvores"
"... dentro de alguns minutos" [14,2]	"... em poucos minutos"
"antes que dêem pela falta dele" [13,6]	"antes que sintam a falta dele"





UMA DIFERENÇA DE REPERTÓRIO IMENSA É A LIGAÇÃO QUE CADA TRADUÇÃO DA HQ *TIO PATINHAS E OS ÍNDIOS NANICÓS* ESTABELECE COM A LITERATURA. OS PATOS OUVEM PELA PRIMEIRA VEZ A FALA DOS NANICÓS:

1958	ORIGINAL DE BARKS
<p>Ide, guerreiros valentes, Para longe do branco invasor! Abrigai-vos das armas malignas Que só trazem tragédia e terror [9,2] (nona página, 2º quadrinho)</p>	<p>Go, Peeweeгахs, from your village! Flee the mighty, warlike strangers! Flee the magic in their blowgun They have come to make much trouble For the land of the Peeweeгахs!</p>

E, imediatamente, os sobrinhos exclamam:

EDIÇÕES ANTERIORES A 2004	ORIGINAL DE BARKS
<p>"Índios pigmeus que falam em versos como os de Gonçalves Dias!" "Será que são descendentes de Y-Juca Pirama?" E, de fato, um dos nanicós em fuga evoca a <i>Canção do Tamoi</i>: "Não chorem, meus filhos. Não chorem, que a vida é luta renhida. Viver é lutar!"</p>	<p>"Pigmy indians that talk in rhythm like Longfellow's <i>Song of Hiawatha!</i>"</p>

Embora a tradução que remete o poema de Longfellow aos de Gonçalves Dias pareça-nos muito adequada para uma HQ, a edição mais recente opta pelo obscuro decalque: "Índios pigmeus que falam em versos como em *O Pequeno Hiawatha*".

FORMAS DO FUTURO

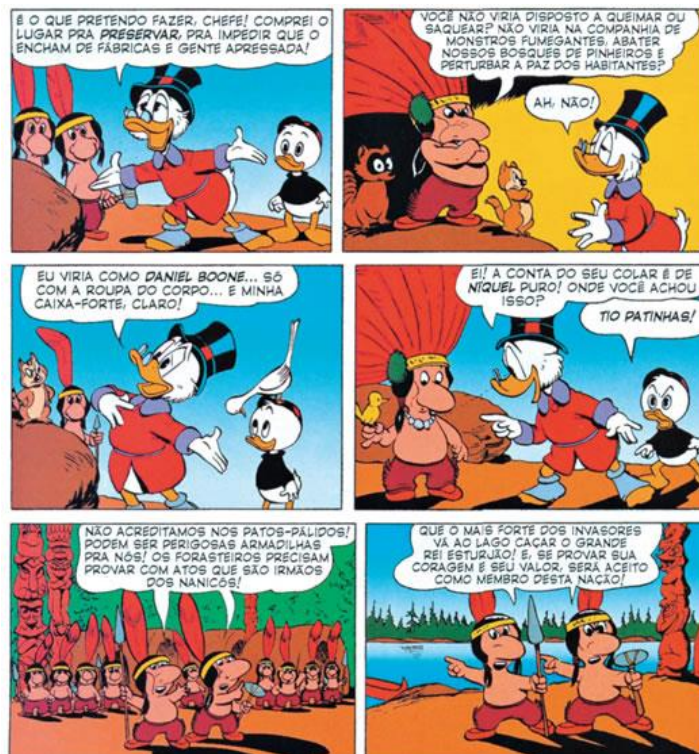
Alguns futuros que são de forma simples ("ficaremos") na edição mais antiga, aparecem em forma composta ("vamos ficar") nas mais novas da história do Tio Patinhas. Alguns exemplos:

	1958, 1967	1982, 1988	2004
[3, 5] (terceira página, 5º quadrinho)	"Ficaremos uns dias por aqui e depois voaremos..."	"Vamos ficar uns dias por aqui"	"Vamos explorar a área..."
[8, 1]	"Terão de respeitar o direito de propriedade"	"Vão ter de respeitar o direito de propriedade"	[fala alterada]
[10, 4]	"Que faremos agora?"	"Que vamos fazer, agora?"	"E agora? O que vamos fazer?"
[21, 1]	"Credo! Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa!"	"Nossa! Não vai adiantar enfrentá-lo com uma canoa!"	[fala alterada]

INTERJEIÇÕES TROCADAS

Algumas das interjeições das antigas edições são trocadas. Na seguinte fala, além da interjeição, note-se também o todo da frase:

- **Puxa!** Mas que ar saudável e revigorante! Eu poderia engarrafá-lo e vendê-lo em Patópolis! [3,6] (terceira página, sexto quadrinho em todas as edições anteriores a 2004).
 Oh, que ar saudável! Aposto que dá pra engarrafar e vender em Patópolis! (2004)
- **Rapaz!** Milhões de lagos... [3, 1] (em todas as edições anteriores a 2004).
 Vejam! Milhões de lagos (2004).
- **Ai, meu pai do céu!** [14, 1] (1958, 1967 e 1982)
 Minha nossa! (1988)
 Pelas flechas de Jerônimo! (2004)
- **Boing!** Ai vem ele! [20, 5] (1958, 1967)
 Uau! Ai vem ele... (2004)
- **Credo!** Não adiantará enfrentá-lo com uma canoa! [21, 1] (1958, 1967)
 Nossa! etc. (1982 e 1988)
 Ai, ai, ai! etc. (2004)
- **Ai, durão!** Não deixe escapar! [21, 7] (1958, 1967, 1982 e 1988)
 Não deixe ele escapar! (2004)
- **Rapaz, é mesmo!** [22, 6] (1958, 1967, 1982 e 1988)
 Sim! É mesmo! (2004)
- **Prestes a ser tragado pelo rei esturjão, Donald exclama:**
 Mãe! Chegue pra lá, Jonas! Ai vou eu! [24, 8] (1958 e 1967)
 Chegue pra lá, que ai vou eu! (1982 e 1988)
 Agora sei como Jonas se sentiu! (2004)



MUITOS VOCABULÁRIOS

NO CAMPO DO LÉXICO, A TENDÊNCIA GERAL É A DE AS EDIÇÕES MAIS ANTIGAS APRESENTAREM PALAVRAS MAIS CULTAS

1958	2004
Que pretende caçar? [2,7]	O que vai caçar?
Acampam num aprazível banco de areia [5,1] (quinta página, 1º quadrinho)	Acampam numa barra arenosa.
Eis o nosso programa! [11,1]	Esse é o plano!
... Não deixaremos rasto, exceto onde aportarmos [14, 5]	... Pra deixar rastro só quando for preciso.
Ademais ... [14, 7]	Além disso...
Eis o novo lago [15, 6]	Lá está o outro lago
Se ele falhar, nosso futuro será passado [20,8]	Se ele falhar, seremos considerados inimigos
Após o cachimbo dos nanicos, este ar parece ambrosia ! [27,7]	Após o cachimbo dos nanicos, este ar parece perfume!
... e persuadi-lo a ser nosso embaixador [13, 1]	... e fazer dele nosso embaixador

Também no caso especial das falas dos nanicos, que pretendem imitar poemas do século 19, a tendência mais erudita é a da edição antiga (que, além do mais, emprega, neste caso, a 2ª pessoa, muito mais apropriada para a situação). Um par de exemplos:

1958	2004
Nosso encontro será (...) no arcano de nossa terra amada [11,7] (décima primeira página, 7º quadrinho)	Nosso encontro será (...) às margens da água prateada
... são nossas desde priscas eras [18, 7]	... são nossas há incontáveis eras
Ó tu, que vers de longe... [18, 1]	"... em poucos minutos"

Por outro lado, na edição de 2004, encontramos um delicioso "Relaxe", em vez do antigo "Não precisa temer nada!" [13, 5]. Temos também "É hora de fazer trilha até o próximo lago" [14, 8] em vez de: "Temos que ir para o próximo lago". Ou "pro nosso lazer" [2, 6] (2004) em vez de "para nos divertirmos" (1958).

APÊNDICE

Nota sobre Tomás de Aquino e a saudade

extraída de “Tomás de Aquino e o Neutro”
International Studies on Law and Education 47-48 2024
(orig.: Revista Internacional d’Humanitats 18 jan-abr 2010)

A interação palavra-vida torna-se ainda mais decisiva quando se trata de atingir sentimentos mais sutis e complexos do coração humano: neste caso, cada povo costuma gerar a palavra que se apropria do sentimento que lhe é mais conatural e, reciprocamente: o sentimento se torna como que conatural porque a palavra se apodera do falante desde a infância.

Como tão bem apontou Fernando Pessoa, numa das “Quadras ao gosto popular”, para o caso da saudade:

Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.

Saudade é aquele *complexo agridoce* - dor gostosa; dor que não é pura dor, mas prazer; prazer que dói -, assim descrito na genial quadrinha popular:

Saudade, ainda que doa
Tu és nesta vida fugaz
A única coisa boa
De todas as coisas más

Como, por exemplo, traduzir para outra língua o verso da canção de Isolda: “Das lembranças que eu trago na vida, você é a saudade que eu gosto de ter...?”

Tomás, no século XIII (quando mal havia português e não estava formada a palavra “saudade”), fez um agudo diagnóstico - em que inclui até a explicação causal - da saudade: a dor - diz ele - é por si contrária ao prazer, “mas pode acontecer que um efeito *per accidens* da dor seja deleitável, como quando produz a recordação daquilo (pessoa, terra, etc.) que se ama e faz perceber o amor daquilo por cuja ausência nos doemos. E assim, sendo o amor algo deleitável, a dor e tudo quanto provém desse amor também o serão” (I-II, 35, 3 ad 2).

Se a caracterização em si já é perfeita, ela se mostra mais genial ainda quando nos lembramos que Tomás não era português nem brasileiro...